Tripura Rahasya

(O mistério da deusa dos três mundos)

Mahatmya Khanda

(Seção sobre a glória da deusa Lalita Tripura Sundari)

Com tradução para o Português por:

João Pedro Souza da Silva

Seção 1

(Mahatmya Khanda - Seção sobre a glória da Deusa Lalita Tripura Sundari)

Capítulo 1

Eu me prostro incessantemente com alegria a Sri Ganesa para afastar obstáculos; a Sarasvati para obter uma compreensão clara da palavra e seu significado; ao Guru para entender os segredos.

1. Prostrações ao Senhor situado no assento do coração (Daharakasa), que é a causa da criação; que é a Bem-aventurança; que é Omkara, e por uma partícula de cujo esporte brilham as partículas do Universo.

2. Prostrações ao Senhor Transcendente que é a pedra preciosa no colar universal; que é eterno e tudo, que é a alma e a essência de tudo e que é o suporte do universo.

3-4. Prostrações a Tripura, a Rainha Transcendental, que é a semente para as pétalas de todo o mundo auspicioso, que é Siva, o auspicioso, que é Sakti, o poder, que é Brahma, que é a testemunha da imensa dissolução universal; que é o néctar para a ressurreição do queimado Kama (o Senhor do Amor).

5. Ao sul fica a Montanha Malaya, cujos picos altos obstruem o trânsito do Sol.

6. Com seus muitos picos, que demonstram a grandeza da Grande Pessoa (Mahapurusa), a Montanha Malaya, com sua vastidão, olha com desprezo para a grande Montanha Meru.

7. Na Montanha Malaya, nuvens densas repousam nas raízes das árvores, cujos brotos tenros difamam a vermelhidão do Sol com sua refulgência.

8. A Montanha Malaya é preenchida com a música melodiosa das donzelas divinas em sintonia com o zumbido das abelhas, e a atmosfera no topo, rica com a fragrância do sândalo, conquista o aroma das donzelas divinas.

9. A brisa suave no topo da montanha Malaya traz consigo o aroma doce das trepadeiras cardamomo. Cisnes brincam ao redor das flores de lótus nos lagos.

10. O interior da Montanha Malaya está repleto do odor de icor que emana da manada embriagada de elefantes, rivalizando com as nuvens carregadas de chuva.

11. No topo da Montanha Malaya há manadas de leões, tigres e javalis e abaixo há vastas

florestas com muitos eremitérios.

12. Os eremitérios reverberam com os cânticos védicos dos discípulos dos videntes. A brisa ali traz o perfume das oblações de ghee.

13. As vestes sagradas dos videntes, presas aos galhos das árvores, tremulam como bandeiras ao vento. Alguns videntes estão sentados sob as árvores.

14. Esses videntes meditadores aparecem imóveis, como em quadros pintados. Em outros lugares, videntes védicos repetem cânticos atribuídos ao Ser Transcendental.

15. Em alguns lugares, videntes invocam Agni de acordo com suas rotinas e rituais especiais. Em outros lugares, videntes eruditos se dedicam a ensinar os Vedas às crianças brâmanes.

16. Em alguns lugares, videntes discutem mutuamente os Vedas e outros textos sagrados. Em outros lugares, videntes que conhecem as histórias dos Puranas dialogam sobre elas.

17. No lado oriental de uma montanha tão magnífica exibindo simultaneamente todas as seis estações nas margens de um lago de lótus.

18-21. Na parte central da cabana feita de folhas e capim, sentado confortavelmente sobre uma pele de veado, está o filho de Jamadagni, Sri Parasurama. Ele é belo como cânfora, trajando roupas imaculadas e um cordão sagrado untado com Vibhuti (cinza sagrada) e sempre com três linhas de Vibhuti na testa, pacífico devido à realização de ritos religiosos, atraente, uma encarnação de Visnu, uma alegria para todos; um devoto de Siva. Ele alcançou o autoconhecimento ao adorar Dattatreya, uma encarnação de Visnu.

22-23. Certa vez, quando estava de bom humor, seu querido discípulo chamado Sumedha, imerso em devoção e sempre empenhado em servi-lo, perguntou ao vidente com as mãos postas: "ó! Parasurama! Oceano de compaixão pelos desamparados! Protetor dos devotos!

24-26. Certa vez, eu lhe perguntei, interessado no bem-estar dos devotos aflitos e sofredores da vida, qual seria o melhor remédio, o supremo, que traz bons méritos e bem-estar. Dizem que os Gurus compassivos revelam até o conhecimento mais secreto. Ó! Excelente Brâmane! Ensine-me isso se eu mereço recebê-lo.

27. Perguntado por mim assim, ó Bhargava! Você disse com um sorriso: "eu o informarei com o tempo".

28. Dezesseis anos se passaram como uma fração de segundo depois que você me disse isso. Os mesmos pensamentos rondam meu coração dia e noite. Por favor, diga isso a mim, que não tenho outro refúgio."

29-30. Ao ouvir suas palavras, Bhargava, pensando nisso, lembrou-se do segredo de Tripura, que lhe foi contado por Dattatreya, que o ouvira diretamente de Siva.

31. Comandado por Siva ao longo do tempo, Dattatreya transferiu para mim todo o conhecimento contendo Bhakti e Jnana (Tripura Rahasyam) que estava embutido em seu coração puro.

32-33. Este texto glorioso, repleto de sabedoria divina, glória, devoção e ardor, e que constitui o Tantra supremo, não deve ser entregue, mesmo que parcialmente, a um estranho, a um ateu ou a um trapaceiro. Nem mesmo deve ser pronunciado na presença de pessoas devotadas a outras divindades.

34-36. Como se trata dos segredos de Paramesvara, revelados por Ele diretamente, você eventualmente dará esse conhecimento a Sumedha-Haritayana, seu devoto discípulo que, após ouvir isso, compilará um texto que será um compêndio purificador e abençoado do Tantra e o pregará a outros discípulos.

37-38. Recordando assim as palavras de seu Guru, ele viu o discípulo de pé, com as palmas das mãos postas. Tendo refletido longamente sobre a inviolável ordem do Poder Divino, dirigiu-se ao discípulo que estava diante dele: "meu filho, espere o momento oportuno. Tudo acontece no decorrer do tempo."

39. Amanhã, no momento auspicioso da estrela Pusya, você obterá respostas para suas perguntas." Enquanto ele dizia isso, o Sol de raios suaves estava se pondo.

40. Ambos realizaram o Sandhya noturno e recitaram o mantra transcendente (Gayatri). À noite, meditando em seu poder inerente, dormiram confortavelmente.

41. Ao acordar cedo, Sumedha realizou os ritos ablutórios e permaneceu humildemente com as palmas das mãos unidas após prostrar-se diante de seu guru.

42-44. À medida que o momento auspicioso se aproximava, Sri Parasurama, com uma voz doce e amorosa, chamou Sumedha. Em seguida, ofereceu flores à Devi sentada em um auspicioso assento dourado, também chamado de Bala, Tripura, Lalita e Kumari, e entregou à sua discípula o Mantra Vagrupa, que a personifica. Em seguida, adorou o assento e seus apetrechos com diversos artigos de adoração.

45-48. Então, Parasurama banhou seu discípulo com a água santificada de um pote. Cortou três tipos de amarras e o fez dormir perto da Devi. Em seguida, fez com que compreendesse os segredos da adoração a Devi, com base em três fundamentos, com suas ramificações de 12, 4 e 16 métodos, no início, meio e fim, respectivamente. Ensinou os métodos sagrados de adoração, a disciplina e os símbolos (mudra) da tríplice Devi. Também lhe ensinou sistematicamente o procedimento de absorver a graça de Devi em sua cabeça, coração e ânus, e oferecer as três verdades ao fogo do Eu.

49-51. Após falar e iniciar, Parasurama dirigiu-se a ele: "meu filho, pratique essa Verdade Suprema. Em breve, eu lhe concederei um status pleno". Assim, recebendo todo o segredo, Haritayana, circundando Parasurama três vezes e saudando-o, logo seguiu para Srisailam, onde

Devi Bhramari reside permanentemente.

52. Diante Dela, ele construiu uma casa limpa, protegida do sol e do vento, e lá iniciou as práticas de Srividya.

53-55. Durante suas práticas, ele se alimentava apenas de frutas e demonstrava determinação e devoção, com controle físico e mental. Sempre feliz e meditativo, com fé nos ensinamentos de seu Guru, passou um ano e cinco meses como se fosse um instante e alcançou a maestria nas práticas. Durante a penitência, ele mantinha corpo e mente puros, voz doce e olhos radiantes; leve devido à alimentação frugal, mas com oito membros saudáveis que pareciam auspiciosos.

56-58. Então, em seu sonho durante a noite, Sri Bala Paramesvari apareceu diante dele assumindo uma forma esportiva como uma menina de dez anos, linda como um crore de cupidos, com membros brilhantes e vermelhos como o sol nascente; carregando sinais de Japamala, livro, proteção e bênção em suas quatro mãos, com três olhos e uma coroa brilhando com a lua crescente.

60. Ao vê-la em sonho, o feliz Haritayana prostrou-se com as mãos postas e, com uma voz doce e embargada, começou a louvá-la.

61. Vitória para Sri Tripura, a Mãe; Vitória para a Transcendente Balambika; Vitória para sempre para a amante dos Devotos; Vitória para a Personificação da Compaixão.

62. Você é chamada de Tripura porque demonstrou três vezes os aspectos triplos da substância primária. Você é o único refúgio para Brahma e os outros.

63. Ó! Devi! Mesmo Hari, Hara, Deuses, mestres e outros são incapazes de compreender ou explicar um pouco da sua grandeza. Sendo assim, quem neste mundo, privado de adorar seus pés, pode desejar trilhar o caminho da oração?

64. Ó! Devi! A devoção aos Teus pés de lótus é como um buquê de Cintamanis (joias que realizam desejos) que concedem frutos maiores do que o desejado. Portanto, ó! Sundari! A mais alta auspiciosidade transcendental! Por favor, diga-me o que não pode ser alcançado por aqueles que submeteram totalmente o corpo e a mente aos Teus pés de lótus?

65. Antes da criação, Tu sempre repousavas em Tua forma pura e imperturbável, que era um oceano natural de deleite ambrosial. Naquele tempo ou estado, não havia Céu, Ar, Fogo, Água, Terra, Vaso e Tecido, Iluminação, Ignorância, Fala, Sentidos.

66. Antes da criação, Você estava sozinha na forma de Consciência Suprema, repleta de imenso e infinito poder. Transcendentalmente Bem-Aventurada, Você carregava a semente da guirlanda do grupo de mundos e conferia identidade individual auspiciosa aos seres.

67. Ó! Consciência Pura! Mais tarde, Tua existência brilhante foi revelada e, de repente, outros

seres, móveis e imóveis, apareceram. Eles estão relacionados a Ti como as ondas estão relacionadas ao mar, como os potes à terra e as joias ao ouro.

68. Portanto, não há nada neste universo que esteja separado de Você. Sendo a alma de todos os seres, Você brilha com Sua grande forma espacial. Apesar de possuir tal forma, Sua prática de assumir uma forma com mãos e pernas se deve à Sua compaixão por Seus devotos.

69. Tal forma Sua raramente se torna visível para alguns poucos merecedores que possuem uma visão pura devido à sua devoção aos pés de lótus do guru sagrado. Caso contrário, como poderia uma visão de Sua forma se tornar fácil?

70. Saudações a Ti, cujos pés são como Agastya diante do oceano da ilusão; Saudações a Ti, cuja compaixão é como Vajrayudha (Raio) diante de uma montanha de miséria; Saudações a Ti, hábil em conceder mais do que os desejos dos devotos; Saudações a Ti, ó Balambika, o repositório das riquezas de Siva, o inimigo de Tripuras.

71-72. Assim, louvando a Grande Devi com o coração repleto de amor, ele prostrou-se aos Seus pés. Com lágrimas de alegria nos olhos, horrorizado e com o coração repleto de devoção, ele não conseguia ambicionar nada dEla.

73-74. Quando ele estava imerso no oceano de amor (devoção) e incapaz de ver, falar ou fazer qualquer coisa, Devi Tripura, com um lindo sorriso no rosto e uma voz digna que emanava ambrosia, dirigiu-se a ele como "Meu filho" e colocou sua mão de lótus em sua cabeça.

75. Sumedha, que estava, devido à visão de Devi, já imerso no oceano de alegria, foi transformado em Bem-aventurança Absoluta pelo toque de Sua mão.

76. Então a Mãe Universal disse a Sumedha: “levante-se rapidamente e vá logo ao seu Guru, pois você atingiu a perfeição.”

77. Dizendo isso, Ela desapareceu instantaneamente como os pensamentos de uma pessoa. Sumedha acordou naquele momento e pensou sobre o que havia sido seu sonho.

78-80. Com a mente perturbada, pensando repetidamente na bela Devi e em Suas palavras ambrosíacas em seu sonho, ele foi até o rio para se banhar e pensou ter levado milhões de anos para chegar lá. Pensando no sonho, esqueceu seus ritos matinais e se perguntou sobre o que havia visto em si mesmo. Não conseguia entender se era verdadeiro ou falso, nem saber o motivo.

81. Devido à natureza ilusória do sonho, o sábio não acreditará nele. Por isso, considerando-o verdadeiro, o que direi ao guru depois de ir até ele?

82. Como posso não seguir sem fé nas palavras da Devi? Ai de mim! O poder do Tempo parece indomável.

83-84. "Mesmo assim, não irei. Que Devi me perdoe." Decidindo assim, enquanto Sumedha se

ocupava de seus afazeres diários, uma voz incorpórea se dirigiu a ele docemente: "ó! Criança! Livre-se de suas dúvidas nas palavras de Devi. Elas não são falsas, mas apenas verdadeiras."

85. Ouvindo a voz do céu vazio, o feliz Sumedha prostrou-se amorosamente no chão.

86. Então ele foi rapidamente até Sri Parasurama, tocou seus pés de lótus com a cabeça e narrou fielmente o incidente.

87-88. Ao ouvir isso, Sri Bhargava Rama disse ao seu discípulo com admiração: “Meu filho! Abençoado és por ver a Tripuradevi Transcendental em teu sonho. Não há ninguém mais abençoado do que tu que foste abençoado pela Devi Transcendental. Teu sonho também foi visto por mim.”

89-91. "Agora você alcançará tudo por meio de sua visão iogue". Dizendo isso, Parasurama, o rei entre os iogues, iniciou extensamente o Srividya de acordo com os procedimentos prescritos, juntamente com seus detalhes principais e complementares. Então, àquele que havia recebido Srividya, Parasurama ensinou a lenda mais sagrada e auspiciosa, Tripurarahasyam, que é a essência do Tantra, que ele ouvira de Sri Dattatreya e que lhe fora contada pelo próprio Senhor Siva.

92. "Meu filho, este grande conhecimento Vidya precisa ser protegido com cautela. Foi-me ensinado pelo meu Guru e, por suas ordens, foi transmitido a você.

93-94. “Você não deve contar o Tripurarahasyam a ateus e não devotos. Após adorar devidamente Tripuradevi e obter sua graça, componha o texto do Tripurarahasyam e o ensine aos discípulos merecedores. Este é o mandamento do meu guru e não difere da Verdade.” Dizendo isso, Parasurama abençoou seu discípulo que o saudava.

95-96. Então, circundando e prostrando-se diante de Parasurama, seu guru, Sumedha foi até Halasyapura (Madhurai), onde brilha a Mãe Transcendental, Minaksi, a consorte de Sri Sundaresvara.

97. Perto do rio Vegavati, nas margens do lago com lótus dourados, ele realizou intensas austeridades contemplando a Mãe Suprema.

98-99. O muito afortunado Sumedha, com controle de seus sentidos e grande devoção a Sri Lalita Devi, adorava-A, que é Suprema, diariamente em horários apropriados, com controle físico e mental.

100-103. Sumedha passou cinco anos meditando em Sri Lalita Devi. Certa vez, enquanto meditava, viu dentro de si uma pessoa auspiciosa, de tom cânfora, cabelos emaranhados, cobertos de cinzas e tocando vina. Intrigado, abriu os olhos e viu Narada à sua frente. Levantou-se e ofereceu-lhe um assento, prostrou-se devidamente e, com humildade e alegria, falou docemente.

104. Ó! Sábio Divino! Bem-vindo. Perdoe-me o erro. Enquanto meditava, não notei sua presença.

105. Neste mundo, a visita de pessoas nobres traz grande prosperidade. Meus desejos são realizados pela sua graça.

106. Todos os meus desejos são realizados só de te ver. Mesmo assim, ó! Grande Sábio! Há algo a ser pedido.

107-108. "Ó! Maharsi! (Brahmarsi) Vou fazer uma pequena pergunta que me causou uma grande dúvida. Mesmo estando do lado de fora, como você foi visto dentro do meu coração (ser)? Por favor, diga-me o motivo disso, se eu mereço a resposta. Almas nobres são imparciais e compassivas com os aflitos."

109. Assim questionado por Sumedha, o onisciente Narada, com a intenção de abençoar o mundo, falou com um sorriso.

Fim do primeiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capitulo 2

1. "Querido Haritayana, você me contou sobre sua maravilhosa visão como uma pessoa erudita e não como a de um menino.

2-3. Durante minha peregrinação pela série de mundos, fui questionado de diversas maneiras pelos sábios, pelos tolos, pelas mulheres, pelos plebeus e pelos indefesos, mas ninguém me questionou como você. Explique-me claramente sua pergunta. Você é culto, como indica seu nome, Sumedha.

4. Explica-me as tuas boas palavras, que me viste dentro de ti. O que está dentro e o que está fora. Com referência a quê? Qual é a sua natureza?

5. Aqui não é apropriado dizer "dentro do seu corpo". De pé na Terra, você me viu cercado por um grande espaço.

6. Por inúmeros testemunhos, constatou-se que seu corpo media dois metros de comprimento. Onde você, o vidente, estava ali?

7. Você viu o interior através dos seus órgãos sensoriais externos ou através da sua existência interna? Você não pode ver o que está dentro do estômago através dos órgãos sensoriais externos.

8. Se você diz que seu ser interno viu, então, oh! amigo! Ouça, você deve ter uma conexão próxima com seu Atma (Eu).

9. Se você viu o exterior, então ouça minhas palavras: quem viu o exterior de quem, como e por quê?

10. Como os sentidos são parte do corpo, eles são inertes. Então, diga-me como eles conseguem ver coisas externas?

11. Então, ali ou naquele momento, por que coisas externas inteiras não foram vistas? Supondo que os sentidos me vissem, diga-me de que lhe serviu isso? O que lhe aconteceu?

12. Vim de Brahmaloka para vê-lo. Vou lhe contar as conversas que tivemos sobre você.

13-15. Na assembleia de Brahma, o grande sábio Markandeya, curvando-se humildemente, questionou-o enquanto outros sentados ali escutavam: "ó! Respeitável Senhor do Universo, tu és onisciente. Sendo o criador, não há nada que não conheças. Somente pela tua graça alcancei uma vida longa."

16-17. “Ao adorar o Senhor Siva, conquistei a morte. Li todos os preceitos das escrituras, juntamente com lendas e vedas; todos os livros sagrados antigos e toda a literatura. Se eu tiver condições de ouvir, diga-me a essência deles.”

18-20. Tenho uma grande dúvida a respeito disso. Fala-me sobre essa essência. A respeito disso, perguntei aos Deuses, sábios e iogues aclamados. Mas eles me disseram de acordo com sua devoção e fé (no assunto). Como não são oniscientes, disseram-me o que lhes agrada. Ó Senhor! Tu és o criador, onisciente, o eu de tudo, o conhecedor de tudo e o oceano de misericórdia. Fala-me sobre o que te perguntei.

21. Ouvindo as palavras de Markandeya, Brahma, o criador, meditou por um tempo com uma mente pura e prostrou-se no chão.

22-23. Feliz por ter se lembrado da grandeza de Parasakti, Brahma ficou horrorizado e se encheu de lágrimas de alegria. Ele ofereceu reverência de mãos postas a Tripurambika, a Causa Universal, e, dirigindo-se ao grande sábio, iniciou sua narração.

24. “Ó! Brahmarsi! Eu lhe direi a Verdade. Ouça minhas palavras com fé, juntamente com os membros aqui reunidos.

25-26. Aqueles sem fé não têm lugar aqui. Tripurambika, que é a causa do Universo, que permeou esta criação e que a transcende, é maior do que tudo. Sem Ela, tudo seria como o filho de uma mulher estéril.

27. "Todas as coisas existem Nela por uma fração de Sua graça. Ela é de fato Tripurambika, que preencheu cada átomo, a cada segundo.

28. “Ela, a Não Nascida, esconde dentro de Si todo o Universo que muda a cada momento, sendo composta de corpo, alma e sentidos maravilhosos.

29. “Eu, Hari, Hara, que somos a minúscula poeira de Seus pés de lótus, não conhecemos o começo, a magnitude e o fim de Sua existência.

30-31. “O grande poder que, ao se manifestar em nós, cria, sustenta, destrói, oculta e evolui é a Alma de tudo, a Governante de tudo, a Causa Primordial, a Autodeterminada, a Inteligência denominada ou chamada pelo nome Tripurasundari.

32. “Devido à bondade para com Seus devotos, a Mais Excelente, a Mãe Universal, a Amante dos louvores (hinos), a Sakti assumiu muitas formas.

33. Sua forma é a mais excelente. Sua doutrina é considerada suprema. Ó! O melhor entre os sábios, ouça. Só ela é a Princesa Universal adorada por todos.

34-35. Este segredo extremamente sagrado é conhecido apenas por Parasiva. Do primeiro Senhor, que está junto com sua Sakti, Rudra, a quarta forma de Sadasiva, aprendeu-o, e dEle, Visnu, e através de Visnu, obtive o conhecimento. Nenhuma outra pessoa conhece este segredo. Na Terra, Dattaguru, uma encarnação de Mahavisnu, o conhece.

36-37. Sri Dattatreya ensinou esse conhecimento adquirido com Srikantha (Siva) a Sri Parasurama, que era sua própria encarnação. Sri Parasurama, por sua vez, a mando de seu guru, ensinou-o a seu obediente discípulo Sumedha, que havia alcançado Halasya Ksetra (Madhurai) para compor o Tripurarahasyam.

38. O sábio Sumedha está meditando em Tripurambika conforme ordenado por seu Guru. Assim foi dito pelo grande Deus Brahma ao Brahmana (Sri Markandeya).

39. Por isso, vim vê-lo. Estou lhe dizendo a verdade. Assim, contei-lhe completamente o motivo da minha vinda.

40-41. Ó! Haritayana (Sumedha)! Diga-me o que você sabe como resposta à minha pergunta. Ouvindo as palavras de Narada e pensando profundamente, Haritayana não conseguiu obter nenhuma resposta. Com timidez, ele disse ao sábio Narada: "ó! Maharsi! Não sei nenhuma resposta para lhe dar."

42-44. Por favor, diga-me tudo o que é auspicioso. Assim como você me disse, meu Guru Sri Parasurama me instou: "ó filho, componha o texto Tripurarahasyam". Então, com concentração, ouvi tudo dele. Devido à minha mente embotada, esqueci o ensinamento. "Ó! Todo-poderoso! Tenha misericórdia de mim". Dizendo isso, ele caiu prostrado a seus pés e implorou.

45. Então, Narada meditou ali por um longo tempo e ficou imóvel. Então, Brahma, convidado pelo sábio Narada através da meditação, chegou lá imediatamente, tendo em vista a tarefa que o aguardava.

46-49. Então Narada, junto com Sumedha, levantou-se imediatamente após ver Brahma, que chegou lá como uma massa brilhante, brilhando como fogo; que era como um coral fresco com quatro faces e quatro braços, segurando um pote de água, um rosário e sinais de proteção e bênção, vestido de branco e usando um cordão sagrado puro, e o adorou oferecendo um assento, oblação e tudo mais, e permaneceu com as palmas das mãos dobradas.

50. Ao ver Narada, Brahma dirigiu-se a ele assim: “meu filho, por que te lembraste de mim? O que devo fazer? Qual é o teu pedido?”

51. Ouvindo as palavras de Brahma, Narada respondeu: "ó Senhor! Pela Tua graça, todos os meus desejos são realizados."

52. “Antes você havia contado a grandeza do maravilhoso segredo de Tripurambika ao inteligente Markandeya.

53. “Então vim aqui para ver este poeta e sábio chamado Sumedha, autor do Tripurarahasyam, e vi Haritayana (Sumedha).”

54. "Que suas palavras se tornem realidade. Que o sábio Haritayana se torne um poeta." Mas vou lhe perguntar sobre algo que está em minha mente.

55. “Por quais méritos de boas ações Haritayana adquiriu a adoração de Tripura, a Rainha Suprema, a personificação de Parasiva.

56. “Como esse professor (isto é, Haritayana), que conhece Tripura Rahasyam, alcançou honra entre os adoradores, o que não é possível por meio de esforços comuns.

57. “Oh! Deus! Esta é a minha dúvida, que o senhor pode esclarecer. Eu gostaria de ouvir, mesmo sendo um segredo. Por favor, me diga.”

58. Depois de ouvir o que Narada disse, Brahma meditou por um tempo e lhe disse: "ó Narada! Ouça sobre suas boas ações passadas.

59-62. “Antes, ele era um brâmane conhecido como Alarka. Era filho de Sumantu, que vivia em um belo lugar às margens do rio Sarasvati, que corre para o oeste, com sua bela esposa, a quem dedicava grande devoção. Alarka era um menino de cinco anos, muito querido por seu pai. Sumantu adorava Durga diariamente. Era um grande devoto, de mente forte e sempre dedicado

a Durga. Todos os dias, chamava sua esposa de “ai”

63. “Ouvindo e praticando que Alarka se dirigia repetidamente à sua mãe como “ai, ai”.

64. Este menino, muito querido por sua mãe, adoeceu e morreu enquanto murmurava "ai ai", pensando nela.

65. “Este “ai”, que é a primeira letra-semente do Tripura-mantra sem o bindu, é chamado de ‘vagbhava’, pois gera (concede) erudição rapidamente.

66-67. “Por muito tempo ele repetiu ‘ai ai’ e, no fim, morreu repetindo o mesmo. Devido ao poder desse mérito, a Mãe Transcendental Devi Sri Bala Tripurasundari, a quem se reza até mesmo grandes yogis que desejam uma visão, ficou satisfeita com ele (Alarka) e apareceu diante dele.”

68-70. "Após ele orar com palavras métricas maravilhosas e significativas, a Devi o abençoou. Naquele momento, ele não tinha capacidade para pensar em poesia. Devido ao canto do Tripura-mantra e à visão Dela, a oração foi composta e posteriormente esquecida."

71. “Por causa de sua recitação ignorante do grande mantra-semente sem bindu (a terminação nasal), ele esqueceu tudo, sendo incapaz de reter o conhecimento.”

72-73. “Mesmo assim, devido à importância do trabalho que temos pela frente e às minhas palavras, tudo o que não se vê e não se ouve, o passado, o presente e o futuro não revelados pelo Guru, a prosódia e a gramática, o significado preciso e as qualidades da grande poesia com figuras de linguagem, passarão pela sua mente.

74-75. “Que tudo o que é claro, tudo o que é vago, tudo o que aconteceu há eras, tudo o que é suprassensorial e pertence a outros mundos, passe pela sua mente com clareza. Que nada de falso lhe venha à mente. Que esta pessoa de grande inteligência se torne o autor de Tripurarahasyam.”

76. “Antes, este Tripura Rahasyam não existia na forma de texto. Agora, escrito (composto) por Haritayana, ele se tornará um texto.”

77. “Esta excelente narrativa contém histórias maravilhosas e significativas. A leitura ou audição desta obra com devoção agradará a Devi Tripurambika.”

78-79. “Que qualquer pessoa nascida leia todos os preceitos das escrituras ou ouça todas as histórias morais. Mas enquanto não estudar ou ouvir este texto, ou seja, Tripurarahasyam, sua leitura ou audição estará incompleta. Ó, Devarsi! De que adianta falar demais? Esta é a essência de toda a literatura.”

80. “Após compreender este texto, nada mais resta a saber. Enquanto isso não for conhecido, não haverá conhecimento completo.”

81. “Oh! Sumedha! Escute minhas palavras. Desde as palavras de Parasurama até a visão de Tripura no sonho, tudo passará diante de seus olhos.”

82. “Tudo o que você precisa fazer será revelado gradualmente. Você concluirá esta tarefa em 36 dias.”

83. “Você escreverá quatro capítulos por dia. Serão 12.000 estrofes (poemas) divididas em três partes.

84. “A primeira parte será o Mahatmyakhanda; a próxima parte será o Jnanakhanda; a terceira parte será o Caryakhanda. Assim será composto.”

85. “Tendo realizado esta obra extremamente maravilhosa, para começar, ó! Criança! Narada, o Sábio Divino! Você a ouvirá com devoção.

86-87. “Este Samedha será o primeiro a narrar e você, Narada, será o primeiro a ouvir.” Dito isso, Brahma desapareceu, devidamente venerado por Narada e Sumedha. Até mesmo Narada, venerado por Sumedha, viajou na direção que desejava, tocando sua vina.

88. Perturbado mentalmente por um tempo com a partida de Narada e Brahma, Haritayana permaneceu em silêncio por alguns instantes, sem pensamentos.

89. Em seguida, ele foi até o rio Vegavati, banhou-se e, após realizar os ritos diários, prestou culto a Sundaresvara, Minaksi, Ganesha e Guru.

90-91. Recordando a tarefa de escrever o texto, Brahmana Haritayana começou com “Om Karanananda” e terminou de forma ordenada com “Sa Bhavet Tripuraiva Hrim”. A obra entre o Pranava de Siva e Sakti é da forma do Pranava de Siva e Sakti.

Assim, Haritayana compôs o texto Tripurarahasyam conforme Brahma lhe havia dito anteriormente.

Fim do segundo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 3

1. O Senhor primordial Mahesa, que é a causa de todas as causas, o criador de tudo, que permanece como a alma de tudo, é vitorioso.

2. Dattatreya, o grande sábio, que é uma encarnação de Sri Visnu, que ama Seus devotos e viaja secretamente por este mundo, é próspero.

3. Nascido da madeira geradora de fogo chamada Jamadagni, Parasurama, o grande fogo da madeira chamada Ksatriya, que dissipa a escuridão da ignorância interior de seus devotos, é próspero.

4-5. Assim, orando aos Gurus, Sumedha, sentada às margens do lago com lótus dourados, escreveu em 36 dias o Tripurarahasyam, que contém a essência do Tantra de Bhagavati, eterno, com aspectos de desapego e devoção em três partes, a saber, mahatmya, kriya e jnana.

6-7. Este Tripurarahasyam, que contém muitas histórias maravilhosas, alivia os pecados de seu leitor, destrói a angústia de seu ouvinte, cria autoconhecimento em seu inquisidor, concede libertação, incute devoção a Tripura em seu adorador e traz auspiciosidade ao observador.

8-9. Concede erudição quando bem escrita, realiza desejos quando venerada. Onde a história e a glória de Sri Devi Tripura, abundante em Conhecimento, Desapego e Devoção, ouvida por Narada e outros, é cantada, o que não é possível? É como uma joia que realiza desejos, Cintamani.

10. Nesse momento, o maior entre os videntes divinos, Narada, chegou ali tocando sua bela Vallaki (vina), com a mente imersa em êxtase.

11. Até mesmo Sumedha, ao ver Narada, levantou-se rapidamente com um sorriso e falou com as mãos juntas em sinal de respeito, após adorá-lo com água, oferecer-lhe um assento e assim por diante.

12. Ó! Vidente Divino! Por tua graça, tudo foi conhecido de forma significativa, como um olho intuitivo embaçado por um colírio especial.

13. Conforme relatado por Brahma, o Tripurarahasyam foi escrito. Diga-me, teu discípulo, que serviço devo te prestar em seguida?

14-16. Agora, todas as escrituras, as variedades de prosódia, todos os mundos, todas as direções, todos os tempos, aqueles com sentidos e sem sentidos, são conhecidos por mim como um pedaço de pura gema Vaikranta (uma gema ligeiramente inferior ao diamante) na palma da minha mão. Saudações a ti, ó grande Narada, filho de Brahma! Por tua graça, compreendi muito bem o conhecimento do imanente e do transcendente. Dizendo isso, Sumedha prostrou-se aos pés de Narada.

17. Então Narada ergueu aquele sábio e o abraçou. Depois de o sentar, dirigiu-lhe palavras

doces.

18. “Oh! Haritayana! Você é abençoado. Não há ninguém igual a você que tenha adquirido tamanha riqueza por devoção aos pés de Tripura.

19. “Conforme aconselhado por Brahma, vim com o desejo de ouvir o auspicioso Tripurarahasyam, que foi composto por você.”

20-21. “Conte-me tudo isso em detalhes, pessoalmente, eu que tenho fé.” Ouvindo suas palavras, Haritayana, com os olhos desabrochando como lótus e cheios de lágrimas de alegria, com a mente feliz e o corpo inchado pela emoção provocada pela lembrança de Tripura, juntou as palmas das mãos e, com belas palavras que destilavam mel, dirigiu-se a Narada.

22-23. Ó grande sábio! Ó filho de Brahma! Somente por sua graça este texto foi composto. Sabendo de tudo, deseja ouvi-lo de mim, seu discípulo. É a tendência natural dos grandes seres de bondade.

24. Não é de admirar que homens bons, que sabem de tudo, ouçam sem inveja a história ambrosíaca da Deusa Transcendental, ainda que curta.

25. A toranja terá o mesmo sabor, esteja ela num vaso de barro ou num frasco cravejado de pedras preciosas. Seu sabor naturalmente doce jamais se alterará com o recipiente.

26. Colocando seu pedido sobre minha cabeça e lembrando-me das instruções de Brahma, contarei a você o mais maravilhoso e extremamente ambrosíaco Tripurarahasyam, na forma de um diálogo entre você e eu. Ouça-o com atenção.

27. Existiu ali o filho de Brahma, o glorioso sábio Bhrgu, louvado por uma multidão de sábios.

28-29. Seu filho foi Cyavana, que era verdadeiramente como Brahma na Terra. Sukanya foi dada em casamento por seu pai a essa grande figura devido à sua conduta. Cyavana derrotou Indra e ofereceu soma sacrificial aos deuses Asvini. Ele gerou um filho chamado Rcika, que era tão grandioso quanto Cyavana.

30. Gadhi, desejando ter um filho, entregou sua filha a Rcika. Satisfeito com os serviços prestados por ela, Rcika concedeu uma dádiva à sua esposa.

31a. Ela desejava um irmão guerreiro, bem como um filho brâmane.

31b-32. Então, o valente Rcika preparou dois pudins com sua força heroica e brâmane e os ofereceu, juntamente com oferendas, ao deus do fogo na época de purnsavana — a época do nascimento de um menino.

33a. Essa grande pessoa deu uma para sua esposa e outra para a mãe dela.

33b-34. Então a esposa do rei Gadhi, acreditando erroneamente que o pudim de sua filha era superior, comeu-o secretamente, enganando-a. Sabendo disso, o sábio disse o seguinte:

35. “Oh! Senhora auspiciosa! O que você fez? Você estragou o plano. Você foi enganada por sua mãe por causa da troca do pudim.”

36. Ó, senhora auspiciosa! Você gerará um filho régio, igual ao destruidor da morte. Seu irmão será verdadeiramente da natureza de Brahma. Só Deus poderá salvar esta situação.

37. Ao ouvir aquelas palavras terríveis, aquela nobre senhora, com profunda tristeza, orou repetidamente ao marido, curvando-se devidamente diante dele.

38. Ó, brâmane! Perdoe meu erro e seja gentil comigo. Sou esposa de um brâmane amante da paz.

39. Que tal filho não nasça. Sê benevolente comigo. Ouvindo-a, o grande homem disse-lhe: "ó boa senhora! Escuta-me."

40-42. "Aquele pudim infalível, preparado com o poder do Mantra, não pode ser desperdiçado. Agora ouça minhas palavras. Seu filho será uma pessoa pacífica. Seu valente filho nascerá da forma de Visnu e destruirá todo o clã guerreiro. Mesmo nascido brâmane, ele possuirá poder heroico." Ouvindo as palavras de Bhrgu, ela ficou perturbada.

43. Após algum tempo, a devota senhora deu à luz um filho chamado Jamadagni. Este menino brâmane era pacífico, possuía conhecimento védico e tinha uma conduta pura.

44. Mais tarde, dele, através de Renuka, nasceu o poderoso Parasurama de olhos auspiciosos, que era como um Sol na névoa dos Ksatriyas.

45. Após ficar furioso com o assassinato de seu pai, ele implorou ao Senhor Sankara e obteve dele o machado e o arco invencíveis.

46. Após dar 21 voltas ao redor da Terra, tomado pela fúria pela morte de seu pai, ele jurou erradicar o clã guerreiro.

47-48. Empunhando o machado divino, o destruidor do clã guerreiro esvaziou a Terra de seus guerreiros e a entregou a Kasyapa. Em seguida, conquistou as terras próximas ao mar ocidental com seu poder e, a pedido dos sábios, abandonou a matança de guerreiros.

49. De natureza ferozmente irada, dedicou-se à severa penitência e ofereceu sua ira como oferenda ao fogo da serenidade. Assim, todos os mundos valiosos foram conquistados por essa grande pessoa.

50-52. Após um longo período, o veraz e valente Parasurama encarnou-se em toda a sua grandeza como Sri Rama para matar Ravana. Sri Rama tocou o arco de Sankara, que estava na corte do rei de Mithila, e desposou Sita. Durante a cerimônia, o poderoso arco de Sankara quebrou.

53-54. Aquele ato maravilhoso de Sri Rama foi universalmente apreciado. Parasurama ouviu

isso de seres divinos que viajavam pelo céu. Ao ouvir aquela reputação insuportável dos guerreiros (Kshatriyas), Parasurama, a personificação da ira,

55-56. Como água fervendo em fogo excessivo, com a raiva em seus olhos avermelhados ardendo como o fogo da dissolução, parecia incendiar o universo. "Que assim seja, hoje subjugarei o orgulho da comunidade guerreira" — dizendo isso, saiu de sua morada com o machado no ombro direito e o arco vaisnava no esquerdo.

57. Ao verem Parasurama envolto em fúria, os deuses e sábios disseram: "mais uma vez ele esvaziará a Terra de Ksatriyas."

58-59. Com sua imensa fúria, a terra tremeu violentamente, o Sol escureceu, o céu se encheu de poeira, os mares invadiram as margens como se fosse a hora da destruição final.

60. Partindo assim de sua morada, encontrou no caminho Raghukula Rama, que retornava com seu exército após se casar.

61-63. “Ó Rama do clã Ksatriya! Imbuído de bravura, você é estúpido. Você cometeu um ato proibido pensando que é poderoso. Você não sabia até hoje que eu sou Yama para a raça dos guerreiros? Sem conhecer a existência de Parasurama, você cometeu um erro por arrogância. Mesmo agora, a lâmina do meu machado que mata guerreiros não está cega. Você sofrerá punição por seu ato hoje.”

64. “Após muito tempo, meu machado finalmente se saciará hoje com o sangue quente da sua cabeça decepada.”

65. “Os ímpios não devem ser perdoados. Da mesma forma, uma doença ignorada em seu início acabará por trazer a morte, como uma serpente alimentada com leite.”

66. “Como pode uma pessoa calma suportar um insulto ao guru — ao mestre — que é como uma queimadura no pé? Quanto mais uma pessoa poderosa como eu.”

67. “Quando eu estava vivo, o arco do meu guru, o habitante da montanha Kailasa, foi humilhado por um jovem Kshatriya inferior.”

68-69. Infelizmente, os tempos mudaram. Agora, a paciência será inútil.” Enquanto Parasurama falava, Sri Rama, de olhos de lótus, prostrou-se diante dele e o adorou. Sri Rama, com as palmas das mãos em prece, pediu calmamente perdão.

70-71. Ele humildemente pediu para ser desculpado. Mas quando o brâmane não o desculpou e começou a insultá-lo ainda mais, Sri Rama, com os olhos vermelhos de raiva, disse: “ó Parasurama! Já que você é um brâmane, eu deveria me acalmar.

72. “As armas dos Raghus são inofensivas em comparação aos brâmanes. Que você possa me decapitar com seu machado, se assim desejar.”

73a. “Os brâmanes e as vacas são veneráveis para nós, que nascemos na dinastia Raghu.”

73b-75. Enquanto Sri Rama falava, Parasurama brilhou como o fogo sacrificial aspergido com água durante as oferendas de ghee. Então, dirigiu-se a Sri Rama, o descendente de Raghukula, dizendo: “ó perverso! Tu és um Kshatriya inferior e desavergonhado. Tomas-me por um brâmane comum. Como é que não sabes que sou a morte para o clã dos guerreiros?”

76-77. Então o nobre entre os Raghus disse: “Eu sei que você é filho de Renuka. Eu não sou como os reis que você matou, um brâmane. E eu não estou diante de você como sua mãe. Abandone imediatamente sua condição de brâmane ou sua condição de guerreiro.”

78. Enquanto Sri Rama falava assim, Parasurama, proferindo palavras de desprezo com raiva, rapidamente entregou a Sri Rama o arco Vaisnava que segurava na mão.

79-80. Novamente, com grande raiva, ele se dirigiu a Rama desta forma: “Sua arrogância é inútil. Você quebrou o arco gasto de Siva por pura sorte. Amarre a corda a este arco vaisnava e fique de pé, corajosamente, diante de mim. Então você se livrará de sua arrogância em um combate comigo.”

81-82. Ao ouvir essas palavras, Sri Rama pegou o grande arco vaisnava e, com um gesto brincalhão, amarrou sua corda em meio minuto. Em seguida, retirando uma flecha afiada de sua aljava e puxando a corda até as orelhas, Raghava demonstrou sua bravura a Parasurama e falou com raiva.

83. “Ó Parasurama! Diga-me depressa onde esta flecha infalível deve cair. Você terá que ficar de fora, já que é um brâmane nascido de Bhargava.”

84. Devido à sua relação com Visvamitra, você é meu Guru, mesmo sendo um criminoso hediondo. Mostre o alvo para esta grande flecha que infalivelmente acabará com sua vida e retorne vivo rapidamente.

85-86. Ao ouvir as palavras de Raghava e testemunhar sua maravilhosa bravura, Bhargava, percebendo que ele era na verdade o Ser Absoluto Eterno Sobre-Humano, louvou-o, prostrou-se e falou.

87-88. Eu te conheço, como o Eu Transcendente além do conceito causal, que nasceu como um ser humano para proteger o Universo. Ó Raghava! Oferecerei toda a gama de meus méritos, adquiridos através de diversas austeridades, como alvo para a tua flecha e salvarei a mim mesmo.

89-90a. Então Rama disparou a flecha feroz, dizendo: "que assim seja". Em seguida, dirigiu-se a Bhargava, o brâmane, dizendo: "ó Bhargava Rama! Minhas saudações a ti. Perdoa-me pelas minhas palavras ríspidas. Um brâmane é sempre meu Guru".

90bc. Ao ouvir suas palavras, Bhargava, tomado de vergonha, retornou após prestar uma

reverência circunavegada a Sri Rama.

Fim do terceiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

CAPÍTULO 4

1. Durante a viagem, Parasurama foi tomado por profundo arrependimento. Humilhado, prosseguiu com os seguintes pensamentos.

2. “Ao entregar a terra a Kasyapa, prometi que, doravante, não brandiria a arma contra reis com raiva.”

3. Lamentável é a minha ilusão mental. O que posso dizer sobre a minha mudança? Pelo poderoso inimigo chamado raiva, caí num abismo de ilusão.

4. A raiva, de fato, mata a ascese. A ascese é verdadeiramente destruída pela raiva. Os pensamentos gerados pela mente piedosa se afastam do homem irado.

5. Assim como uma esposa fiel se mantém afastada de um amante, bons pensamentos sequer me tocam. Como pode uma pessoa irada ter reflexos, quanto mais beleza com vitiligo?

6. Que ato terrível e repreensível uma pessoa irada não cometeria como um duende? Não há a menor diferença entre a pessoa irada e o diabo na Terra.

7. Em ambos — o irado e o demônio — vemos a tortura de crianças e entes queridos. Uma pessoa irada mata qualquer um. Mata até mesmo seu preceptor, o Guru.

8-9. A raiva, por si só, é o grande inimigo que me levou a este estado. No passado, como um bruto de origem humilde, matei muitos bebês Ksatriya, arrancando-os dos braços de suas mães. Lamentável foi a minha crueldade. Que ofensa me fizeram os bebês Ksatriya?

10-11. Crianças, milhões delas, visíveis ou distantes, foram torturadas por mim. A angústia de quem não venceu a raiva é semelhante à alegria de um rei cujo inimigo se fortalece. Meu pai foi morto por apenas um. Mas eu matei todos os reis.

12. Minhas ações, semelhantes às de um demônio devorador de homens, são altamente repreensíveis. Minha arrogância é a raiz da minha ira. Por causa disso, fui engolido pela

poderosa píton, a serpente da ira.

13-15. Enquanto pensava assim, Parasurama viu uma grande pessoa, que era como uma massa de fulgor, uma montanha em chamas, que tinha um corpo belo e bem-feito, olhos desabrochados como lótus. Embora o corpo dessa pessoa estivesse sujo, seus cabelos despenteados e seu comportamento insano, ela parecia uma grande alma, um rei entre os sábios, uma pessoa erudita.

16. Parasurama viu aquela pessoa nobre que se entregara à abstinência e abandonara a vida religiosa e seus códigos, que estava de pé, nua, suja, exalando sangue como um elefante embriagado.

17. Ao vê-lo, Parasurama ficou muito desconfiado. "Quem é essa pessoa com comportamento contraditório, exibindo sinais bons e ruins?"

18. Ele é uma pessoa extraordinária? Ou é um indivíduo culto? Ou é algo mais? A mente não consegue chegar a uma conclusão sobre isso, assim como não consegue chegar a uma conclusão sobre um ator vestido de forma diferente.

19. Se ele fosse insano, como poderia possuir fulgor? No entanto, ele aparenta ser alguém que não se desvia do caminho da retidão.

20. Portanto, ele deve ser alguma pessoa importante disfarçada. Ele deve ser investigado de alguma forma.” Assim pensou Parasurama.

21. Com um sorriso, Parasurama perguntou-lhe: “ó exaltado! Quem és tu? Pareces uma pessoa grandiosa. Que estado é este teu? Conta-me tudo.”

22. Ao ouvir as palavras de Parasurama, aquela pessoa começou a fugir atirando pedras e rindo alto repetidamente.

23. Falando de forma incoerente, aquela pessoa demonstrava grande insanidade. Enquanto se comportava dessa maneira, Parasurama rapidamente a deteve.

24. Segurando-o nos braços, Parasurama pensou: "esta pessoa não me compreendeu. Vou testá-la mais uma vez e depois seguirei meu próprio caminho".

25. Assim decidido, Parasurama começou a maltratá-lo muito. Mesmo sendo muito maltratado, ele permaneceu impassível.

26. Não houve a menor mudança em sua expressão. Então Bhargava concluiu que ele devia ser uma grande pessoa.

27. Prostrando-se aos pés daquele sábio, Parasurama o adorou. O sábio, então, ficou feliz e cheio de compaixão por Bhargava.

28. Então o sábio, com um sorriso, proferiu palavras repletas de verdades. “Ó Bhargava! Você

me perguntou quem eu sou? Ouça isto.

29. Se você compreendeu a palavra “Tvam” (você), sua pergunta é inútil, como moer farinha. Se você não compreendeu o significado da palavra “Tvam”, então, novamente, essa frase é inútil.

30. Se você compreendeu isso por meio de alguém, então me diga. Você não teve consciência do Eu Consciente porque ele não é cognoscível.

31. Você viu o corpo físico. Não há dúvida disso. Porque sua pergunta está bem fundamentada na denominação.

32. Assim, você conhece o que é sensorial por meio de sua designação. Você não conhece aquilo que não se revela por si mesmo e é imaginado separadamente.

33. A consciência não está confinada a um único espaço por causa de sua associação com o corpo. Portanto, ó Rama! Eu lhe responderei se você formular sua dúvida com clareza.

34. Ao ouvir as palavras do sábio, a fala, o intelecto e a bravura de Parasurama ficaram estupefatos. Então, com timidez, dirigiu-se ao iogue com oração e prostração.

35. “Ó, grande pessoa! Não sei a resposta para isso. Ensina-me, aceitando-me como teu discípulo livre do pecado.”

36. Assim contada por Parasurama, o sábio, com compaixão, começou a narrar sua história com doçura.

37. “Ó Bhargava! Eu pertenço à linhagem Angirasa. Sou discípulo do meu irmão. Com grandes qualidades, sou conhecido nos três mundos como Samvarta.”

38. “Vou falar sobre mim. Escutem com atenção. Há algum tempo, desenvolvi inimizade com meu irmão, que era meu preceptor.

39. “Foi assim que fiquei enojado e cheguei a esse estado. Mais tarde, fui devidamente instruído pelo Guru Dattatreya.”

40. “Entendendo que tudo é o Eu (consciência) e que tudo isso é seu jogo, trilho o caminho da ausência de medo, livre de lampejos de dúvida e firmemente preso como um fantoche aos fios.”

41-43a. Ao ouvir suas palavras, Parasurama, com as palmas das mãos unidas em oração e voz suplicante, dirigiu-se ao sábio desta forma: “ó grande alma! Abençoe-me, que estou aflito por esta vida mundana, colocando-me no caminho auspicioso e destemido.”

43b-44. Ao ser interpelado dessa forma, o sábio misericordioso falou novamente: “meu filho! Escute minhas palavras, a essência de todo o conhecimento. O caminho que você trilha agora é terrível e extremamente prejudicial.

45-46. “É como alguém iludido pelo destino, vagando destemidamente e ignorantemente por um caminho desconhecido, repleto de inimigos e sofrimentos frequentes, esperando conforto. Assim é a jornada na vida terrena.”

47. “Então, despertado por alguma grande pessoa, ele segue pelo caminho certo, ridicularizando aqueles que estão no caminho errado.”

48. “Da mesma forma, iniciado pelo meu Guru, estou felizmente trilhando o caminho certo e ridicularizando aqueles que estão no caminho errado.

49. “O caminho da vida mundana é contraditório e doloroso. Embora sofram na vida, os iludidos não percebem isso.”

50. “Os tolos estão presos na teia da miséria, envoltos em uma felicidade ilusória. Para eles, o caminho que nós, sábios, trilhamos é de difícil acesso.”

51-54. Portanto, compreendendo a natureza do autoconhecimento, com desapego, venere Mahesvari, a força interior, conforme ensinado pelo Guru. Então, com um pouco de Sua graça, alcance a unidade com o Eu que é equânime com tudo. Sabendo que o outro, além desse Eu, é um reflexo/semelhante a essa Sakti, que nada mais é do que você mesmo, através de um Guru universal, você se move livremente como eu, sem dúvida, medo ou perturbação.

55-57. Para uma pessoa que tem a sensação de conhecer, que erradicou a sensação de ser apenas um corpo físico, que experimenta tudo dentro de si, que se experimenta em todas as coisas, que sempre se concentra como conhecedor naquilo que deve ser conhecido, mantendo-se desperto, não há ação a ser tomada no caminho da vida mundana. Além disso, para começar, deve-se conhecer os defeitos no caminho da vida mundana. Assim, desenvolverá rapidamente indiferença pelo mundo, seguida de características virtuosas.

58. “Um ser humano, ao praticar constantemente esta quintessência que me foi revelada, muito em breve alcançará o auspicioso caminho supremo.”

59. Pensando que as palavras ditas por Samvarta eram inimagináveis e estavam além da compreensão sensorial, Bhargava, com a mente perturbada, disse novamente a Samvarta.

60. “Ó grande Senhor! Não compreendi claramente as tuas palavras, que contêm a mais nobre essência do conhecimento, devido à sua grande profundidade.”

61. “Minha dúvida se deve à sua brevidade. Ó Onisciente! Por favor, explique-me em detalhes, para que eu possa compreender. Proteja-me, pois busco o seu auxílio.”

62-63. Ao ouvir as palavras de Bhargava, Samvarta meditou e compreendeu o futuro de Bhargava, proferindo doces palavras: “ó Rama! O caminho que mostrei não está oculto.”

64-65. “Devido à sua natureza transcendental sutil, esse conhecimento não pode ser compreendido por pessoas com mentes impuras. Como esse conhecimento só pode ser

adquirido pela prática, é difícil transmiti-lo facilmente. Devido à sua natureza não mundana, diz-se que é difícil de obter."

66. "Esse conhecimento não pode ser obtido sem servir aos pés de Sri Tripurambika, e esse serviço não é possível por nenhum outro meio além da graça de Gurunatha."

67. "A convivência com pessoas nobres é fundamental para alcançar a graça do Guru, por meio da qual tudo se conquista. Portanto, ó Bhargava! Vá até Sri Guru Dattatreya."

68. "Agradando-o por meio do serviço, você logo alcançará seus desejos. Como, de fato, alguém pode obter prosperidade sem a proteção do Guru?"

69. Assim como ninguém além do Sol pode guiar uma pessoa que se perdeu na escuridão da noite, ninguém sem servir ao Guru pode alcançar a felicidade.

70-72. Assim como o fabricante de colírio para os cegos, não há outro recurso senão o Guru. O próprio Senhor Sadasiva, por compaixão para com seus devotos, vagueia na forma de um ser humano como Dattatreya. Nos três mundos, quem, mesmo rico, pode encontrar satisfação sem se refugiar aos pés de lótus do Guru? Portanto, vá rapidamente daqui aos pés do Guru.

73. "Então, adore-o com devoção pura e livre de engano. O que não é possível alcançar nos três mundos se o Guru estiver satisfeito?"

74. Atualmente, ele vive em seu meritório eremitério situado na montanha chamada Gandhamadana, ocupado por yogis realizados.

75. "Eu voltarei. Tenha sorte. Que seus desejos se realizem." Dito isso, Samvarta partiu pelo caminho aéreo, enquanto Parasurama o observava.

76. Em um minuto, Samvarta desapareceu de vista no quadrante nordeste, como uma massa de nuvens levada pelo vento.

77. Então Parasurama, que estava cercado pelas palavras apressadas de Samvarta, decidiu ir até Guru Dattatreya.

Fim do quarto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 5

.

1. Então Parasurama, empolgado, viajou rapidamente para o norte para chegar ao eremitério de Dattatreya.

2. Em sua jornada, Parasurama refletiu sobre a natureza dos assuntos mundanos. "Durante todos esses dias, não pensei em assuntos importantes."

3-4. Assim como uma pessoa que cai numa enchente é arrastada pela correnteza, assim como um cego que não conhece o caminho colhe os mesmos frutos seguindo outro cego, as pessoas, em geral, seguem ignorantemente as ações dos outros.

5-6. "Eles também pensam que o resultado ruim se deve a alguma outra coisa. Ao verem um bom resultado atribuído a um plano divino, as pessoas, iludidas pela sede de resultados, concluem que isso se deve a alguma outra ação."

7. Assim como um peixe ávido por carne fica preso no anzol, as pessoas ávidas por pequenos prazeres imaginários acabam em dificuldades. Que felicidade se pode encontrar nesta cruel jornada mundana?

8-9. “Desde um inseto até um pária, todo ser busca continuamente a felicidade. O prazer de um rei dos três mundos é semelhante ao prazer experimentado por uma minhoca na urina e nas fezes, no que diz respeito ao paladar e à cópula. Tudo é desejado, de fato, em prol do corpo nascido dos cinco elementos.”

10. “Aquele corpo está cheio de urina, excrementos, sangue, carne, tendões e ossos. É repreensível, altamente desprezível e causa de sofrimento.”

11. “Filhos, amigos, esposas, todos estão relacionados a este corpo desprezível. É repreensível que tomem este corpo, que é perecível, extremamente terrível e intolerável, como sendo o próprio eu.”

12. "É muito bem sabido por todos, incultos ou instruídos, neste universo, que não existe sequer um pingo de bom caráter neste corpo deplorável."

13-15. “As pessoas consideram este corpo, que incessantemente expele líquidos, que cheira a sujeira e imundície, que está repleto de excrementos, urina e catarro, que está cheio de pelos, pele e sangue, como sendo supremamente bom e querido, e o adornam com perfumes e flores aromáticas, e ignorantemente se sentem felizes com o corpo adornado.

16. "Eles se esquecem de que o corpo, bem construído devido ao excesso de seiva, é um

amontoado de urina, excrementos e fleuma que fluem diariamente, e o próprio corpo se deteriora a cada instante."

17-19. “Este corpo está sendo consumido pela velhice e está contaminado por doenças. Exala mau cheiro pelo líquido que escorre da ferida. Suando e sem brilho, é um mau presságio, pois está sendo devorado por uma horda de vermes. Está imundo de imundície. Ao ver o corpo de outra pessoa nessas condições, o ignorante pensa que o seu próprio corpo é sempre jovem e eterno.”

20. "Em um corpo tão horrível, homens e mulheres, mutuamente iludidos, enxergam beleza."

21. “Exceto por uma massa de sujeira, sangue e ossos, é preciso refletir e demonstrar onde, engenhosamente, a beleza reside no corpo.”

22-24. “É de admirar que pessoas extremamente apaixonadas, por causa de ilusões, vejam e desejem beleza neste corpo que cheira a cadáver, que é altamente reprovável, que é perecível, que causa dor, que é efêmero e que causa medo. Que diferença especial poderia haver no corpo de uma mulher, além dos átomos, em comparação com o corpo de um homem, que, por sua beleza, aumenta o desejo em pessoas lascivas? E esses dois seios são apenas bolas de carne que irromperam de carne imunda.”

25-26. “Ai de mim! Que vergonha desses homens que, como vermes comedores de imundície, se deleitam no corpo extremamente sujo, encontrando beleza e desejo no contato com as erupções cutâneas semelhantes a feridas. O que posso dizer sobre tal poder de discriminação?”

27. Mesmo conhecendo as grandes fraquezas do corpo, as pessoas as consideram qualidades positivas. Qualidades como desejo, raiva e outras são suficientes para gerar tal apreço por um corpo considerado "maligno".

28. “Por causa de tal mal-entendido, as pessoas sofrem uma dor ardente. Assim como o algodão levado por um redemoinho, em lugar nenhum encontram estabilidade, paz.”

29. “Talvez, pessoas ignorantes, entregues à comida e à procriação, não percebam a proximidade da morte terrível.

30. “Embora de vida curta, desejam benefícios e prazeres duradouros. Dominados pelo desejo e pela raiva, matam outros para atingir objetivos egoístas.”

31. “As pessoas, dominadas pelo desejo e pela raiva, lutam incessantemente pela felicidade. Certamente, não encontram a menor felicidade em lugar nenhum, nem por um instante.”

32. "A partir daí, os homens cercados pelo intenso fogo consumidor do desejo podem ter a felicidade de serem ungidos pela pasta de sândalo do desapego."

33. “Os animais são mais afortunados do que os seres humanos porque encontram paz mental

ao se dedicarem a obter a quantidade de alimento suficiente para satisfazer sua fome, e isso quando estão com fome.

34a. “Esses animais, sem acumulação, dormem em paz.”

34b-36. “Ai de mim! Lamentável é a escravidão aos desejos, que sempre trazem dor, desejos insaciáveis praticados por toda a vida. Mesmo depois de adquirir toda a riqueza do mundo, incluindo dinheiro, bens materiais, gado e mulheres, uma pessoa não pode se libertar das preocupações nem por um instante.”

37. “Embora possuam toda a riqueza, prosperidade e soberania, as pessoas dominadas pelos desejos são infelizes. O dinheiro, de fato, é a causa principal da tristeza e provoca medo constante.”

38-39. “As pessoas adquirem riqueza através de contínuas dificuldades físicas e mentais. Uma vez ricas, até os amigos se tornam inimigos. O próprio filho, a amada esposa, a mãe, o pai, o querido amigo e todos olham para essas pessoas com ódio e suspeita, como um corvo.”

40. “Queridos filhos, esposa e demais pessoas, orem pela morte deste rico. Afinal, que alegria há no dinheiro se ela se compara à própria morte?”

41-42. "Mesmo assim, o ignorante deseja tolamente tal riqueza, pela qual sempre se esforça para proteger sua família composta de esposa, filho e assim por diante, mas enfrenta muitas calamidades por se apegar a ela de forma infrutífera."

43. “Uma pessoa age com a convicção de que esposa, filho e assim por diante lhe pertencem. Sem essa convicção, não haverá o menor dos relacionamentos.”

44. “Atos praticados com o intuito de obter lucro acabarão em grande sofrimento. Mesmo aqueles que mantêm uma longa parceria enfrentarão a perda.”

45-46. Assim, neste mundo, tendo estado juntos com amor até a separação, as pessoas sofrerão imensamente com a perda de um dos seus entes queridos. Tal é o resultado da companhia, que sempre acaba em desfecho contrário.

47. “Os seres humanos se apegam à família sem pensar, até o fim. Os chefes de família acreditam ingenuamente que esse vínculo é permanente. Sempre preocupados com a família, acabam sofrendo grandes desgostos.”

48-49. “O grande problema do dinheiro e dos homens é a sua inconstância, a perda das boas qualidades, que são difíceis de evitar. Por causa desse apego, todas as boas qualidades desaparecem completamente.”

50. “Quem deseja ser feliz jamais deve se apegar. Tudo é permeado pelo medo da morte implacável.”

51. “Riqueza, moradia, esposa e o paraíso são todos resultados das ações de uma pessoa. Portanto, não se deve aspirar a nada disso, pois tudo traz sofrimento e está fadado à morte.”

52. "Deve-se sempre ansiar por proteção que não cause tristeza. Irei ao grande sábio Dattatreya, que concede felicidade."

53. Movido por esses pensamentos, desejando felicidade e total autoproteção, Parasurama então avistou uma grande montanha.

54-59. A montanha à sua frente tinha picos reluzentes que se elevavam até o céu; aglomerados de nuvens repousavam sobre os cumes. A parte central reverberava com a música de damas divinas. Estava repleta do tilintar das tornozeleiras das apsaras dançantes. Surgiu em toda a sua beleza o grupo de mulheres siddhas que brincavam no balanço. Suas cavernas fervilhavam com as brincadeiras das yakshas embriagadas. Seu interior era impregnado pela fragrância das flores de kadamba. Uma brisa suave espalhava o aroma de flores perfumadas. Os lótus nos lagos cintilavam com cisnes, gansos rubros e garças ao redor. Suas trepadeiras ressoavam com o zumbido das abelhas fêmeas. Testemunhando tamanha grandiosidade, Parasurama aproximou-se da montanha chamada Gandhamadana, a morada dos deuses.

60. Para amparar os aflitos que lutam no pântano do oceano mundano, vive aqui o grande iogue descrito por Samvarta.

61. Enquanto Parasurama refletia sobre isso, avistou o eremitério de Dattatreya Muni, pelo qual tanto ansiava.

62. “Este pode ser o eremitério de Guru Dattatreya, o Guru de Angirasa. Verdadeiramente, hoje floresceu a boa fortuna para mim, que até agora fui desafortunado.”

63-64. "É uma maravilha que a fortuna surja para as pessoas com o passar do tempo. Hoje verei seus pés de lótus que destroem o calor da conflagração mundana e derramam néctar." Pensando assim, Parasurama aproximou-se das portas do eremitério.

65. Perto da porta, ele viu um brâmane absorto em meditação. Então, temendo perturbar sua meditação, Parasurama permaneceu por um instante a uma certa distância.

66. Após algum tempo, o brâmane abriu os olhos e viu Parasurama, que se aproximou dele e começou a fazer perguntas depois de se prostrar a seus pés.

67-68. “Ó brâmane! De quem é este ermida tão encantador, cujo olhar traz conforto a todos? Onde fica o eremitério de Guru Dattatreya? Ó iogue! Ó compassivo para com os aflitos! Diga-me logo, com misericórdia.”

69. Ao ouvir Parasurama, aquele brâmane pacífico, com um sorriso no rosto, proferia palavras tão doces quanto o mel.

70. “Este é o eremitério daquele virtuoso Guru, o rei entre os Yogis. Diga-me quem você é? De

onde você veio? O que você quer?”

71-72. Ao ouvir as palavras daquele brâmane, Parasurama falou com as palmas das mãos juntas em prece: “ó grande sábio! Nasci na linhagem Bhrgu, filho de Jamadagni. Conhecido como Parasurama, vim aqui com um propósito, ordenado pelo sábio compassivo Samvarta.

73. “Desejo ver os pés do Guru imediatamente. Ó brâmane! Minha mente anseia por se prostrar a seus pés.”

74-75. “Mais tarde você saberá tudo sobre mim. Assim como uma pessoa sedenta vagando por uma floresta desértica e escaldante não se contentaria com nada além de água fresca, nada me interessaria além da visão dos pés do meu Guru.”

76-77. “Portanto, você me apresenta àquele que destrói a miséria de seus discípulos.” Ouvindo Parasurama, o brâmane respondeu docemente com um sorriso: “ó! Parasurama! Graças ao poder obtido ao servir o grande Guru, conheço claramente o propósito de sua visita aqui.”

78. “Entre. O grande sábio, amigo do Universo, está lá.” Assim interpelado pelo Muni, Parasurama entrou no eremitério.

79-80. Ali, Parasurama viu o líder do clã ascético sendo servido por eminentes yogis de grande mérito. Prostrando-se a seus pés de lótus, Parasurama permaneceu próximo, com as palmas das mãos unidas, observando a postura do Guru Dattatreya.

Fim do quinto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 6

1-2. Parasurama viu aquela grande pessoa, Guru Dattatreya, que era brilhante, um exemplo a ser seguido, cuja tez era como a do caule azul do broto tenro da árvore Tamala, cujos olhos eram como lótus em plena floração, cujo rosto era como a lua cheia e cujos lábios brilhavam como coral fresco.

3. A beleza de cujo sorriso terno iluminara os aposentos, cuja fileira de dentes ofuscaria o brilho

das grandes pérolas.

4. Cujo rosto brilhava com bochechas e nariz largos, cujo pescoço era como uma concha, que brilhava com belos braços longos.

5. Cuja palma era macia como brotos novos, que era robusto e de peito cheio, cujo estômago tinha três dobras.

6. Cuja coxa era bela como a tromba de um elefante, cuja perna era semelhante a uma aljava, cujos pés eram encantadores como lótus.

7. A simples visão daquele que era a própria essência da beleza, puro e juvenil, despertava um amor infinito nas mulheres.

8-10. Ao ver um asceta como aquele, abraçado por uma jovem e bela mulher que equivalia a Laksmi, com os olhos avermelhados e revirados pela embriaguez e com uma jarra de vinho à sua frente, exibindo sinais contraditórios, Parasurama ficou desconfiado. “Que comportamento maravilhoso é esse desse grande sábio?”

11. Vejo sua conduta como vinho misturado com veneno. Ai de mim! Neste mundo, o comportamento das grandes pessoas é extremamente surpreendente.

12. Às vezes, demonstram bondade exterior. Às vezes, exibem beleza interior. Neste mundo, para pessoas como eu, o comportamento dos iogues é realmente incompreensível.

13-14. Aquele sábio Samvarta não me diria algo inútil. Além disso, como uma pessoa tão tranquila (o brâmane) buscaria refúgio às portas do eremitério? Ademais, muitas pessoas piedosas estão sentadas ao seu redor. Portanto, o que estou vendo não é a realidade, mas algo diferente.

15. Seja o que for, essa pessoa ancestral é meu Guru. Diferenças como o bem e o mal são formações mentais.”

16a. Assim decidida, o inteligente Parasurama permaneceu ali com a mente tranquila.

16b-17. Ao ver o educado Bhargava, o Guru proferiu palavras doces com um significado maravilhoso. “Oh! Parasurama! Seja bem-vindo. Você está bem?”

18. Em seu eremitério, os brâmanes, as vacas, a grama, as trepadeiras e as árvores estão bem? Você está servindo seus visitantes adequadamente? As oferendas ao fogo são feitas de forma apropriada?

19. Ó Brahmarsi! Os Vedas estão sendo estudados periodicamente? Você está controlando sem demora o surgimento intempestivo dos inimigos no corpo, ou seja, os sentidos?

20. Pelos méritos de sua penitência, você conquistou muitos mundos valiosos. A linhagem Bhargava, de fato, ascendeu ao ápice por sua penitência, erudição, poder, continência e

esplendor.

21. Diga-me por que você veio. Pessoas como eu não devem ser procuradas por homens sagrados.

22. Neste mundo, dominar os sentidos é responsável por alcançar os quatro objetivos. A conquista dos quatro objetivos é considerada a maior conquista deste mundo.

23. Aquelas pessoas que, sem atingir os quatro objetivos, se dedicam a atividades mercenárias são como cadáveres que respiram.

24. Assim, aqueles homens que se interessam por riquezas, que são egoístas, são como marionetes de madeira envolvidas em atividades fúteis.

25-26. Antes, por total desapego, abandonei toda ação. Entre os inimigos do eu, a língua e o órgão reprodutor são poderosos. Muitos foram degradados por eles. Aquele que venceu esses dois, venceu tudo.

27. Sou realmente desprezível por possuir essas duas fraquezas. Pessoas piedosas não me seguem, pois enveredei pelo caminho proibido.

28. Este vinho, que causa distúrbios mentais, é reprovado pelos piedosos, assim como uma cortesã. Eu me afeiçoei a ambos.

29. Portanto, talvez as pessoas piedosas tenham se afastado da minha companhia. Então, como você veio parar em um lugar como este?

30. "Ó, Bhargava! Diga-me a verdade que esclarecerá minha mente." Assim interpelado por Dattatreya, Parasurama, filho de Jamadagni, falou com espanto.

31. Recordando os feitos passados de Samvarta, Parasurama pensou que Dattatreya havia dito isso para ocultar sua verdadeira forma (identidade).

32. Talvez seja devido à aflição causada pela associação com pessoas más e lascivas como eu, que o compassivo Samvarta não me diria a verdade.

33. Assim decidindo e prostrando-se diante dele, Parasurama proferiu palavras muito auspiciosas: “ó Senhor! Não suspeites de mim, que busco teu refúgio.”

34-35. Destinado a vagar pela floresta impenetrável da vida mundana, envolta na conflagração da tristeza, sou queimado pelos raios do meio-dia do Sol do desejo. Guiado por Samvarta, devido à minha boa fortuna, hoje, sem qualquer outra proteção, venho até você, que é um oceano de compaixão.

36-38. Pelo poder das palavras de Samvarta, que chegaram até vós, que sois como a árvore que realiza desejos, com sua bacia repleta de ambrosia fresca e gotejante, que sois digno de adoração, que sois atendido por uma multidão de servos, que sois grandioso, que sois puro, em

breve alcançarei a vossa graça. Eu, que vim a vós como único refúgio, não devo ser suspeito.

39. Eu te entendi perfeitamente. Você é verdadeiramente meu Guru. Para o bem ou para o mal, que eu possa seguir o seu caminho, você que é meu Guru.

40. O Guru é verdadeiramente Parasiva, aquele que transmite o autoconhecimento. Que benefício se pode obter associando-se a pessoas más que não podem proporcionar o autoconhecimento?

41. Qual a utilidade de bens como riqueza, descendência, títulos, esposa, territórios e terras que não podem proporcionar autoconhecimento?

42. Como pode uma pessoa insensata extrair felicidade de uma imensa riqueza? É semelhante ao benefício que uma pessoa cega de nascença pode obter com milhares de lâmpadas.

43. Portanto, ó Oceano de misericórdia! Adorável! Protetor dos miseráveis! Convém que tenhas compaixão de mim, que sou puro por me entregar aos teus pés.

44. Ao ouvir as palavras de Parasurama, o grande sábio Dattatreya, protetor dos desfavorecidos, falou com semblante satisfeito.

45. "Ó! Filho de Jamadagni! Meu filho! Você decidiu corretamente. A conquista do autoconhecimento é preeminente e difícil de obter por meio da busca."

46. É surpreendente que neste mundo o homem ainda pense em autorrealização. A busca pelo autoconhecimento não deve ser considerada um benefício insignificante.

47. A conquista do autoconhecimento é a essência e o grande benefício verdadeiramente duradouro desta vida humana.

48. Na verdade, as pessoas anseiam continuamente por prazeres obtidos através dos órgãos dos sentidos, que são verdadeiramente mágicos por natureza.

49. Sem encontrar consolo nos prazeres sensuais, as pessoas presas pelo laço da morte passam de um corpo para outro em inúmeros ciclos.

50. As pessoas sempre experimentam estados de euforia, depressão e tédio, que são, portanto, inúteis, como se estivessem presas em uma engrenagem.

51. Ó Parasurama! Estou satisfeito com a sua fé inabalável. Conte-me sobre o desejo que o trouxe até aqui.

52. Ao ouvir as palavras de Dattatreya, o feliz Parasurama prostrou-se humildemente e, depois de se sentar, falou-lhe docemente com as palmas das mãos juntas em prece.

53-54. "Ó! Eminente Guru! Ó Senhor! Quando estás satisfeito, o que há que não seja alcançável aqui e na vida após a morte? Assim como alguém que deseja um diamante chega a uma

montanha de pedras preciosas, eu cheguei a um ser grandioso como Tu.”

55-56. Ó Guru! Por muito tempo vagueando pela vida mundana, jamais encontrei um pouco de consolo. Preso e consumido pelo fogo ardente do desejo e da raiva, passei muito tempo. Nunca senti qualquer paz interior em lugar algum.

57-59. Neste mundo, todos os homens, mulheres, animais, criaturas do mar, pássaros, ricos, pobres, reis, imperadores, monarcas, Gandharvas, Yaksas (semideuses), siddhas, Vidyadharas, serpentes, cobras, demônios, Indra, a Lua e outros semelhantes estão sempre sendo consumidos pelo grande fogo do desejo.

60. Portanto, faça-me permanecer sempre calmo como o elefante na floresta de Ganga enquanto a floresta está em chamas.

61a. Ó Senhor! Que eu também seja devidamente instruído por Ti.”

61b-63. Ao ouvir suas palavras, o grande sábio Dattatreya proferiu palavras auspiciosas que agradaram a Parasurama. “Ó Rama! Escuta atentamente minhas palavras. O bom desejo que você expressou, sendo puro, é a raiz da auspiciosidade. Verdadeiramente, você reuniu a graça da Devi.”

64. Suas boas ações de muitas vidas passadas deram frutos. Esse tipo de graça jamais é conquistado por pequenas ações.

65. Os frutos de suas boas ações no passado são verdadeiramente supremos. Ó Rama! Escuta-me com a mente unida.

66. Seu desejo é muito reconfortante. Ele não pode ser realizado em momento algum sem sabedoria.

67-68. Verdadeiramente, Parasiva é o Eu de todas as criaturas. A alma individual sob a influência de Maya não compreende o Supremo. Ela permanece diminuída devido à diminuição de todos os poderes. Esta é a Verdade aqui. Nada mais brilha.

69a. Além do Eu radiante, nada mais existe.

69b-71. A autoluminosidade é o que se percebe como o Eu. Não há diferença entre elas. O poder do Eu é, na verdade, a iluminação. O Eu brilhante é Paramasiva. Somente Ele, que é eterno por Seu poder puro, brilha em todos os lugares em múltiplas formas maravilhosas. Aquele que sempre brilha é o Eu de todo o universo.

72-73. Embora Ele seja autoluminoso, aparenta ser opaco devido à ilusão. Uma vez conhecido, a ilusão desaparece e Ele resplandece como uma ilha no Ganges, de serenidade absoluta. Por nenhum outro meio, a não ser pelo autoconhecimento, é possível alcançar a serenidade plena.

74. O autoconhecimento é difícil de obter neste mundo e é invisível para as pessoas envolvidas

em atividades sensuais. Sem a Graça de Parasakti, o autoconhecimento jamais poderá ser alcançado.

75. Portanto, todos devem, antes de tudo, adorar Tripurambika. E esse serviço a Ela é impossível através de milhões de nascimentos, exceto pela devoção a Ela.

76a. E a devoção a Ela só se alcança ouvindo a Sua glória.

76b-77. Portanto, as pessoas devem, com perseverança e fé, ouvir e cantar as glórias transcendentais de Tripurambika. Por meio desse processo, a própria Devi concederá devoção inabalável a Ela.

78. Por meio de um serviço supremo tão devotado, alcança-se o estado de destemor. Não há outro caminho para atingir esse estado.

79. Portanto, para começar, deve-se ouvir Suas glórias com fé absoluta. Só isso concede todos os desejos, como um Kalpataru."

Fim do sexto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 7

1. Contente por ouvir as palavras do Guru, Bhargava proferiu doces palavras auspiciosas.

2. "Ó! Guru auspicioso! Qual é a forma da transcendental Tripurambika que você mencionou? Qual é a Sua origem? Qual é a Sua natureza?"

3a. Ó Oceano de Misericórdia! Conte-me agora sobre Ela em detalhes.

3b-4. Assim questionado, Dattatreya, imerso no oceano da Glória de Tripurambika, meditou e prostrou-se diante do Supremo, proferindo palavras encantadoras em virtude de seu mergulho na bem-aventurança da meditação.

5-6. "Ó Rama! Escuta. Quem pode descrever a glória de Parasakti? Mesmo hoje, os Senhores

oniscientes e onipotentes, começando por Brahma, não sabem quem Ela é ou onde reside. Não é possível descrevê-la com exatidão.”

7-8. Os Vedas, os preceitos espirituais e os Tantras são realmente incapazes de descrevê-la. As evidências externas, diretas e indiretas, permanecem distantes da Verdade que deve ser conhecida, assim como a chama que não penetra no interior.

9. Esse poder — Shakti — é Materno, e ocupa uma posição inigualável. Ela jamais poderá ser conhecida pela lógica ou pela engenhosidade.

10. A não ser pela experiência da existência do Eu, Ela não pode ser encontrada. As escrituras, os Vedas e outras literaturas reconhecem que Ela possui uma forma através de Sua brincadeira.

11. Ela é a prova definitiva. Ela é chamada de Poder da Consciência. Embora tenha assumido uma forma para o Seu esporte, o oceano da Sua glória é ilimitado.

12. É possível contar o número de átomos na Terra. Não há fim algum para a maravilhosa multidão de Sua glória.

13. Mesmo assim, vou contar a vocês uma parte da essência da história de Tripura. Ouça com atenção.

14-15. Antigamente, Sri Hari, o Narayana primordial, cuja forma é o aspecto sattva absolutamente puro de Tripura, repousava sobre o leito da serpente. Seus pés de lótus brilhantes são servidos por Sri Laksmi, a Deusa da riqueza. Seu corpo é resplandecente como o brilho de um cacho de safiras quebradas.

16. Sua cintura brilha intensamente com o tecido de seda amarelo, como um relâmpago em meio às nuvens carregadas de chuva.

17-18. Ele possui um peito bem definido e encantador, com a marca de Srivatsa. As abelhas, atraídas pela fragrância das guirlandas e pela guirlanda de Tulasi, parecem vislumbrar o brilho azul-escuro de Seu corpo. Seus braços longos e robustos terminam em palmas semelhantes a lótus.

19. Ele é magnífico segurando a concha, o disco, a maça e o lótus em Suas mãos. Seu rosto é como a lua cheia. Seus lábios são vermelhos como a cereja. Ele tem um nariz belíssimo.

20. Ele é encantador com um par de brincos que lembram crocodilos. Seus olhos auspiciosos fazem com que um par de lótus em plena floração pareça humilde.

21. Seu cabelo brilhante parece um enxame de abelhas. Sua cabeça ostenta uma bela coroa adornada com uma variedade de gemas estranhas.

22. Com Seu olhar afetuoso, Ele está sempre banhando Sri Laksmi. Ele é Hari, que é incessantemente servido por devotos como Prahlada e outros.

23a. Ele sempre se interessa pela proteção do Universo.

23b-24. Quando Brahma, o criador, chegou lá, à morada de Hari, prostrou-se com as mãos postas em prece, louvou o Senhor com muitas orações e tomou assento.

25. Depois, Indra e os outros deuses, com os olhos vermelhos de raiva após a discussão, aproximaram-se de Sri Hari.

26. Prostrando-se diante de Hari, o Senhor de Laksmi e Brahma, eles tomaram seus respectivos assentos após receberem as ordens do Inimigo de Madhu—Madhusudhana.

27. Então Indra, instigado por seu principal assistente Sunanda, começou a falar sobre a briga entre eles.

28. Ó Senhor! Consorte de Kamala, ó Visnu! O Imutável, ouça por que todos estamos debatendo.

29-30. Certa vez, na assembleia dos deuses, eu, Indra, o senhor dos deuses e dos três mundos, mencionei que o mundo inteiro está sob meu controle e que sou o senhor dos sacrifícios religiosos, e todos, incluindo Varuna, Agni e o Ar, estão sob meu domínio, e, portanto, eu sou o supremo e ninguém mais.

31-32. Ao ouvir minhas palavras, Agni disse: “ó Indra! Não te orgulhes em vão por causa da ignorância. Não és capaz de me reconhecer, o melhor entre os deuses e o melhor em todo o Universo?”

33. “Ó Indra! Eu sou o principal entre os deuses, liderado por você. Todos vocês participam das oferendas de todos os sacrifícios que lhes são trazidos por mim.”

34. “Se eu não existisse, não haveria yajna — sacrifícios — na Terra. Eu sou o terceiro olho de Rudra, capaz de destruir o mundo.”

35a. Meu filho Sanmukha é o chefe do exército e, por meio dele, vocês derrotaram os demônios.

35b. “Portanto, abandonem sua ignorância inútil e me adorem logo, ou então perecerão.”

36. Ao ouvir isso, a Lua disse: “não sejas ignorante. A criação vive do alimento que vem da minha bênção.”

37-38. “Se eu me retirasse, o mundo seria destruído por falta de vegetação. Indra, Agni e outros deuses são sustentados pela ambrosia que eu gero. Por orgulho desnecessário, nenhum de vocês deveria correr perigo.”

39-40. Ao ouvir essas palavras, o deus do vento ficou realmente furioso. “Ó Lua! Você se vangloria em vão. Não sou eu o aniquilador que pode, num instante, reduzir o mundo inteiro, composto por Indra, Lua, Fogo, Deuses, Homens e demônios, a um estado de memória do passado?”

41. “Devido à sua agressividade, se eu destruísse o mundo, não haveria Lua, nem Indra, nem Brahma, Visnu, nem Rudra. Como poderiam os outros permanecer?”

42. “Então meu amigo Agni, com meu apoio, em pouco tempo incendiará todo o universo. Portanto, eu sou o mais rápido e o mais forte.”

43. “Ó Agni! Tendo você como meu subordinado, reduzirei tudo a nada. Diga-me se algo pode se mover sem a minha graça.”

44a. “Só eu sou o supremo e o mundo funciona por minha causa.”

44b-45. Assim, começou uma disputa na assembleia celestial. Alguns deuses apoiaram Agni, outros apoiaram a Lua. Alguns seguiram o deus do vento e os restantes ficaram do meu lado.

46-47. Durante tal discussão, os deuses enfurecidos envolvidos ergueram suas armas. Então, seu preceptor Brhaspati os apaziguou com suas palavras: “ó deuses! Não se destruam. Ouçam-me com amor.”

48-49. “Janardana, que dorme no oceano, conhece a verdade sobre o seu debate. Portanto, vá rapidamente ao oceano leitoso e prostre-se aos pés de Purusottama, o grande Ser Cósmico, e seja sereno ao tomar consciência da verdade por meio Dele.” Por isso, viemos aos seus pés de lótus.

50a. Ó Senhor! Destrói nossas dúvidas. Tu és o refúgio dos deuses durante a angústia.

50b-52. Assim, a pedido dos deuses liderados por Indra, Visnu refletiu por muito tempo sobre um plano para apaziguá-los. Ele pensou que esses deuses, que tinham fé inabalável em seus próprios grupos, não depositariam fé nele e que ele não seria capaz de trazer paz entre eles. Então, ele meditou sobre o grande deus Kapardi (Siva), em seu coração.

53. Assim, convidado por meio da meditação, Siva apareceu em sua assembleia.

54. Siva, de pele cristalina, estava sentado sobre o Touro com Ambika ao seu lado. Ele brilhava com os cabelos emaranhados, a coroa e a lua crescente na cabeça.

55. Sua cabeça brilhava com o Rio Celestial Ganges, parecendo uma guirlanda de Malati — uma espécie de flor de jasmim. Ele iluminava os aposentos com a chama que ardia em Seu olho na testa.

56-57. Sua testa era extremamente bela, com a marca brilhante das três linhas de cinzas. Suas faces, como espelhos, brilhavam com o reflexo do rubi no capuz das serpentes ornamentais em Suas orelhas. Com a ambrosia de Seus olhares amorosos, Ele derramava Sati Gauri.

58. Em seu peito bem-feito, fileiras de guirlandas de Rudraksha apareciam. Em suas palmas semelhantes a lótus, ele carregava o cervo, o machado, os símbolos de bênção e proteção.

59. Seu belo corpo brilhava com a pele de tigre amarrada à cintura. Sua vestimenta superior era

a pele de um elefante. Seu corpo estava coberto de cinzas.

60. Brilhando em Seu touro luminoso, que era como uma montanha de cânfora, Ele estava sentado em um grande Simhasana feito de nove tipos de gemas.

61-62. Ele era belo em Sua postura de padmasana, com seus pés semelhantes a lótus. Ele era assistido pelos Pramathas, devotos eminentes como Bana, Nandi e Bhrngi. O aspecto ilusório de Parasakti Tripura, Ele, o Mahesvara, o Senhor supremo envolvido no ato de destruição, apareceu diante dos deuses.

63-65. Ao vê-Lo, os deuses, liderados por Visnu, prostraram-se e O adoraram. Assim adorado por eles, Bhava-Siva desmontou de seu admirável touro e abraçou, com alegria, Visnu, o Senhor de Laksmi. Então, junto com os deuses e Janardana, Ele tomou seu lugar.

66. Conhecendo a mente de Murari Visnu e vendo os deuses dominados por disputas e ódio, Siva, pelo bem do mundo, orou a Tripurambika, a criadora do mundo.

67-68. Compreendendo o ato de Sankara, Visnu e Brahma curvaram-se e meditaram sobre Ela, com mentes puras. Lembrada assim pelas três pessoas causais, a Grande Mãe Transtranscendental manifestou-se para proteger o Universo.

69-70. Naquele instante, surgiu um grande som, como o estrondo de um raio. Aquele som poderoso que envolvia o Universo tornou insignificante o som do raio.

71. Então, logo em seguida, o quadrante nordeste resplandeceu como se o brilho de milhões de relâmpagos tivesse ocorrido simultaneamente.

72. Com aquele som e luminosidade, os deuses, incluindo Indra, Agni e Vayu, ficaram cegos e surdos, e tremeram de medo.

73. Desmaiaram e caíram no chão como árvores arrancadas pela raiz. Estavam inconscientes, com as roupas desalinhadas, as coroas e os ornamentos caídos.

74. Com os membros estendidos uns sobre os outros, alguns deuses caíram em grupos, alguns aqui e ali.

75-76. Quando os deuses estavam nesse estado, Brahma, Visnu e Mahesvara viram o magnífico brilho que permeava as direções. Eles não conseguiam perceber o início, o meio ou o fim daquela efulgência única que envolvia o Universo.

77-78. Reconhecendo aquele grande e inigualável brilho, que se espalhava do submundo até os confins do céu, como a grandeza da brincadeira de Parasakti, os senhores causais prostraram-se no chão e renderam-se a Ela com devoção.

79. Testemunhando aquela maravilhosa manifestação, eles se curvaram repetidas vezes. Então, com as palmas das mãos unidas, partiram em oração para a Mãe Universal.

Fim do sétimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 8

1. O criador Brahma, em êxtase, começou a orar com palavras que atingiam o ápice da devoção.

2. “Vitória para a Mãe do Universo. Vitória para a Suprema, consorte de Mahesa. Vitória para aquela que dissipa a angústia dos devotos. Vitória para a Forma Inteligente — Consciência situada em todos os seres.”

3. “Nós, Brahma, Visnu, Rudra, Isana e outros, realizamos, pelos movimentos lúdicos de cujas sobrancelhas, o ato de criação, proteção e destruição do mundo; a essa grande Devi, eu saúdo.”

4. “Eu crio, Murari protege, Rudra destrói, Isa oculta este mundo. Tudo isso acontece por uma ínfima fração da Tua força.”

5. “E Sadasiva, que é a causa da graça, só o faz buscando refúgio sob os Teus pés de lótus. Por isso, Tu és adorável por todos.”

6. “Por meio de Suas formas (manifestações) como Vama, Jyestha e Raudri, Você nos colocou em nossas posições atuais e, na forma de Ambika, Você ocupa o quarto estado transcendental.

7. “Se Tu involutasses o espaço e permanecesses em Tua própria morada, então nós cinco permaneceríamos nesta criação como cinco grandes cadáveres bem conhecidos.”

8. “Ó Mãe Universal! Assumindo muitas formas maravilhosas, Tu és nossa protetora suprema, assim como uma mãe protege seu filho.

9. “Nós três, nascidos de Suas características, precedemos toda a criação. Devido à Sua existência anterior a nós três, Você é conhecida como Tripura.”

10. Assim, louvando a Mãe Suprema, o criador, tomado de devoção, prostrou-se no chão, meditando sobre Ela.

11. Então Hari, vestindo a roupa amarela, com a voz embargada pela devoção, a louvou

habilmente com muitas palavras dignas.

12. Ó Mãe Auspiciosa! Nós, que nascemos de Tuas características, sempre seguimos com diligência Tuas instruções. Que sejamos sempre devotados somente aos Teus pés de lótus, como os amamos.

13. “Ó Grande Devi! Graças a Ti, todos os seres brilham de acordo com suas diferentes formas, tendências e poderes. Se não fosse por Ti, nada existiria.”

14. “Ó Mãe! Terra, Água, Ar, Fogo, Espaço, formas móveis e imóveis, Direções, Tempo, manifesto e não manifesto, tudo é Tuas Manifestações. Além de Ti, não existe sequer um vestígio de existência.”

15. “Nós, começando por Brahma, os senhores do mundo, nos tornamos famosos por nossa grandeza, tendo conquistado um lugar na base do Seu trono por causa do nosso serviço aos Seus pés de lótus. Saudações a Você.”

16. “As Upanishads tremem severamente e falham em descrever a Tua forma, que é transsensível. Como podem elas, subjugadas pela Tua poderosa Maya, compreender a Tua grandeza?”

17. "O Senhor de Laksmi, tendo descartado o acúmulo de impurezas por meio do serviço constante e dedicado aos Seus pés de lótus e alcançado uma mente pura através de orações ambrosíacas a Você, compreendeu-A como a encarnação de Paramasiva."

18. “O onisciente Veda proclama que as três tendências (Gunas) causam a Sua forma aparente. Portanto, por extrema compaixão, Você assumiu esta forma brilhante por nossa causa.”

19. “Vemos isto, a Tua forma mais radiante, somente graças ao nosso grande serviço a Ti. Ó Mãe! Que a Tua forma desejável apazigue a multidão de defeitos dos deuses liderados por Indra.”

20. Murari, orando assim à grande Devi Tripura, mergulhou no oceano ambrosíaco da devoção e não viu mais nada.

21. Em seguida, Isvara, com as palmas das mãos unidas, começou a orar à Devi com palavras suaves, repletas de devoção.

22. “Ó Paramesvari! Saudações a Ti. Tu és adorada pelos seres supremos Brahma, Hari e Sankara — que são os mais importantes entre os deuses. Portanto, quem pode ser maior do que Tu? Ó Rajarajesvari! Tu és a única que supera todas as outras.”

23. “Que vergonha para esses seres humanos apaixonados e ignorantes, semelhantes a animais, que, negligenciando a excelsa Paramesvari, a Parasakti, servem a outros senhores dos deuses, assim como negligenciam a Árvore Divina Kalpavrksa e buscam uma árvore seca e espinhosa.”

24. Ó Mãe Universal auspiciosa! Que minha mente, purificada das buscas sensoriais, esteja constantemente fixa em Seus pés de lótus. Que minhas mãos estejam sempre ocupadas em Seu serviço. Que minha fala cante o oceano de Suas muitas glórias.

25. Ao mantermos sempre Suas encarnações parciais, conhecidas como Sarada, Rama e Girija, que são respectivamente as consortes de Brahma, Hari e Sankara, em nossa boca, coração e metade esquerda do corpo, estamos engajados na tarefa de criação, proteção e destruição do universo.

26. "Ó, auspiciosa Devi! Tu és a criadora em Brahma, a protetora em Visnu que repousa sobre a serpente, a destruidora em mim (Siva), a ocultadora dos atributos em Isana, o aspecto da graça em Sadasiva. Tu és ParaSakti no transcendental Para-Brahma. Tu és, por natureza, a Inteligência radiante."

27. "Ó Parasive! Assim como a dureza da terra, o sabor da água, a forma do fogo, o movimento do ar, o vácuo do espaço, o calor do Sol, Tu és a essência de todos os princípios criativos, desde Sadasiva até a terra.

28. "Oh! Devi Auspiciosa! Todos os deuses, a começar por Indra, iludidos pela tua intensa influência, desrespeitam-se uns aos outros. Ó Mãe! Resgata estes deuses que são teus filhos, lançando apenas uma vez um olhar teu, embebido na ambrosia da misericórdia."

29. "Oh! Mãe Universal! Dissipadora de toda aflição! Ó! Suprema! Olha com Teus olhares compassivos que derramam uma torrente de néctar, para essas pessoas sempre sedentas pela conflagração dos desejos. Tu és o único refúgio para este mundo. Nós Te saudamos sempre."

30. Assim, orando com devoção e meditando em Devi Tripurambika, Brahma e outros, cheios de devoção, prostraram-se no chão.

31. Então, satisfeita com as boas orações, Tripurambika assumiu uma forma física para afastar a ignorância dos deuses.

32. Com um tom de ouro derretido, adornada com ornamentos brilhantes, com dezoito braços, uma virgem, com um sorriso encantador.

33. Com a melodia de suas tornozeleiras tilintando nos cantos, com o brilho de seu pé envergonhando os brotos de coral fresco.

34. Com a delicadeza de um cisne, com a cintura brilhando em um vestido dourado.

35. Encantadora, com um umbigo que lembra um profundo vórtice, e com o peito brilhando em uma peça superior de seda vermelha.

36-37. Em suas mãos vermelhas, semelhantes a brotos, ela segurava o arco, o laço, o sino, o tambor, a taça cravejada de pedras preciosas, o escudo, o rosário, o lótus, o livro, o sinal do conhecimento, a concha, o disco, a espada, o tridente, o machado, a maça, o aguilhão e as

flechas.

38. Com uma grinalda de lótus dourada no pescoço, ornamentos de ombro cravejados de pedras preciosas e dedos delicados como botões brilhando com anéis de diamante.

39. Seu pescoço estava adornado com um colar cravejado de nove pedras preciosas, com o brilho de seu sagrado colar Mangalya também cravejado de pedras preciosas, bem untado com pasta de sândalo.

40. Com um par de brincos que brilham como a Lua e o Sol, com lábios que brilham como a cereja vermelha.

41. Com olhos cuja vermelhidão foi duplicada pelo rubi em seu piercing no nariz, atraindo as cervas com o espetáculo de seus três olhos que lembram pétalas de lótus.

42. Com o rosto semelhante à lua cheia, ostentando a marca de almíscar de veado na testa, e com uma fileira de cabelos encaracolados como abelhas em seu rosto semelhante a uma flor de lótus.

43. Cheia da fragrância de seus cabelos macios, longos, densos e escuros; com uma coroa cravejada de gemas inestimáveis que enchiam o céu com seu esplendor.

44. Com a testa brilhando como uma lua crescente, ela é sempre virgem, a Devi Transcendental.

45. A Parasakti Tripurambika assumiu uma forma tão sagrada e encantadora para proteger, de forma lúdica, seus devotos.

46. Então Devi Tripurambika dirigiu-se com voz digna aos deuses Brahma, Hari, Isana e outros, dizendo: “meus filhos! Ouçam minhas palavras. Eu os abençoarei com coisas boas.

47. “Agora me tornei visível para dissipar a ignorância dos deuses”. Dizendo isso, ela trouxe de volta à consciência e consolou, através da chuva de olhares nectarinos, os deuses que haviam desmaiado como se estivessem mortos.

48-49. Então Indra e os outros deuses se levantaram como se tivessem acordado de um sono profundo e, entre si, ficaram perplexos com o que havia acontecido. Disseram: "nenhum de nós sabe quem é essa dama maravilhosa".

50. Então Indra e outros deuses importantes disseram a Agni: "ó Agni! Vá depressa e descubra o que é essa enorme forma? Por que ela nasceu? Qual é a sua força? Qual é a sua natureza?"

51-52. Ao ouvir as palavras de Indra, o arrogante Agni prosseguiu e, com grande dificuldade, com seu esplendor diminuído pela refulgência Dela, aproximou-se e falou com Paramesvari.

53. “Ó jovem! Diga-me quem você é? Qual é o seu poder? Onde você vive? Eu descobri que você é extremamente especial.”

54. Ao ouvir suas palavras, ela respondeu brilhantemente: "diga-me quem você é? De onde você veio? Qual é a sua força? Mais tarde, contarei toda a minha história".

55-56. Assim dito, Agni falou com Ela. “Ó! Senhora Auspiciosa! Escute-me, eu sou Agni, a personificação da boca dos deuses. Fui enviado a você por Indra e outros que estão curiosos a seu respeito.

57. “Minha bravura é imensa, infalível e implacável. Em um segundo, posso reduzir a cinzas este universo visível de coisas móveis e imóveis. Não há ninguém como eu.”

58. Ao ouvir as palavras de Agni, Parasakti riu e disse-lhe: “ó Agni! Se tens tal força, mostra-a em minha presença em breve. Queime esta palha que está diante de ti.”

59. Ao ouvir essas palavras desrespeitosas de Devi, o furioso Agni, com a mente delirante, falou, pensando ser o melhor.

60. “Você é apenas uma garota frágil. Por isso está falando bobagens. Está me pedindo, a mim que posso queimar tudo, para queimar um canudo.”

61. “Neste momento, vou comparar você à palha e queimá-la junto com ela.”

62-64. Dito isso, Agni, com os olhos vermelhos de raiva e ardendo em uma enorme chama, lançou-se rapidamente sobre a palha e à Devi, para devorá-las. Mesmo com todo o seu poder, Agni não conseguiu queimar a palha. Com as chamas atenuadas, tornou-se frio como um meteoro caído no oceano Ártico.

65-66. Tremendo de frio terrível, parecendo um vagalume, com o corpo inteiro transformado em esqueleto, o apático Agni, tomado pela vergonha, desapareceu daquele lugar, fugindo com todas as suas forças.

67. Então, ele narrou a Indra: "ó Indra! Não me foi possível compreender aquela força imensa e poderosa que enfrentei".

68. Então Indra disse o Lua para descobrir sobre a enorme forma. “Ó Lua! Vá depressa e descubra sobre este ser poderoso.

69a. “Como nasceu esse ser poderoso? Qual é a sua força? Qual é a sua natureza?”

69b-71. Ao ouvir as palavras de Indra, o arrogante Lua prosseguiu e, perdendo seu brilho, aproximou-se dela e falou com a Grande Devi: “ó jovem! Diga-me, quem és tu? Qual é a tua força? Onde vives? Vim para compreender a maravilha que és tu.”

72. Ao ouvir as palavras do Lua, a Devi falou com eloquência. “Diga-me quem você é? De onde você veio? Qual é o seu poder? Mais tarde, eu lhe contarei a minha história.”

73-74. Assim lhe foi dito por Ela, o Lua dirigiu-se a Ela desta forma: “Eu sou o Lua, o venerado protetor do Universo. Sou o Senhor das ervas. Com meus raios ambrosíacos, protejo a grama,

as trepadeiras, os arbustos e as árvores. De fato, todo o Universo está vivo por minha causa."

75-77a. Ao ouvir as palavras do Lua, a Devi transcendental disse, rindo: "ó Lua! Se tens tal força, mostra-a depressa diante de mim. Com teus raios frescos e ambrosíacos, apaga a palha que coloquei à tua frente, a qual estou queimando."

77b-79. Ao ouvi-la e interpretar suas palavras levianas como insultos, o Lua, enfurecido e cheio de arrogância, orgulhoso de sua bravura, pronunciou: "ó, frágil dama! Eu a destruirei por suas palavras infantis, por desconhecer minha força. Eu a congelarei com meus raios gélidos."

80. Dito isso, com seus inúmeros raios, provocou, com grande força, uma chuva de neve que parecia um bando de garças.

81-82. A nevasca que caía sobre ele foi destruída pelo fogo do seu terceiro olho. Seu corpo foi consumido pelas chamas. Queimado, o Lua, quase morto, fugiu apavorado e relatou o ocorrido a Indra: "ó Indra! Eu não conseguia imaginar aquela forma imensa com poder tão estupendo".

83-84. Então Indra disse a Vayu para compreender esse poder. "Ó Vayu! Vá logo e conheça a grande forma. Como ela surgiu? Qual é a sua força? Qual é a sua natureza?"

85. Ao ouvir as palavras de Indra, o orgulhoso Vayu dirigiu-se ao local de Sri Paramesvari.

86. Presume-se muito forte, Vayu falou com desrespeito. "Ó, mulher fraca! Quem é você? De que país você veio? Qual é a sua força?"

87a. "Enviado por Indra e outros, vim aqui para avaliá-lo."

87b-88. Ao ouvir Vayu, a Devi respondeu docemente: "diga-me quem você é? Por que veio? Qual é a sua força? Qual é a sua profissão? Mais tarde responderei às suas perguntas."

89. Ao ouvir as palavras da Grande Devi, Vayu respondeu: "ó fraca! Escuta meu relato, que é o mais famoso e auspicioso."

90-92. "Eu sou o Vayu mais poderoso. Eu sou o sopro do Universo. Sou de grande velocidade. Vim do reino de Indra. Sou o sustentador do Universo. Sou supremo. Durante o dilúvio, todas as grandes montanhas, abaladas por mim, moviam-se como faíscas de fogo. Até os mares secaram devido à minha fúria. Até hoje, ninguém conseguiu frear minha velocidade."

93. Ao ouvir a fala de Vayu, a Grande Devi disse: "ó Vayu! Se você é poderoso, deixe-me testemunhar. Mostre sua bravura carregando a palha que lhe foi colocada."

94-97. Ao ouvir tais palavras zombeteiras, o furioso Vayu, orgulhoso de sua bravura, proferiu insultos: "ó, mulher fraca! Por que, tolamente, opta pela destruição? Que homem forte pode resistir à minha imensa força? Você é estúpida e arrogante. Destruirei seu orgulho. Para começar, reduzirei você a nada, como se fosse palha. Portanto, mantenha-se firme e resista à minha força insuportável."

98-100. Assim, dirigindo-se à Grande Devi, Vayu, tomado pela ira, pensou em mover-se com grande velocidade e força, mas ficou manco e miserável. Com todo o seu fôlego, não conseguiu dar um passo à frente. Envergonhado, começou a fugir apavorado. Disse a Indra que não conseguia compreender aquela Grande Forma de infalível e poderosa bravura.

101-102. Ao presenciar a derrota de Agni, do Lua e de Vayu diante daquele grande poder, Indra, preocupado, começou a refletir sobre o que poderia ter acontecido. Mesmo após ponderar diversas possibilidades, não conseguiu chegar a nenhuma conclusão. Desanimado pela ignorância, nada pôde fazer.

Fim do oitavo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 9

1. Após refletir por um longo tempo, Indra, eufórico com sua força e ego, decidiu conquistar a Devi e rapidamente desembainhou seu raio.

2-3. Ele prosseguiu cavalgando nas nuvens até onde a Devi estava hospedada. Parado à distância, com os olhos ocultos pelo brilho da Devi, perguntou-lhe: "quem tinha um corpo delicado, que brilhava como um caule de lótus, que com sua beleza havia conquistado a grandeza de milhões de cupidos?"

4-6. “Oh! Senhora de olhos de lótus! Quem és tu que envolveste o universo com a luminosidade do teu corpo? De quem és filha? Por que vieste aqui? Tua beleza é radiante. Tua estatura é atraente. Tu evocas reverência. Em minha cidade celestial, existem mulheres como Rambha e outras. Mas eu não vi uma beleza como a tua, resplandecente com dezoito braços, nem no céu, nem na terra, nem mesmo no submundo. Ó Senhora Lustrosa! Responde depressa às minhas perguntas.”

7-8. Ao ouvir as palavras de Indra, a Parambika dirigiu-se a ele desta forma: “quem és tu? Por que vieste aqui? Qual é a tua força? Qual é a tua profissão? Depois de ouvir o teu relato, eu te contarei sobre mim.”

9. Ao ouvir as palavras da Devi, Indra, o de mil olhos, falou: “escutem minhas palavras com atenção. Eu sou o senhor do céu.”

10-11a. “Eu sou Indra, aquele que realizou cem sacrifícios, que desfruta da riqueza dos três mundos, que é poderoso. Vim aqui para saber sobre você. Não há ninguém em todo o mundo que se iguale a mim em valor, fama, riqueza, força e prosperidade.”

11b-12. “Eu sou o governante absoluto do mundo. Os deuses são meus subordinados. Este raio infalível e insuportável é a minha arma. Atingido por ele, ninguém sobreviverá.”

13. “Muitos demônios poderosos e raksasas morreram apenas com o toque do raio.”

14. “Vala, Paka, Namuci, Vrtra, Tvastra e Taraka, que haviam conquistado mundos inteiros, foram derrotados por este raio.

15. "Não há mais por que falar. Não há ninguém que se iguale a mim em força. Conheçam-me como o famoso Mahendra, de imensa bravura."

16-18. Ao ouvir as palavras de Indra, a Grande Devi falou: “ó Indra! Eu te conheço bem como filho de Kasyapa. Ó Satakratu! Mostre a sua bravura, ou a do seu raio, nesta palha seca e leve que está à sua frente. Se não conseguir, eu te verei fugir envergonhado, assim como Agni e os outros.”

19. Ao ouvir as palavras de Devi, Indra, rangendo os dentes de raiva, ergueu seu Vajrayudha, decidindo atacá-la.

20-22. Quando Indra ergueu sua arma, tudo ao redor se iluminou. Enquanto Indra permanecia furioso com o raio erguido na mão, a Deusa (Devi) esboçou um leve sorriso, zombando da luz da lua refletida em milhões de luas. Com esse sorriso, a mão de Indra que segurava o raio congelou, assim como seus pés e órgãos sensoriais, como língua, olhos e outros. Ele ficou completamente paralisado, incapaz de mover qualquer um dos seus membros.

23. Assim, Indra, o senhor do céu, cujo corpo ficou imóvel, parecia uma pintura e era incapaz de falar, mover-se ou agir minimamente.

24. Ao verem Indra transformado em uma figura de madeira, os deuses, tristes, tremeram de medo.

25. Sentindo-se miseráveis por terem perdido seu senhor, os deuses lamentaram-se em voz alta. Então Indra percebeu que tudo havia sido causado por seu próprio erro e orou a Angirasa (Brhaspati), seu guru, pedindo proteção contra o perigo.

26-27. Então, ao ser lembrado por Indra, o sábio Brhaspati, o mais inteligente de todos, capaz de conhecer o passado e o futuro, correu para lá, tendo tomado conhecimento da subjugação do orgulho de Indra pela Deusa.

28-29. Brhaspati chegou num instante ao local onde Indra estava preso. Ao verem Brhaspati, capaz de resgatar Indra, todos os deuses se consolaram apenas com o olhar, como quem, ao atravessar um rio caudaloso, pega um barco.

30-32. Entretanto, Brhaspati, que tinha visão de futuro, viu a Devi Universal e se encheu de uma alegria extasiante. Com os olhos cheios de lágrimas de júbilo, com as palmas das mãos juntas sobre a cabeça, prostrou-se e, com a voz embargada, começou a louvar a Suprema Mãe Transcendental Secreta como se a estivesse adorando com palavras de êxtase.

33. Ó Sankari! Tu asseguras a segurança do Universo. És servida por Brahma e outros. És louvada pelos Vedas. És feroz com os ímpios. Proteges os piedosos. Controlas tudo. Vitória para Ti! Proteja os deuses.

34. “Brahma, Visnu e Sankara, que são os senhores dos deuses, realizam suas tarefas de criação, proteção e destruição por meio de Sua misericórdia, obtida ao servirem Seus pés de lótus.

35. Mesmo que lhe falte um pouco de compaixão, o senhor dos deuses, Indra, torna-se extremamente tolo. Não é de admirar. Nem mesmo Paramesvara consegue fazer nada ao se opor a Ti.

36. “Nem mesmo Brahma, Visnu e outros são capazes de descrever os Teus feitos. Então, ó Mãe! Diga-me como posso ser digno de louvar o Teu oceano de grandeza?”

37. “As palavras védicas primordiais são o Teu sopro. Brahma, Visnu e outros nascem dos Gunas (temperamentos). Tudo é uma evolução da Tua atuação. Os ignóbeis não Te reconhecem como a Mãe.”

38. “Tu és Primordial, a personificação de toda a criação móvel e imóvel. O manifesto e o imanifesto encontram refúgio em Ti. Tu não precisas de abrigo ou proteção, pois resplandeces em Tua própria glória e poder.”

39. Assim como um tecido é fiado com fios no sentido longitudinal e transversal, assim como o ouro permeia a pulseira, todo o universo, ó Tripurasundari, é tecido por Suas diferentes manifestações.

40. “Quatro castas, seis caminhos de adoração, nove grupos de tempo, cinco aspectos como firmeza e tudo mais, são realmente formas do Seu Poder Consciente e nada mais.”

41. “Primordialmente, Tu brilhas sozinha como a auspiciosa personificação da Consciência Absoluta. Além de Ti, não há ninguém que veja, ouça ou fale. Quem aqui tem a capacidade de Te louvar por tamanha grandeza?”

42. “Todo o universo emanou de Ti, assim como os raios do Sol. Portanto, não há nada, visível ou invisível, no Universo além de Ti.”

43. Ó Grande Senhora! Com os olhos cobertos pelo Teu poder impenetrável, como poderão os deuses compreender a Tua forma? Proteja todos os grupos de deuses.

44. “Este Mahendra, sem Te compreender, ficou imóvel aos Teus pés. Ó Mãe! Proteja Indra, o senhor dos deuses, com Teus olhares compassivos.”

45. Brhaspati, o preceptor dos deuses, tendo assim louvado Paramesvari, prostrou-se e a louvou novamente, obtendo assim o seu favor para Indra.

46-49. Então, imerso nos olhares compassivos da Devi, Indra recuperou sua forma original, livre da imobilidade e do ego. Foi então que ele compreendeu verdadeiramente a Devi do Universo através de Brhaspati. Com o coração repleto de profunda devoção, as palmas das mãos unidas em oração, a cabeça levemente inclinada por timidez, prostrando-se diversas vezes, Indra, com palavras doces e suaves, louvou a Devi, a Suprema, a Todo-Poderosa, a Causa do Universo, a Pura Consciência, a Mãe do Universo.

50. Com seu ilusório cativeiro rompido pelos olhares compassivos Dela, o subjugador de Vala (isto é, Indra) louvou a Devi enquanto todos os deuses próximos ouviam.

51. “Oh! Mãe Tripurasundari! Saudações a ti! Tu és uma com Parasiva. Saudações a Ti, a verdadeira causa da criação. Tu és a ambrosia da bem-aventurança transcendental.”

52-53a. “Tu és a causa de todas as coisas, manifestas e não manifestas. Tudo nasce de Ti, tudo permanece em Ti e é absorvido por Ti. Tu és a realidade em todas as coisas.”

53b-55. “Ó, Paramesvari! Assim como a terra nos vasos, o ouro nos ornamentos, nem mesmo um pedacinho deste universo existe sem você. Assim como a frescura na água, a luz no fogo, os raios fortes no Sol, tudo brilha por sua causa.”

56. “A essência de Brahma, Visnu, Siva e outros deuses é uma demonstração do seu poder.

57. “Ó Devi! Tu és desprovida de Nome, Forma e Ação. Tu és apenas Consciência. Teu Nome, Forma e Ação existem para o benefício do Universo.”

58. “Ó, auspiciosa Devi! Portanto, aqueles que desejam a realização dos objetivos da vida, como Dharma, Artha, Kama e Moksa, devem servir somente a Ti, que és a Cintamani — a joia celestial que realiza desejos — para os Teus adoradores.”

59. “Se Tu estás satisfeita, o que há que não se possa obter? Se Tu não estás satisfeita, o que há que se possa obter? Negligenciando o serviço ao Poder Universal, os ignorantes se ocupam inutilmente com outras atividades.”

60. “Embora as pessoas presas à vida mundana adorem outros deuses com poder limitado, elas não podem alcançar a libertação sem adorar a Ti. Como podem as pessoas rigidamente presas ao poder ilusório (isto é, Devi) de Mahesa alcançar a libertação sem a Tua graça?”

61. “Há muito tempo, presos à ilusão do Teu poder eterno, os ignorantes, negligenciando-Te, a Devi Transcendental, o Poder do Eu, saúdam outros deuses em diferentes formas.

62. “Tu és o único Ser primordial transtranscendental. Como podem esses deuses nascidos de Ti ter uma identidade diferente? Assim como a hoste de ornamentos não é diferente do ouro, a hoste de deuses como Isa e outros não é diferente de Ti.”

63. “Finalmente, o senhorio de Isvara e outros se deve a uma pequena graça sua, a Devi Universal. É realmente estúpido que as pessoas devastadas pelo incêndio saiam em busca de um lago, descartando o Ganges que está por perto.”

64. “Ó Mãe! Quem mais, além de Ti, a Verdadeira, é capaz de me proteger, a mim que, ignorantemente, estou tomado pela vaidade do domínio absoluto sobre este corpo, sujeito a repetidos pecados, maus desejos e morte?”

65. “Tu és a grande Devi, a Mãe do Universo. Tu perdoarás todos os meus pecados. Não preciso te pedir, pois a bondade da Mãe para com seu filho é bem conhecida e natural.”

66. “O fato de eu ter ficado imóvel diante de Ti por causa da Tua ira nada mais é do que a Tua graça. Todos os pecados são consumidos pela Tua ira. Assim é a ira de uma mãe sobre um filho mau.”

67. Assim, louvando a Grande Devi com muitas palavras que destilavam néctar, Mahendra, cheio de devoção, fez com que Devi o perdoasse.

68-69. Ao verem Indra se submeter à Devi, Agni e os outros deuses a compreenderam como a Mãe do Universo e, percebendo seu erro, prostraram-se a seus pés com temor e obtiveram seu perdão por meio de orações e muitos hinos.

70. Então, a satisfeita e auspiciosa Suprema Devi dirigiu-se a Brahma e aos outros deuses com palavras extremamente sagradas.

71-74. “Ó Brahma e demais deuses! Ouçam minhas palavras. Vocês devem se dedicar aos seus deveres com esmero, seguindo minhas instruções. Ó Indra! Obedeça sempre a Brahma, Visnu e Rudra. Agni e os demais deuses ficarão sob seu controle. Desenvolvam qualidades piedosas submetendo-se constantemente a Mim. Brahma e os outros continuarão com a obra da criação e assim por diante, meditando constantemente em Mim, que sou o seu próprio ser e a personificação da Pura Consciência (Conhecimento Absoluto).”

75. Atendendo às suas instruções, Brahma e outros deuses, com as palmas das mãos em prece e em súplica, oraram à Mãe.

76. Ó Mahesvari! Que possamos sempre ter a visão dos Teus pés de lótus. Que tenhamos devoção absoluta a Ti.

77. “Se nos for concedido isso, teremos conquistado tudo. Depois de obter a Kalpataru, nada

mais resta a ser conquistado.”

78-80. “De que servem pensamentos mesquinhos para pessoas que prosperam com a riqueza da devoção? E para aqueles sem devoção, de que servem milhões de gemas Cintamani? Ó Devi! O benefício de uma pilha de gemas Cintamani envolverá medo; enquanto que um pouco de devoção aos Teus pés de lótus concederá benefícios destemidos. Portanto, aqueles que desejam proteção destemida devem buscar refúgio aos Teus pés de lótus. Concede-nos, então, boa devoção. O que se ganha pedindo qualquer outra coisa?”

81. Ao ouvir o pedido de Brahma e dos outros, a Devi, que havia assumido uma forma para brincar, disse: "que assim seja" e então desapareceu dali.

82. Após o desaparecimento da Devi, Indra e outros deuses saudaram Brahma, Visnu e Siva, falando com as palmas das mãos juntas e o corpo curvado, demonstrando humilde submissão.

83-85. “Ó Brahma, Visnu e Sambhu, protejam-nos. De alguma forma, fomos salvos por Brhaspati de nosso grande erro. Agora, desejamos conhecer a verdadeira forma da Devi. Sejam benevolentes e digam-nos quem depende de vocês, se merecemos ouvir. Instruam-nos também sobre nossos deveres futuros.”

86. Ao ouvir as palavras de Indra e dos outros, Visnu falou com um sorriso: "ó Indra! Escute-me com paciência."

87. “Ela é o Poder Supremo a ser contemplado. Ela é o Grande Poder de Paramesvara. Ela é chamada de “Vimarsa”, a consciência analítica de Siva.”

(Lalita Sahasranama nome 548 vimarsarupini)

88. “Ela é o grande espaço onde brilha o universo. Ela permeou o universo na forma de uma testemunha.”

89. “O mundo que se vê é a Sua forma. Tudo o que se vê tem dois aspectos devido ao Tempo e ao Espaço.”

90-91. “Kala (tempo) tem a forma de ação e som. O espaço (Desa) tem forma. Kala tem três componentes chamados Varna, Pada e Mantra. Mesmo o espaço tem três componentes chamados Kala, Tattva e Bhuvana. A combinação dos seis componentes é conhecida como sadadhva”.

(Lalita Sahasranama 991)

92. Assim como a árvore é a forma de uma semente, todas as ações se tornam a causa. Portanto, Varna e outros são Kala, e Kala e outros são denominados Desa.

93. “Por elucidar a causa e o efeito, é chamada de testemunha. Portanto, tudo é uma testemunha na realidade.”

94. “Ao separar essa testemunha do corpo físico visível, você deve compreendê-la como seu próprio Eu na forma de inteligência (Pura Consciência).

95. Este é, em resumo, o princípio do autoconhecimento. Trilhando o caminho da ignorância durante vários nascimentos, o conhecimento concernente ao Poder de Paramesvara não pode ser adquirido por uma única audição.

96. “Portanto, ao acolher constantemente minhas palavras com fé em seu ser e praticar a devoção aos Seus pés, você logo A alcançará.”

97-99a. “Ó Indra! Junto com Agni e os outros, tu governas o céu. Encarrega-os de cumprir seus respectivos deveres com constante vigilância. Contemplando sempre a Mahasakti, ó Indra! Trilha o caminho da ausência de medo.”

99b-100. Ao ouvirem as palavras de Visnu, Indra e outros deuses, circundando e saudando Brahma e outros senhores do Universo, retornaram às suas moradas após receberem ordens deles.

101. Isana (Mahesvara), muito venerado e reverenciado por Hari e Brahma, desapareceu imediatamente na presença deles.

102. “Ó Parasurama! Então, após louvar e saudar Visnu, o criador Brahma retornou à sua residência.

103-105a. “O Poder Supremo, o Maior entre os deuses, a testemunha universal, a Encantadora do universo, realizou um feito tão maravilhoso. Ó Parasurama! Você certamente ouviu a narrativa maravilhosa sobre a Virgem Transcendental Devi, na qual Ela dissipou a ignorância de Indra e dos outros deuses.”

105b-106. Esta lenda destrói a má sorte daqueles que a ouvem regularmente. É sublime. É purificadora. Promove devoção sincera aos pés da Transcendental/Suprema. Quem deseja o amor e a graça de Sri Tripurasundari deve ouvi-la incessantemente.

Fim do nono capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 10

1. Após ouvir a maravilhosa lenda de Devi Kumari, o admirado Parasurama falou docemente depois de cumprimentá-lo (Sri Dattatreya).

2. Ó Venerável Guru! A lenda que o senhor contou é maravilhosa. Nunca antes ouvi falar da grande glória de Tripurasundari.

3. "Adorada e cantada esplendidamente por Brahma, Visnu e Hara, Ela, sua Mãe, é verdadeiramente Suprema."

4. “Oh! Que fortuna! Bebendo pelos meus ouvidos hoje a ambrosíaca lenda que fluiu da sua boca, meu mal mental foi curado.”

5. “Pela compaixão do célebre Guru, sou abençoado. Por mais satisfeito que estejas comigo, sou afortunado e contente.”

6. “Enquanto saboreio uma história tão ambrosíaca e auspiciosa, nunca sinto fome, sede, cansaço ou sono.”

7. “Ó Guru Adorável! Depois de beber a lenda do néctar que emanava do seu rosto semelhante à lua, não estou completamente satisfeito. Pelo contrário, estou com ainda mais sede de ouvi-lo.”

8. “Gostaria de ouvir novamente a descrição dos feitos gloriosos de Sri Tripurambika. Ó Senhor! Por favor, permita-me ouvi-la.”

9-10. Satisfeito com o pedido repetido de Parasurama, o grande Dattatreya, compreendendo sua grande sinceridade, disse assim: “ó Rama! Eu te narrarei as histórias sagradas da encarnação de Devi Tripurambika. Escuta.”

11. “Diz-se que Tripurasundari é a personificação do vasto espaço. Nela, resplandece o Universo com suas divisões.”

12. “Ela, a Suprema, é a personificação da Consciência e da Bem-Aventurança. Ela é única. Ela está além da compreensão das palavras e da mente. Ela é a testemunha de tudo e a sua sustentadora.”

13. “Para favorecer os devotos, a Devi atua através de diversas formas. Nem mesmo Adisesa, com suas mil faces (capuzes), é capaz de contar as variedades de Suas manifestações.”

14-16. “Portanto, falarei sobre algumas formas proeminentes. A primordial é Kumari. Gauri, Rama e Bharati vêm a seguir. Kali, Candika, Durga, Bhagavati e Katyayani também são formas dela. A Grande Imperatriz, Sri Lalita, é conhecida por ser a encarnação completa. Ó Bhargava! Ouça suas lendas, que narrarei de forma ordenada.”

17. “Ela, a Kumari, a Devi Tripura, que foi louvada por Brahma e outros, assumiu três formas novamente. Contarei a você essa lenda sagrada e maravilhosa.”

18-20. Há muito tempo, na época da criação, Tripura, a Consciência Universal, estava completamente sozinha. Não havia nada além Dela. Ela, a personificação do Poder, que é autoindependente, quis criar; o desejo se desenvolveu. Do desejo, nasceu o conhecimento e, então, a ação.

21-22. 'De três olhares dela, nasceram os três deuses. Pashupati representava o desejo, Hari o conhecimento e Brahma a ação. Eles foram observados por Sankari e tornaram-se naturalmente poderosos e fiéis à Verdade.'

23-24. Os três deuses realizaram intensa ascese, controlando suas mentes e órgãos sensoriais. Naquele tempo, não existiam noite, dia, Sol, estrelas, terra, água, fogo, vento, direções, minuto ou yuga. Tudo era apenas espaço.

25. 'Por mais luminosos que fossem, os três deuses naquele espaço estavam envolvidos em uma grande e firme ascese concentrada.'

26-27. Após o lapso de várias Yugas, a Mãe Suprema, na forma de espaço transcendental, dirigiu-se a Brahma. Ó Brahma! Meu filho, levanta-te. O que queres fazer com penitência? Criar muitos mundos belos. Eu te dei à luz apenas para esse propósito.

28-29. Assim ordenado por Parasakti, Brahma decidiu criar. Pensando onde deveria criar, olhou ao redor. Viu o vasto espaço sem começo nem fim.

30. Pensando que havia espaço para sua criação, Brahma sacudiu levemente o corpo, sentindo o toque.

31. Assim, pelo toque gerado pela vibração de seu corpo, o vento se formava. Pela velocidade do vento, o calor era gerado.

32-34. A partir desse calor, Brahma viu Agni tomar forma. Então, ao redor de Agni, formou-se água fria e viscosa. Em seguida, gerou-se um odor. Da poeira desse odor formou-se a terra, que era dura e capaz de sustentar a criação. Ao ver tudo isso, Brahma pensou que (a terra) seria o lugar de sua criação.

35. Pensando que "nesta Terra criarei um mundo com muitas formas diversas", Brahma, o Senhor do mundo, iniciou sua criação.

36. Ao ouvir o que Dattatreya disse, Parasurama, tomado por dúvidas, falou docemente.

37. “Ó Venerável Guru! Ao ouvir suas palavras que dão margem a muitas dúvidas, minha mente não fica satisfeita.

38. “Como Brahma viu o espaço e os outros elementos, parece que eles existem por si mesmos

e que não há outro criador para eles."

39. "Então, como eram esses elementos nomeados por Brahma antes de seu nascimento, sem som?"

40-41. "Diga-me qual a relação entre o som e o corpo composto pelos cinco elementos? Ó Guru Compassivo! Nada além de suas palavras, que são como raios quentes do Sol, tem o poder de derreter minha dúvida como a neve. Gurus de sua ordem, com mentes extremamente puras, revelam os segredos a seus discípulos mesmo sem que lhes seja pedido."

42-43. Assim, questionado por Parasurama, o satisfeito e compassivo Dattatreya, que era um orador eloquente, respondeu com carinho: "ó Rama! Tu és o mais inteligente entre os sábios. Tua pergunta é muito perspicaz.

44. "Sua pergunta tem três aspectos. Responderei mais tarde. Não pode ser compreendida às pressas. Portanto, tenha paciência agora."

45. "Ao ensinar um discípulo em um momento inoportuno, ele fica confuso. Além disso, tal ensinamento produzirá o efeito contrário. O aprendizado inoportuno leva à destruição, como o tecelão de esteiras."

46-47. Ouvindo as palavras do Guru, Parasurama, o melhor do clã Bhrgu, questionou novamente: "ó Guru! O que foi que você disse? Quem é esse tecelão de esteiras? Qual é a história dele? Por que ele foi arruinado? Por favor, diga-me."

48. Questionado novamente, Dattatreya, o mais exaltado entre os sábios, respondeu: "ó Rama! Ouça a história do tecelão de esteiras, que aconteceu há algum tempo."

49-50. Na cidade de Yadu, na região de Kalinga, havia um habilidoso tecelão de esteiras chamado Kuvala, muito bem treinado nesse trabalho. Kuvala fazia esteiras com diversos desenhos e as oferecia ao rei, que ficava satisfeito com seu mérito.

51-52. O rei lhe deu muitas riquezas, com as quais ele enriqueceu. Tendo ouvido falar da grandeza dos brâmanes ao escutar textos sagrados, ele gastava o dinheiro em seu culto. Certa vez, ele estava ouvindo os textos sagrados com grande interesse.

53. 'Ali ele ouviu falar sobre o conhecimento a respeito do Eu. Ele não foi capaz de compreender esse conhecimento sutil, mesmo após ouvi-lo repetidas vezes.'

54-55. Então Kuvala encontrou-se secretamente com um brâmane sincero e lhe disse o seguinte: "ó adorável brâmane! Ouvi muitas vezes suas palavras sobre o conhecimento do Eu, que é muito profundo. Por misericórdia, conte-me ao menos uma vez a sua essência, para que eu possa compreendê-la."

56. Assim, a pedido de Kuvala, o brâmane explicou-lhe brevemente a essência do assunto. "Ó Kuvala, escute. Vou lhe contar, em poucas palavras, o conhecimento sobre o Eu."

57-58. “A essência do Vedanta é a seguinte: afastando-se dos desejos dos sentidos, permanecendo calmo, considerando todos os objetos vistos como iguais ao observador, tratando a todos igualmente, não descartando o que lhe é dado, não aspirando ao que não recebe, estando contente e destemido, você, de fato, se comportará com desapego.”

59-61. “Ao ouvir suas palavras, o confuso Kuvala (sem o devido entendimento) começou a tratar os brâmanes como seus iguais e perdeu o respeito por eles. Enriquecendo, passou a desfrutar de confortos materiais. Deixou de ouvir ensinamentos sagrados e de adorar a Deus. Sem temer o pecado, tornou-se ateu e foi à ruína.”

62. “Ó Bhargava! Essa foi a história do tecelão de esteiras que eu contei. Portanto, o conhecimento transmitido em um momento inadequado será prejudicial.”

63. Assim, o patriarca do mundo, olhando para a Terra criada por sua mente, com todas as coisas móveis e imóveis, incluindo os seres humanos.

64-66a. Brahma criou os seres humanos, Yaksas, Gandharvas, Siddhas, Vidyadharas, Kinnaras, Raksasas, Danavas, Daityas, Demônios, Espíritos, Goblins, Deuses, Manes, Senhores dos Deuses, Animais, Cavalos, Cabras, Pássaros, Animais terrestres, Criaturas do Mar, Grama, Trepadeiras, Árvores e diversas formas de moradia.

66b-68. Toda a sua criação estava sendo destruída em um instante. Vendo sua criação afundar, ele decidiu fazer ascese (penitência). Depois de muito tempo, a Mãe Suprema dirigiu-se a ele incorpórea: “ó Brahma! Deixando de lado o dever da criação que eu ordenei, por que você está fazendo penitência?”

69-70a. Ao ouvir as palavras da Devi em sua forma espacial, Brahma disse: “ó Mãe! Minha criação está afundando um instante após tomar forma. Ó Sive! Invoque Visnu para protegê-la.”

70b-72. Refletindo sobre as palavras de Brahma, Paramesvari, a encarnação transcendental do Espaço, dirigiu-se a Visnu incorpóreo: “ó Visnu! Desperte. Interrompa sua penitência e ouça-me. Você foi criado por mim com o propósito de proteção. Cumprindo minha ordem, proteja a criação de Brahma com seu poder próprio.”

73-74. Ao ouvir as palavras da Suprema Devi, Visnu, concordando com Ela e saudando-A, elevou -se para proteger o mundo. Por seu próprio poder, Hari, o senhor do yoga, protegeu completamente todo o mundo criado.

75. Dessa forma, o mundo, criado por Brahma e protegido por Visnu, cresceu como um lago cheio pela chuva torrencial.

76. O mundo estava repleto de criações que cresciam a cada dia. A terra estava repleta de criaturas que viviam na terra. O céu estava repleto de animais que se moviam no céu.

77-78. As águas estavam repletas de criaturas aquáticas. Os buracos (tocas) estavam cheios

de vermes e insetos. Da mesma forma, as montanhas estavam cobertas de árvores e arbustos. As florestas estavam superlotadas de quadrúpedes, veados e tigres. O espaço entre elas estava infestado de mosquitos e moscas.

79-80. "Quando o mundo estava tão densamente povoado, surgiu o clamor das criaturas atormentadas. O universo, repleto de vida, estava se partindo como uma romã madura, rica em sementes."

81-82a. Ao ver a situação sufocante e angustiante do mundo, Brahma, com um suspiro, voltou à penitência pelo bem do mundo.

82b-84a. Satisfeita com sua penitência, a Mãe Suprema, a Suprema Devi, alegrou Brahma com Sua voz incorpórea. “Ó Brahma! Diga-me depressa por que você está realizando penitência novamente. Sem dúvida, atenderei aos seus desejos.”

84b-86a. Assim informado, Brahma, o criador, falou à Mãe Suprema: “ó Mãe! O mundo que criei e que é protegido por Visnu, o portador da maça, está repleto de vidas e sofrimento. Ó Sankari! Dê ordens sobre o que deve ser feito a seguir.”

86b-87. Ao saber disso, a Mãe do Universo disse a Rudra, o grande Senhor: “ó Rudra! Chega de suas perguntas. Levante-se logo e, conforme minha ordem, destrua as vidas criadas por Brahma.”

88-89. Ao ouvir a voz espacial da Mãe do Universo, Pasupati saudou a Suprema Devi. Aceitando Suas ordens, ele decidiu destruir o mundo e, abrindo seu terceiro olho, reduziu o mundo inteiro a cinzas num único golpe.

90-91. Ao ver a maneira surpreendente como o mundo foi destruído, Brahma, descontente, dirigiu-se a Rudra, saudando-o com as palmas das mãos juntas. "Ó Mahesa! Pare com essa estranha destruição, que reduziu a cinzas em um instante minha criação de longa data."

92. “Portanto, faça penitência novamente para o benefício dos mundos.” Assim solicitado por Brahma, Siva recomeçou sua penitência.

93. "Então Brahma, o Senhor, preocupado com a forma de prosseguir com sua criação, criou seus criadores representantes a partir de uma porção de seu ser."

94. 'Os criadores Daksa, Kasyapa e outros criaram animais e o mundo inteiro se encheu de suas diversas criações, móveis e imóveis.'

95-96a. Então Brahma pensou na destruição gradual do mundo. Ele agradou Rudra orando a ele. Nascido de Rudra, Yama, o deus da morte, recebeu a tarefa da destruição. Brahma disse: “ó Yama! Como ordenei, destrua gradualmente a criação. Você foi criado por mim para este propósito de aniquilação.”

97-98. Ao ouvir as palavras de Brahma, Yama o saudou e disse: “ó Senhor Adorável! Por favor,

perdoe-me. Não gosto de realizar obras de destruição. As pessoas me amaldiçoarão por isso. Não me atribua uma tarefa tão cruel."

99. Mesmo após repetidos pedidos, Brahma não cedeu. Rejeitado dessa forma, Yama entregou-se à penitência.

100-101. Yama realizou penitência por dez mil anos com disciplina, permanecendo na ponta dos pés e se alimentando de folhas caídas. Então, Brahma, satisfeito, disse: "ó Yama! Estou satisfeito com sua penitência. Peça-me qualquer graça que desejar".

102-103a. Ouvindo Brahma, Yama falou, saudando com as palmas das mãos juntas. "Ó venerável Senhor! Se estiveres satisfeito comigo, não desejo a tarefa da destruição. Este é o meu pedido."

103b-104. Ao ouvir isso, Brahma disse: "ó Yama! Isso não é possível. Minha ordem anterior, para que você destrua tudo, não pode ser revogada. Peça-me imediatamente outra dádiva."

105-106. Ao ouvir isso, Yama chorou terrivelmente de medo. De seus olhos lacrimejantes jorrou uma chuva de lágrimas. Brahma a recolheu na palma da mão e a derramou sobre a terra. Disso surgiram diversas doenças.

107-108. Então Brahma disse: "ó Yama! Não se preocupe. Essas doenças foram criadas para te auxiliar. Elas atacarão primeiro, para que as pessoas não te considerem o assassino. Assim, tua missão será cumprida."

109. Satisfeito com as palavras de Brahma, Yama concordou. Dessa forma, as atividades de criação, proteção e destruição do mundo foram organizadas.

110-111a. Brahma, Hari e Pasupati, que estavam envolvidos em suas respectivas atividades e, por isso, estavam cansados, deprimidos e apáticos, aproximaram-se da Grande Devi, que é a causa primordial do Universo.

111b-114a. 'A Mahesvari transcendental, satisfeita com a trindade dos deuses, apresentou-se diante deles como uma forma composta. Ela era tricolor, tinha doze braços, dez faces, era extremamente luminosa, possuía vinte e cinco olhos, empunhando o pote de água, o rosário, os sinais da dádiva e, de forma misteriosa, a concha, a maça, o lótus, o cervo, o tridente, o machado e o crânio em suas doze mãos. Ela permeava o universo.

Nota: A forma composta — 12 braços (4 x 3), 10 faces (Brahma 4, Vishnu 1, Shiva 5), 25 olhos (Brahma 8, Vishnu 2, Shiva 15).

114-115. Ao vê-la, Brahma e os outros prostraram-se no chão. Horrorizados e com os olhos cheios de lágrimas de devoção aos seus pés, e com o ser interior em êxtase por tê-la visto, eles a louvaram abundantemente.

116. "Nós te saudamos, ó Devi! Tu concedes aos teus devotos mais do que eles desejam. Tu és

a Soberana do universo. Teu grande esplendor é infinito. Tu revelaste a variedade de universos apenas para o Teu deleite. Tu és o Brahman Transcendente. Tu és a veia vital de Paramesvara."

117. “No processo de mensurar o grupo de princípios que começa com a terra e termina com Siva, e também o grupo que começa com Kalagni e termina com Siva, e similarmente a criação móvel e estática e tudo o mais, se você, a Devi, for abandonada ou estiver ausente, seria como procurar água em uma miragem.

118. “Ó Devi! Mesmo tendo permeado todos os diferentes objetos do mundo e sempre manifestado a Tua presença, é uma grande maravilha que nossos órgãos sensoriais, como os ouvidos e a fala, ou mesmo nossa mente, que reside em um lugar mais profundo em nosso corpo, não consigam contemplar a Ti.”

119. Ó Deusa Pura! Para facilitar a compreensão da mente e dos sentidos por parte de Seus devotos, Tu, em Sua mais profunda compaixão, os favoreces. Ó Mãe, que anseia proteger o mundo, Tu te manifestas na mesma forma em que meditam os adoradores de Teus pés de lótus.

120. Ó Consorte de Siva! Com o abrir e fechar dos Seus olhos, inúmeros Universos são destruídos e criados. Para Você, com uma forma supremamente poderosa e grande poder de ilusão, é pouco que assuma diversas formas para conceder os desejos de Seus devotos.

121. “Ó Mãe! Nós, Brahma e outros, tendo sido designados por Ti, estamos continuamente envolvidos na tarefa de criar, proteger e destruir o mundo. Nessa tarefa, nos sentimos deprimidos, tendo perdido nossa força, valor e esplendor. Somente Tu, que és a Suprema, poderás nos resgatar.”

122. Assim, orando a Parambika, a Protetora do Universo, Brahma e outros narraram seu relato após saudá-la com amor e devoção.

123. 'Ao ouvir as palavras de Brahma e dos outros, a Suprema Devi, satisfeita, falou-lhes docemente e com afeto.'

124-125. “Ó Brahma, Murari e Sambhu, eu conheço a sua condição. A sua forma física está desprovida da minha presença. Por isso, vocês estão cansados das suas tarefas e perderam o brilho, a força e a potência.”

126-127. “Em breve lhe concederei auspiciosidade. Não se preocupem.” ‘Dizendo isso, a Grande Devi Tripurambika fez emanar de seu corpo três formas. Essas três, em associação com os poderes de Brahma, Visnu e Mahesa, assumiram três formas.

128-133. “Elas são Vani, Rama e Raudrani. São respectivamente brancas, vermelhas e escuras, e estão sentadas sobre o cisne, o lótus e o leão. São montanhas de beleza preciosas, com o andar de um elefante embriagado, com pés macios e vermelhos, com uma fileira de unhas cujos raios humilharam o brilho das luas, com patas dianteiras como as de uma tartaruga, com

tornozelos fortes e belos, com pernas como a aljava de Cupido, com cintura (invisível) como o espaço, cansada, com quadris pesados cobertos por um luxuoso manto de seda, com um umbigo profundo que lembra o vaso da trepadeira da beleza, com três dobras em sua barriga macia e bela, com cabelos finos, curvadas para a frente devido ao peso de seus seios, parecendo potes de rubi, com braços longos e macios como o caule das palmeiras de lótus, com pescoços em forma de concha, com lábios como cerejas maduras."

134-141. 'Bela, com fileiras de dentes como botões de jasmim, com belo nariz semelhante ao botão da flor Campaka, com o vento nas direções (quadrantes) repleto da torrente de aroma de seu hálito, com bochechas como um espelho feito de rubi, com três olhos parecidos com lírios azuis, com têmporas largas destruindo a elegância da meia-lua, com mechas de cabelo que parecem o amontoado comprimido da escuridão do universo, com cabelos cacheados que naturalmente têm a fragrância da flor Campaka, com coroa cravejada de excelentes gemas, com brincos de ouro decorados com pedras preciosas, com piercings no nariz cujo brilho está sendo roubado por Sukra (estrela), com colares cravejados de gemas embelezando os pescoços, com rostos semelhantes a lótus na ponta da haste de colares de pérolas (guirlanda), decorada com pulseiras cravejadas de gemas, ornamentos de ombro, braceletes e anéis, com vestes de seda presas por uma faixa e corda em forma de serpente, com a veemência das tornozeleiras em forma de cisne.'

142. 'A deusa da fala, Sarasvati, de tamanha beleza, com uma tonalidade como cristal puro, com três olhos, com a lua na cabeça, segurando a Vina, o Livro, símbolos de bênção e proteção em suas mãos semelhantes a lótus, brilhava como uma massa de conhecimento.'

143. 'A deusa da riqueza, Padma (Laksmi), de tamanha beleza, brilhava com um tom coral, com olhos expressivos, segurando quatro lótus em suas palmas semelhantes a lótus.'

144-145. 'Ela (Rudrani), de tamanha beleza, brilhava com um tom azul escuro como um lírio azul desabrochado, empunhando uma espada, um escudo, um tridente e uma maça em suas quatro palmas semelhantes a brotos, com uma lua crescente na ponta de sua coroa.'

146. 'Do corpo de Tripurasundari, três formas de poderosas deusas, conforme descrito, manifestaram-se num instante como faíscas de um incêndio.'

147a. Eles prestaram homenagem à Suprema Devi e então permaneceram perto Dela.

147b-148. A Grande Devi Tripurasundari falou com Brahma e outros. "Ó Brahma, Kesava e Hara! Estas três poderosas Deusas foram criadas a partir do Meu poder para o vosso benefício. Aceitem-nas nesta ordem.

149-150. "Ó Brahma! Aquela de cor coral é de um aspecto teu. Ó Hari! A Rudrani de cor azul-escura é de um aspecto teu. Ó Rudra! Bharati, com o corpo cristalino, é de um aspecto teu. Elas se tornarão famosas como irmãs dos aspectos dos quais se manifestaram."

151-152a. "A irmã de Brahma para Visnu, a irmã de Visnu para Rudra, a irmã de Rudra para

Brahma. Desta forma, aceitem-nas como suas esposas e que os casamentos lhes tragam boa sorte.”

152b-153. “Ó Brahma e demais! Por meio de tal união, com meus poderes, vocês serão felizes sem esforço e logo se tornarão aptos para todo o trabalho que realizarão para o bem do mundo.”

154-156a. Dito isso, a Grande Deusa desapareceu daquele lugar. Após seu desaparecimento, os Senhores do mundo retornaram às suas moradas acompanhados de suas respectivas consortes. Então, em um dia auspicioso, os três Senhores se casaram segundo os rituais.

156b-157. 'Ao pé do Monte Meru, que tinha dez mil yojanas de largura, Visvakarma construiu um belo salão de casamentos. Possuía milhares de pilares robustos que se elevavam a quatro yojanas.'

158-159. 'Seu dossel, semelhante ao céu, tinha desenhos astrais e uma borda com pingentes de pedras preciosas. Era belíssimo, com bandeiras de trinta yojanas de altura decoradas com safiras.'

160. 'Seus pilares de coral tinham bonecas esculpidas. O piso dourado era coberto com tapetes cravejados de pedras preciosas.'

161. 'As plataformas brilhavam com pedras preciosas. Os postes de iluminação estavam todos cravejados com nove tipos de gemas.'

162. Os arcos das entradas eram de pura esmeralda. Cada pilar era adornado com caules de bananeira decorados com pedras preciosas.

163. Havia bonecas cravejadas de pedras preciosas segurando leques cravejados de diamantes. O salão estava impregnado com o aroma de incenso, cânfora, almíscar e açafrão.

164. 'As joias preciosas nos recantos e cantos do salão brilhavam como se estivessem em chamas devido ao brilho amplificado da fileira de lâmpadas.'

165-167. Naquele salão, havia muitos pomares belíssimos, com mel doce que escorria naturalmente e atraía uma fileira de abelhas zumbindo, ao som da melodia de papagaios e cucos embriagados, com galhos de árvores tocando o chão pelo peso dos cachos de frutas. O eminente escultor criou tudo isso para o casamento.

168. Um grupo de deuses chegou lá em seus carros celestiais decorados, que enchiam os jardins e o terreno.

169. "Naquele evento auspicioso, até mesmo o espaçoso salão estava superlotado com milhares de videntes, sábios, siddhas, vidyadharas e kinnaras, seres humanos, deuses-serpente, deuses antigos e demônios."

170-171. 'O salão de casamentos estava repleto das notas musicais intensamente doces dos Gandharvas, de murmúrios agradáveis, da dança de donzelas celestiais como Rambha e outras, dançando em sincronia sinfônica, com música instrumental de vários sons que era agradável de ouvir.'

172-174a. As encantadoras damas dos deuses, demônios e homens estavam ricamente adornadas com uma variedade de ornamentos cravejados de pedras preciosas e vestidas com valiosas roupas que brilhavam com diamantes. Em um salão tão grandioso, o casamento foi realizado.

174b-176a. 'No centro daquele salão brilhante, enquanto o fogo ardia no altar decorado com joias, Sankara segurou a palma da mão de Sarvani, irmã de Visnu, semelhante a um broto, e desposou-se com ela entoando cânticos védicos.'

176b-177a. "Então, na mesma plataforma, o Supremo Narayana segurou a palma da mão em forma de lótus de Rama, a irmã de Brahma, e casou-se com Ela."

177b-179a. Então Brahma segurou a palma da mão de Vagdevi, irmã de Pasupati, e casou-se com ela. Com esse casamento auspicioso, todos os presentes naquele salão ficaram muito felizes.

179b-183. Assim, Brahma, Visnu e Mahesvara casaram-se com os três aspectos de Tripurasundari, conhecidas como Vani, Laksmi e Śivā, as mães do mundo, que destroem os pecados de seus devotos, concedem auspiciosidade e dom da fala, riqueza e conhecimento, que usam muitas joias e vestes e que brilham com suas armas junto com seus consortes. Os três grandes deuses, extremamente felizes e aliviados de suas tensões, retornaram às suas respectivas moradas e se dedicaram às suas tarefas de criação, proteção e outras funções do mundo. Eles estavam sempre imersos na adoração aos pés de lótus da Grande Devi.

184-185. 'Esta é a lenda sagrada de Tripurasundari, na qual Ela, a benfeitora de todo o universo, manifestou-se em três formas como Vani, Rama e Śivā e uniu Brahma, Visnu e Siva por meio desses aspectos.'

186. 'Essa lenda, que confere longevidade e concede os desejos, deve ser sempre ouvida pelos devotos de Tripura com domínio sobre seus sentidos.'

187-188. “Aos devotos que ouvem esta lenda, a Suprema Devi concede muito rapidamente todos os confortos materiais e, por fim, transmite o conhecimento de Paramesvara (Sambhavi Diksa) de acordo com sua devoção, concedendo-lhes finalmente o lugar mais elevado, de onde não haverá retorno ao ciclo de nascimento e morte.”

189. “Ó Parasurama! Você ouviu com atenção esta maravilhosa lenda de Tripurasundari, que traz grandes benefícios.

190. “Isso jamais deve ser dito a não devotos, ateus, fraudadores e pessoas perversas. Se for

dito a tais pessoas, a Devi ficará irada com quem o disser."

191. "Você precisa absorver e meditar sobre isso sempre. Ó Parasurama Inteligente! Diga-me, o que mais você quer ouvir?"

Fim do décimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 11

1-2. Ao ouvir uma lenda tão esplêndida sobre a tríplice manifestação de Tripurasundari, que era como o mel fresco da alegria emanado da face de lótus de Sri Dattatreya, a mente de Parasurama, maravilhada, mergulhou num oceano de néctar paradisíaco.

3-6a. Então Parasurama proferiu palavras repletas de amor e devoção: "ó Guru Dattatreya! Eu nunca tinha ouvido uma lenda tão maravilhosa como a que você narrou. Ao beber essa história ambrosíaca como um rio através dos meus ouvidos, minha sede não é saciada; pelo contrário, aumenta a cada instante, assim como o desejo de um homem lascivo ao ver uma mulher bela."

6b-7. Ó Guru! Ó Senhor da Auspiciosidade! Ó compassivo! Tu me contaste tão bem a grande, auspiciosa e purificadora lenda das três formas da Devi. Agora, conta-me a história de Gauri e das outras formas.

8. Sendo assim repetidamente solicitado, o grande sábio Dattatreya falou com palavras agradáveis, dignas e doces.

9-10a. "Ó Bhargava! Ouça a história purificadora de Gauri e das outras. Após o casamento, Gauri, Rama e Vani, Rudra e os demais se dedicaram aos seus deveres, felizes e confortavelmente.

10b-13a. Em tais mundos criados, devido à ausência de diferenças nas ações, todos os seres humanos na Terra possuíam temperamentos iguais. Disparidades como ricos, pobres ou mais felizes eram inexistentes. Não havia senhor, servo, rei ou súditos. Tudo parecia equânime, como a mente de um iogue.

13b-14a. Quando as pessoas estavam nesse estado, não havia Yajna, nem recompensa, nem doação, nem adoração. Tudo era pacífico e tranquilo.

14b-16a. Nessas condições na Terra, os deuses liderados por Indra não encontravam prazer por falta de serviços prestados pelos seres humanos. Então, Indra, o de mil olhos, junto com os outros deuses, humildemente saudou e perguntou a Brhaspati, que estava sentado na assembleia.

16b-17. "Ó sábio Brhaspati! Ó Guru! Tu és nosso preceptor. Foste escolhido pelos deuses para ser o barco que nos guia através do oceano de dificuldades. Portanto, veja o tipo de problema que estamos enfrentando agora."

18. Ouvimos nos Vedas que os seres humanos são subordinados aos deuses. Pense, como podem as palavras de Brahma ser falsas?

19. Se os seres humanos cederem à nossa estratégia, não serão independentes e ficarão sob o nosso domínio como nossos seguidores.

20. Pense rápido, como podemos alcançar isso? Você é nosso salvador nas dificuldades, como o fabricante de colírio para o cego."

21. Ao ouvir Indra, Brhaspati, o Guru, refletiu por um instante e dirigiu-se a Indra e aos outros deuses.

22-25a. "Ó Indra! Escuta com atenção o meu conselho para a realização dos desejos dos deuses. Vai logo com os teus deuses e entrega-te a Brahma, sentado no lótus, que te abençoará. Ele é o Senhor onisciente e independente da criação. Só assim conseguirás o teu bem e dissiparás o teu medo. Não há outro meio para alcançares os teus desejos."

25b-26. Ouvindo as palavras de Brhaspati, o Guru, aceitando seu conselho e saudando-o, Indra, o Senhor dos deuses, manes e guhyakas (semideuses), foi para Satyaloka, a morada de Brahma.

27-31a. Ali, Indra alcançou o pátio externo de Brahma, que tinha cem yojanas de largura, vinte yojanas de comprimento e trinta yojanas de altura. Era iluminado por pilares de diamante, e seu reflexo realçava o brilho do piso de ouro. O teto de mármore se misturava com o brilho do piso. A fileira de pérolas parecia variegada pelo contato com os três tipos de luz. Os olhos das bonecas de diamante incrustadas nos pilares brilhavam com fragmentos de mármore, pupilas semelhantes a safiras e pálpebras atraentes.

31b-34. A corte de Brahma estava repleta da fragrância de sândalo, almíscar e os diversos pós aromáticos da Caxemira. Os arcos das portas eram decorados com gemas e desenhos dourados. Os pilares eram embelezados com hastes de bananeira e bétel, e guirlandas de flores. Uma brisa suave refrescava o ambiente. No centro, erguia-se o trono de Brahma, ricamente adornado com gemas e um guarda-chuva de pérolas. Ao redor, milhares de assentos de diversos tipos se espalhavam.

35. Nesses locais se sentavam os grandes sábios como Kapila, Bhrgu, Sanaka e outros yogis.

36-39a. Esses sábios eram abanados por lindas e orgulhosas jovens, cuja beleza rivalizava com a de milhões de cupidos. Enquanto os raios de sorriso que emanavam de seus rostos, semelhantes à lua cheia, incidiam sobre as fileiras de olhos das imagens esculpidas nos pilares, os olhos gotejavam água pura continuamente, como se fossem lágrimas de alegria produzidas pela contemplação da beleza da corte.

39b-40. Ali, no trono, estava Brahma, de uma cor coral vibrante, com quatro faces graciosas, absorto em interpretar o Espírito Supremo. O Senhor dos Céus contemplou aquele grandioso Brahma.

41. Mesmo em Satyaloka, Brahma assumiu duas formas para proteger o mundo.

42. Devendra e outros deuses que se entregam aos prazeres após provarem o néctar não têm entrada na corte interior de Brahma. Somente aqueles que conquistaram os desejos dos sentidos são admitidos lá.

43. Aqueles que entrarem no círculo íntimo não serão iludidos nem cairão em níveis inferiores. Não serão escravos do desejo, da raiva e assim por diante.

44. Aqueles que sentem desejo, raiva e outros sentimentos semelhantes só podem entrar no pátio externo. Por isso, Brahma aparece em duas formas em Satyaloka.

45-46a. Naquele pátio externo, Indra, juntamente com outros deuses, viu Brahma, o Senhor do mundo, e prostrou-se à distância. Mais tarde, todos os deuses se prostraram com as palmas das mãos em prece.

46b-47. Ao vê-los, Brahma falou imediatamente: “ó subjugador do demônio Paka (ou seja, Indra)! Levante-se e junte-se aos deuses. Não tenha medo. Seus desejos serão atendidos. Diga-me depressa por que você veio aqui”.

48-51a. Ao ouvir as palavras de Brahma, Indra, o portador do raio, levantou-se junto com os outros deuses e começou a narrar sua história com as palmas das mãos em lótus unidas sobre a cabeça. “Ó Brahma! Tu és nosso refúgio em todas as nossas ações. Obedecendo às tuas ordens, governamos os três mundos. Meu domínio sobre os mundos certamente se deve a uma fração da tua graça.”

51b-52. “Além disso, meu domínio deste tipo sobre os três mundos deriva, de fato, da contemplação de ti, o Senhor. É também como o eco do trovão vindo de uma grama insignificante.”

53. “Não sou respeitado, servido, admirado, venerado, saudado ou elogiado por seres humanos.”

54. “Ó Brahma! Suas palavras anteriores, de que os seres humanos seriam subordinados aos

deuses, ainda não se cumpriram até hoje.”

55. "Os deuses me respeitam por causa do respeito que demonstram às suas palavras. Estou nesta posição como Indra por crença, e não por autoridade."

56. "Já relatei toda a minha situação detalhadamente diante de Ti. Ó Senhor! Por favor, ordena-nos os próximos passos."

57. Ao ouvir as palavras de Indra, o de mil olhos, o criador refletiu um pouco e respondeu com voz digna.

58-61. “Ó Indra! Escuta o que vou te dizer sobre o motivo pelo qual os seres humanos não te adoram. Todos dependem uns dos outros para obter ganhos egoístas. Para aquele que não tem egoísmo, o que há de proveitoso em mim, em Hari ou em Sankara? Para ele, este mundo inteiro, incluindo Isvara, é mais insignificante que um pedaço de palha. Todos dependem uns dos outros para algum ganho egoísta. Mas vocês, deuses, não têm utilidade alguma para os seres humanos. Portanto, como podem vocês, deuses que não lhes são benéficos, merecer respeito?”

62. “Portanto, vá até minha irmã, a auspiciosa Laksmi, que está sentada sobre um lótus. Agradando-a, a consorte de Visnu, alcance a prosperidade rapidamente.”

63. Ao ouvir as palavras de Brahma, Indra, o Senhor do Céu, o saudou e dirigiu-se à região do Himalaia para obter a graça de Laksmi.

Fim do décimo primeiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 12

1. Então, Indra e outros que estavam ao pé do Himalaia louvaram Padma, a consorte de Hari, perto do rio celestial Ganga.

2. “Saudações a Laksmi, à grande Devi, a Padma, saudações repetidas àquela que agrada a

Visnu, àquela que está sentada sobre o lótus.”

3. “Sua morada é o peito de Hari, você é a mais anciã entre as deusas, sua manifestação é auspiciosa, você tem olhos de lótus, você reside em um lótus, você segura o lótus. Você é a Suprema.”

4. “Ó Laksmi! Tu concedes a suprema felicidade; com Teus olhares de soslaio, destróis a angústia de Teus devotos; Tu fazes Aruna feliz; Tu és Mahalaksmi, Tu és triplamente poderosa.”

5. “Tu és o império, concedes todos os tipos de felicidade, és a Deusa das riquezas, concedes riquezas, és adorada por Kubera, és louvada nos Vedas, és o ápice da prosperidade eterna.”

6. “Tu és a aprovadora da riqueza, Tu és a Mãe de todos, Tu és a louvada Devi, Tu és Rama, Tu és a protetora, Tu és encantadora, Tu és a melhor entre as mulheres.”

7. Recitando assim os vinte e oito nomes de Laksmi, consorte de Hari e poder de Brahma, Indra e outros deuses permaneceram ali calmamente.

8. Quando os deuses, meditando sobre Ela, se renderam, Laksmi logo apareceu para agradá-los.

9-13a. Ela era radiante como o brilho combinado de infinitos relâmpagos. Tinha a cor de um lótus vermelho. Vestia uma roupa dourada. Em suas quatro mãos, semelhantes a lótus, segurava quatro lótus brilhantes de cem pétalas. Seus lábios macios superavam a cereja madura. Estava rodeada de abelhas, atraídas pela fragrância de sua boca. Seus olhos, que conferiam elegância aos lírios azuis, estendiam-se até as orelhas. Seu rosto, como a lua cheia, tinha a marca de almíscar na testa. Estava completamente adornada com joias preciosas cravejadas de pedras preciosas.

13b-14a. Ao verem Devi Rama em tal forma, os deuses, cheios de lágrimas de alegria, prostraram-se e a louvaram com vozes embargadas.

14b-16. Olhando para eles, Laksmi, com um sorriso e uma voz doce como mel, falou: “ó Indra de Mil Olhos! Ó deuses, inimigos dos demônios! Louvada por nomes secretos, eu me alegro. Podem pedir-me a dádiva que desejarem.”

17. Ao ouvirem essas palavras, Indra e os outros deuses falaram com as palmas das mãos juntas em sinal de respeito.

18. “Ó Mãe! Quando estás satisfeita, o que é impossível? Que desejo resta depois de obter o Kalpataru?”

19. “Ó Mãe! Faça com que os seres humanos se submetam a nós para que Indra seja o Senhor dos três mundos.”

20. “Ó Sive! Concede-nos uma dádiva pela qual todos os seres humanos nos sejam obedientes

e realizem sacrifícios por nossa causa."

21-22. Assim interpelada pelos deuses, a Devi falou docemente: "ó deuses! Ouçam-me. Eu sou a deusa da riqueza. A partir de hoje, aqueles seres humanos que sistematicamente adorarem Indra e outros deuses obterão a prosperidade desejada."

23. "A riqueza daqueles que negligenciam os deuses perecerá rapidamente como a água de um lago durante o verão."

25-27a. "Aqueles que me adorarem com esses 28 nomes numa sexta-feira à noite, recitarem meus cento e oito nomes, adorarem uma mulher casada com um dos meus vinte e oito nomes e oferecerem comida contendo grão-de-bico, alcançarão riqueza permanente em vinte e oito semanas."

27b-28. "Da mesma forma, sou sempre benevolente com você. Vá feliz para sua morada celestial. Seu desejo foi realizado." Dito isso, a Suprema Devi desapareceu.

29. Então, Indra e os outros deuses saudaram com devoção a direção para onde a Devi desapareceu e retornaram à sua morada com um sentimento de dever cumprido.

30-32. Após um longo período, os deuses sentados na corte celestial chamada "Sudharma", apoiados por Brhaspati, que ouvia atentamente, dirigiram-se a Indra, que estava em seu trono. "Ó Senhor dos Deuses! Ouça nossas palavras sensatas. A dádiva que Laksmi concedeu no passado não tem efeito em lugar nenhum da Terra."

33-34. "Encontramos apenas um em cada cem mil ou mil que nos é devotado. Os demais não demonstram qualquer desejo de agir. Nosso desejo ainda não foi satisfeito. Portanto, ó Indra! Reflita sobre o que seria adequado e bom para nós no futuro."

35. Refletindo sobre as palavras dos deuses, Indra curvou-se perante Brhaspati, o Guru, e falou com as palmas das mãos em prece.

36-38. "Ó Guru! Por favor, analise por que não temos sucesso. As palavras da Consorte de Hari não podem ser falsas. Então, por que os seres humanos não nos adoram devidamente? Não há nada nos três mundos que lhe seja desconhecido. Como Visnu, você realmente conhece a mente de todos. Portanto, diga-nos como alcançaremos o bem rapidamente."

39. Ao ouvir as palavras de Indra, Brhaspati fechou os olhos, meditou por um longo tempo e falou com o Senhor dos deuses.

40-42. "Ó Indra! Escuta minhas palavras que trarão prosperidade. Depois de algum tempo, sem dúvida, seus desejos serão satisfeitos. Vá novamente com o grupo de deuses até Laksmi. Agradando-a, você terá seus desejos atendidos. Não há outro meio pelo qual suas necessidades serão satisfeitas tão rapidamente. Portanto, busque refúgio sob a Grande Devi que concede proteção."

43-44. Ao ouvir as palavras de Brhaspati, o Senhor dos Céus dirigiu-se às margens do Ganga, ao pé da cordilheira do Himalaia. Ali, após banhar-se nas águas límpidas do Ganges, decidiu realizar penitência junto com os outros deuses.

45-47. Meditando sobre os pés de lótus da bela esposa de Hari e repetindo várias vezes seus vinte e oito nomes, Indra e outros deuses fizeram penitência, permanecendo na ponta dos pés pressionando o chão, com os braços erguidos, sem apoio, alimentando-se apenas de ar, com concentração, com o corpo, os olhos e a mente imóveis, parecendo ídolos esculpidos em pedra.

48. Assim, após um lapso de vinte e um meses, ó Parasurama, Devi apareceu ali, satisfeita com a sua fervorosa penitência.

49. Ao aparecer ali, a Deusa Laksmi viu Indra e outros deuses com aparência de madeira e parede, imersos em meditação, e falou.

50. "Ó Indra e deuses! Abstenham-se desta terrível penitência. 'Agradada convosco, estou aqui para conceder-lhes desejos. Digam-me o que querem. Sem dúvida alguma, concederei.'"

51-53a. Ao ouvirem as melodiosas palavras da Devi, os deuses abriram os olhos e viram a consorte de Hari, como antes, sorrindo e lançando olhares. Prostraram-se diante dela e começaram a louvá-la, com a voz indistinta e embargada pela alegria.

53b-58a. "Ó Laksmi! Tu estás sempre unida a Narayana. Saudações a Ti. Tu és o raio que ilumina a montanha de sofrimento dos devotos desamparados. Protege-nos, nós que nos submetemos a Ti. Por uma pequena fração da Tua graça, homens aleijados e cegos competem com Brahma e outros. Tu és tão Suprema que, sem Ti, Visnu, mesmo sendo o Purusa Primordial, não seria capaz de proteger o mundo. Tu és a Suprema e Poderosa Devi. Tu és a palavra e o seu significado. Tu és a essência de tudo. Tu és o poder do criador Brahma, o poder protetor de Visnu, o sustentador, o poder destrutivo de Rudra, o dissolutor. Saudações a Ti por tamanha glória."

58b-60. Assim, louvando-a, os deuses começaram a narrar sua história. "Ó Mãe! Há algum tempo, recebemos uma dádiva sua e retornamos ao céu. Essa dádiva ainda não se dissipou. Os seres humanos não nos adoram. Então, ó Grande Devi! Faça com que eles realmente nos adorem, se dediquem a nós e se submetam a nós."

61-63a. Ao ouvir as palavras dos deuses, a Devi decidiu ajudá-los e disse: "ó Deuses Poderosos! Ouçam-me. A dádiva que concedi anteriormente continua válida. Os seres humanos, devido a certas circunstâncias, são desprovidos de desejos. E daí? Que assim seja. Mesmo agora, atenderei ao seu pedido."

63b-66a. Dito isso, a Devi rapidamente criou um menino brilhante a partir de sua mente, entregou-o aos deuses e falou com eles: "este menino, chamado Kama (Cupido), é muito poderoso e certamente alcançará seus objetivos. Com a presença dele, os seres humanos realmente os obedecerão. Levem-no consigo para atingir seus desejos".

66b-67. Ao menino, ela disse: “ó Kama, meu filho! Para o benefício dos deuses, conquiste todos os seres humanos e os subjugue ao controle de Indra e dos outros deuses.” Dirigindo-se a eles dessa forma, ela desapareceu enquanto os deuses observavam.

68-71a. Então os deuses saudaram a Devi e seguiram com Kama. Ao chegarem ao céu, ofereceram-lhe toda a hospitalidade. Então, junto com os deuses, Indra, sorrindo, dirigiu-se a ele humildemente, cheio de elogios: “ó Kama! Você foi criado por Devi Rama a partir de seu ventre para o nosso bem. Mas você é apenas um menino de cinco anos. Diga-me como você pretende nos ajudar a alcançar nosso objetivo desejado.”

71b-75. Ao ouvir as palavras de Indra e interpretá-las como um insulto, Kama, com os olhos vermelhos de raiva e os lábios trêmulos, falou: “ó Indra! Não te cabe desrespeitar-me. Um leão, mesmo jovem, pode castigar um grupo de elefantes. Não sabes que uma faísca de fogo pode destruir um exército inteiro? Para uma pessoa forte, tempo ou lugar não têm importância. São apenas fenômenos naturais. Portanto, dize-me qual é o teu desejo. Ó Sakra! Verás que o realizarei num instante. O único obstáculo ao meu sucesso é o tempo que levas para me dizer isso”.

76. Ao ouvir Kama, Indra disse: “ó Kama! Não fique com raiva. O que dissemos foi para aprimorar seu potencial.

77-79. “O que foi dito por Devi Rama jamais será falso. Será a mais pura verdade. Você nasceu da mente da Suprema Devi. Nascido da consorte de Hari, nada é impossível para você. Sua tarefa é fazer com que os seres humanos nos obedeçam e nos adorem regularmente por meio de sacrifícios, pelos quais eu serei o Senhor dos três mundos. Os seres humanos devem ser governados por nós como nossos subordinados.”

80. Ao ouvir as palavras de Indra, Kama, arrogante por natureza, falou aos deuses com um sorriso e tato, agradando-os.

Fim do décimo segundo capítulo do Mahatmyakhandam do Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 13

1. “Ó Indra! Parti para alcançar o teu objetivo. Isso não é mentira. Sozinho, em breve conquistarei os seres humanos e os farei obedecer-te.”

2. Dito isso, Kama empunhou seu poderoso arco e aljava e, tomado pela fúria, devastou a terra sob o olhar atento dos deuses.

3-6a. Com a tonalidade dos filamentos de um lótus, com olhos como as pétalas de um lótus, com um rosto como um lótus, com lábios como uma cereja, com bochechas iluminadas por brincos, com uma coroa de diamantes, com um corpo delicado, com braços longos, com uma cintura bela adornada por um manto dourado, com o arco na mão esquerda e uma flecha na mão direita, com uma sobrancelha arqueada e zangada, Kama, um menino de cinco anos e alegria para os espectadores, alcançou o centro da terra.

6b-8a. Até mesmo Indra, para observar o difícil feito de Kama, prosseguiu em seu elefante Airavata, portando o raio. Outros deuses, videntes, sábios, Vidyadharas e Kinnaras observavam do céu acima de Kama.

8b-9. Então Kama, furioso, disse ao grupo de seres humanos: “ó seres humanos! Ouçam minhas ordens. Todos vocês devem adorar Indra e os outros deuses. Caso contrário, serão punidos por mim.”

10. Ao ouvirem suas palavras, as pessoas riram alto e comentaram entre si: "Ele é apenas um menino brincando como qualquer criança".

11-13a. As pessoas que contemplavam sua beleza exclamavam: "a mãe deste rapaz encantador, belo e atraente é extremamente sortuda. Nunca vimos em lugar nenhum, nem em lugar nenhum da Terra, uma criança como ele. Ele pode ser filho de um rei. Um menino assim não pode ser de nascimento humano."

13b-16. Àqueles que assim conversavam, Kama, surpreendendo os habitantes da Terra, dirigiu-se em voz alta: “ó seres humanos! Não me tomem por um menino humano comum. Sou filho da Deusa Laksmi. Por ordem dela, vim para fazer com que todos vocês obedeçam aos deuses. Os deuses não têm dúvidas de que eu os submeterei ao seu controle, seja pela conciliação ou pela força. Digam-me logo o que pensam a respeito disso.”

17-20. Ao ouvirem essas palavras, as pessoas maravilhadas falaram com ele: “ó menino! Escute-nos. Por que deveríamos obedecer aos deuses? Por que eles não deveriam nos obedecer? Assim como não precisamos de nada deles, eles também não precisam de nada de nós. Pode ir embora. Nosso senhor é o famoso Viravrata, que é um ser humano e reside em Brahmavarta. Somos seus cidadãos obedientes e ele é nosso governante. Estando sob seu domínio, não podemos obedecer às suas ordens.”

21. Enquanto o povo falava, o valente Kama, com olhos vermelhos e furiosos, prendeu aqueles

seres humanos com uma saraivada de mísseis.

22. Entretanto, ao ouvirem a notícia uns dos outros, milhões de reis chegaram ao local portando armas em punho.

23. Ao vê-los, Kama, novamente tomado por uma fúria ardente, manteve-se firme, colocando uma flecha em seu arco.

24-26a. Ao verem aquele belo rapaz com sua maravilhosa bravura, os reis falaram com ele com arrogância: “ó rapaz! Não se destrua como uma mariposa, entrando em contato com a fúria da nossa ira. Sem nenhum ganho você estará causando tristeza à sua mãe com sua autodestruição.”

26b-30a. Ao ouvir aquelas palavras dolorosas, Kama, cego de raiva, não conseguia ver nada. Então, logo superando a raiva, dirigiu-se aos reis: “é inútil chamar meninos de jovens. Um menino não é jovem por causa da sua idade. Os sábios chamam os fracos e os tolos de meninos. Portanto, mostrem sem demora a sua potência e a força dos seus mísseis. Depois disso, em breve, com o poder dos meus mísseis, derrubarei a sua fama. Parem com essa conversa inútil.”

32b-34a. Ao avistar a chuva de mísseis que se aproximava, Kama, de rápida bravura e sozinho, destruiu todos os mísseis num instante, lançando mísseis de resposta. Enquanto as armas dos reis eram cortadas em oito pedaços, Kama parecia o Sol, libertado da névoa de armas.

34b-35a. Ao presenciarem isso, Indra e outros o elogiaram dizendo: "muito bem, muito bem" e, ao som de tambores, lançaram uma chuva de flores.

35b-40. Rapidamente, Kama torturou cada um deles com três flechas, das quais restou apenas o nome. A terra ficou coberta com seus membros decepados, cabeças, cinturas e estômagos. Um rio de sangue quente, onde os cabelos e nervos pareciam musgo, os milhares de dedos, peixes, os inúmeros crânios flutuantes, demônios, os corvos, cisnes, as armas, marés velozes, espumavam intensamente, criando centenas de vórtices que faziam tremer repetidamente os corações dos covardes.

40b-41a. Ao presenciarem tamanha bravura e infalibilidade de Kama, Indra e os demais deuses declararam que seu desejo havia sido realizado.

41b-43. Entretanto, os mensageiros, tendo tomado conhecimento da destruição do reino, chegaram a Brahmavarta para relatar o ocorrido a Viravrata. Ao entrarem na capital, disseram aos guardiões do portão: "avisem-nos depressa ao grande rei. Há um trabalho muito importante a tratar. Não nos atrasem."

44-45. Ao ouvir as palavras dos mensageiros, o porteiro levantou-se rapidamente e informou o chefe. Ouvindo isso, o chefe dirigiu-se ao rei e, com as palmas das mãos juntas em sinal de respeito, saudou-o.

46-48a. O rei, cercado por seus ministros, cidadãos, príncipes tributários, mensageiros de países distantes, guarda-costas e seus líderes, todos fortes o suficiente para destruir os inimigos com as espadas afiadas e brilhantes que empunhavam, estava sentado no trono como um leão no topo de um pico dourado.

48b-49. Ó Grande Rei, que dissipaste as trevas chamadas inimigas pelo Sol que chamaste a tua fama! Os mensageiros do norte trazem-te um assunto urgente. Seguirei as ordens do Senhor.

50. Ao ouvir as palavras do chefe dos porteiros, Vardhana, o mais importante entre os ministros que conhecia os pensamentos do rei, disse: "tragam-nos depressa".

51. Assim ordenado, o chefe dos porteiros os conduziu ao rei. Os mensageiros saudaram o rei à distância e permaneceram de pé com as mãos juntas em sinal de respeito.

52-53. Vardhana, o favorito do rei e a quem ele tinha grande carinho, falou com eles: “ó mensageiros! Está tudo em paz em nosso reino, território e tesouro? Levem esta mensagem urgente aos pés do rei”.

54-58a. Ao ouvirem isso, os mensageiros saudaram novamente e, com as mãos unidas como lótus, relataram: “ó Senhor! Tua fama, que cresce a cada instante como a lua em seu quarto crescente, ultrapassou as distantes Montanhas Lokaloka. Perto do Himalaia, um menino brilhante como o sol matou todos os reis em uma grande batalha. Ele capturou todos os teus governantes subordinados. O país está inundado. Sozinho, aquele menino de cinco anos, com olhos e membros como um lótus, matou em pouco tempo milhões de reis. O que mais devemos fazer?”

58b-59. Ao ouvir essa notícia, o rei Viravrata levantou-se, pegou o arco e a flecha que estavam ao seu lado e dirigiu-se para o norte.

60. Então Vardhana, o eminente orador, dirigiu-se rapidamente à presença do rei e, curvando-se diante dele, proferiu palavras que destilavam ambrosia.

61-62. Ó Senhor Adorável! Com licença. A prosperidade segue aquele que pensa bem e age. O sofrimento se afasta. Um rei deve deliberar com seus ministros e analisar por si mesmo o curso de ação final.

63-65. Assim, atendendo repetidamente ao pedido do ministro, o rei, demonstrando respeito e consideração por seu sábio ministro, dirigiu-se à corte. Então, Vardhana fez com que os membros da corte, os líderes do exército de quinze Aksauhini, que haviam partido à frente do rei, retornassem. Após retornarem à assembleia, adornados com muitos diamantes, ocuparam seus respectivos lugares junto ao rei.

66-68a. Então Vardhana acalmou o rei e disse: “ó Grande Rei! Ouça-me com calma. Os reis que seguem o caminho da justiça serão felizes. Aquele que age após uma análise adequada é apreciado. Portanto, sugiro que o rei discuta cuidadosamente com os ministros antes de agir.”

68b-71a. “As regras de administração falam de estratégias como conciliação, suborno, semear a discórdia e punição. Se a primeira falhar, os outros métodos devem ser seguidos sucessivamente. Agora, discutindo com os ministros, a estratégia deve ser decidida. Em tempos de emergência, tal consulta não é necessária. Mas se forem vistos impedimentos, a discussão é aconselhável. Portanto, agora você deve discutir com os ministros e então prosseguir.”

71b-73. Ao ouvir essas palavras, o rei olhou para os ministros. Compreendendo a intenção do rei, os ministros expressaram individualmente suas opiniões. Um recomendou a conciliação, outro o suborno, outro ainda a estratégia da discórdia. O quarto defendia a punição. Ouvindo tantas opiniões divergentes, o rei permaneceu em silêncio e então voltou seu olhar para Vardhana.

74-86. Então Vardhana se levantou, saudou o rei e disse: “ó Rei! A opinião de outros ministros, baseada em suas considerações individuais, pode estar correta. Mas precisamos considerar a situação real. Quando ambos os lados têm forças iguais, a conciliação é adequada. Quando o inimigo é mais forte, a conciliação também funciona. Por outro lado, se o inimigo, sendo fraco, busca o auxílio de um grupo mais forte, então a estratégia de suborno para dividi-los é útil. Se não houver espaço para isso, devemos adotar o método da dissensão com a ajuda de pessoas diplomáticas. Se tais pessoas não existirem, as duas primeiras estratégias, ou seja, conciliação e suborno, devem ser usadas. O quarto método deve ser adotado se os outros três métodos forem ineficazes. Um rei que adota a punição onde a conciliação é possível encontra problemas e arruína seu próprio sucesso. Na realidade, como Kama não está lutando por ganho próprio, as duas primeiras estratégias serão inúteis. Além disso, como Kama está lutando sozinho, a terceira estratégia não tem lugar. Portanto, devemos recorrer ao quarto caminho, a conciliação.” Se for esse o caso, temos que pensar nas consequências. Caso contrário, pensaremos que Kama é apenas um menino de cinco anos e que todos os reis foram derrotados por ele. Além disso, ele está lutando pelo bem dos deuses. Isso acarreta sérias consequências. Poderíamos tê-lo subornado se ele quisesse conquistar o reino. Como isso não é possível, usar nossa força é a alternativa restante. Devemos lembrar que, sozinho, ele destruiu milhões de reis poderosos, o que significa que ele tem força divina e não espera nenhum ganho dos mortais. Portanto, ó Rei! Sirva e adore a divindade de sua família, o grande Deus Mahadeva, que empunha o arco Pindka, e alcance seus desejos por meio de Sua graça. Não consigo pensar em nenhum outro plano. Os reis preferem lutar contra inimigos de força inferior.

87. “Ó Rei! Portanto, podes discutir com os outros membros da corte as minhas humildes palavras e decidir sobre um curso de ação bem-sucedido”

88. Ao ouvirem as opiniões de Vardhana, que foram as melhores entre as apresentadas, os membros do tribunal e os ministros disseram com carinho: "muito bem dito, muito bem dito".

89. Ao ouvir isso, o rei inteligente decidiu apaziguar sistematicamente o Senhor Mahadeva de

acordo com as palavras de Vardhana e com o consentimento dos brâmanes e gurus.

Fim do décimo terceiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 14

1. Então o rei, entregando a administração aos ministros, decidiu realizar penitência nas margens solitárias de um rio em uma floresta auspiciosa.

2. "Enquanto meditava em Candrasekhara, o Senhor do Universo, ele se desvinculou das sensações externas."

3-6a. Assim, o rei, que vivia apenas de água, serviu Mahesvara por cinco dias com total dedicação. Depois, nos três dias seguintes, sem comida, sem apoio, com os braços erguidos, com controle sobre os sentidos e a mente, meditou nos pés de lótus de Siva e tornou-se alheio aos acontecimentos externos e internos. Ao entardecer do oitavo dia, o Senhor Universal apareceu para atender ao desejo de Seu devoto.

6b-13. A estátua de Siva, da cor de cristal de quartzo, estava sentada em uma sela coberta com pele macia de veado e decorada com diversas gemas coloridas e cachos de pérolas, encaixada no ombro de um touro que lembrava nuvens de outono. Ele brilhava com mechas de cabelo emaranhado e a lua crescente sobre elas. De três olhos, com serpentes como brincos, com cinco faces como lótus em plena floração, com um rosto agradável semelhante à lua, com as bochechas iluminadas pelas gemas nas cabeças das serpentes que usava nas orelhas, empunhando em suas quatro mãos o tridente, o crânio, o cervo e o machado, com uma serpente como seu fio sagrado, com guirlandas de contas de Rudraksa, envolto em pele de tigre, com pele de elefante como cobertura superior, belamente decorado com serpentes como ornamentos, com Rudrani sentada em sua encantadora coxa esquerda, parecendo um oceano de misericórdia, coberto de cinzas por todo o corpo, cercado por assistentes recitando os hinos Sata-rudra, Ele, o Grande Deus, o Supremo, apareceu diante do rei.

14. Ao ver o rei imerso em meditação, o Senhor Siva dirigiu-se a ele com doçura e compaixão.

15-18. Então, com o alvoroço dos atendentes de Siva, o rei se emocionou e abriu os olhos.

Diante dele, viu Mahadeva com Devi Ambika e sua comitiva. Com as mãos postas em prece sobre a cabeça, prostrou-se no chão. Estava exultante com a alegria festiva que emanava da visão de Siva. Seu peito se encheu de lágrimas de alegria. Ele saudou Siva repetidas vezes e começou a louvá-lo.

19. Ó Sankara! Ó Oceano de Compaixão! Protetor dos devotos, Protetor do Universo! Castigador dos ímpios! Teus pés de lótus estão fora do alcance até mesmo dos grandes deuses. Hoje, contemplo Teus pés de lótus, que recompensam a todos, com meus olhos puros. Ó Senhor do Universo! Portanto, não há ninguém além de mim nesta Terra que seja mais abençoado.

20. “O nascimento humano é raro devido às boas ações praticadas em vidas passadas, e um corpo forte, olhos saudáveis e uma mente pura são ainda mais raros. Sendo assim, ignorando-Te, o oceano de Compaixão, as pessoas se dedicam a outras buscas materiais. Tais pessoas, que convidam à autodestruição, são desprezíveis.”

21. "Aquele que dedica seu tempo a servir os Seus pés com as mãos, a cantar a Sua glória com a fala, a contemplar a Sua forma auspiciosa com os olhos, a meditar sobre a Sua realidade com a mente, a ouvir os Seus feitos históricos com os ouvidos e a circundar o Seu santuário, é o mais afortunado deste mundo."

22. “Ó Sambhu! Ó Senhor! Para aquele que serviu aos Teus pés, mesmo que por um segundo, quando a soberania dos céus é como palha, o que se pode dizer das riquezas terrenas? Mesmo assim, aquilo a que almejo é tão insignificante que os sábios ririam disso para sempre.”

23. “Portanto, ó Senhor dos Deuses! Extirpa meu amor pelos assuntos mundanos. Nesta terra, as pessoas, mesmo sabendo que o desejo sensual é a causa essencial da angústia, sempre o desejam, provavelmente iludidas pelo Teu poder de ilusão. Ó Siva! Lança Teu olhar compassivo sobre mim, que sou indefeso, que não tenho outro refúgio e que Te saúdo.”

24. Assim, louvando abundantemente o Senhor Sankara, o Protetor do mundo, o rei, cujo ser interior estava agitado pelo amor divino, prostrou-se no chão.

25. Então Siva, o Senhor, desceu do touro junto com Gauri, aproximou-se do rei, tocou sua cabeça e lhe dirigiu belas palavras de amor.

26. “Meu filho! Levante-se. Depressa, diga-me qual é o seu maior desejo. Não há nada no mundo que um devoto meu não possa obter.”

27-29. Ao ouvir as palavras do Senhor Siva, o rei, estupefato pelo ascetismo após contemplar os pés de Siva, levantou-se com as palmas das mãos em prece e disse: “ó Mahadeva! Se desejas conceder-me agora a minha dádiva mais preciosa, então liberta-me dos meus apegos mundanos. Não desejo absolutamente nada além de servir aos Teus pés. Se estiveres cheio de misericórdia para comigo, leva-me até Ti.”

30-32a. Ao ouvir as palavras do rei, Sambhu falou sorrindo: “meu filho. Você alcançará Minha

morada no fim. Mas agora vá e conquiste o inexpugnável Kama. Talvez não haja ninguém além de Mim na Terra ou no céu que o tenha vencido. Portanto, proteja seus súditos com justiça, derrotando Kama."

32b-36a. Ao ouvir as palavras de Sankara, o rei prostrou-se no chão e disse ao Grande Senhor Mahesa: "ó Senhor! Eu não quero o que me disseste. Abençoa-me com a grande oportunidade de servir aos Teus pés. Que eu não seja o senhor dos três mundos. O título de imperador não precisa ser mencionado. Ó Deus! Tu me disseste que atenderás aos meus desejos. Como podes mudar essas palavras? Eu não quero a vitória sobre o meu inimigo. Se eu não conseguir um lugar perto de Ti, continuarei minha penitência em vez de obter dádivas inúteis."

36b-41a. Ao ouvir as palavras do rei, Mahesvara falou novamente: "ó rei! Escute. Para começar, você fez penitência para conquistar Kama. Portanto, ela não será em vão. Se antes você tivesse feito tapas para chegar à Minha morada, teria obtido esse resultado primeiro. Sua contemplação não seria inútil. Portanto, o que eu disse não deixará de produzir resultados. Então vá e conquiste Kama na batalha e torne-se o imperador. Ao final de sua vida, você Me compreenderá e Me alcançará. Pela Minha graça, sua mente estará livre da ignorância." Depois de dizer isso, Sambhu desapareceu enquanto o rei observava.

41b-45a. Então o rei, saudando Mahadeva com devoção, tornou-se verdadeiramente purificado interiormente ao respeitar as ordens de Siva. Enquanto isso, Kama, após capturar todos os habitantes da Terra, chegou a Brahmavarta. Lá, as pessoas que estavam do lado de fora, ao verem o jovem Kama imerso em uma profusão de beleza, fixaram o olhar nele, esquecendo-se de suas casas e de si mesmas. Arrebatadas pela beleza de seus diversos membros, nos quais haviam concentrado a atenção, as pessoas permaneceram imóveis como bonecos de madeira sem vida.

45b-46. Então Kama, com os olhos vermelhos de raiva, falou aos cidadãos: "ó povo! Digam ao seu rei que cheguei perto da sua cidade. Que ele escolha entre me obedecer ou lutar comigo."

47-52a. Ao ouvirem as palavras surpreendentes de Kama e reconhecerem-no como o mesmo menino de extrema bravura de quem já tinham ouvido falar, todos os cidadãos começaram a fugir, chorando e chamando por seus filhos, mães, irmãos e amigos. Seus gritos de "fujam! Vão embora!" ecoavam por toda parte. Ao ouvirem o clamor crescente, todos os cidadãos, incluindo mulheres, crianças e idosos, correram em todas as direções, alertando uns aos outros. Assim, num instante, a cidade parecia um oceano invadindo suas margens. Com o alvoroço do povo, a cidade foi sacudida. Aos milhares, os guardas da fortaleza, os guerreiros e os chefes do exército, com suas armas em punho, subiram em suas carruagens.

52b-54. Entretanto, o valente chefe do exército, Sudhrti, posicionou as tropas nos arredores da cidade e colocou guardas em todos os portões, em ordem crescente de importância, começando pelo leste. Ele também posicionou tropas de soldados muito fortes nos cantos da cidade e rapidamente se dirigiu, em um veículo, à residência de Vardhana.

55-57a. Entretanto, Vardhana designou guarda-costas para proteger os aposentos internos e enviou mensageiros rápidos para informar o rei. Cercado por ministros, ele saiu de casa após enviar uma mensagem aos filhos do rei sobre a chegada de Kama. Ao sair, avistou Sudhrti.

57b-60. O chefe do exército, Sudhrti, aproximando-se de Vardhana, saudou-o e disse: “ó Vardhana! Ouça-me. Enviei o exército e seus líderes para deter Kama. Os portões estão guardados. Tropas estão posicionadas em todos os cantos. Todos os cidadãos que estavam fugindo foram trazidos de volta. Daqui, irei buscar Satrunjaya e os outros filhos do rei e, liderados por eles, partirei rapidamente para o campo de batalha.”

61. Enquanto Sudhrti falava, os filhos do rei, que eram extremamente brilhantes, partiram com seus respectivos exércitos.

62-64. Os quatro filhos do rei, chamados Satrunjaya, Satruha, Bhima e Samaratapana, eram tão valentes quanto Indra, usavam trajes de guerra e eram adornados com coroas, brincos e outros ornamentos, empunhavam armas semelhantes a raios, eram hábeis no manuseio de diversos projéteis, viajavam em carruagens brilhantes como sóis e eram montados em belos cavalos saudáveis, sendo frequentemente aplaudidos e louvados por panegiristas.

65. Sudhrti os alcançou e, após saudá-los, passou à frente dos filhos do rei, que estavam montados em um elefante, e abriu caminho.

66-67a. O Vardhana, o benfeitor do reino, o filho do rei disse: "proteja a cidade com soldados alertas e enviando notícias por mensageiros à cidade, que possui muitas câmaras internas."

67b-70. Ouvindo e acolhendo bem as palavras do filho do rei, Vardhana, o melhor entre os oradores, falou com propriedade naquele momento. “Ó filho afortunado do Rei! Avance para a batalha junto com o exército. Por sua graça, não haverá nenhuma falha no cumprimento do dever na cidade enquanto eu viver. Saiba também que os preparativos para a guerra foram feitos. Você deve, com a ajuda dos soldados, lutar com cautela.”

71. Naquela época, o radiante e puro Vidyapati, sacerdote da linhagem, chegou lá cercado por uma multidão de brâmanes.

72. Ao vê-lo, os filhos do rei descem das carruagens, saudaram o Guru e os brâmanes e permaneceram em pé com reverência.

73-74a. Então, juntamente com os brâmanes, Vidyapati os abençoou, marcou suas testas com unguentos auspiciosos, acariciou seus membros e invocou proteção com cânticos contendo os nomes da divindade.

74b-78. Que o portador do Tridente, Siva de três olhos, proteja você pela frente. Pinaki por trás, Mahesvara com seu laço em seus flancos, Aquele com seus cabelos emaranhados em sua cabeça, suas mãos, Aquele que é adornado com serpentes, sua cintura, Aquele envolto em pele de elefante. Seu estômago, o portador de Rudraksa; Aquele com o olho de fogo destrutivo, seu

peito; suas pernas, o Portador do crânio; Aquele com o sol e a lua como olhos, sua coluna vertebral; Aquele que traz auspiciosidade, todo o seu corpo. Assim, invocando proteção ao ungir-se com cinzas e desejando o bem a todos, e fazendo com que oferecessem uma variedade de grandes presentes, Vidyapati retornou com os brâmanes enquanto os filhos do rei o saudavam.

79-83. Então o povo fez brados de vitória que ecoaram até o céu. Os guerreiros rugindo, os soldados tocando conchas, os tocadores de tímpanos, tambores e trombetas avançaram cercando os filhos do rei. O relincho dos cavalos, o som estrondoso dos valentes, o bramido dos elefantes, o som das carruagens, a vibração das cordas dos arcos, o som das palmas nos ombros e os alaridos se uniram, rasgando o céu. Então o poderoso exército, como um oceano caudaloso, avançou dos portões da cidade, quebrando os corações dos pusilânimes e criando outro oceano no meio da terra.

Fim do décimo quarto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 15

1-4a. Então Sudhrti dividiu estrategicamente aquele enorme exército. Posicionou o filho do rei, Satrunjaya, no centro, junto com dez soldados Aksauhini. Na frente, ele próprio, montado em um elefante, posicionou-se com vinte soldados Aksauhini, cercado por líderes militares. À sua esquerda, posicionou Satruhana com vinte soldados Aksauhini. Da mesma forma, à sua direita, posicionou Bhima com vinte soldados Aksauhini. Na retaguarda, Samaratapana foi posicionado com vinte soldados Aksauhini.

4b-8a. Atrás, um exército de força inumerável, composto por grandes e valentes soldados, iguais a leões, que jamais haviam recuado em qualquer batalha e que empunhavam lanças e escudos, estava pronto para lutar. Havia tantos soldados com lanças e discos à esquerda quanto com maças à direita. Sudhrti, dividindo assim o exército e informando o filho do rei, estava à frente, montado em um elefante. Levando consigo o enorme exército, ele avançou em direção a Kama.

8b-12. Naquele momento, Narada surgiu diante de Indra, que estava sentado em Iravata. Indra o viu, brilhante como uma montanha prateada, vestindo pele de veado, coberta de cinzas, que pairava no céu como uma nuvem outonal com pouca água, que chegara com a velocidade do vento para trazer a chuva de notícias e presenciar a batalha de Kama. Então, Indra desmontou do elefante e o reverenciou devidamente, tocando seus pés, e permaneceu diante dele. Em seguida, Narada dirigiu-se a Indra.

13-18a. “Ó Indra! Estás vendo o enorme exército bem preparado do rei, que é como um oceano sem fim? Como Kama, sozinho, pode alcançar o objetivo desejado? Mesmo que seja extremamente difícil, será possível para ele pelo poder de Devi Laksmi. Não devemos julgar a bravura pela aparência, pois a bravura é uma propriedade da semente. Uma pedra na base de uma figueira-de-bengala, mesmo que grande, não pode brotar galhos e folhas. Mesmo assim, o exército do rei é incontável e Kama está sozinho. Parece incongruente. Portanto, vá com seu grupo e apoie Kama, agradando-o e também à deusa Laksmi. Caso contrário, Sri Laksmi, a Mãe Universal, ficará zangada com vocês por sua negligência.”

18b-20a. Então, ouvindo as palavras sábias de Narada, Indra, pensando que estava certo, decidiu prosseguir. Saudando o sábio divino, chegou a Kama acompanhado pelo exército celestial, os Maruts e outros.

20b-24a. Ao ver a chegada de Indra com os deuses, Kama ficou feliz e se sentiu reverenciado, e falou com Indra: “ó Indra! Veja o enorme exército, semelhante a um oceano, que causa medo nos corações dos fracos; que é adornado com diversas bandeiras que tremulam à frente de carros velozes; que tem elefantes como montanhas azuis com rios de sangue celeste cobertos por mantos vermelhos e metais forjados nas montanhas, com cavalos que parecem ondas brilhantes e que o cercam completamente.”

24b-25. Ao ouvir Kama, Indra disse: "ó Kama! Como podes lutar sozinho contra esse exército terrível que se espalhou por toda parte e tem muitos soldados fortes?"

26-28. Ao ouvir suas palavras, Kama, com os olhos vermelhos de fúria, disse: “ó Indra! Nunca proferi uma mentira antes. Diante dos seus olhos, destruirei este exército em meio minuto. Não duvide. Estou falando a verdade. Ó Senhor dos deuses! A demora será apenas o tempo que o exército levar para chegar perto de mim.”

29. Ao ouvirem suas palavras, os deuses liderados por Indra ficaram surpresos e veneraram Kama com palavras de apreço.

30-32a. Entretanto, o exército havia chegado perto de Kama. Vendo aquele enorme exército, Kama, empunhando seu arco retorcido, avançou. Assim que Kama prosseguiu, Indra, acompanhado de outros deuses, cercou-o por todos os lados e foi à frente para lutar naquela vasta terra.

32b-34. Quando os dois exércitos se encontraram frente a frente, um grande estrondo surgiu,

produzido pelos instrumentos de guerra como tambores, trombetas, cornetas e búzios. O rugido dos soldados, misturado ao som dos eixos das bigas, era mutuamente assustador. Os dois exércitos começaram a disparar projéteis uns contra os outros.

35-36. Uma guerra entre deuses e homens teve início. Ali, valentes e temíveis guerreiros, de porte atlético e força de leão, habilidosos no uso de projéteis, lutaram com armas e veículos à altura.

37-40. A luta era sistemática entre homens e deuses, onde os condutores de carros de guerra, os que estavam em elefantes, os cavaleiros, os soldados a pé, os que portavam arcos, maças, espadas, lanças, projéteis, machados, varas e tridentes lutavam contra guerreiros adversários que possuíam veículos e armas semelhantes.

41-43a. Uma guerra justa prosseguiu por um tempo, de forma constante e tranquila, com ambos os lados buscando a vitória. Buscando uma brecha no inimigo, alguns chegavam a largar suas armas. Então, a guerra se tornou ruidosa, temerosa e horripilante.

43b-46. Os soldados de ambos os lados, com as sobrancelhas franzidas, se encararam, proferindo palavras raivosas: “se você ficar na minha frente, eu o matarei. Não há ninguém para salvá-lo. Eu o enviarei para a morada de Yama. Que vergonha para você, inculto, que fala demais em vão. Brahma decidiu que devo acabar com a sua vida. Vou matá-lo. Você não pode fugir.”

47. Com uma guerra tão terrível em curso, todos, cegos pela raiva, deixaram de se reconhecer.

48. Então deuses lutaram contra deuses. Humanos lutaram contra humanos. A poeira levantada pela agitação do exército envolveu o céu.

49-50. Atingidos pela chuva de armas, tudo ficou às escuras. Mesmo assim, cegos de raiva e incapazes de discernir, mataram seus próprios soldados. Em sua fúria, não conseguiam enxergar nem a terra, nem o céu, nem as direções.

51. Sem saber do dia, da noite, do eu, da guerra e das armas, eles se mataram com a intenção de atacar.

52-53. Naquela época, Jayanta, filho de Indra, chegou lá com raiva cavalgando no elefante, filho de Airavata. Ele enfrentou Sudhrti com um enorme exército celestial. Eles lutaram ferozmente por um tempo.

54-57. Em seguida, o exército de deuses, que enfrentou a vanguarda do exército de Sudhrti, foi destruído. Suas pernas, cabeças, mãos, lados, olhos, orelhas e narizes foram cortados. O grupo de deuses perdendo suas vidas caiu no chão. Alguns estavam totalmente mortos e alguns quase mortos. Alguns outros ficaram inconscientes. Alguns outros por medo fingiam estar mortos com os olhos fechados, controlando a respiração com dificuldade. Eles não estavam lançando nem um olhar de lado para o forte inimigo que estava longe e respiraram lentamente.

58-59. Vendo tal guerra, alguns outros fugiram por medo. Observando o exército do deus derrotado assim, o grupo de Vasus liderado por Savitra começou a destruir rapidamente o exército de Sudhrti que era enorme como um oceano ondulante.

60. Ser morto pelos Vasus, o poderoso exército de Sudhrti, foi rapidamente arruinado como o grupo de nuvens por um vento rápido.

61. Alguns foram divididos em dois. As pernas e as mãos de alguns foram cortadas. Alguns perderam metade do corpo. Alguns foram pulverizados como sementes de gengibre.

62-63. Vendo tal condição, outros fugiram com medo. Incapazes de atravessar o rio de sangue, correram o helter-skelter e espancados severamente pelos Vasus caíram no oceano de sangue sem encontrar nenhum abrigo.

64-66. Alguns se afogaram naquele vasto rio de sangue. Alguns que estavam sempre se debatendo e flutuando estavam tentando nadar. Alguns desejosos de viver agarraram elefantes mortos como se fossem uma ilha e navegaram para longe. Alguns cruzaram segurando a roda de uma carruagem. Alguns outros cruzaram o rio de sangue com a ajuda de cavalos e carruagens.

67-68. Vendo a derrota do exército, o jovem valente adamantino Ranadhira, filho de Sudhrti, enfrentou os Vasus em sua carruagem e enfureceu seu arco com ouro e pedras preciosas.

69-70. Então ele se dirigiu em voz alta a seus soldados que estavam fugindo, assim: “volte, volte. Não é certo de sua parte fugir. A justiça, a riqueza e a fama descartam a pessoa que recuou da guerra. A expiação pela dívida do mestre está oferecendo sua vida na batalha.”

71-73. Dito isto, ele se aproximou do grupo de Vasus e falou. "Que vergonha, que está perseguindo e atacando com armas, os fracos e os desencorajados. Chega disso. Olhe para mim que está na sua frente. Perseguir o covarde é reprovado pelos fortes. Mostre-me rapidamente sua força que verei. Então, logo farei você feliz pelo meu valor todos os dias.”

74-75. Ouvindo as palavras pronunciadas por Ranadhira, os Vasus o cercava simultaneamente como uma flor pelas abelhas. Mesmo então, Ranadhira, que estava entre os Vasus, sentado em sua carruagem, era firme como a montanha Meru cercada por montanhas menores.

76. Em seguida, os Vasus deram uma seta para ele de todas as direções. Da mesma forma, eles derramaram tacos, lanças, espadas de dois gumes, dardos farpados, flechas e espadas nele.

77-78. Vendo o filho de Sudhrti se afogar nos mísseis dos Vasus, os soldados parados à distância o consideraram morto. Eles ficaram tristes porque ninguém foi capaz de soltá-lo que era como um jovem elefante cercado por leões.

79-80. Então, instantaneamente, o habilidoso filho de Sudhrti quebrou todos os mísseis em oito

pedaços cada e os atingiu com três flechas afiadas. Ver seus maravilhosos deuses e homens de valor o elogiou com gritos de apreço.

81. Em seguida, os Vasus formando um círculo despejaram variedades de mísseis. O filho de Sudhrti os destruiu rapidamente por mísseis de combate adequados.

82. Sozinho, ele lutou severamente com os oito Vasus, girando como uma roda e a luta durou um tempo.

83. Girando como um vórtice, ele lutou na frente de todos os guerreiros. Ele perfurou o peito deles individualmente com flechas afiadas.

84. Ele cortou as bandeiras, uma a uma, e os quatro cavalos por quatro flechas. Então, com grande velocidade, ele cortou as cabeças dos cocheiros com suas flechas especiais.

85-87a. Então, com uma espada afiada, ele feriu os Vasus em seu peito. Os Vasus estavam com grandes problemas com suas bandeiras, cavalos e cocheiros destruídos e caíram no chão inconscientes como árvores desenraizadas. Vendo os derrotados Vasus, o lamento alto surgiu no exército dos deuses. No exército de homens, gritos de vitória foram ouvidos.

87b-88. Enquanto isso, um dos Vasus pelo nome Savitra acordou e atacou. Ranadhira com três flechas extremamente afiadas e rugiu diante dos outros Vasus.

89-90. Atingido pelas flechas de Savitra, o furioso Ranadhira cortou a proa segurada por Savitra com uma flecha de meia-lua. Com seu arco destruído Savitra com sua enorme maça, inconscientes os cavalos de Ranadhira e jogaram a maça de ferro no peito de Ranadhira.

91. O habilidoso Ranadhira se dividiu em três pedaços no espaço, a maça que se aproximava dele como um raio altamente feroz.

92-94a. Em seguida, segurando uma espada muito afiada e um lindo escudo, Savitra pulou na carruagem de Ranadhira e quebrou o arco e perfurou o cocheiro com uma lança e cortou a cabeça com raiva com a coroa.

94b-96a. Ranadhira, o queimador dos inimigos, enfurecido por ter perdido seu arco e cocheiro, pegou sua espada e escudo. Savitra com grande velocidade os quebrou imediatamente. Além disso, ele destruiu rapidamente a maça, a lança e o tridente de Ranadhira.

96b-98. Vendo a destreza da espada de Savitra, Indra o elogiou. Então Ranadhira enfureceu o peito de Savitra com seu forte punho semelhante a um raio e rugiu na Grande Batalha. Com aquele Savitra, que ficou um pouco inconsciente, moveu-se a um metro e meio de distância.

99-101. Mais uma vez, o forte Savitra deu um golpe em Ranadhira. Enquanto isso, Ranadhira arrebatou a espada de Savitra e quebrou sua haste. Isso foi realmente uma maravilha. Em seguida, ambos lutaram com os punhos. Depois de um tempo, Ranadhira pulando no ar empurrou Savitra no chão e, sentado em seu peito, atingiu-o na cabeça.

102-104. Atingido pelo punho, Savitra caiu vomitando sangue. Percebendo que Savitra estava inconsciente como um elefante atacado por um leão, Indra enviou Jayanta para seu resgate. Jayanta, com engano, atingiu Ranadhira à força com uma lança pela qual ele caiu inconsciente.

105. Então Jayanta, filho de Indra, levou Savitra, com grande dificuldade, que ainda estava tendo uma vida, para Indra.

Fim do décimo quinto capítulo do Mahatmyakhandam do Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 16

1. Ranadhira, atingido pela arma de Jayanta, desmaiou e não reconhecia nada. Levantou-se pouco depois e estava pronto para lutar novamente.

2. Então Jayanta apareceu diante de Ranadhira em sua carruagem, segurando seu arco, e disse a Ranadhira: "pare, pare".

3-7. Ao vê-lo, Ranadhira o repreendeu furiosamente: “eu o conheço como filho de Saci e não como filho de Indra, pois, como uma mulher, você me atacou pelas costas. Tal ato vil é próprio de covardes. Você se acha viril, mas foi expulso do grupo de guerreiros. Que vergonha, filho inculto de uma mãe desleal! Não cause sofrimento desnecessário a Saci, ou, se estiver interessado em batalha, então enfrente-me com firmeza. Em meio minuto, o enviarei para a morada de Yama.” Dito isso, Ranadhira esmagou a carruagem de Jayanta com flechas afiadas.

8. Então Jayanta, furioso, atirou sua maça, dizendo: "ó Ranadhira, você está morto". Ranadhira saltou e apanhou a maça.

10. Falando dessa maneira, com os olhos vermelhos de fúria, ele quebrou o arco de Jayanta golpeando-o com sua espada.

11-12. Quando o segundo arco de Jayanta também foi destruído, Ranadhira, segurando violentamente a espada na mão direita, saltou rapidamente, arrancou a coroa de Jayanta, agarrou-o por um tufo de cabelo e o arrastou como Garuda arrasta o rei das serpentes.

13-14. Quando Ranadhira ergueu sua espada para decapitar Jayanta, Agni, sabendo que Jayanta estava em perigo, golpeou com toda a sua força e fúria a mão direita de Ranadhira com um raio, enquanto os deuses lamentavam.

15-18a. A espada de Ranadhira caiu no chão de sua mão direita, atingida pelo raio. Ele ficou furioso com o fracasso e chutou Jayanta, que caiu inconsciente. Então, segurando o pescoço de Agni com a mão esquerda, golpeou-o na cabeça com o punho direito, derrubando Agni no chão.

21b-25. Ao ver o estado do filho do chefe do exército, Bhima ordenou ao seu cocheiro que se aproximasse de Ranadhira. Obedecendo às suas instruções, o cocheiro dirigiu-se imediatamente a Ranadhira, e Bhima desceu da carruagem e colocou Ranadhira sobre ela. Então, o próprio Bhima, para enfrentar Indra, pegou sua reluzente maça de ferro cravejada de joias, capaz de destruir inimigos, saltou e golpeou Indra na cabeça com grande força. Atingido pela maça, Indra, com a cabeça ferida, caiu inconsciente sobre as costas do elefante como uma árvore cortada.

26. Sabendo da condição de Indra, o elefante divino Airavata fugiu da batalha para protegê-lo.

27. Ao ver Airavata fugindo, Bhima rapidamente o agarrou pelo rabo e o arrastou por cerca de seiscentos pés (o comprimento de um arco é considerado como seis pés).

28. Sem conseguir escapar, o elefante tentou repetidamente, com sua tromba, capturar Bhima.

29. Então, enfurecido, Bhima virou o elefante repetidamente para a esquerda e para a direita e o golpeou nas costas com grande força com sua maça.

30. Atingido por sua maça, o elefante choroso deu três voltas e caiu de joelhos vomitando sangue.

31. Então Bhima saltou e pegou o raio que estava perto de Indra, escondido atrás dele.

32. Enquanto Bhima pensava em matar Indra com a própria arma dele, o raio desapareceu imediatamente.

33. Então Vayu, junto com o grupo de Maruts, lutou com Bhima para salvar a vida de Indra.

34. Até mesmo Bhima pegou sua maça e, seguido por muitos soldados, golpeou os Maruts por toda parte com ela.

35. Então o cocheiro levou Ranadhira, inconsciente, para a residência de Sudhrti e retornou imediatamente.

36. Embora obstruído por muitos deuses, o cocheiro, enganando-os, rapidamente trouxe a carruagem que transportava Ranadhira.

37. Ao ver a carruagem retornar repleta de todos os tipos de armas, Bhima subiu nela e, com

palavras gentis, agradeceu ao cocheiro.

38-39. Então Bhima lutou com Vayu usando seu arco erguido e projéteis. Vayu, de cor cinza, sentado em sua carruagem bem equipada, puxada por cervos e empunhando armas como uma corda e um aguilhão, lançou uma chuva de flechas afiadas sobre Bhima, tomado pela fúria.

40-41. Bhima, que estava coberto pela pilha de flechas, assim como o Sol, através da névoa, retaliou e as destruiu com flechas de combate. Em seguida, ele perfurou o peito de Vayu com uma flecha especial. Gravemente ferido, Vayu ficou imóvel por um instante.

42. Então, simultaneamente, os Maruts lutaram e lançaram os aguilhões velozes contra Bhima para matá-lo.

43. Bhima, munido de um número igual de armas em forma de meia-lua, cortou-lhes os aguilhões rapidamente. Em seguida, feriu-os um a um no coração com três flechas que lhe foram puxadas até as orelhas.

44. Todos os Maruts que foram feridos caíram inconscientes no chão. Então, o deus do vento, recuperando a consciência, atirou um aguilhão em Bhima.

45-46. Gravemente ferido no peito pelo aguilhão, Bhima desmaiou por um instante e, ao recobrar a consciência, rapidamente pegou sua maça, saltou de sua carruagem para a carruagem de Vayu e o atingiu na cabeça girando a maça.

47. Quando Vayu desmaiou com a cabeça esmagada pela maça, foi levado embora por seu cocheiro.

48-51a. Ao presenciarem a derrota de Vayu e compreenderem que Bhima era invencível, Kubera, Varuna, Yama, Indra e o rei dos Gandharvas chegaram simultaneamente ao campo de batalha. Indra montado em Airavata, Yama em seu bisão, Varuna em um peixe, Kubera em um homem e o rei Gandharva em um cavalo, cada um empunhando uma variedade de armas, chegaram com um acordo comum para lutar contra Bhima.

51b-53a. Vendo isso, Sudhrti aproximou-se de Satrunjaya e disse: “ó filhos do rei! Indra e outros uniram forças para matar o poderoso Bhima. Vamos até lá. Acho que uma única pessoa lutando contra muitos é realmente estranho ou desonesto.”

53b-54. Todos concordaram com Sudhrti. Então Satrunjaya e os outros cercaram o grupo de deuses. Sudhrti encarou Indra, que estava montado em seu elefante.

55-58. Satrunjaya enfrentou Kubera, Satruha enfrentou Varuna, Bhima enfrentou Gandharvaraja, Samaratapana enfrentou Yama, Viravikrama o filho de Satrunjaya enfrentou Vayu, Virasena o filho de Satrughna enfrentou Fogo, Virabhanu o filho de Bhima enfrentou Jayanta, Viragraga o filho de Samaratapana enfrentou Vasus. Assim, esperando vencer, travaram uma guerra maravilhosa, que foi de partir o coração dos covardes.

Fim do décimo sexto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 17

1-4. A terrível guerra durou um muhurta (48 minutos). Citrasena, montado em um cavalo, atingiu Bhima com três flechas e quebrou seu arco ao meio com uma flecha poderosa. Então, Bhima lançou um virote contra o Senhor Gandharva. O habilidoso Citrasena cortou com uma flecha afiada a arma que se aproximava e, com quatro flechas emplumadas, matou os quatro cavalos de Bhima e, com outra flecha, destruiu a coroa do cocheiro, matando-o e rugindo como um leão.

5-6. Ao perder seu cavalo e sua carruagem, Bhima, tomado pela fúria, desferiu um golpe violento com uma maça no cavalo de Citrasena. Atingido pela maça, o cavalo, sangrando e com a cabeça rachada, morreu após tocar em Citrasena, que havia caído do cavalo.

7-9a. Ao perceber a força de Bhima, Citrasena desapareceu e criou uma magia desconcertante que lançou pedras, armas, serpentes, espíritos malignos, montes de crânios, sangue, brasas e redemoinhos sobre Bhima por onde ele passasse.

9b-10. Ao ver a feitiçaria lançada pelo Gandharva, Bhima ejetou para o céu um míssil antimágico, que destruiu num instante a grande magia de Citrasena.

11-13a. Bhima viu Citrasena correndo em sua direção. Assim como Siva atingiu Andhakasura com seu tridente, Bhima, com sua maça, golpeou Citrasena na cabeça. Dessa forma, Citrasena caiu no chão como se estivesse morto e foi carregado por um gandharva para salvar sua vida.

13b-15a. Viragraga direcionou armas e projéteis contra Vasus. Os Vasus também lançaram uma chuva de flechas no campo de batalha. Mas Viragraga, repelindo as flechas, disparou três flechas emplumadas contra cada um dos Vasus, atingindo suas pernas, peito e cabeça, respectivamente.

15b-18. Os Vasus, feridos e enfurecidos, dispararam flechas simultaneamente com toda a sua força, que encheram o campo de batalha. Então, Viragraga os feriu no peito com flechas afiadas e velozes que chegavam até as orelhas. Feridos pelas poderosas flechas, todos os Vasus caíram inconscientes. Mas Savitra, com apenas três flechas, destruiu em pouco tempo a

carruagem, o cocheiro e os cavalos.

19. Então Viragraga voou como um pássaro e golpeou com sua espada a coroa de Savitra, que se partiu em duas partes.

20. Irritada com a quebra de sua coroa, Savitra golpeou Viragraga na cabeça com um raio, fazendo-o desmaiar.

21. Após ficar inconsciente por um tempo, Viragraga se levantou e golpeou Savitra violentamente com a maça, fazendo-o cair sangrando.

22-23. Virasena lutou com Agni por um longo tempo e o atingiu com força na cabeça com sua espada poderosa, o que fez com que Agni, ensanguentado, se enfurecesse e arremessasse sua lança Sakti contra Virasena para matá-lo.

24. Ao ver aquela arma flamejante semelhante a um raio, Virasena rapidamente lançou um míssil de água, fazendo com que a arma Sakti se dissipasse.

25. Então Agni, vendo sua Sakti destruída por Virasena, com raiva, novamente cortou em pedaços todas as armas de Virasena com flechas afiadas.

26-28a. Tendo perdido todas as suas armas, Virasena golpeou Agni com o punho erguido, fazendo com que Agni caísse no chão. Então, Virasena, pressionando o peito de Agni com os braços, o levou para a cidade e o amarrou com cordas fortes, entoando cânticos gélidos.

28b-32. Viravikrama lutou ferozmente com Vayu, lançando uma chuva de flechas e rugindo como um leão. Destruindo imediatamente aquela chuva de flechas com contra-ataques, Vayu atingiu Viravikrama no peito com um enorme aguilhão. Atingido pelo aguilhão, seu peito se abriu e sangrou, e ele tremeu por um instante e, com os olhos vagos, perdeu a consciência. Ao recobrar os sentidos, arrancou com grande esforço o aguilhão que havia penetrado seu peito e golpeou Vayu com ele.

33-35a. Vayu, atingido por seu próprio aguilhão, caiu no chão como se estivesse morto, com a cabeça quebrada. Viravikrama, incapaz de suportar a dor causada pelo impacto do aguilhão, caiu sangrando profusamente. Vayu também sangrava da cabeça e ambos perderam a consciência.

35b-37. Satrunjaya lutou intensamente com Kubera. Satrunjaya estava sentado em uma carruagem. Kubera estava montado em um ser humano. Ambos, habilidosos no manuseio de projéteis e especialistas em arco e flecha, demonstraram mutuamente suas destrezas e lutaram por um longo tempo. Então, Satrunjaya falou com Kubera.

38. “Ó Kubera! Por que essa demora? Mostre sua força suprema. Caso contrário, esteja ciente de que esta grande flecha derrubará sua vida.”

39-40. Ao ouvir Satrunjaya, o poderoso Kubera destruiu seu arco com uma flecha afiada e, com

quatro, três e três flechas, decepou os cavalos, o cocheiro e a bandeira, respectivamente, rugindo como um leão após matar um elefante.

41. “Ó valente Satrunjaya! Tomei conhecimento de sua admirável força. Venha aqui. Se não vier, este será seu último momento de vida.”

42-45a. Enfurecido pelas palavras de Kubera, Satrunjaya golpeou com sua maça erguida o homem que transportava Kubera. Atingido pela maça, Kubera caiu inconsciente. Em seguida, Satrunjaya golpeou violentamente a cabeça de Kubera com a maça dura como diamante, fazendo com que Kubera perdesse a consciência por um instante. Enquanto isso, o poderoso Satrunjaya arrancou o arco de Kubera e o quebrou.

45b-50. Após recuperar a consciência e ver seu arco quebrado, Kubera, com os olhos vermelhos de raiva, pegou sua maça. Então Satrunjaya disse: “ó amigo! Escute-me. Não há ninguém na Terra que se iguale a mim na luta com maça. Vou lhe contar o que meu mestre de armas me disse. Depois de me dar um treinamento excepcional em luta com maça, ele disse que não há ninguém no mundo que se compare a mim e que derrotar Kubera seria uma grande vitória. Hoje tenho a chance de ver sua maça e lutar com você, o senhor das riquezas. Mostre-me sua extraordinária força na luta com maça.”

51. Ao ouvir Satrunjaya, Kubera concordou e começou a lutar com ele.

52-57. Tanto Satrunjaya quanto Kubera eram bem treinados e habilidosos no combate com maças. Ambos eram fortes e altivos como leões. Ambos giravam em círculo, ora movendo-se para a esquerda, ora para a direita, ora de forma irregular, ora parcialmente, ora parcialmente, ora em linha reta, ora igualmente curvados, ora parcialmente curvados, saltando, meio saltando, saltando de forma irregular, voando, meio voando, saltando, caminhando como cisnes. Assim, ambos, especialistas nos movimentos, exibiam todos os tipos de estratégias adotadas na guerra com maças. Aguardando uma oportunidade para se atacarem, apreciavam-se mutuamente por seu conhecimento sobre os movimentos iniciais. Como bolas velozes, seus movimentos eram imperceptíveis.

58-59. Os Siddhas e Caranas que assistiam à luta com maças exclamaram: "oh, que luta magnífica!" e demonstraram sua admiração pela habilidade dos lutadores através de expressões faciais. Após um longo combate com Satrunjaya, Kubera concluiu que Satrunjaya era superior a ele na arte da luta com maças.

60. Então Kubera voou pelos ares e ergueu sua maça para golpear. Vendo isso, Satrunjaya desviou-se do infalível Kubera.

61-65. Sabendo que Kubera havia atingido Satrunjaya injustamente nas costas, fazendo-o desmaiar por um instante, Satrunjaya, ao recobrar a consciência, dirigiu-se a Kubera com os olhos vermelhos de fúria: “que vergonha, ó Kubera! Tu és inculto, auspicioso e injusto por me atingires como um raksasa. Estando no caminho reto, não posso lutar contigo com a maça. A

luta com maça, que, assim como o caminho iogue, possui muitas regras e regulamentos, é considerada a melhor entre as lutas. Observa, eu me vingarei imediatamente de tua ação." Dito isso, colocou sua maça de ferro no chão.

66-67. Então, ele golpeou o peito de Kubera com o punho, fazendo com que Kubera caísse no chão sangrando, como se estivesse morto. Satrunjaya, então, o amarrou em meio minuto com um feixe de cordas.

68. Então, milhões e milhões de Yaksas atacaram Satrunjaya, com armas nas mãos, para libertar seu rei.

69-72. Então Satrunjaya rapidamente destruiu todos eles com sua maça, assim como o Sol destruiu o grupo de demônios. Em seguida, carregou Kubera e partiu. Ao ouvir isso, Pulastya chegou e o chamou carinhosamente de "ó filho! Você conquistou Kubera com sua força na guerra. Devolva-me meu neto, que me é tão amado e querido. Viravrata dará aos brâmanes tudo o que lhe pedirem. Então, como você, seu filho, não lhe dará aquele a quem eu pedi?"

73. Ao ouvir as palavras do sábio Pulastya, Satrunjaya prostrou-se no chão, ofereceu-lhe Kubera e logo retornou.

74-76. Da mesma forma, Virabhanu lutou com Jayanta. Ambos, versados em armas de guerra, lutaram por um longo tempo e surpreenderam a todos com suas habilidades. No duelo de espadas, Jayanta foi atingido na cabeça pelo forte Virabhanu e caiu na carruagem. Vendo isso, seu cocheiro o levou embora.

77. Então Satruha, cuja bravura era louvável, lutou contra o poderosíssimo Varuna, utilizando diversos tipos de armas.

78. Varuna, montado em seu crocodilo, e Satruha, em sua carruagem, estavam envolvidos em uma grande e maravilhosa guerra que surpreendeu a todos.

79-81. Após uma longa e brava luta com Varuna, Satruha o feriu no peito com três flechas afiadas. Furioso, Varuna matou os cavalos de Satruha com quatro flechas afiadas. Em seguida, destruiu o estandarte de Satruha com uma flecha, seu cocheiro com outra e atingiu Satruha no peito com uma flecha cravada profundamente.

82-83. Satruha, que havia perdido sua bandeira, seus cavalos e seu cocheiro, atingiu com grande fúria o crocodilo de Varuna na cabeça com uma flecha afiada. Quebrou o arco de Varuna com outra flecha e sua coroa com uma terceira. Em seguida, feriu Varuna na têmpora com uma flecha de longo alcance.

84. Da testa de Varuna, que foi cortada pela flecha afiada, jorrou sangue com grande força e Varuna perdeu a consciência.

85. Com aquele jorro de sangue na testa, Varuna brilhava como a montanha do Himalaia, da

qual escorre um rio vermelho do seu pico.

86. Ao recuperar a consciência, Varuna amarrou furiosamente o forte Satruha com sua corda infalível, usando grande força.

87. Ao ver Satruhana sendo amarrado e levado por Varuna, Samaratapana o impediu com flechas.

88. Então o poderoso Varuna, um especialista em guerra, lutou com Samaratapana por um longo tempo, empunhando seu arco e também o Satruhana amarrado.

89-91. Então Varuna, após destruir com flechas afiadas o cocheiro, os cavalos e o arco de Samaratapana, fugiu em grande velocidade. Samaratapana, empunhando uma espada, perseguiu-o e golpeou Varuna na cabeça com a espada afiada. Com o golpe, Varuna, com a cabeça rachada, caiu inconsciente no chão como uma montanha que teve as asas decepadas.

92-95a. Enquanto Samaratapana amarrava Varuna e o levava embora, Yama, com a aparência de uma montanha negra escarpada, montado em seu grande bisão e cercado por tenentes da morte, doenças e servos de rostos e membros disformes, chegou ao local. As pessoas que viam aquele Yama terrível e seu grupo assustador morriam de medo.

95b-97a. Mesmo após ver Yama, o bravo Samaratapana permaneceu firme como uma montanha. Ele lutou com Yama montado em outra carruagem, usando uma variedade de armas. Após uma longa batalha, feriu Yama no peito com uma flecha longa em forma de meia-lua.

97b-98. Atingido pela flecha, Yama caiu no chão vomitando sangue espumoso. Seus servos gritaram de agonia. Então, Samaratapana aproximou-se de Varuna e decidiu ir embora.

99. Testemunhando uma derrota tão impressionante de Yama, todos os deuses e seres humanos louvaram Samaratapana com admiração.

100. Então, os soldados de Yama e Varuna simultaneamente obstruíram Samaratapana por todos os lados.

101. Ao ver os inúmeros grupos que o cercavam, ele começou a afugentá-los com sua enorme maça.

102. Como eles não se dispersaram mesmo depois de serem expulsos várias vezes, Samaratapana, usando o míssil de vento, rapidamente afastou o grupo de Varuna.

103-106a. Após afugentar o grupo de Yama com o míssil de fogo, enquanto tentava retornar, milhares de guardiões de doenças o cercaram para matá-lo. Então, Samaratapana percebeu que nenhum outro míssil além do Namatraya seria eficaz e o lançou contra as doenças, destruindo-as completamente em um instante, como nuvens dissipadas por um forte vento.

106b-108a. Então, o veículo de Yama, o bisão chamado Mahakala, suspirando de raiva,

rachando o chão com seus cascos, expelindo esterco e urina, levantando o rabo, avançou em direção a Samaratapana emitindo sons característicos de sua raça para atacá-lo e matá-lo.

108b-109. Ao ver o bisão se aproximando, o poderoso Samaratapana abandonou suas armas, considerando-as desnecessárias para lutar contra um animal, e desferiu um forte golpe com o punho na cabeça da criatura.

110. Com aquele golpe, o bisão, com a cabeça ferida, cambaleou um pouco e correu novamente em direção a Samaratapana.

111-112. Então, o bisão que carregava Samaratapana entre seus chifres começou a fugir. Observando aquela cena impressionante, os deuses se alegraram com a derrota de Samaratapana, enquanto os humanos ficaram tristes, pensando que aquele seria o seu fim.

113. Então Samaratapana, recuperando rapidamente a consciência, subiu no bisão e golpeou violentamente suas costas com as palmas das mãos.

114-115a. Atingido pela palma da mão, teve as costas abertas e o bisão caiu como morto, com os olhos e a língua para fora, emitindo um som de ronronar.

115b-118a. Quando Yama, que recuperou a consciência e viu o destino de seu bisão, empunhou seu Kaladanda — a arma da morte — e procedeu a matar Samaratapana, Sudhrti, certo de que o infalível Kaladanda reduziria Samaratapana a cinzas, pensou no que seria melhor para seu lado e rapidamente se aproximou de Yama.

118b-119a. Sentado no elefante e questionando Yama sobre onde ele havia sido atingido, Sudhrti o acertou com uma flecha afiada de longo alcance.

119b-121. Devido ao ferimento no braço direito com o qual Yama segurava o Kaladanda, este escorregou e caiu no chão. Enquanto Yama o pegava, Sudhrti o atingiu na cabeça com outra flecha, fazendo com que Yama caísse com a cabeça ferida.

122-123. Deuses e homens reconheceram a maravilhosa bravura de Sudhrti, exclamando em voz alta: "muito bem!". Então, Indra, vendo os poderes sobrenaturais de Sudhrti, montou em seu Airavata para lutar com ele.

Fim do décimo sétimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 18

1. Ao se aproximar de Sudhrti, que estava montado em um elefante, Indra travou uma longa, violenta e terrível guerra.

2. Ao ver a bravura e a habilidade de Sudhrti na guerra, Indra ficou surpreso.

3. Então Indra lançou uma chuva de cem flechas afiadas sobre Sudhrti, assim como as nuvens despejam chuva sobre o pico do Monte Meru.

4. Coberto pela nuvem de flechas, Sudhrti não conseguia ver as direções, nem o céu, nem o chão.

5. Ao testemunharem o Sol, chamado Sudhrti, oculto pela nuvem de flechas de Indra, todos os soldados gritaram de consternação.

6. Naquele momento, destruindo a chuva de flechas de Indra com um poderoso projétil, Sudhrti emergiu como um Sol do meio das nuvens.

7. Então ele envolveu Indra com uma chuva de flechas e o feriu com uma saraivada de flechas afiadas.

8. Indra também destruiu imediatamente toda a teia de flechas com um poderoso projétil, assim como destruiu as nuvens com o vento.

9. Assim, Sudhrti e Indra, ao presenciarem a retaliação mútua, elogiavam suas forças e fraquezas.

10. Entretanto, Sudhrti, que agiu com rapidez, cortou simultaneamente com três flechas afiadas o arco, a aljava e a coroa de Indra.

11-14. Então Indra, cujos lábios fervilhavam de raiva, colocou outra coroa feita por Visvakarma. Então Sudhrti rapidamente a cortou também com flechas. Novamente Indra colocou em sua cabeça mais uma coroa dada por Visvakarma. Mesmo essa coroa e muitas outras, totalizando cento e uma coroas, foram destruídas pelo extremamente poderoso Sudhrti, que pertencia ao clã de Bhrgu Maharsi. Então, com o rosto abaixado de vergonha, Indra, ardendo com a chama da raiva, disparou o Indrastra.

15. Então, rapidamente, Sudhrti destruiu aquilo com o Vayavyastra e atravessou o elefante de Indra com uma longa lança.

16-21a. Atingido violentamente na têmpora pela lança, o elefante de Indra arrancou furiosamente o arco das mãos de Sudhrti e o quebrou com o pé. Então, o elefante foi elogiado pelos deuses com um "muito bem, muito bem" por seu feito maravilhoso. Enquanto o elefante

tentava pegar Sudhrti com a tromba, Sudhrti lançou um enorme aguilhão de ferro contra ele, que foi esmagado pelo enorme elefante. Indra, também usando uma coroa, disparou um raio contra o elefante de Sudhrti. Atingido por ele, o elefante de Sudhrti correu furiosamente em direção a Indra, carregando uma arma de impacto na tromba, e foi morto, atingido pelo raio de Indra.

21b-23a. Então, montado em uma carruagem, o poderoso Sudrti atingiu Indra na cabeça com três flechas afiadas, que o fizeram desmaiar por um instante. Sudrti feriu novamente Airavata com três flechas.

23b-24a. Ao despertar da inconsciência, Indra libertou uma Sakti que carregava nove belos sinos e era como um raio.

24b-26a. Ao ver a infalível Sakti avançando em sua direção, Sudhrti, empunhando sua maça, saltou rapidamente de sua carruagem como Garuda. Nesse mesmo instante, a arma Sakti de Indra alcançou a carruagem de Sudhrti e reduziu a cinzas o cocheiro, os cavalos, a bandeira e as armas.

26b-30a. Então, o poderoso Sudhrti, com olhos vermelhos de fúria, brandindo sua maça de ferro, golpeou Airavata com violência na cabeça, fazendo-o cair no chão vomitando sangue espumoso. Em seguida, Indra, com seu raio, correu em direção a Sudhrti, que, com sua maça, atingiu o ombro direito de Indra, fazendo-o desmaiar e seu raio escapar de sua mão.

30b-32. Assim que Sudhrti tentou levar Indra embora, todos os deuses, empunhando diversos tipos de armas, rapidamente o cercaram. Então, Sudhrti, com bravura, segurou Indra com a mão esquerda e, com a maça na mão direita, repeliu os deuses.

33-34. Então Virasena disse a Satrunjaya: “ó tio! Você viu os deuses tentando matar Sudhrti, que carrega Indra acorrentado e luta sozinho na guerra? Não é hora de hesitar.” Dito isso, ele dirigiu sua carruagem em direção a Sudhrti.

35. Ao ouvirem as palavras de Virasena, Satrunjaya e outros atacaram o exército de Indra, lançando armas sobre eles.

36-43. Então, uma guerra implacável e feroz se seguiu entre deuses e humanos repletos de armas. No processo de atacarem uns aos outros com armas poderosas como a espada, o tridente, a lança, a maça, o disco, o machado, o míssil, o cadeado, o porrete de ferro e a flecha, as cabeças e os membros da horda de soldados caíram como frutos maduros de palmeira ao vento. Uma densa escuridão se instalou porque a constelação foi coberta pela poeira gerada pelas carruagens, pelos pés dos cavalos, dos elefantes e dos soldados. Então, ninguém conseguia se reconhecer e os habilidosos continuaram a lutar seguindo os sons. Alguns caíram dos cavalos, alguns dos elefantes e muitos cavalos e soldados foram pisoteados por elefantes. O sangue que emergia de tal pancadaria das armas escorria por toda parte como se viesse de uma máquina e, depois disso, a poeira baixou como depois da chuva.

44-45. Quando a escuridão se dissipou, percebeu-se que aqueles cujos veículos haviam se perdido estavam em outros veículos. O cocheiro de antes estava em um elefante, o que estava no elefante estava em um cavalo, o que estava no cavalo estava em uma carruagem, e assim havia total confusão.

46. Aqueles que haviam perdido seus veículos e embarcavam em qualquer veículo que encontrassem, brigavam, esquecendo-se de seus próprios carros.

47-51a. Por meio desse intenso combate, gerou-se um terrível rio de sangue, cheio de espuma e vórtices, que fluía com grande velocidade. Como um grande rio unido por seus afluentes, o enorme rio de sangue, juntamente com seus riachos menores, tinha elefantes mortos como ilhas obstruindo seu fluxo, estava infestado de águias, corvos e cisnes, tinha cabelos longos e veias como musgo, tinha a tromba de elefantes como crocodilos, tinha os escudos como tartarugas, tinha os membros dos soldados como tubarões, tinha os dedos dos mortos como pequenos peixes e jorrava, criando tremor nos corações dos covardes.

51b-52. Em um campo de batalha como aquele, lutando para se matar, os soldados, tendo perdido suas armas, usavam os punhos, as palmas das mãos, as unhas e os dentes como armas. Seus olhos estavam arregalados, com cílios feridos e sobrancelhas tortas.

53. Alguns soldados fugiam com as armas em punho. Alguns tinham os braços e o estômago decepados. Alguns estavam sem cabeça. Alguns lutavam empunhando armas.

54-58a. Quando tal guerra estava acontecendo entre deuses e humanos, Satrunjaya e os filhos do rei, e também os filhos destes, que eram bravos, entraram no exército dos deuses e os atormentaram, chegando até seu chefe, Sudhrti, que havia aprisionado Indra. Eles ficaram surpresos ao ver Sudhrti segurando Indra aprisionado em seu braço esquerdo e lutando com sua maça na mão direita. Elogiando-o e dizendo: "muito bem. Você é digno de elogios na guerra", os filhos do rei puniram arrogantemente o exército dos deuses.

58b-63. Incapazes de suportar os golpes, os deuses, descartando suas armas, fugiram chorando em desespero. Então Kubera, Varuna, Yama e Citrasena, apoiados por Vayu, o Lua e outros, lutaram juntos por um longo tempo, mas foram derrotados e aprisionados pelos filhos do rei. Satrunjaya capturou Kubera, Satruha capturou Varuna, Bhima aprisionou Citrasena e Samaratapana prendeu Yama. Virasena levou Jayanta sob custódia e Virabhanu capturou Vayu. Os Vasus foram mantidos sob custódia por Viragraga e Viravikrama capturou o Lua. Levando todos os deuses, incluindo Indra, sob custódia, começaram a levá-los embora.

Fim do décimo oitavo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 19

1. Quando Indra e outros estavam sendo levados sob custódia, Kama impediu os reis puxando seu arco sagrado.

2-4a. Alguns deuses fugiram e outros caíram. As esposas dos deuses e os Gandharvas gritaram de medo, pois Indra e outros deuses importantes haviam sido capturados. Então Kama, empunhando seu arco, deteve os humanos e os cercou com uma chuva de flechas e armas.

4b-6a. Então Sudhrti e os outros, deixando de lado os deuses acorrentados, lutaram juntos contra o poderoso Kama. O jovem Kama, de cinco anos, habilidoso com armas, enfrentou todos eles sozinho, o que causou espanto.

6b-9. Os humanos, deuses e outros ficaram extremamente surpresos. Kama, usando flechas com pontas afiadas e brilhantes, destruiu uma a uma todas as armas e projéteis dos oponentes. Assim derrotado, Sudhrti e os outros, montados em carruagens separadas, lutaram novamente contra Kama com todas as suas forças. Simultaneamente, lançaram flechas afiadas contra Kama, e este os destruiu a cada um deles com suas próprias flechas.

10-14. Testemunhando a grande bravura de Kama, Sudhrti disse: “ó filhos do rei! Ouçam. Vardhana havia dito antes que este menino havia matado milhões de reis e que ele devia possuir poder divino. Hoje, vemos a verdade nessa afirmação através da força de Kama, que sozinho nos conteve, apesar de seu imenso poder. Se nosso Senhor e Rei Viravrata não retornar de sua penitência agora mesmo, seremos incapazes de derrotar Kama sem ele. Se nosso rei, após receber a graça de Mahadeva, não se juntar a nós, Kama certamente nos derrotará em breve.”

15-18. Enquanto Sudhrti, o chefe do exército, falava, o ágil Kama imediatamente cortou suas armas com uma flecha afiada e o feriu no peito com outra flecha emplumada. Atravessado no coração, Sudhrti caiu inconsciente no chão como uma árvore cuja raiz foi cortada. Então, Kama, de invencível habilidade bélica, deixou inconscientes Satrunjaya, Satruhana, Bhima e Samaratapana, atingindo seus órgãos vitais com flechas afiadas e venenosas.

19-20a. Feridos e despedaçados pelas flechas de Kama, eles, sem armas e sem consciência, abraçaram totalmente o chão como um amante abraça sua noiva, alheios ao que acontecia ao seu redor.

20b-22. Viravikrama e outros, e os filhos de Satrunjaya e outros, vendo a condição de seus pais, tomados pela tristeza, começaram a lamentar assim: “ó pai! Para onde foste, deixando-nos desamparados? O que diremos ao teu pai, que também morrerá, incapaz de suportar a tua separação nem por um minuto?

23-27. Vendo a miséria deles, Ranadhira, filho de Sudhrti, disse: “escutem-me com confiança. Este é o momento de demonstrarmos nossa força, não tristeza. A depressão destrói nossa bravura e o inimigo nos derrotará a todos. Um soldado deve lutar até a morte. Portanto, renunciando à tristeza, lutemos com todas as nossas forças. Deixem Virasena ir daqui para se reportar ao rei. Ao verem seu estado deplorável, os soldados se dispersarão gritando de medo, abandonando suas armas. Afastem seus pensamentos da tristeza e abracem a coragem.”

28. Ao ouvirem as palavras do filho de Sudhrti, Viravikrama e outros ganharam coragem e partiram para a batalha.

29-30. Após Virasena partir para prestar contas ao rei, os filhos de Satrunjaya e outros enfrentaram Kama. Então, todos os deuses, vendo a derrota dos seres humanos por Kama, corajosamente se aproximaram para libertar Indra e os outros.

31-35. Então Ranadhira impediu todos os deuses, lançando uma chuva de flechas sobre eles, e chamou todos os soldados humanos que estavam fugindo. Ele disse: “ó bravos soldados, sua retirada indigna não é apropriada e vocês enfrentarão um inferno terrível por serem ingratos ao seu rei. Sacrificar suas vidas é a maneira de quitar sua dívida com o rei. Nem mesmo suas esposas os aceitarão, pois fugiram da guerra. Não busquem a salvação, pois isso os arruinará aqui e na outra vida. Portanto, sejam corajosos e voltem logo, voltem logo.” Ao ouvirem Ranadhira, os soldados retornaram.

36. Mais uma vez, a luta entre homens e deuses recomeçou e prosseguiu cruelmente por um muhurta (48 minutos).

37. Entre uma batalha e outra, Kama, sob uma chuva de flechas, dizimou o exército humano, como nuvens levadas pelo vento.

38. Atingidos pela chuva de flechas de Kama, os soldados humanos não conseguiam resistir a ele, como nuvens diante do vento.

39. Então Ranadhira, o valente e extremamente inteligente filho de Sudhrti, falou apropriadamente ao filho de Satrunjaya.

40-42a. “Ó filho do rei! Junto com seus irmãos e o exército, proteja os deuses e os manes do exército dos deuses. Veja minha força, lutando com Kama.” Falando assim e brandindo seu arco, ele foi em uma carruagem até Kama, lançando uma chuva de flechas sobre ele.

42b-47a. Então Kama, repelindo aquela chuva de flechas com flechas opostas, disparou flechas extremamente afiadas contra Ranadhira. Antes que essas flechas pudessem atingi-lo,

Ranadhira as destruiu no meio do caminho, empregando três flechas, e com outra flecha poderosa feriu o punho de Manmatha, fazendo com que o arco de Kama caísse de sua mão. Vendo isso, todos elogiaram Ranadhira. Até mesmo Kama, reconhecendo a bravura de Ranadhira na guerra, o elogiou assim: "ó Forte, você é digno de elogios" e, colocando uma flecha afiada em seu arco, o rápido e forte Kama quebrou o arco e as flechas de Ranadhira.

47b-48. O furioso Ranadhira pegou outro arco. Então o poderoso Kama destruiu simultaneamente sua carruagem, os cavalos, o cocheiro e o arco com flechas em um instante.

49-50. Então Ranadhira, tomado pela fúria, correu em direção a Kama para matá-lo com sua maça feita inteiramente de metais, que parecia um raio. Vendo Ranadhira se aproximar, Kama criou uma chuva de flechas afiadas como uma densa nuvem.

51-53. Mesmo Ranadhira, absorvendo aquela chuva de flechas como serpentes lançadas por Garuda, atingiu Manmatha com toda a sua força na cabeça com a maça, e Kama caiu inconsciente, atordoado. Ao mesmo tempo, Ranadhira, também incapaz de se mover por ter sido atingido pelas flechas de Kama, caiu inconsciente como uma montanha atingida por um raio.

Fim do décimo nono capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 20

1. Então Virasena viu o rei no caminho e, depois de tocar seus pés com a cabeça, ficou abatido.

2-4. Ao ver o amado neto deprimido, o rei, com carinho, cheirou sua cabeça e disse: “meu filho! Por que você está tão triste? Você está bem? Todos na cidade, incluindo seus irmãos, pais, damas, soldados, servos, tesoureiros, sacerdotes e ministros, estão seguros? Conte-me logo, pois fico triste ao vê-lo tão deplorável.”

5-12a. Ao ouvir isso, Virasena narrou os acontecimentos com as mãos juntas em sinal de respeito. “Ó Rei! No quarto dia após sua partida, Kama, de quem você havia falado antes, junto

com Indra e o exército dos deuses, veio e travou uma guerra feroz contra os homens. Então, os deuses que lutavam com Sudhrti foram derrotados e Indra, os Marutas e outros foram capturados por nós. Novamente, o poderoso Kama derrotou rapidamente Satrunjaya, Sudhrti e outros. Em meio dia, ele destruiu nosso exército de cinquenta Aksauhini. Os irmãos desolados foram então consolados por Ranadhira, que agora luta sozinho. Talvez, a essa altura, ele também tenha sido vencido por Kama, que subjugou rapidamente Sudhrti e as outras figuras ilustres. Como pode Ranadhira lutar sozinho contra o poderoso Kama? Assim, contei-lhe os acontecimentos. As próximas ações cabem a você."

12b-13. Ao ouvir o neto e pedir-lhe que fosse corajoso, Viravrata entrou no campo de batalha, brandindo repetidamente seu arco. Então, Kama também recuperou a consciência rapidamente.

14. Ao avistar o rei à sua frente, Kama lançou uma chuva de flechas como a aguaceiro das nuvens sobre o Monte Meru.

15. O rei também destruiu aquela chuva de flechas com uma retaliação de flechas e ficou parecido com o Sol libertado de um véu de névoa.

16. Então o rei atirou flechas brilhantes e afiadas em Kama, que foram cortadas ao meio por Kama.

17. Após destruir aquelas flechas, Kama atingiu o rei com uma flecha de alta velocidade, e o rei a quebrou ao meio.

18-19. Assim, uma feroz batalha se seguiu entre o rei e Kama. Ao verem o rei no campo de batalha, todos os soldados, Sudhrti e os demais, aliviados de seu desmaio, levantaram-se rapidamente, revigorados, e se juntaram ao rei.

20-22. Satrunjaya e os outros saudaram o rei. O rei, que lutava, disse: "ó Sudhrti! Escutem. Todos vocês estão cansados e preocupados depois de lutarem com Kama por tanto tempo. Agora, protejam-me bem de todos os lados, de Indra e dos outros, dos deuses. Vocês continuarão me observando lutar com Kama." Dizendo isso, o rei lutou furiosamente com Manmatha.

23-26. A guerra entre eles foi como a entre Visnu e Kaitabha. Ambos usaram muitas armas e projéteis poderosos. Ambos, querendo vencer, lutaram ferozmente, anulando armas com armas e projéteis com projéteis. Ambos esses mestres do arco e flecha tinham escudos impenetráveis, arcos indestrutíveis e aljavas inesgotáveis. Eles demonstraram habilidade e bravura mutuamente por três dias.

27-32. A guerra no quarto dia foi violenta, com o fogo dos mísseis se espalhando pelos mundos. Então, o rei começou a perder as forças, enquanto Kama se fortalecia. Compreendendo sua fraqueza, o rei lembrou-se e orou ao Senhor Sankara, e o deus de três olhos prontamente enviou seu tridente. O rei o pegou de sua aljava como se fosse uma flecha e pensou que fosse uma flecha pesada e poderosa. Ele também se perguntou como aquela flecha pesada,

semelhante a um raio, que nunca estivera ali antes, havia aparecido em sua aljava. Ele também supôs que poderia ser Siva, o senhor de seu clã, que viera naquela forma, pensando que ele estava cansado.

33-34. Pensando assim, o rei fixou em seu arco aquela flecha como um raio, da qual emergiram faíscas de fogo pressagiadoras. Então, o lado esquerdo de Kama estremeceu e pássaros e animais emitiram sons de mau agouro. As direções estavam em chamas, a terra tremeu e a atmosfera ficou coberta de poeira.

35. Ao perceber aquela situação desfavorável, Kama lembrou-se e orou à sua mãe, Sri Laksmi, que enviou guardas para protegê-lo.

36-39. Naquele instante, o rei disparou aquela flecha flamejante. Enquanto o mundo inteiro observava, a flecha, semelhante ao fogo da dissolução, caiu sobre Kama como se incendiasse os três mundos. Ao verem isso, todos os deuses choraram de agonia. Aquela flecha consumiu Kama como palha ao fogo. O arco, as aljavas e todas as suas armas foram reduzidos a cinzas num instante. Kama, carbonizado até a morte, caiu ao chão como uma pessoa celestial com seus méritos esgotados.

40-41a. Então, os servos que haviam sido enviados anteriormente por Sri Laksmi chegaram lá e viram Kama caído no chão, sem vida. Eles carregaram seu corpo inconsciente até Sri Laksmi.

41b-42. Ao verem Kama morto pelo rei, Sudhrti e todos os outros ficaram extremamente felizes com a subjugação do grande inimigo. Todos os soldados tocaram tambores para comemorar a vitória.

43-44. Todos, tomados de alegria, aglomeravam-se como um oceano em maré alta e aproximavam-se do rei, bradando cânticos de triunfo. Alguns prostravam-se diante dele, outros o abraçavam; alguns o olhavam com amor e outros conversavam com ele.

45-48. Quando o exército estava em festa, o rei falou com Sudhrti em tom apropriado: “ó Sudhrti! Reúna os quatro tipos de exército e siga primeiro para a cidade. Depois, providencie tratamento médico para os feridos por armas. Realize os ritos fúnebres adequados para aqueles que sacrificaram suas vidas. Enterre os outros covardes que foram atingidos pelas costas enquanto fugiam e morreram, junto com os animais”. Dada essa ordem, o rei subiu na carruagem.

49-50. Ao mesmo tempo, guardas, soldados, chefes e generais avançaram em direção à cidade, montados em diversos veículos, portando armas e arrastando consigo Indra e outros deuses capturados, cercando o rei.

51. O rei, radiante de vitória, chegou rapidamente à cidade, sendo aclamado por panegiristas e soldados.

52. Ao saberem da vitória de seu rei, os ministros rapidamente decoraram a cidade e

proclamaram o triunfo em voz alta.

53-56a. Vardhana, o primeiro-ministro, enviou muitos mensageiros rápidos a vários parentes e amigos para informar sobre a vitória do rei. Conforme ordenado por ele, as estradas reais foram decoradas com arcos, hastes de bananeira, hastes de bétel e ídolos segurando lâmpadas. Da mesma forma, muitas oferendas foram preparadas para o culto no templo de Sri Candramaulisvara, a divindade da família.

56b-58a. Ele ordenou que belas damas vestidas com trajes de seda branca e adornadas com joias fossem em grupos, algumas carregando coalhada e arroz sagrado, outras com jarros sagrados, e outras ainda com diversos tipos de lâmpadas especiais, para receber o rei.

58b-59a. O guru da família, Vidyapati, juntamente com brâmanes eruditos, providenciaram, de acordo com o costume, os materiais necessários para aspergir o rei vitorioso.

59b-60. Após tal acordo, Vidyapati, juntamente com Vardhana e brâmanes, seguiram em uma carruagem para os arredores da cidade. Vardhana cavalgava.

61. Outros ministros, montados em elefantes e carruagens, seguiram em frente. Gradualmente, todos chegaram aos portões da cidade.

62-65. Entretanto, o rei, montado no elefante branco ornamentado chamado Kularatna, que tinha quatro presas e era do clã Airavata, dirigiu-se para a cidade. Satrunjaya e outros filhos e netos do rei o seguiram em seus respectivos elefantes magníficos. Ranadhira, em sua carruagem, estava à frente do rei. Obedecendo às ordens do rei, o corajoso Sudhrti, montado em um elefante e empunhando sua maça, seguiu atrás do rei com o exército, juntamente com Devendra amarrado e outros deuses.

66-68. O rei, ao se aproximar dos portões da cidade, avistou o guru nas proximidades, desmontou de seu elefante e dirigiu-se a Vidyapati. Ao ver o rei descer do veículo ao avistar o guru, Ranadhira, os filhos do rei e todos os demais desceram de seus respectivos veículos e seguiram o rei.

69. Aproximando-se, o rei tocou os pés do Guru com a cabeça. Então Satrunjaya e os outros saudaram o grande Guru.

70-71. Vidyapati, o especialista em todos os ramos do conhecimento, após abençoar o rei, falou com ele: “ó rei! Dizem que este não é o momento adequado para entrar na cidade. Portanto, relaxe agora e entre na cidade no próximo momento auspicioso.”

72-74a. Ao ouvir isso, o rei prostrou-se diante dele e disse: "que assim seja". Então, o Guru, descendo da carruagem, sentou-se num bom assento à sombra de uma árvore próxima. Conforme ordenado pelo Guru, o rei sentou-se não muito longe dele. Por ordem do Guru, Satrunjaya e todos os outros também se sentaram.

74b-76. Então Vidyapati viu os deuses na carruagem e perguntou ao rei: "quem são estes que estão sob custódia?". Ouvindo o Guru, o rei disse com as mãos juntas em sinal de respeito: "são Indra e outros deuses que estavam com nossos oponentes. Derrotados por Sudhrti, foram capturados."

77. Ao ouvir as palavras do rei, o generoso Vidyapati, considerando aquele ato impróprio, dirigiu -se ao rei.

78-79. Ó Rei! Escuta. Teu ato de aprisionar os deuses não te convém. Esses deuses são veneráveis para nós, pois são responsáveis pelo nosso destino. Aprisionados por algum motivo, de fato, eles são sempre invencíveis para os homens. Liberta-os logo e implora por misericórdia, venerando-os como deve ser.

80-83. Ao ouvir o guru, o rei olhou para Sudhrti, que percebeu a intenção do rei e rapidamente libertou os deuses, trazendo-os com reverência para perto do rei. Ao vê-los se aproximarem, o rei logo se levantou, saudou-os em ordem, ofereceu-lhes assentos e os adorou. Então, o rei se submeteu, juntamente com seu reino, tesouro, veículos, filhos e tudo o mais, e pediu perdão por seu ato de ignorância.

84-87. Vendo a gentileza do rei, os deuses proferiram palavras apropriadas para a ocasião. “Ó melhor entre os reis! Tu és abençoado. Com tamanha devoção ao Guru, como a prosperidade poderá te abandonar? Somente por essa devoção obterás todos os teus desejos. Que alcances os teus anseios. Nós iremos para o céu.” Dito isso, Indra e os outros deuses desapareceram. Guiado pelo Guru, o rei entrou na cidade.

Fim do vigésimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 21

1. Esses mensageiros levaram Kama até perto de Laksmi e narraram a história da guerra e da derrota dos deuses.

2-6. Ao ouvir isso e ver Kama morto, Laksmi, a mãe do mundo, ficou triste por um instante, mas, reunindo coragem novamente, fechou os olhos e mergulhou em meditação serena em Sri

Tripurasundari, a Suprema Devi. Então, abrindo os olhos que derramavam ambrosia, lançou seu olhar para Manmatha, que se levantou imediatamente como se tivesse acordado de um sono profundo. Querendo lutar, olhou ao redor e não encontrou suas armas. Com desonra, olhou para sua mãe e prostrou-se a seus pés de lótus, dirigindo-se a Laksmi desta forma:

7-11a. Ó Mãe Auspiciosa! Nascido de tua mente, consorte de Visnu, como pude perder a batalha contra os homens? Fui concebido com a tua intenção de trazer a vitória aos deuses. Como é possível que tua resolução tenha falhado e os deuses tenham sido capturados? Responde-me depressa, pois esta preocupação me consome. Para que propósito eu, que falhei e morri na guerra, fui trazido de volta à vida? Embora eu seja filho de tua mente, sou derrotado por homens insignificantes. Minha vida, agora difamada, tornou-se sem valor neste mundo. Ó Mãe! Ao saber a causa disso, abandonarei minha vida.

11b-17. Ao ouvir as palavras de profunda tristeza de Kama, Laksmi, com seu rosto de lótus, falou apropriadamente: "ó Kama! Meu filho! Abandone essa tristeza à qual recorrem as pessoas mesquinhas. Os bravos e os grandes nunca ficam tristes. Mesmo afogando-se no oceano das dificuldades, eles alcançariam a costa da prosperidade com a ajuda do grande navio da bravura. Somente os fracos lamentam durante a angústia. Ouça a razão de sua derrota na guerra. Ó Nascido da Mente! Você não foi realmente vencido na guerra pela bravura humana. O rei Viravrata adorou o Senhor Mahadeva e, por suas bênçãos, você foi derrotado. Portanto, vá e propicie Siva, que é o Grande Deus e o Grande Senhor, e você conquistará a todos pela graça do portador do Tridente."

18-21. Ao ouvir as palavras de Laksmi, Kama, dominado pela ira, pronunciou: "ó Grande Devi! Não me digas para aceitar a ajuda do aliado do inimigo. Ó Devi Universal! Neste mundo, como posso, impotente, buscar refúgio sob tal deus ou ser humano? Portanto, sugere-me outro deus, por cuja graça eu possa em breve derrotar a horda de deuses na guerra. Para começar, vencerei Mahadeva e, em seguida, os deuses, os humanos e os demônios, um a um."

22-29. Ouvindo as palavras de Kama, Laksmi disse: "Meu filho! Você não conhece o Grande Deus de três olhos. Quem mais, além d'Ele, o Senhor de todos os deuses, é superior? Assim como o oceano entre as águas, o Sol entre as estrelas, o Meru entre as montanhas, Sankara é grande entre os deuses. Entre os animais, os que se movem são superiores e entre eles os seres humanos e entre estes os deuses e entre os deuses Brahma, o criador dos mundos, é superior. Mais do que Brahma, Visnu, o protetor, de cujo lótus umbilical nasceu Brahma, é o Supremo Purusa. Ainda maior é o Deus de três olhos, que é o Senhor de todos os deuses. De Seu poder nascem os ferozes Rudras, que representam a ira, que destroem a criação. Esse Deus, o Senhor de todos os deuses, é conhecido pelo nome de Sadasiva. Anteriormente, Visnu não conseguiu rastrear a base de Sua forma Linga. Por Seu poder, o orgulho de Brahma foi destruído ao cortar sua grande cabeça. Assim, não há ninguém que supere Siva e, portanto, renda-se a Ele."

30-32. Ouvindo sua mãe, Manmatha falou novamente. "Ó Mãe! Embora Siva seja o Senhor dos

três mundos e seja superior a todos, não posso orar a Ele porque Ele favorece meu inimigo. Ó Mãe! Diga-me de quem Siva adquiriu tal supremacia para que eu possa agradar a esse deus e vencer até mesmo Mahadeva, ou faça-me conhecer esse deus que possui grandeza natural."

33-35. Ao ouvir Kama, a Grande Devi Laksmi, fechando os olhos, meditou por um instante sobre Tripura, a Suprema Grande Devi, e orou pela prosperidade de Kama. Sabendo da intenção de Laksmi, que era a realização do desejo de Kama, Tripuradevi enviou Gauri, que fez sua aparição.

36-37. Ao ver Gauri, Mahalaksmi levantou-se rapidamente e, segurando Sua mão com reverência, fez com que Gauri se sentasse em uma cadeira cravejada de pedras preciosas e, depois de adorá-La e louvá-La com uma voz doce, dirigiu-se a Ela como a Grande Devi.

38-39. "Ó Devi! Sou abençoado por ter sido contemplado por seu olhar compassivo. Você é a querida esposa de Mahadeva. Vê-la não é fácil nem mesmo para Brahma e os outros. Hoje, Devi Tripurasundari está satisfeita comigo, e por isso posso vê-la, irmã de Vasudeva e consorte de Pashupati."

40-41. Ao ouvir essas palavras, Gauri disse com um sorriso: "ó Padma! Por que você estava meditando de olhos fechados? Ó Kamalavasini! Conte-me rapidamente o que você está pensando."

42-46a. Ao ouvir as palavras de Gauri, Laksmi proferiu palavras nectarinas: "ó Gauri! Contarei meus pensamentos a você. Este menino, Kama, é meu filho, nascido da minha mente para cumprir as necessidades dos deuses. Na guerra, ele foi derrotado por Viravrata na Terra. Ó Śivā! Viravrata, com as bênçãos de seu marido, conquistou na batalha meu filho, que é realmente invencível. Deprimido pela derrota, ele quer vencer todos. Ele é surdo ao meu conselho de adorar Siva."

46b-48. Ao ouvir Ramā, Gauri viu Kama, que estava por perto, e com um sorriso disse: "Meu filho, Kama! Venha até mim". Ao ouvir as palavras de Gauri, Kama aproximou-se dela, prostrou-se diante dela e ficou ao seu lado com as mãos juntas em prece. Gauri disse então: "Meu filho! Diga-me o que você deseja fazer?"

49-50a. Então Kama falou assim: "ó Mãe! Ouve meu desejo. Após severa penitência, eu derrotaria todos. Para isso, não conheço nenhum deus que, se satisfeito, concederia meus desejos."

50b-55a. Ouvindo suas palavras, a consorte de Siva falou assim: "ó Kama! Uma tarefa tão grandiosa sua não será possível sem a adoração a Siva. Portanto, adore-O imediatamente. Neste mundo, não há ninguém além do meu marido Siva que possa conceder desejos raros. Portanto, busque Mahesvara." Tendo dito isso a Madana, Gauri falou com Laksmi assim: "Fui enviada pela Grande Devi Tripurasundari para transmitir Sua mensagem: 'Pare de se preocupar. Seu filho alcançará seus desejos'. Deixe Kama propiciar Siva, o Senhor dos deuses, para alcançar seu objetivo."

55b-58a. Então Kama disse furiosamente a Gauri, que falava dessa maneira: "ó Sarvani! Sankari! Escute. Eu jamais me renderei a Siva, que protege meu inimigo. Eu apaziguarei um deus superior a Siva e terei meus desejos atendidos. Com minha força, eu derrotarei Siva e seus seguidores. Prefiro morrer a pedir a ajuda de Siva."

58b-61. Ao ouvir Kama, a furiosa Mahesvari o amaldiçoou: "por não ouvires meus bons conselhos, serás reduzido a cinzas lutando contra Siva". Então Laksmi, ao ouvir a maldição sobre seu filho, ficou furiosa e, com os olhos vermelhos, amaldiçoou Gauri: "por teres amaldiçoado meu filho, em breve serás reduzida a cinzas ao ouvir a ignomínia sobre teu marido".

62-63. Então Gauri, ficando extremamente irritada, disse a Laksmi: “ó Laksmi! Por causa do seu comportamento impensado, motivado pelo amor ao seu filho, você sofrerá uma longa separação do seu marido e também o assédio das suas co-esposas.”

64-65. Ó Bhargava! Assim amaldiçoada novamente, a furiosa Laksmi se levantou para lutar. Até mesmo Rudrani se preparou em seu leão. Usando arcos brilhantes, ambas lançaram flechas, armas e projéteis uma contra a outra.

66-68. Assim, uma batalha feroz se travava entre elas. Os Pramathas (servos de Siva) que acompanhavam Gauri lutaram intensamente. Laksmi os feriu com poderosos projéteis. Gravemente feridos pelos projéteis, os Pramathas correram até Siva e relataram-lhe a guerra entre Gauri e Padma. Ao ouvir isso, Siva, montado em seu touro, chegou ao local da batalha.

69-71a. Entretanto, ao saber da guerra, Visnu fez sua aparição. Ao receberem a notícia, Brahma, juntamente com Sarasvati e outros deuses, também compareceram para testemunhar o conflito. Siddhas, Gandharvas, Vidyadharas, Kinnaras e grandes serpentes vieram assistir à batalha.

71b-73a. Uma guerra terrível surgiu entre Laksmi e Gauri, com diferentes mísseis criados por elas para alcançar a vitória. Siva e Visnu, que se aproximaram para impedir a guerra, desmaiaram ao serem queimados pelo fogo dos mísseis.

73b-76. Então Laksmi quebrou com flechas o arco brilhante de Gauri e a feriu no peito com uma flecha afiada de ponta torta. Daquele ferimento, jorrou muito sangue e Gauri, gravemente ferida, perdeu a consciência. O fluxo daquele sangue no campo de batalha invadiu e ardeu como o fogo da aniquilação que começou a consumir o mundo.

77. Naquele momento, Brahma, o criador, temendo a dissolução do mundo, com as mãos postas em prece, começou a orar a Ramā (Laksmi) pedindo perdão.

78. Ó Laksmi, a Grande Devi, seja vitoriosa! Ó Devi da riqueza, seja vitoriosa! Ó Mãe sentada no lótus, seja vitoriosa! Ó Consorte de Narayana, seja vitoriosa!

79. Tu és a protetora de toda a criação. Tu dissipas o medo daqueles que estão amedrontados.

Tu destróis a angústia dos teus devotos. Ó Narayani! Que a saudação seja a Ti.

80. Uma única saudação com devoção a Ti dissipará a pobreza. Afasta o medo deste mundo. Ó Narayani! Que a saudação seja a Ti.

81. Tu és a amada de Hari. Tu proteges o mundo como sua mãe. Na forma de Rudra, Tu destróis este mundo. Ó Narayani! Que as saudações sejam para Ti.

82. Teu rosto é como o lótus. Tu resides no lótus. Tua cor é como os filamentos do lótus. Tu amas o lótus. Teus pés são como o lótus. Ó Narayani! Saudações a ti.

83. Tu és a personificação da compaixão. Com bondade, protege o mundo do perigo. Ó Narayani! Saudações a ti.

84-88. Orando assim, Brahma prostrou-se no chão. Indra e os outros deuses, Siddhas, Vidyadharas e todos eles clamaram em voz alta por proteção, dizendo: “ó Devi Mahalaksmi! Proteja-nos”. Vendo os deuses que se renderam sendo perturbados pelo grande fogo, Mahalaksmi, também satisfeita com a oração de Brahma, foi graciosa imediatamente. Dirigindo -se aos deuses para não temerem, a Grande Devi em pouco tempo absorveu aquele fogo gerado pelo sangue. Com a chuva de Seus olhares ambrosíacos, Ela rapidamente trouxe de volta à vida os deuses, os seres humanos e outros que foram queimados pelo fogo. Então Visnu e Siva também despertaram de seu desmaio.

89. Todos os deuses viram Laksmi, de cujas raízes de seus cabelos emergia uma fileira de chamas por todo o corpo, por ter engolido o fogo causado pelo sangue.

90. Ao sair de seu estado de inconsciência, Gauri, consorte de Sankara, aproximou-se de Laksmi, que emanava uma grande chama de raiva.

91. Ao verem Laksmi com uma expressão perturbada e irritada, Brahma, Visnu e Siva, após agradarem Bharati, a consorte de Brahma, enviaram-na para apaziguar Laksmi e Gauri.

92-94. Então Bharati rapidamente foi até Bhavani e Laksmi e uniu suas palmas, segurando-as com as suas. Ela se dirigiu a elas assim: “ó Ramā! Ó Bhavani! Ouçam minhas palavras de bondade. A ira que consome o mundo não convém a nenhuma de vocês. Eu esclarecerei a natureza de suas maldições mútuas.

95-96. Pela maldição de Gauri, Kama será destruído por Siva e voltará à vida por amor a Parvati, conquistando Siva. Em sua forma diferente como Daksayani, você será reduzida a cinzas após ouvir insultos ao seu marido.

97-98. Ó Ramā! Devido à dor causada por sua co-esposa, você perderá esta forma atual e receberá uma mais bela. Durante a encarnação de seu marido, você sofrerá a separação dele. Portanto, abandone a confusão e pense na forma melhor.

99. Assim, ao ouvirem as palavras de Vani, Gauri e Laksmi, libertando-se da ignorância,

alcançaram a paz suprema.

100. Assim narrei a história de Ramā, que pressagia prosperidade. Devi Ramā concederá os desejos daquele que ouvir este episódio.

Fim do vigésimo primeiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 22

1-4. Após ouvir a maravilhosa e gloriosa história, o grande Parasurama, atônito, dirigiu-se novamente a Dattatreya desta forma: “ó Venerável Guru! A auspiciosa história das glórias de Ramā narrada por você é maravilhosa para todos. Como Laksmi, devota ao seu marido, sofreu a separação dele? Como sua co-esposa a perturbou? Como ela se livrou de seu corpo? Como Gauri, ao ouvir o insulto ao seu marido, foi reduzida a cinzas? Ó Senhor! Por favor, conte-me sobre tudo isso.

5. A pedido de Parasurama, o bondoso Guru, satisfeito, disse: "ó Rama! Contarei a você sobre o evento anterior. Escute com atenção."

6-10a. Há algum tempo, Visnu residia em Vaikuntha com Laksmi. Agradado pela devoção de Brinda e Bhumi por um longo período, Ele as aceitou. Temendo a ira de Laksmi, passou a conviver secretamente com elas por um bom tempo. Quando questionado por Laksmi, que havia descoberto o ocorrido, Visnu ocultou o segredo. Com o passar do tempo, enquanto Laksmi estava com suas servas, foi convidada por Visni e, com a permissão de Visnu, foi até lá. Na ausência de Laksmi, Visnu divertiu-se com Brinda e Bhumi, que o cativaram.

10b-15. Então Devi Laksmi, que por acaso retornou de Satyaloka, estava em chamas de raiva ao ver o lascivo Visnu se divertindo com Bhumi e Brnda. Alarmado com isso, Visnu imediatamente seguiu Laksmi, que rapidamente deixou Vaikuntha. Encontrando-a no Himalaia, Visnu começou a consolá-la segurando sua mão direita. Então Laksmi, que ardia de ira, foi liquefeita como uma massa de ghee pelo fogo e fluiu como um rio purificador perene chamado Padma, que secou pela maldição de Narada.

16-18. O sábio rei Bhagiratha, por meio de árduas orações, fez com que o rio Ganga seguisse

sua carruagem, que por sua vez seguia o curso do rio Padma. Ao encontrar Ganga, Padma, livre da maldição, misturou-se com Ganga e fluiu por um longo tempo, separando-se de Ganga e desaguando no mar antes de chegar à Ganga. Um banho no local da separação concede o paraíso.

19-20. Ouvindo as palavras do Guru, Parasurama perguntou ansiosamente: “ó Senhor! Como foi que o rio Padma foi amaldiçoado pelo sábio Narada, tão calmo e compassivo? Como a maldição foi quebrada? Como o rio Padma se separou de Ganga? Conte-me tudo isso.”

21. Assim, ao ser questionado por Parasurama, o grande sábio Dattatreya disse: "ó Rama! Ouça a interessante lenda do passado sobre Narada."

22-25. Assim que Narada chegou à assembleia em Brahmaloka, onde os Gandharvas, os Yaksas, os Kinnaras e outros estavam executando o estilo musical Gandharva, cada um superando progressivamente o artista anterior, Narada também tocou os ragas em sua Vina. Por meio de seus ragas, todos os que ali estavam reunidos ficaram absortos na melodia transcendental e experimentaram a bem-aventurança da emancipação, elogiando Narada como "muito bem, excelente"

26. Então Sarasvati, a expoente da melodia, tocou o Kaccapi em sua vina. Narada e outros não conseguiram realmente compreender as complexidades daqueles ragas (melodias).

27-29. Ao final do programa, Narada também partiu dali e, no caminho, refletia sobre o raga de Sarasvati, que era o melhor e que ele não conseguia compreender. Indo para uma floresta isolada às margens do rio Padma, Narada começou a tocar em sua vina o mesmo raga que Sarasvati havia executado com tanta maestria. Ao ouvir a dissonância em sua interpretação, o rio Padma riu ruidosamente.

30-31a. Envergonhado e enfurecido com o insulto, Narada amaldiçoou o rio Padma: "ó grande rio! Secarás por tua insolência para comigo!"

31b-33. Ao ouvir aquela maldição assustadora, Padma prostrou-se diante de Narada e implorou repetidamente pelo fim da maldição. Atendendo ao seu pedido, Narada disse: “ó Grande Rio! Quando te unires à Ganga Suprema, estarás livre da maldição.”

34-36. Então Padma, com reverência, perguntou a Narada: “ó Sábio Divino! Onde está Ganga? Como ela chegará à Terra? Como se tornou a encarnação de Brahmā? Por favor, conte-me tudo isso.” Ouvindo suas palavras, Narada, o melhor entre os sábios divinos, narrou alegremente a excelente história de Ganga para Padma. “Ó Padma! Ouça esta história sagrada que purifica pecados abomináveis.”

37-42a. Transcendendo Brahman, que está na forma de Siva, existe Sakti, que é sua essência, seu coração e tudo mais. Ela é o grande espaço que contém incontáveis ovos, portadores de uma série de mundos. Brahma e os outros oraram com assígnias a esse Grande Poder, que se agradou com isso. Uma voz incorpórea dirigiu-se a eles assim: “ó Deuses! Peçam uma dádiva”.

Ouvindo isso, os deuses, liderados por Brahma e Visnu, disseram: “ó Devi! Se desejas conceder uma dádiva, encarna-te em uma forma tão visível e permeia tudo que até mesmo os ignorantes alcançarão facilmente o bem supremo”.

42b-47. Ouvindo Brahma e outros, a Devi respondeu: “ó deuses! Para o vosso deleite, assumirei uma forma visível. Quando o poderoso rei demônio chamado Vaskali subjugar com sua força os três mundos, conquistando Indra, então Visnu, em nome de Indra, encarnando-se como um jovem (o anão Brahmacari), implora ao demônio um espaço de três pés e invade os três mundos. Da esfera Universal superior, dividida pelo pé erguido de Visnu, fluirei como um grande rio de néctar. Ao me verem na forma do rio, ao me tocarem e ao me beberem, alcançarão a salvação. Os realizados me chamam de Ganga e Tripathaga.” Dizendo isso, a incorpórea Mahesvari silenciou.

48. Então ela, o rio sagrado, que concede bênçãos a Brahma e outros, torna-se Ganga e, ao unir-se a ela, você obterá auspiciosidade.

49-50. Ao ouvir Narada, o rio Padma perguntou novamente: “ó Sábio Divino! Conte-me como o Ganges fluiu do céu rasgado pelo pé de Visnu. E como chegará à Terra? Quero ouvir todos os acontecimentos futuros com muita clareza.”

51. Ao ser questionado novamente por Padma, o eminente sábio divino disse: “ó Padma! Ouça a história sagrada chamada Gangavatarana (A Descida de Ganga).

52-55. No vigésimo terceiro Tretayuga, a partir de agora, o extremamente justo Senhor Demoníaco de nome Vaskali, um devoto de Visnu, conquistará na guerra Indra, graças às muitas dádivas adquiridas ao agradar Brahma, sentado sobre o lótus, por meio de penitência, e governará os três mundos com retidão. Então, a pedido de Indra e outros deuses, Visnu assume, por seus poderes, a forma de um jovem brâmane anão e vai implorar ao Senhor Demoníaco Vaskali, devoto dos brâmanes”.

56-57a. Sukracarya, sabendo por seu poder iogue que o rapaz era Visnu, disse: “ó Senhor dos Demônios! Ele não é um brâmane. Ele é Visnu, que veio enganá-lo para salvar Indra. Não lhe dê nada.”

57b-59. Então Vaskali ficou extremamente feliz ao ver Visnu, que estava ali como um menino. Rapidamente se levantou e curvou-se, fez Visnu sentar-se no trono. Depois de lavar os pés de Visnu, aspergiu aquela água sagrada sobre a própria cabeça e, após adorá-lo devotamente, falou com Ele.

60. “Ó Senhor! O que desejas de mim? Aceita-o como lhe ofereço, sem hesitação alguma.”

61. O menino disse ao Senhor dos Demônios: "ó Rei! Depressa, conceda-me, a mim, que sou um Brahmacari, um pedaço de terra com o triplo do tamanho do meu pé."

62-64. Ao ouvir isso, Vaskali disse: “ó Bhagavan! Apesar de meu guru ter me impedido, eu darei.

A pedido de Ti, Senhor onipresente, como posso negar? Ó Ser Supremo! Perdoa minha falta de respeito para com meu guru.” Dito isso, o inabalável Vaskali derramou água nas mãos do menino e disse: “por favor, aceite”.

65-68a. Dominado por Isvari Sakti, Visnu cresceu imediatamente. Com o pé direito, cobriu a terra e ergueu o pé esquerdo. Da camada universal superior, perfurada pela unha do seu dedo, fluiu o sagrado Ganga, brilhando como néctar puro. Então Visnu perguntou onde medir o terceiro pé. Disse: “ó Grande Rei! Com o primeiro, a terra está coberta e, com o segundo, o céu. Diga-me onde deve ser medido o terceiro pé.”

68b-69a. Ao ouvir Visnu, Vaskali, o Senhor dos Demônios, disse: "ó Senhor! Mostrarei aquele lugar que está em minha cabeça."

69b-70a. Ao ouvir isso, Visnu colocou o pé, que estava na terra, sobre a cabeça de Vaskali e, de bom grado, concedeu-lhe a libertação da união com o Absoluto.

70b-72a. Brahma, o criador, com sua grande força, reunirá em um pote a divina Ganga, que emergiu da panela espacial universal perfurada. Após um longo período, Indra, realizando grande ascese, levará Ganga para o céu, obtendo a bênção de Brahma.

72b-79a. Após um longo período, um rei chamado Sagara, nascido na Dinastia Surya, realizará mil sacrifícios Asvamedha. Indra roubará seu cavalo e o esconderá perto do local do sábio Kapila. Os sessenta mil filhos de Sagara, procurando pelo cavalo, cavarão a terra e, ao encontrarem o brilho de Kapila, serão reduzidos a cinzas. Então, o justo neto de Sagara, Bhagiratha, pensando na salvação de seus avós, realizará severa penitência e Ganga pousará na cabeça de Siva. Por meio de outra grande penitência, ele fará Ganga descer à Terra. Ganga seguirá a carruagem de Bhagiratha, que se move em seu curso, e então, ó grande rio Padma, você será libertada da maldição.

79b-84. Assim, Ramā sofreu grande angústia por causa de sua co-esposa. Além disso, ó Parasurama! Após um longo período na Dinastia Surya, Visnu, dividindo-se em quatro partes, assumirá forma humana para matar Ravana, o Senhor dos Demônios que prejudica o mundo. Mahalaksmi, nascida como Janaki, através da Terra, sofrerá a separação de seu marido Rama por causa da maldição de Gauri. Ó Bhargava! Anteriormente, até mesmo Gauri, por algum motivo, foi separada de Mahadeva e, durante o sacrifício de Daksa, foi reduzida a cinzas ao ouvir o insulto a Siva por conta da maldição de Laksmi.” Após ouvir o Guru Dattatreya, Parasurama, o herdeiro do clã Bhrgu, perguntou ao Guru sobre o episódio detalhado de Gauri.

Fim do vigésimo segundo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 23

1-3a. Ó Venerável Guru! Gostaria de ouvir esta história detalhadamente. Por que Gauri foi separada de Sankara? Como ela nasceu de Daksa? Quem insultou Siva? Por que o Grande Senhor Siva teve que enfrentar insultos? Ó Senhor! Por favor, descreva tudo isso para mim, que sou seu servo.

3b-5. A pedido de Parasurama, Guru Dattatreya, um eminente orador, disse o seguinte: “ó Bhargava Rama! Escuta. Contarei a você a história da maldição sobre Gauri. No passado, um demônio chamado Bhasmasura propiciou Siva por meio de severa penitência e obteve uma dádiva desconcertante: a pessoa sobre cuja cabeça ele colocasse a palma da mão seria imediatamente reduzida a cinzas.”

6-9. Tendo recebido essa dádiva, o demônio, para testá-la, colocou a mão na cabeça de Siva. Então o Deus começou a correr. Perseguido pelo demônio, Siva, com medo, desapareceu. Procurando por Mahadeva em todos os lugares, a Devi separada, com extrema tristeza, abandonou seu corpo. Então Visnu, usando um truque, matou o grande demônio. Mais tarde, Daksa Prajapati agradou a Devi Śivā com sua penitência.

10. Então, a satisfeita Gauri incorpórea, aquela que concede bênçãos em sua forma incorpórea, apenas o incentivou a pedir uma dádiva.

11-15. Ele fez o seguinte pedido: “ó Sankari! Viva em minha casa como minha filha”. Concedendo essa dádiva, ela nasceu como Uma. Daksa-prajapati deu Daksayani em casamento a Siva e sentiu-se exultante por ser seu sogro. Em certa ocasião, Brahma, junto com Visnu e outros, encontrou-se com Siva. O grupo de deuses e prajapatis também chegou lá. Até mesmo Daksa foi até lá. Ao vê-lo, o grupo de deuses, os videntes e outros se levantaram, exceto Brahma, Visnu e Siva.

16-18a. Então, o orgulhoso Daksa, ardendo em fúria, dirigiu palavras duras a Siva. Ele disse: "este Sambhu, que é como meu discípulo, está no topo do pilar do orgulho e, desprovido de boa conduta por não se levantar e me respeitar, seu mais velho, é indigno de estar nesta assembleia."

18b-19. Ao ouvir as palavras de Daksa, Brahma, o Senhor do mundo, disse: "não fale como um tolo" e o interrompeu. A partir daquele momento, Daksa passou a insultar Siva em todas as ocasiões.

20-21a. Certa vez, enquanto realizava um sacrifício, Daksa convidou todos os deuses, videntes

e sábios, exceto Siva, devido a uma antiga inimizade. Movido pela raiva contra Siva, ele não convidou nem mesmo Daksayani, sua filha.

21b-25. Enquanto o yajna estava em andamento, Daksayani ouviu dos seres celestiais sobre o grandioso e louvável yajna realizado por seu pai. Ela pediu a Sankara que a testemunhasse. Embora impedida por Siva, ela foi ao local do yajna onde seu pai estava envolvido. Ao vê-lo, dirigiu-se a ele com amor: "querido pai! Fui esquecida por você neste louvável yajna? Você convidou outras filhas com seus maridos. Por que não me convidou junto com Siva?"

26-27a. Ao ouvir Mrdani, Daksa disse com os olhos vermelhos de raiva: "ó filha! Escute, Siva não merece adoração neste yajna e, por causa de sua associação com ele, você não foi convidada."

27b-32. Ao ouvir as palavras insultuosas de seu pai, Sati disse: "ó pai! O senhor sofre da mais inauspiciosa aberração mental, tal como uma pessoa em seu leito de morte vê tudo de cabeça para baixo. Siva é extremamente auspicioso e venerável. O yajna, onde ele não é honrado, jamais estará completo. Ó pai! Seu yajna, embora repleto de preparativos, sem Siva, carece de elegância, assim como uma mulher bem-apessoada sem vestimenta, um brâmane sem erudição, uma dama sem marido, um rei sem força, um barco sem navegador, a noite sem a Lua e o dia sem o Sol."

33-36a. Ao ouvir as palavras de Daksayani, o furioso Daksa disse: "que vergonha para você, que murmura inutilmente! Será que você é cega a ponto de não ver seu marido infame, chamado Siva, que habita um cemitério, que empunha um crânio humano, que veste pele de tigre, que está adornado com serpentes, que tem demônios e espíritos como seguidores, que possui uma guirlanda de ossos, cujos cabelos estão emaranhados e que é um dançarino. Como pode uma pessoa tão repreensível ser digna de adoração durante um yajna? Volte para seu infeliz marido."

36b-41. Ao ouvir as palavras de seu pai, que insultavam seu marido, Daksayani, tapando os ouvidos com as mãos e ardendo de raiva, disse: "ó pai! Tua insolência para com o Grande Deus é imprópria. Por causa de seu desrespeito ao meu marido Mahesvara, seu sacrifício será inútil. Este meu corpo, tendo ouvido tal insulto, é indigno de existir." Dito isso, Daksayani saltou para o grande fogo sacrificial e foi reduzida a cinzas. "Ó Bhargava! Assim Daksayani foi reduzida a cinzas ao ouvir o insulto a seu marido, por causa da maldição de Laksmi."

42-44. Após ouvir essa história, Parasurama, tomado pela alegria de beber a essência daquilo, indagou: "ó Bhagavan! Será esta Ganga a personificação de Sakti? Invocada por Brahma e outros pelo bem-estar do mundo, quem é ela, a personificação de Brahman, e como se tornou Ganga? Estou muito interessado em saber. Abençoe-me e conte-me sobre isso."

45-50. Questionado por Parasurama, Dattatreya narrou: "ó Parasurama! Escuta. É Tripura Kumari, a Sakti de tripla forma, conhecida como Ganga, que se manifestou para purificar a Terra. Ela é a consorte de Para-Brahman, a personificação da Consciência liberada, adorada

com grande devoção por Brahma e outros. Ao ver, tocar e até mesmo beber uma gota da excelsa Ganga, todos os pecados serão absolvidos. Esta Tripura percorre três cursos e, portanto, é conhecida como Tripatha. Ela flui como um rio visível devido à compaixão pelos seres humanos. Portanto, é Tripurasundari quem é chamada de Ganga em sua forma de rio. Ó Parasurama! Narrei tudo sobre sua pergunta."

Fim do vigésimo terceiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 24

1-5a. Após ouvir Dattatreya, Parasurama, que estava imerso na história ambrosíaca, começou mais uma vez a indagar ao Guru sobre a lenda anterior. "Ó Venerável Guru! Ó Oceano de compaixão! Depois de ouvir sua narração, toda a minha tristeza, apego e medo desapareceram sem deixar vestígios. Meu desejo de ouvi-lo não foi minimamente satisfeito. Sendo assim, por favor, diga-me completamente como, após a destruição de Manmatha, os sacrifícios caros aos deuses passaram a ser praticados? Como o Deus Sankara foi derrotado por Kama? Como Manmatha, que foi reduzido a cinzas, foi restaurado à vida?

5b-9. Assim, indagado por Parasurama, Dattatreya, o excelente entre os gurus e o melhor entre os oradores, dirigiu-se a Parasurama. "Ó Parasurama, supremamente inteligente! Ouça as respostas às suas perguntas uma a uma. O passado auspicioso é realmente maravilhoso. Depois que Kama foi derrotado, Indra, o Senhor do céu, que foi libertado, retornou à cidade dos deuses e lá residiu como no passado, junto com todos os deuses. Enquanto o rei Viravrata governou a Terra, Indra foi amigo dele.

10-12. Após um longo período, Indra foi a Satyaloka com o grupo de deuses e prostrou-se diante de Brahma. Ao ver Indra, Brahma, cheio de compaixão, dirigiu-lhe palavras amistosas e dignas: "ó Senhor dos deuses! Levante-se e diga-me qual é o seu desejo, que eu atenderei e lhe farei feliz."

13-18a. Ouvindo Brahma, Indra, junto com os deuses, levantou-se e, com as mãos postas em prece, começou com estas palavras: "ó Brahma! No passado, inspirados por ti, obtivemos as bênçãos de Mahalaksmi, e Ela enviou para satisfazer nossos desejos o poderoso Kama, que foi

derrotado por Viravrata e capturado junto com os deuses, sendo libertado pelo justo Viravrata por conselho de seu guru. Desde então, temos sido amigos de Viravrata. Mesmo agora, os seres humanos não adoram os deuses em lugar nenhum da Terra. Vim com os deuses para te suplicar. Estou com os deuses de acordo com as tuas instruções anteriores."

18b-24. Ouvindo Indra, o criador meditou por um tempo e disse assim: "ó Indra! Escute. Atualmente, os seres humanos não realizam nenhum yajna devido à ausência de desejos neles. Eu lhe darei um plano. Escute. Eu farei de você o Senhor da chuva e você criará chuvas na terra onde as pessoas realizam yajna invocando você. Até agora, as nuvens carregadas de chuva eram independentes e costumavam chover em todos os lugares de acordo com minhas instruções. De agora em diante, elas estarão sob seu controle." Assim, Indra se tornou o Senhor da chuva e, portanto, as pessoas que desejavam chuva tinham que realizar yajna. Assim, na terra, os agricultores realizaram yajna e o yajna foi promulgado.

25-28. Ó Parasurama! Contarei a você como Kama conquistou Mahadeva. Depois que Laksmi e Bhavani foram apaziguadas, Kama, com as mãos postas em prece, perguntou à sua mãe Laksmi: "ó Mãe! Aconselhe-me. Como posso vencer Siva na batalha? Se não houver um plano para isso, descartarei meu corpo em sua presença. Para pessoas respeitáveis, a perda da honra é pior que a morte. Hoje as pessoas pensam que estou vivo. Deixe-as pensar assim. Mas não é bom que eu viva."

29-33. Ao ouvir Kama, Laksmi meditou por um instante em Sri Tripurasundari e curvou-se diante Dela. Então, olhando para Kama, disse-lhe: "ó Kama! Agora vou te revelar o segredo supremo pelo qual você poderá vencer a todos na batalha. Não deve divulgá-lo a ninguém, nem por engano nem por qualquer outro motivo. Vou te contar os cento e oito nomes de Sri Tripurasundari que obtive servindo a Kamesvari, que a agradam rapidamente e que causaram a grandeza até mesmo de Siva e outros. Ó Manmatha! Retorne a mim sem demora, após se purificar no rio Viraja."

34-37. Com os olhos brilhando de alegria ao ouvir as palavras de Laksmi, Manmatha ficou curvado ao lado dela após terminar as abluções nas águas de Viraja. Enquanto isso, Laksmi, seguindo o método prescrito, adorou Mahadevi, que estava instalada em um pedestal cravejado de joias, com os materiais de adoração desejados. Então, chamando Kama, Laksmi conferiu as bênçãos de Sri Tripurasundari às palmas das mãos unidas de Kama e, em seguida, cantou os cento e oito nomes de Sri Devi e descreveu a beleza compreensível da Devi.

38-41. Após obter os nomes secretos de Sri Tripura, Kama prostrou-se diante de sua mãe e, abençoado por ela, dirigiu-se a Ela com as mãos postas em prece e com um sentimento de plenitude. "Ó Mãe! Conceda-me permissão. Irei propiciar a Suprema Devi Tripura, protetora dos três deuses: Brahma, Visnu e Siva". Orando assim e curvando-se diante dela, Kama, meditando com devoção aos pés de lótus de Sri Tripura, dirigiu-se às cavernas divinas da montanha Mandara.

42-44. Naquela montanha, Manmatha sentou-se sob a auspiciosa árvore Kadamba, que ficava à

beira de um rio límpido e viçoso. Após banhar-se ali e permanecer sentado, meditou em seu coração sobre a forma da Devi e a adorou mentalmente com esplêndidos detalhes, conforme instruído por Laksmi, e recitou com suprema devoção os cento e oito nomes de Sri Tripuramba.

45-47. Satisfeita com Manmatha, que repetia diariamente com concentração os cento e oito nomes, a auspiciosa Suprema Devi apareceu em seu sonho na forma de Ramā e disse palavras destiladas de mel. "Ó Kama, meu filho! Como podes alcançar teu objetivo apenas repetindo muitas vezes os nomes, sem obter Meu Mantravidya?

48-49a. Ao ouvir isso, Kama, curvando-se com as mãos juntas em sinal de respeito, disse: "ó Mãe! Eu não conheço o mantra, pois a senhora não me contou antes. Ó! Mãe Compassiva! Por favor, ensine-me esse mantra."

49b-53. Então a compassiva Grande Devi disse assim a Kama: "Meu filho! Mesmo agora você não conhece a lua da mesma forma que um cego, o mantra secreto de quinze letras que está oculto na oração de cento e oito nomes.

54. Este é, de fato, o grande conhecimento causal sobre a forma física de Tripurasundari." Dito isso, a Grande Devi desapareceu instantaneamente.

55-59. Então Manmatha abriu os olhos e olhou ao redor. Ele não conseguia ver a Mãe e estava deprimido. Pensou consigo mesmo: "o sonho que tive foi realmente muito auspicioso. Meditando na Mãe do Universo, não consigo dormir. Seis meses se passaram enquanto pratico diariamente. Mesmo durante as noites, nunca consegui dormir por causa da meditação." Pensando assim, recapitulou o sonho e começou a conjecturar o mantra de quinze letras derivado da oração que continha os nomes. Como era um sonho, pensou que fosse uma ilusão. Então ouviu uma voz incorpórea.

60-61a. Ao ouvir a distinta voz incorpórea que dizia: "ó Kama! Não tenhas dúvidas sobre isto", Kama refletiu repetidamente e, não conseguindo chegar a nenhuma conclusão, lembrou-se de sua mãe, Ramā.

61b-65. Lembrado por Kama, Laksmi apareceu e, parado perto dele, disse: "ó Kama! Por que você se lembrou de mim?" Vendo Ramā perto dele, Kama curvou-se e, com as palmas das mãos juntas, narrou seu sonho exatamente e a voz do céu. Ouvindo isso, Laksmi meditou por um longo tempo e disse alegremente: "ó Kama, meu filho! Você é o mais afortunado. Seus desejos foram realizados. Foi a Transcendente Sri Tripurasundari quem se dirigiu a você em seu sonho. Descarte essa dúvida, aceite Suas palavras como verdade e continue praticando Srividya." Então Laksmi desapareceu repentinamente.

66. Então Kama praticou mentalmente esse mantra por três anos divinos e a Grande Devi apareceu diante dele.

67-69a. Ao ver o brilhante Manmatha, que controlava sua respiração e seus sentidos, que era firme, imóvel e imperturbável, a Devi, compassivamente, assumiu uma forma radiante, em

conformidade com os ensinamentos de Ramā, e disse: “ó Kama, meu filho! Peça-me o que você deseja.”

69b-70. Ao ouvir as palavras de Laksmi, Manmatha abriu rapidamente os olhos e viu Devi Tripurasundari, que era extremamente bela e resplandecente, e que havia aparecido na mesma forma em que ele estava meditando. Ele se afogou no oceano de alegria.

Fim do vigésimo quarto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 25

1. Manmatha viu Devi Tripurasundari brilhando como um rubi, adornada com uma linda coroa cravejada de pedras preciosas.

2. Sua coroa ostentava a brilhante lua crescente, sua testa duplamente vermelha pelo vermelhão e pela Lalantika — um ornamento na testa.

3. Seus três olhos brilhavam como lírios azuis em plena floração, e seus olhares aristocráticos se misturavam com os brincos de diamante.

4. O brilho rosado emanado de sua pérola nasal e lábios vermelhos se espalhou em todas as direções, e a fileira de seus dentes venceu o orgulho dos botões de jasmim.

5. Seu rosto maravilhoso era como um lótus desabrochando do ápice de um pescoço semelhante a um botão de lótus, e seus dedos na extremidade de seus braços macios como trepadeiras eram como uma fileira de botões.

6. As ondas de raios de sol de suas pulseiras cravejadas de pedras preciosas se misturavam com o brilho de suas unhas, semelhantes à lua; seus seios eram como botões de lótus brotando de caules como colares de pérolas.

7. O caule como colares de pérolas, as três dobras perto de seu umbigo eram como os degraus do lago, os pelos em seu ventre eram como o musgo que se depositava em seu caule como uma corrente de diamantes.

8. Seus adornos brilhavam por dentro de sua blusa e vestido de seda vermelha, e a faixa em sua cintura delicada era cravejada de gemas em forma de estrela.

9. Ela empunhava a corda (laço), o aguilhão, as flechas de flores e o arco de cana-de-açúcar listrado. Sua vestimenta de seda, que lhe chegava aos tornozelos, era bordada com pedras preciosas brilhantes.

10. Seus pés estavam adornados com tornozeleiras e ornamentos em forma de cisne; ela exalava um perfume intenso de açafrão, cânfora e almíscar.

11. Ela exalava a fragrância da flor de Kadamba que adornava sua orelha e usava uma guirlanda feita de flores de lótus, vakula e jasmim.

12. Ela estava magnífica, sendo abanada de cada lado por Ramã e Vani com pequenos leques. Ao vê-la, Manmatha se encheu de imensa alegria e lágrimas.

13-14a. Horrorizado, Manmatha prostrou-se diante Dela. Imerso no oceano de êxtase, ele ficou incapaz de ver, falar ou sequer se levantar após contemplar a Grande Mãe.

14b-15. Ao ver o estado de Manmatha, Sri Tripurambika disse: “ó Kama! Levante-se e veja-me na mesma forma em que você meditou. Estou satisfeita com você. Diga-me o que deseja. Eu lhe concederei.”

16. Ao ouvir o que Sri Tripurasundari disse, Manmatha se levantou e, com as mãos juntas em sinal de respeito e a voz embargada pela alegria, começou a louvá-la.

17. “Eu venero Kamesvari, a causa primordial e única da criação, cujo olhar é compassivo. Não imploro a nenhum outro deus, nem mesmo por um pequeno favor.”

18. “Invoco aquela Devi Única que empunha o aguilhão, o laço, as flechas de flores e o arco. Não preciso de nenhum outro que seja chamado de deus, senão dos pés de lótus da Suprema Devi.”

19. "Os olhares de soslaio de Sri Tripura, banhados pelas ondas da compaixão, são supremos no mundo. Eu a vejo como a Mãe Única aqui."

20. "Que eu obtenha resultados desejados ou indesejados da adoração contínua à Mãe desprovida de desejos da Trindade dos deuses, mas jamais buscarei outras hostes de deuses."

21. “Que somente Lalita, a Imperatriz, a Venerável, aquela a quem Mahesa serve, ocupe meu coração diariamente. Que nenhum outro deus seja propiciado por mim.”

22. Que Devi Tripura, cujos pés são buscados por Hari, Hara e outros, me conceda felicidade eterna. Eu me curvo e imploro a Ela, a Hayaruda que lidera o exército e cavalga.

23. Que a encantadora Kamesvari, que empunha o arco de cana-de-açúcar e as flechas de flores, me proteja sempre com seu olhar compassivo. Nenhuma outra divindade é minha Devi.

24. Que a Grande Devi Kamaksi, minha Mãe, faça brotar em meu coração uma devoção eterna aos Seus pés. Que eu não devote nem um pouco a outros deuses.

25. “O desejo do meu coração é sempre habitar os pés de lótus da Devi Onisciente. Que Mahesvari realize isso em meu coração.”

26. Após louvar a Devi Tripurambika dessa forma, Manmatha, tomado de devoção, prostrou-se diante Dela repetidas vezes.

27-28a. Então Devi Tripura proferiu doces palavras: “Meu filho! Levante-se. Estou satisfeita com você. Peça a graça que deseja. Eu a concederei a você, mesmo que seja rara. Não há nada que você não possa obter.”

28b-32. Ouvindo as palavras da Mãe Universal, Manmatha, cuja profunda ignorância se dissipara com um simples olhar para a Devi e cujos desejos foram satisfeitos ao avistar Sri Tripura sundari, que nada mais era do que seu próprio Poder Próprio, levantou-se e dirigiu-se à Devi com satisfação e as mãos juntas em prece: “ó Tripuramba! Minha sede foi saciada ao beber o néctar de contemplar seus pés. O que peço a você? Não há mais nada a conquistar. Pedir uma dádiva seria como beber água salgada depois de provar ambrosia. Pedir uma dádiva depois de vê-la seria simplesmente ridículo. Ó Mãe! Eu simplesmente obedecerei às suas instruções.”

33-48. Ao ouvir Manmatha, a compassiva e sorridente Devi Transcendental disse: “ó Kama, Meu filho! Não há mais nada a conquistar para você. Para aquele que compreendeu o conhecimento sobre o Eu, mesmo o status de Brahma será insignificante. Mesmo assim, o propósito pelo qual você se aproximou de Mim não deve ser frustrado, pois nenhuma ação será em vão. Não haverá ninguém na Terra, no submundo ou no céu que você não possa conquistar. Pegue este arco e estas flechas.” Dizendo isso, a Mãe Universal deu de Seu arco e flechas um arco e flechas igualmente poderosos a Kama e, satisfeita com Manmatha, disse novamente: “ó filho de Ramā! Que você seja abençoado com excelente auspiciosidade em todos os seus empreendimentos neste mundo. Que, ao ser visto por você, todos percam a coragem. Que você seja um exemplo de prosperidade no mundo e o mais proeminente entre Meus devotos. Ó Manmatha! O excelente mantra de quinze letras que lhe foi ensinado em seu sonho se tornará famoso pelo seu nome, pois você foi a primeira pessoa a praticá-lo. Os cento e oito nomes que Ramā lhe ensinou e as nove estrofes cantadas por você, que contêm as letras da Srividya e que são explosões devocionais; que essas duas orações e a Srividya, que o tornarão próspero, se tornem a fonte de prosperidade para todos. Neste mundo, que este Mantra seja conhecido como Saubhagya Vidya, que os cento e oito nomes sejam chamados de Saubhagyastottara e que as nove estrofes recebam o nome de Saubhagyanavaratna. Eu ficarei rapidamente satisfeita com aqueles que lerem esses hinos. As pessoas que desejam educação se tornarão educadas, as que desejam riqueza se tornarão ricas, as que desejam descendência gerarão filhos, as que procuram esposas se casarão. Todos os desejos das pessoas que lerem esta oração serão realizados. Elas nunca enfrentarão infortúnios. Ó Manmatha! Ouça. Muito em

breve abençoarei as pessoas que cantarem esta oração que pode conceder completamente os desejos.” Dizendo assim a glória dos cento e oito nomes e da Srividya, Devi Tripurasundari desapareceu.

Fim do vigésimo quinto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 26

1-4. Ao ouvir a glória insuperável das orações, Parasurama indagou novamente ao Guru Dattatreya: “ó Senhor! Minha sede de ouvir aumenta a cada segundo enquanto bebo pelos meus ouvidos o elixir da palavra que flui do teu semblante de lótus. Por favor, ensina-me os cento e oito nomes de Devi que conferiram prosperidade sedutora a Kama e que explicam as letras da “Saubhagya Vidya”.

5-10. Ao ouvir as palavras de Parasurama, o munificentemente misericordioso Dattatreya dirigiu -se a ele com doces palavras. “Ó Bhargava! Escute os cento e oito nomes que são o repositório das preciosas letras de Srividya sobre as quais você perguntou. Os Puranas e os Agamas contêm uma miríade de nomes da Devi. Entre eles, este ‘Saubhagyastottara’, que foi revelado a Sri Bhavani por Siva após muitos pedidos, contém a essência de tudo. Para esta oração Astottara, Siva é o Rsi, a prosódia é anustup e Sri Lalitambika é a Devi. O processo de instalação ou assimilação se dá através das três seções (Kutas) do mantra. A oração deve ser recitada após meditar mentalmente e adorar a Devi.”

11. Ela é - 1. Kamesvari - a Consorte de Kamesvara, 2. Kamasaktih - Devi controlando os desejos, 3. Kamasaubhagyadayini - que abençoou Manmatha com prosperidade, 4. Kamarupa - Ela se manifestou como Kama, 5. Kamakala - Srividya, 6. Kamini - Adorável, 7. Kamalasana - sentada em um lótus (ou Brahmi).

12. 8. Kamala—a manifestação de Kamala (Laksmi), 9. Kalpanahina—além da compreensão mental,

10. Kamaniya—extremamente atraente (encantadora), 11. Kalavati—a personificação de todas

as artes. 12. Kamala-Bharati-sevya—atendida por Laksmi e Sarasvati, 13. Kalpitasesasamartih—criou toda a família do mundo por Sua vontade.

13. 14. Anuttara—ninguém a supera, 15. Anagha—isenta de demérito (ou santificadora), 16. Ananta—ilimitada, 17. Adbhutarupa—maravilhosamente manifestada, 18. Analodbhava—nascida do fogo, 19. Atilokacaritra—de aventuras sobrenaturais, 20. Atisundari—belíssima, 21. Atisubhaprada—doadora da mais alta auspiciosidade,

14. 22. Aghahantri — destruidora de pecados, 23. Ativistara — de forma extremamente vasta, 24. Arcanatusta — satisfeita com a adoração, 25. Amitaprabha — infinitamente radiante, 26. Ekarupa — de forma única, 27. Ekavira — de valor único, 28. Ekanstha — protetora única, 29. Ekantarcanapriya — gosta de ser adorada em segredo,

15. 30. Ekaikabhavatusta – satisfeita com a devoção sincera, 31. Ekarasa – a bem-aventurança indiferenciada, 32. Ekantajanapriya – gosta de pessoas isoladas ou desapegadas, 33. Edhamanaprabhava – de brilho cada vez maior, 34. Edhadbhaktapatakanasini – destrói os pecados desenfreados de Seus devotos,

16. 35. Elamodamukha — uma boca perfumada como semente de cardamomo, 36. Enodnsakrayudhasamasthitih — um raio na montanha dos pecados, 37. Ihasunya — a desprovida de desejos, 38. Ipsita — procurada pelos devotos, 39. Isadisevya — atendida por Isana e outros, 40. Isanavarangana — esposa devota de Isvara.

17. 41. Isvarajnapika—controla (comanda) Isvara, 42. Ikarabhavya—meditou sobre Sua letra-semente ‘I’, 43. Ipsitaphalaprada—concede os desejos, 44. Isana—a governante do universo, 45. Itihara—destruidora da angústia, 46. Iksa—a testemunha universal, 47. isadarunaksi—com olhos ligeiramente vermelhos, 48. Isvaresvari—a Devi até mesmo de Isvara,

18. 49. Lalita—deleita a mente, 50. Lalanarupa—de forma atraente, 51. Layahina—imperecível, 52. Lasattanuh—forma brilhante, 53. Layasarva—que põe fim a tudo, 54. Layaksonih—plataforma de destruição, 55. Layakarni—sustentadora da dissolução, 56. Layatmika—a personificação da dissolução (isto é, Kalika).

19. 57. Laghima – a manifestação do poder Laghima (ou seja, o poder de contratar), 58. Laghumadhyadhya – com cintura fina, 59. Lalamana – esportiva, 60. Laghudruta – se move rapidamente, 61. Hayarudha – anda a cavalo, 62. Hatamitra – matadora de inimigos, 63. Harakanta – consorte de Siva, 64. Haristuta – elogiada e cantada por Hari (Visnu).

20. 65. Hayagrivestada—aquela que satisfaz os desejos de Hayagriva, 66. Halapriya—aquela que se deleita na bebida Varuni, (cf: Lalita Trisati nome 120), 67. Harsasamuddhata—exultante de alegria, 68. Harsana—confere alegria (êxtase), 69. Hallakabharigi—com um corpo semelhante a um lótus vermelho, 70. Hastyantaisvaryadayini—aquela que concede riquezas empilhadas até a altura de um elefante.

21. 71. Halahastarcitapada—cujos pés são adorados pelo portador do arado (isto é, Balarama),

72. Havirdhanaprasadini—abençoa aqueles que oferecem oblações ao fogo, 73. Ramaramarcita—adorada por Srirama e Balarama 74. Rajni—a Imperatriz, 75. Ramya—encantadora, 76. Ravamayi—a personificação do som (Sabda Brahma) 77. Ratih—Manifesta-se como Ratidevi.

22. 78. Raksini—protetora (protetora), 79. Ramani—brinca com seus devotos e assistentes, 80. Raka—brilha como a lua cheia, 81. Ramanimandalapriya—afeiçoada à congregação de damas encantadoras, 82. Raksitakhilaloka—protetora de todo o universo, 83. Isa—a Suprema, 84. Raksogananisudini—destruidora da gangue de demônios.

23. 85. Amba—a Mãe, 86. Antakarini—a destruidora durante o dilúvio, 87. Ambhojapriya—que ama o lótus, 88. Antakabhayankari—que assusta até Yama, o Deus da morte, 89. Amburupa—que se manifesta como água, 90. Ambujakara—que segura o lótus em Suas mãos. 91. Ambujajatavaraprada—que concede bênçãos ao lótus nascido de Brahma,

24. 92. Antahpujapriya – gosta de adoração interior, 93. Antahsvarupini – o Eu interior, 94. Antarvacomayi – a voz interior, 95. Antakarativamankasthita – sentada na coxa esquerda do destruidor de Yama, 96. Antahsukharupini – a bem-aventurança interior,

25. 97. Sarvajna — a Onisciente, 98. Sarvaga — a Onipresente, 99. Sara — a Essência de tudo, 100. Sama — a Imparcial, 101. Samasukha — a Bem-aventurança indiferenciada de Siva, 102. Sati — a companheira eterna de Siva, 103. Santatih — a prole ininterrupta, 104. Santata — a Eterna, 105. Soma — a Lua (a Energia interior), 106. Sarva — a Uma em Tudo, 107. Sankhya — a ciência da Alma Universal, 108. Sanatani — a Primordial (ou Durga).

26-28. “Ó Parasurama! Eu te revelei os cento e oito nomes que são a essência de todos os nomes e que devem ser mantidos em absoluto segredo. Uma oração igual a esta é muito difícil de encontrar nos três mundos. Ela não deve ser revelada aos ateus que não são devotos de Devi Tripurambika. Sadasiva, Hara e outros recitam esta oração diariamente. Pelo poder desta oração, Manmatha conquista rapidamente os três mundos.”

29. “Para aquela pessoa que recita esta bela oração Saubhagyastottarasatanama nos três sandhis (ou seja, ao nascer do sol, ao meio-dia e ao pôr do sol), não há nada inatingível na Terra.

30. “A recitação desta oração é considerada essencial para os devotos de Srividya. Uma única leitura desta oração suprirá as deficiências em suas outras ações.”

31. “Os ritos diários e especiais realizados sem a recitação desta oração seriam um desperdício, semelhante aos ritos realizados por uma pessoa nua.”

32. “Um devoto que não consegue recitar os mil nomes e outros semelhantes, colherá cem vezes mais benefícios ao recitar esta oração de cento e oito nomes.

33-34. “Recitando isso mil vezes, pode-se destruir o inimigo com um olhar. Pode-se comandar os mundos oferecendo oblações de flores vermelhas de Karavira; pode-se atordoar o inimigo

com oblações de flores brancas e extirpá-lo com flores azuis. Oblações de pimenta destroem os inimigos e de Lavanga (cravo) curam doenças."

35-37. "A pessoa que alimentar mulheres casadas e brâmanes após recitar esses nomes, ou que adorar a Devi com flores ou frutas para cada nome, habitará permanentemente a Morada da Devi. Sri Lalita, a Imperatriz, abençoará e concederá os desejos da pessoa que repetir continuamente esses cento e oito nomes. "Ó Parasurama! Eu lhe contei sobre a oração. Agora ouça a história correspondente."

38-39a. "Kama, após obter a grande dádiva da Devi, subjugou imediatamente seres humanos, deuses, demônios, kinnaras, yakshas, kimpurusas e outros.

39b-40. "Após algum tempo, Kama, que partiu com o desejo de conquistar Mahadeva, foi reduzido a cinzas como uma mariposa, ao enfrentar o fogo da ira. Contarei essa história a você. Ó Rama! Ouça com paciência."

41-45. "Devi Gauri, nascida como Daksayani, foi reduzida a cinzas no yajna de seu pai após ouvir o insulto a seu marido Mahesa. Então Gauri permaneceu em forma incorpórea. Após muito tempo, Himavan, o Senhor das Montanhas, vendo Narada se aproximar, levantou-se e adorou com devoção o sábio divino, oferecendo-lhe água, guirlandas, alimentos, unguentos perfumados, roupas e ornamentos, e o alimentou com uma saborosa refeição. Então Himavan dirigiu-se ao sábio divino, de grande auspiciosidade, que estava sentado na assembleia."

46-47. Ó Sábio Divino! Ao vê-lo, sinto-me abençoado hoje nesta Terra, pois uma pessoa tão pequena como eu teve a permissão de servi-lo, filho de Brahma. Ó Senhor! Revele-me de que mundo o Senhor veio e com que propósito. Raramente se pode vê-lo. Qual é o seu próximo destino desejado?

48-49. "Assim indagou Narada com palavras como mel escorrendo, falando a Himavan para informá-lo sobre sua jornada. 'Ó Senhor das Montanhas! Vim de Satyaloka para ver um afortunado como você e prosseguirei para a morada de Siva.'

50-51a. Ao ouvir Narada, Himavan dirigiu-se a ele humildemente, dizendo: "ó Senhor! Como me chamas de afortunado? Com a agonia da infertilidade, sou extremamente lamentável e infeliz."

51b-56. Ao ouvir Himavan, Narada o consolou e disse: 'ó Rei das Montanhas! Escute. Vou lhe dizer como você é afortunado. Agora, por ser devoto aos pés de Parasakti, eu o chamei de abençoado. Neste mundo, pessoas com pouco mérito religioso não podem ter tamanha devoção. Essa Sakti, que é adorada dia e noite por Brahma, Visnu, Rudra e outros, é universalmente Suprema e nela reside toda a criação. Eu soube por visão iogue o que o sábio Vamadeva lhe ensinou anteontem. Esse sábio que lhe pregou é o expoente da adoração à deusa. Portanto, diga-me, quem mais além de você pode ser afortunado no mundo?'

57-59. "Ouvindo Narada, Himavan disse novamente: 'ó Brahman! Através da tua visão iogue, podes ver o passado e o futuro. Não há nada dentro do triplo período de tempo que te seja

desconhecido. Vou te perguntar algo. Por favor, dize-me quem é teu servo. Ó Brahman! Não há felicidade neste mundo sem filhos. Portanto, revela-me os meios pelos quais terei descendentes.'"

60-64a. "Ao ouvir Himavan, Narada, dotado de visão espiritual, meditou por um momento e dirigiu-se ao Senhor das Montanhas desta forma: 'ó! Rei das Montanhas! Eu sei que você não tem filhos. Não vejo saída. Mas você terá uma filha que lhe causará dor. Deixe-me dizer-lhe que a prole trará sofrimento. Não há ninguém neste mundo que seja feliz com filhos. Além disso, entenda que uma filha é a fonte da angústia. Se a Suprema Devi o abençoar, então até mesmo uma filha trará felicidade.'

64b-66. Ao ouvir as palavras de Narada, Himavan disse novamente: 'ó Senhor! Ouvi de Vamadeva que a Parasakti é de natureza alfabética e que não é possível compreendê-la. Portanto, se Sua forma é extremamente oculta e indescritível, diga-me, como posso obter Sua graça?'

67-71. "Ao ouvir isso, o inteligente Narada disse: 'ó Himavan! De fato, Ela é Sutil, Transtranscendental, inexprimível, Suprema, Tripura, a Causa universal. Somente os grandes yogis a conhecem, pois ela habita em todos, dentro de seu ser e em mais ninguém. Então, ó Himavan! Medite em Sua forma grosseira alternativa, que é visível a todos, e obtenha seus desejos. Mesmo as formas visíveis são infinitas, aquelas em que os devotos meditam. Entre elas, medite em breve em Gauri, Mrdani, a forma intelectual e transcendente de Mahadevi, e obtenha seus desejos.'

72-73a. Ao ouvir Narada, Himavan perguntou novamente: 'ó Senhor! Ó Sábio! Quem é a Devi conhecida como Gauri? Qual é a Sua forma? Qual é a Sua história? Qual é o Seu poder? Conte-me.'

73b-78. Ao ouvir Himavan, o sábio Narada disse então: "ó Senhor da montanha! Escuta a auspiciosa forma de Gauri. Ela, a Grande Devi, manifestou-se a partir do aspecto Vaisnava de Parasakti. De cor azul, sentada sobre um leão, com três olhos, usando a Lua em sua cabeça, empunhando em suas mãos como lótus a espada, o escudo, o tridente e a clava, ela é a consorte de Siva (Sankara), que, estando sob sua proteção, não sofre enquanto destrói a criação. Esta Devi, após descartar sua forma causal, nasceu de Daksaprajapati e, ao ouvir o insulto ao seu marido, foi consumida pelo fogo e assumiu uma forma etérea, não desejando ter uma forma física, mesmo a pedido dos deuses. Sem ela, Siva é infeliz. Ó Himavan! Apazigue-a e peça-lhe para nascer como sua filha. Tendo-a como filha, você brilhará, se tornará venerável no mundo e será louvado pelos deuses. Você também terá a fama de se tornar o sogro de Mahadeva. Com Parasakti como sua filha, você alcançará felicidade, fama e glória neste mundo.

Fim do vigésimo sexto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 27

1-6. 'Ó Himavan! Ouça a história que contém os feitos de Gauri. Há muito tempo, no 'Rathantara -kalpa', o grande demônio Tarakeya propiciou, por meio de penitência, o Mahadeva de três olhos e obteve muitas dádivas, atormentando o mundo intensamente. Siva concedeu-lhe os poderes de criação, proteção e destruição. Ele era capaz de tomar imediatamente o valor do oponente. Arrogante com tais dádivas, aquele poderoso demônio criou muitos mundos junto com Brahma, Visnu, Siva, Indra e outros deuses, tornando-se seu senhor. Brahma e outros criados por ele o adoravam. Ele se tornou o Senhor dos sacrifícios em sua criação. Ele criou seus próprios Vedas e variedades de conhecimento.

7-8a. Então o demônio Tarakeya foi até Brahma e os outros e disse: “que todos os deuses me adorem e recitem meus Vedas. Eu sou o deus e Senhor de todos. Todos vocês devem se curvar diante de mim sempre.”

8b-14. Ao ouvir suas palavras, e como os deuses não as aceitaram, ele os conquistou, capturou e aprisionou em seu universo. Em seguida, aprisionou os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Asvins e os Maruts. Depois, procedeu à destruição de Brahma e os demais. Ao verem o demônio se aproximando para capturá-los, Brahma e os outros, juntamente com sua comitiva, começaram a lutar e, após uma longa batalha, percebendo sua invencibilidade devido à dádiva, ele desapareceu. Após o desaparecimento de Brahma e dos outros, o grande demônio criou versões alternativas de Brahma, Visnu e Siva e as posicionou. Criou Indra e os outros deuses, colocando-os no céu e tornando-se o Senhor universal, adorado por todos eles.

15-19. Após muito tempo, enquanto Tarakeya observava os mundos, ele viu Sacidevi no céu e ficou encantado com sua beleza. Ele ordenou a seu servo, chamado Nisatha, que trouxesse Sacidevi. O mensageiro foi, curvou-se diante de Sacidevi e transmitiu-lhe a mensagem de seu senhor: “ó Indrani! Enviado por Tarakeya, cheguei aqui. O Senhor do Universo e o Senhor dos demônios lhe comunicam o seguinte: ‘ó dama de sorriso puro e radiante! Venha logo, com amor, até mim e desfrute da soberania universal casando-se comigo. Assim honrado, eu lhe obedecerei. Caso contrário, você perderá sua dignidade sendo arrastada para cá à força.’”

20-26a. ‘Ouvindo o mensageiro Saci ficou preocupada e pensou assim: o que devo fazer? Atualmente não há ninguém para me proteger. Indra, Jayanta e outros deuses foram capturados e levados para longe. Não tenho notícias sobre eles. Não tenho nenhum para me

salvar. Por enquanto, manterei afastado o Rei Demônio por uma estratégia inteligente. Em tempos de perigo, os fracos com todo o esforço e inteligência ficarão felizes ao adiar o evento mesmo pela metade. Ao ganhar mais tempo, vou me libertar da situação. Decidindo assim, Saci disse ao mensageiro. "Oh servo! Ouça. Dê minha mensagem a Tarakeya - 'Senhor Visnu é o Deus Supremo. Sua esposa Sri Laksmi é encantadora. Nós somos suas empregadas.

26b-27. “Dessa proposta de Saci, o mensageiro informou humildemente Tarakeya. Ao ouvir isso, o demônio Tarakeya considerou a ideia verdadeira e enviou o mensageiro a Sri Laksmi.”

28-30a. "Ao dirigir-se a Vaikuntha, o mensageiro apresentou a Lakshmi a mensagem do demônio. Ao ouvi-la, Lakshmi disse com desprezo: 'ó Mensageiro! Não é bom que o perverso Tarakeya me deseje. Com isso, ele está pedindo a própria destruição. Saia daqui o mais rápido possível.'"

30b-31. Assim expulso, o mensageiro foi e relatou o ocorrido ao Senhor dos demônios. Ao ouvir a negação de Laksmi, o furioso Tarakeya tomou a morada de Laksmi com seu exército.

32. Então Laksmi partiu com suas cem milhões de Saktis e rapidamente destruiu o exército dos demônios.

33-37a. Ao ver a grande proeza de Laksmi, o poderoso Tarakeya, um especialista no manuseio de armas e projéteis, lutou contra Ela. A guerra entre eles, que era como se Visnu estivesse lutando contra Sankara, semeou o medo no Universo. A guerra durou cinco anos. O demônio costumava recriar seu exército, que era destruído por Laksmi. Assim, ele reconstruía seu exército perdido e continuava a batalha. Então, Laksmi, compreendendo a invencibilidade do heróico demônio, lembrou-se de seu marido Visnu, o Ser Supremo.

37b-39. Então, o glorioso Narayana, que brilhava como muitos sóis simultâneos em um dilúvio, sentado em Garuda e seguido por Seus servos, apareceu no campo de batalha. Ele viu Laksmi cansada e abatida, e com grande ira lutou com todas as Suas forças contra o rei dos demônios.

40. Então, o poderoso demônio imediatamente se transformou em duas formas e lutou simultaneamente com Laksmi e Visnu.

41-44. Então, o irado Visnu lançou o infalível disco Sudarsana para matar o demônio. O disco queimou o demônio como o fogo queima uma casa. Então, o poderoso demônio que lutava com Laksmi criou outro demônio que, novamente, travou uma guerra extremamente feroz com Visnu. Assim, o demônio, que era destruído repetidamente, se recriava a partir de si mesmo e lutava. Então, vendo o demônio invencível por causa da dádiva de Mahesvara, Visnu, junto com Laksmi, desapareceu do campo de batalha.

45-52. Então, o Senhor dos Demônios, pensando que Laksmi e Visnu haviam sido derrotados, retornou ao seu palácio com sua comitiva. Mais tarde, ao receber a notícia de um Gandharva sobre a derrota de Laksmi e Visnu, lembrou-se de Brhaspati, o Guru. Apenas por sua lembrança, o Guru veio até Saci. Ao vê-lo, a miserável Saci levantou-se e curvou-se diante dele com

devoção, venerando-o e, com lágrimas nos olhos, disse: “ó Guru! Estou aflita pelo rei dos demônios. Meu marido Indra, junto com outros deuses, foi capturado por ele. Agora ele deseja minha companhia. O mensageiro enviado por ele foi astutamente devolvido. Laksmi e Narayana foram derrotados na guerra. Ele virá hoje ou amanhã para me levar. O que devo fazer? Para onde devo ir? Não há ninguém para cuidar de mim. Ó Angirasa! Ó Guru! Desamparadamente, me rendo a ti! Salva-me hoje.”

53-57. Ao ouvir o lamento de Indrani, o compassivo Brhaspati, após refletir profundamente, disse a Saci: “ó Pulomaja! Escute minhas palavras, adequadas à situação. Pela dádiva obtida de Mahadeva, este demônio vencerá a todos. Não há ninguém neste mundo, nem em nenhum outro, que possa derrotá-lo. Exceto por Gauri, ele é invencível pelas mulheres. Seu poderoso mensageiro virá em breve para levá-lo. Portanto, comece imediatamente a adorar Gauri por um mês.” Dito isso, o Guru retornou e Saci começou a propiciar Gauri, a Paramesvari.

58-60. Ela fez um ídolo auspicioso de barro de Gauri, que estava sentada sobre um leão, empunhando em seus quatro braços a espada, o escudo, o tridente e a clava, com três olhos, cuja cabeça era adornada com a Lua, de cor azul-escura e ricamente adornada com joias. Após adorá-la da maneira prescrita e oferecer-lhe diversas iguarias, ela recitou a oração dos cento e oito nomes que lhe fora ensinada pelo Guru e se absorveu na repetição do mantra.

61-67. 'Posteriormente, o demônio pensou em Saci e, dominado pela paixão, foi para o céu com seu servo. Lá, permanecendo em Nandanavana, o jardim celestial, ele enviou rapidamente seu mensageiro a Saci. Ao chegar a Saci, o mensageiro curvou-se diante dela e disse: “ó Brilhante! O Senhor dos demônios está em Nandanavana e está tão belo quanto a primavera coberta de flores. Desejoso de vê-la, ele está imerso em seus pensamentos. Fui enviado para levá-la até ele. Ó de belos olhos! Venha e junte-se logo ao rei dos demônios, que é o Senhor dos cem universos, e torne-se sua rainha. Muitos Brahmas, Visnus e outros, juntamente com suas esposas, a servirão. A Laksmi, mencionada por você anteriormente, foi derrotada junto com Janardana e eles fugiram com medo de sua morada. Este é o seu momento de sorte, sendo desejada pelo rei dos demônios.”

68-73a. Ao ouvir o mensageiro, a eloquente rainha de Indra, repreendendo mentalmente o demônio, disse: “ó Mensageiro! Escute. Há muito tempo eu também nutria o mesmo desejo do rei dos demônios: o de me querer. Creio que este é o momento oportuno para realizar meu desejo e, de fato, o rei dos demônios deve ser meu novo marido. Para isso, assumi um juramento de trinta dias, que será auspicioso para o novo marido. Logo após o cumprimento do juramento, irei me unir ao rei dos demônios. Se o juramento transcorrer sem obstáculos, jamais serei separada do meu marido. Se o juramento for quebrado, meu marido morrerá imediatamente. Portanto, ao término do juramento, jamais enfrentarei a separação do meu marido. Vá e informe o rei para que me conceda uma licença por apenas um mês.”

73b-74a. Ao ouvir Saci, o mensageiro relatou o ocorrido ao rei, que, ao ouvir a notícia, ficou feliz e aguardou aquele momento.

74b-81a. A devota Indrani, meditando incessantemente nos pés de lótus de Gauri, com estrito controle sobre os sentidos, a comida, as atividades e a fala, sustentava-se apenas com o ar. Após vinte e oito dias, na vigésima nona noite, Saci pensou assim: “até hoje, Devi Gauri não está satisfeita comigo. Depois de mais um dia, estarei sob o controle do rei dos demônios. Isso me parece intransponível. O que devo fazer para ser feliz? No momento, não tenho nenhum plano. Estou em perigo. Render-me ao demônio nunca é louvável. Portanto, esperarei mais um dia com paciência pela proteção de Gauri. Na manhã do dia seguinte, oferecerei meu corpo a Gauri através do fogo.” Decidida assim, Saci preparou um enorme altar em sua casa, perto do ídolo da Devi.

81b-83. “Um dos mensageiros do demônio perguntou a Saci sobre o altar de fogo. Ela respondeu assim: ‘o voto de trinta dias será cumprido e amanhã de manhã acompanharei o rei dos demônios. Vá e informe-o disso, e que ele venha aqui amanhã de manhã bem preparado e bem vestido para me levar consigo.’”

84. 'O mensageiro, acreditando nas palavras de Saci, relatou o ocorrido a Tarakeya, que aguardava ansiosamente aquele momento.'

85-89. Então Saci completou sua grande adoração à Devi, oferecendo materiais auspiciosos, encheu o altar de lenha e acendeu o fogo. Meditando com devoção em Gauri, ela circundou o fogo com a intenção de oferecer seu corpo e curvou-se com as mãos postas em oração diante de Sankari, dizendo: “saudações a ti, a Grande Devi, consorte de Siva. Ofereço-te este corpo. Que a Suprema Devi se agrade com isso.” Após essa oração, quando Saci estava prestes a entrar no fogo, um som alto e aterrador, como o de um trovão, ecoou inesperadamente no céu.

90-91. Ao ouvir aquele som estrondoso, Saci viu no céu um leão dourado tão alto quanto o Himalaia. Ao ver naquele leão a Grande Devi, semelhante ao ídolo que Ela adorava, Saci, cheia de alegria, curvou-se diante Dela.

92-93. Ao ouvir aquele som, Tarakeya, o Senhor dos demônios, seguiu o som no céu e, vendo o Leão, golpeou-o furiosamente na cabeça com a espada. Caindo sobre a cabeça do Leão, a espada se estilhaçou em cem pedaços.

94-98. Então Gauri, com os olhos vermelhos de raiva, ao ver o demônio, golpeou-o com o tridente, fazendo-o cair com o peito aberto. Levantando-se imediatamente, o demônio desapareceu e, num instante, criou um enorme exército no céu. Uma grande batalha começou entre os exércitos de Bhavani e o demônio. Os milhões e milhões de forças maternas divinas, nascidas do sopro de Gauri, lutaram contra o exército do demônio. O demônio, observando a destruição de seu exército, criou mais uma vez um batalhão enorme, que logo foi aniquilado pelas forças de Gauri.

99-103. 'Avaliando que as forças maternas eram mais fortes, o Senhor dos demônios criou um Siva de três olhos que empunhava um tridente e carregava a lua em sua cabeça. Esse Siva começou a atacar Gauri com seu tridente erguido. Ao vê-lo e confundi-lo com o marido de Gauri,

as forças maternas descartaram as armas. Então Gauri disse: “Ele não é o Siva, meu marido. Este Siva é uma criação do demônio. É impróprio descartar as armas ao lutar contra seres mágicos.” Então Gauri lembrou-se de seu marido Sankara para dissipar a ignorância das forças maternas. Sankara apareceu imediatamente, empunhando seu tridente, junto com sua comitiva.

104-105. Ao ver Siva empunhando o arco Pinaka, as forças maternas retomaram a batalha, pegando em armas. Então Brahma, deuses, Yaksas, Gandharvas, Kinnaras, Nagas, Ganas, Apsarasas, Siddhas e Kimpurusas vieram assistir à luta entre Gauri e Tarakeya.

106-110a. Então, o demônio e Gauri travaram uma guerra extremamente terrível, na qual o demônio criou inúmeros exércitos que foram imediatamente destruídos pelas forças maternas. Em seguida, o demônio Tarakeya se escondeu dentro do universo que ele mesmo criara. Sabendo disso, Sankari ferveu de raiva, e de lá surgiu a assustadora Mahakali nua, com os cabelos despenteados, usando uma guirlanda de crânios e empunhando uma espada. Ao vê-la, Sankari disse: “ó Kali! Destrua rapidamente o universo criado pelo demônio.”

110b-113. Ao ouvir isso, Kali, num instante, despedaçou as cem galáxias com sua espada e engoliu os habitantes. Quando o grupo de galáxias foi destruído, o demônio, empunhando uma arma poderosa, surgiu e, quando estava prestes a criar um exército para continuar a guerra, Gauri o derrubou no chão e, pisando em seu peito, decepou sua cabeça com o tridente. Com a cabeça cortada, o demônio perdeu a vida.

114-120a. Ao ouvirem a notícia da morte do rei dos demônios, Brahma e os outros proferiram slogans de vitória, e Indra lançou flores. Brahma, Visnu e os outros cantaram hinos e, com as palmas das mãos em prece, dirigiram-se àquela que estava sentada sobre o leão. “Ó Bhavani! O poderoso demônio que era nosso inimigo e algoz do universo foi morto por ti. Ó Mahesvari! Se Visnu ou Siva foram incapazes de matá-lo, como poderiam Indra e os outros? Com a morte deste ser perverso, o mundo foi protegido como um filho. Portanto, ó Grande Devi! Na costa do mar ocidental, tu te tornarás famosa como ‘Jagadamba’ — Mãe Universal — e, adorada, concederás os desejos do povo.” Louvando-a assim e curvando-se diante dela, os deuses retornaram às suas moradas.

120b-122. Então Indra chegou ao local onde o demônio foi morto e curvou-se diante da Mãe e, com as palmas das mãos unidas, disse: “ó Gauri! Ó Protetora do Universo! Ó Dissipadora da angústia dos desamparados! Eu me curvo diante de ti! Eu, que estava me afogando nas águas da tristeza, fui salvo por ti.” Dizendo isso, a amada de Indra prostrou-se aos pés da Devi.

123. Então Gauri, que estava feliz com Saci, disse com um sorriso: “oh, Indrani! Estou satisfeita com você. Peça a graça que deseja.”

124-126a. “Ao ouvir as palavras da Devi, Saci curvou-se e disse: ‘ó Devi! Se estás feliz comigo, concede-me a graça que desejo. Assim como me protegeste, salva aquela pessoa que está em grandes apuros, que canta os teus cento e oito nomes. Concede-me devoção inabalável aos teus pés de lótus.’

126b-127. ‘Então a satisfeita Gauri falou auspiciosamente a Saci: “ó Indrani! O que você pediu será verdade para sempre. Volte para sua morada.” Dizendo isso, a Devi desapareceu.’

128-129. “Ó Himavan! Assim narrei a suprema e valente história de Gauri, que absolve os pecados do ouvinte. Adore essa Gauri.” Tendo contado a Himavan a auspiciosa história de Gauri, Narada, com a permissão de Himavan, partiu pelo caminho celestial.

Fim do vigésimo sétimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 28

1-3. Após ouvir a auspiciosa e gloriosa história de Gauri, Parasurama perguntou novamente ao grande sábio Dattatreya: “ó Senhor! Não me sinto satisfeito ao ouvir as maravilhosas glórias de Gauri que fluíram de sua boca. Estou ansioso para ouvir sobre os cento e oito nomes de Gauri que Brhaspati contou a Saci. Por favor, diga-me isso.”

4-8. Assim, indagado por Parasurama, o compassivo grande iogue, filho do sábio Atri, revelou os cento e oito nomes de Gauri. Ele disse: “ó Parasurama! Ouça a encantadora oração que realiza desejos e absolve pecados, contendo os nomes de Gauri. O vidente desta oração é Angirasa. Seu metro é Anustup. A Devi que preside é Gauri. Esta oração deve ser recitada para superar as dificuldades. As seis letras-semente Hram, Hrim e similares devem ser instaladas (Nyasa) no corpo e, após meditar sobre Sua forma, esta oração deve ser recitada. Ela está sentada em um leão; Sua tonalidade é verde-escura; Ela brilha com uma vestimenta de seda; Ela empunha a espada, o escudo, o tridente e o bastão em Suas mãos; Ela está adornada com a Lua em Sua cabeça; Ela tem três olhos; Ela é a realizadora de desejos;—tal forma de Gauri deve ser meditada.

9. 1. Gauri — A Devi Gauri de tom dourado; 2. Gojanani — Mãe da fala, ou Mãe do Conhecimento; 3. Vidya — a personificação do conhecimento; 4. Siva — Divindade Auspiciosa — a consorte de Siva; 5. Devi — A Devi (Deusa) radiante; 6. Mahesvari — A Suprema Governante mais venerável; 7. Narayananuja — Irmã do Senhor Narayana; 8. Namrabhusana — Decentemente adornada; 9. Nutavaibhava — de glória louvável;

10. 10. Trinetra — Devi de três olhos; 11. Trisikha — com três tranças; aquela que governa os

três aspectos da criação; 12. Sambhusamsraya — aquela que está sob os cuidados de Siva; 13. Sasibhusana — adornada com o dedo da Lua; 14. Sulahasta — aquela que empunha o Tridente; 15. Srutidhara — a sustentadora dos Vedas; 16. Subhada — aquela que concede auspiciosidade; 17. Subharupini — a personificação da auspiciosidade;

11. 18. Uma - a personificação de Brahma-vidya; filha de Himavan; a forma de Om; 19. Bhagavati, a conhecedora do passado, do presente e do futuro deste universo. 20. Ratrih—a Noite, exaltada no Rigveda (cf., Ratri Sukta); 21. Somasuryagnilocana—cujos olhos são a Lua, o Sol e o Fogo; 22. Somasuryatmatatanka—cujos brincos são a Lua e o Sol; 23. Somasuryakucadvayi—cujos dois seios são a Lua e o Sol;

12. 24. Amba – a Mãe do Universo; 25. Ambika – a Mãe que controla os poderes triplos de vontade, cognição e ação; 26. Ambujadhara – a portadora do lótus (ver o sloka Dhyana de Sri Lalitasahasranama); 27. Amburupa – a manifestação da água; 28. Apyayini – a criadora da alegria; 29. Sthira – a Eterna; 30. Sivapriya – a Amada de Siva; que ama Siva profundamente; 31. Sivarikastha – que está sentada no colo esquerdo de Siva; 32. Sobhana – que é esplendidamente graciosa; 33. Sumbhanasini – a destruidora do demônio Sumbha;

13. 34. Khadgahasta—a portadora da espada; 35. Khaga—aquela que atravessa o céu; 36. Khetadhara—a portadora do escudo; 37. Khacchanibhakrtih—cuja forma se assemelha à pureza do céu; 38. Kausumbhacela—aquela que veste uma roupa cor de açafrão; 39. Kausumbhapriya—aquela que gosta da flor de açafrão—Kesara da Caxemira; 40. Kundanibhadvija—cujos dentes são brancos como o botão de jasmim.

14. 41. Kali — a manifestação de Kali; 42. Kapalin — aquela que segura um crânio na mão; ou aquela que usa uma guirlanda de crânios; 43. Krura — a força da destruição; 44. Karavalakara — a portadora da espada; 45. Kriya — a força dinâmica da ação; 46. Kamya — cobiçada pelos devotos para a libertação do cativeiro terreno; 47. Kumari — a virgem; (cf., Kanyakumari) a destruidora dos ímpios; 48. Kutila — a Tortuosa; astuta para com os ímpios; 49. Kumaramba — a Mãe de Kumara, isto é, Subrahmanya; 50. Kulesvari — a governante dos clãs (Saktas).

15. 51. Mrdani — a consorte de Mrda, o aspecto sattva de Paramasiva; 52. Mrgasavaksi — com olhos de um cervo jovem; 53. Mrdudeha — de corpo macio ou tenro; 54. Mrgapriya — que ama cervos e antílopes; 55. Mrkandupujita — que é adorada pelo sábio Mrkandu; 56. Madhvipriya — que gosta de vinho (ou que gosta de ser introvertida bebendo vinho); 57. Matrganedita — que é louvada pelas Sapta-matrkas (a coleção de Mães divinas);

16. 58. Matrka — os fonemas da linguagem divina; 59. Madhavi, a manifestação da consorte de Krsna; 60. Madyanmanasa — com mente extasiada; 61. Madireksana — com olhos encantadores; 62. Modarupa — a personificação da Bem-aventurança; 63. Modakari — aquela que concede Bem-aventurança; 64. Mumdhyeya — meditada pelos sábios; 65. Manonmani — a transmutadora da mente para um estado superior, um nível abaixo do lótus de mil pétalas.

17. 66. Parvatastha—aquela que habita a montanha, 67. Parvapujya—aquela que é adorada no

oitavo dia, décimo quarto dia, dia de lua cheia, dia de lua nova e dia de trânsito do sol. 68. Parama—aquela que é o Altíssimo; 69. Paramarthada—aquela que concede a libertação (Moksa); 70. Paratpara—aquela que é superior a Brahma, Visnu e Rudra; o Trans-transcendental; 71. Paramarsamayi—aquela que é o reflexo (Vimarsa) do Paramasiva; 72. Parinatakhila—aquela que cria toda a existência;

18. 73. Pasisevya — aquela que é adorada por Yama, o senhor da morte; 74. Pasupatipriya — a amada de Pasupati Siva; 75. Pasuvrsastuta — louvada tanto pelos tolos quanto pelos eminentes; 76. Pasyanti — a testemunha de todos; 77. Paracidrupa — a personificação da Inteligência Suprema; 78. Parivadahara — aquela que afasta a má reputação; 79. Para — a Palavra Transcendente;

19. 80. Sarvajna — a Onisciente; 81. Sarvarupa — a personificação de toda a criação; 82. Sa — a Suprema Devi; 83. Sampattih — aquela que está na forma de Prosperidade; 84. Sampadunnata — aquela que possui a mais elevada riqueza; 85. Apannivarini — aquela que destrói o perigo para os devotos; 86. Bhaktasulabha — aquela que é facilmente acessível aos Seus devotos; 87. Karunamayi — aquela que é plena de Compaixão;

20. 88. Kalavati — a personificação de todas as Artes; 89. Kalamala — que tem como guirlanda as sessenta e quatro artes e ofícios (ou Ela, de quem estes emanam); 90. Kalakalitavigraha — cuja forma incorpora todas as artes; 91. Ganasevya — que é acompanhada pela comitiva de Siva; 92. Ganesana — a Governante do grupo de deuses; 93. Gatih — o Objetivo final para todos; 94. Gamanavaijita — que está fixada no Bindu;

21. 95. Isvari — a Poderosa Governante do Universo; 96. Isanadayita — a consorte de Siva; 97. Sakti — o Poder em tudo; 98. Samitapataka — a destruidora dos pecados; 99. Pithaga — aquela que reside nos centros de Poder (Saktipithas, 51 ou 108 em número); 100. Pithikarupa — aquela que se manifesta nos diferentes Centros de Energia dentro e fora; 101. Prsatpujya — adorada pelos deuses; 102. Prabhamayi — a Refulgente;

22. 103. Mahamaya — a Causadora de uma ilusão estupenda que influencia até mesmo Brahma e outros; 104. Matangesta — aquela que é benevolente com o sábio Matanga; 105. Lokaloka — aquele que se manifesta como a criação visível e invisível; 106. Sivangana — a Senhora de Siva; 107. Sivanamajapasakta — Absorta no canto dos numerosos nomes de Shiva; 108. Sivasaktyaikyarupini — o Princípio unificado, idêntico e igual a Shiva. “Ó Parasurama! Esta é a rara oração que declarei a você.”

23-25. “Esta bela oração, que contém os cento e oito nomes de Gauri, é como um barco forte para atravessar o oceano das dificuldades. As dificuldades daqueles que a recitam diariamente se manterão afastadas. As pessoas que a cantam com fé obterão todos os seus desejos e, por fim, alcançarão a libertação. Ó Bhargava! Considere isto como a Verdade.”

26-31. Ouvindo as palavras de Narada, o sábio Himavan decidiu realizar penitência para obter as bênçãos de Gauri. O Senhor das montanhas, acompanhado de sua esposa, após banhar-se

no rio sagrado, sentou-se em sua margem e meditou, conforme ensinado pelo sábio divino, na forma de Gauri, belamente adornada, sentada em seu leão. Então, após adorá-la com diversas oferendas de comida, Himavan concentrou-se nela diariamente. Quando não estava meditando, repetia a oração incessantemente. Alimentando-se apenas de folhas maduras com moderação e silêncio, e dormindo no chão nu, Himavan realizou penitência por doze anos. Então, Gauri, satisfeita, apareceu diante dele na mesma forma de sua meditação e dirigiu-se a ele com uma voz digna e trovejante.

32. "Ó Himavan! Diga-me pelo que você está fazendo penitência. Chega dessa penitência severa. Eu lhe concederei uma grande dádiva."

33-35a. Ao ouvir isso, Himavan prostrou-se diante Dela e, com as mãos juntas em prece, a louvou com os nomes ali contidos. Então, colocando as palmas das mãos juntas sobre a cabeça, pediu a Gauri: "ó Devi Gauri! Bela para o Senhor Siva! Saudações a ti! Por favor, revive-me, pois estou consumido pela deficiência da infertilidade."

35b-36. Ao ouvir Himavan, Gauri disse-lhe: "ó Himavan! Você não tem chance de gerar um filho homem. Mas, pela Minha Graça, você certamente terá uma filha."

37-38. Então Himavan curvou-se e disse com as mãos juntas em prece: "ó Devi! Os sábios dizem que ter uma filha trará sofrimento. Se eu só puder ter uma filha, que sejas minha filha. Não desejo nenhuma outra dádiva que queiras conceder".

39-40. Ao ouvir Himavan, Gauri disse: "ó Himavan! Jamais assumirei uma forma física. Concedi-te uma filha e nada mais me é possível". Dito isso, desapareceu imediatamente como num passe de mágica.

41-47. Então Himavan decidiu realizar penitência novamente e começou a penitência mais severa possível, apenas para grandes sábios. Cem anos ele viveu de água e outros cem de ar. Depois de duzentos anos, preparou um enorme altar de fogo e, acima dele, amarrou cem cordas a uma figueira-de-bengala, amarrou seus pés a elas e ficou pendurado de cabeça para baixo, sem apoio, sem comer nem respirar, e continuou sua penitência. Sua esposa acendeu uma fogueira com lenha no altar abaixo. Assim, depois de um ano, ele cortou uma das cordas e fez isso por noventa e nove anos. Então, a fumaça do fogo de sua penitência impregnou o céu.

48-50. Incomodados com a fumaça ao redor, Indra e os outros deuses, tomados pelo medo, dirigiram-se a Himavan. Lá, incapazes de suportar o calor do fogo no altar, que se intensificava devido às penitências, os deuses recuaram e chegaram a Satyaloka. Dirigindo-se à morada de Brahma, Indra e os demais deuses prostraram-se diante dele à distância.

51-52. Vendo os deuses prostrados, Brahma, o criador, com voz digna, dirigiu-se a Indra desta forma: "ó Indra! Levante-se junto com os deuses. Por que você veio até mim? Sem medo, diga-me. Eu atenderei aos seus desejos."

53-59a. Ouvindo Brahma, Indra e os outros deuses se levantaram e, com as palmas das mãos

juntas, Indra disse lentamente: “ó Senhor do Universo! Estamos com medo. Vou lhe contar a causa do nosso medo. Na Terra, o famoso Himavan, o senhor das montanhas, está realizando uma grande penitência. Não sabemos o que ele quer. A fumaça que sai de sua cabeça está causando um medo pungente aos deuses. Nossos corpos estão sendo queimados por essa fumaça que se espalhou pelo céu. Meu trono na assembleia celestial, ‘Sudharma’, está tremendo. Os deuses inseguros não estão nada felizes. Para nós, que estamos em apuros, você é o único refúgio.”

59b-63. Ao ouvir Indra, Brahma meditou, abriu rapidamente os olhos e disse a Indra para não temer. Dito isso, Brahma prosseguiu com os deuses e chegou à margem do oceano de leite, onde o Senhor Visnu, empunhando a concha, o disco e a maça, estava reclinado. Prostrando-se diante de Visnu, os deuses, com as mãos postas em prece, o louvaram com hinos védicos que exaltavam sua glória. Então, Brahma, aproximando-se de Visnu, narrou a penitência de Himavan, conforme contada pelos deuses.

64-68a. Visnu, ao ouvi-lo, acompanhou os deuses até o local onde Himavan realizava severa penitência. Lá, viu o sábio Himavan pendurado por uma única corda acima do altar de fogo flamejante, que brilhava como uma chama devido ao esplendor adquirido através da penitência, e também sua esposa, que o servia. Então, Visnu aproximou-se dela e respeitosamente a questionou: “quem é você? Por que está servindo a esta pessoa nesta densa floresta? Quem é ele? Com que propósito está realizando uma penitência tão severa?”

68b-74a. Ouvindo as palavras de Visnu, a esposa de Himavan falou docemente assim: “ele é meu marido Himavan, o Senhor das montanhas. Ele deseja que Devi Bhavani nasça como sua filha. Proibido pela Devi, ele se dedicou a cem anos de penitência, amarrando-se a cem cordas e pendurando-se no fogo. A cada ano, ele corta uma das cordas. Agora, noventa e nove anos se passaram e, no centésimo ano, resta apenas um dia. Se Devi Gauri não for benevolente, amanhã de manhã ele cortará a corda restante e se tornará cinzas, oferecendo seu corpo ao fogo. Então, eu também oferecerei meu corpo ao fogo e o seguirei.”

74b-76. Então Visnu, após consultar Brahma e outros sobre os próximos passos, meditou ali mesmo em Gauri e, com grande devoção, louvou Siva. “Saudações a ti, Protetora do Universo! Saudações a ti, a personificação da auspiciosidade! Saudações a ti, que és Gauri, Sarvani (a consorte de Siva)!” Louvando-a assim com muitos outros hinos, Visnu prostrou-se diante dela.

77-79a. Agradada pelas orações de Visnu, Mahesvari, que estava em sua forma espacial, falou com amor e dignidade: “ó Narayana! Por que me louvaste? Antes, Sri Tripurasundari havia dito que tu és meu irmão mais velho. Portanto, diga-me por que te lembraste de tua irmã.”

79b-85. Ao ouvir Gauri, Visnu disse com um sorriso: “ó Gauri! Escute. Veja o perigo que o mundo enfrenta por causa da penitência extremamente severa de Himavan. Ao atender ao seu desejo, proteja o universo, que está sendo consumido como uma mariposa pelo fogo da penitência. Com tal ato seu, o mundo, Indra e todos os outros serão salvos. Veja também Sankara, que está em penitência sem a sua presença física. Há muito tempo, Sri Tripurasundari,

para manter a calma, criou a Trindade para realizar a criação e assim por diante. Ó irmã! Se você permanecer incorpórea, isso equivaleria a desconsiderar as ordens de Sri Tripurasundari. Assim, narrei o motivo de eu me lembrar de você. Além disso, cabe a você proteger a criação móvel e imóvel da maneira que melhor lhe for conhecida."

86. Ao ouvir Visnu e perceber o perigo que a penitência representava para o Universo, e respeitando as ordens de Sri Tripurasundari, Gauri concordou com Hari, dizendo: "que assim seja".

87. Então Hari e os outros deuses se curvaram perante Devi Gauri e, com a permissão dela, seguiram para suas moradas sem preocupações.

88-89. Então a incorpórea Gauri disse com a maior dignidade ao Senhor das montanhas, que estava em meio à chama da penitência: "ó Himavan! Estou satisfeita contigo. Olha para Mim. Concederei o teu desejo. Avisa-me em breve."

90-97. Ao ouvir aquelas palavras, Himavan meditou por um instante, pensando se era um sonho ou realidade, e então abriu os olhos e olhou ao redor, mas não viu nada. Quando estava prestes a considerar aquilo um sonho, Gauri repetiu suas palavras. Ouvindo aquela voz auspiciosa de Gauri, que era incorpórea, Himavan ficou muito feliz e curvou-se na direção da voz. Então, depois de louvá-la de várias maneiras, com o coração cheio de devoção, Himavan pediu à Grande Devi a graça que desejava. "Ó Gauri! Se estiveres satisfeita comigo e se minha penitência for bem-sucedida, que nasças como minha filha. Tenho um grande desejo de te ver como uma bebê e acariciá-la com amor enquanto observo tuas brincadeiras inocentes. Então, tomando Mahadeva como meu genro e adorando a ambos, alcançarei a bem-aventurança, com a certeza da felicidade aqui e na vida após a morte. Este é o meu pedido. Por favor, atenda ao meu desejo."

Fim do vigésimo oitavo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 29

1-5a. Ao ouvir o pedido de Himavan, a Grande Devi, que estava em forma espacial, disse auspiciosamente: "ó Senhor das montanhas! A dádiva que você pediu em breve se materializará.

Eu nascerei como sua filha. Embora seja contra a minha natureza ter uma forma física, você, por meio de sua penitência persistente, tornou isso possível. Portanto, você se esquecerá de que eu sou a Suprema Śivā e me tratará como uma filha terrena." Dito isso, a Grande Devi desapareceu.

5b-8a. Então Himavan, feliz por ter alcançado seu objetivo, curvou-se perante a Mãe e retornou à sua morada com sua amada esposa Mena. Em pouco tempo, em um momento auspicioso, Mena, esposa de Himavan, engravidou e a Grande Devi Śivā, conforme instruído por Sri Tripurasundari, entrou em seu ventre para o bem-estar de Visnu e dos demais deuses.

8b-10a. Então, na casa sagrada de Himavan, por carregar o poder da Suprema Devi em seu ventre, Menaka brilhou. Himavan viu sua esposa como uma deusa e ficou extremamente feliz com a realização de seu desejo.

10b-13a. Ao ver Menaka, cujo corpo era robusto e desenvolvido em todas as suas formas, cujas bochechas eram pálidas, cujo rosto brilhava com gotas de suor, que se cansava em momentos inesperados, cujos mamilos eram escuros e brilhantes; cujos pelos na barriga, com dobras desaparecidas, se projetavam, cujos lombos estavam ocultos e que demonstrava desinteresse pelos prazeres, Himavan descartou sua angústia mental.

13b-18. Desde o momento em que a auspiciosa Gauri entrou no ventre de Menaka, tudo prosperou para Himavan. As árvores estavam repletas de flores e frutos. Os frutos eram suculentos e perfumados. Os pássaros cantavam alegremente. A brisa suave acalmava os animais. O céu estava cheio de nuvens puras. As nuvens exalavam perfume. Os raios do Sol eram limpos. As direções pareciam purificadas. A noite era bela, com as estrelas e a Lua. As pessoas estavam felizes. Tais sinais eram vistos por toda parte. Ao vê-los, o exultante Himavan pensou que era o momento esperado para o nascimento de Gauri.

19. Então, naquele momento auspicioso, a esposa de Himavan deu à luz uma menina que era a encarnação de Gauri, a consorte de Sankara.

20-23. Ao vê-la, com três olhos, com uma lua crescente sobre a cabeça, empunhando a espada, o escudo, o bastão e o tridente afiado em suas quatro mãos, de tom verde-escuro, com vestes vermelhas e completamente adornada com joias, Menaka, esposa de Himavan, ficou assustada e informou Himavan sobre o bebê. Indo até lá, Himavan viu a menina e, reconhecendo-a como a Suprema Devi, prostrou-se diante dela. Então, levantou-se e começou a louvá-la com fervor devocional.

24. "Ó Devi Gauri! Saudações a Ti, adorada por Indra e pelos Senhores do Universo; Tu és a destruidora da angústia dos devotos; Saudações a Ti, causa única dos mundos; Ó Bhavani! Muitas saudações a Ti.

25. "Tu és o Poder Supremo único de Siva; Tu és o fio que sustenta a gama de mundos; Tu és onipresente; Tu és a essência do som 'AUM'; Tu és a miríade formada; ó Bhavani! Muitas

saudações a Ti.”

26. Quem mais, senão Tu, é capaz de resgatar os suplicantes que se afogam no profundo e terrível oceano da existência? Portanto, por favor, salva-me, a mim que estou sofrendo. Ó Bhavani! Muitas saudações a Ti.

27. Ó Devi Compassiva! Sabendo que estou preso na boca do jacaré chamado ignorância e mordido pela grande serpente na forma de desejos sensoriais, não seria justo da Sua parte atrasar o meu resgate. Ó Bhavani! Muitas saudações a Ti.

28. “Há muito tempo acredito firmemente que Teus pés me libertam dos grilhões da angústia e que não há ninguém mais neste mundo que possa aplacar meu sofrimento. Ó Bhavani! Muitas saudações a Ti.”

29. Assim, em oração, Himavan curvou-se novamente com as mãos juntas em prece e, tomado por devoção, dirigiu-se à auspiciosa Gauri.

30-34. Ó Devi! Tu me abençoaste abundantemente. Não seria surpresa se os desejos daqueles que pedem o Kalpavrksa fossem atendidos. Não há ninguém nesta terra mais afortunado do que eu, por ter a Devi como minha filha. Não pode haver fortuna melhor do que essa. Abençoado pela Devi, eu, que sou inerte e impotente, coloquei meu pé sobre as cabeças de pessoas muito sortudas. Sou realmente afortunado. Sou realmente sortudo. Ninguém mais é tão afortunado quanto eu, que está vendo a Devi na forma de minha filha. “Ó Devi! Quero te pedir algo que está em minha mente. Mas estou com medo. Ó Protetora compassiva dos Devotos! Por favor, ordene-me que te peça.”

35-36a. Ao ouvir Himavan, a Devi disse docemente: “ó Himavan! Abandone o medo e diga-me o que deseja. Nada é inatingível para o Meu devoto.”

36b-41a. Ao ouvi-la, o Senhor das montanhas curvou-se e falou com as mãos postas em prece: “ó Devi! Gostaria de vê-la na forma de uma criança comum deste mundo. Os pais deste mundo ficariam felizes em ver as brincadeiras dos filhos. Ao ver sua forma divina, não sinto o amor que um pai sentiria por sua prole. Minha amada esposa Mena também deseja vê-la como uma criança normal. Sua forma escura e feroz como Kali não é desejável. Por favor, assuma uma tonalidade dourada e faça jus ao seu nome como Gauri. Ó Mahesvari! Por favor, livre-me daquela maldição que você proferiu anteriormente, referente a ver sua forma.”

41a-44a. Ao ouvir Himavan, a consorte de Siva falou assim: “ó Himavan! Minha maldição sobre você foi para o seu próprio bem. Sem esquecer minha forma divina, você não terá esse amor por mim como sua filha. Contudo, em outra ocasião, mostrarei a você minha forma gloriosa.” Dito isso, a Grande Devi ocultou sua forma divina. Assumindo a forma de uma criança, a filha de Himavan começou a chorar.

44b-50a. Ao ouvir o choro do bebê, Himavan e sua esposa esqueceram-se da forma divina e pensaram que uma menina havia nascido. Sua esposa, Menaka, em delírio, sentiu as dores do

parto. As pessoas que ouviram o choro correram para o palácio e perguntaram o que havia acontecido. As mulheres que souberam do nascimento de uma menina foram até a sala de parto e, com grande alegria, viram o bebê maravilhosamente belo, brilhante como milhões de sóis, com o corpo dourado, os olhos grandes como pétalas de lótus, o rosto como a lua cheia, as palmas das mãos e os pés avermelhados, um corpo proporcional e que parecia uma bela pintura. Então, a parteira carregou o bebê.

50b-54a. Então Himavan, purificando-se com água, realizou rapidamente os rituais relacionados ao nascimento da bebê e presenteou brâmanes eminentes com dez mil vacas e cem mil moedas de ouro. Houve um grande festival no topo do Himalaia. Os deuses tocaram tambores e lançaram flores. O palácio de Himavan estava lotado e repleto dos sons dos brâmanes, dos músicos, dos dançarinos, dos panegiristas, dos mendicantes e dos artesãos.

54b-57. Então, no momento oportuno, Himavan realizou a cerimônia de nomeação de sua filha por meio de brâmanes. Os sacerdotes disseram: “ó Himavan! Devido à sua pura tez dourada, ela será conhecida na Terra pelo nome de Gauri.” Himavan, tendo assim a grande Deusa Gauri como filha, prosperou e se alegrou ao ver a menina brincar. Assim, a alegre Gauri cresceu na casa de Himavan.

58-60. Rapidamente, Gauri atingiu a adolescência. Ao vê-la, Himavan começou a pensar em um marido adequado para ela. Himavan aproximou-se do sábio Garga, curvou-se diante dele e perguntou: “ó Grande Sábio! Com quem minha filha se casará? Por favor, diga-me. Não há nada no passado ou no futuro que você desconheça.”

61-64. Ao ouvir as palavras de Himavan, o grande sábio Garga meditou por um instante e, sabendo sobre o marido dela, dirigiu-se alegremente a Himavan após se curvar diante da Suprema Gauri. “Ó Himavan! Ouça a gloriosa história sobre sua filha. Ela é Devi Bhavani, a quem você adorava. Seu marido não é outro senão Siva, adorado por todos os deuses. Iludido pela maldição dela, você desconhece isso.” Ao ouvir o sábio Garga, Himavan lembrou-se da Suprema Gauri.

65-68a. Certo dia, o sábio divino Narada, a coroa dos devotos, chegou à casa de Himavan para compreender a grandeza de Gauri. Ao ver o sábio divino, Himavan levantou-se de repente e o reverenciou, oferecendo-lhe um assento. Assim honrado, o sábio Narada, sorrindo, disse a Himavan: “ó Himavan! Vim aqui para ver sua filha. Mostre-me-a em breve e, depois disso, irei para o céu.”

68b-69. Ao ouvir Narada, Himavan rapidamente trouxe Gauri e disse-lhe: "minha filha! Incline-se perante o sábio." Então Gauri saudou o grande sábio.

70-74a. Ao ver a Suprema Gauri curvando-se, o eminente sábio divino, que guardava o segredo divino em segredo, curvou-se mentalmente diante Dela. Vendo-a ainda adolescente, Narada disse: “ó Himavan! Pela graça divina, depois de tanto tempo, tens uma filha. Ela está pronta para ser dada em casamento. Os ancestrais de uma pessoa desanimada, que não casa sua

filha na idade certa com um noivo adequado, sofrerão infortúnios. Ó Senhor das Montanhas! Revele-me quem se casará com tua filha. Uma filha casada com um homem merecedor trará grande felicidade."

74b-76. Ouvindo Narada, Himavan curvou-se e falou com as mãos postas em prece: "ó Sábio Divino! Tu és o observador de todo o universo. Nenhum evento auspicioso ocorre sem o teu conhecimento. Baseado nas palavras do sábio Garga, considero Trilocana Siva como o noivo. Dize-me quem é teu discípulo, qual a tua opinião."

77-86a. Ao ouvir Himavan, o sábio divino disse: "ó Himavan! Escute. Se você considera Siva o noivo, eu não o considero digno de se casar com sua filha, que é uma joia em todo o universo. Ela merece um marido que brilhe com qualidades excelentes. Todos os aspectos de Siva são desfavoráveis. Seu comportamento é sempre frenético. Ele habita o cemitério. É acompanhado por demônios. É adornado com serpentes. Sua vestimenta é pele de animal. Ele tem três olhos. Alimenta-se de veneno. Sua aparência é assustadora. No passado, sua esposa Gauri, ao ver sua loucura, tornou-se invisível. Da mesma forma, Daksayani, ao vê-lo insultado por pessoas honradas, reduziu-se a cinzas no grande sacrifício. Portanto, Siva não merece se casar com sua filha, que é um repositório de virtudes excelentes. Ó Himavan! Escute. Eu lhe mostrarei quem é a pessoa certa para se casar com sua filha. Madhava, de olhos de lótus, que habita Vaikuntha, o Ser Supremo, possui as qualidades desejáveis para se casar com esta moça. Ela também merece se casar com Visnu por sua grandeza. Ó Himavan! Quão grandioso seria ter Visnu como seu genro. Atraída por Ele, Laksmi o serve todos os dias. Se você concordar comigo, eu escolherei Hari, o Senhor do Universo.

86b-90. Ouvindo Narada e esquecendo-se, pela maldição de Gauri, consorte de Sambhu, a quem ele havia adorado anteriormente em penitência, Himavan, decidindo que Madhava seria o noivo, disse ao sábio divino: "sou afortunado por você ter escolhido um marido adequado para minha filha. Verdadeiramente, o inauspicioso Siva não a merece. Vá hoje mesmo e estabeleça logo uma aliança para que Visnu se case com minha filha. Não demore. Bons eventos são frequentemente acompanhados de calamidades. Portanto, por favor, aja de forma a não estragar tudo."

91. Ao ouvir Himavan, Narada, com um sorriso, disse a Himavan: "eu atenderei ao seu pedido" — e prosseguiu para o céu.

Fim do vigésimo nono capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 30

1-8a. Não aceitando a resolução de seu pai, Gauri, ocultando sua verdadeira forma e fingindo satisfação, foi com quatro de suas amigas para a auspiciosa, porém densa, floresta nas encostas da Cordilheira do Himalaia, repleta do zumbido das abelhas, com muitas trepadeiras e plantas frondosas, majestosa em pássaros, sem raios de sol, fresca, com manchas esbranquiçadas da neve, sem pastagens; de onde, ao longe, avistava-se o pico prateado, com riachos brilhantes e límpidos como as mentes dos sábios, fluindo sobre lajes de pedra pura; cujas árvores altas abrigavam grupos de nuvens, e que era repleta de pavões dançantes e da música dos cucos. Ali, às margens do rio divino, a filha de Himavan sentou-se cercada por suas amigas.

8b-11a. Ao ver Gauri cansada, uma de suas amigas lavou seus pés com a água do Ganges. Outra amiga abanou Gauri com um leque de palha, enquanto ela dormia no colo da amiga, que servia de travesseiro. Outra amiga colocou os pés de Gauri em suas próprias coxas, macias como seda, e os massageou delicadamente.

11b-16. Após descansar por um tempo, Gauri, acompanhada de suas amigas, banhou-se no Ganges e chegou a uma caverna próxima. Lá, durante a noite, adorou uma estátua de areia de Tripurasundari sentada na coxa de Kamesvara, com perfume, flores e frutas, conforme o ritual prescrito. Ela louvou a deusa Tripura com muitos hinos védicos e tântricos. Depois de adorá-la especialmente com frutas e flores raras, ofereceu música, dança e circunambulações. Enquanto a adorava, a noite terminou. Na manhã seguinte, Gauri cantou uma esplêndida oração, com a mente embriagada pela essência do amor, em direção aos pés de lótus da Suprema Tripurasundari. Gauri começou a entoar a maravilhosa oração 'Jnanakalika'.

17. Ó Deusa Auspiciosa! Tu és o oceano da Inteligência; Tu és o Eu Consciente em tudo; não há nada neste Universo que não contenha o Teu aspecto (porção); Portanto, Tu és a Existência que é Verdadeira e Falsa.

18. "Os sábios proclamam este mundo como real e irreal. Tu transcendes ambos. As pessoas iludidas pelo Teu poder de ilusão não Te compreendem. Tu és o conhecimento e a bem-aventurança que permeiam tudo."

19. "Dividindo-se no conceito de tempo, as pessoas te consideram apenas uma ilusão, limitada a formas como a Terra e outras criações. Os ignorantes não te reconhecem, a Grande Devi Tranquila, como diferente da escuridão e da luz."

20. "Os maravilhosos trinta e seis princípios, desde Siva até a Terra, são vistos em Seu corpo como a pintura em um tecido, como a Lua e as estrelas na água. Como o céu, Você é vasta e

Você é tudo."

21. "Nada no universo, seja unido ou dividido, interno ou externo, luminoso ou sombrio, pode brilhar ou ser compreendido sem Ti, o princípio inteligente. Portanto, Tu és tudo. Não há nada além de Ti."

22. "No âmago mental dos grandes Yogis que controlaram suas mentes dissolvendo os sentidos e que se despojaram totalmente de qualidades como desejo, raiva e outras, é Você, a personificação da Inteligência e da Bem-Aventurança, quem brilha."

23. "Da mesma forma, os grandes yogis que não controlam seus sentidos instáveis, mas trilham cuidadosamente o caminho da realização da Devi, veem, dentro de seu ser, que é como um espelho refletindo o elixir do autoconhecimento, tudo brilhando."

24. "Para elevar as pessoas ignorantes que são incapazes de alcançar a salvação através do caminho sutil e vigoroso dos Vedas, você assume diferentes formas grosseiras que podem ser vistas por elas."

25. "Tu crias muitos caminhos maravilhosos para adorar Tuas formas físicas e, qualquer que seja o caminho que uma pessoa escolha, Tu lhe dás o conhecimento da identidade contigo e a absorves assim como um oceano acolhe todos os rios.

26. "Assim, dentre muitas formas grosseiras, Aquela que empunha o arco, a flecha, a corda e o aguilhão é importante. Assim como a cabeça no corpo humano é preeminente, aqueles que adoram Sri Tripurasundari são os mais excelentes."

27. "Depois de mostrar muitos bons caminhos de adoração para resgatar as pessoas do oceano de miséria, Tu, que és famosa como a personificação compassiva do Poder Supremo, és a único adorável."

28. "Ó Devi! Que minha abelha mental, bebendo o mel de Seus pés de lótus, permaneça lá feliz. Ó Mãe! Ouvindo minha prece, lance sobre mim apenas uma vez Seu olhar misericordioso."

29. Gauri, após orar à Suprema Devi Tripura com a oração chamada 'Jnanakalika', iniciou a meditação.

30. Então, durante a meditação, quando Gauri se tornou uma com o meditado, Tripurasundari apareceu diante dela.

31-36a. A Devi Tripurasundari, sentada na carruagem Sricakra, adornada com joias, servida de cada lado por Laksmi e Sarasvati, que seguravam leques vermelhos como a flor de hibisco, usando a lua crescente, de três olhos, sentada no colo esquerdo de Kamesvara, vestindo uma túnica de seda cravejada de pedras preciosas, viu Gauri meditando, que se tornara a meditada e que não se perturbava com o alvoroço das centenas de servas. Então, Sri Tripurasundari olhou para Cittakarsini, que, captando a intenção da Devi, atraiu a mente de Gauri, que estava absorta

em Sri Tripurasundari, a meditada.

36b-40. Com a mente arrancada do objeto de meditação, Gauri, filha de Himavan, se perguntou por que aquilo acontecera e, abrindo os olhos, olhou ao redor. Ao ver a Suprema Devi, a emocionada Gauri curvou-se diante Dela e, com as mãos postas em prece, dirigiu-se a Ela assim: "ó Devi! Instrua-me, Tua serva, o que devo fazer agora. Meu irmão mais velho, Visnu, de olhos de lótus, fez com que eu assumisse este corpo. Honrando Tuas palavras, assumi este corpo. Meu marido, concedido por Ti, está absorto em penitência. Portanto, ó Paramesvari! Ordene-me o que devo fazer daqui para frente."

41-45. Ao ouvir o pedido de Gauri, Tripurasundari disse: "ó Parvati! Escuta. Nada te é desconhecido. Nascida de mim, não te decepcionarás. Abandonando sua penitência, Siva te desposará. Em breve, gerarás um filho que trará alegria a todos. Ó Filha de Himavan! A oração que contém a filosofia Sakta, com a qual me louvaste, iluminará seus cantores e, por minha graça, se tornará famosa com o nome de "Jnanakalikastotram". Ficarei satisfeita com aqueles que recitarem essa oração." Ao falar assim com Gauri, Devi Tripurasundari desapareceu.

46-48a. Então Gauri, curvando-se diante de Sri Tripurasundari, banhou-se no rio sagrado e divino e, após adorar seu ídolo, mergulhou-o novamente na água. Em seguida, saboreando a comida oferecida à Devi, a filha da montanha, apreciando a beleza da floresta, relaxou sobre uma laje fresca coberta de folhas e ouviu a conversa de sua amiga.

48b-51a. Uma das amigas disse a Gauri: "oh, Gauri! Escute. Acho que você agiu sem pensar. Não é certo vir para a floresta assustadora deixando seus pais idosos, que ficarão preocupados com você. Sem você, ambos ficarão expostos à angústia e, como a mariposa, podem morrer."

51b-54. Ao ouvir as palavras de sua amiga Gauri, que ocultava sua verdadeira glória, Gauri disse, com lágrimas nos olhos devido à separação de seus pais: "ó amiga! Escute. Eu já escolhi Siva como meu marido. Meu pai está me impedindo. Por isso, vim a esta floresta temida com amigas como você. Que a Suprema Devi, a quem eu propiciei, proteja meus pais." Dito isso, Gauri adormeceu.

Fim do trigésimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 31

1-5a. Após Gauri ter ido para a floresta, Himavan, retornando do jardim para o palácio, estava ansioso para ver sua filha, que o receberia todos os dias. Quando ela não apareceu naquele dia, Himavan pensou: “por que minha filha não veio me cumprimentar hoje? Ela pode ter ido a algum lugar ou pode estar doente. Ou será que está zangada comigo? Não, ela nunca esteve zangada comigo. Deve haver algum outro motivo.” Entrando nos aposentos internos do palácio, ele questionou sua querida esposa Mena.

5b-8a. Ao ser questionada sobre o paradeiro da filha, Mena respondeu ao marido: "se quisesse brincar, deve ter ido com as amigas. Ou então, pode estar na casa de alguma delas ou no jardim. Mandarei a criada buscá-la." Assim enviada, a criada procurou Parvati na casa da amiga e também no jardim, retornando sem encontrá-la em lugar nenhum.

8b-18. Ao ouvir as palavras do zelador, Himavan, perturbado pela tristeza, amaldiçoou seu destino e saiu com seus servos em busca de sua filha, percorrendo todos os cantos da cidade e da floresta. Cego de dor e cambaleando, procurou por toda parte, nas casas da cidade e na floresta. Pensando novamente que ela pudesse ter ido para casa, ele retornou ao palácio e, não a encontrando, Himavan lamentou: “ó filha! Para onde você foi? Foi raptada por alguém? Ou foi devorada por um demônio ou um chacal? Deixando-me, a mim, o velho e querido pai, ela nunca saiu de casa. Ninguém a mataria por causa de suas nobres virtudes. Ela manteria em cativeiro até mesmo meus inimigos. Sem ela, não tenho interesse em viver nem por um instante. Certamente me matarei com uma arma, bebendo veneno, enforcando-me ou me lançando ao fogo. Que pena! Às vezes, até as palavras dos deuses são falsas. O astrólogo disse que ela seria a fonte de honra para mim e que seu marido seria o onisciente e venerável Purusa, que me traria fama especial em todo o mundo. Como podem tais palavras dos deuses se tornarem falsas?” Lamentando assim, Himavan caiu inconsciente no chão.

19-21. Ao verem a situação difícil do rei, os ministros o acordaram e o encorajaram com palavras de consolo. “Ó rei! Não se desanime. A coragem é a melhor virtude nos momentos de aflição. Os grandes jamais perdem a coragem em tempos de dificuldade. Diz-se que apenas um covarde abandona a coragem em meio à calamidade. Portanto, seja ousado e aja guiado pela sua inteligência.”

22-28a. Assim, acordada pelos ministros, enquanto Himavan se preparava para acompanhá-los nas buscas, um mensageiro chegou. Louvando Himavan e curvando-se diante dele, o mensageiro disse: “ó Rei! Enquanto a procurávamos com afinco, encontramos, na direção nordeste, uma trilha estreita que levava à grande floresta. Sua filha pode ter passado por ali. É o que pensamos ao ver suas pegadas. Vimos também as pegadas de outras quatro pessoas. Ó Senhor! Nem mesmo na cidade encontramos essas quatro amigas, as melhores amigas de sua filha. Milhares de servos que conhecem muito bem o caminho já o percorreram em busca de sua filha. Ao receber esta notícia, vim até você”.

28b-31. Ao receber a boa notícia do mensageiro, Himavan, como que desmaiando de felicidade,

imediatamente presenteou-o com um colar de joias e partiu apressadamente pela rota indicada. Ao avistar a densa e imponente floresta repleta de árvores, arbustos, trepadeiras e enormes árvores assustadoras, juntamente com o zumbido arrepiante das abelhas, Himavan ficou profundamente triste.

32-38a. “Oh! Que situação difícil! Como foi que minha filha, com seus pés delicados, entrou na trilha da floresta repleta de espinhos afiados como ferro, junto com suas amigas? Nunca a fiz ficar brava. Mesmo assim, por que ela entrou na floresta com suas amigas? Como pode estar viva nesta floresta infestada de quadrúpedes carnívoros? Ela morreria de medo. Talvez tenha sido devorada por quadrúpedes ou picada por serpentes. Ou então, sequestrada por caçadores ou morta por ursos. De qualquer forma, ela está perdida hoje. Não poderei vê-la novamente.” Chorando assim, tropeçando frequentemente e queimado pelo sol, Himavan caiu no chão.

38b-43. Então, ele foi rapidamente levado para debaixo de uma árvore por seus seguidores e salvo com água fresca aspergida. Recuperando a consciência e abrindo os olhos, Himavan, que estava perturbado pela dor, só conseguia pensar em sua filha. De repente, um mensageiro se aproximou de Himavan e, após louvá-lo e prostrar-se, agradou-o dizendo: “ó Senhor das montanhas! Tua filha está a oito milhas (krosacatustaya) daqui. Ela foi encontrada pelos servos dormindo na margem de um rio, cercada por suas amigas, e nossos mensageiros a estão protegendo. Cheguei aos teus pés para comunicar a notícia. Deves ir depressa ver Gauri, que é uma fonte de alegria para ti.”

44-46. Ao ouvir as palavras do mensageiro, que eram como um elixir, Himavan se levantou subitamente como se tivesse recuperado a vida e rapidamente seguiu para a floresta pelo caminho indicado pelo mensageiro. Lá, viu sua filha e suas amigas dormindo. Tomando-a no colo e cheirando sua cabeça, Himavan, com lágrimas de alegria, perguntou à filha:

47-48. “Minha filha! Por que vieste para a floresta? Por que me abandonaste, a mim que não fiz nada de errado? Sem ti, tua mãe está passando por grandes dificuldades. Dize-me sem demora o motivo de teres vindo para a floresta.”

49-53. Ao ouvir as palavras tristes de seu pai, Parvati, demonstrando sua simplicidade, fascinou a todos e disse: “ó pai! Escute a verdade que lhe direi. Mentalmente, escolhi Siva, o de três olhos, como meu esposo. Mas, de acordo com as palavras do sábio divino Narada, o senhor está agindo contra o meu desejo. Por isso, vim para a floresta com a intenção de sacrificar minha vida. Não posso me casar com Krsna, assim como uma irmã não pode com seu irmão. Se o senhor me disser a verdade sobre me oferecer a Sambhu, irei com o senhor para a cidade; caso contrário, viverei na floresta.” Dito isso, ela abraçou o pai e chorou.

54-59. O indefeso Himavan, vendo sua filha chorando, consolou-a enxugando suas lágrimas e disse: “minha filha! Você realmente não conhece Siva, que é Siva apenas no nome. Ele é de mau agouro em sua aparência e caráter. Ele habita cemitérios vestindo serpentes. Pele de animal é sua vestimenta. Crânios formam sua guirlanda. Ele é acompanhado por demônios. Ele é esbranquiçado, como se sofresse de vitiligo. Ele é furioso. Antes, sua consorte Daksayani se

entristeceu com sua conduta e se reduziu a cinzas na casa de seu pai; enquanto Visnu é repleto de todas as boas qualidades. Ele é belo, com vestes amarelas, guirlanda perfumada, a joia Kaustubha e é auspicioso. Devi Laksmi casou-se com ele por suas excelentes qualidades inerentes. Minha filha! Visnu, com qualidades comparáveis, é adequado para você, e não Siva."

60-61. Ao ouvir as palavras de seu pai, Gauri, com os olhos vermelhos de raiva, disse: "ó pai! Seja auspicioso ou não, Siva deve ser meu marido. Não posso me casar com outra pessoa, mesmo que seja boa. Nesse sentido, acredito no meu destino. Por favor, não diga mais nada."

62-64. Ao ouvir sua filha, Himavan, que estava preocupado com a separação, concordou e a levou para a cidade. Então, pensou em oferecer sua filha a Siva e, em sua assembleia, lembrou-se de Narada. Sabendo disso, o resplandecente Narada apareceu ali. Himavan o adorou conforme ordenado nas escrituras.

65-67a. Ao aceitar a adoração de Himavan, Narada disse: "ó Himavan! Diga-me por que você se lembrou de mim. Eu realizei seu auspicioso desejo. A meu pedido, o Senhor de Laksmi, o Ser Supremo, por causa de sua boa fortuna, concordou em ser seu genro."

67b-73. Ouvindo Narada, o sagrado Himavan, com as mãos postas em prece, implorou por perdão e disse: "ó sábio! Eu lhe disse que ofereceria minha filha a Visnu. Mas, devido à minha má sorte, isso se tornou falso. No dia seguinte ao que lhe disse que ofereceria minha filha a Visnu, minha filha, enfurecida, entrou com suas amigas na temível floresta, que é como uma boca da morte. Com grande dificuldade, a encontramos e a trouxemos de volta. Ela não quer se casar com Visnu. Em vez disso, devido à sua má sorte, ela quer se casar com Siva. Ó sábio! O que devo fazer? Afogado como estou no oceano da terrível adversidade, só você pode me salvar."

74-75. Ao ouvir Himavan, o sábio divino, desejando contemplar a glória de Gauri, ficou furioso e lembrou-se de Vijaya e dos outros servos de Visnu. Foi apenas por essa lembrança que eles chegaram até Narada.

76-78a. Então Narada, tomado pela ira, disse a Vijaya: "este Himavan, um sujeito desprezível para o clã das montanhas, depois de prometer oferecer sua filha ao meu Senhor Visnu, está tentando nos humilhar. Portanto, prenda-o junto com sua filha e leve-os a Visnu para que ele se case com ela."

78b-83. Ao ouvir as palavras de Narada, Vijaya, o chefe dos atendentes, derrotou Himavan em combate e o capturou. Então, todos os cidadãos de Himavan gritaram e milhares de mulheres e crianças choraram e fugiram. Mena, junto com sua filha, foi até Kasyapa, o sacerdote do povo da montanha. Vendo-a apavorada, segurando a filha e chorando: "socorro, socorro!", Kasyapa disse: "minha filha! Não entre em pânico. Venha". Dito isso, ele as levou para dentro de sua casa e, depois de consolá-la, dirigiu-se a Parvati desta forma.

Fim do trigésimo primeiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 32

1. “Ó Mahadevi Parvati! Por que você está chorando como se estivesse com medo? Por favor, pare com essa brincadeira. Eu sei que você não tem medo. Você está nos iludindo com esse seu medo.”

2-3. Então Kasyapa dirigiu-se à assustada Mena, esposa de Himavan, dizendo: “ó Mena! Escute. Você está iludida. Relembre o nascimento anterior da Devi. Ó Rainha de Himavan! Busque refúgio comigo sob a mesma Devi que, após adorar, lhe deu sua filha.”

4. Ouvindo as palavras do sacerdote e lembrando-se da Virgem Grande Mãe, Mena, prostrando-se no chão, agradou-a através de diversas orações.

5-6. “Tu és a Mãe do Universo e a Suprema Devi. Ao nasceres através de mim, estás, na verdade, vestindo fantasias como uma atriz. Não há ninguém no mundo mais afortunada do que eu, porque tu, invisível às pessoas de méritos infinitos, nasceste de mim.”

7-8. Então Kasyapa elogiou Sankari profusamente e disse: “ó Mãe! Nem mesmo o Senhor das serpentes (Adisesa) consegue te louvar. Então, como posso eu te louvar? Ó Grande Devi! Abençoe-me. Proteja-me, a amada de Himavan, a mãe de Parvati, que está desamparada e amedrontada.”

9-11a. Assim louvada, Gauri assumiu sua verdadeira forma. Escura como uma nuvem destrutiva, sentada sobre o Leão, brilhando com adornos, empunhando armas de lâminas flamejantes, com três olhos, vestindo roupas douradas, com a lua adornando sua cabeça, ela emergiu do palácio como o Sol emerge do oceano.

11b-12a. Então Narada, ao ver a suprema Devi Gauri, consorte de Sankara, curvou-se diante dela e a louvou com muitos hinos.

12b-16. Entretanto, os servos de Visnu, após aprisionarem Himavan, chegaram para capturar sua filha Gauri. Ao vê-los e seu pai derrotado, que lamentava, Gauri ficou furiosa. De seu corpo emergiu a terrível Devi Aruna, que exalava fogo pela boca, escura como a noite mortal, com três cabeças e três olhos, empunhando o tridente e a espada e emitindo um ruído terrível. Ela

curvou-se diante de Gauri e perguntou-lhe o que deveria ser feito. Então, Aruna ordenou que ela destruísse os servos de Visnu em sua presença.

17-24. Então Aruna, com o fogo emanando de sua espada e tridente, queimou e destruiu os servos de Visnu, que eram iguais a ele em aparência, valor e armas. Ao ouvir a notícia, o furioso Visnu apareceu montado em Garuda, empunhando o disco Sudarsana. Ele viu Aruna Devi, que estava apavorada, com sua boca flamejante, e lançou o disco Sudarsana (com mil dentes) envolto em enormes chamas. Então Aruna, vendo o disco Sudarsana, brilhante como milhões de sóis, que estava no céu reduzindo tudo a cinzas como o fogo da dissolução, lançou seu tridente contra ele. O tridente, lançado da mão de Aruna, reduziu o disco Sudarsana a cinzas como fogo, como uma folha de grama. Então, o furioso Visnu, com sua maça, perseguiu Aruna Devi com grande velocidade e a golpeou na cabeça. Assim atingida, o Jvalavaktra soprou a chama diante de Visnu, queimando Garuda, o Senhor dos pássaros.

25-28a. Então todos os deuses e seres humanos, ao verem Jvalamukhi agarrando Visnu e o engolindo, gritaram de agonia. Quando a furiosa Jvalamukhi estava prestes a engolir Visnu, Gauri segurou sua garganta e disse com um sorriso: “oh, querida! Chega de coragem. Cuspa meu irmão, que é o protetor do universo. Caso contrário, os três mundos serão destruídos em breve.”

28b-29. Então Visnu, cuspido por Aruna, caiu inconsciente no chão e a massa de fogo também foi expelida junto com Visnu. Então Gauri rapidamente puxou Visnu, que estava em meio às chamas.

30-31. Aquela chama se alastrou lateralmente, para cima e por todos os lados. Vendo aquela chama devastadora e terrível, Brahma e outros deuses, aterrorizados, oraram à Grande Deusa Gauri e, tremendo, disseram em voz alta: "proteja-nos, proteja-nos".

32-33a. A glorificada Devi disse com dignidade aos deuses que buscaram refúgio sob Ela: “ó deuses! Não tenham medo. Eu lhes concedi proteção. Digam-me depressa qual é a dádiva que desejam”.

33b-34. Ao ouvirem isso, Brahma e os outros deuses falaram com a filha de Himavan, dizendo: “ó Devi! Por favor, apague esta chama crescente, que é como o fogo da dissolução, e salve a criação móvel e imóvel.”

35-39a. Assim, a pedido dos deuses, Gauri suprimiu a chama e dirigiu-se a eles desta forma: “ó deuses! Ouçam-me. Esta Jvalamukhi, que surgiu da Minha ira e de fato se dedicou a engolir o Universo, não pode ser totalmente controlada. Deixem-na permanecer nesta grande montanha. Satisfeita com a adoração dos deuses e dos seres humanos, permitam que ela atenda aos seus desejos. No momento da destruição final, ela se contentará em devorar todo o universo. Ela é o poder destrutivo de Rudra. Em associação com ela, Siva destruirá todo o universo.”

39b-41a. Dito isso, a Devi, lançando seu olhar ambrosíaco, reviveu Visnu e o grupo de servos

que haviam morrido. Após ser louvada por Visnu e outros, ela assumiu a forma da filha de Himavan e libertou seu pai, que estava acorrentado.

41b-43. Mesmo após contemplar a forma divina de Gauri e compreender Sua glória, Himavan, iludido pelo poder ilusório de Gauri, esqueceu-se imediatamente disso e pensou ter sido libertado. Então, abraçou sua filha, acariciou-a e curvou-se perante os deuses. Com as mãos postas em prece, dirigiu-se a Visnu, o Senhor dos três mundos.

44-46. "Ó Senhor de Laksmi! Eu imploro. Por favor, perdoe minha impotência. Não havia dúvidas em oferecer minha filha a Ti. Minhas palavras se tornaram falsas, pois ela deseja se casar com Siva a qualquer custo. Por favor, perdoe-me por meu erro. Teu filho Brahma e outros deuses estão reunidos aqui. Instrua-me, a mim que me rendi a Ti, sobre o que devo fazer agora."

47-50. Ao ouvir as palavras de Himavan, Brahma disse com um sorriso: "ó Senhor das Montanhas! Tu és abençoado por teres uma filha como esta, que merece somente o Grande Senhor Siva como esposo. Até mesmo Siva, o repositório de virtudes, a merece como esposa. Como poderia Visnu, seu irmão, ser seu marido? Ó a Melhor entre as montanhas! Imediatamente intercederei junto a Siva para que possa casar com ela." Dito isso, Brahma aproximou-se de Siva e, após curvar-se e louvar o grande Senhor Sankara, o benfeitor do mundo, disse-lhe:

51-52a. "Ó Mahadeva! Pedimos que aceite a filha de Himavan como sua esposa neste momento auspicioso. Nosso pedido não deve ser ignorado. Por favor, lembre-se do ocorrido."

52b-54a. Assim solicitado por Brahma, Siva concordou plenamente. Então Brahma disse a Himavan: "Sua tarefa está cumprida. O Grande Deus Siva aceitou desposar sua filha. Neste momento sagrado, você pode oferecê-la a Ele."

54b-56a. Ao ouvir Brahma, Himavan disse: "ó Senhor Brahma! Nenhum preparativo foi feito para o grande casamento. Sem preparação e sem convidar pessoas proeminentes de nosso clã, não consigo entender como proceder com o casamento."

56b-59. Ao ouvir Himavan, Brahma chamou o construtor divino Tvastr e ordenou-lhe que providenciasse todos os itens necessários para o casamento. Assim instruído, o construtor divino criou em pouco tempo o salão de casamento, os palcos, os recipientes, o fogo, as vestes, os ornamentos, as guirlandas, os assentos e as camas ao redor. Providenciou comida e bebida em abundância. Então, informou a Brahma que tudo estava pronto.

60-62. Ao ver isso, Brahma mostrou a Himavan, que, feliz, curvou-se diante de Brahma. Então, Brahma ordenou aos mensageiros divinos que fossem em carros divinos e trouxessem rapidamente os brâmanes, reis e outros parentes de Himavan. Os mensageiros retornaram muito rapidamente com todos eles.

63-64a. Ao ver a chegada de todos, Brahma disse a Himavan: "ó Himavan, todos os preparativos estão feitos. Prepare-se e traga sua filha para o casamento".

64b-67a. Assim ordenado, Himavan logo foi para seu palácio. Após providenciar as abluções sagradas para sua filha e completar as formalidades ordenadas por meio de seu guru Kasyapa, Himavan saiu do palácio acompanhado de sua amada filha, parentes e suas esposas, entrou no salão de casamento e lá permaneceu.

67b-68. Então Brahma preparou Siva de acordo com os ritos matrimoniais. Em seguida, Siva entrou no auspicioso salão de casamento acompanhado de sua comitiva.

69-73a. Himavan viu Mahadeva, que era horrendo, com cabelos emaranhados e emaciado, usando um colar de crânios no pescoço, uma serpente como brinco e uma cobra venenosa como cordão sagrado; que tinha três olhos de aparência repugnante; que estava cercado por seu séquito de demônios frenéticos e assustadores, com rostos desfigurados, vivendo em um cemitério. Ao vê-lo, Himavan ficou aflito. Olhando para Himavan, cujo rosto estava lânguido de tristeza, e compreendendo seus pensamentos, Brahma lhe falou assim:

72b-75. “Ó Senhor da Montanha! Por que estás mergulhado em tristeza neste momento tão auspicioso? Tu desconheces os maravilhosos aspectos do Grande Senhor Siva.” Dito isso, Brahma curvou-se e suplicou a Siva: “ó Mahesvara! Ó Senhor! Ao ver-te nesta forma, Himavan fica deprimido. Por favor, mostra-lhe Tua forma universalmente única e bela.”

76-80a. A pedido de Siva, dotado de suprema riqueza e poder, apresentou-se belo como um crore de cupidos, com a tez como ouro derretido, olhos como lírios azuis, uma coroa cravejada de diamantes brilhantes, vestes e guirlandas vermelhas, e muitos ornamentos. Seu séquito, também com ornamentos e trajes coloridos, assemelhava-se a Ele e O servia. Ao ver o belo Siva, Himavan ficou feliz e exclamou que sua filha era afortunada por ter um marido como ele, o Senhor de todo o Universo e universalmente atraente.

80b-81. Dito isso, Himavan curvou-se diante de Siva e disse: “ó Grande Deus! Desconheço a tua maravilhosa glória. Sou inerte e imóvel, e por isso o meu erro merece perdão.”

82-83a. Assim, pedindo desculpa a Siva, Himavan disse a Brahma: “ó Brahma! Esta é minha filha. Deixe Sankara segurar sua mão e casar-se com ela. Se você concordar, não percamos este momento.”

83b-84. Brahma, dando seu consentimento com um sorriso, dirigiu-se a Siva: "ó Siva! Segure sem demora a palma da mão de Parvati, para que não ultrapassemos este tempo tão auspicioso, livre de todas as máculas."

85-88. Ao ouvir Brahma, Siva segurou a palma da mão de Gauri e Himavan, junto com sua esposa Mena, derramou água sobre as mãos deles. Então, o som agudo dos instrumentos musicais, misturado com cânticos auspiciosos, ecoou por toda parte. Os Gandharvas cantaram, as damas celestiais dançaram, os panegiristas louvaram, o céu fez chover flores, a brisa suave espalhou fragrância em todas as direções, Vasistha e outros sábios entoaram os Upanishads Saiva.

89-96. Brahma realizou os rituais de casamento de Sankara. Naquela ocasião, Himavan honrou todos os brâmanes e convidados com inúmeras joias, vestimentas e dinheiro. Da mesma forma, Himavan adorou Brahma e outros deuses com muitos presentes, como era costume. Himavan serviu comida saborosa com uma variedade de pratos e bebidas para todos. Os brâmanes, satisfeitos com os presentes, partiram após abençoar o casal. Assim, durante o casamento, Himavan presenteou com muita riqueza. À sua amada filha Parvati, o feliz Himavan presenteou com inúmeras joias, vestimentas, elefantes, cavalos, carruagens e servos. Então Siva, aceitando todos os presentes, decidiu ir para sua morada com Parvati, enquanto Brahma, Visnu e outros deuses louvavam seus feitos gloriosos.

Fim do trigésimo segundo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 33

1. Então Mahesa, louvado pelos deuses e com a permissão de Himavan, partiu acompanhado de Parvati do jardim de Himavan.

2-3. Cheio de amor, Himavan os seguiu por uma curta distância. Então Mahesvara, compreendendo a relutância de seu sogro, que os seguia, em retornar, olhou para Parvati com um sorriso.

4-5a. Conhecendo os pensamentos de Mahesa, Devi Parvati iluminou seu pai, que havia esquecido sua divindade devido a uma maldição, e mostrou-lhe sua glória mais maravilhosa.

5b-8. Então, ao ver sua filha, que era a Suprema Devi, Himavan compreendeu a realidade Dela e todos os princípios do mundo, dissipando a ilusão. Com a permissão de Siva e Parvati, retornou à sua morada, repleto de glória. Após pedir a Brahma e aos outros que retornassem aos seus respectivos lares, Siva, acompanhado de Parvati e sua comitiva, chegou a Kailasa e decidiu realizar penitência.

9-11a. Então, às margens do rio divino Ganga, Maha Deva, sentado sob uma figueira-de-bengala em um local sagrado, realizou penitência por mil anos divinos. Durante esse tempo, ele reduziu a cinzas Manmatha, que estava perturbando sua penitência. “Ó Bhargava! Dessa maneira, até mesmo Kama foi queimado por Siva.”

11b-15. Ao ouvir a maravilhosa história, Parasurama perguntou novamente: “ó asceta compassivo! O fluxo ambrosíaco de histórias que emana de seu rosto semelhante a um lótus aumenta minha sede, mesmo depois de eu já ter bebido bastante. Como uma abelha embriagada, nunca me satisfaço. Desejo beber isso novamente através dos meus ouvidos. Como Kama foi queimado por Siva? Por que Kama impediu a penitência de Siva? Por favor, conte-me tudo isso, eu que pergunto repetidamente. E como Visnu recuperou o Disco Sudarsana que foi queimado por Jvalamukhi? Ó Guru! Por favor, conte-me também sobre isso.”

16-19a. Assim, indagado com entusiasmo, Dattatreya, o Grande Iogue, narrou a lenda: “ó adoradores do clã Bhrgu! Ouçam. Vou narrá-la para vocês. Após algum tempo, Visnu, o Senhor dos três mundos, ter perdido seu Sudarsana, um poderoso demônio chamado Mura veio lutar com Ele. Durante o combate, Visnu, sem o Sudarsana, ficou inerte como um touro sem chifres.

19b-21a. “Então Brahma disse a Hari: ‘ó Hari! Escute, sem Sudarsana você não pode vencer este demônio. Portanto, propicie com concentração a Deusa Jvalamukhi. Obtendo o disco Dela, você será capaz de derrotar este Mura.’”

21b-22. Ao ouvir Brahma, Visnu, que ali lutava, desapareceu. Então, o demônio Mura, vendo isso, pensou que Visnu havia sido derrotado e voltou para casa.

23-25a. “Então Visnu foi para a montanha do Himalaia, a morada da Suprema Devi Jvalamukhi, onde ela vivia dia e noite com o rosto em chamas. Lá, após tomar banho, Visnu, com controle de seu corpo, mente e fala, adorou Jvalamukhi e realizou severa penitência por mil anos sem comida, sem apoio, com os braços erguidos e os olhos fechados.”

25b-30a. Então, a satisfeita Mahesvari Jvalamukhi apareceu diante de Visnu para atender aos seus desejos. Ela resplandecia como um crore de sóis; sua tez era vermelha como o sol nascente; suas três cabeças estavam adornadas com coroas brilhantes; ela empunhava a espada e o tridente e usava um colar de crânios; de seus olhos, orelhas, nariz e axilas, a cada segundo, uma enorme chama emanava. Nascida da ira de Gauri, ela tinha um aspecto feroz. Ela era louvada por uma assembleia de deuses, gandharvas e apsaras, e cercada por sua própria comitiva, que cantava e dançava.

30b-31. “Ó Bhargava! Ao ver Jvalamukhi aparecer diante Dele, Visnu prostrou-se diante Dela e, de pé com as palmas das mãos unidas, louvou-A com muitos hinos secretos maravilhosos.

32-34a. “Então Devi Jvalamukhi, satisfeita com as orações, dirigiu-se a Visnu desta forma: ‘ó Visnu! Ó Senhor do mundo! Estou satisfeita. Peça a graça que deseja. Eu a concederei a você. Não há nada que você não mereça. Sendo irmão da minha Devi, você é adorável em todos os lugares.’”

34b-39. Ao ouvir isso, Visnu, com as mãos postas em prece, disse: “ó Devi! Ouça-me. No passado, fui criado pela Grande Devi Tripurasundari para proteger este mundo. De acordo com Seu comando, estou sempre empenhado em protegê-lo. Mas agora, um demônio conhecido

como Mura, com a intenção de destruir o mundo, está atormentando todos os deuses. Quando eu estava em guerra com meu batalhão contra ele, fui incumbido pelos deuses de matá-lo, mas fiquei impotente por falta do disco Sudarsana. Recorri a você para obter o Sudarsana. Agora, por favor, proteja toda a criação, móvel e imóvel, entregando-me o disco. Ou, com seu imenso poder, destrua o senhor dos demônios."

40-48. "Ao ouvir o pedido de Visnu, Devi Jvalamukhi dirigiu-se a Ele com uma comparação, dizendo: 'ó Narayana! Tu és Trivikrama, o querido irmão de Gauri. Sou obediente a Ela. Portanto, tu és verdadeiramente venerável para mim. Mesmo sendo capaz de destruir o demônio, todos estamos presos ao comando de Sri Tripurasundari. Quando, por temor a Ela, o vento sopra, o Sol nasce, a Lua surge junto com as estrelas, a Terra sustenta a criação, o mar não ultrapassa a costa, como posso eu ser livre sem respeito por Ela? Estou satisfeita com tua penitência. Toma tua arma.' Dizendo isso, a benevolente Jvalamukhi retirou de sua arma o disco Sudarsana, com mil dentes flamejantes, e o entregou a Visnu. Ela também disse: 'este disco Sudarsana é mais poderoso que o anterior, infalível e inexpugnável. Teu desejo será realizado. Com este disco, conquistarás os mundos e nada mais restará a ser conquistado. Vai e mata-o rapidamente o demônio e abençoe o mundo.' Então a Devi Śivā (Jvalamukhi) desapareceu logo em seguida como um sonho.

49-50. "Após receber o Disco Sudarsana, Visnu convidou Mura para lutar e imediatamente, com o Sudarsana, o queimou como uma mariposa, junto com seu exército. Ó Parasurama! Assim narrei como Visnu recuperou seu Disco."

51-58. "Ó Bhargava! Escuta como Kama foi reduzido a cinzas. Após se casar com Parvati, Siva realizou uma grande penitência. Depois de muito tempo, um demônio chamado Taraka e outro chamado Surapadma, com seu poder e arrogância adquiridos por meio de intensa penitência, tornaram-se os senhores dos dezoito mundos. Derrotado por eles, Indra, o senhor dos deuses, aproximou-se desamparado do criador Brahma. Vendo Indra, que havia perdido sua glória e permanecia reverentemente, Brahma, após refletir, disse-lhe: 'ó Indra! Escuta. Aquele senhor dos demônios possui grande poder. Taraka e Surapadma, que mencionei anteriormente, são invencíveis para você ou qualquer outro, exceto para Svaminatha, filho e herdeiro de Mahadeva. Portanto, vá até Siva e peça-lhe que gere um filho. Seu filho, tornando-se o chefe do exército dos deuses, derrotará o demônio e restaurará sua riqueza nos três mundos.'"

59-65. Ao ouvir as palavras de Brahma, Indra, junto com os deuses, correu para orar a Siva. Chegando lá, Indra viu o tranquilo Grande Deus de pescoço azul, consorte de Devi Uma, o protetor de todos. Viu Siva com os olhos fechados, cercado por sábios como Sanaka e outros, grandes por suas qualidades sátvicas e com uma mente serena e pura como as águas do outono. Naquele lugar, ninguém se movia, ninguém respirava pesadamente, ninguém se via, ninguém falava. Os pássaros não cantavam, o vento estava calmo, o sol não ardia, os galhos imóveis. Tudo parecia uma pintura estática. Indra não conseguia ficar de pé nem mesmo à distância. Dominado pelo calor da penitência, Indra de fato não conseguia ver.

[Nota: O segundo verso da estrofe 65 estava incompleto no original. Foi substituído adequadamente.]

66-71. Então Indra, pensando que ninguém além de Brhaspati, o Guru, poderia protegê-lo, lembrou-se do Guru com concentração. Assim que Indra se lembrou, o rei entre os yogis se apresentou. Ao ver o Guru, Indra sentiu alívio. Segurando seus pés e curvando-se com as mãos postas em oração, o desamparado e aflito Indra disse: 'ó Guru! Olha para mim, que perdi o reino e me afoguei por muito tempo no oceano da miséria sem nenhum outro salvador. Ordenado por Brahma, vim aqui para pedir a Siva que me concedasse um filho. Mas não consigo me aproximar Dele. O que devo fazer? Como meu desejo será realizado? Por favor, diga-me uma estratégia adequada para que minha necessidade seja atendida.'

72-74a. Ao ouvir as palavras de Devendra, o Guru, prevendo os eventos futuros, dirigiu-se a Indra a respeito da realização de sua tarefa e o agradou. 'Ó Indra! Escuta. Apazigue, com devoção, Devi Gauri. Ela te abençoará. Não há outro caminho.' Dizendo isso, o Guru desapareceu como uma pequena nuvem levada pelo vento.

74b-80. Então Indra realizou penitência por um ano para agradar a Devi Gauri. Agradada, Gauri apareceu diante dele e disse: 'ó Indra! Diga o que deseja.' Então Indra, vendo a Devi prostrada diante dela, louvou-a com muitos hinos e disse com as mãos postas em prece: 'ó Devi! De fato, perdi meu reino para o demônio. Brahma me disse que o filho de Mahadeva me ajudaria e que não havia outro caminho para alcançar meu objetivo. Por isso, vim aqui para ter meu desejo realizado. Mas, ao ver Siva em penitência, perdi a esperança. Como aconselhado por Brhaspati, busco refúgio em ti. Por favor, salva-me do oceano de dificuldades.' Dizendo isso, Indra prostrou-se novamente a seus pés.

Fim do trigésimo terceiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 34

1-3a. Ao ouvir Indra, a Grande Devi disse: "ó Indra! Escute. Parece que seu desejo não será realizado. Devido à maldição das esposas dos videntes, não tenho chance de ter um filho e, da

mesma forma, Siva não pode ter um filho através de ninguém além de mim. Portanto, como seu desejo será realizado? No geral, parece impossível.”

3b-5a. “Ouvindo Gauri, Indra disse com as mãos postas em prece: ‘ó Devi! Tu és universalmente adorada. Como é possível que tenhas sido amaldiçoada? Por quem e por quê? Como Mahadeva também foi amaldiçoado? Ó Consorte de Siva! Conta-me sobre isso que é surpreendente.’”

5b-14. A pedido de Indra, a Devi narrou assim: “ó Indra! Escuta por que Siva e eu fomos amaldiçoados. Certa vez, quando eu vivia na casa de meu pai no Himalaia, fui à floresta com minhas amigas para contemplar a beleza do outono. Por ordem de meu pai, mil caçadores me seguiram como guarda-costas. Naquela floresta, vi uma rara e bela corça em êxtase com seu parceiro. Ordenei aos caçadores que os capturassem para meu divertimento. Todos os caçadores cercaram o casal de corças e os trouxeram até mim. A corça suspirava e chorava. O cervo macho disse: ‘ó Devi! Sou Suhotra, da linhagem de Kasyapa, e vivo nesta floresta com esta senhora, filha do sábio Bharadvaja. Ao ver um casal de corças, ela desejou um divertimento semelhante comigo e, assumindo a forma da corça, se entregou ao amor.’ Nesse contexto, mesmo tendo pedido perdão por meu ato ignorante, ele me amaldiçoou (a não ter felicidade conjugal).”

15-18a. “Escutem a causa da maldição sobre Siva. Há muito tempo, no início da era Treta Yuga, os brâmanes, por meio de suas grandes penitências, tornaram-se poderosos e negligenciaram os deuses, controlando Indra, os Siddhas e os Rakshasas. Os deuses tornaram-se obedientes aos brâmanes. Observando os três mundos sob o controle dos brâmanes, Indra perdeu sua glória e tornou-se subserviente a eles.”

18b-19a. “Então, o indefeso Indra, junto com os outros deuses, foi até Brahma e submeteu-se à autoridade dos brâmanes.”

19b-21a. Ao ouvir isso, Brahma disse a Indra: "não posso contra-atacar, pois também temo o poder de sua penitência." Dito isso, Brahma e Indra foram até Visnu e narraram textualmente as notícias sobre os deuses.

21b-25. Ao ouvir o poder da penitência dos brâmanes, Visnu dirigiu-se a Brahma desta forma: “ó Brahma! Escuta. Atualmente, os brâmanes que habitam a floresta de Daruka conquistaram tudo por meio de sua imensa penitência, e não vejo nenhum meio de impedi-los. Se confrontados, eles podem destruir os três mundos. São capazes de criar cem universos num instante. Portanto, qualquer esforço nosso será inútil. Vamos, então, até Mahadeva, que nos fará o bem.” Dito isso, Visnu chegou a Kailasa acompanhado por Brahma e os outros.

26-30a. Após se curvar diante de Siva, Visnu e os demais, Siva permaneceu de mãos postas em prece. Vendo Visnu e Brahma junto aos deuses, Sankara disse: “ó deuses! Ouçam minhas palavras lógicas. Sei por que vieram até mim. Atualmente, os brâmanes, protegidos pelo fervor de sua penitência, se reduzem a cinzas apenas por sua proximidade, assim como o fogo queima a palha. Portanto, vamos deliberar, juntamente com os grandes ministros, sobre como

derrotar os brâmanes.” Dito isso, Siva, deixando os outros de lado, discutiu longamente, ponto por ponto, com os principais líderes dos deuses após acomodá-los.

30b-33a. “Então Visnu disse assim: ‘a não ser por engano, não creio que os brâmanes possam ser vencidos de nenhuma outra forma. Portanto, que Siva, assumindo uma forma encantadora, vá até lá e encante as esposas dos brâmanes, fazendo-as desviar-se da retidão. Uma vez que tenham perdido seu Dharma, poderão ser conquistados. Esta é a minha opinião, que me é mais cara.’”

33b-34a. Ao ouvir Visnu, o feliz Brahma e os outros deuses oraram ao Senhor Sankara e o suplicaram por seu bem-estar.

34b-37a. “Até mesmo Siva, por amor aos deuses, acompanhou seus assistentes em seu touro até a floresta onde os brâmanes estavam em penitência. Então, observando os brâmanes saindo para buscar combustível e flores sagradas, Siva entrou em seu eremitério. Assumindo uma bela forma semelhante a um crore de cupidos, Siva apresentou-se às esposas dos brâmanes.”

37b-39. Ao verem Siva tão belo, todas as esposas dos brâmanes, atingidas por flechas libidinosas, seguiram Siva. Embora seus filhos e outros maridos tentassem impedi-las, todas seguiram Siva, esquecendo-se de seus parentes e amigos. Cercado por elas, Siva dirigiu-se a outra floresta.

40-43a. “Sankara, por meio de jogos amorosos, as iludiu. Ao entrarem em contato com Siva, todas engravidaram. Depois de coabitar com elas, Siva disse-lhes: ‘retornem para suas casas, para que seus maridos não se irritem. Nos encontraremos novamente mais tarde. Agora vai escurecer.’ Ao ouvirem Sankara, as esposas dos brâmanes voltaram, temendo sua ingratidão para com seus maridos.”

43b-45. “Então os sábios, ao retornarem para suas casas com frutas, flores e combustível sagrado, viram suas esposas diferentes e grávidas, e começaram a duvidar. Pelo poder de sua penitência, compreenderam a transgressão de Mahadeva e se tornaram ferozes.”

46-47a. “Os sábios enfurecidos foram até Siva com a intenção de reduzi-lo a cinzas. Ao ver os sábios indignados se aproximando, Mahadeva, com seu estandarte de touro, fugiu a pontapés.”

47b-51a. “Ao verem Siva fugindo pelo céu, os sábios enfurecidos lançaram sobre Ele a seguinte maldição: ‘porque este lascivo semeou sua semente no ventre de outras mulheres, ele se tornará um eunuco para outras mulheres. Que o pênis deste amante, com o qual ele profanou nossas esposas, caia diante de nós.’ Assim foi amaldiçoado pelos brâmanes. ‘Portanto, ó Indra! Como poderás alcançar teu objetivo? Não há nenhuma chance de Siva ter um filho.’”

51b-52. “Ao ouvir Parvati, Indra perguntou ansiosamente: ‘ó Devi! Gostaria de saber o que Siva fez depois. Como seu pênis foi cortado e o que aconteceu com ele depois?’”

53-58a. Assim, questionada por Indra, Gauri respondeu: “após a maldição, o pênis de Siva, que estava no céu, se separou e começou a cair. Vendo os genitais caindo, Brahma implorou a Visnu: ‘ó Visnu! Se este pênis de Siva cair na Terra, certamente a Terra se partirá em cem pedaços. Não há ninguém além de ti que possa suportar isso. Portanto, para evitar essa calamidade, torna-te seu suporte na forma de uma vulva. Eu te sustentarei como tua base.’ Dito isso, Brahma, o criador, colocou-se como um pedestal. Acima dele, Visnu assumiu a forma de uma vulva.”

58b-61a. “Então, logo o Linga (pênis) caiu no meio da vulva e, com o impacto, a vulva se partiu. Ao romper a vulva, o Linga entrou no pedestal. Visnu e Brahma sustentaram o Linga com grande esforço. Pelo seu peso, a terra trêmula que entrava no Rasatala (um mundo inferior) foi firmemente mantida em posição por Visnu na forma de Adisesa, a serpente.”

61b-63a. Enquanto isso, o deus Siva estava furioso. A chama de sua ira, emergindo de seu terceiro olho, começou a queimar os mundos. Era algo espantoso. Enquanto os mundos eram consumidos pelo fogo, houve um enorme tumulto.

63b-64. “Então os deuses, os gandharvas, os vidyadharas, as grandes serpentes, os siddhas, os manes, os sábios celestiais e muitos outros oraram de diversas maneiras ao irado Siva de pescoço azul, o destruidor de Yama.

65. “Quando Siva não conseguiu tolerar a perda de seu pênis, Brahma tornou-se seu pênis.”

66-69. “Vendo Siva, que estava ligeiramente mais tranquilo após ter obtido seu pênis, Visnu, depois de se curvar e orar repetidamente, disse com as mãos postas em prece: ‘ó Mahadeva! Ó Senhor do Universo! Proteja as criações móveis e imóveis que estão sendo destruídas por sua chama de ira. Por favor, retire a chama. Sempre adoraremos sua Linga que caiu.’ Dizendo isso, Visnu adorou aquela Linga com vários rituais conforme ordenado e, com prostrações circunambulares, orou maravilhosamente.

70-76. “Então Siva, apaziguado pela adoração de sua Linga, aproximou-se de Visnu e disse-lhe: ‘ó Visnu! Escuta. Fui adorado por ti pela primeira vez na Linga, de forma não convencional, para receber a Minha bênção. A partir de hoje, serei satisfeito apenas com a adoração da Linga por todos, e não de outra forma. Que todos os deuses e seres humanos Me instalem na forma da Linga e Eu ali habitarei. A trindade com Brahma como pedestal, Visnu como a yoni e eu como a Linga, em conjunto, será a quarta forma de Paramesvara.’ Dito isso, o próprio Sambhu de três olhos adorou a Linga. Brahma, Indra e todos os outros deuses ofereceram-lhe adoração. “Ó Indra! Contei-te a gloriosa história de Siva. Contei-te também, desde o início, a razão de Sua maldição.”

Fim do trigésimo quarto capítulo do Mahatmyakhandam do Sri Tripura Rahasyam.

Capítulo 35

1-2a. Então, Indra perguntou a Gauri ansiosamente assim: “como foi feita a adoração do Linga na terra? Se eu puder saber disso, por favor me diga.”

2b-6a. Em seguida, a agradada Girija dirigiu-se a Indra assim: “Oh Indra! Escute. Vou lhe contar a anedota purificadora. As pessoas na Terra vieram a conhecer a adoração dos deuses pelos deuses e não a consideraram talvez hostis ao mundo. A descontinuidade da adoração do Linga na Terra realizou uma penitência extremamente severa para propiciar Devi Tripurasundari. Depois de dez mil anos, a Devi satisfeita apresentou-se na forma visível.

6b-8. Ao ver a Mãe Universal, Siva, tomado por fervorosa devoção, curvou-se, prostrou-se e orou repetidamente diante Dela. Então, a Deusa Tripurasundari, que assumira uma forma jovial, dirigiu-se a Sambhu como Siva e disse o seguinte:

9-11. “Ó Sankara! Escuta. Os seres humanos não estão interessados na referida adoração do Linga e se opõem a ela. Mesmo assim, satisfeito com a tua penitência, concederei o teu desejo. A partir de hoje, que todas as tuas formas em todos os mundos assumam a forma do Linga. Que a Trindade e o quarto ser, chamado Mahesvara, se contentem com a adoração apenas do Linga.”

12-13. “O Linga deve ser adorado por Brahma, Visnu, Sambhu e o quarto Sadasiva, bem como por todos os outros deuses. De acordo com a minha ordem, você, Hari, e os demais deuses devem ser desfavoráveis àquele que não adora o Linga com devoção.”

14-15. “Até mesmo para Meu devoto, a adoração do Linga é obrigatória. Ó Siva! Aquele que Me adora sem adorar o Shivalinga, todos os seus esforços serão em vão. Eu me agradarei com a mera adoração do Linga e concederei todos os seus desejos.”

16. “Aquele que, com devoção, Me adorar corretamente em um Linga, Eu concederei uma morada em Minha Casa que é inatingível para os outros.”

17. “Aquele que Me adora com o Sricakra escrito em um Linga alcançará inúmeros benefícios da adoração a um Sricakra.”

18-19a. “O Yantra (Diagrama Tântrico) escrito no topo de um Linga é o Yantra Supremo. A simples adoração a ele equivale a adorar todos os deuses, pois o Linga é a personificação da Trindade Divina que emergiu dela.”

19b-21. “Ó Sankara! Escute. Vou lhe contar outro segredo. Já que o Linga indica o estado de involução, ele é o ParaSiva Transcendental, e é uma forma alternativa Minha em seu aspecto causal.” Dito isso, e instruindo Brahma e os outros a adorarem o Sivalinga, a Devi desapareceu enquanto todos os deuses observavam.

22-25a. A partir daquele dia, o culto ao Linga se espalhou pelos mundos. “Ó Indra! Eu já te disse isso. Portanto, não há chance de Siva ter um filho. Além disso, você viu Siva realizando uma grande penitência sem respirar e sem abrir os olhos. Como posso ter contato com ele? Ó Indra! Vá e incumba Kama, filho de Laksmi, desta tarefa. Ele conquistará Siva e, posteriormente, seu desejo será realizado.” Dito isso, Gauri desapareceu.

25b-28. Então Indra retornou rapidamente à sua morada e imediatamente se lembrou de Manmatha para a tarefa em questão. Por essa simples lembrança, Manmatha fez sua aparição naquele mesmo instante, junto com Rati, na assembleia de Indra. Manmatha, o jovem encantador, empunhando a flecha de flores e o arco de cana-de-açúcar, e abraçando a indescritivelmente bela Rati, cativou os olhos e a mente dos deuses.

29-30a. Ao ver a chegada de Manmatha, Indra o recebeu de mãos dadas e o colocou no trono. Então, Indra o adorou com oferendas apropriadas.

30b-32. Manmatha, que era adorado e honrado pelos deuses, ficou satisfeito e, enquanto os deuses ouviam, dirigiu-se a Devendra desta forma: “ó Indra! Diga-me por que você se lembrou de mim. O que devo fazer? Honrado por você, atenderei ao seu desejo. Realizarei o impossível por sua causa. Não tenha dúvidas.”

33-35a. A Manmatha, que falou dessa maneira, o feliz Indra, com as mãos postas em prece, disse: “ó filho de Laksmi! Tuas palavras não me surpreendem; pelo contrário, são apropriadas para ti. Tu, o invencível, foste criado pela Mãe Universal para meu benefício. Siva, teu inimigo, está atualmente em penitência. Por favor, derrota-o e une-o a Parvati, a filha de Himavan.”

35-37a. Ao ouvir as palavras de Indra, Manmatha ficou deprimido e silencioso, relembrando a maldição anterior de Girija e sua destruição por Siva. Vendo o estado de Manmatha, Indra disse: “ó Kama! Por que você está tão triste?”

37b-40. Questionado por Indra, Manmatha suspirou e expressou seus pensamentos mais íntimos. “Ó Indra! Por favor, diga-me quem desejaria a autodestruição. Fui amaldiçoado por Gauri a ser reduzido a cinzas pelo Siva de três olhos. Creio que este é o momento para isso. O tempo é realmente inviolável. Mesmo assim, depois de lhe dizer que cumprirei sua missão, como posso voltar atrás? Portanto, irei realizar seu desejo e deixarei o futuro nas mãos dos deuses.” Dito isso, Manmatha partiu do céu em sua carruagem chamada Caitra.

41-46a. Então, a extremamente aflita Rati, abraçando o marido pelo pescoço e chorando, tentou ao máximo impedi-lo. Ela disse: “oh, meu Deus! Como posso sobreviver enquanto apenas a sua glória sobrevive? Por favor, retire seu voto de autoaniquilação. Vamos voltar para nossa cidade.

Somente os vivos desfrutarão da auspiciosidade. Verdade, penitência, valor e tudo o mais devem viver sozinhos. De que servem se alguém morre? Se você não aceitar minhas palavras, eu, na sua presença, descartarei esta vida e então você poderá ir como quiser. Oh, meu querido! Estou lhe dizendo a verdade. Separada de você, não poderei viver nem por um segundo."

46b-49. Ouvindo sua amada Rati, que o abraçava pelo pescoço, o bravo Manmatha disse: "ó minha amada! Escuta. Os bravos não se lamentam em tempos de aflição. A tristeza destrói todos os benefícios. Nem mesmo Brahma e outros podem alterar o que está reservado para nós. Ó meu amor! Em breve estarei contigo novamente. Até lá, adore a Deusa Tripurasundari com a mente pura, e ela lhe concederá todos os seus desejos."

50-51a. Mesmo enquanto seu querido marido Kama lhe contava tudo, Rati, tomada pelo medo e pela tristeza, caiu inconsciente no chão, como uma bananeira amarela cortada pela raiz que toca o solo.

51b-56a. Ao ver o sofrimento de sua amada esposa, o triste Kama, tomando-a em seu colo, lembrou-se de sua mãe, Laksmi, consorte de Narayana, que imediatamente se fez presente. Ao ver sua mãe, Kama colocou Rati no chão, curvou-se diante dela e narrou sua história: "ó Mãe! Tendo prometido a Indra que cumpriria sua missão, como posso ir contra isso como uma pessoa má na Terra? Portanto, irei até Siva para conquistá-lo. Leve minha consorte para sua morada depois de consolá-la."

56b-59a. Então Ramā, com um semblante triste e abatido, abraçou Manmatha, que lhe falou e, com coragem, disse-lhe: "Meu filho! Vá. Em breve você conquistará Mahesvara. Nem mesmo Brahma pode desfazer a maldição de Gauri. Portanto, medite na Grande Devi Sri Tripurasundari e recite Seu Sri Vidya Mantra (Pancadasaksari) e vá. Ela o abençoará. Vá e brilhe."

50b-60a. Assim aconselhado, Manmatha curvou-se perante sua Mãe, a Mãe Universal, e prosseguiu meditando em Sri Tripurasundari com a máxima devoção.

60b-64a. Então Laksmi olhou para Rati com um olhar que destilava ambrosia, e ela se levantou como se tivesse acabado de dormir. Não vendo o marido, a aflita Rati disse com pesar: "ó Venerável Devi! Diga-me, onde está meu amado? Separada dele, não quero viver nem por um instante." E lamentou novamente: "ó meu querido! Por que me abandonaste, a mim que sempre te seguia? Sem ti, este mundo não tem mais sentido para mim."

64b-65. Após animar e consolar Rati, que estava de luto, Laksmi a levou para Vaikuntha, onde Rati permaneceu sob a proteção de seus atendentes.

Fim do trigésimo quinto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 36

1-2. Então Kama prosseguiu rapidamente em sua carruagem chamada Caitra, meditando nos auspiciosos pés de lótus da Mãe Sri Tripurasundari. Em seu caminho, às margens do belo e divino rio Ganga, após banhar-se, ele propiciou com mente serena a Suprema Devi.

3-6. Quando Manmatha, com os sentidos acalmados, meditou aos pés de Sri Tripurasundari e tornou-se tranquilo e introspectivo, então a Grande Devi Sri Tripurasundari estava perto dele. Ela era vermelha como o Sol nascente, com a Lua na cabeça, de três olhos, empunhando em suas mãos de lótus o laço, o aguilhão, o arco e as flechas; brilhando com uma coroa adornada com nove tipos de gemas, jovem e de requintado encanto, sendo louvada por uma multidão de deuses.

7-9. Ao vê-la, Kama prostrou-se a seus pés. A Devi colocou sua mão de lótus sobre a cabeça dele. Tocado por sua palma de lótus, Manmatha sentiu-se abençoado e foi tomado por lágrimas de alegria. Depois de se levantar, ele viu a Devi e, tomado por êxtase, a louvou com a voz embargada, alheio à sua própria existência.

10. Ao vê-lo naquele estado, a Suprema Devi ficou satisfeita. Sabendo disso, Laksmi, a amada de Hari, chegou lá.

11-13. Laksmi, após se curvar e orar à Suprema Devi Sri Tripurasundari, disse: “ó Mãe! Manmatha, que é o intensificador da minha alegria, é o principal entre os teus devotos. Ele está sofrendo com a maldição de Gauri, que ele não merece. A derrota dos teus queridos devotos é imprópria. Como as atividades mundanas podem prosseguir sem ele? A criação se tornaria estática. Portanto, instrui e protege aquele que se prostrou aos teus pés.”

14-17. Ao ouvir Ramā, Devi Tripura disse em tom solene: “ó Laksmi! Escute. Meu devoto jamais perecerá. Até que ele receba um novo corpo, deixe-o permanecer em meus olhos. Que ele seja reduzido a cinzas por Sankara, conforme a maldição de Gauri. Posteriormente, ele receberá um belo corpo e trará felicidade a você e a Rati.” Dito isso, Devi Tripura olhou para Manmatha, absorveu-o em seus olhos e ficou conhecida como “Kamaksi”.

19-22. Manmatha, que se fundiu com Ela, parecia estar em sono profundo (susupti). Então, seu corpo caiu diante de Sri Tripura e Laksmi. Das raízes de seu corpo, milhões e milhões de Kamas surgiram ao seu redor. Após ordenar que induzissem o desejo nos seres vivos, a Grande Devi Tripura, por meio de Seu poder de ilusão, fez o corpo de Manmatha se erguer. Seu corpo se

ergueu como se despertasse de um sono profundo. A Suprema Devi o chamou pelo nome de 'Kama', deu-lhe flechas mágicas de flores e um arco de cana-de-açúcar e o abençoou para derrotar Mahadeva, que estava em penitência.

23-25a. Então Kama, montado em sua carruagem e empunhando as flechas de flores e o arco de cana-de-açúcar, chegou ao local onde Siva, o de pescoço azul, estava em penitência. Devendra, também para cumprir sua missão, seguiu Kama e, vendo Siva absorto em penitência, ficou à distância com sua comitiva, observando a vitória de Kama.

25b-26a. Então Kama, vendo Siva meditando, o atingiu no peito carregando seu arco com a flecha de flor.

26b-29. Percebendo a perturbação em sua mente, Siva abriu os olhos e viu a filha de Himavan. Ao notar a aberração mental, o furioso Siva viu ao seu lado Manmatha, que empunhava o arco e a flecha de flores, e apenas com aquele olhar de raiva, Manmatha foi reduzido a cinzas, como um monte de algodão sob o fogo destrutivo, enquanto Indra e os outros observavam.

30-31a. Então Brahma, louvado pelos sábios e videntes, percebendo a destruição da criação pelo fogo da ira, pediu a Sankara, o Grande Deus e pai do universo, que perdoasse o ato.

31b-32. "Ó Parasurama! Assim narrei em grande detalhe o nascimento de Gauri de Himavan e a história extremamente maravilhosa da redução de Kama a cinzas."

Fim do trigésimo sexto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 37

1-6a. “Ó Venerável Guru! Ouvi a deliciosa e maravilhosa glória da manifestação de Gauri e da queima de Kama. Agora, gostaria de ouvir como, após a união de Siva e Gauri, Kumara nasceu e como ele venceu os demônios? E como Manmatha, o querido filho de Laksmi e aquele que dissipou a tristeza de Rati, que se fundiu com os olhos de Sri Tripurasundari, veio à existência. Ó Guru! Com compaixão, conte-me, seu discípulo, que se rendeu a você. Quem na Terra, incluindo uma pessoa ignorante, exceto as coisas imóveis, se sentirá satisfeito bebendo o néctar, a suculência e auspiciosa história da Grande Mãe que flui de seu rosto semelhante à lua,

que destrói uma pilha de miséria? Por favor, conte-me essa história, a mim, que me curvo e lhe imploro."

6b-8. Assim, indagado por Parasurama, Guru Dattatreya começou a narrar, dirigindo-se a ele da seguinte forma: "ó Parasurama! Escute. Após Manmatha ter sido reduzido a cinzas por Siva, Indra ficou extremamente triste por não ter seu desejo realizado e pediu a Brahma que o atendesse."

9. Então Brahma apaziguou Sankara orando a ele e suplicando novamente junto com os deuses.

10-11. Assim louvado por hinos secretos e famosos de Sua glória, o satisfeito Sankara disse a Brahma, Indra e outros: "ó Brahma e outros deuses! Peçam-Me depressa o que desejam. Sem dúvida, Eu lhes concederei."

12-14. Ao ouvir Sankara, Brahma disse: "ó Trilocana! Os deuses, sem um líder adequado para seu exército, são derrotados e atormentados por Taraka e outros demônios. Portanto, vá e junte-se a Parvati, e você terá um filho que certamente vencerá esses demônios, tornando-se o chefe do exército dos deuses."

15-16. Ao ouvir o pedido de Brahma e dos outros, Siva, considerando-o como o destino, consentiu. Então Siva uniu-se a Parvati e passou mil anos com Ela.

17-20. Então Brahma dirigiu-se a Indra e aos outros que estavam à sua frente, dizendo: "ó deuses! Ouçam. Saibam que Siva, mesmo após mil anos de vida com Parvati, não liberou Sua energia seminal acumulada durante um longo período de penitência. Se Ele a liberasse completamente, incendiaria toda a Terra devido ao seu imenso poder. Portanto, iremos novamente a Siva." Dito isso, Brahma dirigiu-se a Siva acompanhado por Indra e os outros deuses.

21-22. Após alcançar Siva, Brahma fez o seguinte pedido a Mahadeva: "ó Mahadeva! Por favor, cesse sua prolongada cópula. Quem é capaz de suportar toda a sua energia seminal? Se você não parar, o mundo será destruído. Por favor, proteja o mundo."

23-25. Assim, a pedido dos deuses, Mahadeva absteve-se de copular excessivamente. Então, o fluido seminal, agitado como uma montanha, caiu sobre a Terra, que não conseguia suportar o poder que a consumia. Ela então foi até Brahma e disse: "ó Brahma! Não consigo suportar o poder de Mahadeva. Estou sendo consumida pelo fogo. Por favor, proteja-me, pois busco refúgio em ti."

26-27a. Ao ouvir as palavras da Terra, Brahma ordenou a Agni, que ali estava: "ó Agni! Leve este poder de Siva que está na Terra até que amadureça e se torne Kumara, a criança."

27b-28. Ouvindo Brahma, Agni expressou seu desejo: "ó Venerável Senhor! Eu suportarei esse poder, contanto que a criança seja meu filho. Caso contrário, ficarei apenas triste por ter me dado ao trabalho."

29-32a. Ao ouvir Agni, Brahma concordou com seu pedido. Então Agni, com sua força, carregou o poder de Siva, que era insuportável, e não conseguiu contê-lo. Aproximando-se de Brahma, o tímido Agni disse: "ó Brahma! Não consigo suportar essa virilidade de Siva. Proteja-me, que estou sendo consumido pelo fogo, e diga-me onde devo abandoná-la."

32b-39. Brahma disse pensativamente a Agni: "abandone o grande poder de Sankara nesta Ganga, que o carregará." Ouvindo Brahma, Ganga, com as palmas das mãos em prece, disse-lhe: "ó Senhor! Sem nenhum benefício, jamais carregarei a energia de outra pessoa. Se a criança que nascer se tornar meu filho, eu a carregarei. Mas não de outra forma." Após Brahma concordar, Ganga carregou a energia de Siva e, muito em breve, consumida por ela, tornou-se um rio fervente, com lágrimas, fumaça e criaturas aquáticas mortas. Aproximando-se de Brahma, Ganga, com o rosto baixo e tímido, disse: "ó Brahman! Não tenho interesse em carregar esse poder. Fervendo como estou, estou debilitada. As criaturas aquáticas estão sofrendo. O oceano não quer minha companhia. Acabarei como um rio seco. Por favor, por misericórdia, diga-me onde devo depositar esse poder de Siva."

40-41. Ao ouvir Ganga, Brahma pensou por um momento e disse: "ó Ganga! Você pode abandonar o poder de Sankara na bela e grande floresta de bambu aos pés da montanha Kailasa."

42-44. Ao ouvir Brahma, Ganga indagou com reverência: "Suas palavras são extremamente surpreendentes. Como posso depositar essa energia ali? Se o Agni, que tudo consome, a Terra, que tudo tolera, e eu, Ganga, o melhor dos rios, somos incapazes de suportar, como pode o bosque de bambu absorver essa energia? Ó Brahma! Deve haver uma razão substancial para isso. Por favor, diga-me, se eu merecer ouvi-la."

45-48. Questionado por Ganga, Brahma narrou em detalhes: "ó Ganga! Ouça a antiga lenda sobre o bosque de bambu. Há muito tempo, por causa do demônio Bhasmasura, Gauri foi separada de Siva e, devido às dores que sentiu, seu corpo começou a se partir e caiu ali em centenas e milhares de pedaços. Esta floresta de bambu cresceu a partir dos pedaços de seu corpo e, por ser composta dos restos mortais de Gauri, pode suportar a energia de Siva. Portanto, sem dúvida alguma, você deposita ali a energia de Siva."

49-50. Ao ouvir isso, Ganga depositou o poder de Siva na floresta de bambu. Com essa energia, a floresta de bambu cresceu densamente. No momento oportuno, a energia de Siva se transformou na adorável criança Kumara. Brahma o viu primeiro e os outros deuses chegaram lá depois.

51-53. Ali, todos os deuses viram o maravilhoso menino Kumara, cuja tonalidade dourada ofuscava o brilho de milhões de sóis, cujos olhos eram amplos, cujo peito era largo e cujos braços longos, cujo encanto envergonhava a beleza de milhões de cupidos. "Ó Bhargava! Ao vê-lo, Agni disse: 'Ele é meu filho'. Então Ganga disse: 'Ele é meu filho'".

54. Junto com Parvati, Siva viu a criança. Ambos ficaram muito felizes em saber que ele era seu

filho.

55-59. Por essas razões, Brahma deu à criança os seguintes nomes: “Ele é ‘Agnibhu’, filho de Agni; Gangeya, filho de Ganga, e também filho de Parvati; ‘Skanda’, nascido da virilidade derramada de Siva”. Então, pensando em quem cuidaria do bebê, Brahma incumbiu as estrelas Krttika dessa tarefa. Tomando Kumara como seu próprio filho, as Krttikas competiram para amamentá-lo. Vendo a competição, Kumara assumiu seis faces e, simultaneamente, mamou em seus seios, recebendo assim os nomes de “Sanmukha” e “Kartikeya”.

60-61. Amamentado pelos Krttikas, ele cresceu rapidamente como uma montanha de seis picos, e ao vê-lo, os deuses ficaram muito admirados. Então, vendo todos os deuses, Skanda disse: "todos vocês me oferecem sua força".

62-64. Então Brahma ofereceu seu rosário; Siva, o tridente; Agni, a lança; Visnu, o disco; Vayu, o aguilhão; Varuna, o laço; Yama, o bastão; Kubera, a maça; Oceano, muitos ornamentos cravejados de pedras preciosas; Visvakarma, as sandálias e leques impecáveis. Todos os deuses o adoraram e se curvaram.

65. Então Skanda, vendo Indra inerte e desrespeitoso, ficou furioso e convidou o arrogante Indra para uma batalha.

66-68. Então, uma grande guerra começou entre Skanda e Indra. Skanda era apoiado pelos servos de Siva; Indra recebeu o apoio de outros deuses. Vendo o imenso poder de Skanda, que era temível, Indra fugiu e se escondeu na montanha Kraunca. O enfurecido Skanda destruiu a montanha Kraunca, que estava à sua frente, com muitas flechas.

69-72. Então, a montanha Kraunca, enfraquecida e com seus muitos picos quebrados, buscou refúgio sob Brahma. Skanda, apaziguado pela oração de Brahma, devolveu as riquezas conquistadas dos três mundos a Indra, que se tornara obediente e assim se tornou o chefe do exército dos deuses. Como chefe de seu exército, Skanda, junto com Indra e outros, travou uma guerra contra os demônios Taraka e Surapadma, conhecidos por seu domínio sobre dezoito mundos.

73-75. Após longa batalha contra inúmeros grupos de demônios, compostos por milhões e milhões (100 milhões x milhões x milhões), e demonstrando sua força, Skanda matou Surapadma e Taraka. Em seguida, Skanda nomeou Indra e outros como governantes dos mundos. Ao destruir os demônios, Skanda, o dissipador de dificuldades, o Senhor de Seis Faces, estabeleceu a felicidade no mundo.

76-79a. Após ouvir a história encantadora de Skanda narrada pelo grande Dattatreya, o curioso Parasurama perguntou novamente: “ó Senhor! Ouvi sua narração. Mas tenho uma grande dúvida. Vou expressá-la a Ti. Por favor, esclareça-a. Como Skanda conseguiu destruir o Senhor dos demônios, que era invencível para Siva, Visnu e Indra? Estou ansioso para saber. Por favor, diga-me.”

79b-83a. Então Guru Dattatreya dirigiu-se amorosamente a Parasurama desta forma: “ó Parasurama! Escuta o antigo segredo. O venerável e augusto Sanatkumara, a personificação de todas as almas, o conhecedor do passado e do futuro, que habita em tudo, que é sereno, que se deleita na Autoalegria, residia na montanha Rsabha. Então Brahma foi até lá para ver seu filho. Ao ver seu pai, Sanatkumara levantou-se e ofereceu-lhe reverência, como oferecer-lhe um assento e outras homenagens. Após a reverência, ele humildemente expressou seus pensamentos a Brahma.

83b-86a. "Ó Brahman! Peço sua permissão para indagar sobre algo dentro de mim." Dizendo isso e obtendo o consentimento de Brahma, ele prosseguiu: "ó Brahman! Na noite passada, sonhei com algo maravilhoso. Em uma guerra feroz entre os deuses e os demônios, matei todos os demônios poderosos. Por favor, diga-me como, sem qualquer motivo, consegui matar os demônios."

86b-91a. Questionado por Sanatkumara, Brahma, o criador, disse o seguinte: “ó Meu Filho! Escuta. Em tua vida anterior, enquanto aprendia sobre o conhecimento absoluto, ouviste falar da guerra entre os deuses e os demônios. Então, decidiste vencer todos os demônios e entregar as riquezas aos deuses. Para alcançar esse objetivo, praticaste a “Vaisvanara Vidya”, mas morreste no meio do caminho. Devido à prática incompleta, mesmo sendo capaz de alcançar o objetivo supremo, tornaste-te Meu filho. Teu sonho são as impressões inconscientes em tua mente e ele se tornará realidade.”

91b-92. Ao ouvir Brahma, Sanatkumara questionou novamente com reverência: “ó Senhor! Como isso pode ser? Para mim, que conheço o passado e o futuro, não existe renascimento. Por favor, ilumine-me.”

93-94a. Então Brahma dirigiu-se ao seu filho desta forma: “ó Meu Filho! Escuta. Tudo isso acontecerá quando, por tua própria vontade, nasceres.” Dito isso, e sendo adorado por ele, Brahma partiu para sua morada.

94b-97. Após algum tempo, Sambhu, sentado com Parvati sobre o touro, observando o mundo, chegou ao eremitério de Sanatkumara. Nesse eremitério, Girija viu o filho de Brahma sentado, de rosto translúcido, calmo, tranquilo e sereno. Ao ver tal sábio, ela perguntou a Sankara: “ó Mahesa! Quem é essa pessoa imperturbável e calma, uma espécie que não se encontra em nenhum outro lugar em toda a criação?”

98-100a. Questionado por Girija, o Deus com o estandarte de touro disse o seguinte: “Ele é o famoso sábio chamado Sanatkumara, filho de Brahma. Tendo alcançado a Absoluta, ele está imerso na Suprema Bem-Aventurança, sempre desapegado e realizado. Devido à sua natureza desapegada, ele não tem angústia. Ó Parvati! A indulgência é a causa principal do sofrimento.”

100b-101. Ao ouvir isso, Gauri disse a Sankara: “ó Grande Deus! Sendo assim, vamos falar com ele e depois prosseguir. Eu anseio por vê-lo.”

102-104. Então Siva disse a Parvati o que era apropriado naquele momento. “Ó, querida! Escute. Não devemos ir a lugar nenhum sem um propósito. Fazendo isso, sofreremos humilhação.” Vendo Parvati ansiosa para ir mesmo após seu conselho, Siva e Parvati chegaram ao eremitério de Sanatkumara. Desmontando do touro, pararam diante do sábio.

105. Sanatkumara não olhou para eles, pensando que não adiantava que eles conhecessem seus pensamentos. Siva e Parvati permaneceram diante dele por um longo tempo.

106-109a. Então, o negligenciado Senhor Siva, sentindo-se insultado, decidiu testar sua maturidade e, furioso, gritou para Sanatkumara, dizendo: “ó perverso! Seu comportamento é inculto. Insultar pessoas boas logo arruinará sua glória. Eu o perdoei por ser filho de Brahma. Não negligencie mais pessoas como eu.”

109b-115. Ao ouvir Sambhu, Sanatkumara disse: “ó Siva! Não posso ser assustado. Não tenho medo de lugar nenhum. Engolindo a causa do medo, estou sem dúvida livre por mim mesmo. Descartando as consequências das ações, não me preocupo nem com milhões de maldições nem com milhões de bênçãos. Não experimento nada de especial ou incomum em nenhum momento, em nada. Aquele que é o suporte de toda a singularidade não depende de nada de especial. Consumo toda distinção como combustível para o fogo ardente. Então, amaldiçoe-me ou abençoe-me como quiser, rapidamente e sem hesitação. Sou muito abençoado por sua presença aqui. Sem esforço, propiciei você, que deve ser adorado arduamente com muitos serviços.” Dito isso, Sanatkumara permaneceu em silêncio.

116-117. Ao ouvir Sanatkumara e ver sua serenidade, Siva, satisfeito, disse: “ó filho de Brahma! Eu me curvo diante de ti, que estás no caminho certo. Estou satisfeito com tuas crenças firmes. Diga-me o que desejas. Eu te concederei, mesmo que seja algo raro.”

118-119. Ao ouvir Siva, Sanatkumara, sorrindo e destemidamente, disse: “ó Mahadeva! Não posso ser abalado por mágicos, assim como o céu não pode ser abalado por um grande vento. Peça-me o que desejar. Atenda a este pedido, que será uma dádiva para mim.”

120. Então Mahesvara, vendo a firmeza de Sanatkumara, concordou e disse: "se desejas atender ao meu desejo, então deves nascer como meu filho."

121-123a. Concedendo essa dádiva, Sanatkumara falou novamente: “ó Sankara! Teu pedido é realmente trivial. Sou filho até mesmo das criaturas mais humildes. Diga-me o que há de difícil em me tornar teu filho. Nascerei como teu filho e não de Parvati. Concedi a dádiva que foi solicitada apenas por ti.”

123b-126a. Então Devi Parvati falou ao grande sábio desta forma: “ó filho de Brahma! Na verdade, eu também tenho um pedido para você. Já que compartilhamos nosso corpo, você também será meu filho. A adoração igualitária aos hóspedes é a conduta dos virtuosos. Se Siva recebeu a dádiva, como posso retornar de mãos vazias? Os sábios dizem que a disparidade não é uma boa característica.”

126b-127. Ouvindo Parvati, Sanatkumara disse novamente: “ó Devi! Serei chamado de teu filho. Mas não nascerei de teu ventre. É meu voto que não nascerei de um ventre.”

128-129a. Ao ouvir isso, Parvati falou novamente ao sábio: “as mulheres não terão o prazer de ter um filho sem contato físico (como a gestação e o parto). Portanto, desejo sempre que você nasça do meu ventre.”

129b-132. Assim solicitado, o sábio refletiu por um instante e dirigiu-se a Sankari desta forma: “ó Devi! Por que me iludes com palavras primitivas? Tu és a Mãe do Universo, que tudo realizou. Escuta a verdade que tanto aprecio. Teu corpo anterior, que se despedaçou na montanha, cresceu e se tornou um bosque de bambus dourados. Renascerei ali, através do contato com teu corpo anterior, e tu serás feliz.”

133-135. Assim contada e adorada, Siva e Parvati seguiram para o lugar de sua preferência. Sanatkumara, que havia alcançado a união com Brahma e todos os deuses e demônios, e crescido em força, venceu o poderoso Taraka e outros demônios. Assim narrei a você, ó Bhargava, a lenda do nascimento de Kumara.

Fim do trigésimo sétimo capítulo do Mahatmyakhandam do Sri Tripura Rahasyam.

Capítulo 38

1. “Ó Parasurama, que és um ornamento para o clã de Bhrgu! Escuta. Vou narrar a ti a suprema glória de Bharati (Sarasvati), que é verdadeiramente maravilhosa.

2-8a. “Eu mencionei anteriormente a auspiciosa Sarasvati, irmã de Siva. Ela, a mais sutil, é conhecida como Savitri porque protege as três classes de pessoas. Ela é a consorte de Brahma e seu casamento já foi narrado a você. Ó Parasurama! Certa vez, na assembleia de Satyaloka, perto de Brahma, ela foi louvada individualmente pelos Siddhas e Sábios Divinos presentes. Brahma estava sentado com um sorriso indiferente diante das orações. Observando sua indiferença, a irada Sarasvati disse: 'seu desinteresse por mim é absolutamente impróprio. Você se casou comigo quando ainda era incapaz de criar o mundo por si mesmo. Lembre-se de sua condição lamentável e inábil antes da minha chegada, quando você buscou refúgio sob a proteção de Devi Tripurasundari.'”

8b-11a. Ao ouvir Savitri, Brahma, tomado pela fúria, disse: "Você não deveria falar assim comigo. O marido é Deus para as mulheres. A adoração de uma esposa na presença do marido é altamente reprovável. Sem conhecer a conduta de uma esposa obediente, você está me insultando em vão. Por sua má conduta, você não é digna de ser minha esposa. No futuro, você nunca mais estará comigo em nenhum ritual sagrado."

11b-13a. “A amaldiçoada Savitri, novamente consumida por extrema raiva, lançou uma contra-maldição contra Brahma, dizendo: ‘se eu não mereço estar contigo durante os rituais sagrados, então ouve: estarei contigo renascendo em uma casta inferior.’”

13b. “Ao ouvir a contra-maldição, Brahma ficou furioso novamente.”

14-16a. Então todos os deuses, vendo Brahma e Savitri furiosos, os cercaram e os elogiaram. Com a ira deles, o mundo inteiro tremeu. Então Narayana e Siva chegaram rapidamente. Depois de ouvirem Brahma e Savitri, fizeram com que se desculpassem mutuamente.

16b-20a. Então Siva e Narayana disseram: ‘ó Brahma! Foi impróprio e inauspicioso que a Deusa Savitri, filha de Sri Tripurasundari, tenha sido desrespeitada por você.’ ‘Ó Deusa! Escute. Sua maldição impensada contra Brahma não foi correta. Sugeriremos uma solução para suas maldições mútuas. A maldição irada de Brahma, de que Savitri não pode participar de seus ritos sagrados, e a maldição de Savitri, de que ela, como de nascimento inferior, participará de tais ritos — ambas não serão em vão. Ó Savitri! Nascida com um corpo diferente do seu próprio aspecto, em um clã de classe inferior, você estará com Brahma durante os ritos.’

20b-22. Ao ouvirem Siva e Visnu, Brahma e Sarasvati, ainda ressentidos, amaldiçoaram-se mutuamente. Brahma disse: "que ela, nascida de classe inferior, seja minha esposa durante os ritos; mas, por ter me amaldiçoado sem pensar, ela não se lembrará de que nasceu da forma de Sarasvati."

23-24a. Ao ouvir a maldição proferida novamente, a furiosa Bharati logo amaldiçoou Brahma desta forma: ‘já que você me amaldiçoou sem pensar, você vai me amar impulsivamente, uma mulher proibida.’

24b-25a. Ao verem Brahma e Saraswati zangados e amaldiçoando um ao outro novamente, Siva e Visnu oraram a eles por meio de vários hinos e os fizeram se desculpar mutuamente.

25b-28. Após um longo período, o criador Brahma decidiu realizar um Yajna perto do grande lago Puskara e ordenou ao artesão divino Visvakarma que construísse o local para o ritual. Visvakarma preparou o salão para a cerimônia sagrada. O salão foi inteiramente decorado com todo o material necessário. Os altares para o Yajna foram adornados com nove tipos de pedras preciosas. O salão possuía a atmosfera combinada das seis estações do ano e continha vasos de ouro repletos de diversos tipos de arroz e bebidas.

29-33. “Naquele salão chegaram oblacionários proeminentes como Bhrgu, Kasyapa, Kardama, Vasistha, Pulaha, Agastya, Pulastya — todos especialistas na realização de Yajna. Muitos outros

grandes sábios, versados em Yajna e eruditos, chegaram de todos os lugares. Indra e outros deuses, Gandharvas, Apsarasas, Vidyadharas, Kimpurusas, Kinnaras, grandes serpentes, demônios, Raksasas e humanos chegaram a Puskara, o local do ritual. Os Gandharvas cantaram, as Apsarasas dançaram, os panegiristas entoaram muitos louvores a Brahma e outros."

34. "Então, no momento mais auspicioso, quando as estrelas e os planetas estavam favoráveis, Brahma convidou sua querida esposa para o rito sagrado.

35-39a. Indra e outros convidaram Sarasvati da seguinte maneira: 'ó Devi! Brahma está esperando por você há muito tempo para realizar o sacrifício no momento auspicioso. Por favor, vá. Já que o momento é considerado auspicioso, não deve ser perdido de forma alguma.' Assim convidada, Sarasvati não foi, pensando que o que tivesse que acontecer, aconteceria. Brahma, ao saber de sua demora, ficou furioso por perder o período auspicioso e disse a Visnu, que estava presente: 'ó Hari! Traga-me rapidamente outra esposa igualmente adequada antes que ultrapassemos o período auspicioso.'

39b-41. Assim, por ordem de Brahma, Visnu procurou na Terra e, não encontrando ninguém da classe dos brâmanes, trouxe uma pastora de vacas que era igual a Savitri. Ao vê-la possuir qualidades auspiciosas, todos exclamaram em voz alta: "muito bem, muito bem!".

42. "Então Brahma casou-se com ela e realizou o grande sacrifício.

43-48. Então Savitri chegou ao salão de sacrifícios com suas amigas e viu a belíssima Gayatri ao lado de Brahma. Ofuscada pelo brilho de Gayatri, como uma estrela sob a lua cheia, Savitri ficou tímida, pensando que a assembleia estava rindo dela. Como um lótus que se encolhe diante da montanha do Himalaia, seu rosto de lótus se contraiu e ela parecia esconder seus membros na montanha da timidez. Por um instante, ela permaneceu ali imóvel, como que inconsciente, como uma pintura estática. Então, ao saber do feito de Brahma, ela foi tomada por uma fúria avassaladora que reduziria os três mundos a cinzas. Com os lábios trêmulos, ela disse: 'ó Brahma! Tua conduta é perfeita'. Dito isso, ela partiu do local do sacrifício.

49-55a. "Savitri pousou no pico central de uma montanha próxima. Então, o salão de sacrifícios, juntamente com os sacerdotes e outros presentes, foi engolfado pela fúria de sua ira, que parecia queimar o sacrificador, sua esposa e toda a estrutura. Impulsionada pelo vento, à medida que as chamas começaram a destruir tudo, os sacerdotes e membros ali reunidos fugiram. Os deuses, gandharvas, sábios, siddhas, caranas e kinnaras descartaram suas oferendas e, sem sequer se despedirem, correram em dez direções, lamentando e tremendo de medo. A terra tremia como a folha de uma figueira sacudida por um forte vento. Os horizontes foram envoltos pela escuridão, os oceanos estavam em maré alta; o Sol foi engolido pela escuridão como se por Rahu, as montanhas se rachavam como se estivessem em processo de dissolução."

55b-57. "Quando essa era a condição dos mundos acima e abaixo, Brahma e todos os outros,

incertos sobre o que fazer, foram um a um orar a Savitri. Para começar, Indra, com sua comitiva, foi ao pico da montanha onde Savitri residia.

58-59. “Enquanto Indra avançava em direção à montanha, milhões de Saktis, nascidas da ira de Savitri e empunhando espadas ferozes, começaram a destruir todos, e entre elas Indra foi capturado, amarrado e aprisionado na caverna da montanha.

60-63. “Da mesma forma, Yama, Agni, Varuna, Kubera, Nirrti, Vayu, Rudras, Vasus e todos os deuses foram aprisionados. Quando todos os deuses foram capturados pelas forças de Sakti, Visnu discutiu com Siva na presença de Brahma, dizendo: ‘o fogo da fúria de Savitri consumirá os três mundos. Todos os deuses estão aprisionados. O que devemos fazer para alcançar o bem?’ Após refletir profundamente sobre isso, Visnu enviou Parvati e Laksmi para apaziguar Savitri.”

64-65. Parvati e Laksmi rapidamente alcançaram Sarasvati, vencendo todas as forças da ira, e falaram com ela docemente. Como Savitri não se acalmou nem mesmo com o pedido delas, Brahma, Visnu e Siva se aproximaram dela.

66-69. “Savitri, cuja ira havia diminuído um pouco, ao ver Brahma diante de si, voltou a arder com intensa fúria, e por isso sua forma maravilhosa parecia assustadora, e ela emitiu fogo pelos olhos. Brahma, Visnu e Siva foram cercados por esse fogo, assim como elefantes no cio são envolvidos por uma conflagração. Vendo-os sendo queimados, Laksmi e Parvati suplicaram à Deusa Primordial Tripurasundari, pois não havia outro socorro.”

70-72a. “Então a Suprema Devi, com uma beleza que superava o encanto de um crore de cupidos, apareceu ali. Ao vê-la vestindo uma roupa decorada com joias, brilhando com uma coroa e empunhando com charme suas famosas armas em suas quatro mãos, Gauri e os outros se curvaram diante dela com reverência.”

72b-75a. “Pela própria presença de Devi Tripurasundari, o fogo da ira que havia se dissipado desapareceu, assim como a escuridão com o nascer do Sol. Então, Ela se dirigiu a Sarasvati desta forma: ‘ó minha querida filha! Basta de sua ira que está destruindo o mundo. Retire as forças nascidas de sua fúria. Que os mundos sejam libertados da angústia. Olhe para eles com amor.’”

75b-76a. “Assim contou a Deusa Tripura, Sarasvati, que era tímida, absorveu em seu próprio corpo todas as forças geradas por sua raiva e tornou-se tranquila.”

76b-78a. “Então a virtuosa Savitri, com extrema devoção, louvou Devi Tripurasundari por meio de muitas belas orações e disse assim: ‘ó Devi Tripura! Perdoe meu erro causado pela minha raiva. Estou aqui como sua serva, pronta para receber suas instruções. Por favor, faça-o.’”

78b-80a. “Então, pelo olhar compassivo da Mãe Divina, Visnu, Brahma e Siva se levantaram e, da mesma forma, todos os deuses foram libertados. A Deusa Tripurasundari disse novamente a Savitri: ‘ó minha querida filha! Acalme-se. Deixe que Brahma, o senhor dos seres vivos,

complete o sacrifício unindo-se novamente a você.'"

80b-82. Ao ouvir Devi Tripurasundari, a virtuosa Savitri, com as mãos postas em prece, disse: "ó Mãe! Não desejo me unir novamente a Brahma. Permanecerei aqui, imersa na bem-aventurança da meditação em Seus pés de lótus. Ó Mãe, por favor, não me impeça novamente."

Fim do trigésimo oitavo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 39

1-6a. "Então Brahma, após repetidas orações e prostrações, disse assim à Devi: 'ó Grande Devi! Estou obedecendo inteiramente às suas ordens. Sem suas ordens, quem seria capaz de se mover? Submeto meu pedido a você. Ó Mãe! Por favor, ouça com compaixão. Se Savitri não se acalmar, como meu Yajna será concluído e como o mundo ficará sem problemas? No passado, amaldiçoado pela irada Savitri, que me fez apaixonar por uma mulher de classe inferior, completei o Yajna casando-me com essa mulher — mas como serei apreciado pelos grandes Brahmarsis? Ó Suprema Imperatriz! Corrija tudo isso e abençoe-me.'"

6b-8a. Assim, a pedido de Brahma, a Suprema Tripurasundari disse: ó Deuses e Deusas! Ouçam com devoção. Narrarei a gloriosa lenda sobre o nascimento da esposa mais encantadora que acompanhou Brahma durante o sacrifício.

8b-12. Há muito tempo, um famoso brâmane liberal chamado Kousika, a quem se referia como Haryaksa (Kubera) por sua virtude e conhecimento, realizou penitência na montanha sagrada chamada Suparsva. Por meio de uma severa penitência, ele agradou à Deusa Savitri, que lhe apareceu. Ela disse: "ó brâmane! Estou satisfeita com sua grande penitência. Diga-me o que deseja. Eu lhe concederei. Não há nada que não possa ser dado a você. Você aspira à posição de Indra, Chandra (a lua) ou Kubera? Por meio de sua penitência, você conquistou tudo, desde Brahma até a criação móvel e imóvel."

13-18a. Brahma e outros deuses! Ouçam o que Haryaksa disse reverentemente após ouvir Savitri: "ó Devi! Não tenho interesse em me tornar Indra, Chandra ou Kubera. No passado, quando eu praticava penitência em meu eremitério, vi uma pastora cuidando do gado. Enfeitiçado por sua beleza, eu a segui. Apesar dos meus repetidos pedidos, ela nunca atendeu.

Então, eu a trouxe à força, enquanto ela gritava, para o meu eremitério. Atormentado como estava pelo desejo sexual, eu a agarrei e tive relações conjugais com ela.”

18b-22. Naquela época, o grande sábio Narada chegou e, ao ouvir o lamento da pastora que havia sido subjugada por mim, disse furiosamente: "deixe-a em paz, deixe-a em paz!" Mas, iludido pela luxúria, não a deixei e mantive relações sexuais com ela. Então, o furioso Narada proferiu uma maldição que eu ouvi: "ó brâmane perverso! Você não deveria ter desejado essa moça. Por ter se unido a ela à força por luxúria, você também logo se corromperá por tal ato vil. Por ter se apaixonado por uma pastora, você se tornará um pastor."

23-26a. Então, assustado com a maldição, curvei-me diante de Narada muitas vezes e implorei repetidamente por redenção. O irado Narada não se importou em responder; mas, diante da minha perseverança, ele disse: "Devi Savitri, quando satisfeita, te livrará da maldição. Apazigue Devi Savitri". Dito isso, Narada desapareceu. Por isso, tenho meditado em Ti. Ó Mahesvari! Por favor, protege-me, pois estou afogado no mar da maldição.

26b-27a. “Assim, a pedido do brâmane, Sarasvati contou-lhe sobre o fim da maldição. ‘Ó Haryaksa! Escute. Vou lhe dizer como a maldição terminará.’”

27b-29. Você certamente nascerá na comunidade dos pastores. Então, em um desses seus nascimentos, eu, com a minha aparência, nascerei como sua filha. Novamente, pela dádiva de Visnu, você O terá como seu filho e alcançará Sua morada suprema.' Dito isso, sua amada Savitri desapareceu.

30-31. 'Ela, nascida da forma de Sarasvati como uma pastora de vacas devido à maldição lançada por vocês, e não através do ventre materno, é irrepreensível e é adorada por brâmanes e todos os demais. Ela é a Mãe dos Vedas e da prosódia, que protege totalmente Seu cantor. Ela é a essência dos Vedas e será reconhecida como a mais elevada Brahma-vidya (Conhecimento Supremo).'

32. 'Ó Savitri! Minha filha! Veja-a nascer da sua aparência. Por causa da maldição, você não pôde reconhecê-la. Ela é a sua segunda forma.'

33-34. Ao ouvir Devi Tripurasundari, Savitri percebeu que Gayatri era um reflexo de si mesma. Recuperando a memória, destruída pela maldição, pela graça da grande Devi, Savitri ficou extremamente feliz e alcançou sua tranquilidade original.

35-36. “Então a Suprema Devi Tripurasundari dirigiu-se a Brahma e aos outros desta forma: ‘Gayatri, nascida de Mim, é a personificação da Minha fala e, portanto, Suprema. Todos os seres nascidos do Meu rosto, braços e coxas (brâmanes, xátrias e vaixás), ao serem iniciados em Seu mantra contendo 24 letras, serão conhecidos como Dvijas (nascidos duas vezes)’.”

37-38. Então Ela disse assim: ‘ó Brahma! Escuta. A maldição lançada por Savitri sobre ti, de que te apaixonarás por uma mulher proibida, será executada porque amarás erroneamente Gayatri, a personificação dos Vedas, que nasceu de tua fala e, portanto, de tua filha.

39-41a. 'Savitri, a personificação da palavra, também será venerada por todos. Escutem todos vocês. Gayatri, que é minha filha, é sem dúvida Eu mesma. As pessoas com visão clara a verão como minha filha.' Dizendo isso, Devi Tripurasundari entrou em Gayatri assim como Ganga se uniu ao rio Yamuna.

41b-43. “Testemunhando aquele evento surpreendente, Brahma e outros louvaram a Devi e viram Devi Gayatri, a encarnação de Devi Tripurasundari. Devi Gayatri empunhava o laço, o aguilhão, o arco e as flechas de flores em suas quatro mãos; usava a Lua na cabeça; tinha três olhos; e sua tez era vermelha.”

44. "Brahma e outros se curvaram e a louvaram, a Devi transcendente mais encantadora e completamente ornamentada."

45-47. “Então Devi Tripurasundari disse novamente: ‘ouçam-Me todos. Eu sou realmente Gayatri, que nunca é diferente de Mim. Satisfeita como estou com todos vocês, mostrarei a vocês Minha forma Divina como Gayatri, a personificação da manifestação agregada da fala.’ Dizendo isso, a Mãe Divina concedeu-lhes a Visão Divina e todos os deuses viram a deusa Tripurambika na forma de Devi Gayatri.”

48-55. “A grande Devi Gayatri permeava o Universo como seu espaço; Seu corpo constituía os cinquenta alfabetos; Ela era a Suprema Bem-Aventurança Ambrosíaca; as vogais (de a ah) eram Seu rosto; os cinco grupos de consoantes eram Seus braços, pernas e estômago; as semivogais e as sibilantes, Sua cabeça, coração e base; os níveis da fala Pasyanti, Madhyama e Vaikhari eram Seu umbigo, coração e boca, respectivamente; Ela estava associada ao Nada cognoscível em Madhyama. Seu coração estava associado ao som Pasyanti; Sua fala era o Vaikhari audível; Seu rosto, os alfabetos; Seu coração, as palavras; Seu estômago, as frases; Ela era tanto a forma audível quanto a sutil do Som; Sua cabeça eram os Vedas, Seus olhos eram as estrelas luminosas, Sua boca a ciência da gramática; Sua voz a prosódia védica, Seu pescoço a ciência da eufonia, Seus ouvidos a ciência da Lei, Seu coração o Sama Veda; Seus seios o Rig e o Yajur os Vedas; seu estômago, o Atharva Veda; suas costelas, o Sankhyayoga; suas mãos, os ritos; suas coxas, a ciência da lógica; suas costas, os Vedas auxiliares (como Ayurveda, Dhanurveda e outros); seus olhares, os Puranas; seu sorriso, a ciência da retórica; o autoconhecimento era sua personificação (disposição); suas unhas e cabelos eram a filosofia budista e jainista; ela era auspiciosa e transcendente.

56. “Ao testemunharem aquela forma maravilhosa, os deuses prostraram-se diante dela e, com as mãos postas em prece, louvaram a Grande Devi Gayatri.”

57-62a. “A Deusa Gayatri, venerada pelos deuses, estava feliz. Naquele momento, milhares de pastores armados com varas chegaram e se dirigiram a Brahma, dizendo: ‘ó Brahma! Ouça-nos. O mundo foi criado por você e está sujeito às suas instruções verbais. Aqui, uma mulher não tem liberdade, mesmo sendo uma Deusa. Um pai é responsável por seu nascimento. Ela também é protegida por seus irmãos. Portanto, ela não pode ser desfrutada sem a permissão deles, como tem sido desde a criação. Assim, se um homem poderoso a desfrutar, estará

destruindo a ponte da retidão. Assim como os falcões se matam por carne, os homens se destruiriam mutuamente por causa de uma mulher. Por favor, esclareça-nos essa questão que põe em perigo os três mundos.'"

62b-64a. Ao ouvir o rei dos pastores, Brahma disse: 'ninguém pode transgredir a lei suprema do destino. Nem mesmo Brahma está sujeito a ela. Portanto, fique em paz. Veja sua filha, Parasakti, que está diante de você.'

64b-65. "O rei pastor, conforme as palavras de Brahma, a viu. Compreendendo que sua filha era a suprema Devi adorada por todos os deuses, ele se curvou e orou a ela."

66-67a. 'Ó Devi! Iludido pelo Teu poder, fui tolo por não Te reconhecer como a Todo-Poderosa Grande Devi quando estiveste em minha casa. Tem misericórdia de mim e entra novamente em minha casa.'

67b-75. "Ao ser solicitado desta maneira, a Suprema Devi dirigiu-se ao rei dos pastores assim: 'ó Rei dos Pastores! Escute. Compreenda que possuo as formas tríplices de Savitri, Gayatri e Sarasvati, que permeiam o espaço. Eu lhe concedi felicidade em sua casa como Sarasvati. Agora, manifestei-me a partir do aspecto de Gauri. Em minha futura manifestação, serei a irmã de Visnu. Você nascerá como Nandagopa, o famoso Senhor dos Pastores. Eu nascerei em sua casa como Katyayani. O Supremo Narayana será meu irmão, que lhe trará auspiciosa fama universal. Na Kaliyuga, nascerei na montanha Vindhya e redimirei a miséria de todos. Adorada repetidamente pelas pastoras durante um mês, concederei seus desejos mais raros no mundo.' Assim, obtendo a dádiva, todos os pastores felizes curvaram-se diante da Devi e dos outros deuses e retornaram às suas casas. Então, a Grande Devi, a Mãe Universal, desapareceu."

76-77. "Savitri residia nas montanhas Vindhya. Brahma, juntamente com Gayatri, realizou o sacrifício novamente às margens do lago principal, Puskara. Ó Parasurama! Eu te narrei o maravilhoso episódio de Savitri, que remove os pecados daqueles que o ouvem. O que mais desejas ouvir de mim?"

Fim do trigésimo nono capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 40

1-6a. Ao ouvir a lenda narrada por Guru Dattatreya, Parasurama, ansioso por ouvi-la novamente, perguntou amorosamente: "ó Guru! Não me satisfiz nem um pouco com a história que ouvi. Como um elixir predileto, sinto vontade de ouvir mais. Por favor, conte-me a oração com a qual Brahma e outros cantaram a Devi Tripura, associada a Gayatri, resplandecente com letras-semente formando Seu corpo. E como e quando a Mãe Universal nasceu na casa do rebanho de vacas junto com Narayana? Como Nandagopa alcançou grande fama? Como Katyayani nasceu? O que as Gopikas realizaram? Conte-me em detalhes, pois sou seu discípulo e estou interessado em ouvir."

6b-10. Ao ser questionado sobre isso, Guru Dattatreya respondeu a Parasurama da seguinte forma: "ó Parasurama! Você está totalmente sob as bênçãos de Devi Tripurasundari. O desejo de ouvir as histórias da Devi é uma rara e maravilhosa fortuna para aqueles imersos em desejos mundanos. Ó Bhargava, ouça. Contarei a você como Brahma, Visnu e outros louvaram Devi Tripurasundari, a personificação dos alfabetos. Vendo-a como a manifestação de todo o conhecimento caracterizado pelos (cinquenta) alfabetos, os deuses se curvaram e aclamaram sua glória, entoando uma oração extremamente grandiosa.

11. Ó Sankari! Vitória para Ti, imanente e transcendente! Vitória para Ti, Mãe do Universo! Vitória para Ti, que com Teu esporte iluminas o Universo! Vitória para Ti, que és o suporte do Universo! Vitória para Ti, que és a aniquiladora do Universo! Vitória para Ti, que és a alma de tudo! Vitória para Ti, que és a consciência radiante! Por favor, protege-nos!

12. Ó Sankari! Vitória para Ti! Tu transcendes os Gunas (tendências), a ação e a classe! Tu és o oceano ambrosíaco da consciência concentrada! Tu és a suprema eloquência ilimitada! Tu és o brilho primordial! Tu és a personificação da libertação! Teus pensamentos são independentes! Tu habitas o Manipura Cakra! Tu és PasyantI — o segundo nível da manifestação da fala! Vitória para Ti, que és a Consciência radiante! Por favor, protege-nos.

13. Além disso, em Seu Ser de Consciência, o Som Madhyama é distinto e Você habita no Anahata Cakra com a forma mista do som Madhyama (uma parte do qual) é cognoscível. Você transcende oito formas de poder (por exemplo: Anima, Garima...) que são aparentes. Você habita em muitos centros maravilhosos. Vitória para Você, que é a consciência brilhante! Por favor, proteja-nos.

14. Embora sejas a Consciência Primordial Única não dual, assumes formas duais. Manifestaste como quinze raios excelentes que se tornam dez quando considerados aos pares. E estes, por sua vez, em união com outros aspectos, assumem quatro formas diferentes. Ó Sankari! Vitória para Ti, que és a Consciência radiante! Por favor, protege-nos.

15. Embora dividida, indivisa e múltipla, finalmente Tu constituis as catorze vogais. Tu és as vinte e cinco consoantes agrupadas em cinco. O som primordial, com suas modificações, assume quatro formas. Além disso, esses quatro níveis do som, ignorando a porção sutil de Madhyama, estão em pares (considerando aspectos como Bija e Yoni para cada letra e aspectos Shiva e Sakti).

[Nota: Uma compreensão clara desta estrofe exige um estudo profundo da origem dos alfabetos e textos como Satcakara Yoga, Matrkacakra Viveka, Kamakalavilasa, Varivasyarahasya, Tantraloka, Paratrimsika, Prapancasara Tantra, Saradatilaka Tantra, Nandikesvara-kasika, Maharthamanjarl, Cidgaganacandrika e assim por diante. Esta estrofe também pode ser interpretada com base nos trinta e seis tattvas.]

16. Tu és, portanto, a rainha e a Mãe do conhecimento rico em cinquenta e um alfabetos. Tu és o som (a fala). Por meio de uma distinção clara entre as letras, geras sons diferentes. Desassociada do teu aspecto, tudo seria nada como o céu. Vitória para ti, que és a Consciência radiante! Ó Sankari! Por favor, protege-nos.

17. Ó Mãe! Sem a Tua presença, as três regiões não existiriam. Sem a Tua presença marcante, mesmo a Morada mais elevada não seria mais do que uma mera conjuração. Pela Tua habilidade em se combinar com elas, Tu sempre brilhas, permeando-as. Vitória para Ti, que és a Consciência radiante! Ó Sankari! Por favor, protege-nos.

18. Temendo-Te, dedicamo-nos à tarefa da criação e assim por diante. Embora nascidos de Teus pés de lótus, sofremos por não Te compreendermos. Ó Sankari, por favor, protege-nos, a nós que temos medo, ignorância e impotência, e que nos prostramos diante de Ti, repetidas vezes. Vitória para Ti, que és a Consciência radiante.

19. 'Ó Devi! Tu és Inteligência, Vani, Bharati, Vidya, Mãe, Sarasvati, Brahmi, Maya, Alfabetos, Transcendente, Primórdio, Ação e Eternidade.

20. Você é Vikalpa (Ilusão), Nirvikalpa (Inabalável), Aja (Não-nascida), Kala (Aspecto), Som, Ação, Poder do Tempo, Todas as formas, Auspiciosidade e a Suprema, os Vedas.

21. 'Ó Mahadevi! Ó Devi do Universo! Proteja-nos. Proteja-nos que estamos aos Seus pés. Ó Devi! Nós nos curvamos diante de Ti.'

22-29a. Assim louvada pelos deuses, a Mãe Divina, que é a personificação do Universo, ficou satisfeita e dirigiu-se a eles desta forma: “ó Brahma e demais deuses! Ouçam o que os fará felizes. Estou satisfeita com a sua excelente oração, que se originou do alfabeto e contém significados secretos. Portanto, que ela se torne mundialmente famosa com o nome de “Matrka Stuti”. Manifestarei como poder da palavra e talento literário no coração daquele que recitar esta oração nos três horários auspiciosos do dia. Não faltará erudição naquele que recitar esta oração. Ele se igualará a Guru Brahmaspati e vencerá todos os debates. Aquele que recitar Meus vinte e quatro nomes vinte e quatro vezes nos três horários auspiciosos do dia e, em seguida, recitar a oração mil vezes, alcançará um intelecto aguçado, capaz de compreender significados sutis. Minha declaração é verdadeira, sem qualquer dúvida.”

29b-31. 'Ó Brahma, Visnu e Siva! Escutem. Não desprezem estas Saktis (nascidas da ira de Savitri). Sua fúria engoliria o universo de cem Brahmas e Visnus. Nascidas de Meu aspecto, aqueles que vos apoiam são dignos de reverência.' Dizendo isso, a Devi assumiu Sua forma

original.

32-36. “Ó Honrado Bhargava! Essa foi a oração de Brahma e outros a Sri Tripurasundari. Ouça novamente. Narrarei como a Devi nasceu no clã dos pastores de vacas. Na vigésima oitava era, os demônios, renascendo como seres humanos, torturarão a Terra com seus atos vis. A atual cidade de Madhura, localizada às margens do rio Yamuna, era governada pelo demônio Lavana. Lá, um rei digno, Ugrasena, nascerá na dinastia Bhoja, na linhagem Candravamsa. Seu filho perverso e poderoso, Kamsa, o demônio renascido Kalanemi, atormentará o mundo inteiro.”

37-39. “Demônios como Hiranyakasipu, nascido como Sisupala, governarão o reino de Cedi; Hiranyaksa nascerá como Dantavakra; e Salva, Saumapati, Naraka de Pragjyotisa, Jarasandha de Magadha e outros, proficientes no manuseio de armas e projéteis; invencíveis e poderosos, cada um possuindo milhões de guerreiros, destruirão a justiça.”

40. “Kamsa, o mais proeminente entre eles, torturando continuamente deuses, brâmanes e os piedosos, se tornará um terror na Terra.

41-42. “Então Bhudevi, incapaz de suportar o peso dos pecados causados pelos ímpios, se aproxima de Brahma, que por sua vez, junto com ela, vai até Visnu, e Siva aparece lá por meio de sua meditação, e ele ficará impotente.”

43-47. “Então, após ser meditada pelos três deuses, Devi Tripurasundari aparecerá e, curvada, adorada e invocada por eles para o alívio do sofrimento da Terra, dirigir-se-á a eles desta forma: ‘todos os senhores divinos não podem redimir a Terra. Devido ao poder de sua penitência, força e tempo favorável, os demônios são invencíveis para vocês. Portanto, todos vocês renascerão como humanos na Terra. Eu também encarnarei lá com o Meu aspecto. Primeiro, atormentarei Kamsa com a Minha maldição. Então, Visnu, possuído por Mim, matará Kamsa e o restante dos demônios.’”

48-50a. 'Abençoado por Mim, o auspicioso Nandagopa, líder dos pastores, vive às margens do rio Yamuna. Eu nascerei de sua esposa. Que Visnu nasça de Vasudeva e que Devaki Me transfira para Kamsa, a quem Eu destruirei.'

50b-53. “Assim proferida pela Grande Devi, todos os deuses, em seus respectivos aspectos, nascerão através de brâmanes para aliviar a Terra de seu sofrimento. No auspicioso clã Vrsni, Narayana encarnará através de Devaki e Vasudeva à meia-noite em sua forma original. Então, a pedido de Vasudeva, ele assumirá a forma de uma criança humana e se dirigirá a Vasudeva desta maneira:

54-58. 'Ao saber por Narada que sua morte será causada pelo bebê de sua irmã, Kamsa, meu tio materno, ficará em alerta por medo. Agora que ele está sob o feitiço da Devi na forma de Mohini, antes que ele me reconheça como sua morte, levem-me rapidamente à casa de Nandagopa, onde Devi Paramesvari nasceu. Absorvendo Seu poder, eu derrotarei Kamsa. Porque o poderoso Kamsa não pode ser derrotado agora, coloquem-me na casa de Nanda e

tragam-na aqui. Então Ela roubará seu poder. Pensem na Mãe Universal para que não haja impedimentos.

59-61a. 'Compreendendo as palavras de Visnu sobre a Suprema Devi, cuja lembrança lhe permitirá chegar a Gokula carregando-me, a criança, sem medo, e contemplando a Devi durante toda a jornada, você atravessará o rio Kalindi na escuridão da noite por um caminho iluminado.'

61b-66a. Após chegar à casa de Nanda, onde todos estarão sob o feitiço da ilusão (sono), você verá na cama de Yasoda a Mãe Devi, brilhante como milhões de sóis; de três olhos; usando o dedo da Lua em Sua cabeça; empunhando o tridente, a espada, a faca, o machado, o pote de vinho, o pote de água, o escudo de couro e a corda em Suas oito mãos; temível, uma personificação da noite escura e mortal. Enquanto Vasudeva coloca a criança ali e permanece de mãos postas em oração, Brahma, Visnu e Sankara aparecem, curvam-se e louvam Devi Tripurasundari. Então, a Devi satisfeita os tranquilizará e dirá a Vasudeva para levá-la para sua casa.

66b-68. "Assim que você me colocar dentro de casa, Kamsa, informado pelos porteiros, correrá para o local e, ao ver o bebê que está prestes a morrer, o pegará e decidirá matá-lo, apesar dos apelos de sua irmã Devaki. Mas, incapaz de carregar o bebê devido ao seu peso, ele o deixará cair no chão."

69-71. Então a Devi alcança o céu em sua forma original e diz a Kamsa: — “ó tolo Kamsa! Você desconhece o assassino que nasceu em sua própria província. Ele logo o destruirá. Pense que sua bravura foi roubada por Mim.” Dito isso, a Devi desaparecerá. Então Ela entrará em mim e aumentará meu poder.

72-73. 'Então Krsna, com seu poder amplificado pela Devi, mata muitos demônios perversos e, no campo de batalha, mata facilmente Kamsa. Pela graça de Devi Tripura, Nanda terá Visnu, o Mestre do mundo, como seu filho e alcançará fama mundial, sendo honrado por todos.

74-78a. Mais tarde, as belas Gopikas, sabendo que Narayana é Krsna, fixam seus pensamentos nele. Para obter seu amor, elas o adorarão e receberão suas bênçãos, já que o sábio Katyayana estará em penitência às margens do Yamuna. Após refletir um pouco, o sábio, satisfeito, diz às moças que seu desejo de ter a companhia de Narayana é inalcançável. Mesmo assim, ele promete ajudá-las a alcançar seu objetivo. Ele perceberá que sua Devi está com Krsna na casa de Nanda e a apaziguará com pura devoção.

78b-80a. Então, satisfeita com suas orações, a auspiciosa Devi Kalaratri, que realiza os desejos de Seus devotos, aparece diante dele e diz ao sábio: — diga-me o que deseja de Mim. Em breve o terá.

80b-83a. O sábio se curva e diz a Ela: "estas gopikas logo desejam a união com Krsna, a encarnação de Narayana. Ó Devi! Por favor, realize esse desejo. Este é o meu anseio. Agradado por seu puro serviço a mim, prometi atender ao seu desejo. Ó Sankari! Por sua graça, não

permita que minha promessa se torne falsa."

83b-87a. “Ao ouvir Katyayana, a Devi diz assim: ó grande brâmane! Que seja como desejas. Mas o desejo destas moças é realmente grande. Portanto, durante o mês de Margasirsa, que elas realizem, de acordo com o procedimento ordenado, a adoração de Katyayani, que tem o seu nome. Então, eu lhes concederei o desejo prometido. Dizendo isso, a Devi desaparecerá. Então, de acordo com as palavras de Katyayana, elas cumprirão o voto e terão o Ser Supremo Krsna como seu amado.”

87b-89a. Após ouvir a história, Parasurama, com grande entusiasmo, pergunta a Dattatreya: “ó Senhor Compassivo! Por favor, diga-me qual é esse voto, como as Gopikas o cumprirão e como Devi Katyayani atenderá aos seus desejos?”

89b-94. Assim, indagado por Parasurama, Guru Dattatreya, dirigindo-se a ele com alegria como "Meu filho", narrou o procedimento do supremo voto de Katyayani. "Ó Parasurama! Escute. Como conheço toda a tradição das escrituras, vou lhe contar sobre isso. A partir do primeiro dia do mês de Magasirsa, a adoração deve ser feita até o dia de lua cheia. Somente as mulheres têm o direito de fazer este voto. Após banharem-se ao amanhecer no rio e vestirem roupas brancas, elas devem fazer um ídolo de Devi Katyayani com areia e meditar sobre Ela conforme ensinado. Guirlandas de flores brancas, Aksata (arroz colorido com Kunkum) e alimentos preparados com manteiga devem ser oferecidos. Então, elas devem propiciar com orações, cânticos e danças e imergir o ídolo de areia na água."

95-97a. Malati, Sahadeva, Nanda, Bhadra, Sunandini, Padma, Visala, Godamni, Sridevi, Devamalavi, Syama, Supesa, Salangi, Manavi, Manada e Amrta - essas Gopikas proeminentes devem ser lembradas no final do pooja se ele precisar ser concluído.

97b-103. “Então, eles devem se curvar diante da Devi e de Krsna, cantando os seguintes nomes: ó Amante das Gopis, saudações a ti, ó Protetor das Vacas, ó Senhor das Vacas, ó Ladrão das vestes das Gopis, ó Reverenciado pelas vacas e pelos pastores! Ó Mãe Katyayani! Prostrações a ti, ó filha de Nandagopa, ó Usurpadora da bravura de Kamsa, ó força de Krsna, ó Morador da montanha Vindhya. “Em seguida, devem circundar uma vaca com seu bezerro, após alimentá-lo com um punhado de capim. Durante um mês, devem se alimentar calmamente de arroz sacrificial (arroz com ghee e açafrão). Ao final do mês, a Devi deve ser adorada e os brâmanes devem ser alimentados com preparações feitas com manteiga. Cumprindo este voto, a pessoa obterá todos os seus desejos. Uma virgem encontrará um bom marido que lhe proporcionará toda a felicidade.” Uma mulher casada dará à luz um filho e uma mulher com um filho verá um neto. Não há dúvida de que as mulheres desfrutarão de felicidade e prosperidade ao adotarem essa prática religiosa.

Fim do quadragésimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 41

1-2. “Ó Senhor! Ouvi a história maravilhosa sobre Devi Katyayani. Não me satisfiz apenas com o néctar das lendas. Gostaria de ouvir novamente como a Devi que habitava a montanha Vindhya encarnou como Katyayani. Ó Guru Compassivo! Por favor, narre-a para mim.”

3-6. Assim, quando Parasurama perguntou, Guru Dattatreya disse: “ó Parasurama! Escute. Contarei a você os maravilhosos eventos que acontecerão no futuro. Depois que Krsna matar seu tio materno, Kamsa, e fizer de seu pai rei, o sogro de Kamsa, para agradar sua filha, convida todos os Yadavas para a cidade de Madhura. Então, Krsna, antecipando a destruição pelas mãos do governante de Magadha, segue com os Yadavas para a cidade de Dwaraka, situada no mar ocidental.

7-11. Sabendo que Krsna estava longe, os poderosos e cruéis reis demônios Nisumbha e Sumbha, irmãos do demônio Aghasura, junto com seu poderoso exército, foram a Gokula e a destruíram impiedosamente. Capturaram Nanda e as pastoras, saqueando suas vacas e riquezas. Então, Yasoda, a leal consorte de Nanda, junto com as Gopikas queridas por Krsna, procurou o sábio Katyayana. Ele narrou a lenda da encarnação da Deusa Katyayani à aflita Yasoda, que se rendeu a ele. Com isso, Yasoda percebeu, maravilhada, que a Deusa era sua própria filha e a adorou com devoção.

12-15a. Então, a satisfeita Suprema Devi Katyayani aparece diante dela e consola sua mãe. Montada em um leão, ela persegue Sumbha e Nisumbha, os senhores dos demônios. Uma feroz guerra se seguirá por quinze dias às margens do rio Yamuna, e os demônios serão derrotados. Depois de libertar Nanda e todas as Gopikas, ela perseguirá os arrogantes e poderosos demônios para matá-los. Assustados com a bravura da Devi, os demônios fogem.

15-18a. Então o povo de Gokula suplicará à Devi: “ó Mahesvari! Ó Mãe! Esses demônios poderosos não merecem ser deixados impunes. Na Kaliyuga, os homens serão fracos e ninguém poderá destruir esses demônios. Portanto, você deve pôr um fim a eles. Mesmo que apenas um deles sobreviva, as atividades da Kaliyuga não poderão continuar. Por isso, por favor, destrua-os completamente.”

18b-20a. A Deusa, atendendo ao pedido, persegue os demônios para matá-los. Então, Nisumbha se esconde em sua temível caverna chamada Devakhata, nas montanhas Vindhya.

Da mesma forma, Sumbha, após enviar suas tropas para se esconderem em outra caverna, se refugia no rio Ganga.

20b-23. Devi Mahesvari perseguirá os demônios que fugiram de três maneiras, assumindo três formas. Ao entrar na caverna Devakhata, ela matará Nisumbha. Em sua forma de Kali, ela devorará o exército e, com sua terceira forma Suprema, matará o demônio Sumbha, no topo de Vindhya, às margens do rio Ganga. Assim, destruindo os demônios através de suas três formas, Devi Katyayani, a Suprema, permanece em três formas para proteger o mundo.

24-26. Os deuses, ao chegarem lá, louvarão a Devi com muitos hinos. A Devi, satisfeita, concederá-lhes bênçãos. Os deuses então farão o seguinte pedido: "ó Mahesvari! Para redimir a Kaliyuga da opressão dos demônios, por favor, permaneça firmemente nesses três lugares com suas três formas. Ao verem você, a destruidora de demônios, os demônios deixarão de existir. Nós, na Terra, a adoraremos nos dias de lua cheia e lua nova."

27-28. "Na Kaliyuga, os seres humanos serão hipócritas, mentirosos, caluniadores, pecadores, ateus, injustos, tão lascivos que coabitarão até com suas mães; terão relações sexuais com noras, filhas e irmãs;

29-32. "As mulheres se revoltarão contra seus maridos e se unirão a homens de casta inferior; os maridos viverão da renda de suas esposas; as mães viverão dos ganhos de suas filhas; as mulheres venderão sua sexualidade no mercado; pessoas de casta inferior ensinarão textos sagrados e os brâmanes serão cruéis com os animais; os brâmanes, para ganhar dinheiro, se tornarão sacerdotes da classe inferior; em nome da riqueza, as pessoas assassinarão suas mães, filhos, pais, maridos, professores, amigos e dependentes, mesmo que falem sobre retidão e sabedoria em suas casas."

33-36. "Os brâmanes eruditos se entregarão a práticas tântricas falaciosas, condenarão o caminho védico e realizarão sacrifícios de forma errônea. Beberão licor e vinho de palma e comerão carne com avidez. Manipularão os preceitos das escrituras para satisfazer seus próprios caprichos. De modo geral, todos serão perversos, insensíveis, fraudulentos e críticos. Os de nascimento humilde se tornarão preceptores dos brâmanes."

37-41a. "Os de baixa estirpe se entregarão à penitência; os brâmanes levarão uma vida desprezível; os reis serão covardes como as mulheres, a classe empresarial será composta por ladrões, a maior parte do mundo será governada por pessoas de classe baixa; ó Devi! Os brâmanes se entregarão a práticas que ofendem os Vedas, consumirão bebidas intoxicantes e coabitarão com mulheres de baixa estirpe. Descartando os preceitos dos Vedas, seguirão outras religiões como o Budismo, o Jainismo e o Islamismo. Tal gente, entregando-se aos desejos sensuais, não encontrará salvação em nenhum outro lugar senão contemplando-Te em Teus santuários."

41b-42a. Assim, atendendo ao pedido dos deuses, a Tríplice Devi Vindhyavasini residirá na Terra para cuidar das pessoas.

42b-43. Esta é a lenda sobre a destruição de Sumbha e outros demônios pela Devi. Ao ouvi-la, a pessoa será absolvida de todos os seus pecados e terá seus desejos atendidos. Ó Parasurama! Assim, narrei tudo para você. O que mais você gostaria de ouvir de mim?

Fim do quadragésimo primeiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 42

1-4. Após ouvir a lenda sobre Devi Katyayani, Parasurama, tomado de êxtase, exclamou: “ó Compassivo e Venerável Senhor! Jamais me satisfarei, mesmo que ouça sua narrativa repetidas vezes. Portanto, gostaria de ouvir a história anterior de Sumbha e Nisumbha. Como foram derrotados? Qual era o seu poder? Com que forma Devi lutou contra eles? Ó Adorável Guru! Por favor, conte-me tudo isso. Não há ninguém além de Ti que seja tão acessível para narrar.”

5. Assim, a pedido de Parasurama, o guru asceta Dattatreya narrou sistematicamente e com carinho aquela lenda para aquele que estava ansioso para ouvi-la.

6-10a. “Ó Parasurama! Ouça esta história purificadora que contém a glória de Devi Candika, que concede toda a prosperidade. Esta história foi narrada anteriormente pelo brâmane Sumedhasa a Suratha. Nos tempos antigos, Madhu e Kaitabha eram dois poderosos filhos de Diti. O Senhor Visnu lutou com eles por cinco mil anos e, com astúcia, os derrotou. A terra, repleta de sua medula, recebeu o nome de Medini. Em sua linhagem nasceram os demônios Sumbha e Nisumbha. Eles realizaram uma penitência formidável por oitenta mil anos.”

10b-13. Então Brahma, satisfeito com a penitência deles, apareceu para conceder-lhes dádivas. Ambos desejavam uma dádiva que os tornasse completamente invencíveis — uma dádiva temível para toda a criação. Sabendo disso, Brahma concedeu a Sumbha a dádiva de que eles não seriam derrotados por nenhum homem e desapareceu. Por meio dessa dádiva, ambos os demônios conquistaram os três mundos e enriqueceram.

14-15. Sumbha tornou-se o senhor do céu e Nisumbha o senhor da terra. Sumbha nomeou seus irmãos e filhos para os cargos de Kubera, Yama, Varuna, Nirrti, Agni, Vayu e outros.

16-19. Tendo perdido suas riquezas, os deuses se tornaram dignos de pena e vagaram pelas montanhas e florestas tomados pelo medo. Assim, os deuses destronados se moviam incógnitos pela Terra. Viviam como humanos em cavernas e florestas. Indra e outros viviam como eremitas, com os cabelos emaranhados, vestindo cascas de árvores e roupas esfarrapadas. Alguns deuses assumiram a forma de pássaros. Dessa forma, por milhões de anos, os deuses perderam sua posição.

20-24. Os demônios governados por Sumbha dominavam o mundo. Eles usurparam e se apropriaram das oferendas sacrificiais, das donzelas divinas, do néctar, da árvore Kalpaka, do Airavata e do jardim Nandana. Acumularam todas as joias preciosas dos três mundos. Em nenhum lugar da Terra os ritos sacrificiais eram realizados para os deuses. Conforme ordenado por Sumbha, os ritos eram dedicados aos demônios. Sumbha formulou e promulgou seus próprios Vedas e textos auxiliares, os Puranas, os procedimentos religiosos, os códigos de conduta e assim por diante, e prescreveu os resultados obtidos com a prática deles, como o bem, o mediano e o mal — o céu e o inferno, segundo sua fantasia.

25-28. Então, o oprimido Indra e os outros deuses foram juntos à morada de Brahma sem serem notados pelos demônios. Lá, eles contemplaram Brahma, que estava sendo servido por sábios; que brilhava como fogo ardente; cujo fulgor envolvia o mundo; que usava quatro coroas semelhantes aos quatro picos de uma montanha; que era atendido pelos Vedas encarnados e pelos ramos do conhecimento, e prostraram-se diante dele à distância, levantaram-se e o louvaram, mantendo as mãos postas sobre a cabeça.

29-30a. Ao ver os deuses indefesos e pobres que o louvavam, o onisciente Brahma disse a Indra: "ó Indra! Diga-me por que você veio até mim agora."

30b-34. Assim indagado, Indra, com as mãos postas em prece, disse a Brahma: “ó Criador! Obtendo bênçãos, os poderosos demônios Sumbha e Nisumbha nos expulsaram do domínio dos três mundos. Presos por eles, conseguimos escapar de alguma forma. Tendo perdido nosso brilho e força, vivemos incógnitos como pessoas comuns e indefesas. Arrebatando-nos as posições de Indra, Candra, Kubera, Isana, Varuna, Agni e Vayu, os demônios desfrutam do poder diariamente. Por favor, diga-nos qual é a melhor maneira de subjugar Sumbha. Não há ninguém além de Ti que possa proteger os indefesos.”

35-42a. Ao ouvir Indra, Brahma, o criador, refletiu por um instante e disse a Indra: “ó Devendra! Escute o que está por vir. Nenhum homem, nem mesmo Visnu, pode matar esses dois demônios. Não há mulher, além de Devi Tripurasundari, que possa enfrentá-los. Portanto, para o bem do mundo, vamos, juntamente com Visnu e Siva, propiciar a Devi.” Dito isso, Brahma, acompanhado por Siva, Visnu e outros deuses, alcançou o maravilhoso pico do Himalaia, às margens do rio Ganga, e curvou-se diante da Suprema Devi Universal, louvando-a devotamente com as mãos postas em oração: “saudações à Devi, à grande Devi; nossas constantes saudações à auspiciosa. Saudações a Prakriti, a força primordial, ao Bem. Com moderação, nos curvamos diante dela.” Com muitos outros hinos como esses, repletos de devoção, louvaram a

Devi.

42b-43a. Então, satisfeita, a Suprema Devi Tripurasundari enviou Devi Bhavani aos deuses para ajudá-los.

43b-44. Assim, enviada pela deusa Tripurasundari, Parvati, juntamente com suas amigas, dirigiu -se rapidamente sob o pretexto de tomar banho no Ganges e, ao ver os deuses ali, falou fingindo ignorância: “quem são vocês? Por que se reuniram aqui?”

45. Questionados dessa forma, os deuses, que haviam sido expulsos pelo demônio Sumbha, disseram: “somos deuses que vieram aqui em busca de abrigo sob a proteção da Deusa Tripura”.

46-50. Ao ouvi-los, Gauri, perguntando-se: "quem está sendo louvado aqui?", ficou furiosa como fogo ardente e sua aparência escureceu como uma safira quebrada. De seu corpo emergiu uma bela encarnação parcial de Devi Tripura, uma Sakti desejosa de matar Sumbha. Ela disse a Gauri: "ó tu, interessada em ajudar os deuses! Fui louvada pelos deuses afligidos por Sumbha. Em aliança contigo, destruirei aqueles dois reis demônios, Sumbha e Nisumbha." Brahma e os outros deuses aclamaram aquela que falava assim, com fortes brados de vitória.

51-52a. Então Brahma, após se curvar e louvar repetidamente a Suprema Devi, disse: “ó Mahesvari! Por teres emergido da irada Parvati, serás conhecida no mundo pelo nome de Candika.

52b-54. Naquele momento, dois líderes dos demônios, os ministros do demônio Sumbha, conhecidos como Canda e Munda, que estavam caçando na floresta, ouviram os gritos de vitória e chegaram ao local para saber do ocorrido. Ao verem os demônios malignos, Indra e os outros deuses, apavorados, esconderam-se em árvores, cavernas e nas águas.

55-59a. Então, vendo a encantadora Candika, Canda e Munda, atormentados pela luxúria, aproximaram-se dela para tocá-la. Disseram: “ó dama de olhos de lótus! Quem és tu nesta floresta solitária? Aceita-me ou ao meu irmão, como quiseres. Ó bela! Com um simples olhar teu, minha mente foi arrebatada pelo teu encanto virginal. Por favor, aproxima-te de mim. Sou o melhor ministro de Sumbha, o senhor dos três mundos. Vem a mim com amor. Se não, eu te levarei à força.” Dito isso, ele rapidamente se aproximou dela para segurar sua mão.

59b-61a. Então Kali, ao ver Candika, agarrou-os com força e, segurando suas cabeças com as mãos, a poderosa Kali os empurrou um contra o outro, fazendo com que desmaiassem e, com as cabeças feridas e ensanguentadas, caíssem no chão.

61b-62a. Então Candika disse a Kali: “ó Kali! Estes dois jamais devem ser mortos. Ao receberem notícias deles, Sumbha e Nisumbha chegarão aqui.”

62b-66. Ao recuperarem a consciência, os dois, que estavam assustados e envergonhados, chegaram a Sumbha e relataram respeitosamente: “ó Rei dos demônios! Uma mulher de

indescritível encanto universal, que ilumina as direções, reside nas montanhas do Himalaia. Consideramo-la a joia mais preciosa entre as mulheres. O senhor é servido por damas como Urvasi, Purvacitti, Rambha, Tilottama e Menaka. Todas elas juntas podem ou não se igualar a uma fração da beleza da unha do dedão do pé dela. Esta é a nossa conclusão."

67-72a. "Sem ela, que é encantadora e servida por Saci, Laksmi e outras damas divinas, seu domínio sobre os três mundos é inútil. Embora você seja o senhor do Universo, sem possuir uma joia como ela, sua existência não tem utilidade. Enquanto tentávamos trazê-la para você, uma Kali poderosa e horrenda, enviada por ela, nos agarrou e, de alguma forma, conseguimos escapar. Veja o ferimento na minha cabeça. Que pena! Seu orgulho foi punido por nossa derrota nas mãos de uma mulher. Ó Senhor dos demônios! Você deve matar imediatamente aquela Kali e recuperar sua fama obtendo aquela mulher universalmente bela."

72b-74a. Ao ouvi-los, Sumbha foi impelido pela luxúria. Chamou um mensageiro chamado Sugriva e o enviou até ela, dizendo: "ó Sugriva! Uma bela jovem vive perto do Himalaia. Traga-a aqui com astúcia. Se ela não vier por uma das três estratégias, nós a traremos pela quarta: à força. Portanto, vá logo e tenha sucesso."

75b-78. Então o mensageiro chegou ao Himalaia, viu-a, curvou-se e disse: "ó Devi! O demônio Sumbha, senhor dos três mundos, considerando-te a joia universalmente superior entre as mulheres, tem esta mensagem para ti: 'eu sou o senhor de todas as joias. Portanto, vem e junta -te a mim. Se não cederes à conciliação, serás tomada à força sob minha custódia.' Nosso rei quer saber quem és? De quem és filha? Qual é o teu plano?"

79-81a. Então a Devi falou suavemente com um sorriso ao mensageiro: "Sou conhecida como Candi. Até hoje, nunca fui subordinada a ninguém. Por minha própria glória, vim aqui para destruir os demônios. Volte e diga ao seu rei para me conquistar e me levar."

81-83. Assim ordenado por ela, o mensageiro relatou a Sumbha. Ao ouvi-lo, o enfurecido Sumbha ordenou a seu tenente Dhumralocana que a trouxesse imediatamente, subjugando-a e aprisionando-a. Cumprindo a ordem, Dhumralocana partiu com seu batalhão para lutar contra a Devi.

Fim do quadragésimo segundo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 43

1-2. Dhumralocana alcançou a Devi com seu exército e, furioso, lançou uma chuva de flechas sobre ela, dizendo: “ó mulher tola! Honrada pelos demônios, junte-se depressa ao senhor dos demônios, ou então, aprisionada por mim, será levada a ele com desrespeito.”

3-4a. Ao ouvir as palavras do chefe do exército, Candika sorriu e disse: "ó Demônio! Leve-me sem demora, vencendo-me na guerra". Dito isso, ela lançou uma chuva de flechas sobre o poderoso demônio.

4b-5. Então os deuses viram Devi Candika em pé no chão e Dhumralocana na carruagem e pensaram que era algo incomparável. Imediatamente pediram a Visnu o veículo.

6. Então Visnu assumiu a forma de uma montanha semelhante a um leão e carregou Candika na guerra, assustando os demônios.

7-10a. Após lutar com a Devi por um longo período, Dhumraksa, o líder do exército de demônios, saltou para agarrar a mão da Devi. Vendo Dhumralocana se aproximar, a Suprema Devi emitiu o som "Hum" para ele. Dhumralocana foi envolvido por esse som e a chama irrompeu de Sua boca, reduzindo-se a cinzas como uma mariposa num piscar de olhos. Então Visnu, que havia assumido a forma de um leão, rapidamente subjugou o exército de demônios que crescia como um oceano em maré alta.

10b-12a. Ao saber da destruição de seu exército, juntamente com Dhumralocana, o furioso Sumbha ordenou aos grandes demônios Canda e Munda, que estavam ao seu lado, o seguinte: “ambos, sem demora, tragam-na aqui, conquistando-a juntamente com seu exército. Tragam também aquele leão, amarrado ou morto.”

12b-14. Ao ouvirem as instruções de Sumbha, aqueles dois que estavam com medo disseram a Sumbha: “ó Rei! Por favor, ouça. Ela é invencível para nós dois. Já que Dhumralocana, o opressor dos deuses, foi morto em pouco tempo, achamos conveniente fazer um pacto com o mais forte.”

15-16. Ao ouvi-los, o furioso Sumbha os repreendeu desta forma: “tendo iniciado a guerra, por ansiedade vocês estão pensando em aliança, descartando sua lealdade para comigo. Eu até acho que vocês podem se juntar ao inimigo.”

17-19. Ao ouvirem Sumbha, Canda e Munda prosseguiram, pois, caso contrário, seria sua própria destruição. Chegaram ao Himalaia e viram a Devi sentada em um leão, assim como o Sol no pico do Monte Meru. Para capturá-la, eles e seu exército lançaram uma série de armas contra ela. Candika ficou enfurecida com isso.

20-21. Então a terrível Kali, ordenada através das sobrancelhas furiosas de Candika, atacou o

exército de demônios e os engoliu a todos. Após destruir o exército, ela decepou as cabeças dos poderosos demônios Canda e Munda com a espada e as ofereceu à Deusa Candika.

22-23a. Então Sumbha, tomado pela raiva com a morte de Canda e Munda, avançou com todo o seu exército e Nisumbha para lutar contra a Devi que estava hospedada no Himalaia.

23b-26a. Então a Devi viu o exército do senhor dos demônios, que era ilimitado como um oceano, no qual as altas carruagens eram as marés, os cavalos dançantes eram as ondas, os elefantes eram os crocodilos, os escudos eram as tartarugas, as espadas em movimento eram os tubarões, os guarda-sóis brancos eram a espuma, o som das trombetas era o alvoroço e o toque vibrante dos sinos dos elefantes ensurdecia os horizontes.

26b-28. Ao contemplarem esse exército sem fim e verem a solitária Devi, os deuses começaram a se preocupar com as consequências. Percebendo a preocupação deles, a Devi criou um grupo de forças maternas como Brahmi, Mahesvari, Indrani, Vaisnavi, Sikhivahini (Kaumari), Varahi, Narasimhi, Agneyi e Varuni.

29-30. Assim, o exército dos deuses uniu-se às forças maternas, vestindo trajes e empunhando armas condizentes com aquela força materna específica, e o imenso exército enfrentou os demônios. Uma batalha teve início entre os dois exércitos.

31-33a. Uma guerra terrível e tumultuosa se desenrolava entre o exército das forças maternas e os demônios, que utilizavam armas como espadas, machados, dardos, machadinhas, espadas planas, tridentes, rodas, virotes, varas, clavas de ferro, maças e muitas outras armas enormes. Um rio de sangue espumante corria, fazendo os mais fracos tremerem.

33b-37. Naquele tempo, vendo o exército de demônios diminuir, o demônio chamado Raktabija chegou ao campo de batalha e enfrentou as forças maternas. Enquanto lutava, tantos guerreiros poderosos quantas gotas de seu sangue caíam no chão nasciam, e assim por diante, tantos outros guerreiros semelhantes nasciam de cada um deles, cada um igualando-se a Raktabija em forma, inteligência e força. Toda a Terra foi invadida por um número extremamente grande deles. Ao presenciarem tal fenômeno desconcertante, os deuses ficaram aterrorizados com as consequências.

38-39. Então Candika, vendo os descendentes de Raktabija, disse muito astutamente a Kali, que estava ao seu lado: "ó Kali! Continue bebendo o sangue que jorra das feridas de Raktabija com a sua língua".

40-41. Obedecendo-lhe, Kali, com a boca escancarada, percorreu o campo de batalha bebendo o sangue dos demônios e atormentando-os. Assim, enquanto Kali consumia seu sangue, os grandes demônios perdiam suas forças e eram despedaçados pelas armas das forças maternas.

42-45a. Quando Raktabija foi derrotada, Nisumbha, o senhor dos demônios, chegou com seu exército para lutar contra Devi Candika. Furioso, ele lançou uma chuva de flechas sobre ela.

Candika as destruiu com uma resposta igualmente forte. O poderoso exército de demônios lutou contra as forças de Sakti e foi derrotado por Kali e o Leão. Vendo isso, Nisumbha, enfurecido, confrontou Candika.

45b-47a. Então Candika lançou armas sobre Nisumbha, que se aproximava dela. Os demônios lamentaram-se ao vê-lo atingido pela chuva de flechas. Mas Nisumbha imediatamente destruiu aquela chuva com outra e emergiu da nuvem de armas como o Sol.

47b-49a. Então, o enfurecido Nisumbha lançou uma arma de ferro chamada 'Sakti' contra a Devi. Candika a cortou em três pedaços no ar. Da mesma forma, ela foi rapidamente destruída por flechas e armas como bastão, machado, tridente, maça e lança, que foram repetidamente lançadas contra ela por Nisumbha.

49b-50a. Então Nisumbha, empunhando a espada, avançou em direção a Candika gritando 'pare, pare'.

50b-51a. Ao verem aquele que era como o senhor da morte durante o dilúvio se aproximando da Devi, os deuses ficaram assustados. Os sábios desejaram o bem-estar dela.

51b-53a. Entretanto, a Suprema Devi subjugou o impetuoso Nisumbha e, com um golpe de espada, decepou-lhe a cabeça rapidamente. Então, o Leão, Kalika e outras forças divinas, enfurecidos, destruíram todo o exército de demônios.

53b-54. Deprimido ao saber da morte de seu irmão e também do exército, Sumbha, tomado por uma fúria descontrolada, golpeou o leão na cabeça com sua espada.

55-57a. Após uma longa batalha, Sumbha enfrentou Kalika e lutou bravamente contra ela. Kalika ficou impressionada com sua força, habilidade e versatilidade no manejo das armas. Os deuses e os sábios o elogiaram.

57b-60. Ao ver o feroz, corajoso e habilidoso Sumbha, que superava Kali, Candika aproximou-se dele. Ao vê-la, Sumbha, com uma gargalhada sonora, disse: "ó mulher perversa! Se você deseja lutar comigo, então deixe suas outras forças de lado por um momento e você conhecerá minha força. Por compaixão por uma mulher, fui indiferente a elas. Agora, sozinha, você não pode sobreviver lutando comigo."

61-63. Ao ouvir as palavras de Sumbha, Candika, contendo seu exército, lutou contra Sumbha montada no grande leão. Então, Sumbha rapidamente a ocultou na névoa de flechas. Vendo a Deusa afogada no oceano de flechas de Sumbha, os deuses, aterrorizados, choraram de agonia, enquanto os demônios se regozijavam e o saudavam com brados de vitória.

64-65. Então Candika também, imitando a brisa como flechas, emergiu daquela névoa de flechas, como um Sol. Sumbha lançou flechas repetidamente sobre aquela que emergiu. Ela disparou armas opostas contra ele repetidamente.

66-67. Pensando que Ela não era vencível por mísseis, o valente Sumbha ergueu a Devi e viajou pelos céus. Vendo-a sendo carregada pelo demônio, os deuses tristes oraram à Grande Devi Primordial Sri Tripurasundari.

68. Sumbha carregando a Devi Candika, percorreu em um minuto noventa e um lakh yojanas.

69. Ao perceber que estava capturada e sendo carregada, Candika rapidamente golpeou o demônio na cabeça com sua espada semelhante a um raio.

70-74. Com um forte golpe na cabeça, ele perdeu o controle por um instante e a soltou. Ela lutou com ele no céu. Após uma longa batalha, quando o grande demônio saltou com sua maça para atingi-la, Candika o agarrou pela perna e, girando-o várias vezes, o arremessou ao chão. Assim, caído no chão, o demônio vomitou sangue abundantemente. Por um instante, ele ficou inconsciente. Enquanto tentava se levantar, Candika pressionou seu peito com o pé e, com extrema fúria, cravou o tridente em seu pescoço. Com a cabeça decepada, o rei dos demônios morreu.

75-76a. Então, os demônios restantes fugiram em todas as direções. O horizonte clareou quando o poderoso demônio Sumbha foi morto. A brisa estava calma. O sol brilhava intensamente. Os oceanos estavam tranquilos.

76b-77. Ao saberem da morte de Sumbha, o senhor dos demônios, os deuses se alegraram e louvaram a Devi de muitas maneiras. O satisfeito Visnu louvou Devi Candika assim:

78. Sankari, a melhor entre os deuses, a matadora de Sumbha, a grande força de Paramesvara, a destruidora dos pecados daqueles que a contemplam, a protetora das aflições daqueles devotados aos seus pés, a dissipadora da ignorância daqueles que compreenderam a sua verdade, triunfa.

79. Se, em algum momento de suas vidas, os seres humanos se lembrarem, ainda que uma única vez, de Seus pés de lótus, como poderão eles vivenciar novamente um nascimento doloroso que lhes será como uma miragem? (Eles não terão nascimentos nem mortes.)

80. Ó Mãe! Como posso eu, mesmo assumindo a forma de Adisesa (a serpente de mil cabeças), descrever a Tua glória transcendente que é ilimitada? Talvez seja possível contar o número de partículas de poeira no ar, mas jamais as Tuas glórias.

81. Neste mundo, o fato de você destruir a tristeza das pessoas não é surpreendente, pois o amor materno por um filho é natural. Neste mundo, uma pessoa capaz, mesmo que perplexa, não ignorará a cena de sua casa sendo destruída.

82. Se alguém no mundo desejasse agradar a Ti, que és encantadora, a quintessência da linguagem, com sua eloquência habilidosa, isso se tornaria, ó Devi!, o Teu hino? Seria como transformar o oceano de ambrosia em mel com apenas algumas gotas.

83. Assim, em louvor à Devi, Visnu prostrou-se diante dela. Brahma e outros deuses, também tomados de devoção, prostraram-se.

84. Candika, que foi assim louvada, por ter destruído os demônios que atormentavam os deuses, desapareceu após conceder dádivas aos deuses.

85-90. Ó Parasurama! Assim, no passado, a Devi destruiu os valentes demônios noturnos como Sumbha, que estavam destruindo os mundos. Adorada por Brahma e outros deuses sempre que oprimidos pelos demônios, a Devi Tripurasundari, que é propiciada por todos, encarna com uma fração de Seu Poder para proteger os deuses e o mundo também. Sem a Sua intervenção, como poderia sequer uma folha de grama se mover, assim como as ondas sem o mar? Portanto, ó Parasurama! Deve-se adorar a Suprema Devi Transcendental Tripurasundari, que destrói os pecados de Seus devotos, deixando de lado as ações mundanas. Caso contrário, os seres humanos se afogariam no meio do profundo oceano da mundanidade e tocariam o fundo, resultando em desastre para o eu.

Fim do quadragésimo terceiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam

Capítulo 44

1-3a. Ao ouvir a lenda melosa de Devi Candika, Parasurama, descendente da raça Bhrgu, ficou como uma abelha embriagada de mel. Ele se encheu de êxtase ao ouvir a grande glória de Sri Tripurasundari e por um instante ficou imóvel como uma pintura, alheio a tudo. Então, lembrando-se de seu estado natural, ficou surpreso e disse com amor:

3b-8. “Ó Oceano de Compaixão! Ó Senhor! Fui salvo por Ti. Eu, que estava miserável e imerso no oceano infinito da vida mundana, cruzei destemidamente esse oceano temível pelo barco que são os Teus pés divinos. Sou abençoado. Pela Tua graça, não temo a morte. Ao narrar a história de Devi Sri Tripurasundari, Tu me contaste as grandes lendas de Katyayani e Candika, que são encarnações parciais Dela. Agora, por favor, conta-me outra lenda sobre Sri Tripurasundari. Nunca me satisfaço ao ouvir Suas histórias auspiciosas. Que ser se sentiria satisfeito ao beber o elixir das lendas divinas, que são como um grande remédio para os enfermos, exceto para aqueles atingidos pela morte?”

9-10. Ao ouvir Parasurama, o satisfeito Dattatreya, reconhecendo seu interesse nas lendas de Parasakti, disse assim: ó Parasurama! Ouça a maravilhosa história de Kalika, que nasceu da ira de Sri Tripura.

11-13a. No passado, existiram mil irmãos, filhos de Diti, que eram poderosos e conhecidos como Kalakhanjas. Eles fizeram penitência por treze Arbudas (um Arbuda = cem milhões), o que agitou os mundos. O trono de Indra foi abalado e os deuses ficaram apavorados.

13b-15a. A pedido dos deuses, Brahma foi até eles e disse: “ó demônios! Digam-me que graça desejam de mim. Abandonem sua penitência, que é prejudicial ao mundo”. Os demônios se curvaram e disseram: “nunca devemos morrer”.

15b-16a. Ao ouvir os demônios e perceber o perigo, Brahma disse-lhes: "vocês não morrerão por nada além de mulheres".

16b-17. Os demônios refletiram juntos sobre o assunto e disseram a Brahma: "que não sejamos mortos pelas mulheres que existem agora". Brahma concordou e partiu para sua morada celestial.

18-19a. Então, os poderosos demônios Kalakhanja conquistaram Indra e outros, confiscando as riquezas dos três mundos, incluindo as oferendas sacrificiais, as donzelas divinas e as moradas dos senhores dos horizontes.

19b-20. Indra, destronado, e outros deuses chegaram até Brahma e buscaram alívio para sua derrota junto aos Kalakhanjas.

21-25. Assim solicitado, Brahma meditou e tomou conhecimento da futura prosperidade dos demônios, e disse aos deuses: “ó Deuses! Nada pode ser feito neste assunto. Eles não podem ser mortos nem por homens nem por mulheres que vivem hoje. Poderiam ser destruídos por uma mulher que transcende a mundanidade. Não existe mulher desse tipo em nenhum lugar do universo. Portanto, a tarefa parece impossível. Para alcançarmos nosso objetivo, vamos propiciar a Deusa Tripurasundari.” Dito isso, Brahma e os outros chegaram ao pico do Monte Meru e louvaram a Deusa Tripura, a executora do universo.

26-27a. Naquele momento, os Kalakhanjas, ao tomarem conhecimento da ação dos deuses, dirigiram-se ao local para frustrar seus esforços, conforme instruído por Sukracarya. Os demônios gritaram: “amarrem-nos; matem-nos rapidamente!”

27b-29a. Ao verem a chegada dos Kalakhanjas, os deuses, tomados pelo medo, bradaram em rendição à Devi: “ó Grande Devi! Ó Protetora dos devotos! Ó Tripurasundari! Ó Refúgio! Proteja-nos, os deuses, que estamos em perigo. Proteja-nos, que estamos sendo capturados pelos demônios.”

29b-32. Para proteger os deuses que lamentavam e estavam apavorados com os demônios, Devi Sri Tripurasundari fez Sua aparição. Um som alto e temível foi ouvido na direção nordeste.

Todo o céu e o horizonte foram envolvidos por um brilho intenso. Com esse som, os demônios desmaiaram, pensando que o universo havia sido destruído. Então, a Suprema Devi Tripurasundari, transcendente, apareceu diante dos deuses.

33-40. Olhando naquela direção, Devi Tripurasundari, o oceano de beleza, encantadora como a multidão de milhões de cupidos; brilhando como um relâmpago que cega os olhos do mundo; bela com corpo proporcional; adornada com o dedo da lua na cabeça; com três olhos; segurando em suas palmas como lótus, situadas na extremidade de longos braços como hastes de coral, o laço, o aguilhão, o arco e as flechas; com olhos azuis como lírios no lago de seu belo rosto como a lua; com um rosto encantador como o oceano, desonrando o ego de gotas de água como pérolas; com um par de seios que se assemelham a um par de gansos avermelhados que estão perplexos com o surgimento de sua lua facial, com braços que se projetam como galhos de seu corpo como uma trepadeira de coral, belos com dedos como botões na ponta da palma da mão, semelhantes ao galho de coral; com uma vestimenta semelhante à bainha tenra de um caule de bananeira vermelha, com dedos dos pés semelhantes às flechas de cupido colocadas em sua aljava como uma haste; decorada com ornamentos que brilhavam como estrelas espalhadas ao redor da trepadeira de relâmpagos, com mechas de cabelo que pareciam a densa escuridão dissipada pelo nascer da lua em seu rosto, os deuses prostraram-se diante dela, dizendo: "por favor, proteja-nos".

41. Naquele momento, alguns demônios que recuperaram a consciência se aproximaram dos deuses, portando armas, para matá-los.

42-44a. Ao ver aqueles demônios furiosos, Devi proferiu o som "Hum". Desse som "Hum", nasceu uma grande Sakti, com quatro braços, tez da cor do âmbar do colírio, cabelos despenteados, vestes amplas, rosto assustador, língua protuberante e semblante terrível. Ao vê-la, Devi Tripurasundari ordenou que ela destruísse os filhos de Diti.

44-50a. Assim ordenada pela Grande Devi, Kali, nascida de Sua ira, era contrária às características mundanas. Estava nua, seus longos cabelos estavam desgrenhados; sua forma cruel era assustadora; sua língua protuberante era destacada por suas presas; empunhava uma espada — esta grande Kali, após matar os demônios, usava uma guirlanda feita de seus crânios amarrados por seus tufos de cabelo e uma saia feita de suas mãos, e tinha uma aparência estranha. Consumindo continuamente bebidas alcoólicas e engolindo os demônios, ela parecia temível, manchada com o sangue deles. Aproximou-se de Devi Tripurasundari e, com o desejo de coabitar, disse: “ó Devi! Mostre-me um marido adequado que possa me fazer feliz. Se não, por luxúria, não poderei destruir os demônios.”

50b-52. Assim, a pedido de Kali, a Suprema Devi Sri Tripurasundari dirigiu-se ao Deus Sadasiva da seguinte forma: “torne-se um marido adequado para Kali”. Ordenado dessa maneira, Sadasiva assumiu uma forma correspondente. Vendo-o igual a Kali, a Grande Devi Tripura deu-lhe o nome de Mahakala e disse a Kali para aceitá-lo.

53-56. Ao vê-lo, Kali, satisfeita, uniu-se a ele e, entrando em contato com seu corpo, procedeu à

destruição dos demônios. Com extrema luxúria, começou a brincar com ele. Então, Mahakala também bebeu em abundância. Dominada pela luxúria, Kalika uniu-se sexualmente ao embriagado Mahakala. Ao colocar o bêbado Mahakala no chão, Kali, insatisfeita, o possuiu de forma inversa.

57-59. Quando Mahakali esteve unida a Siva por um longo tempo, os demônios se levantaram e planejaram matar os deuses. Então, louvada pelos deuses, a feroz Kali, renunciando à sua estranha sexualidade, imediatamente lutou contra os demônios, rindo muito alto. Ocupando todo o espaço, ela começou a engolir os poderosos demônios, cortando-os com a espada.

60-63. Assim, Kali, a conflagração para os demônios, aterrorizando o universo, vagava pelo campo de batalha, devorando-os. Ao mastigar os demônios, o sangue jorrava dos cantos de sua boca como riachos dos picos das montanhas. Engolindo rapidamente todos os demônios, Kali, negra como o núcleo de um denso colírio, embriagada por beber tanto o sangue quanto o licor, dançava freneticamente, parecendo uma montanha azul-escura movida pelo vento da dissolução.

64-66. Quando Kali começou a dançar assim no pavilhão universal, todo o universo tremeu como uma enorme árvore ao vento; com seus passos de dança, os picos das montanhas foram pulverizados; os mundos foram divididos pelo movimento giratório de seus braços se chocando contra eles; as trajetórias das estrelas e dos planetas foram cortadas pela ponta de sua espada; as fronteiras dos horizontes foram esmagadas pelas nuvens afastadas por sua exalação.

67-68. Ao verem o universo chegar ao fim, Brahma e outros, assustados e perturbados, aproximaram-se, acompanhados pelos Rsis, Siddhas, Vidyadharas, Yaksas e Gandharvas, com as mãos postas em prece, da deusa Kali. Eles a louvaram com orações repletas de palavras belas e significativas.

69. Que Kali! Mahesi! Aquela que empunha uma espada, cujo rosto é temível, que enviou os demônios à morte, que se disfarçou de forma lúdica para dissipar a angústia do universo, nos proteja, a nós que nos prostramos a Seus pés, do oceano de perigos.

70. Que Kali, cuja tez é como a montanha de safira quebrada, cujos cabelos desgrenhados se estendem até os pés, cujo rosto é adornado com brincos feitos de crânios de demônios, nos proteja, a nós que estamos a Seus pés, do oceano de perigos.

71. Que Kali, cujo corpo brilha com o sangue que escorre dos cantos de sua boca enquanto mastiga um grupo de demônios, cujos seios estão cobertos de sangue que goteja de sua língua vermelha e protuberante, nos proteja, a nós que estamos a Seus pés, do oceano de perigos.

72. Que Kali, que empunha em seus longos e temíveis braços serpentinos, a cabeça decepada, a enorme espada, os símbolos de proteção e bênção, que se dedica ao passatempo de destruir demônios, nos proteja, a nós que estamos a Seus pés, do oceano de perigos.

73. Que Kali, adornada com uma guirlanda brilhante feita de crânios úmidos e recém-cortados de demônios, que se estende até seus pés, e cuja saia e cintura são feitas de braços de demônios, nos proteja, a nós que estamos a seus pés, do oceano de perigos.

74. Que Kali, que apenas com os movimentos de seus seios amplos e altos que vibram durante sua dança, esmaga os picos do Monte Meru; cuja vestimenta é o espaço; que com as unhas dos pés fende a terra; nos proteja, a nós que estamos a Seus pés, do oceano de perigos.

75. Tu nasceste da ira de Candika e, para a destruição dos demônios, revelas por teu próprio poder uma forma temível. Se assim não fosse, como poderia o veneno brotar do oceano de néctar? Ó Kali! Que nos protejas, a nós que nos prostramos a teus pés, do oceano de perigos.

76. Esta terrível criação aparece em você para aqueles com visão ilusória e nunca para aqueles com visão espiritual. Ela é o néctar supremo do conhecimento bem-aventurado. Que Kali nos proteja, a nós que estamos a Seus pés, do oceano de perigos.

77. Assim, Brahma e os outros oraram e prostraram-se diante dela. Mas Kali, que estava embriagada, não se deu conta disso, embora estivesse ouvindo as orações.

78. Então Visnu curvou-se e, após elogiá-la muito, pediu a Mahakala que apaziguasse Devi Mahakali.

79-81. Então, Mahakala, nu, aproximou-se lentamente de Kalika, que estava embriagada, e deitou-se a seus pés. Kalika, que não estava em si, subiu em seu corpo e dançou sobre seu peito. Ao tocá-lo, percebeu que ele era seu marido, interrompeu a dança e dirigiu-se aos deuses que estavam à sua frente, dizendo: “ó deuses! Estou satisfeita convosco. Podem obter de mim tudo o que desejam.”

82-84a. Assim proferida por Kalika, Brahma e outros disseram: “ó Kalika! Por tua graça, nós, deuses, obtivemos tudo. Com a derrota de todos os nossos inimigos, estamos livres do medo. Ó esposa de Mahakala! Tu trouxeste auspiciosidade ao mundo. Ó Mahesvari, para proteger os seres humanos, por favor, permaneça nesta montanha.”

84b-87. Assim, a pedido dos deuses, Kalika, satisfeita, disse: “ó deuses! Residirei nesta montanha em minha forma atual e concederei especialmente os desejos de meus devotos. Capacitarei, sem dúvida alguma, aquele que, com devoção constante, instalar meu ícone e me adorar com oferendas como carne, bebida e a alegria da convivência.”

88. Ó Parasurama! Assim, narrei a você a grande lenda de Kalika. Assim, Devi Candika, na forma de Kalika, protegeu o mundo.

Fim do quadragésimo quarto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 45

1-3. Ó Parasurama! Além disso, contarei a você a maravilhosa glória de Durga. Ao ouvi-la, certamente todos os pecados serão libertados. Devi Durga é uma encarnação de Sri Tripurasundari. Por ter dissipado o sofrimento dos deuses, Ela é chamada de Durga. Ela é conhecida como Durga porque, ao se lembrar Dela, os pecados desaparecem. Sua glória imaculada foi descrita na literatura sagrada.

4-9. No passado, Devendra, arrogante por causa de sua riqueza, montado em Airavata e acompanhado por Gandharvas e Apsaras, chegou, por curiosidade, ao topo da montanha Vindhya. Lá, o grande sábio Sunetra, primo do sábio Kasyapa, fazia penitência e resplandecia com imensa luz. Sua esposa, Sumitra, filha do sábio Gautama, que era devotada ao marido, foi banhar-se perto do rio Narmada. Ao vê-la, que era corpulenta, escura e feia, Indra, alheio à sua ruína, riu alto e, com altivez, aproximou-se dela e falou-lhe sarcasticamente: “ó Senhora Auspiciosa! Quem és tu? Quem é teu marido? Pareces-me um búfalo. A qual búfalo gordo darás à luz?”

10-11. Ao ouvir o escárnio, Sumitra, que era devotada ao marido, suspirando de raiva, repreendeu Indra e disse: “ó perverso Indra! Um bisão que subjugará sua arrogância nascerá em breve. Sua esposa Saci, transformando-se em um búfalo, dará à luz esse inimigo.”

12-14. Indra, que fora duramente amaldiçoado, prostrou-se diante dela com medo e disse: "proteja-me. Proteja-me". Sumitra, após banhar-se, retornou furiosa ao eremitério. O assustado Indra, acompanhado de Saci, a seguiu. Vendo o sábio sentado, resplandecente como fogo, Indra e Saci suplicaram repetidamente que ele tivesse misericórdia.

15-19. Até mesmo Sunetra, compreendendo a ofensa de Indra e vendo sua esposa furiosa, ficou chocada e, de uma maneira que a agradou, disse a Indra: “ó Indra! Escute. Você não ouviu falar da glória das esposas devotadas a seus maridos? Uma mulher casta e irada pode destruir o universo num instante. Se estiver satisfeita, pode recriá-lo. Certa vez, pelo poder de uma dama leal, o Sol ficou imóvel por muito tempo. No passado, Daksayani, durante um sacrifício, causou a dissolução do mundo pelo poder de sua penitência. Portanto, junto com o sacrifício, apazigue Sumitra. Eu, de forma alguma, tenho o poder de desfazer a maldição.”

20b-22. “Há muito tempo, viveu um grande e austero brâmane chamado Mudgala. Sua bela esposa, Sanumati, era reverenciada por todos. Vayu viu aquela mulher atraente enquanto ela tomava banho em um rio. Atormentado pela luxúria devido à sua rica beleza, Vayu a penetrou

pelas coxas para levantar suas vestes.”

23-25. Ao perceber a vileza de Vayu, Sanumati, em sua penitência, o agarrou à força e o prendeu entre as coxas. Com Vayu assim imobilizado, a vida em todo o universo parou. Então, a leal Sanumati, considerando a destruição sem causa do universo, liberou a quantidade de ar necessária para a continuidade da vida. Além disso, ela estrangulou Vayu entre as coxas.

26-27. “Então, os mundos sem vento ficaram inquietos. Não havia brisa em lugar nenhum do mundo, pois Vayu estava suprimido. Sabendo que nem mesmo em Vayuloka havia vento, os moradores daquela região relataram o ocorrido a Devendra.”

28-30. Ao saber da ausência de Vayu, Indra o procurou por todos os mundos e, tristemente, aproximou-se de Brahma, curvou-se diante dele e disse: "ó Senhor! Sem Vayu, os mundos perecerão. Nem mesmo a grama poderá crescer e os três mundos perderão sua força. Não ofendemos Vayu em nada. Não sabemos por qual ira nem como o poderoso Vayu desapareceu."

31-33a. Ao ouvir Indra, Brahma meditou, compreendeu a situação e disse a Indra: “ó Indra! Escuta o destino de Vayu. Em Kuruksetra reside a fiel esposa do sábio Mudgala. Vayu, por sua transgressão contra ela, foi subjugado, estrangulado entre suas coxas e, tendo perdido suas forças e estando emaciado, está sofrendo.

33b-35a. “Sanumati, devotada ao marido, está repleta de brilho penitencial. Se solicitada com astúcia, ela poderá libertar Vayu. Ó Indra! Não a invoque diretamente. Ela o queimará com sua ira. Portanto, busque refúgio sob o sábio Mudgala, que lhe trará o bem.”

35b-37a. Ouvindo Brahma, Indra foi ao eremitério do sábio Mudgala junto com os deuses para buscar materiais para o culto. Ao se aproximar com medo, o sábio Mudgala, que estava com sua consorte, Indra, com reverência, pediu a libertação de Vayu.

37b-41. Então o sábio Mudgala falou docemente com Indra: “ó Indra, que estás entre os deuses! Escuta. Vou te contar a verdade. Eu realmente não sou competente para dizer a ela para libertar Vayu. Já sei, por meio da minha penitência, tudo sobre o incidente. Se eu lhe dissesse para libertar Vayu, que a ofendeu, ela imediatamente me queimaria, a mim, ao meu eremitério e ao mundo. Portanto, vou sugerir um plano para você. Fique aqui com Kubera, Agni e os outros, disfarçados de brahmakaras, e sirva-a com paciência e agrade-a. Agradada com você, ela o atenderá em sua tarefa.”

42-47a. Obedecendo à sugestão, Indra, juntamente com Kubera, Varuna, Agni e outros, permaneceram ali disfarçados de brahmakaras e, com devoção, serviram Sanumati de forma completa. Indra cuidava de suas queridas vacas. Kubera se ocupava diariamente com o fornecimento de frutas e raízes. Varuna buscava água e lavava as roupas diariamente. Agni auxiliava na realização do Agnihotra. Indra ordenhava as vacas diariamente e as criava. Assim, o leite era doce e rico. Kubera fornecia diariamente frutas e raízes saborosas. Varuna trazia

água doce e agradável.

47b-50a. Dessa forma, os deuses agradavam Sanumati diariamente com seus serviços. A feliz Sanumati disse certa vez em particular ao seu marido: “ó Senhor! Esses alunos dedicados ao serviço merecem ser verdadeiramente abençoados. Mas, por que eles me servem especialmente? Ó Senhor! Diga-me por que o Senhor permitiu que o fizessem?”

50b-54a. Ao ser questionado, Mudgala respondeu sorrindo: “ó Auspiciosa! Escuta com paciência. Não te irrites. A ira destrói tua penitência. Portanto, mantém-te sempre em paz. Na ausência de Vayu, que foi estrangulado entre tuas coxas por te ofender, o mundo está à beira da dissolução. Dez anos se passaram desde sua prisão. Esses discípulos temerosos, Indra, Agni, Varuna e Kubera, estão a teu serviço para libertar Vayu. Tu deves abençoá-los.”

54b-55a. Ao perceberem que Sanumati estava feliz, Indra e os outros deuses se curvaram com as mãos juntas em sinal de respeito e aguardaram suas bênçãos.

55b-56. Então, extremamente satisfeita, Sanumati libertou Vayu. O libertado, envergonhado por sua prisão, prostrou-se diante dela e, após curvar-se perante o sábio Mudgala, prosseguiu acompanhado por Indra e os demais.

57-58a. Esta é a antiga história sobre a ofensa a uma esposa fiel. Portanto, você, que é o terceiro Indra no Raivata Manvantara, deve propiciar apenas Sumitra. Você não pode se livrar do medo de nenhuma outra maneira.

58b-61. Ao ouvirem as palavras de Sunetra, Indra e Saci foram até Sumitra. Desamparados, Saci implorou repetidamente por sua graça. Então, com misericórdia, Sumitra disse a Saci: “ó Senhora Auspiciosa! Vá e dê à luz rapidamente um bisão e livre-se da maldição. Além disso, Indra, que será privado de tudo, ao adorar a Deusa Tripurasundari, recuperará sua posição e seus inimigos serão destruídos pela Deusa.” Sabendo disso sobre o fim da maldição, ambos partiram dali.

62-68a. Então, Indrani logo se transformou em uma formidável e assustadora búfala, com a aparência de um pico de montanha, e adentrou uma grande floresta, matando tigres, leões e elefantes e repelindo o grupo de montanhas. Ela entrou em uma imensa floresta desprovida de animais. Nessa floresta, escondido sob a grama, estava o sêmen solidificado, semelhante a uma montanha, do poderoso Kaitabha, o primeiro rei dos demônios. Quando a búfala faminta começou a comer aquela grama, o sêmen cristalino, que havia se solidificado devido ao frio, derreteu gradualmente com o calor de sua respiração. Ao engolir todo o sêmen junto com a grama, ela engravidou e deu à luz um bisão. Após o parto, Indrani, livre da maldição, retornou ao céu.

68-72. Aquele bisão cresceu gradualmente naquela floresta. Com um corpo colossal, o poderoso bisão arremessava montanhas com seus chifres e fendea a terra com seus cascos. Ao se aproximarem dele, os demônios o fizeram seu rei. Incitado pelos demônios, o bisão

demoníaco lutou contra os deuses e, conquistando Indra, Yama, Agni e outros, apoderou-se de suas riquezas e tornou-se o governante dos três mundos.

73-75. Assim subjugados pelo perverso Mahisasura, Indra e os outros deuses foram até Brahma, a flor de lótus, e relataram sua derrota da seguinte forma: “ó Senhor! Perdemos nossas riquezas e poder para Mahisasura e estamos vagando pela Terra como seres humanos. Por favor, pense em um plano para nos proteger, a nós que nos rendemos a Ti.”

76-77. Ao ouvir as palavras de Indra e dos outros deuses, Brahma refletiu por um instante e, percebendo a gravidade da tarefa, lembrou-se de Visnu e Sankara. Então, Brahma se levantou e recebeu com amor Visnu e Sankara, que ali chegaram, e os venerou após acomodá-los em seus devidos lugares.

78-85. Então Visnu e Sankara, ao ouvirem os feitos de Mahisasura de Indra e dos deuses que suplicaram, falaram a Brahma: “não considere isso uma questão trivial. Um grande temor se apresenta diante de nós. Por sua penitência, este poderoso demônio é invencível para qualquer um dos deuses. Tendo obtido a dádiva de você no passado, este Mahisasura não pode ser morto por deuses, demônios, seres humanos ou animais. Ele não pode ser conquistado por homens individualmente ou em grupo. Nenhuma mulher pode vencê-lo. Ele também não pode ser destruído por nenhum outro grupo de deuses. Uma situação difícil foi criada pelas dádivas que ele obteve no passado. Não conseguimos nem pensar em matá-lo. Ele não pode ser morto nem por nós nem por ninguém. Portanto, vamos adorar a Grande Deusa Tripurasundari, que nos trará auspiciosidade.” Decidindo assim, Visnu e os outros deuses oraram em voz alta à Grande Deusa para aliviar a dificuldade.

86-87a. Ao saber dessa notícia, Bidalaksa, o chefe do exército de Mahisasura, junto com os demônios, chegou lá para destruir os deuses. Ao verem o demônio que viera para lutar, os deuses ficaram apavorados.

87b-90a. Visnu e Sankara se enfureceram. De seus rostos irados e dos de Brahma, Indra e outros deuses emanou uma grande efulgência que se uniu imediatamente. Essa massa singular e refulgente, emergindo dos rostos dos deuses, assumiu uma forma feminina que envolveu os três mundos com seu brilho. Visnu e os outros se curvaram e perguntaram à Devi quem ela era.

90b-91. A Visnu e aos outros, Ela disse com voz trovejante: “prezada pelos deuses pela redenção de seu sofrimento, Eu sou Durga. Agradada por suas preces, destruirei os demônios que são seus inimigos.”

92. Ao ouvir a Devi, Visnu disse: “ó Durga! Como matarás nosso inimigo, que não pode ser vencido nem pelos deuses nem por outros?”

93-94. Então Durga disse a Hari: “ó Visnu! Esqueça suas preocupações. Nascida de todos os deuses, não sou diferente deles, nem sou uma entre eles. Matarei Mahisasura. Que todos os

deuses providenciem meu veículo e minhas armas. Conquistarei seu inimigo.”

95-97a. Assim interpelada pela Devi, os deuses, individualmente, materializaram armas a partir de seus próprios revólveres e as ofereceram a ela. Himavan apresentou um poderoso leão. Visvakarma ofereceu joias. O deus do mar deu um colar de diamantes. Varuna ofereceu uma taça de licor repleta de bem-aventurança.

97b-98. Então Durga, adornada com seus ornamentos e empunhando suas armas, montou o leão e envolveu os três mundos com seu brilho intrínseco. Louvada pelos deuses, ela estava pronta para matar os demônios.

Fim do quadragésimo quinto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 46

1-4. Então Devi Durga, que brilhava como uma miríade de sóis, que empunhava muitas armas reluzentes em suas mil mãos, cuja coroa tocava a órbita do Sol, que tinha três olhos, que vestia uma roupa dourada, que estava adornada com joias de diamante, com grande alegria soprou a concha dada pelo Mar. Seu leão rugiu. Os deuses reiteraram o rugido com vozes de vitória para a Devi. O som assustador da concha, misturado com as saudações de vitória e o rugido do leão, foi como se rasgasse os três mundos que haviam perdido a consciência.

5-7a. Alarmado com aquele som, Bidalaksa fugiu. Mahisasura, enfurecido ao ouvir o som, chegou lá rapidamente, seguindo-o. Ao ouvir de Bidalaksa a suprema glória da Devi, Mahisasura, dominado pela ira, chegou lá seguido pelos demônios.

7b-8. Udagra, Ciksura, Asiloma, Dirghahanu e Bidalaksa, os cinco poderosos chefes de Mahisasura, o seguiram com inúmeros exércitos.

9-10. Ugravirya, Ugrasya, Pralamba, Prabhanjana, Sarana, Krkalasa, Kakavaktra e Visankata, os valentes filhos de Mahisasura, brandindo mísseis, seguiram furiosamente para lutar contra a Devi.

11-12. Os nove ministros de Mahisasura chamados Bherunda, Kakatunda, Kuranda,

Candavikrama, Bhandira, Dimbha, Krakaca, Kacakanta e Katotkata, cada um com uma miríade de guerreiros, o seguiram para atacar a Devi.

13-14. Então começou uma guerra entre os deuses e os demônios, na qual a chuva de armas e projéteis apavorou os covardes. Os deuses atacaram os demônios por todos os lados com armas e projéteis. Os demônios revidaram. Dessa maneira, ambos lutavam.

15. Então Bherunda e outros líderes, avançando em direção aos poderosos deuses, lançaram uma chuva de mísseis e armas sobre eles, fazendo com que os deuses perdessem suas forças.

16-18. Ao ver a derrota dos deuses, Devi Durga inspirou o Leão, e o Leão que a carregava alçou voo e atacou o exército de demônios como Garuda ataca as serpentes. Ele destruiu alguns demônios com suas garras, outros com sua boca, outros chicoteando com sua cauda, outros com o balanço de sua juba, outros com seu peito e também com sua velocidade. Era como se Garuda estivesse destruindo as serpentes.

19-20a. Os demônios ficaram sem bochechas, sem orelhas, sem laterais, sem nariz, sem mãos, sem pernas, sem rosto, sem estômago e sem cabeça por causa do leão. O leão era como uma conflagração na floresta dos demônios.

20b-23. Ao verem seu exército sendo rapidamente destruído, Udagra e outros chefes armados avançaram para matar o leão. Mas o leão, protegido por Devi Durga, lutou sozinho. Com suas garras, rasgou seus corpos duros como diamantes. Então, saltando para o céu, atacou com força a cabeça de Udagra e o esmagou com o peito, diante dos demônios. Notando a notável bravura do leão, deuses e demônios o admiraram.

24-26a. Então, rapidamente, agarrando Ciksura e os outros simultaneamente, o leão saltou para o céu como um abutre, segurando a carne com suas garras, e rasgou-lhes o estômago como um lobo, um antílope. Com os estômagos dilacerados, todos caíram mortos no chão. Depois de matar os cinco chefes, o leão destruiu seu exército.

26b-31a. Ao verem os chefes mortos, Bherunda e outros, os nove poderosos ministros avançaram imediatamente para matar o leão. Depois de lutar com os nove por um longo tempo, o leão matou Kuranda, de feroz bravura, golpeando-o com a sola do pé. Devorou Bherunda e despedaçou Bhfindlra. Matou Dimbha com o peito. Derrotou Krakaca, Katotkata e o corpulento Kacakanta com um golpe de cauda. Kakatunda foi enviado para a morada de Yama com um tapa. Matando assim o grupo de ministros, o leão sacudiu a juba e rugiu como o trovão das nuvens da monção.

31b-32. Ao avistarem os chefes mortos e os ministros poderosos, os oito filhos de Mahisasura, exímios em projéteis e armas de guerra, avançaram para lutar contra a Devi.

33. Ugravirya, empunhando uma maça, lutou com o Leão por um longo tempo e, atingido por sua pata, caiu inconsciente no chão.

34-35. Ugrasya, Pralamba, Prabhanjana e Sarana, os quatro poderosos empunhando armas como o Tridente, o Raio, a Lança e a Espada, combateram o Leão. Sozinho, o leão lutou contra eles, que eram como o deus da morte durante a dissolução.

36-38a. Naquele momento, Ugravirya, que havia recuperado a consciência, golpeou com grande força a cabeça do leão girando sua maça. A maça, ao colidir com a cabeça do leão, semelhante a um raio, saltou como uma bola que ricocheteou da terra e, em sua trajetória descendente, matou Sarana, pulverizando-o.

38-39a. Então o leão enfurecido agarrou Ugravirya e o dilacerou com suas garras afiadas como raios, tal como Indra dilacerou a montanha. Com o corpo dilacerado, Ugravirya caiu no chão e morreu.

40-41. Então, os seis filhos restantes de Mahisasura, acreditando que o leão era invencível, lutaram juntos contra ele. Vendo o leão bravo e forte que os enfrentava, Devi Durga percebeu que ele estava bastante cansado e lhe disse o seguinte:

42-43a. “Ó Grande Leão! Muito bem. Excelente. Estou feliz com sua bravura. Gostaria de lutar com esses demônios. Pode descansar agora.” Ao ouvir a Deusa, o leão se retirou da grande batalha.

43b-44a. Então Devi Durga lutou por um tempo com aqueles poderosos demônios e, usando seu Tridente, os enviou para a morada de Yama.

44b-48a. Testemunhando a morte dos filhos, dos ministros, dos chefes do exército e vendo que restavam poucos soldados, Mahisasura, com os olhos vermelhos de fúria, avançou como uma montanha gigantesca para lutar contra Devi Durga. Vendo-o, que fendea a terra golpeando-a com seus cascos, que dissipava as nuvens com seu hálito, que desalojava as estrelas com as chicotadas de sua cauda, que rugia e cuspia fogo pela boca, que expelindo esterco e urina e dançando com o pescoço curvado, Durga o convidou com uma voz trovejante.

48b-51a. “Ó Demônio Maligno! Venha e lute comigo por um tempo. Em breve você alcançará a morada dos manes.” Dito isso, ela lançou uma chuva de flechas sobre Mahisasura como nuvens carregadas de chuva sobre uma montanha azul. Assim como a chuva na montanha, a chuva de flechas não feriu Mahisasura em nada.

51b-53. Vendo o fracasso da chuva de flechas, Durga o atingiu com dardo, tridente, virote, lança, armas afiadas e clava, sem sucesso. Ao tocarem seu corpo, as armas se pulverizaram como granizo nas pedras da montanha.

54. Considerando Mahisasura forte como um diamante, Devi Durga o amarrou com cordas imbuídas de poderosos hinos (mantras).

55-58a. Enquanto era amarrado, Mahisasura transformou-se em um leão e lutou com Ela. Atingido pela lança, rapidamente abandonou sua forma de leão e, montado em uma carruagem

puxada por mil leões, começou a lutar em sua forma masculina, bem armado. Mahisasura, que era como uma montanha gigantesca, com milhares de rostos e olhos, milhares de membros, e empunhando uma variedade de armas, lançou inúmeros projéteis e armas sobre a Suprema Deusa Durga.

58b-61. Então, a Grande Devi, muito rapidamente, repeliu como que por um vento aquela chuva de flechas, lançando flechas de grosso calibre. Gravemente atingido por uma flecha, Mahisasura ficou inconsciente por um instante e retomou a luta, usando seus poderes mágicos. Quando o poderoso demônio lançou uma chuva de pedras, Devi Durga ficou totalmente imersa nela, e os deuses lamentaram ao vê-la naquele estado.

62-65a. Então, Devi Durga, usando o míssil de vento, destruiu a chuva de pedras. Nesse instante, o poderoso leão que carregava Devi Durga voou como um pássaro e atacou a enorme carruagem do demônio. Mahisasura, pensando que sua morte estava próxima, golpeou o leão na cabeça com sua maça e saltou da carruagem. Sua enorme carruagem, puxada por mil leões, foi pulverizada pelo poder do leão. Então, a Devi amarrou o demônio com a corda.

65b-67. Enquanto era amarrado, ele cresceu como a alta montanha Sumeru. Então a Devi despedaçou sua forma montanhosa com um raio. Mas Mahisasura assumiu a forma de um elefante e lutou com Ela. Enquanto tentava, com sua tromba, arremessar a Devi junto com o leão, Durga, com a espada, cortou-lhe a tromba.

68. Então, Mahisasura reassumiu sua forma anterior de bisão e arremessou com seus chifres os picos das montanhas contra Ela.

69-72. Então o leão saltou para o céu e caiu sobre o demônio. Vendo o poderoso demônio subjugado pelo leão, Durga, com sua grande espada, decepou a cabeça de Mahisasura, tão grande quanto uma montanha. Então, do corpo do bisão emergiu o poderoso demônio, empunhando uma espada e um escudo. Durga rapidamente o amarrou com a corda e golpeou o poderoso demônio que lutava com sua espada. Com a cabeça decepada pela espada, Mahisasura caiu sem vida.

69-75a. Quando Mahisasura foi morto, os demônios restantes, tomados pelo medo, refugiaram-se no subterrâneo. O horizonte clareou, o vento tornou-se suave, o fogo parecia pacífico e o deus da chuva derramou flores perfumadas sobre Devi Durga. Brahma e os outros deuses a aclamaram em voz alta.

75b-76. Quando o algoz dos mundos foi destruído, Brahma, Visnu, Siva e outros deuses prostraram-se diante de Devi Durga e, com alegria, a louvaram, a Suprema manifestação de Sri Tripurasundari.

77. Ó Durga! Tu és a criadora e a destruidora do mundo. Tu és verdadeiramente a essência de tudo. Tu és o oceano de compaixão que protege os devotos da destruição. Saudações a Ti. Por favor, protege-nos.

78. “Ó Durga! Proteja-nos, assim como protegeste todo o universo trêmulo que era como um sapo apanhado por uma serpente cruel na forma de um rei demônio.

79. “Ó Durga! Quando estivermos presos e imersos no insuportável abismo da angústia, Tu, a Mãe do Universo, que acabamos de lembrar, assumirás uma forma benevolente e nos protegerás.”

80. “Ó Durga! Esta vastidão universal é uma manifestação de um fragmento da Tua forma e, dentro dela, Tu revelas a Tua identidade através da Tua Maya — o poder da ilusão. Por favor, protege-nos.”

81. “Ó Durga! Ó Mãe! Pelo seu poder mágico, você revela as variedades da criação dentro da sua forma pura. Embora variegada, sua singular força de Consciência está além da compreensão. Por favor, proteja-nos.”

82. Ó Durga! Apenas se refugiando sob os Teus pés de lótus, Brahma, Visnu e outros realizam feitos surpreendentes. Então, quão maravilhosa seria a Tua forma? Como podemos descrevê-La ou louvá-La? Por favor, protege-nos.

83. “Ó Durga! Ó Dissipadora da angústia dos refugiados! Por favor, proteja-nos, nós que, sem refúgio nesta vida mundana dolorosa e temível, somos diariamente engolidos pela serpente das preocupações intermináveis.”

84. Após louvar a grande Deusa Durga, Brahma e outros deuses a veneraram com flores e materiais dignos.

85-86a. Então, a satisfeita Devi Durga, a destruidora da aflição, dirigiu-se aos deuses desta forma: “ó deuses! Estou satisfeita com a vossa adoração. Peçam o que desejam. Eu vos concederei tudo, mesmo que seja raro.”

86b-90a. Ao ouvirem Durga, Mahesvara e outros deuses disseram: “nosso inimigo, o problemático Mahisasura, foi morto por Bhagavati. O mundo inteiro está livre de preocupações. Pela graça de Bhagavati, recuperamos nosso status. Protegidos sob a Tua proteção, Kalpavrksa, nada mais desejamos. Mesmo assim, em prol do mundo, gostaríamos de Te pedir algo. “Com qual oração Tua aprovação protegerás rapidamente uma pessoa que está sofrendo? Ó Devi! Por favor, revela-nos isso, mesmo que seja um grande segredo.”

90b-92. Assim, atendendo ao pedido dos deuses, a compassiva Devi Durga disse: “ó deuses! Ouçam esta guirlanda confidencial e extremamente rara dos Meus trinta e dois nomes, que destrói todo o perigo. Nos três mundos não há outra oração que se iguale a esta secreta. Ouçam. Eu a revelarei a vocês.”

93. 1. Durga — Ela é Devi Durga; 2. Durgartisamani — Destrói grandes tristezas; 3. Durgapadvinivarini — Afasta grandes perigos; 4. Durgamaccedini — Resolve problemas insolúveis; 5. Durgasadhini — Realiza tarefas difíceis; 6. Durganasini — Destrói obstáculos

formidáveis;

94. 7. Durgatoddharini—Salva os devotos da queda; 8. Durgamhantri—Destrói as dificuldades de Seus devotos; 9. Durgamapaha—Remove as dificuldades no caminho de Seus devotos; 10. Durgamajnanada—Confere conhecimento profundo e raro; 11. Durgadaityalokadavanala—Conflagração contra o bando problemático de demônios;

95. 12. Durgama — Atingível através de grande esforço, 13. Durgamaloka — Difícil de contemplar, 14. Durgagatmasvarupini — O Eu incompreensível em todos. 15. Durgamargaprada — Proporciona um caminho ou oportunidade raros. 16. Durgamavidya — Encarnação do conhecimento transcendental e difícil. 17. Durgamasrita — Habita a fortaleza inacessível.

96. 18. Durgamajnanasamsthana — Habita a profunda e difícil inteligência. 19. Durgamadhyanabhasini — Brilha ou se revela durante a meditação rigorosa. 20. Durgamoha — Apego ou paixão inalienável pelos seres. 21. Durgamaga — Percorre lugares ou caminhos difíceis. 22. Durgamarthasvarupini — De natureza indiscernível ou sutil.

97. 23. Durgamasurasamhartri — Matadora de demônios invencíveis ou Durgamasura. 24. Durgamayudhadharini — Empunha armas invencíveis. 25. Durgamangi — Cuja forma é incompreensivelmente divina. 26. Durgamata — Inacessível; 27. Durgamya — Não acessível aos ímpios; 28. Durgamesvari — De glória imensurável ou Soberania;

98a. 29. Durgabhima—Insuportavelmente feroz; 30. Durgabhama—de beleza incompreensível; 31. Durgabha—de esplendor incompreensível; 32. Durgadarini—Aquela que dilacera tormentos;

98b-101. “Qualquer ser humano que recitar esta sequência de nomes de Durga certamente se libertará de todo o medo. Seja atormentado por inimigos ou mantido em cativeiro, a pessoa certamente encontrará alívio ao recitar esses trinta e dois nomes. Ordenado por um rei furioso a ser decapitado, subjugado por inimigos na guerra ou atacado por um tigre na floresta, ele se libertará de todo o medo ao recitar esses trinta e dois nomes cento e oito vezes.”

102-103. “Não existe outra oração igual a esta para dissipar o medo da angústia. Ó Deuses! Nada faltará àqueles que recitarem estes nomes. Estes nomes não devem ser revelados a não devotos, ateus e trapaceiros. Devem ser revelados apenas a um devoto sereno, dedicado ao serviço do Guru e da Deidade.”

104-106. “Qualquer pessoa em grande dificuldade encontrará alívio se recitar por si mesma ou ouvir através de um brâmane esta sequência de nomes mil vezes, dez mil vezes ou cem mil vezes. Cem mil oferendas desses nomes com sementes de gergelim branco misturadas adequadamente com mel, ghee e açúcar erradicarão uma série de dificuldades. A recepção desses trinta e dois nomes trinta mil vezes é considerada como um Purascarana (ou seja, repetição para dominar um mantra).”

107-112. “Toda ação deve ser precedida por Purascarana. Deve-se fazer em barro puro meu ídolo com oito braços empunhando a maça, a espada, o tridente, a flecha, o arco, o lótus, o

escudo e a clava; com três olhos; decorado com a lua crescente na cabeça; com vestes vermelhas; sentada sobre o leão e matando Mahisasura com o tridente. Repetindo os nomes cem vezes, flores de oleandro vermelhas e perfumadas devem ser oferecidas. Oblações de pequenos bolos redondos de farinha devem ser oferecidas repetindo Meu mantra. Variedades de pratos, incluindo carne e vinho, devem ser oferecidas. Fazendo tal adoração por quarenta e oito dias, alcançará o impossível. Aquele que Me adora diariamente jamais encontrará perigo." Dizendo isso aos deuses, Devi Durga desapareceu.

113. "Ó Parasurama! Não há perigo algum para aqueles que ouvem esta grande lenda de Devi Durga. Assim, narrei a você a maravilhosa lenda de Devi Durga."

Fim do quadragésimo sexto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 47

1-7a. Ó Venerável Senhor dos ascetas! Ó Oceano de grande compaixão! Sinto-me abençoado e realizado por sua narração da maravilhosa lenda de Durga, pois é realmente raro nesta terra contemplar seu olhar misericordioso. Nada se compara à felicidade de uma pessoa como a perdiz que bebe o elixir da glória de Sri Tripurasundari que flui de seu rosto semelhante à lua. Bebendo o mel da história de seu semblante de lótus, não me contento como um lascivo se contenta com uma mulher. Por isso, anseio ouvir sobre o renascimento de Kama, que antes se fundira aos olhos de Sri Lalita Devi e cujo corpo fora reduzido a cinzas pelo fogo da ira de Siva, e como sua melancólica e querida esposa o recuperou. Ó Guru Sábio! Por favor, conte-me sobre isso.

7b-12. Assim indagado por Parasurama, Dattatreya, o Senhor dos ascetas, mergulhou profundamente num oceano de êxtase. Com lágrimas de alegria e êxtase, Dattatreya por um instante perdeu a consciência das atividades internas e externas. Então, recuperando a consciência e com a voz embargada pela alegria, Dattatreya, rico em austeridades, dirigiu-se a Parasurama desta forma: "ó Parasurama! Tu és extremamente abençoado, pois não estás minimamente satisfeito mesmo depois de ouvires a lenda de Devi Tripurasundari. Cultivar tal desejo na história ambrosíaca da Devi, que põe fim ao renascimento, é incomum neste mundo, é realmente a tua grande fortuna. Eu também sou afortunado por recapitular a grandiosa glória

de Devi Tripurasundari enquanto a narro para ti."

13-17. "Ó Parasurama! Ao ouvir as histórias sobre Devi Tripura, adquire-se a capacidade de desfazer estratégias administrativas mundanas. As histórias sobre a Lua, Indra e outros são mais auspiciosas do que os relatos mundanos. As histórias sobre Brahma, Sanmukha, Ganesha e outros são melhores do que as anteriores. Ainda melhores e purificadoras são as histórias sobre Visnu e Siva. Superiores a estas são as glórias de Laksmi, Gauri, Bharati e outras. Suprema é a lenda sobre Parasakti, a Devi Tripurasundari. Quem, nesta Terra, pode descrever Sua Glória? Com grande esforço, talvez seja possível contar as estrelas no céu, enumerar as gotas de chuva no espaço, confirmar o número de partículas de poeira na Terra, mas não as incontáveis glórias de Devi Tripurasundari."

18-22. Apresentei Suas importantes lendas de forma sucinta. Ninguém pode narrar toda a Sua glória. Nem mesmo Mahesvara, os Vedas e o Tantra conseguem abarcar Sua forma. Os órgãos dos sentidos não conseguem compreender a si mesmos. O fogo não pode se consumir sozinho. O ar não pode penetrar em uma pedra. Da mesma forma, os Vedas, que nasceram Dela e que brilham por Sua causa, não podem compreendê-La completamente. Existindo como o poder da Consciência anterior aos três aspectos, a saber, Icca Jnana e Kriya, Ela é chamada de Tripura, que está além da enunciação e da explicação.

23-28a. "Devi Tripura, que não tem começo, meio ou fim, em virtude de Sua glória excessiva, assume diversas formas ilusórias de criação. Para sustentar a criação causada por Sua grande glória, Ela assume formas visíveis. Anteriormente, contei-lhes as lendas sobre Devi Tripurasundari. Agora, narrarei Sua maravilhosa lenda que trata de Sua encarnação como Kumari e outros aspectos. A forma da Tripura Transcendental da qual Kama (Manmatha) surgiu é chamada de Sri Lalita, porque Ela se deleita alegremente em todas elas. Sua maravilhosa história, repleta de demonstrações surpreendentes de bravura, poder, inteligência e ação, é a da vitória sobre o demônio Bhanda."

28b-31a. "Há muito tempo, um famoso demônio chamado Bhanda, dotado do poder da austeridade e da força, criou muitos universos e também muitos Brahmas, Visnus e Sivas. Derrotados por ele, os deuses apaziguaram a Suprema Devi Tripurasundari, que emergiu do altar de fogo como Sri Lalita, a encarnação de Sri Tripura, em favor dos deuses, e redimiu a miséria do mundo matando Bhanda e seu exército."

31b-35. Então Visnu e os outros deuses, após louvarem Devi Lalitambika, pediram-lhe que ressuscitasse Kama, colocando Rati a seus pés de lótus. "Ó Mãe! Esta Rati, esposa de Kama, como viúva, sofre com a dor da separação de seu amado. Ela está magra e desgrenhada como um lótus cujo caule foi cortado. Por favor, salve-a com compaixão, pois ela está afogada no oceano da tristeza. Não consideramos justo que seu grande devoto, Kama, seja derrotado por Siva. Portanto, tenha misericórdia dela."

36-40. Ouvindo o pedido dos deuses, a Devi, com um belo sorriso, disse: "ó Deuses! Ouçam. Em nenhum lugar do mundo meu devoto enfrentará a derrota. Esta é a verdade. Nem mesmo Kama

foi derrotado. Devido ao respeito especial à maldição de Gauri sobre meu devoto, apenas seu corpo físico foi derrotado e Kama não foi consumido pelo fogo. Kama, o melhor entre meus devotos, reside em meus olhos. Assim como a escuridão não pode existir durante o dia, como pode minha suprema devota Rati, a leal esposa de Kama, tornar-se viúva? Renascido de mim, Manmatha se unirá a Rati. Observem como, num instante, este Manmatha removerá a dor de Rati."

41-44. Dito isso, Devi Lalita banhou o Senhor Supremo Kamesvara com as chuvas ambrosíacas de Seus belos olhares de soslaio. Através desse olhar, Manmatha entrou no coração de Kamesvara e, de seu corpo, emergiu com um novo corpo. Manmatha sentiu como se tivesse despertado de um sono profundo e mergulhado no oceano leitoso da devoção, curvando-se diante da Grande Devi Lalita. Após se curvar diante de seu pai, sua mãe e todos os outros deuses, ele louvou Devi Lalitaparamesvari com muitos hinos excelentes.

45-51a. Então, ao ouvir de sua mãe Laksmi a destruição de seu corpo e seu renascimento pelos olhos de Devi Lalita, Manmatha suplicou a Śivā: "ó Mãe Universal! Não desejo este corpo efêmero. Preferiria ficar sem corpo e não temer a destruição. Derrotado por Mahesvara, não mereço viver. Declaro solenemente diante de Ti que minha vida terá sentido se o Senhor de três olhos for vencido pela minha flecha. Quando eu for reduzido a cinzas como uma mariposa atingida pelo fogo de seu terceiro olho, apesar de servir aos Teus pés, sentirei minha vida como fútil. Portanto, ó Devi! Basta deste corpo e desta vida eterna. Não gosto de ter um corpo. Por favor, tenha misericórdia de mim. Tendo nascido de Laksmi e devotado aos Teus pés, que vergonha para mim! Se, após a derrota, eu viver entre heróis como uma pessoa indigna."

51b-54. Ao ouvir Manmatha, Devi Lalitambika disse: "ó Vencedor de inimigos, ó Manmatha! Meu filho! Não se preocupe. Em nenhum lugar Meus devotos enfrentarão a derrota. Você permanecia em Meus olhos como se estivesse em sono profundo. Somente pela maldição de Gauri seu corpo foi reduzido a cinzas. Incontáveis Kamas, nascidos de seu corpo e igualmente poderosos, conquistarão o mundo inteiro e você se tornará o senhor deles."

55-58a. Então Devi Tripurasundari chamou os Kamas que haviam saído do corpo de Manmatha e falou com eles assim: "ó Kamas! Meu querido Manmatha será seu líder e todos vocês que nasceram de seu corpo lhe serão sempre obedientes. Ó Kama! Ao ter um corpo, derrote Siva num instante. Siva, que está sendo propiciado pelos deuses para gerar um filho, é desapegado e calmo como um oceano. Atingido por sua flecha, ele se tornaria realmente inconstante e perturbado, unindo-se a Parvati e, mais tarde, também a Visnu na forma de Mohini."

58b-59a. "Se não queres um corpo, que ele não seja visível a ninguém nos três mundos, exceto a Rati. Vai depressa e conquista Siva."

59b-63. Assim ordenado pela Devi, Kama, bem preparado, foi até Sankara, seu inimigo, e, permanecendo invisível, o atingiu com uma flecha. Extremamente perturbado pela flecha de Kama, e também a pedido dos deuses, Siva foi atrás de Parvati e gerou Guha, que matou Taraka e outros poderosos demônios que eram amigos de Bhanda. Mais tarde, Siva, atingido

pela flecha de Kama, apaixonou-se por Mohini e seu sêmen escorreu. "Ó Parasurama! Assim narrei completamente a história do renascimento de Kama."

Fim do quadragésimo sétimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 48

1-2. Após ouvir falar do renascimento de Kama, Parasurama, com grande interesse, perguntou novamente a Dattatreya, com humildade: “ó Senhor Compassivo! Gostaria de saber como o desprovido de desejos Isvara se apaixonou por Mohini.”

3-5. A pedido de Parasurama, Dattatreya, o Supremo Yogi, disse: “ó Parasurama! Escuta. Vou narrar a história mais sagrada. No passado, durante a guerra entre deuses e demônios, os demônios roubaram o cântaro de néctar que brotava do oceano de leite, e Visnu, assumindo a forma de Mohini, arrebatou o néctar deles e o distribuiu entre os deuses, enganando os demônios.

6-7. “Ao ouvir este episódio, Sri Sankara pediu a Visnu, quando o encontrou, que lhe mostrasse a forma de Mohini. Visnu disse a Siva: “a forma de Mohini é extremamente fascinante e, ao vê-la, seu sêmen escorrerá”.

8-10. Ao ouvir Visnu, Siva riu alto e disse novamente: “ó Visnu! Não posso ser comparado aos demônios que foram tão enganados por ti. O vento não pode demonstrar seu poder no pico do Monte Meru. Existe algum poder sedutor que possa me iludir?” Desprezado, Visnu disse: “mostrarei a ti depois de algum tempo”. Dito isso, Visnu e Siva retornaram às suas respectivas moradas.

11-17. Assim rejeitado por Siva, Visnu refletiu: “Siva é verdadeiramente brilhante, autocontrolado e possui um sêmen que flui para cima. Nem mesmo Kama conseguiu enganá-lo. Como posso atrair aquele que destruiu Kama num instante? Certamente perderei minha honra ao mostrar a forma de Mohini. Como posso, com minha aparência de Mohini, atrair Aquele a quem Parvati, minha irmã, a mais encantadora, nascida do aspecto de Sri Tripurasundari, não conseguiu distrair, apesar de sua proximidade?” Afogado em tal preocupação, Visnu analisou mais tarde: “na situação atual, de fato, sem a graça de Devi Tripurasundari, não posso alcançar

meu objetivo. Portanto, irei propiciá-la.” Decidido assim, Visnu adorou Devi Tripura, a Suprema Beleza, por sessenta mil anos.

18-19. Então, a grande Devi Tripura, satisfeita, apareceu e dirigiu-se a Visnu desta forma: "ó Visnu! Meu filho! Peça a graça que deseja. Não há nada que não possa ser concedido a você por causa de sua longa adoração."

20-21a. Assim ordenado pela Devi, Visnu curvou-se diante Dela e disse: “ó Devi! Quero assumir a forma de Mohini, com a qual poderei encantar até mesmo Siva, que derrotou Kama.”

21b-24. Ao ouvir o pedido de Visnu, Devi Tripurasundari disse: “ó Visnu! Quando e como desejares, poderás assumir uma forma, seja de homem ou de mulher, que encantará todo o universo. Leva Manmatha contigo. Ao ver-te, o apaixonado Siva, o Senhor dos Yogis, o vencedor de Kama, cujo sêmen flui para cima, se apaixonará por ti. Para que isso aconteça, concederei a ti um aspecto da Minha beleza que o iludirá completamente e te fará alcançar fama universal.”

25-27a. Assim, obtendo a dádiva da Devi, Visnu dirigiu-se à grande montanha Kailasa, onde Siva residia. Então, às margens do belo Ganges divino, em meio a um jardim florido repleto de papagaios e cucos, Visnu, assumindo a forma de Mohini, vagou com Manmatha não muito longe do local onde Siva estava com Parvati.

27b-29. Mohini possuía membros simétricos que eram o repositório de toda a beleza; com um corpo encantador que brilhava como ouro derretido; com um rosto como a lua cheia, marcado com o almíscar de veado, representando a marca negra da lua na testa; com um rosto como a lua nascente, tendo como pano de fundo madeixas escuras que lembravam nuvens densas espalhadas sobre seus ombros; com olhos como o lírio azul que desabrochava no oceano leitoso de seu sorriso;

30. com o rosto decorado ou pintado como se pelas abelhas alarmadas, afugentadas pela fragrância de seu nariz semelhante ao de Campaka; com olhos que lembram peixes se movendo rapidamente no oceano de seu belo rosto;

31. Com uma fileira de dentes brilhantes semelhante à fileira de botões de jasmim; encantadora com os brincos cravejados de pedras preciosas que reluzem nas bochechas largas;

32. com um par de peitos esféricos semelhantes aos dos gansos-de-cabeça-vermelha; com um par de braços que conquistaram o brilho da trepadeira-coral;

33. com uma beleza duplicada pelo brilho dos amuletos, pulseiras e anéis cravejados de pedras preciosas; com palmas em forma de lótus na extremidade de braços semelhantes a corais;

34. com dedos semelhantes a botões na ponta dos braços que são como os galhos de seu corpo trepador; com um par de seios que parecem tambores invertidos em seu peito largo;

35. com mamilos escuros sob a faixa do sutiã; com um pelo fino semelhante a uma serpente

saindo do orifício do umbigo;

36. com uma cintura esbelta cuja existência é inferida pelo fato de sustentar a parte superior do corpo; com três dobras representando três degraus dourados na margem de seu lago umbilical;

37. com belas nádegas cobertas por uma vestimenta vermelha, cuja vermelhidão é ainda mais acentuada pelas gemas vermelhas incrustadas na faixa da cintura;

38. Com o tilintar agradável das tornozeleiras cravejadas de diamantes; com um andar lento e belo que envergonha os cisnes,

39-40. Com um charme tão requintado, Visnu, o senhor dos sacrifícios, movia-se diante de Siva, enquanto Mohini brincava com a bola nos jardins floridos e cantava melodiosamente.

41-44. Ao ouvir a música melodiosa, Siva viu Mohini no jardim da frente e disse: “ó Gauri! Veja aquela dama extremamente encantadora brincando com a bola. Ela é como uma trepadeira curvada e brilhante como um relâmpago. Seus seios fartos se projetam para fora das guirlandas pendentes enquanto ela está absorta na brincadeira com a bola. Com a roupa encharcada de suor, seus seios, cintura e coxas estão claramente visíveis. Ela se curvou levemente para a frente devido ao peso dos seios que dançam como botões. Ó Parvati! Vamos depressa vê-la, cujo olhar de lótus está fixo na trajetória da bola.”

45-48a. Então, de perto, Manmatha, com uma flecha de flores, atingiu o coração de Siva, que se aproximava dela. Atingido pela flecha de Manmatha, Siva, vendo Mohini por perto, começou a arder de desejo e, deixando Gauri para trás, dirigiu-se rapidamente a Mohini. Com os sentidos agitados, Siva aproximou-se dela e perguntou: “ó bela jovem Mohini, quem você é? Por que veio aqui? Você capturou minha mente. Sou Siva quem está falando com você.”

48b. Sem dar atenção ao que dizia, Mohini continuou a jogar com a bola.

49-51a. Dominado pela luxúria, atormentado por seus sentimentos e extremamente apaixonado, Siva a seguiu e segurou sua mão. Excitado pelo prazer de tocá-la, Siva, como um ser humano comum, ejaculou abundantemente.

51b-53a. Então Visnu (Mohini) assumiu sua verdadeira forma na presença de Siva. Sabendo disso, Siva, agitado, ficou tímido. Visnu disse a Siva: “ó Siva! Eu te mostrei minha encantadora forma de Mouni, que você queria ver.”

53b-56a. Ao ouvir as palavras de Visnu, Siva curvou a cabeça envergonhado. Foi assim que, no passado, Siva, ao contemplar a beleza de Mohini, perdeu o controle dos sentidos e sua poderosa energia. Nada é impossível pela graça de Devi Tripurasundari. Dessa forma, Visnu, Brahma e os demais deuses alcançaram o impossível, obtendo Suas bênçãos por meio da adoração.

56b-57. Assim, Brahma e todos os outros deuses são devotos de Devi Tripurasundari e a

adoram somente a ela, recitando seu mantra sagrado. Dentre eles, Manmatha, o devoto supremo, é o melhor.

58-60. Manmatha é o promulgador de Sri Vidya. Pela graça da Devi, muitos outros também dominaram o culto de Srividya, e doze entre eles são proeminentes. “Ó Parasurama! Eu narrarei seus nomes. Ouça com autocontrole. São eles: Manu, Candra (Lua), Kubera, Lopamudra, Manmatha, Agastya, Agni, Surya (Sol), Indra, Skanda, Siva e Durvasa.

61-66. Ao lembrá-los a cada manhã, a pessoa se libertará dos pecados. Como esses doze receberam a graça da Devi, lembrá-los diariamente conferirá prosperidade auspiciosa em todas as áreas. Os adoradores de Devi Tripurasundari devem, em regra, lembrá-los, adquirindo assim devoção pura que romperá os laços mundanos. “Ó Bhargava! Os doze expoentes de Srividya, pelas bênçãos de Devi Tripurasundari, são assim fortalecidos: Manu cria o mundo; a Lua espalha ambrosia nas plantas; Kubera é o senhor da riqueza; Lopamudra obteve boa fortuna; Manmatha conquistou Siva; Agastya (bebeu) secou o oceano e assim por diante; Agni tornou-se o principal entre os deuses; o Sol ilumina o mundo; Indra é o senhor dos deuses; Siva venceu (Yama) a morte; Skanda destruiu a Montanha Kraunca e Siva é o senhor dos Yogis. Todos eles são mestres de Srividya. Há outros que a adoram por meio de sementes.”

67-68a. “Entre os outros, três preceptores principais, chamados Mitresa, Sasthisa e Uddisa, que nasceram do corpo de Siva, são universalmente reverenciados. Eles alcançaram uma posição na morada de Mahesvara meditando intensamente sobre os kutas (isto é, os grupos em Srividya) [a saber, Vagbhava, Madhya e Sakti kutas].”

68b-70. Assim, a Deusa Tripurasundari, assumindo muitas formas, protegeu o universo e o permeou com um de Seus aspectos (partes). Nas margens do oceano oriental, Ela permanece na forma de Kamagiri. Ao pé do Monte Meru, Ela permanece na forma de Jalandhara. Nas margens do oceano ocidental, Ela permanece na forma de Purnagiri.

71-77. Mesmo tendo assumido as três formas acima, Ela possui muitas outras formas. Ela é Kamaksi em Kancipuram; Bhramari na montanha Malaya; Kumari em Kerala; Amba em Saurastra; Mahalaksmi em Karavira; Kalika em Malava; Lalita em Prayag; Vindhyavasini na montanha Vindya; Visalaksi em Kasi; Marigalavati em Gaya; Tripurasundari em Bengala; Guhyakesvari no Nepal. Ela está situada nesses doze lugares na Índia. Uma simples visita a esses lugares destruirá todos os pecados. Uma pessoa que não puder visitá-los ficará livre de todos os pecados se pensar neles calmamente todas as manhãs. Da mesma forma, Devi Tripurasundari permanece neste mundo em centenas e milhares de formas, com a intenção de proteger a raça humana. “Ó Parasurama! Assim narrei como Siva foi iludido por Mohini”.

Fim do quadragésimo oitavo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 49

1. Após ouvir a lenda de Mohini, Parasurama, ansioso por saber mais sobre as glórias da Devi, indagou o filho do sábio Atri, senhor do clã ascético.

2-6. “Ó Senhor! Agora, conte-me em detalhes a maravilhosa glória de Devi Tripurasundari, que encarnou como Devi Lalita. Através de quais preces dos deuses Ela encarnou? Qual é a Sua forma? Como Ela lutou com Bhandasura? Quão forte era aquele demônio? De quem ele era filho? Como ele conquistou os deuses? Conte-me tudo isso, seu discípulo mais próximo. Gurus compassivos não se incomodam com as perguntas de seus discípulos. Assim como uma abelha, eu nunca me satisfaço bebendo a essência das histórias de Devi Tripurasundari do lótus perfumado e desabrochado do seu rosto.”

7-9. Assim, indagado por Parasurama, Dattatreya, o senhor dos sábios, observando sua curiosidade em ouvir, dirigiu-lhe as seguintes palavras com prazer: “ó Parasurama! Escuta. Vou narrar a história de Devi Lalita, que é a encarnação de Devi Tripurasundari. A Grande Devi Tripurasundari é a causa de todas as causas, a sustentadora de tudo e é plena de Inteligência, Efulgência e Bem-aventurança.”

10-12. “Siva, a personificação do conhecimento e da bem-aventurança, é o protetor do universo. Sua componente de inteligência é conhecida como Cicchakti, a Parasakti. O aspecto dinâmico da inteligência bem-aventurada de Paramesvara é denominado Vimarsa, a profunda contraparte analítica. Todo o universo resplandece em seu vasto cosmos espacial. Brilhando com três formas, ela é conhecida como Tripura.”

13-15. Assim como a água no oceano, os raios do Sol e a argila na Terra, Ela é o Poder em Siva. Assim como não há oceano sem água, nem Sol sem raios, não há Siva sem o Seu poder. A forma gloriosa de Lalita está repleta do princípio da inteligência.

16. “Suas outras manifestações, como Kumari, são identificadas com sua cabeça, braços, pés e assim por diante. Devi Lalita é Suprema.”

17-20. “No passado, o sábio Agastya, ao visitar lugares sagrados, foi tomado por compaixão pelos seres que sofriam. Através de uma grande penitência em Kancipura, ele agradou Mahavisnu, que o abençoou. Questionado sobre o bem-estar do mundo, Visnu contou ao sábio sobre várias glórias da deusa visível Tripurasundari, como a morte de Bhandasura pelas mãos de Lalita. Ó Parasurama! Ouça. Eu lhe narrarei essa longa história.

21. Após narrar concisamente, Mahavisnu partiu, enviando o sábio Hayagriva, que era sua própria encarnação, para explicar o ocorrido a Agastya, que estava interessado nos detalhes.

22-24a. “Então Agastya, em seu eremitério, venerou o sábio Hayagriva e indagou sobre a glória extremamente maravilhosa de Devi Lalita: ‘ó sábio Hayagriva! Como a transcendental Tripura encarnou e destruiu em guerra o demônio Bhanda? Anseio por ouvir essa lenda. Por favor, narre-a para mim.’”

24b-26a. “Assim indagado, o sábio Hayagriva, o mais importante entre os devotos de Devi Lalita, encheu-se de alegria ao recordar Suas glórias e, com lágrimas de alegria e êxtase, começou a narrar com a voz embargada pela felicidade.”

26b-28. Ó Agastya! Tu és afortunado. Teu desejo de ouvir a lenda de Devi Lalita é fruto de teu abundante mérito, conquistado através do nascimento, que hoje frutificou. Aquele que deseja beber o néctar das glórias de Devi Lalita deve ser considerado o melhor, aquele que se libertou do medo da morte.

29-30. Ouvir as histórias de Devi Lalita é a essência da existência humana. Ao gerar devoção, concede-se a Ela morada. Todas as ações dos seres humanos equivalem a oferendas em cinzas até que ouçam a lenda de Devi Lalita.

31-33a. Todos os seres que veneram a deusa Tripura devem sempre ouvir isto, pois sem ouvir não alcançarão os frutos da adoração. Portanto, todos os Seus devotos devem se esforçar para ouvir Suas glórias. Ao ouvir ou ler isto em dias sagrados, Devi Tripurasundari ficará satisfeita.

33b-37a. "Nos tempos antigos, existiu um demônio muito poderoso chamado Bhanda, que obteve dádivas raras ao propiciar o Senhor Siva. Então, sem medo, esse demônio conquistou os três mundos e governou como se fosse Visnu, o senhor do universo. Ele derrotou Indra e outros deuses na guerra. Tendo perdido suas riquezas, os deuses vagaram desamparados pela Terra como seres humanos. Os demônios governados por Bhanda desfrutavam terrivelmente das oferendas aos deuses, suas damas, seu jardim Nandana e seu Kalpavrksa."

37b-39a. Ao ver Indrani, que era bela como Laksmi, e enquanto o demônio Bhanda planejava raptá-la pacificamente, Sacini, junto com seu pai Puloma, sem ser notada pelos demônios, refugiou-se sob a proteção de Devi Gauri e permaneceu no Monte Kailasa.

39b-41. Dessa forma, Bhanda, após conquistar Indra, Kubera, Varuna, Vayu, Agni, Yama e Soma, tornou-se o governante. Permanecendo no céu, colocou Visukra na Terra e Visanga na região inferior, governando os três mundos. Aprisionando Indra e os outros senhores das direções, fez com que carregassem fardos pesados como servos.

42-44a. Após algum tempo, Guru Sukracarya libertou os deuses. Bhanda, então, passou a perturbar os deuses. Certa vez, seguindo o conselho dos demônios, Bhanda convidou Maya, o escultor, e ordenou que ele reconstruísse a cidade de Sonitapura, que havia sido destruída pelos deuses.

44b-46. Então Maya, que recebeu instruções, reconstruiu a cidade de Sonita. Vendo aquela bela cidade que superava o céu, Bhandasura destruiu o céu e transferiu seu salão de assembleia Sudharma e seu jardim Nandana para Sonitapura, transformando-a em outro céu repleto de prosperidade.

47-48. Naquela cidade, Bhanda, o poderoso senhor dos demônios, criou líderes demoníacos que eram iguais aos senhores divinos das direções em esplendor e valor, e os nomeou como senhores das direções. Tudo estava, de fato, sob o domínio de Bhanda e seus seguidores.

49-52. Então, o extremamente brilhante Bhanda governou o universo. Ele renomeou Sonitapura como Sunyakapura. Assim, Bhandasura, que possuía grande poder de penitência, conquistou muitos universos dividindo-os. Ele subjugou cento e cinco universos e tornou-se seu senhor supremo. Em todos esses universos, suas ordens eram cumpridas sem impedimentos. Dessa forma, Bhanda governou todos os universos, conquistando os deuses.

Fim do quadragésimo nono capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 50

1-4a. Ó Parasurama! Ouvindo Hayagriva, o maravilhado Agastya perguntou novamente: “ó Hayagriva! Ó oceano de misericórdia! Tua narrativa foi maravilhosa. De quem nasceu Bhandasura, de tamanha força? Sua bravura era inata ou fruto de penitência? Como ele conquistou os deuses? Como ele venceu Brahma e os outros? Por favor, conta-me tudo isso palavra por palavra, pois estou ansioso para ouvir.”

4b-9a. Assim, indagado por Agastya, o satisfeito Hayagriva disse: “ó Agastya! Ouça a antiga lenda de Bhandasura. Depois que Manmatha foi reduzido a cinzas pela ira de Siva, o infantil Ganesa juntou as cinzas e fez uma linda boneca humana com elas. Ele mostrou aquela adorável boneca a Gauri, sua amada mãe. Vendo isso, Gauri, para agradar Ganesa, pediu a Siva: “ó Senhor Auspicioso! Por favor, dê vida a este ídolo que é tão querido por Ganesa. Deixe meu querido filho brincar com ele.

9b-11. A pedido de Parvati, Siva, prevendo os acontecimentos futuros, deu vida ao ídolo lançando uma chuva de olhares nectaríferos. O menino, agora vivo, era extremamente belo

devido à sua ligação com Manmatha, mas tinha uma natureza demoníaca por estar associado à ira de Siva. Ele era um bom amigo de Ganesa e brincava com ele.

12-13a. Então, quando os senhores das direções chegaram lá, o demônio, ao vê-los, questionou Ganesa: “quem são estes? Como se tornaram tão prósperos e ricos?”

13b-15. Assim indagado, Ganesa disse ao seu querido amigo: “ó meu querido amigo! Eu lhe direi. Escute. Eles são os senhores das direções, reverenciados pelo mundo. Eles adquiriram o domínio sobre as direções propiciando, por meio da penitência, o grande Deus Siva. Se Siva se agrada da penitência, nada é inatingível, assim como se pode obter tudo através da Kalpavrksa.”

16-17. Ao ouvir Ganesa, aquele menino decidiu realizar penitência. Com a permissão de Ganesa, ele foi às margens do rio divino Ganga e realizou uma longa penitência autocontrolada, alimentando-se de frutas por dez mil anos, apaziguando o Senhor Mahadeva.

18. Então, o apetitoso e contente Mahadeva apareceu diante dele e disse: “Meu filho! Conte-me sobre sua intenção. Satisfeito com você, vim aqui para atender aos seus desejos”.

19-22a. Ao ouvir Mahadeva, o demônio curvou-se e, com as mãos postas em prece, fez o seguinte pedido ao senhor: “ó Senhor! Que eu me torne o governante do universo. Que eu vença a todos. Que eu seja capaz de criar deuses, demônios e mundos excelentes. Que eu seja capaz de criar armas, projéteis, escrituras e magia. Que todos os deuses, incluindo Brahma, me obedeçam sempre. Que eu não tema nada e que eu não morra.”

22b-24. Ao ouvir suas palavras, Siva disse: "você não é digno de tais dádivas". Então Siva desapareceu. O demônio, desapontado, realizou novamente uma severa penitência por cem mil anos, permanecendo no céu, alimentando-se de fumaça e enfrentando o frio e o calor.

25-28a. Então, mais uma vez, Mahadeva se apresentou e disse: “ó demônio inteligente! Pare com sua penitência assustadora. Eu lhe concederei que se torne o governante dos três mundos; que conquiste deuses e demônios; que possa criar deuses, seres humanos e demônios; que possa criar armas e escrituras; que não tema deuses, seres humanos e demônios; que Brahma e os outros não sejam controlados por você e que você não possa escapar da morte.” Dito isso, Siva desapareceu.

28b-32. Após o desaparecimento de Siva, o demônio pensou novamente: “de que me servem essas dádivas desejadas sem que eu me torne imortal? Realizarei penitência novamente até que o Senhor Siva me conceda essa dádiva”. Pensando assim, ele iniciou uma severa penitência pendurado em uma árvore com os pés para cima e a cabeça para baixo, logo acima de um fogo ardente, controlando sua respiração e seus desejos. “Ó Sábio! Enquanto ele, que havia controlado totalmente seus sentidos, era queimado pelo fogo, fez penitência por vinte mil anos, fumaça saía dos poros de seu cabelo.

33-35. Os três mundos foram tomados por aquela fumaça que se espalhava. O trono de Indra

tremeu, os deuses desmaiaram, o medo e a tristeza os abateram, a terra estremeceu, os mares transbordaram, as direções foram incendiadas e os rios foram poluídos. Então, Indra e os outros deuses oraram a Brahma.

36-38a. Brahma, após refletir sobre o assunto, foi até Siva acompanhado de Hari e, depois de deliberar por um longo tempo, disse a Siva: "ó Mahadeva! Conceda-lhe todas as dádivas que o demônio deseja, exceto a imortalidade. Caso contrário, os mundos serão reduzidos a cinzas pelo fogo de sua penitência."

38b-40. Assim recomendado por Brahma e outros, Siva aproximou-se do demônio e o viu em penitência concentrada, com o corpo emaciado, veias visíveis e ardendo como fogo, e disse: “ó demônio! Estou satisfeito com sua penitência. Diga-me o que deseja. Seu desejo será atendido.”

41-43a. Ao ser interpelado por Siva e vendo o Deus à sua frente, o demônio prostrou-se diante Dele, louvou-O e, com as mãos postas em prece, disse: “ó Mahesvara! Antes, concedeste-me tudo, exceto a imortalidade. Além disso, gostaria de derrotar Brahma e outros na guerra. Devo ter a força para dividir o universo.”

43b-48a. Ao ouvir o pedido do demônio, Mahesvara disse-lhe: “ó demônio! Escuta. Não serás morto por deuses, demônios, seres humanos, seres nascidos do ventre ou da mente. Não serás morto por árvores, montanhas, animais selvagens, serpentes, pássaros, vermes, insetos, abelhas, Yaksas, Vidyadharas, Kinnaras, demônios, Kimpurusas, Raksasas, a Trindade, armas e projéteis populares de forma alguma. Teus outros desejos também serão atendidos.” Concedendo assim as dádivas ao demônio, Siva desapareceu.

48b-54a. Então o demônio refletiu: “se eu não posso ser morto pelos deuses e outros, então onde está a morte para mim? Eu realmente me tornei imortal.” Acreditando ter realizado tudo, ele foi para o monte Kailasa. Juntando-se a seu amigo Ganesa, narrou-lhe tudo. Então, junto com Ganesa, o demônio curvou-se diante de Devi Parvati e contou-lhe sobre as dádivas que havia obtido. Parvati também o parabenizou e disse ao demônio: “ó, meu filho! Você obteve grandes dádivas. Não deve ofender os deuses. Caso contrário, enfrentará o medo. Os demônios, que conspiravam contra deuses, brâmanes e cidadãos, foram destruídos. Afaste-se da companhia dos demônios, pois você perderá sua sabedoria ao se associar a eles. Vá para a região inferior, que é melhor que o céu, e governe lá com justiça.”

54b-56. Concordando com Ela e curvando-se diante Dela, o demônio foi para Patala (região inferior) e governou lá junto com os demônios. Então, seguindo os repetidos conselhos dos líderes demônios, ele, apoiado por seu exército, começou a conquistar os três mundos e travou uma guerra impressionante contra os Kurus no norte.

57-59a. Vendo seu entusiasmo pela guerra, Brahma dirigiu-se a ele amigavelmente, dizendo: “ó Senhor dos demônios! Agora é impróprio lutar. Todos os deuses lhe pagarão impostos. Você poderá governar completamente o submundo e a Terra. Deixe os deuses viverem no céu. Que

não haja inimizade com os deuses.”

59b-60a. Ouvindo Brahma e conversando com outros demônios, ele pediu Indrani, o jardim de Nandana, Rambha e outros como tributos.

60b-61a. Ao ouvir as palavras impróprias do demônio, o irado Brahma disse-lhe: "ó Bhanda! Você é perverso!". Dito isso, Brahma desapareceu.

61b-64. Então, o arrogante Bhanda e outros demônios travaram uma batalha extremamente feroz contra os deuses e, após derrotá-los, capturaram Indra e outros, incumbindo-os da tarefa de carregar pesadas cargas. Conquistando assim os três mundos, o altivo Bhandasura criou, a partir de suas costelas, dois demônios, Visanga e Visukra. Juntamente com suas centenas de filhos e netos, ele desfrutou de riquezas estonteantes. Ele subjugou cento e cinco universos.

64-67. Um demônio chamado Taraka, vendo a bravura preponderante de Bhanda, fez amizade com ele, que por sua vez ficou satisfeito com Taraka e o nomeou senhor de dezoito universos. Tarakasura deu em casamento a Bhandasura suas quatro irmãs, Sammohini, Sundari, Citrangi e Kumudotkara, que eram encantadoras e belas como a Deusa Laksmi.

68-69. Ugrakarma, Ugradhanva, Vidyunmali, Vibhisana, Indrasatru, Amitraghna, Vijaya e Visvatapana eram os sábios e queridos ministros de Bhandasura. O satisfeito Bhandasura os nomeou senhores das direções.

70-72. Tendo alcançado tamanha prosperidade, Bhandasura, com o passar do tempo, tornou-se arrogante. Por conta própria, criou, protegeu e destruiu mundos. Após discutir com seus ministros perversos, chegou altivamente a Satyaloka para conquistar Brahma. Ao chegar lá, Brahma desapareceu junto com sua morada. O mesmo aconteceu com Vaikuntha. Então, Bhandasura chegou a Kailasa.

73-74. Ao saber da chegada de seu velho amigo Ganesa, acompanhado pelos Pramathaganas, este o encontrou afetuosamente no meio do caminho. Mas, ao ver o orgulhoso Bhanda, que havia rejeitado a amizade e estava acompanhado por demônios, Ganesa o deteve.

75-79. Por ordem de Bhandasura, o demônio Vibhisana disse: ó Ganesa! Vá depressa e diga a seu pai Siva: “o senhor dos demônios chegou. Renda-se a ele rapidamente. Caso contrário, lute bravamente contra ele e enfrente as consequências. Se você for forte, não fuja da batalha”. Diga também à sua mãe: “o senhor dos demônios quer Saci, que está sob sua proteção. Ofereça-a a ele o mais breve possível. Caso contrário, vocês duas serão arrastadas até mim pelos cabelos pelos demônios e perderão sua dignidade. Ó Ganesa ignorante! Vá e transmita esta mensagem e não seja morto aqui.”

80-82a. Ao ouvir as palavras do demônio, o enfurecido Ganesa imediatamente o atingiu na cabeça com a palma da mão, derrotando-o. Os Pramathas destruíram os demônios que ali estavam presentes. Então, uma intensa guerra começou entre os Pramathas e os demônios, na qual os poderosos Pramathas devastaram os demônios.

82b-87. Entretanto, Parvati, ao ouvir falar da guerra entre os demônios e os Pramathas, chegou lá por amor para salvar seu filho Ganesa. Ela estava acompanhada por milhões de Saktis. Ao ver a feroz batalha entre os Pramathas e os demônios e perceber a força cada vez menor dos Pramathas, Parvati, junto com suas Saktis, lutou contra os demônios por um tempo de uma maneira assustadora. Firmemente atingidos pelas poderosas Saktis e pelos Pramathas, os demônios, incapazes de resistir ao ataque, começaram a fugir com seus membros cortados, cabeças quebradas e corpos pulverizados, enquanto eram mortos e devorados pelos Pramathas e pelas Saktis.

88-91. Vendo suas forças destruídas, o furioso e feroz Bhandasura chegou em uma carruagem para lutar. Repreendendo Bhanda, Ganesa, empunhando a maça, rapidamente o deteve, como a montanha Vindhya deteve a Ganga na terra. Então, uma batalha começou entre eles, empregando mísseis ferozes como raios, que pareciam uma luta entre o Senhor Visnu e o demônio Kaitabha. Ambos, dignos de louvor e embriagados, lutavam com fúria como elefantes embriagados em uma floresta.

92-95. Então, o furioso Ganesa arremessou sua maça erguida contra Bhandasura, assim como Indra arremessou seu raio contra a montanha. Com isso, a carruagem, os cavalos, a bandeira e o cocheiro de Bhanda foram reduzidos a cinzas. Rapidamente, Ganesa, com a mesma maça, que era como um raio, atingiu Bhandasura com violência, e Bhanda, que era como um touro descontrolado, caiu inconsciente no chão como uma árvore arrancada pela raiz. Todos os demônios lamentaram, enquanto os Pramathas e as Saktis, felizes, honraram Ganesa com gritos de aplausos.

96-98. O poderoso Bhandasura, que rapidamente recuperou a consciência, levantou-se depressa e, com grande força, golpeou Ganesa na cabeça com o aguilhão. Severamente atingido pelo aguilhão afiado, Ganesa caiu ao chão como uma montanha atingida por um raio. Os Pramathas e as Saktis lamentaram-se profundamente.

99-101. Então, Parvati, enfurecida, proferiu um som de "Hum", deixando Bhanda estupefato, enquanto este tentava agarrar Ganesa. Quando ela estava prestes a matar Bhanda com o tridente, após amarrá-lo com o laço, Brahma apareceu e pediu a Parvati: "ó Devi! De acordo com a bênção de Siva, este Bhandasura não deve ser morto por você. Portanto, desista da luta e deixe o demônio retornar à Terra."

102-104. Lembrando-se assim da grande dádiva do demônio, Parvati o amaldiçoou: “Demônio desprezível! Volte para a Terra. Você está livre agora e não merece visitar este pico do Meru (Kailasa) jamais. Se entrar aqui, sua cabeça certamente se partirá em cem pedaços.” Então, Parvati, auxiliada pelas Saktis e pelos Pramathas, empurrou Bhanda e outros demônios para a Terra, assim como os frutos da palmeira são levados pelo vento.

105. Foi assim que Bhanda, derrotado por Parvati, retornou deprimido, abatido e triste à sua cidade de Sunyaka, acompanhado pelos demônios.

106-107. “Ó Agastya! Assim te narrei a bravura de Bhandasura, repleto de penitência. Por causa da maldição lançada por Parvati, Brahma e os outros não foram derrotados. Foi assim que Bhandasura se tornou o senhor dos demônios, conquistando os mundos e percorrendo os céus como um lobo em uma cidade.”

Fim do décimo quinto capítulo do Mahatmyakhandam do Sri Tripura Rahasyam.

Capítulo 51

1-3. Ó Agastya! Escuta. Os deuses tristes, expulsos por Bhandasura, esconderam-se por muito tempo em florestas, montanhas, cavernas e margens de rios, temendo os demônios. Alguns deles, vistos pelos demônios, foram arrastados, espancados e submetidos à servidão. Assim, passaram-se vinte milhões de anos.

4-5. Então, certa vez, Indra encontrou Brhaspati, o Guru. Inclinando-se diante dele com as mãos postas em prece, Indra disse: “ó Guru! Olha para mim, o senhor dos deuses, que estou triste e rendido a ti. Faz muito tempo que não te vejo. Por favor, tenha misericórdia deste discípulo.”

6-13a. “Ó Senhor! Não aguento mais tanta dificuldade. Mesmo após minhas repetidas orações, Brahma disse: ‘ó Indra! Escute. Este não é o momento para retaliar. Espere o momento certo. Sem o momento apropriado, nada pode ser alcançado’. Depois disso, inúmeras eras se passaram sem nenhum sinal de felicidade. Olhe para mim, que estou impuro, desamparado, emaciado e totalmente apavorado. Este caramanchão espinhoso tornou-se meu paraíso, meu jardim de Nandana e minha assembleia, Sudharma; os mosquitos são os gandharvas cantando; os corvos são os panegiristas; os pássaros são os bardos; os vaga-lumes são o grupo de Rambha; a laje de pedra é minha cama; a base do arbusto é meu travesseiro; o grito das raposas é o cântico sagrado; os grous e os abutres são os membros da assembleia; a poeira da terra é minha vestimenta; os galhos espinhosos das árvores agitados pelo vento são meus leques. Tal é, de fato, minha fortuna.” Dito isso, Indra perdeu a consciência.

13b-17. Ao ver o sofrimento de Indra, que havia desmaiado, Brhaspati logo se encheu de compaixão. Então, consolando Indra, disse: “ó melhor entre os deuses! Escute. Os sábios jamais se entristecem. Eles encontram a felicidade na adversidade e a serenidade na

prosperidade. Os grandes homens de mente aberta jamais se perturbam. Ao contrário, superam a tristeza com discernimento e aguardam com coragem pelos dias melhores. Escute. Vou lhe revelar o método para alcançar seus objetivos."

18-20. "Este demônio é destemido por ter propiciado o Senhor Siva, que declarou que ele não pode ser morto por pessoas nascidas do ventre materno, nem mesmo pela mente. Além dessas duas espécies, não há ninguém em todo o universo que possa protegê-lo. Ele também é declarado imortal, tanto pelos deuses quanto pelos homens. Portanto, renda-se à Deusa Tripurasundari. Além dela, não há ninguém que possa protegê-lo."

21. Ao dizer isso, Brhaspati lembrou-se de Vayu, que imediatamente apareceu e curvou-se perante o Guru.

22-24. Então Brhaspati dirigiu-se a ele desta forma: "ó Vayu! Escuta. Tu estás sempre em movimento e és a vida de todos e poderoso. Tu transportas rapidamente, pelo caminho celestial, Indra e todos os deuses, incluindo Agni, até o pico do Himalaia e os trazes de volta após o seu trabalho, sem serem notados pelos demônios. Lá, eles, por seu esforço, obterão o que desejam."

25-28. Concordando com isso, Vayu trouxe todos os deuses em um instante. Indra e os outros deuses se reuniram no pico do Himalaia. Eles enviaram Vayu para trazer os deuses da trindade. Então, decidiram seu plano de ação para derrotar Bhandasura e concluíram que não havia ninguém além de Devi Tripurasundari que pudesse ajudá-los. Assim, Brahma e os outros deuses, controlando seus sentidos e respiração, meditaram em Devi Tripurasundari, a sustentadora do universo. Eles passaram cem anos meditando nela.

29-31a. Então, após deliberação, os deuses propiciaram Devi Tripurasundari por meio de um grande Yajna com ritos tântricos. Nesse Yajna, o próprio Brahma assumiu o lugar de Brahma e Brhaspati foi o sacerdote principal. Visnu, Siva e outros também participaram como sacerdotes nesse Mahayaga, que foi repleto de cânticos védicos e oferendas sacrificiais.

31b-33. No último dia, Brhaspati, meditando sobre a Devi Transcendental, ofereceu a oferenda consumadora ao fogo que representava a consciência, o qual ardia no grande altar. Então, enquanto os deuses louvavam, Devi Tripurasundari manifestou-se do núcleo daquele fogo sacrificial ardente da consciência.

34-39a. Com a oferenda consumada, o fogo no altar brilhou intensamente e sua chama se espalhou por uma distância de uma yojana, criando um som como se uma montanha estivesse se despedaçando e como se cem raios tivessem caído simultaneamente, danificando os ouvidos dos celestiais. Então, do núcleo da chama emergiu um grande fulgor, equivalente a uma miríade de relâmpagos caindo simultaneamente, que cegou os deuses. Cegos e ensurdecidos por aquele brilho e pelo som, todos os deuses, exceto Brhaspati, Brahma, Visnu e Siva, caíram inconscientes no chão. Então, de dentro daquele brilho, manifestou-se Devi Tripurasundari.

39b-40. Devi Tripurasundari manifestou-se com uma tonalidade corporal semelhante à vermelhidão concentrada do Sol nascente; Seu corpo, semelhante a uma trepadeira, brilhava como um relâmpago; Seu rosto parecia a lua cheia e o lótus desabrochado em Seu corpo brilhante, semelhante a uma trepadeira;

41. Ela brilhava com o vermelho-vermelhão irradiando de seus cabelos escuros e densos; os diamantes que adornavam seus cabelos lembravam um aglomerado de estrelas no céu;

42. A linha divisória em seus cabelos era como a língua de sua longa trança semelhante a uma serpente; seus cabelos estavam cobertos pela vermelhidão do vermelhão;

43. Sua testa, que tinha a forma de uma meia-lua invertida, brilhava com a marca de almíscar; seu rosto, como uma flor de lótus desabrochada, estava coberto por cachos de cabelo que lembravam um enxame de abelhas;

44. Seus olhos eram como lírios azuis no lago de sua beleza facial; seus olhares eram como cânticos místicos dando origem a uma miríade de cupidos;

45. Seus olhares de soslaio eram belíssimos, produzindo inúmeras ondas de um oceano leitoso; Seu nariz encantador era como o guardião de um botão de flor de champaka;

46. Suas bochechas brilhavam como espelhos feitos de rubis; seus brincos cravejados de pedras preciosas eram como lótus que despontavam no rio de seus olhares de soslaio;

47. As pérolas em seus brincos, semelhantes a lótus, lembravam cisnes; seus olhares de soslaio eram como flechas disparadas do brilho radiante de seus ornamentos de orelha;

48. Seus lábios, semelhantes à semente madura de uma romã, tingiam seus dentes de vermelho; a tez de seu corpo era como os filamentos de um lírio vermelho desabrochado;

49. Seus dentes, como botões de jasmim, despontavam por trás dos lábios cor de coral; Seus lábios eram como um coral rastejante no oceano leitoso do Seu sorriso;

50. Seu queixo brilhante era como uma alça para segurar seu rosto de lótus rubi; seu pescoço de lótus era belo com um colar de pedras preciosas;

51. Seus dois seios, semelhantes a cálices de lótus, desabrocharam como se brotassem do caule de suas mãos, que eram como joias; ela era bela com os seios, semelhantes a buquês de flores, em seu corpo, semelhante a uma trepadeira rubi;

52. Seus seios eram como gansos se escondendo com medo do luar que iluminava seu rosto; Seus seios eram como cisnes brincando nas águas turbulentas do rio do seu sorriso;

53. Suas palmas vermelhas eram como os tenros brotos dos galhos de seu corpo trepador; seus dedos eram como os botões de hibisco na ponta de suas delicadas palmas;

54. Seus quatro braços brilhavam com o aguilhão, o laço, o arco e as flechas; Seus braços eram

belos com pulseiras, amuletos, anéis de diamante e blusa;

55. Seu colar de pérolas, semelhante a uma trepadeira, era como o caule de seu rosto, semelhante a um lótus; seus dois seios eram como os botões de lótus sustentados pela fina mecha de cabelo, também semelhante a uma trepadeira;

56. Seu umbigo era como uma bacia para uma trepadeira semelhante a um cabelo; a trepadeira que saía de seu umbigo era como musgo de um lago umbilical;

57. Seus quadris estavam cobertos por uma vestimenta de seda vermelha; a existência de sua cintura era sugerida pela sustentação da parte superior do corpo;

58. Seu adorno de cinto em forma de estrela era visível sob sua vestimenta, cobrindo o espaço sutil como a cintura; a região de sua coxa era como o caule de uma bananeira rubi;

59. Suas belas canelas eram como aljavas de rubi; sua pata dianteira exibia a grandeza do casco da tartaruga;

60. Os pequenos sinos em sua tornozeleira cravejada de pedras preciosas tilintavam melodiosamente; seus pés de lótus concediam graça ao lótus desabrochado;

61. Seus pés de lótus estavam adornados com tornozeleiras cravejadas de joias; o fluxo ambrosíaco de suas unhas, semelhantes à lua, dissipava o calor dos suplicantes;

62. Seus pés eram como o preceptor familiar do andar lento e gracioso do cisne; seus pés eram como os brotos do Mandara (Kalpavrksa), que concede os desejos dos devotos.

63. Ao vê-la manifestar-se dessa forma, Brahma e os outros prostraram-se diante dela e disseram: "ó Devi! Sê vitoriosa."

64-66. Ali, Brhaspati, após se curvar muitas vezes diante da Devi Transcendental, levantou-se e, ao vê-la, mergulhou num oceano de alegria. Com as palmas das mãos em forma de lótus unidas sobre a cabeça, foi inundado por lágrimas que brotavam de seus olhos de lótus. Dominado por extrema devoção, louvou Devi Tripurasundari com a voz embargada, agradando-a com sua habilidade poética.

67. “Ó Devi! Não tenho a capacidade de descrever os Teus feitos gloriosos. Tudo o que eu disse pertence a Ti. Portanto, não há perigo para a minha posição como senhor da palavra. Se eu falhar em Te louvar, será pela ausência da Tua graça.”

68. “Tudo o que eu digo como Guru dos deuses é Você mesma. Você é o mundo inteiro, composto de diferenças como Você e eu. Assim como não há diferença entre o oceano leitoso e suas ondas doces ou amargas, não há perda nem ganho para mim ao Te louvar.”

69. “A pessoa ignorante toma as diferenças do mundo como verdadeiras, tal como a imagem num espelho que parece existir. Consideramos que a manifestação que Tu, com compaixão,

nos mostras, é, como sempre, ilusória."

70. "O ignorante que se ilude com os Teus feitos gloriosos pensa que o céu dos deuses é superior. Para descrever o Teu poder infinito, ele propõe uma lógica inútil baseada na dualidade visível."

71. "As pessoas perdem tempo debatendo com verborragia sobre a existência e a não existência desta criação. Ó Mãe Universal! Considero verdadeiramente afortunados ou abençoados aqueles que refletem em seus corações, mesmo que por um instante, sobre o Teu aspecto de Consciência."

72. "Ó Mãe! Aqueles Yogis que estão desprovidos de desejos sensoriais e que veem no espelho puro e sereno de seu ser interior o Seu aspecto como sendo o seu próprio eu, são verdadeiramente abençoados e vitoriosos, tendo alcançado a mais elevada bem-aventurança.

73. "Assim, aqueles que, por um longo período, meditam sobre a Tua forma, adquirirão uma percepção constante e alcançarão um estado natural, e mais tarde encontrarão a Tua forma e glória em toda a existência externa; esses são verdadeiramente os Yogis que merecem adoração."

74. "Ó Devi Lalita! Mesmo com um pouco de familiaridade com os Teus pés de lótus, compreendi, ao descrever e meditar sobre Ti, um aspecto muito insignificante da Tua glória. Mas nunca compreendi a Tua totalidade. Por isso, me curvo aos Teus pés."

75. Após orar à Devi dessa maneira, Brhaspati prostrou-se diante Dela. Então Brahma e outros deuses também louvaram a Devi.

76. "Ó Mãe! Tu és a Inteligência equânime que cria, protege e destrói o universo. Tu és a Inteligência que permeia e ilumina todo o universo. Tu existes somente como a Inteligência excelente."

77. "Sua habilidade e poder em fazer o impossível acontecer dentro de um ser, como se fosse um reflexo no espelho, mesmo após controlar atividades externas, são surpreendentemente extraordinários."

78. "Ó Suprema Devi! Embora Sua forma seja vasta, por Seu grande poder Você a limitou e, criando diferenças como ver e ser visto, Você está iluminando todos os corpos.

79. "Ao testemunhar Suas muitas formas limitadas e contemplar seu aspecto de ignorância, Você brilha novamente em Sua forma natural absoluta."

80. "Em virtude da liberdade, Tu imaginas a Tua vasta alegria no espelho do Teu Ser e vês que estás sempre em júbilo. Ó Devi! Saudações a Ti!"

81. "Ó Mahesvari! Aquele Senhor do mundo, Siva, que não é diferente de Ti e compreende tudo isso como uma brincadeira Tua, vê tudo da mesma forma que Tu e se alegra."

82. “Sua suprema manifestação visível é abençoar os necessitados que são incapazes de compreender a glória de Sua forma sutil.”

83. “Prostramo-nos repetidamente diante da Tua bela forma, vermelha como o açafrão, curvada para a frente pelo peso do seu enorme peito, adornada com o dedo da lua, que empunha o aguilhão, a flecha, o arco e o laço.”

84-86a. Em louvor a Ela, Brahma e os outros deuses prostraram-se a Seus pés. Então, a Suprema Devi dirigiu-se a eles desta forma: “ó filhos! Levantem-se depressa. Manifestei-me assim, pronta para matar vosso inimigo. Ó deuses! Peçam o que desejam. Ó Brahmaspati! Expresse também o seu desejo. Eu o concederei a você.”

86b. Ao ouvirem as palavras da Devi, Brahma e os outros deuses falaram assim:

Fim do quinquagésimo primeiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 52

1-3. “Ó sábio Agastya! Escuta o que Brahma e os outros disseram. Brahma e os outros, com reverência à Devi, disseram o seguinte: Tu estás novamente pronta para proteger o mundo do perigo. Deves destruir os demônios que são nossos inimigos. Mas, por favor, ouve. Como este demônio Bhanda, que pelas bênçãos de Siva se tornou imortal, será morto por Ti? Como nosso trabalho será feito? Como o demônio será destruído?”

4-6. Ao ouvir Brahma e os outros, Devi Sankari falou assim: “ó Brahma! Não tenha dúvidas sobre a morte do demônio. Eu não nasci do ventre nem da mente de ninguém. Sou uma mulher sobrenatural nascida do fogo. Matarei o poderoso demônio usando um míssil raro e desconhecido.”

7-8. Ao ouvirem as palavras de Devi Lalita, os deuses da trindade ficaram livres de preocupações. Então Brhaspati, com as mãos postas em prece, disse: “ó Devi! Permita que Indra e os outros tenham uma visão de Sua Suprema Forma Materna Universal, pela qual serão santificados.”

9-12a. Ao ouvir Brhaspati, Devi Tripurasundari disse: ‘ó Brhaspati! Escute. Indra e os outros são incapazes de ver Minha forma Onipotente, que não foi vista por ninguém. Os seres comuns jamais poderão ver esta Minha forma. Porque vocês (isto é, a Trindade dos Deuses) são Meus devotos que meditam constantemente sobre esta forma, esta forma, que não foi vista por ninguém, lhes é mostrada. Deixe Indra ver Minha forma diferente e limitada.’

12b-15. Então Brhaspati pediu muitas vezes à Devi que mostrasse Sua forma a Indra. A Devi disse ao Guru: ‘se Indra deseja ver esta Minha forma, que Me adore pelo método Srisukta e depois certamente Eu lhe mostrarei Minha forma.’ Dizendo isso, a Devi, com Seu olhar ambrosíaco, despertou os deuses inconscientes e desapareceu, testemunhada por Brahma e outros.

16-18. “Então os deuses que alcançaram a consciência ouviram de Brhaspati sobre a manifestação de Devi Tripurasundari. Então Indra, juntamente com outros deuses iniciados pelo Guru, propiciaram Devi Tripurasundari através do Laksmi-sukta. Onze meses se passaram em tal adoração.”

19-24. Entretanto, Sukracarya, o preceptor dos demônios, conhecendo as atividades dos deuses, informou completamente Bhandasura e disse: “ó Senhor dos demônios! Escute. Seu inimigo Indra está propiciando Devi Parasakti nas montanhas do Himalaia com devoção. Agradada com sua adoração, ela rapidamente o arruinará, juntamente com seus filhos e parentes, como um fogo que queima um monte de grama e madeira. Portanto, tente se salvar antes de ser destruído. Não há outra saída senão a conciliação quando o inimigo é protegido por um poderoso. Assim, para escapar do perigo, entregue o Céu e a Terra, juntamente com as riquezas e a comitiva, a Indra e governe apenas a região inferior, rendendo-se à Devi Universal.” Dito isso e aceitando sua adoração, Sukracarya partiu para o lugar desejado.

25. “Então o demônio Bhandasura, em sua cidade de Sunyaka, discutiu secretamente com seus ministros especialistas.

26-28. Por ordem do rei, os ministros expressaram suas opiniões individuais. Um deles sugeriu a conciliação. Outro preferiu semear discórdias. O terceiro recomendou o caminho do suborno. Alguns outros eram a favor do ataque. Assim, houve grande confusão na assembleia. O famoso Srutavarma, filho de Visukra, que era considerado igual a Sukracarya, curvou-se diante de Bhandasura e disse: “ó rei! Escute. Falarei com base na ciência política.”

29-33a. A aparência externa é naturalmente instável e imperfeita. Portanto, a realidade de tudo precisa ser conhecida através da inteligência. Quem age sem pensar perece como uma traça no fogo. A prosperidade acompanha quem age com ponderação. Um ministro inutilmente obstinado, que carece de clareza, que é precipitado, que sempre concorda com o rei e que é egoísta, certamente arruinará o reino e o rei, assim como um barco furado afoga os passageiros e o navegador. Portanto, um rei que se preocupa com seu reino deve abandonar os maus ministros.

33b-37. 'Por favor, ouça. Vou lhe contar sobre as ações futuras. Ó Rei! Você obteve dádivas agradando a Siva por meio de penitência, o que é em vão, pois você nunca pensou no medo que as mulheres representam, considerando-as insignificantes, e hoje não podemos tomar isso como garantido. No passado, o poderoso Mahisasura, que conquistou os três mundos, foi morto por uma mulher. Ouvimos dizer que, no passado, os demônios Sumbha e Nisumbha, que eram extremamente poderosos e possuíam um enorme exército, foram mortos na guerra por Candika. Além da inteligência e da bravura, o gênero não tem nada a ver com a vitória. Vou lhe contar outro fato que prevalece há muito tempo.'

38-40. "Visnu arranca como um espinho na estrada todos os demônios e raksasas que prosperam. Ouvimos dizer que a Suprema Devi, propiciada por Visnu, que é o inimigo dos demônios, manifestou-se para destruí-los. Ela se manifestou a partir do fogo no altar sacrificial e não de um útero ou mente. Vocês não buscaram a imortalidade na pessoa que nasceu de algo além do útero ou da mente."

41-44. Ó Senhor dos demônios! Não menospreze o que foi dito pelo venerável preceptor Sukra, eminente entre os intelectuais. Portanto, creio que a sugestão de nosso Guru é apropriada. Uma pessoa inteligente deve, a todo custo, evitar o perigo. A força é a melhor opção quando não há medo. A paz é o único recurso em momentos de perigo. Uma pessoa sábia deve usar toda a sua força para evitar a destruição da raiz. Onde está a esperança de frutos sem a raiz? Se a raiz for protegida, haverá frutos. No presente contexto, ó rei, ouça minha ponderada opinião.

45-47a. "Neste momento, busque a paz seguindo os conselhos do Guru. Mais tarde, você poderá fazer penitência e se livrar do medo restante e, novamente, por meio de seu heroísmo, obter controle sobre os três mundos. Esta é a minha opinião e acredito que não há outro caminho seguro. Portanto, aja rapidamente de acordo com o seu desejo, após refletir sobre a minha opinião."

47b-48. Ao ouvir as palavras de Srutavarma, Bhanda, o senhor dos demônios, o criticou na assembleia. Ele não gostou da sugestão de Srutavarma, assim como alguém que deseja morrer não gosta de remédios.

49-52. Naquele momento, um demônio embriagado de arrogância dirigiu-se ao rei desta forma: "ó Senhor dos demônios! Escuta minhas palavras que te deleitarão. Rapazes jovens e assustados não devem aconselhar. Este rapaz não tem a menor ideia da tua força. Ele está assustado com as palavras do brâmane assustado Sukracarya. O que pode um brâmane entender sobre a guerra de um rei? Os brâmanes podem conhecer ritos de sacrifício; podem ser especialistas em textos védicos; podem conhecer os métodos de invocação, mas como podem entender de guerra?

53. Podem conhecer a acuidade de seus estudos; podem ser hábeis no manuseio da grama kusa e da madeira sacrificial, mas são ignorantes sobre a espada afiada e as flechas.

54. Se os brâmanes podem vencer uma guerra cantando mantras, então realmente os elefantes

urinarão de medo dos cães que são leões da aldeia.

55. Se os brâmanes podem demonstrar sua força e lutar em uma guerra, então até os chacais podem dilacerar o templo de um elefante.

56. Ó rei! Levanta-te. Este não é o momento para descansar. Um inimigo, homem ou mulher, não deve ser ignorado.

57-58. Ai de mim! Hoje, se uma mulher pode te conquistar, que pode arrancar o Monte Meru, que pode queimar os três com o calor da bravura, então as pétalas do lírio azul podem rachar a montanha e uma montanha de ferro maciça pode ser despedaçada pela grama sacrificial.

59-60a. Ou então, ó rei! Fica aí desfrutando dos prazeres reais e ordena que eu seja teu servo. Eu rapidamente a capturarei, a Brahma e outros, ou até mesmo os matarei e os colocarei diante de ti.

60b-65. Ao ouvir as palavras do demônio, o feliz Bhandasura, que enfrentava a destruição, riu e disse a Srutavarma: “meu filho! Por que você tem medo inutilmente até mesmo das notícias da guerra? Um eunuco que tem medo de guerra com uma mulher nunca nasceu, nem jamais nascerá, em nosso clã. Você ainda é um rapaz apto a conversar com mulheres. Que vergonha para mim, que o nomeei ministro, capaz de, com sua fala áspera e impetuosa, destruir a coragem até mesmo dos mais fortes e arruinar as deliberações.” Dito isso, Bhandasura, com a espada erguida, seguido por inúmeros demônios armados, marchou para o local onde Indra e outros deuses adoravam a Deusa Tripurasundari.

66. Ao ouvirem a chegada de Bhandasura, Indra e outros deuses, extremamente assustados, oraram em voz alta a Devi, dizendo: "por favor, proteja-a".

67. “Ao ver os deuses assustados, Devi Tripurasundari disse à décima quarta Nitya Devi: ‘ó Jvalamalini, vá e salve rapidamente os deuses amedrontados.’”

68. “Assim, por ordem de Sri Tripurasundari, a auspiciosa Jvalamalini impediu que os demônios torturassem os deuses, cercando o local com altas chamas.

69. Ao ver aquele lugar cercado por chamas e pensando que os deuses haviam sido destruídos pelo incêndio, Bhandasura retornou feliz.

70-72a. “Os deuses, ao ouvirem o grande alvoroço entre o exército de demônios, ficaram assustados e, decidindo morrer, cortaram seus membros e os ofereceram ao fogo no altar para agradar à Devi. Depois de oferecerem todos os membros, desejaram oferecer seus corpos inteiros como uma oferenda consumada e sussurraram mantras.”

72b-75. Naquele momento, Devi Tripurasundari, com a intenção de proteger seus devotos, manifestou-se resplandecente como uma miríade de relâmpagos do centro do altar. Um som crepitante muito alto foi ouvido vindo do centro do altar. A chama aumentou excessivamente.

Os deuses viram, no meio daquela chama, a Devi, que era bela em todos os aspectos. Com grande alegria, eles gritaram louvores de vitória e prostraram-se diante dela. Então, Indra e outros deuses se levantaram e entoaram orações a Mahesvari.

76-79. “Então Brahma, Visnu, Siva, os sábios e os videntes chegaram lá. Flores caíram do céu ao som de tambores. Uma brisa perfumada soprava lenta e suavemente. Brahma e os outros a adoraram conforme o rito. A Devi ficou satisfeita com muitos serviços, como guirlandas, comidas, bebidas, carne, canções, danças, música instrumental e festivais.”

Fim do quinquagésimo segundo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 53

1. “Então, ao verem a Suprema Devi, Indra e os outros pediram a Brahma e aos demais que providenciassem um lugar para a Devi ficar.”

2-6a. Agastya! Depois de ouvir os deuses, escuta o que Brahma e os outros, após se curvarem, pediram à Imperatriz Universal: “ó Paramesvari! Indra e os outros desejam a tua presença aqui para que possam vê-la todos os dias. Por tua graça, nós, os senhores das tendências (Sattva, Raja e Tamas), podemos ver teus pés de lótus ao alcançar tua morada. Mas Indra e os outros, sujeitos às condições da criação, não podem penetrar o Universo e vê-la. Contudo, eles anseiam vê-la. Portanto, cria uma morada aqui mesmo e permanece aqui.”

6b-8. “Assim, a pedido de Brahma e outros, Devi Tripurasundari permaneceu na auspiciosa cidade construída por Visvakarma no topo do pico Meru, juntamente com sua comitiva, da mesma forma que em sua morada original. Então, a Mãe Universal, conforme solicitado por eles, moldou Kamesvara a partir de metade de seu corpo, casou-se com Ele e permaneceu com Ele.”

9-14a. Ao ouvir a narração de Hayagriva, Agastya, ávido por conhecer a glória da Suprema Devi, perguntou novamente: “ó Compassivo Hayagriva! Onde fica a cidade onde reside a Devi Transcendental? Como ela é? Quão vasta é? Como o escultor universal soube dela, sendo que é inacessível a Indra e outros? Qual é o seu projeto? A Devi Tripurasundari, que foi adorada por Indra e outros através do método do Sri-Sukta, não os abençoou? Qual é esse método? Qual é

esse mantra? Qual é a sua grandeza? Ó Hayagriva! Conte-me tudo isso, a mim, que sou seu discípulo e devoto, e abençoe-me.”

14b-15a. O grande sábio Hayagriva, ao ser questionado sobre isso, achou apropriado e narrou com alegria o seguinte:

15b-18. Ó Agastya! Tu tens devoção e fé. Eu te responderei. Este conhecimento jamais deveria ser revelado àquele que não tem crença nem devoção e que é pérfido. Tu és abençoado nesta terra porque demonstras grande entusiasmo em ouvir a história Dela. Teu interesse não é fruto de pouco mérito. Devoção aos deuses com tendências é bastante comum. Mas devoção aos pés de Devi Tripura é rara.

19-20. 'O nascimento em que uma pessoa alcança a devoção a Devi Tripurasundari será seu nascimento final. A devoção a Siva, Visnu e outros é considerada o início do caminho. Após adorar gradualmente Visnu e outros, a pessoa entrará na adoração dos pés sagrados da Devi e alcançará a libertação completa. Não se pode alcançar a libertação por outro método, mesmo após miríades de Yugas.'

21-25. "Quanto a isso, explicarei o motivo para que não tenhas dúvidas. Neste mundo, um imperador terá diferentes níveis de apego para com seu povo, classificando-os em importantes, medianos e menos importantes. Essas pessoas, se satisfeitas, concederão posições mais elevadas aos seus subordinados. Ó Agastya! É assim. Se o porteiro estiver satisfeito, não haverá problema para entrar. Da mesma forma, se o responsável pelo pátio estiver satisfeito, a entrada poderá ser concedida. Portanto, que não haja dúvidas sobre o fato bem conhecido de que Brahma e outros, nascidos das tendências, são adoradores de Devi Tripurasundari. Embora na realidade não haja diferença entre Devi e os outros, do ponto de vista mundano, diferenças como importante, subordinado e assim por diante existem, assim como a importância da cabeça no corpo humano."

26-28. Ó brâmane! Tu és muito afortunado por ter devoção à Deusa Tripura, fruto de boas relações. Tuas riquezas e tuas penitências são verdadeiramente maravilhosas. Escuta. Vou te contar o motivo de tua devoção à Deusa Tripurasundari. Vou te contar como a jovem real Lopamudra, tua querida esposa, enquanto ainda estava na casa de seu pai, há muito tempo, adquiriu devoção aos pés de lótus da Deusa. Ninguém sabe disso.

29-35a. A principal Sakti de Devi Tripurasundari é conhecida como Bhagamalini. O rei estava sempre absorto em sua adoração. A pura Lopamudra, desde jovem, dedicava-se ao serviço de seu pai e foi exposta aos procedimentos de adoração da Devi. Enquanto o rei cuidava do reino, Lopamudra adorava a Devi. Assim, após um longo período de adoração devota e contemplativa, a Devi ficou satisfeita com ela e a incentivou a pedir uma dádiva. Lopamudra buscou o serviço aos pés de lótus da universalmente adorada Devi. Satisfeita com ela, a Devi a iniciou no auspicioso mantra de Sri Tripura. Lopamudra absorveu aquele conhecimento (Vidya) que era como um diamante imerso no oceano do vocabulário. Então, pela graça desse mantra, ela passou a ser conhecida como sua vidente e o mantra recebeu seu nome. Devido à sua

associação com ela como seu marido, você também é devoto de Devi Tripura.

35b-36a. “Agastya, ao ouvir falar da imensa glória de sua esposa, ficou feliz e a adorou, pois ela era devota aos pés sagrados da Devi.”

36b-38. Então Hayagriva, satisfeito com Agastya, disse: “ó Agastya! Escuta com atenção. Vou te revelar o procedimento extremamente sagrado do Sri Sukta, sobre o qual você perguntou. Isso não deve ser revelado a um não devoto, nem mesmo àquele que é devoto a outra divindade. Assim como o mantra Sri Vidya, isso deve ser guardado em segredo.”

39-41. 'Sri Sukta, com sua origem nos Vedas, possui dezesseis mantras (Rks). No passado, foi avistado por Laksmi e extraído do oceano dos Vedas. Ao adorar a Sakti Transcendental com ele, Laksmi tornou-se a Mãe universal e é universalmente adorada. Propiciada por duzentos milhões de anos [um Arbuda = cem milhões de anos], a Suprema Tripurasundari, satisfeita, concedeu uma dádiva a Laksmi.'

42-44. Laksmi pediu para ser totalmente absorvida por Devi Tripura. Então a Suprema Devi disse: “Minha filha! Sem você, Visnu não poderá proteger o mundo. Sem proteção, o mundo perecerá. Isso significaria desrespeitar as leis da Minha criação. No momento, você não será libertada. Mas Eu sempre carregarei seu nome em Meus mantras e manterei sua forma. Ouça. Eu lhe explicarei isso.”

45-48. “Serei conhecida como Srividya; minha morada será Sripura; meu diagrama místico será Sricakra; o modo de minha adoração será Srikarma; o mantra será Sri Sukta; meu mantra Srividya terá dezesseis letras; serei conhecida como Mahalaksmi, que é una com vocês. Vocês permanecerão perto de mim em quatro formas e receberão adoração. Tudo o que for precioso para vocês neste universo também será precioso para mim. Vocês serão adoradas pelos devotos de acordo com os rituais às sextas-feiras. Eu também serei adorada pelos devotos, especialmente às sextas-feiras.”

49-53. “Agradada com a adoração, adotando os mantras do Sri Sukta e as oferendas com diferentes objetos, concederei os desejos. Concederei todos os desejos àquele que banhar Meu diagrama místico (Yantra) ou Meu ídolo com leite doce e sucos de frutas. Deve-se recitar o Sri Sukta durante a adoração diária e em dias especiais, e assim por diante, enquanto se banha a Devi. Mesmo com uma única recitação, Laksmi permanecerá permanentemente em sua casa. Aquele que não for capaz de adorar, se recitar o Sri Sukta, isso equivalerá a uma adoração completa e Eu ficarei satisfeita, e ele, por meio do contato com seu mantra, obterá Minha amada Srividya.”

54. “Eu sou o mantra de quinze letras. Este atingirá a completude quando unido à sua letra-semente mais auspiciosa e se tornará o grande mantra Sodasaksari.

55-60a. “Ao recitar os mantras do Sri Sukta durante a adoração, essa adoração será grandiosa e eu me agradarei rapidamente. Estou oculta no Sukta como seu significado. Minha semente

também está oculta nele. A pedido dos videntes, minha forma completa será visível através do fogo, que é meu pai. Nenhum outro Sukta neste mundo é tão precioso quanto o seu Sri Sukta. Você é Eu e Eu sou você. Não há diferença entre nós. Qualquer um que veja uma diferença encontrará grande perigo." Devi Tripurasundari, concedendo assim a dádiva a Laksmi, desapareceu imediatamente no céu. "Ó Agastya! Narrei a você a grandeza do Sri Sukta, que não deve ser contada a não devotos, fraudadores e pessoas sem fé."

60b-62. "Em seguida, contarei a você a extraordinária lenda sobre Sripura, cuja audição livra de todos os pecados. Ó Agastya! Quando Brahma pediu à Suprema Devi que permanecesse em um lugar onde Indra e outros pudessem vê-la, a Devi que assume formas por diversão concordou."

63-65. "Então Brahma chamou o escultor divino Tvasta e ordenou-lhe que construísse Sripura para a Devi nos picos da alta montanha Meru. Assim ordenado, Visvakarma curvou-se diante de Brahma e disse: 'ó Senhor! Não tenho ideia de como seria uma cidade assim. Quais são suas dimensões? Qual é o seu projeto? De que é feita? Como está situada? Por favor, diga-me tudo isso e então eu a construirei.'"

66-70. "Então Brahma disse a Visvakarma para ouvir. 'Vou lhe contar sobre as dimensões, a localização e a forma de Sripura com muita clareza. Ouça com paciência. Há uma montanha dourada maravilhosa chamada Sumeru. Em seu topo, há uma região de quatrocentos Yojanas (um Yojana equivale a oito ou nove milhas). Você deve construir a cidade de Devi Tripurasundari de acordo com as regras arquitetônicas para o benefício do mundo, depois de me ouvir. Ela deve ser atraente e bela, com muitas muralhas representando uma réplica do universo que vou explicar.'"

Fim do quinquagésimo terceiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 54

1-6. Além de miríades de universos, encontra-se o oceano de néctar, infinitamente vasto, com marés dançantes tão altas quanto o Monte Meru. No centro desse oceano, ergue-se a atraente ilha das gemas, que, com seu brilho intenso, dissipa a escuridão e se estende por cem milhões

de yojanas. Nela, encontram-se vastas florestas de árvores Kalpaka, de beleza singular. Nessa ilha, está a cidade de Devi Tripurasundari, rica em diamantes de todos os tipos e com uma extensão de quatrocentos mil yojanas. Da mesma dimensão, ergue-se a imponente fortaleza quadrada de ferro, que ilumina todas as direções. A fortaleza possui quatro mil yojanas de largura, com muralhas, portões principais nas quatro direções e um fosso ao redor.

7-13. No interior da fortaleza de ferro, a uma distância de sete mil yojanas, encontra-se a reluzente fortaleza de bronze. Entre as fortalezas de ferro e bronze, existem centenas de árvores Kalpaka, centenas de poços, cada um com dez yojanas de largura, lagos de lótus, cada um com cem yojanas de largura, e o piso é composto por proporções iguais de ferro e bronze. Há muitas espécies de pássaros e animais; nas oito direções, existem oito casas de bronze situadas sobre plataformas em forma de lótus, e cada casa possui muitas pinturas, cinco recintos e cem yojanas de altura, sendo belíssima. Nessas oito casas, está sentado em um trono elevado Mahakala, assumindo oito formas, abraçado por Kali e servido por um grande número de servos, repleto da pompa adquirida por servir aos pés da Deusa Tripura.

14-18. No interior da fortaleza de bronze, a uma distância de sete mil yojanas, situa-se a fortaleza de cobre, brilhante como o sol nascente, com o mesmo número de portões, poços e moradias em forma de lótus. O terreno entre as fortalezas de bronze e de cobre é feito de bronze e cobre e abriga o jardim Kalpaka, onde a encantadora primavera é celebrada pelas saktis Madhu e Madhava, que veneram a Devi. A primavera resplandece ali com seus acompanhantes. As dimensões da fortaleza, dos portões e dos poços são como descritas anteriormente. Qualquer informação adicional será fornecida posteriormente.

19. "Então, bem no interior, encontra-se o forte principal com o jardim chamado Santanavana, onde existe a estação de verão associada às Saktis Sukra e Suci."

20. 'Em seguida, temos o forte de bronze com o jardim de sândalo chamado Haricandanavatika, onde brilha a estação chuvosa junto com as shaktis Nabha e Nabhasya.

21. 'Em seguida, temos o pancaloha (uma liga de cinco metais) com o jardim Mandara, onde brilha a estação outonal com suas saktis Ashvayuja Laksmi e Kartika Laksmi.

22. 'Em seguida, vem o forte de prata com o jardim Parijata, onde brilha a estação de inverno com suas saktis Saha e Sahasya.

23-28a. Em seguida, encontra-se o forte dourado, brilhando como cem sóis nascente, com o jardim Kadamba repleto da doce e inebriante fragrância do licor, com a música e a dança das abelhas, e belo com as doces vozes do grupo de papagaios. Aqui está a morada da encantadora Mantrini Devi, também conhecida como Sangitamatrka e Matangi. Oito divindades, chamadas Suka Syamala, Sarika Syamala, Hasantika, Laghu Syamala, Raja Syamala, Mantrini, Srimatrka e Srimatrkapriya, estão situadas nas oito direções, todas servidas por miríades de Matangakanyas.

28b-29a. 'Em seguida, no forte de joias de Pusparaga, situado da mesma forma que descrito anteriormente, reside o Senhor dos Siddhas, que está rodeado por siddhas e que medita na Devi transcendental.'

29b-30a. Mais adiante, encontra-se o forte rubi, que brilha em vermelho como a borda de uma chama, onde os Caranas, devotos da Deusa Tripurasundari, residem com suas consortes.

30b-33a. Na fortaleza próxima de Gomedaka, reside Kalasankarsini, acompanhada pelos Bhairavas e cercada por uma horda de Vatukas. Ela é temível, de pele escura e empunha uma espada. É sempre servida por oito crores de Bhairavas, oito Natha Bhairavas e trinta e dois crores de Vatukas. Sua magnificência reside em meditar constantemente aos pés de lótus da Deusa Mahatripurasundari.

33b-35. Em seguida, temos o forte de diamantes, cercado como uma trincheira pelo rio Vajra, cujas margens brilham com gomeda e diamantes, e cujo destino é o oceano leitoso. A deusa Vajresvari, adornada com joias de diamantes, reside nesse forte, feliz em presentear com diamantes, e é venerada por Indra e outros.

36. 'Em seguida, temos a fortaleza de joias de Vaidhurya, onde as serpentes, filhas de Diti, meditam constantemente aos pés de lótus da Deusa Tripurasundari.

37. 'Em seguida, encontra-se o Forte de Safira, onde habitam seres humanos (como o rei Mandhatr). Mais adiante, dentro dele, está o Forte de Pérola, onde residem os senhores das direções, respectivamente.'

38-40a. O próximo forte esmeralda possui um jardim de trepadeiras douradas e está repleto da fragrância da abundante bebida que goteja das palmeiras. Rodeada por essas plantas, reside a Deusa Dandini, imersa no êxtase de consumir a bebida, que aparece nos sonhos dos criminosos e os pune adequadamente.

40b-41a. 'A seguir, lá dentro, fica o forte de coral, onde vivem muitos sábios, siddhas e iogues.'

41b-42a. 'Em seguida, está a fortaleza luminosa e auspiciosa feita de nove tipos de diamantes, onde brilha Visnu acompanhado por seus servos.

42b-43a. 'Na fortaleza seguinte, extremamente resplandecente e feita de uma infinidade de diamantes, reside Siva de três olhos, acompanhado pelos servos Pramatha.'

43b-47a. Em seguida, vem a Fortaleza da Mente, vermelha como o sol nascente, onde se encontra um lago nectarino em forma de vala, que cobre um terço do espaço. Este belo poço está repleto de lótus desabrochados, rodeado por cisnes, patos, gansos-de-bico-vermelho e garças. No meio do lago, brilha um barco adornado com nove tipos de diamantes, que transporta a Deusa Tara sentada na postura de lótus. Ela, que transporta a multidão de devotos, é acompanhada por muitas Saktis sentadas em barcos cravejados de joias. Sem a permissão da Deusa Dandini, ela não leva ninguém, em momento algum, para o outro lado do lago.

47b-50a. 'Em seguida, encontra-se a fortaleza da Inteligência, que brilha pura como a lua. Ali, o lago (poço) de Ananda é belíssimo, semelhante ao poço de Amrita descrito anteriormente. Nele, acompanhada por Saktis, permanece em um barco a Deusa Amrita, que se deleita na alegria de beber licor. Sem a permissão da Deusa Amrita, ninguém pode beber do poço de Ananda nem atravessá-lo, pois é protegido por ela.'

50b-53. 'O próximo forte, que representa o ego, é azul escuro como as nuvens azuis, e o lago nele, chamado Vimarsa, contém o fluido fresco e plácido da consciência. Nesse lago, em um barco, reside a Grande Devi Kurukulla. Sem a permissão dela, ninguém pode obter sequer uma gota desse fluido. Ao beber uma gota desse fluido, a pessoa se livrará da angústia da ignorância e verá claramente a realidade (a verdade).'

54-55. Em seguida, está a fortaleza que é a personificação do Sol e se assemelha a uma massa de efulgência onde repousa o deus Sol sobre um lótus, acompanhado por doze formas de Sóis, a saber, Martandabhairava e outros, e é louvado pelos devotos por sua semelhança com o Sol.

56. 'Em seguida, vem a fortaleza da Lua, que brilha como uma miríade de luas, onde reside a Lua, o rei, espalhando seus raios ambrosíacos por toda parte.'

57-60a. Em seguida, encontra-se o belíssimo e encantador forte chamado Srngara, construído com cachos de gemas Kaustubha, onde há um fosso repleto de puro fluido amoroso. Ali, em um barco chamado Srngara, adornado com gemas Kaustubha, reside Manmatha em união com sua amada esposa Rati, e ele, que é o expoente entre os devotos de Devi Sri Tripurasundari, regozija-se sendo servido por uma miríade de cupidos amorosos.

60b-61. Mais adiante fica o grande jardim de lótus, repleto de fragrância. Entre eles, há um jardim de lótus elevado, no qual os talos, as pétalas, os filamentos e os pericarpos dos lótus são extremamente longos. Contarei a você sobre isso.

62-65. “Ó Agastya! Os talos desses lótus têm mil yojanas de comprimento e duas milhas de espessura; as pétalas têm vinte yojanas de largura e trinta yojanas de comprimento; os filamentos têm quinze yojanas de comprimento, os pericarpos têm dez yojanas de largura. Ali, as abelhas, que são como joias, assemelham-se aos picos das montanhas. Dentro deste jardim de lótus está situada a morada mais resplandecente e maravilhosa de Devi Sri Tripurasundari, feita das mais preciosas gemas Cintamani.”

66. “A habitação Cintamani tem quatro portas; possui uma bela base - seu pilar de sustentação redondo em forma de fogo incorpora os aspectos do fogo.”

67. “O suporte tem quinhentas yojanas de largura e duzentas e cinquenta yojanas de altura, onde se situa o orbe da nave do Sol com seus doze aspectos;

68. “O globo solar tem mil yojanas de largura e quinhentas yojanas de altura, e dentro dele está o delicioso vinho nectarífero espalhando sua doce fragrância;

69. “Ali, a lua, em forma de raios nectarinosos, com seus dezesseis dedos, permanece em um barco brincando com as ondas da ambrosia.”

70-71a. “Este elixir destina-se ao consumo das divindades Sakti do Sricakra e das Saktis puras da Grande Floresta de Lótus. Essas Saktis estão sempre felizes ao receberem as bênçãos da Sakti principal.”

71b-73. “Ali, no sudeste, situa-se um grande altar, com mil yojanas de largura e profundidade, e com três fossos circundados, cada um com cem yojanas de altura. Nesse altar arde o fogo da consciência, com duas mil yojanas de altura, o pai de Devi Sri Tripurasundari.”

74-76. “A oeste da casa Cintamani encontra-se uma carruagem em forma de disco com mil yojanas de largura, cravejada de diamantes de diversas cores. A bela carruagem tem quatro mil yojanas de altura e nove plataformas. É puxada pelos dez sentidos e a mente é o seu condutor. Os Vedas são as suas rodas. É ardente. Raios iogues são as suas rédeas, o vento a sua bandeira, o céu o seu dossel. É uma réplica de todo o universo.”

77-78. “No centro desse Sricakra, dentro da casa Cintamani, reside o auspicioso Senhor do Sricakra, juntamente com as Deusas dos nove recintos. No centro (Bindu), a luminosa Devi Tripurasundari, sentada no leito composto pelos cinco Brahmas (Brahma, Visnu, Siva, Isana e Sadasiva), brilha no colo de Sri Kamesvara.”

Fim do quinquagésimo quarto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 55

1-4. Ao ouvir tal descrição maravilhosa, o surpreso Visvakarma perguntou novamente a Brahma: “ó Brahma! Pergunto-te novamente porque tenho muitas dúvidas sobre o que ouvi. Tu és competente para me responder. Quem construiu esta cidade e por quê? Tu disseste que aqueles nascidos das três tendências não têm entrada nesta cidade. Além disso, descreveste a existência de serpentes e homens nesta cidade. Como isso é possível? Ó Senhor! Tem misericórdia de mim.”

5-9a. Ao ser questionado, Brahma disse a Visvakarma desta maneira: “ó Visvakarma! Contarei a

você o segredo. Há muito tempo, fomos criados pela Devi universal para criar, sustentar e destruir atividades de acordo com as três tendências: Sattva, Rajas e Tamas. Enquanto cumpríamos nossos deveres, sempre nos perturbávamos e suplicávamos à Devi. Então, o Poder Supremo Tripurasundari, imutável e encarnada como Consciência e Som, dirigiu-se a nós incorpórea: 'ó filhos! Qual é o vosso desejo?'

9b-12. Ao ouvirmos as palavras transcendentais, nós a louvamos de muitas maneiras, com as mãos postas em oração e amor, e dissemos assim: "ó Grande Devi! Tu nos envolveste em tarefas mundanas nas quais não temos interesse. Nada além de meditar em Tua forma nos agrada, assim como a água salgada agrada àqueles que provaram o néctar. Ó Devi! Não estamos interessados em nossas atividades. Portanto, tem misericórdia de nós."

13-14. A pedido de Brahma e outros, Devi Tripura disse novamente: "ó Brahma e outros deuses! No momento, seu pedido não pode ser atendido. É impossível evitar os deveres que estabeleci anteriormente. Vocês não têm a liberdade de se preocupar com isso. Se desejarem, posso atender a um pedido alternativo."

15-17a. Então, pedimos à Devi Tripura o seguinte: "ó Mãe! Se assim for, queremos que a Grande Devi assuma a forma de Sri Rajarajesvari com os três Gunas (tendências) e governe a assembleia dos universos, para que possamos servi-la diariamente, interessar-nos pelos deveres mundanos e obedecer às Suas ordens."

17b-22. Ao nos ouvir, Devi Tripurasundari disse: "que assim seja. Para o vosso bem, assumirei uma forma visível. Mas não estarei dentro dos universos. Mesmo assim, criarei outra ilha preciosa no oceano nectariano e permitirei que os senhores dos mundos me adorem lá, oferecendo oblações no altar que contém o fogo da consciência e meditando em mim como desejarem, seja como uma auspiciosa figura feminina ou como um purusa. Assumindo a forma em que meditaram, governarei a hoste dos universos. Nessa ilha, serei visível a todos os senhores dos diferentes universos, em minha forma física." Dito isso a Brahma e aos outros, a Devi desapareceu.

23-26a. Então, seguindo Suas instruções, saímos do universo e alcançamos o oceano nectarífero e, após uma longa busca, encontramos a ilha das gemas, que continha nove tipos de diamantes cujo brilho se espalhava em todas as direções. Chegando lá, construímos o altar mais auspicioso e nos preocupamos em acender o fogo mencionado pela Devi, pois não havia nem lenha nem fogo.

26b-31. Então, o Senhor Siva criou o fogo no altar a partir de seus próprios olhos. Vendo que o fogo diminuía por falta de combustível, Visnu criou o combustível a partir de sua própria mente. Então, enquanto o fogo ardia, Brahma fez de sua própria mente o animal sacrificial, de seu intelecto o ghee e de seu ego a oferenda, usando seus sentidos como recipientes nesse sacrifício para a Devi Transcendental. Depois de meditar sobre a forma feminina da Devi, enquanto Brahma oferecia as oferendas, a Suprema Devi manifestou-se no centro do altar, conforme meditado. Enquanto orávamos a Ela, a Suprema Devi emergiu do fogo em uma forma

extremamente atraente.

32-34. Então a Suprema Devi me pediu um assento. Assim ordenado, criei um assento excelente, que foi destruído por Seu toque. Novamente, criei outro assento feito de muitos materiais resistentes, e este também foi destruído. Senti vergonha ao ver todos os assentos que criei com todo o meu poder serem despedaçados em centenas de pedaços.

35. Então, imediatamente, apareceu Sadasiva, o senhor de todos. Como Ela desejava, o quarto deus, Isvara, também apareceu e ambos se curvaram diante Dela.

36-39a. A Suprema Devi ordenou que preparassem um assento. Ao ouvi-la, Sadasiva meditou rapidamente e miríades de Sadasivas e Isvaras apareceram. Então, extraindo a essência de todos eles, cinco formas extremamente belas foram geradas. Do aspecto de Sadasiva, formou-se uma auspiciosa prancha vermelho-carmesim com a forma de Sadasiva.

39b-42. Então, usando a força dos grupos das quatro divindades Isana, Rudra, Visnu e Brahma, Sadasiva preparou os quatro pés para o assento. Em seguida, preparou um assento macio, semelhante a uma pena de cisne, que se estendia sobre ele a partir da essência de toda a terra. Depois de fazer um travesseiro com os picos do Monte Meru, Sadasiva curvou-se diante da Devi e disse: “ó Mãe! O assento está pronto. Por favor, sente-se.”

43-44a. Entretanto, Brahma, Visnu e Rudra se curvaram diante de Sadasiva e disseram: “ó Senhor! Sem uma morada (abrigo), este assento será inútil. Portanto, crie um belo abrigo para ele no espaço.”

44b-48a. Concordando com eles, Sadasiva criou uma morada auspiciosa feita de gemas Cintamani e muitos diamantes belíssimos. Aquela grande casa cobria uma área de dois mil yojanas e tinha quatro portões representando os quatro Vedas. Era belíssima, com o vasto céu como teto. Considerando a grandiosidade da casa e daquele teto, Sadasiva criou um enorme jardim sagrado de lótus ao redor dela. Com todas essas características, a morada parecia brilhante e imponente.

48b-51. Naquela morada, sentada em seu trono de diamantes, estava a Grande Devi Tripurasundari, iluminando tudo ao redor. Ela foi louvada de muitas maneiras por inúmeros Brahmas, Visnus, Rudras e Isanas. Ela disse a Sadasiva: “ó Sadasiva! Meditando sobre Meus feitos, revele Minha lenda, pela qual Minha forma será conhecida no mundo.”

52-53a. Assim, guiado por Ela, quando o Senhor Sadasiva refletia sobre a Sua lenda, Brahma, Visnu, Rudra e outros lhe pediram o seguinte:

53b-57. “Ó Senhor! Pensamos que a Devi, nesta forma, não nos será útil. Aquela que é consciência, testemunha, eterna e responsável pela existência, ou não, em sua bondade, tornou-se visível na forma feminina que corresponde à nossa meditação. É contrário à etiqueta mundana que uma mulher não brilhe sem o apoio de um homem. É raro no mundo uma mulher estar sem o apoio de um homem, assim como uma trepadeira sem uma árvore. Portanto,

encontre um marido adequado para esta Devi, a protetora do universo, e realize nosso desejo."

58-62. Ouvindo aqueles que nascem das tendências, Sadasiva, após refletir por muito tempo e decidir, disse assim: "ó Trindade Divina! Ouçam-me com paciência. Esta Devi transtranscendental nada mais é do que existência e conhecimento. Existindo sozinha antes de tudo, Ela é a Consciência independente. Antes Dela não havia existência, não existência, diferenças ou não-diferenças. Ela brilhava pela grandeza de Sua natureza intrínseca. Esta roda da multidão da criação é apenas um reflexo no espelho de Sua Consciência. Se não há ninguém igual a Ela, quem pode superá-la? Portanto, quem pode ser o esposo ideal para esta Mãe única do universo?"

63-64. "Não posso fazer nada a respeito." Enquanto Sadasiva dizia isso e nós observávamos, a Suprema Devi Tripurasundari, compreendendo nosso desejo, esboçou um pequeno sorriso luminoso como uma miríade de luas cheias.

65-67. Então, um som ensurdecedor, capaz de dividir a massa de universos, foi ouvido, ensurdecendo a todos em todas as direções. Uma grande efulgência, brilhante como uma miríade de relâmpagos que engoliria todas as direções e cegaria a todos, irrompeu em chamas. Surdos e cegos por aquele som e brilho, ficamos maravilhados com o que poderia ser.

68-71a. Então, imediatamente, vimos Devi Paramesvari sentada, radiante, na coxa esquerda de um deus igualmente belo, que parecia ter sido moldado por sua própria imagem em um espelho. Ó Visvakarma! Desfrutamos de uma felicidade incomparável por termos alcançado nosso desejo. O casal, transbordando de alegria no abraço mútuo, superava-se em beleza e encanto.

71b-72. Então a Suprema Devi nos disse: "ó Deuses! Seu desejo foi realizado. Para isso, apareci em duas formas. Digam-nos por qual nome nós dois nos tornaremos famosos."

73-75. Ao ouvir isso, Sadasiva, que nos via em nossa ignorância, curvou-se diante dela e disse: "ó Devi! Porque Tu satisfizeste nossos desejos (Kama), Tu serás Kamesvari e o senhor será Kamesvara. Porque Tu és a nossa governista, a rainha dos reis, Tu serás Rajarajesvari e o senhor será Rajarajesvara. Tu serás Tripurasundari e Ele será Tripurasundara."

76-77. Então nós, Brahma e outros, oramos à Suprema Devi e, vendo-a sozinha, pedimos-lhe: "ó Mãe! Deverias ter uma comitiva. Não nos agrada muito vê-la sozinha."

78-80a. Assim, a nosso pedido, Ela, em pouco tempo, criou outro Poder Supremo à Sua imagem e semelhança, a quem deu o nome de MahaTripurasundari, e pediu-lhe que criasse um Sakti-Cakra adequado e uma comitiva à Sua imagem, que satisfizesse os desejos de todos.

80b-81a. Concordando com isso, Mahatripurasundari criou um maravilhoso Sakti-cakra com muitos recintos para a Grande Devi.

81b-82a. Entretanto, a Grande Devi assumiu dezesseis formas e se destacou separadamente como a décima sétima.

82b-83. Nesse meio tempo, até mesmo Devi Mahatripurasundari criou nove Saktis e disse a elas: “criem individualmente Saktis atraentes que correspondam às suas formas.”

84-85. Instruídas por Mahatripurasundari, as nove Saktis criaram individualmente muitas Saktis. Então, Mahatripurasundari rapidamente criou para elas moradas que representavam o universo e foi servida por elas.

Fim do quinquagésimo quinto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 56

1-5a. Ao ouvir esse relato maravilhoso, o arquiteto divino Visvakarma, ansioso por ouvir novamente, perguntou: “ó Senhor! Quantas Saktis Devi Tripuramba criou? Qual é a sua forma e função? Qual é a sua morada? Quantas Saktis Mahatripurasundari criou e qual é a sua forma? Como e onde fica a morada dessas Saktis, que dizem ser uma réplica do universo criado por Devi Tripuramba? Estou interessado em ouvir. Por favor, narre-me tudo isso.”

5b-8a. Assim, indagado por Visvakarma, o satisfeito Brahma disse: “ó Visvakarma! Escuta com paciência este grande segredo. Para começar, Devi Tripura criou Mahatripurasundari, que por sua vez criou nove Saktis e ordenou que elas criassem uma multidão de Saktis. Elas perguntaram a Mahatripurasundari: “como criamos as outras Saktis mencionadas por Ti?”

8b-12a. Ao ouvi-las, Devi Mahatripurasundari disse novamente: “você cria por seu próprio poder. Não demore.” Dizendo isso, Ela criou dez Saktis de tez vermelha. Essas Saktis empunhavam um laço, um lótus e um aguilhão, e seus cabelos eram adornados com o raio da lua. São elas: Anima, Laghima, Mahima, Isitvika, Vasitva, Prakamya, Bhukti, Icca, Prapti e Sarvakamasiddhi.

12b-14a. Então as nove Saktis perguntaram à sua Mãe: “dê-nos nomes. Mais tarde, criaremos Saktis”. Ouvindo-as, Mahatripurasundari disse: “como vocês nasceram da yogasakti, serão chamadas de Yoginis”.

14b-15a. Então Mahatripurasundari curvou-se e pediu a Sri Tripuresi: “ó Mãe! Por favor, providencie rapidamente um lugar para essas Saktis.”

15b-20a. Assim, atendendo ao pedido, a Suprema Devi criou um lugar auspicioso. Possui uma plataforma quadrada com duas yojanas de altura e duzentas yojanas de largura. Nela, nas quatro direções, após um espaço livre de quatro yojanas, encontram-se quatro belos portões. Conectado a eles, em seu interior, há um belo espaço com vinte yojanas de largura e seis yojanas de comprimento, contendo outra plataforma quadrada com duas yojanas de altura. Mais adiante, encontra-se a terceira plataforma com duas yojanas de largura e uma yojana de altura. Assim, existem três plataformas.

20b. Mais adentro, nestes espaços, existe uma área de dezesseis yojanas de largura por uma yojana de altura, com a forma de dezesseis pétalas.

21. Mais adiante, num espaço de vinte yojanas de largura, existe um belo espaço de oito pétalas, com uma yojana de altura.

22-23. Mais adiante, há um terreno de doze yojanas de largura com quatorze triângulos de uma yojana de altura. Em seguida, dentro de um espaço de doze yojanas, encontra-se a plataforma de dez triângulos com uma yojana de altura. Mais adiante, em um terreno de onze yojanas, há outra plataforma de dez triângulos com uma yojana de altura, tão brilhante quanto os dez triângulos anteriores.

24. Mais adiante, em uma área de dez yojanas, encontra-se a bela plataforma octogonal de uma yojana de altura.

25-26. Mais adentro, encontra-se uma plataforma triangular com seis yojanas de largura e uma yojana de altura. Acima desta, está o terreno circular com uma yojana de altura e uma yojana de largura. Criando, assim, o espaço para todas as Saktis, a Suprema Devi permanece no espaço circular.

27-34. Ela está sentada, radiante, no colo de Kamesvara, no trono composto por cinco Brahmas (Brahma, Visnu, Rudra, Isana e Sadasiva). As dezesseis Saktis, criadas a partir de Seu próprio corpo, estão dispostas em série ao redor da terra triangular abaixo do bindu. Essas Saktis, que representam os dígitos da lua, são as divindades regentes dos dias de uma quinzena e são chamadas de Nityas. Mencionarei seus nomes para você. A primeira é Kamesvari, a segunda Bhagamalini; depois Nityaklinna, Bherunda, Vahnivasini, Mahavidyesvari (Mahavajresvari, segundo Lalitopakhyana), Sivaduti, Tvarita, Kulasundari, Nitya, Nilapataka, Vijaya, Sarvamangala, Jvalamala e Citra. Elas estão localizadas nos lados esquerdo, direito e posterior do triângulo, em grupos de cinco em cada lado. A Suprema Devi Rajarajesvari é Ela mesma a décima sétima Nitya. A décima sexta, Mahanitya, que foi a primeira a nascer, alcançou a união com a décima sétima em virtude de sua penitência e poderes. Mahatripurasundari, que veio primeiro, foi absorvida pelo bindu e lá se estabeleceu.

35-38. As nove saktis criadas por Ela anteriormente são nomeadas individualmente como Prakata, Gupta, Guptatara, Sampradaya, Kulottirna, Nigarbha, Rahasya, Atirahasya e Parapararahasya yoginis. Elas estão localizadas individualmente nos recintos quadrados, de

dezesseis pétalas, oito pétalas, quatorze triangulares, dois dez triangulares, oito triangulares, triangulares simples e bindu de Sricakra. As nove saktis criadas por Ela anteriormente são nomeadas individualmente como Prakata, Gupta, Guptatara, Sampradaya, Kulottirna, Nigarbha, Rahasya, Atirahasya e Parapararahasya yoginis. Elas estão localizadas individualmente nos recintos quadrado, de dezesseis pétalas, de oito pétalas, de quatorze triângulos, de dois triângulos de dez triângulos, de oito triângulos, de um triângulo e bindu de Sricakra. As nove saktis criadas por Ela anteriormente são individualmente denominadas como Prakata, Gupta, Guptatara, Sampradaya, KulottIrna, Nigarbha, Rahasya, Atirahasya e Parapararahasya yoginis. Elas estão localizadas individualmente nos recintos quadrado, de dezesseis pétalas, de oito pétalas, de quatorze triângulos, de dois triângulos de dez triângulos, de oito triângulos, de um triângulo e bindu de Sricakra.

39. Então a yogini de nome Prakata localizou as dez Saktis criadas por ela no quadrado mais baixo.

40-41. Novamente, ela criou oito Saktis Brahmi e outras que representam os grupos de alfabetos e as colocou na segunda plataforma do recinto quadrado. Em seguida, a Prakata nitya criou mais dez Saktis (conhecidas como divindades Mudra) e as colocou na terceira plataforma do recinto quadrado.

42-44. Então, a Nitya chamada Gupta, ao ver o recinto de dezesseis pétalas, criou dezesseis Saktis. Em seguida, as Nityas chamadas Guptatara, Sartipradya, Kulottirna e Nigarbha criaram separadamente Saktis maravilhosas correspondentes aos seus respectivos recintos. A Nitya Rahasya criou sete Saktis e o Nitya Atirahasya criou uma Sakti.

45. Anima e outras Saktis também criaram separadamente, a partir de seu poder, centenas de Saktis idênticas a elas em forma, vestimenta e armas.

46-47a. Mahatripurasundari, a controladora do bindu, foi solicitada pela Deusa Primordial Rajarajesvari a dar nomes às Saktis. De acordo com a função de cada uma, Mahatripurasundari deu-lhes nomes individualmente.

47b-52. As dez Saktis da terceira plataforma no recinto quadrado são as personificações dos Mudras (selos ou cadeados) concebidos com esse conhecimento. São assim denominadas porque trazem felicidade à Devi. Ao gerar felicidade nos seres, provocam agitação, repulsão, atração, controle, paixão, sementes, brotos, movimento no espaço, trissecção e consciência genética. Esses poderosos Mudras são conhecidos como Samksobhini, Vidravini, Akarsini, Vasankari, Unmadini, Mahankusa, Trikhanda, Khecari, Bija e Yoni e estão situadas nas direções e ângulos da terceira plataforma do recinto quadrado de Sricakra.

53-54. Na segunda plataforma, entre as três no recinto quadrado, residem as divindades Brahmi, Mahesvari, Kaumari, Vaisnavi, Varahi, Mahendri, Camunda e Mahalaksmi, que são semelhantes a Brahma e outras em sua forma, armas, ornamentos e vestimentas.

55. As Mudra Saktis têm tez avermelhada e empunham o laço, o mudra e o aguilhão. O aguilhão é vermelho e todas usam ornamentos feitos de rubis.

56-61. Então, as Saktis criadas pelos Guptayogins, que satisfazem os desejos dos devotos, começando por Kamakarsin, são: Budhyakarsin, Ahankarakarsini, Sabdakarsini, Sparsakarsini, Rupakarsini, Rasakarsini, Gandhakarsini, Cittakarsini, Dhairyakarsim, Smrtyakarsini, Namakarsini, Bijakarsini, Atmakarsini, Amrtakarsini e Sarirakarsini. Elas habitam o recinto de dezesseis pétalas, começando pela da frente, no sentido anti-horário. São de cor branca, vestem roupas brancas e são delicadas, empunhando o laço, o pote de néctar, o aguilhão e o sinal da bênção.

62-64. As Saktis Anangakusuma, Anangamekhala, Anangamadana, Anangamadanatura, Anangarekha, Anangavegini, Anangankusa e Anangamalini, criadas pelas yoginis Guptatara, residem no recinto de oito pétalas nas direções leste, sul, oeste, norte, sudeste, sudoeste, noroeste e nordeste, respectivamente. Elas vestem túnicas vermelhas e empunham o laço, o lírio azul, o recipiente de licor e o aguilhão em suas mãos.

65-68a. As Saktis Samksobhini, Vidravini, Akarsini, Ahladini, Sammohini, Stambhini, Jrmbhini, Vasankari, Ranjini, Unmadini, Arthasadhini, Sampattipurani, Mantramayi e Dvandvaksayhkari, criados pela Sampradaya Yogini estão situados no recinto de quatorze triângulos no sentido anti-horário a partir do triângulo frontal. Vestidas de vermelho empunham o laço, o pote de néctar, o espelho e o aguilhão nas quatro mãos.

68b-72a. As Saktis Siddhiprada, Sampatprada, Priyankari, Mangalakarini, Kamaprada, Duhkhavimocini, Mrtyuprasamani, Vighnanivarini, Sarvangasundari e Saubhagyadayini residem nos dez triângulos (externos) da mesma forma descrita anteriormente. Elas empunham o laço, a caixa de joias e o aguilhão em suas quatro mãos e vestem roupas de seda pura e joias. Essas Saktis são chamadas Kulottirnas e exibem um charme juvenil.

72b-75a. As Saktis Sarvajna, Sarvasakti, Aisvaryaprada, Jnanamayi, Vyadhivinasini, Adharasvarupa, Papahara, Anandamayi, Raksasvarupini e Ipsitaprada residem nos dez triângulos (internos) da mesma forma que foi dito anteriormente. Elas vestem túnicas vermelhas e empunham o laço, o símbolo da dádiva, o símbolo do conhecimento e o cinzel em suas mãos. Essas Saktis jovens e radiantes são conhecidas como Nigarbhas.

75b-77. As Saktis Vasini, Modini, Vimala, Aruna, Jayini, Sarvesvari e Kaulini, criadas por Rahasya Yogini, estão situadas nos oito triângulos, como mencionado anteriormente. Elas têm tez vermelha e adornam-se com ornamentos vermelhos.

78. A única Sakti criada por Atirahasya Yogini permanece no triângulo sul. Dessa forma, as Saktis foram criadas pelas Saktis primárias no Sricakra.

Fim do quinquagésimo sexto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 57

1-3a. Ao ouvir Brahma, Visvakarma perguntou novamente com devoção: “ó Brahma! Ouvi falar de você sobre o grupo de Saktis no Sricakra. Diga-me como elas receberam seus nomes. Como é possível que não haja congregação de Saktis no recinto de oito triângulos e no triângulo único? Com quem a décima sexta Mahanitya se fundiu? Por favor, esclareça-me isso.”

3b-5. Brahma, satisfeito com a pergunta de Visvakarma, respondeu: “ó Visvakarma! Escuta o segredo supremo que permanece oculto. Devi Tripuresvari criou dezesseis Nityas. Mahatripurasundari criou outras Saktis e as nomeou individualmente de acordo com suas ações.

6-11a. Este universo, em movimento e imóvel, é o passatempo da Suprema Grande Devi Tripura. Manifestando-se parcialmente em Brahma, Visnu e Siva, Ela administra as atividades deste mundo dinâmico. Ela, a Mãe, que é simplesmente Consciência e a essência única e indivisível do universo, torna-se múltipla em virtude de Sua liberdade. Assim como o Sol, a joia do céu, que é uma única massa de mil raios, aparece de diversas formas, ou como o mar único se apresenta como ondas, marés e espuma, ou como um único espelho mostra milhares de imagens, Ela, a Transcendental, aparece diferenciada e única.

11b-12. Anima e outras Saktis são manifestações parciais da Devi Tripura, que assume uma forma física em virtude de sua liberdade. Os nomes das diferentes Saktis são definidos de acordo com suas ações.

13. Assim, as Saktis, iludidas pela Grande Devi, começaram a competir entre si, independentemente da posição social.

14-16. Ao ver a vergonhosa disputa entre as Saktis, Mahatripurasundari, guiada pela Grande Devi, disse: “ó Saktis! Agora, ouçam-me todas. Não há lugar na presença da Devi para aqueles que sentem inveja e raiva. Vocês devem conquistar seu status através do poder da penitência. Não há outro meio.” Dito isso, Ela mesma começou a realizar uma penitência extraordinária.

17. Ao verem Mahatripurasundari absorta em penitência, todas as outras Saktis também fizeram penitência com mentes controladas.

18. Um longo período se passou enquanto as Saktis se dedicavam à penitência. Então, a

Grande Devi, satisfeita, dirigiu-se a elas.

19-23a. "Ó, minhas filhas! Estou satisfeita com a vossa penitência. Vou atribuir-vos o lugar que merecem." Dito isto, a Grande Devi nomeou Mahatripurasundari como responsável por todo o Sricakra. Então, as Nityas foram dispostas no triângulo, cinco de cada lado. Embora a décima sexta Nitya tenha recebido um lugar de destaque na frente, ela considerou isso inadequado e iniciou novamente uma grande e árdua penitência. Da mesma forma, Kamesvari e Bhagamalini, também considerando suas atribuições insuficientes, começaram a realizar uma grande penitência.

23b-26. Quando todas as Saktis estavam em penitência, Devi Rajarajesvari, ao se ver sozinha, sentiu que aquilo não estava certo. Percebendo sua intenção, Mahatripurasundari desalojou dez Saktis de seus membros e armas. As Saktis assim criadas pediram a Mahatripurasundari um lugar para ficar. Ela disse-lhes para encontrarem um lugar através da penitência. Assim aconselhadas, as Saktis realizaram penitência junto com as Saktis anteriores.

27-29a. Ao se ver sozinha novamente, Ela lançou Seu olhar ao redor, e quatro Saktis foram criadas. Elas eram douradas, seguravam um lótus e estavam vestidas e adornadas com joias brancas. Vendo todo o grupo de Saktis em penitência, elas também decidiram, ó Visvakarma!, juntar-se a elas.

29b-35. Novamente, ao verem ao redor, outras quatro Saktis surgiram empunhando o laço, símbolo de proteção, símbolo de bênção e aguilhão, todas de cor vermelha e ornamentadas, e, ao verem suas predecessoras, iniciaram a penitência. Mais quatro Saktis foram criadas, empunhando o laço, o livro, o rosário e o aguilhão, todas de cor vermelha e ornamentadas. Outras quatro foram criadas, de cor cristalina, empunhando o laço, símbolo de proteção, símbolo de bênção e aguilhão, e também iniciaram a penitência. Mais quatro Saktis, de cor vermelha e ornamentadas, foram criadas. A Devi Tripura observou todas elas em penitência. Vendo a penitência madura da décima sexta Nitya, a Devi Tripuresvari pediu-lhe que solicitasse uma bênção, e ela pediu a fusão com a Devi Tripuresvari, visto que todos os outros estados são efêmeros. Assim, a décima sexta Nitya uniu-se à Devi Transcendental.

36-38. Ao longo de quatro Saktis nascidas em cinco grupos de Seu corpo, Ela mesma se juntou a cada grupo como a quinta e permaneceu feliz. Por isso, elas receberam o nome de Panca-pancakas. No primeiro grupo, Ela é chamada de Ratnesvari, no seguinte, Kamadhuk, depois Kalpalatesi, depois Kosesvari e finalmente Laksmisvari.

39-40a. Para cada um dos grupos Ratna, Kamadugha, Kalpalata, Kosa e Laksmi, Devi deu milhares de Saktis subordinadas. Ó Visvakarma! Entenda isso.

40b-41. Essas vinte e cinco mil atendentes servem separadamente a seus senhores. Cinco mil delas pertencem à Devi primordial.

42-44a. Siddhalaksmi, Rajamatangini, Bhuvanesani e Varahi são as Ratnesvaris.

Sudhapithesvari, Sudhasuh, Amrtesani e Annaprapurini são as Kamadughas.

44b-45. Pancakama, Parijatesvari, Kumari e Pancabanesvari são as Kalpalatas.

46-47. Paranjyotih, Niskalasambhavi, Ajapa e Matrka são as Kosesvaris. Laksmi, Mahalaksmi, Samrajyalaksmi e Ramā são as Laksmisvaris. Estas são as Deusas pancaka.

48. Assim, a Devi, satisfeita com a penitência das divindades Pancaka, deu-lhes um lugar ordenado perto do Binducakra.

49. A Deusa concedeu imensa riqueza a Matangi e Varahi, que realizaram penitência especial na direção nordeste.

50. Matangi foi nomeada ministra para cuidar da administração dos mundos. Varahi foi nomeada chefe do exército para punir os ímpios.

51. Após algum tempo, a Devi Tripura, satisfeita com os serviços prestados por essas duas divindades, concedeu-lhes lugar, respectivamente, no forte dourado e no forte esmeralda.

52-53. Da mesma forma, especialmente satisfeita com a penitência de Kamesvari, Vajresi e Bhagamalini, a Devi concedeu-lhes um lugar na frente e em ambos os lados da parte de trás do triângulo e as chamou de Deidades Samaya, que controlam o conceito de tempo.

54-55. A Sakti criada pela Rahasyatara Yogini obteve um lugar e poder em virtude de sua grande penitência na fortaleza de diamantes e permaneceu no local junto ao rio Vajra, sendo responsável pelos diamantes, e recebeu o nome de Vajresvari.

56-58a. As divindades Kamesvari, Vajresvari e Bhagamalini, devido à sua grande penitência, obtiveram posições nos três ângulos do triângulo. Kamesvari, por meio de sua penitência, garantiu o segundo lugar no recinto octogonal. As outras Saktis também foram posicionadas em locais adequados por Mahatripurasundari.

58b-62a. Após dividir e localizar as Saktis nos nove cakras, Mahatripurasundari assumiu nove formas, cada uma presidindo um cakra. As nove formas são: Tripura, Tripuresi, Tripurasundari, Tripuravasini, Tripurasrih, Tripuramalini, Tripurasiddha, Tripurambika e a nona, Mahatripurasundari. Essas nove Saktis estão situadas em frente aos seus respectivos recintos, todas voltadas para a Devi Rajarajesvari.

62b-64. Então Brahma e os outros viram o Sricakra cercado pelo grupo de Saktis e, achando que não era apropriado, pediram a Kamesa: “ó Senhor Kamesa! Por favor, crie, com seu poder, seu séquito, pois somente Saktis causarão um desequilíbrio.”

65-68. Então Kamesvara, com Seu poder e o poder de Kamesvari, criou quatro formas chamadas Mitresa, Sasthisa, Uddisa e Caryanatha, empunhando o livro, símbolo de proteção, símbolo de bênção e símbolo de conhecimento em suas mãos; de cor cristalina; vestidas com roupas brancas; com três olhos, sentados em postura de lótus junto com suas consortes de cor

vermelha e com rostos e aparência agradáveis. Fazendo-os pregadores dos Sakti-Mantras, Kamesvara pediu-lhes que criassem outros mestres da Srividya.

69-70. Então Mitresa criou os Divyas, Sasthisa criou os Siddhas; Uddisa criou os Manavas com sete, quatro e oito membros em cada grupo, respectivamente. O quarto, Caryanatha, criou nove Nathas radiantes, que são os mestres de todo o conhecimento e as personificações do tempo.

71-74. O grupo de Gurus assim criado realizou penitência e garantiu lugares atrás do local de Tvarita Nitya. Ali, em três fileiras diferentes, estavam localizadas as moradas dos Gurus Divya, Siddha e Manava. Uma pessoa que propicia a Grande Devi Tripura através do purnabhiseka, de acordo com o procedimento ordenado, garantirá um lugar na morada acima mencionada. Mais tarde, instruída pelos Gurus, ela alcançará a morada suprema da Devi. Assim, narrei a você o grande e supremo segredo sobre o qual você me perguntou.

Fim do quinquagésimo sétimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 58

1-6a. Então, Visvakarma, com devoção, perguntou novamente a Brahma: “ó Brahma! Quero perguntar por que o grupo de Gurus não era composto por um número igual de pessoas. Quais são os seus nomes? Fale-me sobre o altar de fogo. Como surgiu ali o fogo da Consciência? Por que o Senhor pensou em Parasakti na forma feminina naquele altar? Nunca me sinto satisfeito, mesmo depois de ouvir repetidamente a maravilhosa lenda. Que ser, além de um pilar infeliz, se satisfaria bebendo continuamente o néctar da lenda da Devi que é o nosso próprio Ser? Ó Senhor! Por favor, diga-me se posso ouvi-la”.

6b-10a. Ao ouvir Visvakarma, Brahma ficou satisfeito e disse: “ó Visvakarma! Escuta atentamente a antiga lenda purificadora que foi mantida em segredo. Satisfeito contigo, eu a narrarei. Mitresa e outros Gurus criados por Rajarajesvara são os mestres da fala e do mantra, e todos eles representam o conhecimento puro. Devi ParasaktI aparece em quatro formas de som: Pasyanti, Madhyama, Vaikhari e Para. Eu a narrarei.”

10b-15a. “O Poder chamado Tripura é Pura Consciência. Está além da fala, dos sentidos e da mente. Ela, a Paramesvari, existe como Atma em tudo. Ela está além dos códigos de conduta,

livre de conduta e do condutor. Ela é simplesmente Pura Consciência que sustenta tudo e está além da fala. Ela é apenas a alma e a consciência. Em virtude de Sua liberdade, Ela é chamada de Maya (ilusão). Sua glória que abrange tudo está além da lógica e do questionamento. O ser é iludido de muitas maneiras por Ela, que é a alma pura. Diz-se que a criação é a brincadeira da Devi."

15b-20a. Essa modificação ou incerteza é a forma sonora que se manifesta de quatro maneiras: grosseira, intermediária, sutil e causal. Aqui, o som grosseiro (audível) é denominado Vaikhari. Nesses casos, o estado implícito que precede o som articulado é indistinto, e o distinto são os alfabetos. Mesmo o som articulado, que existe em toda parte, é de dois tipos: comum e sobrenatural. Os sons sobrenaturais são os sete estados sutis do Nadabrahma. São as notas Sadja, Rsabha, Gandhara, Madhyama, Pancama, Dhaivata e Nisada, geradas nas cordas vocais e na garganta. As melodias são contadas em quatro, cinco, três e dezesseis. Além disso, são incontáveis devido às suas diversas ramificações.

20b-21a. Todos esses são os estados divinos com sete Divyaugha Gurus criados por Mitresa.

21b-22. Os quatro grupos de conhecimento incomum, apoiados pelo grupo dos quatro siddhas, foram criados por Sastisa.

23. Os sons comuns, na forma de alfabetos, estão divididos em oito grupos, dos quais dependem os Manavaughas, que são oito em número.

24. Os três grupos somam dezenove. Os oito Manavaughas são criados por Udisa.

25-28a. O som tem a forma de um tempo limitado a três instantes silábicos. Consiste em um grupo de consoantes inarticuladas e oito grupos articulados. Os Navanathas, criados por Caryanatha, determinam os intervalos de tempo e ocupam o quarto estado. São denominados Prakasa, Vimarsa, Ananda, Jnana, Satya, Purna, Svabhava, Pratibha e Subhaga. Esses nove são os senhores dos Oghas.

28b-31a. Devido à variedade de conhecimento (Mantra), os Oghas são de quatro tipos. Devido à mistura (sobreposição), esses Gurus são conhecidos como Misras. Há um quinto Ogha (grupo) que prega o conhecimento sobre os Gurus. Eles são doze, onze e nove em número, situados fora do cakra. São Divyas, Kumara e outros como Siddhas. Nrsimha e outros são Manavas.

31b-32. Agora explicarei em detalhes como Agni é a Consciência. Mahadeva Mahesvara, o terceiro entre os deuses com tendências destrutivas, é a personificação da bondade e da iluminação interior.

33-34a. No centro do corpo humano existem três caminhos puros. São eles: Pingala, Ida e Susumna, à direita, à esquerda e ao centro, respectivamente. Entre eles, os caminhos do desejo e da ação estão nas laterais, e o caminho do conhecimento está no centro, como dizem os sábios e cultos.

35. A Consciência vibrante, cujo movimento ascendente é obstruído em ambos os lados, cria forças de desejo e ação, e é por isso que os seres humanos são considerados conscientes.

36. Devido à obstrução (ao fluxo ascendente da Consciência), os seres humanos se envolvem em ação e desejo. Diz-se que são conscientes porque a Consciência que sustenta sua ação flui para cima.

37-38a. Nos animais, como o crescimento lateral impede o desenvolvimento da consciência, eles desconhecem eventos passados e futuros. Portanto, todos os animais são equivalentes a coisas inertes.

38b. Sendo assim, o deus de três olhos Mahadeva supera todos os intelectuais.

40-41. Mas, no interior do Senhor Mahadeva, devido à Consciência excessiva, o nervo central permanece intacto na região da testa. Como não há ignorância em Mahadeva, a consciência situada em Seu terceiro olho é conhecida como Cidagni (fogo da consciência).

42-44. “Ó Visvakarma! Escute. Agora vou lhe dizer por que Brahma meditou em uma forma feminina. A felicidade neste mundo nada mais é do que a consciência do ser. Portanto, mesmo entre os animais, o amor pela felicidade é comum. É bastante claro que a beleza é a causa da felicidade. Porque uma mulher é bela, todos neste mundo a veem como a fonte da felicidade.”

45-46a. "Vou lhe dizer mais uma coisa. Aquela que é a Consciência Suprema Transcendental, por Sua independência, trouxe à luz este Universo de Sua glória Essencial, e tudo acontece sistematicamente por Seu poder e regulação Essenciais."

46b-48. "O ser humano, movido pelo ego, pensa em vão que é o agente da transformação. Se assim for, diga-me, por que esperaria algo dos outros? E por que enfrentaria resultados contrários? Portanto, toda a criação é a glória Dela, e a meditação sobre Ela em sua forma feminina foi inspirada unicamente por Sua vontade."

49-51a. “Todo o universo multifacetado está sujeito à Sua vontade. Uma Imperatriz tão grandiosa residia na casa de Cintamani, dentro da grande floresta de lótus. Pensando que aquilo não era adequado para Ela, Sadasiva, com a Sua permissão, criou o Sripura (Sricakra), como descrito anteriormente.”

51b-55. “Os deuses, demônios e seres humanos do universo que adoraram Devi Tripura estabeleceram residência em Sricakra e lá permanecem separadamente em seus respectivos lugares. Indra, Brahma e outros também residem em suas respectivas fortalezas em Sricakra. Após completarem seu período estipulado, eles se fundirão com o Absoluto, que não é compreensível nem por palavras nem pela mente. Brahma, Indra, a Lua e outros que surgirem nesse meio tempo também se fundirão e existirão para sempre.”

56-59a. “Atualmente, Brahma reside ali com sessenta mil outras pessoas de diferentes universos. Além disso, seiscentos e sessenta e três mil outras pessoas fundidas também

residem ali. Assim, narrei completamente a extensão de Sripura. Agora, construa em Meru um Sripura semelhante, onde a Imperatriz Tripuramba residirá e poderemos vê-la diariamente, ela que é uma fonte de alegria para os olhos."

59b-60. Ao ouvir a narração de Brahma, Visvakarma, tomado de alegria e admiração, decidiu construir o Sripura de Devi no pico do Monte Meru, levando em consideração a descrição feita por Brahma.

Fim do quinquagésimo oitavo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 59

1-4. Ao ouvir a agradável narração de Hayagriva, o sábio Agastya, ávido por ouvir a história de Devi, perguntou novamente: "ó Senhor Hayagriva! O que fez Bhandasura, que veio para arruinar a penitência dos deuses, depois de retornar desapontado a Sunyanagara ao ver os deuses cercados pelo fogo? Por favor, conte-me isso em detalhes. Ouvindo sua narração sobre Devi Lalita, meu desejo de ouvir só aumenta."

5-8. Assim, quando Agastya perguntou, o sábio Hayagriva disse: "ó Agastya! Ouça a mais maravilhosa e encantadora história. Depois que Bhandasura retornou a Sunyakapura, o divino sábio Narada pousou lá vindo do céu como uma nuvem de outono. Bhandasura viu o divino sábio tocando sua sagrada Vallaki e descendo do céu como uma nuvem branca. Imediatamente, Bhandasura se levantou, trouxe o sábio e o adorou devidamente, e com as mãos postas em prece disse:

9. Ó Sábio Divino! Seja bem-vindo. Realmente, faz muito tempo que não me visita. É difícil receber sua graça. Portanto, tenha misericórdia de mim, que sou seu discípulo.

10-14. "Conte-me sobre os deuses, que espero estarem diminuindo a cada dia. Geralmente, os brâmanes são covardes. Até mesmo meu guru, desconhecendo minha força capaz de amedrontar deuses e demônios, foi tomado pelo medo. Informado de que os deuses estavam apaziguando Parasakti, que, se satisfeito, certamente me derrotaria, e que eu deveria profanar seu culto, fui até lá para destruí-los. Vendo os deuses, juntamente com Indra, cercados pelo fogo, retornei feliz à minha morada. Quero indagar sobre isso. Como os deuses foram pegos

pelo incêndio e queimados? Algum deles escapou? Ó, o melhor dos sábios! Por favor, conte-me sobre isso."

15-17. O sábio divino, ao ser questionado, disse rindo ao senhor dos demônios: "ó senhor dos demônios! Nunca tive inveja de vocês. Nós, que somos fiéis à verdade, jamais proferimos uma mentira. Embora você seja instruído, fala como um ignorante. Vendo-o feliz quando deveria estar triste, sinto que esse seu estado de espírito se deve, na verdade, ao azar."

18-20. "Seus inimigos estão prosperando sob a proteção da Grande Devi. Agradecida por Indra e outros, Ela se manifestou como Lalitaparamesvari a partir do altar da Consciência para matá-los. Ela é a controladora do universo. Sua forma é resplandecente e Seu poder é assombroso. Acompanhada por uma hoste de saktis, Ela empunha todos os tipos de armas. Ela chegará aqui para matá-los. Por que vocês estão se regozijando como tolos?"

21-24. Ao ouvir Narada, o senhor dos demônios riu sarcasticamente e disse: "ó sábio! Eu já lhe disse que os brâmanes são covardes por natureza. Você desconhece que eu aterrorizo até a morte. Visnu, o mais forte entre os deuses, foi derrotado por mim em guerra. Eu sou o senhor de cento e cinco universos. Sou o criador de uma horda de deuses, demônios, universos, mísseis e armas. Brahma, Visnu e todos os outros estão sob meu controle. Por que você tem medo de uma mulher? As mulheres são fracas por natureza."

25-26. Naquela época, as esposas de Bhandasura, Sammohini e outras, trouxeram o sábio divino para seus aposentos internos por meio de assistentes. Após venerarem o leão entre os sábios com oferendas como assento, lavagem dos pés e das mãos e oferendas de comida, elas lhe disseram com devoção:

27-31a. Gurus, temos notícias terríveis. Entendemos que Devi Lalitaparamesvari, adorada pelos deuses, se manifestou para protegê-los e matar nosso marido. Portanto, por favor, aconselhe o rei demônio para que ele escape do perigo. Afogadas no mar da tristeza, nos entregamos a você. Por favor, salve-nos, a nós que somos suas servas, do oceano de angústia." Dito isso, as esposas do demônio Bhandasura tocaram os pés do sábio e choraram.

31b-35. Ao ver suas lágrimas, Narada, tomado de compaixão, chamou o rei demônio até lá e disse: "ó Senhor dos Demônios! Ouça minhas palavras ambrosíacas. Não faça suas esposas sofrerem e não destrua seus parentes. Neste mundo, é extremamente raro encontrar alguém que dê conselhos afetuosos. Quem fala docemente sem considerar o perigo iminente é um inimigo disfarçado de amigo. Aquele que analisa inteligentemente o perigo que se aproxima e fala com firmeza, como um remédio, deve ser considerado um amigo."

36-37. "O conselho de Sukracarya, seu guru, que analisa detalhadamente e com muita ousadia o bem-estar de seu discípulo, é como um remédio insalubre para o doente. Sem descartar as palavras do guru, você deve desfrutar da máxima prosperidade. Para isso, ó Senhor dos Demônios! Ouça meu conselho."

38-40. “Você pensa que é o mais poderoso entre os outros. Mesmo assim, escute. Kaitabha, a coroa entre os demônios, por cuja gordura esta Terra, a portadora do mundo, foi formada, e cuja bravura era excepcional, foi morto na guerra por Visnu. Pela Suprema Mulher, que você considera impotente, grandes e poderosos demônios como Sumbha, Nisumbha e Mahisa, que comandavam um poderoso batalhão, foram mortos.”

41-44. “Basta de sua arrogância, que é uma inimiga que destrói a si mesmo. Você não se lembra da sua derrota para Gauri no passado? Devi Lalitaparamesvari supera Gauri e outras. Ela é servida por miríades de Gauris e outras Saktis. As galáxias do Universo não se comparam nem mesmo à unha do Seu pé. Até mesmo o Senhor Mahadeva, por cujas bênçãos você se considera supremamente poderoso, nasceu de uma porção da perna do Seu trono. Portanto, abandone sua determinação que destrói a si mesmo e seus bens.”

45-48. “Olhe para suas queridas e devotadas esposas que choram desesperadamente. Portanto, eu o levarei à morada de Parasakti e, por sua causa, farei todo o possível para que a Devi o perdoe. Você governará a região Inferior e deixará Indra governar o Céu. Proteja seu clã demoníaco. Não seja exterminado junto com seus entes queridos. Se não agir de acordo com meu conselho, certamente perecerá. Ó Senhor dos Demônios! Espero que meu conselho seja do seu agrado. Analise-o com uma mente piedosa para sua própria proteção.”

49-53. Ao ouvir Narada, Bhandasura riu em tom de brincadeira e, segurando o sábio divino pela mão, subiu até o topo do palácio. No último andar, que tinha uma cúpula dourada semelhante ao pico do Monte Meru, ele sentou-se em um assento macio cravejado de joias ao lado de uma janela. Acomodou o sábio divino em um assento de algodão macio. Então, disse: “ó Sábio Divino! Não se irrite comigo, que sou seu discípulo. Sei que você é um grande devoto dos pés de Parasakti. Sei também que tudo o que você disser se tornará realidade. Embora você conheça todas as minhas histórias, está me contando-as por diversão.”

54-56. “Eu sou realmente o mensageiro de Laksmi, chamado Manikyasekhara. Certa vez, a Deusa Laksmi estava em penitência às margens do rio Ganga por trezentos milhões de anos para apaziguar a Deusa Tripurasundari. Vi uma jovem mulher Kinnara, repleta de beleza ambrosíaca. Ela estava se afogando no rio Ganga, arrastada pela correnteza, sem conseguir encontrar um salvador.”

57-62a. “Ao vê-la, tomado de compaixão, saltei para as águas da Ganga e rapidamente a levei para a margem, carregando-a nas costas. Logo ela recuperou a consciência. Eu, iludido pela paixão ao tocá-la e contemplar seu encanto, dirigi-me a ela assim: ‘ó Senhora Auspiciosa! Você foi salva por mim como se das garras da morte. Tendo-a tocado, apaixonei-me por você. Salve-me. Uma pessoa ajudada, se possível, deve retribuir a ajuda. Caso contrário, seria como matar a si mesmo. Portanto, salve-me, que estou dominado por uma paixão violenta, que busco sua proteção, entregando-se a mim. Do contrário, porei fim à minha vida.’”

62b-69. Ao ouvir minhas palavras contrárias, aquela leal Kinnari dirigiu-se a mim com doces e ambrosíacas palavras, dizendo: “não enlouqueça. Sou uma Kinnari devota. Meu marido está em

penitência aqui perto. Sou sua querida esposa, apegada a ele como a sombra a uma árvore. De modo algum o desobedecerei. Diz-se no Dharmasastra (códigos religiosos) que uma pessoa que protege do perigo ou cuida durante a infância é como um pai. Portanto, sou sua filha segundo o dharma e você não deve falar mal de mim. Uma pessoa que trilha um caminho errado deve considerar sua mente como sua inimiga. Se a mente não for controlada, ela a destruirá. Analise as atividades mundanas com uma mente pura e corajosa. O prazer derivado de uma mulher é universal, sem distinção até mesmo entre os animais. Portanto, ame apenas suas próprias esposas e não outras. Não se deixe reduzir a cinzas pelo fogo da ira de esposas leais."

70-73. "Embora ela repetidamente me desse bons conselhos, eu, tomado pela luxúria, estava com pressa de tocá-la. Então, clamando por ajuda, ela chegou a Laksmi, em cuja presença, cego pela luxúria, agarrei sua roupa. Vendo meu mau comportamento, a irada Deusa Laksmi me amaldiçoou assim: 'seu tolo perverso! Ela é uma mulher divina. É impróprio que você a tenha tocado. Seu comportamento é demoníaco. Portanto, você se tornará um demônio.'"

74-75a. Ao ouvir aquela terrível maldição, despertei de minha luxúria impetuosa e logo me afoguei no oceano da tristeza. A Kinnari, consolada, curvou-se e retornou para casa.

75b-77a. "Sri Laksmi falou comigo novamente, enquanto eu estava imerso no mar da tristeza, dizendo: 'vergonha para você, que é inculto. Você não merece ficar perto de mim. Tendo tocado a esposa de outro, que seu corpo, que é temível, desapareça imediatamente e se torne éter.'"

77b-84a. "Temendo sua maldição, busquei as bênçãos de Devi Laksmi, orando e me curvando diante dela. Depois de muito tempo, ela se agradou de mim. Quando pedi a revogação da maldição, ela disse: 'ó Manisekhara! Seu ato é muito desprezível. Não vejo nada que possa anular minha maldição, que é irrevogável. Você terá que sofrer por sua ação. Perdendo seu corpo, você permanecerá como ar por um longo tempo e depois se tornará um demônio. Mas, por ter demonstrado compaixão e salvado a mulher que se afogava, você conquistou um mérito pelo qual se tornará próspero, senhor de muitos universos e desfrutará dos confortos desejados. Você será morto por Mahadevi e chegará à Sua morada. Lá permanecerá por um longo período, sendo adorado por demônios, e finalmente se unirá a Ela e se libertará do ciclo de renascimentos.'"

84b-86a. Ao ouvi-la, perguntei novamente à mãe universal: "ó Devi! Quem é essa Grande Devi que me matará na guerra? Ela é maior do que você? Não conheço ninguém superior a você. Diga-me sua posição e forma. Qual é a sua glória?"

86b-91. Assim indagada, Devi Ramã, a mãe universal, disse: "ó Manisekhara! Escuta. Essa Devi é a Suprema e a Grande Consciência Universal. De Seus próprios atributos, nascem Brahma, Visnu e Hara, possuindo atributos como Satva, Rajas e Tamas em cada um dos universos. Isvara, que nasce de todos os três atributos, realiza o trabalho de ocultar o universo destruído. Sadasiva obriga a nova criação. Toda a criação provém de Seus olhares e bênçãos. Sadasiva cria novamente para ajudar a libertar as almas que estão presas à ilusão desde tempos

imemoriais. As almas que existem no estado dissolvido não são libertadas devido à sua natureza vazia e irreconhecível. Quando são recriadas com um corpo, adquirem consciência."

92-96a. "Até mesmo Mahesvara nasce de uma pequena porção Dela. Portanto, Ela é a essência. Aquela que é chamada de Consciência Suprema é a alma de todos. Como a parede para uma pintura e o espelho para uma imagem, Ela está predominantemente presente nesta criação. Devido à Sua onipresença, Ela é chamada de 'Brahma'. Essa Tripura não é feminina, não é eunuco e não é homem. Ela é a personificação da Consciência, não realizável por meio de palavras e da mente. Livre da inércia, Ela é simplesmente Consciência. Ela é a décima sétima Nitya, inseparável de Paramesvara. Paramesvara tem dois aspectos: a ação e o agente. A ação é de dezesseis tipos, mas o agente é apenas um."

96b-100a. "Os dez sentidos, os cinco elementos e a mente são os dezesseis aspectos da ação. O décimo sétimo aspecto permanente de Mahesvara é o agente (motivação). Sustentando os dezesseis aspectos da ação, Ela é a consciência causal. Sem Ela, não pode haver Siva, Brahma, Sadasiva, Isvara, Visnu, grupo de deuses, homens, mulheres, objetos móveis e imóveis, criação que respira e que não respira."

100b-103a. Ela é onipresente, assim como o ouro em um ornamento, a água no oceano, o vazio no céu, o tato e o movimento no ar, o calor no fogo, a forma, a vibração e a essência na água, e o cheiro e a dureza na terra. Para proteger o universo, que é uma manifestação de Seu Esplendor Próprio, Ela preside a grande cidade de Sricakra como sua Imperatriz.

103b-108a. Todos nós nos manifestamos a partir de Seu corpo. Somos conhecidos como Vak, Sri e Gauri. Kali, nascida de Sua ira, está associada a Mahakala. Tara, nascida de Sua fala, está associada a Bhairava. Durga, a dissipadora da angústia, nasceu de Sua bravura. Pratyangira, nascida de Sua crueldade, está associada a Mahasarabha. Sulini nasceu de Seu poder, Malini de Suas palavras, Candika de Sua voz terrível e Dhumra de Seu olhar feroz. Assim, todos nascemos de Seu corpo e não há nada superior a Ela. Por Sua manifestação lúdica como Devi Lalita, você será morto na guerra e, após permanecer em Sua morada por um longo período, alcançará a libertação.

108b-110. Assim informado por Laksmi, Manisekhara pediu novamente: "ó Mãe! Que assim seja. Peço-te mais uma vez algo. Que eu nasça como um demônio sem contato com um útero. Que eu nasça do corpo de uma devota proeminente de Parasakti e que eu jamais me esqueça disso."

111-116a. "Assim, implorando por mim, Laksmi disse: 'que assim seja'. Portanto, nasci do corpo de Manmatha, que é a coroa entre os devotos de Devi Lalita, e governei por um longo período cento e cinco universos, desfrutando diariamente de todos os prazeres. Agora estou desolado e desejo ser morto por Ela. Decidi residir perto Dela, em Sua morada, meditando sempre em Seus pés de lótus. Aguardo o dia em que Ela virá e me matará em guerra, juntamente com meus filhos, netos e esposas. Estou com pressa de habitar Sua morada. Portanto, por favor, vá e desperte imediatamente minha esposa da ignorância."

116b-117. Ao ouvir Bhandasura, Narada ficou repleto de alegria. Após elogiar Bhandasura e consolar sua esposa, o grande sábio Narada prosseguiu para o seu destino.

Fim do quinquagésimo nono capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 60

1-6a. Ao ouvir a narração de Haritayana, que era uma demonstração de sua própria experiência, o extremamente satisfeito Narada disse: “ó Haritayana! Você narrou tão bem a antiga glória da Devi que permanecia dentro e fora da minha mente. Embora a lenda seja antiga, sua exposição metódica e literal evoca uma experiência interna em mim. Você é verdadeiramente abençoado nesta terra, pois pela graça da Suprema Devi você conhece os meandros de Sua glória. Portanto, buscarei de você uma resposta para uma dúvida que permanece oculta em mim há anos. Como você teve conhecimento dos fatos antigos, tanto os públicos quanto os ocultos? Ó Disciplinado! Como você está ciente dos incidentes invisíveis e inaudíveis?”

6b-9. Ao ouvir Narada, Haritayana sorriu e disse: “ó Vidente Divino! Escute. O que foi narrado é muito escasso. Você saberá o motivo disso mais tarde. Assim como as pessoas se lembram de suas experiências, eu também me recordo do passado. Pela graça de Brahma, posso ver os detalhes. Pela sua graça e pelas bênçãos da Devi, posso me lembrar do passado sem distorção, como se fosse uma experiência presente.”

10-11a. Então Guru Dattatreya disse a Parasurama, que ouvia atentamente: “ó Parasurama! Escute. Em seguida, Hayagriva narrou a Agastya o incidente da maravilhosa guerra entre Bhandasura e a Devi”.

11b-13. “Ó sábio Agastya! Escuta. Ao verem a singularmente bela Lalitaparamesvari, Indra e os outros deuses pensaram consigo mesmos que essa jovem, morada da beleza universal, carece de grandeza sem um consorte, assim como uma trepadeira sem suporte.”

14-16a. Conhecendo os pensamentos dos deuses, Brahma e outros nascidos das três tendências meditaram sobre Kamesvara, que se manifestou ali mesmo, a partir Dela, com uma forma e ornamentos que combinavam com os da Devi Mahadevi. Considerando-o o marido adequado para a Devi, os deuses desejaram o casamento dos dois.

16b-18. Ao saberem disso, Brahma e os outros, após pedirem à Suprema Devi, realizaram seu casamento de maneira grandiosa. Então, a pedido dos deuses, Lalita Paramesvari, por meio de seu desejo, criou um séquito e o grupo de divindades ligados aos recintos de Sricakra para matar Bhandasura.

19-25. "Naquele momento, o sábio divino Narada chegou aos pés da Devi. Após prostrar-se diante dela e louvá-la com muitos hinos, falou-lhe humildemente, com as mãos postas em oração e a cabeça inclinada: — 'ó Devi! Venho da morada de Bhandasura. Ele está chegando com um enorme e poderoso exército. Fui enviado pelo grande senhor dos demônios para lhe transmitir esta mensagem: "mulher fraca! Com o apoio de quem você quer lutar comigo? Sem conhecer minha força, não se deixe destruir tolamente. Rejeite Brahma e os outros deuses que são trapaceiros e que já foram derrotados por mim diversas vezes, junte-se a mim. Opondo-se a mim, nenhum homem ou mulher jamais encontrará a felicidade, mesmo diante da morte." — Dizendo isso, Narada expressou à Devi a necessidade de uma preparação máxima para a guerra e acrescentou: "ó Devi! Creio que você já foi derrotada pelo audacioso demônio."

26-30a. "Ó Devi! Permita-me perguntar-lhe rapidamente um segredo." Ao ouvir Narada, a Suprema Devi olhou para Mantrini. A astuta Mantrini, compreendendo a mente da Devi, levou Narada pela mão para um lugar isolado. Ali, sentando-se, Mantrini disse: "ó Narada! Pergunte sobre o que lhe preocupa. Sei que você é um grande devoto dos pés da Suprema Devi. De fato, nada lhe é desconhecido neste mundo por causa de sua devoção a Ela. Mesmo assim, pergunte o que quiser. Eu esclarecerei sua dúvida."

30b-34. Assim ordenado por Mantrini, o sábio divino Narada, com as palmas das mãos unidas em prece, dirigiu-lhe suas perguntas. "Ó Devi! Bhandasura, que examinei, parece ser o devoto supremo entre nós. Como esse devoto da Suprema Devi será derrotado? Mesmo assim, ele mesmo me disse que, após ser morto pela Devi na guerra, permanecerá em Sua morada sagrada por um longo período e finalmente se fundirá a Seus pés. Como é possível que um algoz tão perverso do mundo se liberte? Como podemos alcançar esse estado? Por favor, responda-me."

35-39. Questionada dessa forma, Devi Syamala respondeu a Narada: "ó Narada! Escute isto, embora seja um segredo. O devoto de Devi Lalita jamais perecerá. Ele alcançará o lugar mais elevado e nada mais. Assim como uma mãe que deseja proteger seu filho não lhe dá o que ele gosta, mas o alimenta à força com um remédio que ele não gosta, a Devi, ao matar Seu grande e poderoso devoto que pecou gravemente, lhe concederá um lugar a Seus pés, mesmo sem usar métodos como conceder visão, fala ou armas. Deixe-me explicar-lhe. Escute."

40-41. "Aquele que secretamente pede algo à Devi, Ela certamente o concederá em breve. Uma vez removido o obstáculo para se obter um objeto desejado, logo se o conquista."

42-44. "Escute. Você já é liberto, e por isso a libertação não é o seu desejo. Somente uma pessoa ignorante teria esse desejo. Como um iluminado poderia ter tal desejo? Somente o aprisionado aspira à libertação, assim como uma pessoa faminta busca alimento. Como uma

pessoa satisfeita desejaria alimento, ou como alguém poderia alimentá-la? Pode uma pessoa realizada ter o mesmo anseio que uma pessoa carente? Diga-me, a que uma pessoa completa como o céu pode aspirar? Portanto, somente os ignorantes deveriam desejar a libertação, e não um onisciente como você."

45b-46a. Ao ouvir Mantrini, o feliz e sempre liberto Narada curvou-se diante dela e de Devi Tripura e partiu.

46b-50. Então, a pedido de Brahma, Visnu e outros, Devi Tripura partiu com seu exército para matar Bhandasura em sua carruagem de nove níveis, semelhante ao Sricakra, empilhados uns sobre os outros e ricamente decorada. Na plataforma superior, estavam dispostos equipamentos de guerra, escudos impenetráveis, projéteis afiados e ferozes e armas. Ao seu lado, de mãos postas, estavam as personificações do Dhanurveda, os projéteis e as armas.

51-57a. "Então, uma abaixo da outra, em ordem, estavam as saktis dos recintos. Até mesmo os gurus que desejavam lutar estavam equipados com escudos e projéteis maravilhosos. À direita da carruagem Sricakra, Mantrini estava sentada em uma carruagem de sete níveis, junto com seu batalhão, pronta para lutar. Com os olhos vidrados pelo prazer de beber licor, servida por Sukasyamala e seu grupo, Mantrini partiu acompanhada por miríades de Matangakanyas, que também estavam embriagadas. Seu exército a mantinha de bom humor cantando, dançando, fazendo piadas e encenando comédias. Mantrini, especialista em aconselhamento e ministra de Devi Lalita, aconselhava a Devi. Ela tinha particular interesse em música, instrumentos e adorava esportes."

57b-61a. À esquerda da carruagem de Sricakra estava sentada Varahi (Sukaranana) no nível mais alto da carruagem de Sricakra, que possuía cinco níveis. Ela estava rodeada por muitas Saktis, como Jrambhani. Ela era a personificação da ira, muito feroz, e gostava daqueles que lhe imploravam perdão. Ela sempre punia todos os que se envolviam em más ações. De cada lado de sua carruagem, havia enormes bisontes e leões. Ela empunhava graciosamente armas como arado e bastão de pilão. Ela era acompanhada por inúmeras Vatukas e Yoginis.

61b-62. Da mesma forma, a jovem Bala Tripurasundari, filha de Devi Lalita, estava sentada na carruagem Laghucakra, acompanhada por um grupo de poderosas saktis, iguais a ela.

63-67a. À direita de Bala Tripurasundari, juntava-se a Sampatkari, montada em um grande elefante chamado Ranakolahala, que lembrava o enorme pico da montanha Vindhya e que emitia três tipos de onomatopeias aterrorizantes, estando naturalmente embriagado. Ela empunhava o grande aguilhão. Atrás dela, vinham miríades de elefantes embriagados, oriundos da montanha Vindhya, da montanha Malaya e da região de Pragjyotisa. Todos eram bem treinados nas artes da guerra e tinham sessenta anos de idade. Montados por homens armados com armas e projéteis, especialistas em guerra, esses elefantes moviam-se rapidamente junto com o grupo de saktis de Sampatkari.

67b-75. À esquerda de Bala, a grande Devi Asvarudha estava sentada em um alto e magnífico

cavalo dourado chamado Aparajita, nascido da raça Gandharva, que corria veloz como o vento e ostentava sinais auspiciosos como Sukti, Ardhasuktimani, svastik, lótus e seixos. Com suas características, superava em peso Uccaisravas, o cavalo de Indra. Seu casco fino era invisível até mesmo para o olhar mais astuto e cuidadoso. Ele havia compreendido a mente da Devi Asvarudha e também os movimentos do inimigo. Seguindo-a, vinham inúmeros cavalos de Sindhu, Tankana, Arada, Parvati, Varvara e Sutejana, com diversas cores como vermelho, preto, branco, amarelo, marrom, rosa, verde, cinza, malhado e vermelho-azulado, e com crina densa. Eram bem treinados para se mover de várias maneiras, para dançar ao ritmo das melodias. Eram montados por Saktis que empunhavam uma variedade de projéteis e armas. Avançavam como as ondas do mar e pareciam rachar a terra com o bater de seus cascos.

76-79a. O som estrondoso gerado pelo bater dos cascos e relinchar dos cavalos, o som alto dos elefantes, o rugido dos leões, as palmas nos ombros, o som de instrumentos como tambores, címbalos, trombetas com cara de vaca e enormes trombetas, misturado com o som das rodas da carruagem Sricakra, preenchiam todas as direções.

79b-82a. Ao ouvirem o estrondo da procissão que conduzia à vitória de Sri Lalitadevi, os demônios se assustaram como se estivessem diante do próprio deus da morte. Ao ouvir aquele som, Bhandasura, esperando a morte que tanto almejava pelas mãos Dela, rapidamente se preparou para lutar. Vendo os demônios com rostos como lótus secos e aterrorizados, Bhandasura, tomado de compaixão, pensou consigo mesmo:

82b-85. “Essas pessoas (demônios) morrerão por minha causa, junto com seus parentes. Neste mundo, não há medo maior do que a morte. Com a morte deles por minha causa, seus queridos filhos, irmãs e mães sofrerão. Ai de mim! Isso será doloroso. Portanto, irei primeiro lutar com Sri Lalitambika e serei purificado pelo fogo de Sua arma, alcançando assim meu objetivo. Por que eu deveria causar agonia a esses demônios, separando-os de seus parentes?”

86-89. “Portanto, não devo ser a causa de uma morte tão horrenda. Se uma pessoa forte não protege seus subordinados de alguma forma da angústia, torna-se um pecador. Assim, se eu for primeiro e for morto pela Devi, meus parentes sofrerão a mesma agonia, perdendo-me. Após a minha morte, meus parentes enfrentarão o assédio e a vergonha dos deuses, perderão suas riquezas e serão miseráveis. Portanto, isso também não está correto.”

90-97a. “Como pode uma pessoa no comando dos assuntos enfrentar a derrota? Após a minha morte, meus irmãos, filhos e outros parentes poderosos, vencidos pela bravura e pela ira, sem dúvida se queimariam como mariposas no fogo da guerra. Então, os covardes restantes, com menos força, seriam impotentes como deuses, separados de suas esposas e filhos e se esconderiam sob a terra. Em luto mútuo, seriam piores que os mortos. De qualquer forma, é impossível que os parentes não sofram. Portanto, qual a utilidade da minha preocupação? O melhor seria isto: serei morto pela Devi depois que todos os demônios forem mortos. Acho que isso é auspicioso por causa de muitas vantagens. Ser morto pelas armas dos deuses é purificador e garante a permanência no paraíso. Mulheres e crianças não podem ter essa

chance. Não há saída. Só Deus pode ajudar."

97b-101a. Ou então, ouvi dizer no passado, por meio de Brahma, que a Suprema Tripura Devi realmente atenderá aos desejos de Seus devotos. Portanto, que Ela não perturbe meu grupo de pessoas. Na realidade, eles não me pertencem e eu não pertenço a eles. Embora eu saiba disso, a Devi está me iludindo. Portanto, minha preocupação com este mundo, que é como um sonho, é inútil. Assim, me entregarei completamente a Ela. Agirei somente de acordo com Seus comandos e de nenhuma outra forma.

101b-107. "Ó Grande Devi! Ó Refúgio! Protege-me, que me rendi a Ti, e livra-me das amarras da ilusão". Orando assim à Devi Tripura, Bhandasura, vendo os parentes miseráveis ao seu redor, proferiu palavras agradáveis com ousadia. "Ó Demônios! Escutem atentamente minhas importantes palavras. Não tenho morte por nada. Sou a própria morte. Criei diante de vocês armas, mísseis, especialistas em magia e muitos mundos com objetos móveis e imóveis. Sou o poderoso senhor de cento e cinco universos. Não me apressei em matar a Devi pensando que ela era uma mulher. Agora, vendo seu veemente desejo de lutar, irei facilmente derrotá-la, levá-la para o meu harém e me alegrar muito."

Fim do sexagésimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 61

1-3. Dito isso, o grande demônio, com os olhos vermelhos de fúria, instruiu seu cocheiro Dirghagriva, que estava por perto, a preparar sua carruagem. Então, sem demora, o cocheiro apresentou com humildade a excelente carruagem bem equipada ao senhor dos demônios. O poderoso Bhandasura, empunhando o arco e a flecha, subiu na magnífica carruagem e partiu furiosamente para a batalha.

4-5. Ao saberem e presenciarem a partida do senhor dos demônios para a guerra, os demônios enfurecidos se prepararam rapidamente e partiram. Os soldados armados saíram em grupos, cercando Bhandasura por todos os lados.

6-10. Os filhos de Bhandasura eram todos iguais a ele em poder. A bravura de Kutilaksa, o mais velho entre eles, era imensurável. Todos os que jamais falharam na guerra precederam

Bhandasura, bem equipados em suas carruagens, acompanhados por um exército de cem Aksauhini. Seus dois irmãos, Visanga e Visukra, com uma bravura que rivalizava com a de Visnu, e que sempre competiam para lutar primeiro, avançavam em suas carruagens em ambos os lados de Bhandasura. Seus olhos estavam vermelhos de fúria. Empunhando um grande arco, pareciam que iriam engolir os inimigos. Cada um deles tinha um exército de uma Aksauhini.

11. Seus poderosos ministros, Ugrakarma e outros, o seguiram com um exército de cem soldados Aksauhini.

12-18a. Quando o senhor dos demônios partiu para a guerra, as estradas reais assemelhavam-se a um rio em época de chuvas, erodindo as margens, com vórtices de carros de guerra, obstáculos de cavalos, crocodilos de elefantes, tartarugas de escudos, ondas lançando bolas espumosas de bandeiras, serpentes de espadas longas, peixes de aljavas, lótus de rostos de demônios, pequenos peixes de seus olhos, cisnes e outras aves de guarda-chuvas variegados, muitos cavalos-marinhos de ondas altas e estrondosas, e o ruído das rodas dos carros de guerra que jorravam do portão da cidade cravejado de joias como a água que se espalha pelo campo a partir do canal. O exército saiu do portão muito rapidamente.

18b-28a. Entretanto, Vijaya, o ministro, aproximou-se rapidamente do senhor demônio e, pedindo sua permissão, curvou-se e, com as mãos juntas em prece, disse o que era apropriado naquele momento. "Ó rei dos demônios! Tua fama se espalhou por toda parte. A força de tua bravura incendeia os universos celestiais. Visnu, considerado o mais poderoso, foi derrotado em guerra contra ti. Portanto, é certo que ninguém pode te vencer em combate. Não obstante, é dever de um ministro analisar e aconselhar o rei em tempo hábil, de acordo com os códigos de administração. Se ele não expressar o que precisa ser dito no momento certo, então é inadequado para ser ministro. Quatro métodos foram mencionados na ciência política. Cada um deles será adequado sob as circunstâncias apropriadas. Se o rei, ao ouvir o conselho de um ministro tolo, adotar um método inadequado, ele será arruinado como um paciente que consome algo nocivo. É melhor lutar após uma discussão diligente com os intelectuais, utilizando as informações coletadas por mensageiros e espiões sobre o oponente. Portanto, envie mensageiros e espiões confiáveis ao inimigo. Quando eles retornarem, nosso exército estará pronto e poderemos proteger adequadamente a cidade. Apresentei ao meu senhor o que precisava ser dito. É para ti." Agora, é preciso agir de forma adequada.

29-37. Ao ouvir o ministro, Bhandasura, para satisfazer seus parentes, aceitou seu conselho como benéfico para o reino e dividiu seu exército entre os chefes. Ele designou Kutilaksa para guardar a cidade. Bhandasura dirigiu-se a seu capaz ministro Amitraghna da seguinte forma: "ó Amitraghna! Vá com minha permissão e transmita meus pensamentos àquela Lalita. — 'Ó Bela Devi! Eu jamais lutaria com você, que merece ser protegida. Então, por que você veio lutar comigo? Seu interesse na guerra me é aceitável. Se não temo uma grande guerra, onde estaria o medo de lutar com você? Mas estou seduzido por seu charme. Portanto, abandone os deuses e junte-se ao meu grupo. Seja por meios pacíficos ou pela guerra, eu a colocarei sob meu controle. Ao se opor a mim, você certamente sofrerá. Pense nisso e decida rapidamente a qual

lado se juntará.' — Transmita isso a ela pacificamente e retorne logo após descobrir sua intenção, sua força e seu plano de ação."

38-40a. Então Bhandasura disse a Vidyunmali, o mago experiente: "ó sábio Vidyunmali! Ó líder dos magos! Vá sem ser notado e descubra astutamente a força e os planos de seu exército, suas fraquezas e brechas, e retorne rapidamente. Sei que você é capaz de fazer isso."

40b-46a. Assim ordenado, os dois demônios dirigiram-se ao exército da Devi. Amitraghna, de alguma forma, entrou como que por um barco no vasto exército que era guardado por saktis empunhando espadas. Logo que entrou, o poderoso demônio foi capturado por Kancanabha, uma serva de Dandanatha. Dando-lhe tapas e segurando-o pelo pescoço, ela o repreendeu furiosamente com palavras terríveis: "seu sujeito! Quem é você que entrou sorrateiramente em nosso exército, protegido por Dandanatha? Tendo entrado no exército sem a permissão de Dandanatha, você não voltará vivo, assim como você entrou nas garras da morte."

46b-47. Entretanto, centenas de saktis, que guardavam o exército por ordem de Dandini, chegaram ao local. Arrastado e espancado por elas, Amitraghna perdeu a consciência.

48-50. Entretanto, Dandanatha, ao ouvir falar do demônio, conseguiu que ele chegasse até ela por meio de suas criadas. Ao perceber que ele era o mensageiro de Bhandasura, foi levado até Mantrini Devi, que por sua vez o acolheu e relatou o ocorrido à deusa Lalita, questionando o propósito de sua visita.

51-57a. Amitraghna curvou-se e disse: "vim aqui por ordem de Bhandasura e sou seu mensageiro. Transmitirei sua mensagem: 'ó Devi! Não há inimizade entre nós. Por que vieste lutar? Lutando ou não, serás minha efugiada. Diga-me, como posso lutar contra ti, que me és tão agradável e querida? Portanto, abandona os deuses e refugia-te sob a minha proteção.' Após transmitir esta mensagem, fui incumbido de avaliar os pontos fortes e fracos do teu exército. Matar um mensageiro é uma afronta. Os sábios dizem que as escrituras proíbem matar um mensageiro. Pensando assim, entrei. Visto pelas Saktis, fui capturado por elas assim que entrei e fui trazido à tua presença. Agora, tu és meu refúgio. Matar-me é antiético."

57b-61. Ao ouvir a mensageira e compreender os pensamentos de Devi Lalita, Mantrini sorriu e falou docemente: "ó Demônio! Não tenha medo. Seja feliz. Você jamais será morto. Lembre-se das minhas palavras e transmita-as a Bhandasura: "se deseja viver, abandone seu império e, sem medo, venha e renda-se a Devi Lalita. Deixe Indra governar os três mundos e você habite a região inferior. Junte-se a seus filhos e seu exército e faça amizade com Indra. Caso contrário, você não encontrará alívio e não viverá."

62. "Ó Dandanatha! Leve-o embora, mostre-lhe todo o nosso exército e depois deixe-o além do nosso acampamento."

63-64. Assim instruída, Varahi, após mostrar ao demônio seu exército, o libertou nos arredores das tropas. Então, sentindo-se renascido, o demônio, com medo e confuso, dirigiu-se ao rei.

65-69. Ao ver Amitraghna torturado, Vidyunmali, o grande mago, tomado pelo medo, transformou-se em uma coruja e, voando pelos céus, observou e contou todo o exército de saktis. Enquanto fazia isso, foi surpreendido por uma sakti que guardava o céu durante a noite. Imediatamente, voou cinquenta yojanas para cima e lutou ferozmente com ela. Após um longo combate, atingido por sua lança, conseguiu escapar e, ao amanhecer, caiu quase morto diante do senhor dos demônios.

70-73. Ao ver o demônio à sua frente, gravemente ferido e à beira da morte, Bhandasura entoou mantras e tocou seu corpo, restaurando-o à vida e libertando-o da agonia. Então, levantou-se e saudou o rei dos demônios que estava diante dele. Questionado pelo rei, Vidyunmali relatou os acontecimentos da seguinte forma: "ó rei! Eu fui de seu reino com Amitraghna e vi o exército da deusa, que era como um oceano no momento da dissolução. Então, Amitraghna foi o primeiro a entrar naquele exército.

74-76. "Enquanto eu observava, ele foi capturado à força pelas saktis e cercado por elas como mel por abelhas. Imediatamente, o forte Amitraghna perdeu a consciência e ficou incapaz até mesmo de se mover, quanto mais de lutar e escapar. Pensei que não havia como ele sobreviver. Eu também, com medo, comecei a fugir. Mas não voltei por medo e respeito à sua ordem."

77-79. "Após o pôr do sol, assumi a forma de uma coruja mágica e, voando acima do exército, dei uma olhada. Aquele enorme e assustador exército, emitindo sons terríveis, parecia um oceano agitado pelas marés em plena dissolução. Os demônios morreriam só de ver aquele exército."

80. "Naquele exército, todas as saktis são assustadoras e extremamente poderosas. Cada uma delas está inclinada a lutar primeiro."

81-82. "Ali, a jovem Bala, a querida filha de Lalitambika, acompanhada por miríades de Kumaris (virgens) bem equipadas e hábeis na arte de mísseis e armas, anunciava repetidamente que mataria os filhos de Bhandasura.

84-86. "Em seguida, Sampatkari e Asvarudha, as líderes das saktis, posicionando-se em ambos os lados de Bala, controlavam inúmeros elefantes e cavalos que carregavam grandes saktis. Atrás de Bala, Devi Lalita estava sentada na grande carruagem, acompanhada pelas saktis dos nove recintos, cujo poder, ferocidade e valor são imensuráveis."

87-89. "De cada lado de Devi Lalita, Mantrini e Dandini, que são extremamente poderosas, estão posicionadas em suas respectivas carruagens. Mantrini é acompanhada por inúmeras Matangakanyakas, que igualam sua bravura. A extremamente irada Varahi é acompanhada por Saktis e Vatukas, que têm aparência feroz e nomes assustadores."

90-94. "Em todo o exército das Saktis, jamais encontrei um lugar onde não estivessem discutindo sobre a sua morte. Tenho certeza de que até mesmo a Sakti mais insignificante entre elas poderia, em pouco tempo, devastar todo o nosso exército. Ó Rei Demônio! Permita-

me informar que o exército das Saktis é enorme, com centenas de miríades de indivíduos. Entre elas, cada Sakti supera todos nós em força, bravura e destreza.” Dito isso, Vidyunmali curvou-se com as mãos postas em sinal de respeito ao rei demônio e permaneceu em silêncio na assembleia dos demônios.

Fim do sexagésimo primeiro capítulo do Sri Tripurarahasyam do Mahatmyakhandam.

Pág. 625

Capítulo 62

1-4. Então, logo Amitraghna, tomado pelo medo, chegou à assembleia dos demônios e prostrou -se aos pés de Bhandasura. Consolado pelos ministros e interrogado, ele tremeu e narrou o incidente da seguinte forma: “ó Rei! Por sua ordem, fui até o grande exército de saktis. Assim que entrei, fui capturado com grande força por eles. Minha força e bravura foram inúteis diante deles, como a luz de um vagalume durante o dia. Capturado por eles, perdi a consciência imediatamente.”

5-7. “Então, fui levado até Dandanatha e fiquei parado como se estivesse morto. Ela era enorme como uma grande montanha, com brilho dourado e rosto de porco, vomitando fogo de raiva pelos olhos e emitindo um som de ‘gharghar’. Seu batalhão de saktis era semelhante a ela e ardia em fúria. Ao vê-las, fiquei sem ar. Por ordem dela, fui levado pelas saktis até Mantrini.”

8-11. “Eu vi Devi Mantrini, verde como as folhas da árvore Tamala, orgulhosa de sua juventude, cujo corpo é a essência da beleza, com um sorriso gentil, que se deleita em seu orgulho embriagado, que aprecia música e comédia e que está sempre tocando sua vina. Fui revigorado pelas graciosas chuvas ambrosíacas de seus olhos de lótus. Questionado por ela, contei-lhe o que você havia dito. Logo fui conduzido por ela à Grande Imperatriz Lalita.”

12-16. Lá, vi a gloriosa Imperatriz Lalita. Ela me transmitiu uma mensagem por meio de Mantrini, que lhe transmitirei. Ó Senhor dos demônios! Por favor, ouça com paciência. — "Informe ao senhor dos demônios o seguinte: 'se deseja viver, entregue os três mundos a Indra e renda-se à Devi. Você poderá viver no submundo com seus parentes. Torne-se amigo de Indra, juntamente com seus filhos e ministros. Se não fizer isso, não poderá ser livre em nenhum mundo. Eu o colocarei, inimigo de Indra, sob meu controle.' — Retorne e transmita esta mensagem a Bhandasura."

17-18. Então, uma sakti esverdeada, montada em um cavalo e empunhando uma espada feroz, chegou ali. Desmontando do cavalo e curvando-se diante de Sri Lalitambika e Mantrini, ao ser questionada, narrou o seguinte:

19-22. "Minhas servas Sakti, enviadas ao exército e à cidade de Bhandasura, retornaram após observarem tudo. Elas examinaram atentamente todo o exército e a cidade." Assim, ela relatou tudo sobre nós, como o número de demônios, soldados, ministros, armas, veículos, tesouro, segurança da fortaleza, seus filhos, netos e bisnetos. Nada lhe era desconhecido.

23-26. Ela revelou, a respeito de nossas mulheres e suas conversas, seus planos secretos que nem nós conhecemos, todos com detalhes minuciosos. É realmente surpreendente que os fatos e números relatados por ela sejam reais e desconhecidos para nós, que vivemos aqui há séculos. Ela também relatou fatos que vocês desconhecem. Sinto que o exército das Saktis é indomável. A Sakti mais fraca entre elas nos destruirá a todas rapidamente.

27-31a. "Ó Senhor dos demônios! Eu, que sou o mais forte em teu exército e que já derrotei Indra muitas vezes em batalha, fui facilmente capturado por uma sakti comum assim que entrei, como um leão captura um cervo jovem. Como meninos que arrancam uma boneca da mão de outro, eles me pegaram, a mim, que sou poderoso. Eu sequer consegui me mexer, então onde estaria a chance de escapar? Certamente os demônios não podem derrotar as saktis." Dito isso, o demônio permaneceu em silêncio diante de seu senhor.

31b-34. Após ouvir o demônio, Bhandasura pensou consigo mesmo: "Devi Tripurasundari me abençoou hoje, a mim, seu devoto, com compaixão, realizando meu antigo desejo. As palavras da Mãe Mahalaksmi se tornaram realidade. Sou afortunado por ver e conversar com Devi Tripura na guerra, ter meu corpo impuro queimado pela grande chama de sua arma e alcançar sua morada de grande bem-aventurança."

35-45a. "Nascido por causa de grandes pecados, este corpo é o abrigo para os pecados e, com sua natureza demoníaca, tornou-se insuportável. Assim como uma pessoa que carrega um fardo foge, descartando-o, abandonarei este meu corpo, que é a causa da minha miséria, e correrei para um lugar de paz. Não tenho tristeza alguma por isso. Embora tenha tido felicidade neste corpo por incontáveis anos, não tenho mais interesse nisso. Os mesmos prazeres, mulheres e contatos que continuamente desfrutei agora me são detestados. Estou angustiado. Desejo a destruição deste corpo insípido, assim como um homem que está doente há muito tempo. Mas meus entes queridos sofrerão sem mim. Da mesma forma, eu também ficarei

infeliz sem eles. A morte traz tristeza antes e depois. A situação é dolorosa. Que Devi Tripura mostre Sua graça para que eu não tenha agonia. Sinto que seria bom se Ela pudesse nos matar a todos simultaneamente. Como Ela, que por natureza concede mais do que os desejos de um devoto, não atenderá ao meu desejo, que sou devoto a Ela?" — Pensando assim e curvando-se perante a Grande Devi, Bhandasura exibiu sua extrema raiva exterior, tal como um dançarino.

45b-50a. "Ó demônio inútil! Que vergonha! Como você ousa proferir elogios tão desprezíveis ao nosso inimigo diante de mim? Elogiar o oponente é coisa de covarde. Mesmo que o inimigo seja mais forte, um homem corajoso não o elogiaria. Seja o inimigo forte ou fraco, os soldados valentes não se intimidam." Dito isso, o furioso Bhandasura, vomitando o veneno da raiva pelos olhos como uma cobra negra, saiu do portão principal da cidade como se surgisse de um buraco, empunhando sua espada e bradando: "que todos os demônios que a temem vejam meu poder. Enfrentando-me hoje na guerra, ela não sobreviverá."

50b-54a. Enquanto o senhor dos demônios falava, o cocheiro trouxe a carruagem, o demônio desceu e partiu. Então, o povo o considerou a personificação da morte, determinado a devastar o mundo. Disseram que o mundo consumido pelo fogo de sua ira não poderia sobreviver. Todos os demônios, os chefes dos exércitos, ministros, filhos, netos, bisnetos e irmãos, todos sem exceção, seguiram Bhandasura.

54b-56a. Por ordem de Visukra, o rei Kutilaksa designou cinco soldados Aksohini para proteger a cidade e, relatando o fato a Visukra, este reuniu um enorme exército que marchou diante de Bhandasura como se fosse engolir todas as direções.

56b-60a. Enquanto todo o exército de Bhandasura se movia dessa maneira, os demônios por toda parte faziam soar os tambores. O som combinado dos tambores de guerra, instrumentos, slogans, palmas, carros de guerra, elefantes, cascos de cavalos, relinchos, cânticos de panegiristas e sons de chamados de guerra era ouvido em todos os lugares, como se rasgasse o mundo como um pedaço de pano.

60b-65. Ao ouvir o som do exército e ao saber por um mensageiro da chegada de Bhandasura, Dandini, certa da guerra, correu até Mantrini e fez o seguinte pedido: "ó Mantrini, Bhandasura chegou com seu exército completamente equipado e uma guerra se aproxima. Informe isso a Devi Lalita e, junto com as saktis, siga-a e proteja-a. Eu irei à frente com meu exército para impedi-lo. O som de elefantes e cavalos que estamos ouvindo agora, creio eu, vem da batalha na qual a ansiosa Balā, de valor extraordinário, luta acompanhada por Sampatkari e Asvarudha."

66-69. Enquanto Dandini falava, um mensageiro chegou. Após elogiar Dandini e Mantrini, ela disse: "ó Devi! Uma batalha começou entre Balambika e os demônios. Os preparativos e equipamentos do rei demônio são estupendos. Auxiliado por seus irmãos e filhos, e acompanhado por todo o seu exército, esse demônio extremamente cruel luta com bravura perversa. Fui enviada por Sampatkari para lhe informar isso. Ao retornar, o que devo dizer à Devi Sampatkari?"

70-75. Ao ouvir o mensageiro, Sri Dandini proferiu palavras cheias de bravura, pertinentes à ocasião: “escute-me e transmita isso a Sampatkari, a líder do exército de elefantes: ‘vocês devem lutar diligentemente contra os demônios poderosos. A jovem Balambika, que está ansiosa para lutar, deve ser protegida por todos. Chegarei lá muito em breve. Vocês devem lutar até que eu chegue, de forma que o demônio não fuja astutamente. Então, destruirei rapidamente seu antigo fervor pela luta, assim como o Sol dissipa a escuridão. Vá depressa com esta mensagem a Sampatkari’”. Assim ordenado, o mensageiro retornou.

76-79. A naturalmente irada Dandini, com a raiva exacerbada pela guerra, parecia prestes a incendiar o mundo com o fogo da ira. Então, acompanhada por inúmeras saktis, Dandini, dominada pela fúria, partiu em sua carruagem Kiri-cakra. O som das rodas da carruagem e do exército dilacerava os corações dos inimigos. O eco atingia níveis assustadores. Assim, Sri Dandanatha partiu para o triunfo.

Fim do sexagésimo segundo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 63

1-4. Ao ouvir o som tumultuoso do exército de Bhandasura, a jovem e amada filha de Sri Lalitambika, ansiosa para lutar, olhou para o norte e viu a poeira levantada pelo movimento do exército de demônios, como se fosse o vento da dissolução. Percebendo a chegada de Bhandasura com seu exército, a jubilosa Bala Tripurasundari montou na carruagem Laghu-cakra e deu instruções ao cocheiro.

5-9. Antecipando a obstrução de Devi Lalita, Bala Tripurasundari avançou com grande velocidade em direção ao exército dos demônios, sem se despedir de Devi Lalita, Mantrini e Dandini. Sua carruagem disparava à frente como nuvens de outono arrastadas pelo vento. Observando a jornada de Bala como perigosa, Asvarudha a seguiu rapidamente com seu exército de cavalos tão alto quanto as ondas de um oceano, capaz de extinguir a chama da discórdia inimiga.

10-14a. Então Sampatkari, montada no elefante Ranakolahala e acompanhada por uma miríade de elefantes, seguiu Bala em disparada para protegê-la. Mas, inspirado por Bala, seu cocheiro,

um especialista na arte da condução e semelhante a ele, impulsionou a carruagem com grande velocidade e penetrou no exército dos demônios como um rio caudaloso que deságua no oceano. Com seu arco e flechas, ela lançou uma chuva sobre o exército demoníaco, abrindo caminho com sua carruagem como um barco em um oceano dilacerado pela força de um rio.

14b-22a. O chefe do exército de demônios, o poderoso Kutilaksa, montado em um elefante e acompanhado por um enorme exército, enfrentou Bala Tripurasundari. Ao ver a delicada jovem Bala, de oito anos, sentada sozinha na carruagem e lançando flechas, o chefe do exército a considerou de grande bravura. Ele se perguntou quem seria aquela jovem que lutava sozinha, sem medo, contra os demônios que atormentavam Indra e outros deuses. Ele a considerou como sendo a Deusa Lalita, pelas características descritas pelos mensageiros. Mas tinha uma dúvida, pois ela ainda não era adulta. Se ela é filha de Lalita, como poderia vir sozinha, pronta para lutar sem um exército? Parece que ela nos conquistará a todos. Acho que ninguém pode enfrentá-la em guerra, nem Visukra, nem Visanga, nem o rei, nem eu mesmo. Então, como os príncipes, individualmente ou em conjunto, poderão lutar contra ela?

22b-25. Onde quer que ela veja nosso exército, ela o dizima rapidamente com suas flechas. Miríades de demônios do nosso exército foram mortos e nosso enorme exército está apavorado. Com as mãos, pernas, peito, axilas e cabeças decepadas, alguns caíram, alguns morreram e outros fogem apavorados. Incapazes de atravessar o rio de sangue, centenas, tremendo de medo, se afogam na poça de sangue.

26-31a. Essa garota, em pouco tempo, se infiltrará em nosso exército. Devo impedi-la com todas as minhas forças. Que vergonha para mim, que permaneço inerte! Essa jovem está entrando em nosso exército diante dos meus olhos, um feito que nem Indra, nem os Maruts, nem o Vento jamais conseguiram realizar. Conquistá-la, ao que parece, é impossível. Pensando assim, o poderoso demônio Kutilaksa, montado em seu enorme elefante, a enfrentou e lutou com ela, lançando uma saraivada de flechas. Enquanto lutava com Bala, Kutilaksa, um especialista em guerra e no uso de projéteis e armas mágicas, a cobriu de flechas como se fosse um sol nascente coberto de neve.

31b-35. Então, até mesmo Bala Tripurasundari, que era vermelha como o sol nascente, rapidamente destruiu aquela chuva com flechas afiadas como raios e atormentou os demônios com flechas cortantes. A rapidez com que ela disparava as flechas era indescritível, mesmo para um observador experiente. Era como uma torrente contínua de água descendo do pico da montanha durante a estação chuvosa. Em pouco tempo, ela destruiu o enorme exército e, aproximando-se de Kutilaksa, feriu-o com flechas afiadas.

36-40. O poderoso Kutilaksa também lutou com todas as suas forças. Tornando todos os seus mísseis e armas inúteis com contra-ataques e flechas afiadas, Bala, com uma única flecha, quebrou seu arco e atingiu o rosto de seu elefante com outra. Atingido no rosto, o imponente elefante gritou, girou e caiu morto no chão. Vendo o elefante morto, Kutilaksa, empunhando uma maça, avançou furiosamente em direção a Bala, que estava sentada em sua carruagem,

para matá-la, assim como o veloz Rahu persegue o jovem Sol vermelho para engoli-lo.

41-43a. Os deuses e os siddhas observavam tudo do céu. Vendo Kutilaksa empunhando sua maça e avançando em sua direção, Bala o atingiu no coração com uma flecha cravada profundamente. Atingido pela flecha, Kutilaksa vomitou sangue abundantemente e caiu inconsciente no chão, como uma montanha atingida por um raio.

43b-46a. Então Bala, sorrindo, dirigiu-se ao seu cocheiro desta forma: “ó amigo! Leve nossa carruagem rapidamente para perto de Bhandasura. Dandini, com uma bandeira com o símbolo de um porco, está vindo atrás de mim. Estou ansiosa para lutar com Bhandasura. Tenho certeza de que, se Dandanatha me alcançar, ela me impedirá. Portanto, leve-me de tal forma que ela não consiga me alcançar.”

46b-49. Assim instruído, o amigável cocheiro disse a Bala: “a bandeira dourada que tremula no centro do exército deve ser a da carruagem de Bhandasura. Parece que ele está cercado por grandes e ferozes demônios com enormes carruagens. Não estou encontrando um caminho para levar a minha carruagem até lá. Portanto, com sua arma, abra um caminho para que eu possa conduzir a minha carruagem.”

50-51. Assim solicitada, a ágil e habilidosa Bala abriu imediatamente um caminho no meio do exército de demônios, lançando uma chuva de flechas. Com essa chuva de flechas, a linha de frente do exército foi dividida como uma ponte destruída, apesar da forte resistência dos demônios.

52-58a. As carruagens de alguns foram destruídas; alguns perderam seus cavalos e elefantes. Incapazes de suportar a chuva de flechas, os demônios correram em desordem. Alguns perderam braços, olhos, pernas, estômago e cabeça. Alguns foram pulverizados pela força de suas armas. Havia um oceano assustador, como um rio de sangue, contendo correntes e ondas espumantes e quentes. Os raios do Sol foram mascarados pela nuvem de flechas e os demônios em fuga não conseguiam ver a direção. Pensaram que era o grande deus da morte que havia aparecido na forma de Bala Tripurasundari. As cabeças dos demônios caíam em cachos como frutos maduros de palmeira ao sabor de um vento forte. Ouvia-se um grito alto dos demônios aflitos, como: ‘ó pai, ó filho, ó amigo, ó irmão, estou condenado.’

58b-59a. Então, quando a frente do exército se dividiu, o cocheiro de Bala, com grande velocidade, conduziu a carruagem rapidamente para o meio da brecha.

59b-63a. Ao ver Bala se infiltrando em seu exército e indo ansiosamente lutar contra Bhandasura, Visukra, o irmão mais novo de Bhandasura, pensou que a jovem de oito anos, com força e bravura ilimitadas, lutaria de maneira surpreendente e que nem mesmo o mais forte dos demônios conseguiria vencê-la. Mas os fortes devem lutar na guerra. Não há dúvida de que essa garota destruirá todos os demônios. O que Devi Lalita fará na guerra depois? Devemos lutar com todas as nossas forças. Que Deus nos proteja.

64b-67. Assim decidida, o brilhante Visukra, montado em seu elefante, pertencente ao clã de Iravata, branco como a montanha coberta de neve e com quatro presas, lançou uma chuva de flechas como se viessem das nuvens escuras carregadas de chuva do topo do Monte Kailasa. Com essa chuva de flechas, ela interrompeu o avanço de Bala, que avançava rapidamente contra o exército de demônios, ceifando-lhes a vida. Então, rugiu como um leão.

68-71a. Ao convocar seu exército que estava em fuga, ele os fez retornar ao campo de batalha. Disse então: "ó demônios! É impróprio para um nobre fugir da guerra. Se o fizerem por medo, perderão a retidão e a riqueza. Portanto, absorvam a ira e a bravura e retornem de onde estiverem. Derrotados por uma mulher na guerra, se voltarem para suas casas, como responderão às suas esposas que perguntarão sobre seu retorno? A morte é melhor do que o insulto de uma mulher."

71b-73a. Ao ouvirem Visukra, os demônios retornaram à guerra e cercaram Bala Tripurasundari, que, sentada em sua carruagem, brilhava como o Sol nascente com um orbe.

73b-76a. Então o gentil cocheiro e amigo disse a Bala: "ó jovem! Acho que o exército dos demônios é insuportável. Não há mais ninguém para te apoiar. Há um enorme exército se opondo a nós. Se quiser, posso recuperar a carruagem rapidamente. Você poderá voltar logo com seu exército e lutar contra os demônios como quiser."

76b-78. Ao ouvir sua amiga, Bala, de voz doce, sorriu e disse: "ó, querido amigo! Por que você está com medo? Mesmo cem vezes maior que este exército seria insuficiente para me enfrentar na guerra. Eu, que estou ansiosa para lutar, estou prolongando a guerra com entusiasmo. Se você quiser, posso livrar o mundo dos demônios imediatamente."

79-81. Dito isso, o amigável cocheiro repetiu: "ó Devi! Não temo um exército cem vezes maior. É meu dever compreender seus pensamentos. Minha única preocupação é que você tenha partido para a batalha sem a permissão de Devi Lalita. Diga-me depressa para que lado devo conduzir a carruagem."

Fim do sexagésimo terceiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 64

1-2a. Ao ouvir o amigo, a satisfeita Bala disse: "depressa, conduza a carruagem até o grande demônio Visukra, que está com seu exército de elefantes e que está sendo louvado pelos panegiristas."

2b-6. Assim ordenado, ele conduziu a grande carruagem até aquele local. Sob uma chuva contínua de flechas de Bala, o enorme exército de demônios, semelhante a um oceano, foi diminuindo. Novamente, Bala, vendo um poderoso grupo de demônios a cercando e tentando matá-la, os destruiu com um raio. Alguns foram reduzidos a cinzas, alguns perderam membros, alguns os olhos, os pés e assim por diante.

7-8. Ao ouvir os lamentos desesperados de seu exército destruído, Visukra enviou seu elefante, pertencente ao clã Iravata, para lutar contra Bala, que demonstrava uma proeza extraordinária e lançava uma chuva de flechas sobre ela, como uma nuvem sobre um pico de pedra preciosa.

9. Bala retaliou, atingindo cada demônio com uma flecha. A chuva de flechas de ambos os lados mergulhou o campo de batalha na escuridão.

10-13. Então, com uma flecha de ponta curva e profunda, Visukra atingiu a mão do cocheiro de Bala. Atingido com força pela flecha, ele ficou ligeiramente inconsciente. Vendo isso, Bala, com os olhos vermelhos de raiva, golpeou o demônio que gritava na testa com quatro flechas afiadas. Ferido, Visukra perdeu a consciência, mas se levantou imediatamente e lançou uma saraivada de flechas afiadas sobre Bala.

13-16. Então, a habilidosa Bala, imediatamente com duas flechas de cada vez, cortou seu guarda-chuva e o arco. Novamente, com outra flecha de ponta curva, atingiu o elefante do clã Iravata. Aquela flecha partiu o elefante ao meio como um raio que corta uma montanha. A flecha entrou pela têmpora e saiu pelas costas, e o elefante ficou parecendo um tronco cortado por uma serra.

17-21a. Ao ver o grande elefante morto, o demônio saltou para o céu e, empunhando uma espada, avançou para atacar Bala. Então, Bala, com uma flecha, partiu sua espada em duas, muito antes que ele pudesse alcançá-la com a espada erguida, como o deus da morte, e o atingiu na cabeça com três flechas. Com as três flechas na cabeça, Visukra parecia uma grande montanha com três picos. Mesmo gravemente ferido, ele pegou Bala nos braços e voou velozmente para o céu como Garuda.

21b-22. Ao ver Bala sendo levada, o cocheiro disse: “ó Bala! Chega de brincadeiras que podem acabar em perigo. Mate o demônio com seu poder antes que ele vá para longe.”

23-24. Ao ouvir as palavras do amigo e considerando-as apropriadas naquele momento, Bala golpeou o demônio na cabeça com seu punho poderoso. Atingido pelo soco fulminante, ele caiu inconsciente no chão com a cabeça rachada e vomitando sangue.

25-29. Então Bala subiu em sua carruagem e implorou ao seu amigo: “ó querido amigo! Conduza esta carruagem rapidamente diante do senhor dos demônios, que, protegido por guarda-sóis brancos, parece uma montanha azul rodeada de cisnes e riachos, brilhando intensamente. Dandanatha está me alcançando com seu exército. Ouço o rugido assustador dos leões. Certamente ela me impedirá de lutar. Até lá, lutarei contra o poderoso Bhandasura. Estou ansiosa para lutar. Leve-me até lá de alguma forma.”

30. Ao ouvir Bala, o amigo cocheiro conduziu a carruagem até que ela chegasse em frente a Bhandasura.

31-34a. Ao conhecer tudo sobre Bala, Visanga concluiu que ela era invencível para deuses e demônios. Lutando contra ela, não havia chance de sobrevivência para o senhor dos demônios. Derrotado por ela, toda a sua antiga fama desapareceria. A situação seria a mesma se Devi Lalita o derrotasse. Portanto, deveria lutar com todas as suas forças. Decidido assim, Visanga enfrentou Bala.

34b-36. Ao ver o demônio se aproximando em sua carruagem, Bala, considerando-o um obstáculo para lutar contra Bhandasura, disse ao seu amigo: “ó querido amigo! Um grande obstáculo surgiu quando eu queria lutar contra Bhandasura. Observe minha habilidade. Eu o afastarei.” Dito isso, ela lançou quatro flechas afiadas contra ele.

37-39a. Com aquelas flechas, seus altos cavalos, velozes como o vento, foram mortos. Com outra flecha, sua bandeira foi rasgada e seu cocheiro foi atingido por mais uma. Então, o demônio Visanga, enfurecido ao ver seu plano frustrado, montou em outro cavalo e empunhava um virote feroz, avançando em direção a Bala.

39b-44a. Vendo Visanga se aproximar como uma nuvem impulsionada pelo vento, Bala lançou uma chuva de flechas sobre ele como chuva sobre uma montanha. Quando ele continuou a avançar em sua direção, indiferente à chuva de flechas, Bala, com uma flecha cravada profundamente, matou seu cavalo. Visanga, sem cavalo, empunhando o poderoso virote e rugindo como o mar, aproximou-se, assustador como o próprio deus da morte. Bala o atingiu com uma flecha emplumada no peito. Gravemente ferido, ele caiu inconsciente no chão após girar e vomitar sangue, como uma montanha com as asas decepadas.

44b-46. Ao presenciarem o ato surpreendente de Bala, os deuses e os demônios ficaram maravilhados e exclamaram: “este demônio Visanga, tão poderoso quanto Visnu, já derrotou Indra e outros em muitas guerras. Mas foi facilmente derrotado por esta jovem que conquistará a todos. O que fará então a Deusa Lalita?”

47-49a. Enquanto falavam assim, o cocheiro conduziu sua carruagem até Bhandasura. Ao ver o grande demônio, Bala, ele disse ao cocheiro: “Você fez o que era certo, pois era um desejo meu. Lutando com ele, satisfarei meu antigo anseio.” Dito isso, Bala lançou uma chuva de flechas sobre Bhandasura.

49b-55a. Então, Bhandasura, vendo Bala à sua frente, ficou feliz por seu antigo desejo estar sendo realizado. Ele pensou assim: “chegou o momento apropriado, há muito esperado, conforme as palavras de Laksmi. Vi a grande deusa que realiza os desejos de Seus devotos. Este é, de fato, o momento de abandonar meu corpo. Morto por ela, alcançarei Sua morada. Esta jovem, filha da Imperatriz Lalita, possui uma bravura maravilhosa. Nascida de Sri Lalita, ela é como Seu reflexo. Não tenho dúvidas de que Devi Lalita também aparecerá para me destruir, respeitando as palavras de Laksmi. As palavras de Laksmi são infalíveis. Que assim seja. Mostrarei minhas homenagens a esta encarnação do reflexo de Devi Lalita de uma maneira apropriada, oferecendo flechas.”

55b-57. Pensando assim, Bhandasura pegou seu poderoso arco e flecha. Ele lançou uma flecha carregada com o mantra da água em seus pés e outra carregada com o mantra das flores em sua cabeça. Uma flecha lavou seus pés com água pura e fria, enquanto a outra fez chover flores sobre sua cabeça.

58-60. Ao observar essa maravilha, o cocheiro questionou Bala: “ó jovem! Estou vendo uma maravilha no demônio. É causada por ele ou por sua grandeza? Embora você esteja lançando flechas no campo de batalha, como ele pode estar te adorando? Por favor, esclareça logo minha dúvida sobre isso.”

61-65. Ao ser questionada, Bala disse: “ó, querido amigo! Escute este grande segredo que me foi contado há muito tempo por Devi Lalita. Este demônio, um grande devoto de Devi Tripura, era Manisekhara, o mensageiro de Laksmi, e se tornou um demônio por causa de uma maldição. Se morto por Devi Lalita, ele alcançará Sua morada. Ele me adorou com flechas porque sou filha de Lalita. Agora observe minha resposta.” Dito isso, Bala disparou uma flecha que se dividiu em cinco e atingiu a cabeça de Bhandasura. Com isso, o grande demônio se sentiu feliz por a Devi ter colocado Suas mãos sobre sua cabeça e o abençoado.

66. Ao presenciar isso, o cocheiro de Bala ficou maravilhado. Então, uma grande batalha começou entre Bala e Bhandasura.

67-68. A guerra entre eles, com cada um retaliando o outro com chuvas de flechas, foi singular e aterrorizou até os covardes. Bhandasura, para agradar a Devi, lutou com devoção, exibindo sua força assombrosa.

69-71a. Mirando nos pontos vitais do corpo, ambos habilidosos nas técnicas, trocavam elogios: “ó Herói! Habilidoso na guerra, você se saiu bem. Ó Deusa! Com grande poder, você está se saindo bem.” Assim, enquanto a guerra entre Bala e Bhandasura prosseguia, eles se atacavam com poderosos projéteis que realmente deslumbraram o mundo.

71b-75. O míssil Parvata foi repelido pelo Raio; o míssil Sarpa, pelo Garuda; o Fogo, pela Chuva; a Chuva, pelo Vento; novamente o Naga, pelo Mangusto; o Mangusto, pelo Gato; o Gato, pelo Cão; o Lobo, pelo Tigre; o Tigre, pelo Leão; o Leão, pelo Sarabha e Gandabherunda. Também lançaram mísseis de Yama, Varuna, Kubera, Nirruti, Indra, Rudra, Mohana, Pinaka, Vaisnava e

Brahma. A guerra entre Bala e Bhandasura foi assustadora.

76-79. Os demônios e saktis que vieram ajudar observaram a maravilhosa guerra com grande surpresa. Conforme a batalha progredia, quando Bhandasura estava perdendo devido à habilidade de Bala, Visanga, Visukra e Kutilaksa, com seu exército, cercaram Balambika e lutaram contra ela usando armas que disparavam fogo pesado. Bala lutou contra eles sem esforço.

80-82. Enquanto Bala enfrentava uma guerra, Dandanatha, de incrível poder, após conquistar um enorme exército de demônios e esmagar um imenso batalhão montanhoso com seu bastão poderoso como um raio, aproximou-se de Bala, que lutava com entusiasmo, e ficou surpresa ao vê-la lutando sozinha.

Fim do sexagésimo quarto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 65

1-3. Então, pela bravura de Dandanatha, o exército de Bhandasura foi destruído como uma montanha pelo raio de Indra. Enquanto o exército do demônio era golpeado por seu pilão, Varahi viu, para sua surpresa, Bala lutando novamente com grande interesse, sozinha contra os grandes demônios.

4-7a. Então Varahi disse a Bala: “ó Balambika! Chega de bravura em guerra, que não tem paralelo. Nunca vi em lugar nenhum tamanha coragem com que, sozinha, venceste demônios tão poderosos e ferozes. Ao saber de sua batalha solitária contra os demônios, a Grande Devi, sua mãe, está preocupada. Você deveria ir encontrar a Grande Imperatriz agora mesmo.”

7b-8. Dito isso, Varahi ordenou a Asvarudha que levasse Bala em segurança e rapidamente até a Grande Imperatriz Lalita e que retornasse.

9. Assim ordenada, Asvarudha entrou na carruagem de Bala, que não queria deixar o campo de batalha, e a conduziu de volta.

10-15. Após alcançar Devi Lalita, Asvarudha entregou Bala a Ela e disse: “ó Mãe! Esta menina

foi trazida de volta do campo de batalha às pressas. Ela é extremamente corajosa e possui grande valor e destreza. Quando fomos, conforme Sua ordem, para trazê-la de volta da guerra, ela havia entrado no oceano, como um exército de demônios, e destruído miríades de demônios poderosos. Ela derrotou Visanga e Visukra, os irmãos de Bhandasura, conhecidos por sua natureza feroz. Então, ela lutou por muito tempo com Bhandasura, que havia conquistado todos os mundos e perdido sua habilidade mágica. Com grande esforço, Varahi a alcançou e pôs fim à guerra." Dito isso, Asvarudha retornou à guerra.

16-17. Então a Grande Imperatriz Lalita logo tomou Bala em seu colo, abraçou-a e, com amor, cheirou sua cabeça e disse: "Minha filha! Não repita mais tais atos de bravura. Foi impróprio que você tenha ido lutar sem me informar."

18-21. Então Bala, com os olhos vermelhos e suspirando frequentemente, disse à sua mãe Lalita: "ó Mãe! Há muito tempo que eu estava ansiosa para brincar de guerra. Com medo de que a Senhora me impedisse, não lhe contei que ia para a guerra. Antes mesmo de me satisfazer com o esporte da guerra, sua Dandanatha me tirou de lá. Respeitando seu medo da minha paixão pela guerra, voltei. Caso contrário, eu a teria humilhado lutando com ela."

22. A Grande Devi Transcendental, abraçando Bala enquanto ela falava, consolou-a e pediu-lhe que não falasse daquela maneira.

23-26. Então Dandanatha, sentada no Kiri-cakra, lutou com Bhandasura, que estava acompanhado por um exército de demônios. Tanto as Saktis quanto os demônios se enfrentaram com fúria. Os demônios golpeavam as Saktis com armas como pilões, tridentes, clavas de ferro, flechas de ferro, dardos, espadas, lanças e machados. As Saktis também matavam os poderosos demônios na feroz batalha, usando uma variedade de armas.

27-28. Atingidos pelas saktis, os demônios perderam membros, coxas e narizes. Alguns foram cortados ao meio pelas armas. Outros foram pulverizados. Alguns foram completamente esmagados pelas armas pesadas. Todos lamentavam, chamando por seus filhos, amigos, pais e irmãos.

29-31a. Dessa forma, os demônios foram reduzidos a cinzas pelo fogo das armas de Sakti. Os demônios restantes começaram a fugir apavorados. Logo, ninguém conseguia mais entrar no campo de batalha, que se enchia com o ruído assustador dos rios espumosos de sangue. Era um banquete para os espíritos dos mortos, raposas, águias e chacais.

31b-32. Visukra e Visanga, ao impedirem os demônios que estavam perdendo e fugindo, os trouxeram de volta à guerra. Novamente, uma guerra terrível começou com as Saktis.

33-34. Visukra, com seu poder mágico, deixou perplexo o exército das Saktis. Ele criou escuridão e lançou pedras, brasas e vento. Com isso, o enorme exército das Saktis foi atormentado e, gritando, perdeu a consciência.

35-36. Ao ver isso, Sampatkari chegou em seu elefante e rapidamente começou a confrontar

Visukra. Até mesmo a poderosa Asvarudha lutou com Visanga. Varahi lutou com extrema fúria contra Bhandasura.

37-43a. Lutando contra Visukra, Sampatkari, montada em Ranakolahala e seguida por um enorme exército de elefantes, lançou uma chuva de flechas sobre ele e, usando um míssil antimágico, destruiu sua magia assustadora. Visukra também revidou com flechas. Como a guerra se prolongou por um longo período, Sampatkari quebrou seu arco em dois. Ele pegou outro arco, que também foi quebrado por ela. Assim, centenas de seus arcos foram destruídos. Então, o poderoso Visukra, tomado por grande fúria, golpeou o ombro de Sampatkari com uma lança, fazendo com que seu enorme arco caísse. Ao ver isso, ele rugiu.

43b-48a. Então, a furiosa Sampatkari enviou seu elefante para lutar. Seu enorme elefante começou a lutar com o elefante do demônio. Parecia que duas montanhas estavam em combate. Eles lutaram ferozmente por algum tempo, entrelaçando suas trombas, golpeando suas têmporas, esfregando seus flancos, atacando com suas presas e fazendo muito barulho. Então, o poderoso Ranakolahala rapidamente atacou o elefante do demônio e, colocando-o no chão, perfurou seu estômago com a presa, ergueu-o e o deixou cair com raiva. Com isso, o gigantesco elefante gritou, girou três vezes e caiu morto.

48b-50. Ao ver seu elefante caído, o grande Visukra saltou com um aguilhão e, furioso, golpeou o elefante Ranakolahala entre as têmporas, ferindo-o na cabeça e fazendo-o recuar uma distância equivalente a cinco arcos.

51-53a. Visukra, saltando novamente com o aguilhão montado no elefante, lutou com Sampatkari. Arrebatando-lhe o arco e partindo-o em dois, golpeou-a furiosamente na cabeça com uma das partes.

53b-54. Assim atingida com força, ela ficou inconsciente por um tempo e, novamente, a furiosa Sampatkari desferiu um forte soco com seu punho em forma de diamante na cabeça de Visukra.

55-57. Com a cabeça rachada pelo soco, Visukra, sangrando e inconsciente, caiu no chão como uma montanha com as asas decepadas. Então, quando o elefante enfurecido de Sampatkari estava prestes a pisoteá-lo, o filho de Bhandasura, que lutava por perto, viu a cena e, pensando que seu tio estava sendo morto, o afastou com poder mágico. Assim, o grande demônio foi derrotado por Sampatkari.

58-61. Então Asvarudha lutou com o poderoso demônio Visanga, que, montada em seu cavalo, lutava usando diversos tipos de projéteis e armas. Asvarudha, cavalgando, golpeou o peito de Visanga com uma maça, deixando-o momentaneamente inconsciente, mas rapidamente retomando o controle com armas como espada plana, escudo e satacandra, ele avançou contra o exército das saktis. Sob o impacto de suas armas, as saktis perdiam cabeças, corpos e membros, caindo em massa.

62-63. Asvarudha, furiosa, amarrou-o com uma corda, pois ele estava destruindo seu exército. Quando estava prestes a matá-lo junto com seu cavalo com uma maça, o grande demônio, mestre da magia, percebendo sua derrota, desapareceu magicamente com seu cavalo. Assim, Visanga foi derrotado por Asvarudha.

64-66. Quando Visanga foi expulso da guerra por Asvarudha, Dandanatha, acompanhada por seu exército, lutou contra Bhandasura. A porca que enfrentou Dandanatha subjugou Bhandasura destruindo seus projéteis e armas, contra-atacando-os. Ela o superou em combate com espada, maça, arco e flecha, machado e até mesmo no boxe.

67-70. Quando foi derrotado em combate com armas, Bhandasura refletiu sobre o ocorrido e, sendo um mestre da magia, recorreu à guerra mágica. Criou escuridão, redemoinhos, relâmpagos, chuvas ensurdecedoras de pedras, serpentes, cadáveres e fogo. Criou cães de caça, lobos, tigres, hienas, demônios, leões, sarabhas e Gandabherundas. Dandini, usando mísseis retaliatórios, destruiu suas repetidas criações mágicas.

71-72. Então, atormentado pelas armas luminosas de Dandanatha, Bhandasura escondeu-se no céu e começou a lutar de sua carruagem. Ele lançou uma chuva de pedras que produziam um som estrondoso, juntamente com o som das armas e trovões, o que assustou o exército dos saktis.

73. O exército das saktis, torturado por essas chuvas, ficou disperso como uma ponte destruída.

74-79a. Ao ver a perturbação, Dandanatha, com fúria violenta, saltou rapidamente para o céu, empunhando uma arma. Rompendo a chuva de pedras, começou a procurar o demônio no céu encoberto pela escuridão. Então, iluminou o céu com seu próprio brilho e alcançou o demônio, protegendo sua magia. Com a maça, golpeou o enorme demônio, que estava sentado em sua carruagem, provocando uma chuva de pedras, atingindo-o na cabeça, fazendo-o cair inconsciente no chão como uma montanha atingida por um raio e como um rio que transborda. Novamente, com grande fúria, Dandanatha destruiu com sua maça a carruagem, os cavalos e o cocheiro.

79b-86. Entretanto, o grande demônio Bhandasura, recuperando a consciência, saltou para o céu com sua maça para lutar com Dandanatha. Uma guerra feroz começou entre Varahi (Dandanatha) e o rei demônio. Houve um tumulto de golpes de maça trocados e um grande estrondo de trovões. Depois de lutar assim por um tempo, Dandanatha, pensando que o grande demônio era excessivamente poderoso, arrastou-o com seu arado e ergueu seu pilão que segurava em seu braço robusto. Pensando que morreria atingido pelo pilão, Bhandasura lembrou-se das palavras de Laksmi: “o que Laksmi disse antes não pode se tornar falso. Como posso morrer atingido pelo pilão infalível? A Grande Devi Tripurasundari, que realiza os desejos de Seus devotos, deveria me matar na guerra, e este é o meu desejo há muito tempo”. — Enquanto o demônio pensava assim, uma voz incorpórea disse: “ó Dandanatha! Bhandasura não deve ser morto por você na guerra. Portanto, retire seu pilão infalível.”

87. Ao ouvir a voz incorpórea, a furiosa Dandanatha libertou o grande demônio das garras de seu arado e decidiu não matá-lo.

88-89. Então Bhandasura, que foi derrotado por Dandanatha, desapareceu. O exército de demônios, severamente atingido pelas saktis, foi repelido. Vendo o colapso dos demônios, as saktis tocaram muitos instrumentos, declarando sua vitória.

90-93. Então, uma líder das Saktis chamada Jaya enviou um grupo de Saktis até Devi Lalita. As Saktis que estavam mortas ou feridas foram rapidamente trazidas de volta à vida e curadas por Amrtesi. Em seguida, reunindo o exército feliz, Dandanatha, acompanhada por Sampatkari e Asvarudha, partiu rapidamente em sua carruagem, ao som de elefantes e instrumentos que proclamavam seu triunfo, para encontrar Devi Lalita.

Fim do sexagésimo quinto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 66

1-3a. Então Dandanatha, juntamente com seu batalhão, foi até Mantrini Devi e a informou sobre a vitória após se curvar diante dela. A satisfeita Mantrini abraçou Dandanatha e a honrou com presentes. Em seguida, Mantrini, juntamente com Dandanatha, foi até a Grande Imperatriz Lalita e relatou sobre a vitória, o que trouxe alegria às saktis.

3b-4. Bhandasura, acompanhado do que restava do exército, partiu para a cidade de Sunyaka, demonstrando tristeza externamente, mas feliz interiormente, pois seu desejo fora atendido e ele conseguira chegar aos seus aposentos privados.

5-6a. Então Sammohini e as outras esposas de Bhandasura disseram em uníssono: “ó Senhor! Por que o Senhor está tão desamparado hoje? Como a previsão de Narada falhou?”

6b-9. Ao ouvir suas esposas, Bhandasura, ciente de seu desejo auspicioso e percebendo que elas haviam compreendido corretamente as palavras de Narada, disse: “ó queridas esposas! Escutem. Por que eu deveria ficar triste depois de ter alcançado meu desejo? Tudo o que Narada lhes disse me agradou. Muito em breve, morto pela Grande Devi, chegarei à Sua morada. Para manter isso em segredo dos demônios, estou com essa aparência triste.”

10-12a. Então as esposas disseram novamente: “ó Senhor! Vamos te contar o nosso desejo. Se for certo que o Senhor será morto na guerra por Ela, nós também estamos preparadas para sermos mortas por Ela. Se assim for, leve-nos, a nós que te somos tão queridas, junto com o Senhor. Nós mostramos o caminho. Caso contrário, qual será o nosso destino? Por favor, diga-nos. Seria impróprio da sua parte nos descartar, a nós que somos devotadas a Ti e apegadas a Ti como a tua sombra.”

12b-16. Ao ouvir suas esposas, Bhandasura, tomado de êxtase, disse: “escutem minhas palavras sinceras. Eu já havia pensado nisso há muito tempo, e isso não mudará pelo motivo que vou revelar. Pela graça de Devi Laksmi, posso me lembrar da minha vida passada. Ela me disse que Devi Tripurasundari cuidará de nós e atenderá a todos os desejos dos devotos que se refugiam sob Sua proteção, mesmo que sejam impossíveis. Portanto, nosso desejo será realizado. Desejo ir para Sua Morada junto com todas vocês, e não há dúvida de que isso acontecerá.”

17-22a. “Mesmo assim, tenho outro desejo: ir para Sua Morada com meus filhos e outros. Isso pode acontecer, mas estou preocupado. Com Sua graça, de alguma forma, alcançaremos nossos desejos. É impossível neste mundo suportar a separação de amigos e parentes, sem os quais até um segundo parece uma eternidade. Portanto, rezo para nunca ficar longe dos meus parentes. Todos vocês devem sempre rezar por isso. A Devi atenderá aos desejos impossíveis de Seus devotos. Este assunto não deve ser revelado a outros. Assim, me tornei puro de espírito. Ó Rainhas! Deixem a tristeza de lado. O bom tempo chegou.” Dizendo isso, Bhandasura entrou na enorme assembleia ao pôr do sol.

22-27. Então, seus irmãos, Visukra e outros, juntamente com os ministros, filhos, servos e membros da assembleia que brilhavam como estrelas, chegaram e, após se curvarem perante o rei, ocuparam seus respectivos assentos. Visukra, vendo o rei abatido, o elogiou e, com as palmas das mãos juntas em reverência, disse: “ó Senhor Bhandasura! O ato da Devi de matar os demônios para alcançar seu objetivo é injusto. Até mesmo Visukra, o seguidor mais inteligente de Sukracarya, falou contra sua própria crença. Durante períodos desfavoráveis, uma crença é transgredida. A mente naturalmente segue os eventos iminentes.”

28. “Ó Rei! Tu estás sentado, entristecido, nesta assembleia. Enquanto nós, os demônios, estivermos vivos, é impróprio que estejas triste.”

29-32. Assim interpelado, Bhandasura falou novamente à assembleia de demônios: “ó Visukra! O que posso dizer quando o momento é desfavorável? Eu, que sou o senhor de cento e cinco universos, que derrotei Visnu e outros inúmeras vezes, e só de ouvir meu nome, Indra jamais dormirá, fui vencido em uma guerra sem sentido por um grupo de mulheres. Vocês me questionam, a mim que estou quase morto, por que estou deprimido. A morte é mais louvável do que este tipo de derrota.”

33-37. Ao ouvir essas palavras, Visukra falou assim: “ó Senhor dos demônios! Não te convém demonstrar impotência. Quem não teria compaixão por uma mulher frágil? É um código natural

de conduta não usar armas contra mulheres. Tanto tu, quanto eu, ou teus filhos, ou mesmo um demônio de baixa patente a teu comando, podemos destruir rapidamente todo o exército das Saktis. Confirmo isso tocando teus pés. Podes se divertir com as donzelas divinas em teu harém. Eu irei conquistá-la e verei teus pés novamente." Dizendo isso, olhou para Kutilaksa, o chefe do exército, que estava ao seu lado.

38-41a. Então Kutilaksa curvou-se com as mãos postas em sinal de respeito diante de Visukra e disse: "ó herdeiro aparente! Por que falas assim enquanto estou vivo? Por favor, acalma-te com o rei, Visanga e os filhos do rei. Partirei com o exército e seus líderes e a conquistarei. Caso contrário, prometo que jamais retornarei." Dito isso, e curvando-se diante deles, saiu da cidade acompanhado por um poderoso exército e líderes de Aksauhini.

41-46a. Então, outro poderoso líder do exército, chamado Durmada, acompanhado por dez soldados Aksauhini, montado em um camelo e empunhando uma maça, juntou-se a Kutilaksa. Sentado como se estivesse no auge da arrogância, curvou-se diante de Kutilaksa e disse: "ó chefe do exército! Por favor, permaneça aqui com seu exército. É impróprio que você tente conquistar uma mulher frágil. Em breve, eu a aprisionarei e trarei de volta. Se eu não a trouxer logo, então você poderá prosseguir e tentar." Dito isso, Durmada partiu em grande velocidade, tocando repetidamente instrumentos musicais anunciando o triunfo, e alcançou, ao amanhecer, a linha de frente do exército dos saktis.

46b-48. Ao ouvirem o som tumultuoso do exército de demônios se preparando para a batalha, Sampatkari e Asvarudha foram até Devi Lalita, Mantrini e Dandini e, após se curvarem diante delas, informaram-nas sobre a prontidão dos demônios para lutar. Satisfeitos com a permissão concedida, ambas, seguidas por inúmeras saktis, partiram para a batalha.

49-55. Ali, Devi Sampatkari cavalgava o gigantesco Ranakolahala, tão alto quanto a cordilheira do Himalaia. De pele dourada, vestia um manto vermelho adornado com rubis. Era um oceano de beleza com ondas de jovialidade. Empunhava seu arco cravejado de gemas que brilhavam como um arco-íris. Para saciar o oceano de demônios, partiu, como o Sol da montanha oriental, lançando flechas como seus raios. Inúmeras Saktis semelhantes a ela a acompanhavam em elefantes, disparando flechas ao redor, cada uma empunhando três aguilhões, gritando e avançando sobre os animais. Uma delas, montada em um elefante, conduzia o exército contra o inimigo. Muitas estavam frente a frente com o adversário. Com um exército tão imenso, Sampatkari entrou, dominando o campo de batalha como se fosse devorar o exército dos demônios.

56-57. Os elefantes montanheses, com têmporas naturalmente fendidas, e que jamais se afastavam da guerra, aproximaram-se do exército dos demônios. Então, em ambos os exércitos, ouviram-se sons de instrumentos e de armas colidindo, ceifando vidas como que por assim dizer.

58-63a. Os demônios cavalgavam em carruagens, elefantes, cavalos, burros, camelos, veados, águias, corvos, abutres, corujas, belos pavões, gatos, mangustos, lagartos e fantasmas. Os

demônios empunhavam lanças ferozes, espadas, discos, dardos, clavas de ferro, tridentes, virotes, mísseis e porretes. Contra esses demônios lutava o exército das Saktis com intenso fervor e olhos vermelhos de fúria. Ambos os exércitos trocavam palavras amargas. As Saktis proferiam palavras como "vocês estão acabados. Mantenham-se firmes. Não mostrem as costas" e matavam muitos demônios. Da mesma forma, os demônios destruíam as Saktis.

63-66. Enquanto a batalha pela qual as vidas estavam em jogo continuava, as saktis decepavam as mãos, as pernas, as cabeças e cortavam ao meio os corpos dos demônios. Da mesma forma, as saktis também eram mortas pelas armas dos demônios. Mesmo aleijadas, mordiam os lábios de raiva e golpeavam os inimigos com armas, dentes e punhos. Aquelas que perdiam suas armas as arrebatavam das mãos de outras. Algumas lutavam usando as rodas das carruagens quebradas.

67-68. Enquanto a terrível guerra, semelhante à dissolução, continuava, um rio caudaloso de sangue corria, espumando e ondulando. O exército dos demônios foi destruído pelas saktis montadas em elefantes, e os demônios feridos restantes dos dez Aksauhini foram expulsos.

69-73. Durmada, empunhando uma maça e montado em um camelo, vendo seu exército inteiro destruído, enviou um camelo dourado e veloz, tão alto quanto dez palmeiras, com a aparência do deus da morte, contra o exército das saktis. Este camelo entrou no exército das saktis com grande velocidade. Sua língua pendia para fora da boca como uma massa de carne. Fazia um grande barulho como o fervilhar de um oceano. Cuspiu saliva espumosa e urinava frequentemente. Movendo-se entre as saktis, destruía com o peito, os pés, o rosto e os dentes a manada de elefantes.

74. O enfurecido Durmada, assim como Yama, destruiu as saktis e os elefantes golpeando-os com sua maça.

75. Ao ver a derrota das saktis, Sampatkari enviou seu elefante Ranakolahala para matar o camelo.

76-78. Então o grande elefante, aproximando-se do camelo, o portador do demônio, golpeou-o repetidamente com as têmporas e a ponta da presa. O camelo também revidou com os dentes, a cabeça e os cascos. Assim, travou-se uma tumultuosa luta entre o camelo e o elefante. Então, o elefante agarrou o camelo, derrubou-o no chão e o matou pisoteando-o.

79-80. Ao ver seu camelo morto, Durmada alçou voo em direção ao céu, empunhando sua maça, e, girando-a, golpeou a têmpora do elefante. Atingido pela maça, o elefante cambaleou e, com os joelhos quebrados e sangrando, caiu no chão.

81-82. Entretanto, atingido pela flecha de Sampatkari, Durmada morreu com o peito partido ao meio. Ao verem seu líder morto, os demônios fugiram para se salvarem, sem sequer olhar para trás para as saktis que os perseguiam.

Fim do sexagésimo sexto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 67

1-2a. Ao saber da morte de Durmada, seu poderoso irmão mais velho, Kuranda, recebendo ordens de Kutilaksa, partiu rapidamente para a batalha com um exército de vinte Aksauhini.

2b-9a. Ao ver o vasto exército de demônios se aproximando novamente, Asvarudha, com sua enorme tropa de cavalos, partiu para a batalha. Muitos tipos de cavalos altos assemelhavam-se a ondas. Com os cavalos da mesma cor agrupados, o exército brilhava. Saktis de tom dourado montavam cavalos brancos e vistosos, trajando vestes azuis. Orgulhosas de sua juventude, empunhavam espadas e escudos. Algumas, com a pele da lua, cavalgavam cavalos negros como nuvens de dissolução, vestidas com roupas e ornamentos vermelhos. Brilhavam com coroas cravejadas de safiras e empunhavam arcos e flechas. Outras, de tez avermelhada, moviam-se velozmente em cavalos verdes, trajando vestes e joias cor-de-rosa. Algumas outras usavam as mesmas cores de seus cavalos. Assim, o exército das Saktis avançou, assemelhando-se ao horizonte crepuscular variegado e ao mar que transborda suas margens, e rapidamente capturou o exército dos demônios.

9b-11a. O som gerado por tímpanos, trombetas, chifres de vaca, tambores de guerra, cascos de cavalos e címbalos, misturado com gritos altos como "Hum" e batidas de pés, preenchia o espaço entre a terra e o céu.

11b-13. Então começou uma guerra terrível, ceifando vidas. As direções estavam ensurdecedoras com os sons da luta de espadas. A poeira levantada pelo trote dos cavalos envolvia o céu como nuvens de destruição, e por um instante tudo parecia sombrio como uma noite de lua nova.

14-17. A escuridão da poeira dissipou-se com a chuva de sangue resultante dos golpes, e a guerra continuou. As saktis e os demônios se matavam uns aos outros. As poderosas saktis roubaram a cena, deixando os demônios impotentes. Castigado pelas saktis, o exército dos demônios foi dizimado. Os grandes demônios, tendo perdido pernas, mãos, orelhas, estômagos e costas, atiraram suas armas para todos os lados e fugiram da guerra gritando: "ai de nós! Estamos mortos!".

18-20. Ao ver seu exército destruído, o enfurecido Kuranda, montado em seu cavalo e brandindo seu arco, disparou flechas contra as saktis, dizimando-os aos milhares. O exército das saktis parecia uma ponte destruída pela chuva de flechas lançadas por Kuranda. Então, Kuranda enfrentou Asvarudha.

21-22a. Montada no cavalo chamado Aparajita, ela tinha a pele dourada, vestia roupas brancas, usava ornamentos brancos e empunhava o laço, o aguilhão, o arco e a flecha. Ao vê-la, Kuranda disse o seguinte:

22b-24a. “Por muito tempo você foi arrogante como uma mulher perversa. Vou acabar com essa arrogância. Em breve você enfrentará as consequências de ter matado meu irmão. Matando você primeiro, eu me livrarei do pecado de sacrificar meu irmão. Mostre a sua reconhecida bravura diante de mim.”

24b-27a. Assim que Kuranda terminou de falar, a furiosa Asvarudha o atingiu com três flechas afiadas. Com uma flecha, decepou a cabeça de seu cavalo. Com a segunda, derrubou sua coroa ao chão. Com a terceira, atingiu-o em cheio no peito. O grande demônio Kuranda, tendo perdido seu cavalo e sua coroa, e atingido com força no peito, caiu inconsciente como uma árvore sem raiz.

27b-28a. Ao recobrar rapidamente a consciência no campo de batalha, ele lhe disse: "Você é digna de reconhecimento na guerra. Eu elogio sua luta ao meu lado."

28b-29. Ao ouvir isso, Asvarudha disse novamente: “ó Demônio! Que vergonha para você que ainda está vivo. Você foi deixado vivo de propósito apenas para falar comigo. Veja esta flecha que tira a vida e o orgulho do inimigo.”

30-32. Ao ouvir Asvarudha, o demônio, tomado pela fúria, quebrou seu arco com uma flecha de ponta curva. Ela, por sua vez, quebrou o arco dele com uma espada. O demônio partiu a espada dela em duas com a sua própria espada e golpeou novamente com violência o cavalo dela, que recuou.

33-34a. Entretanto, a furiosa Asvarudha o amarrou com a corda, puxou-o e o golpeou na cabeça com o aguilhão brilhante, matando o demônio com a cabeça rachada.

34b-37. Ao saber da morte de Kuranda, Kutilaksa, o chefe do exército, vendo Karanka e os outros próximos, disse com os olhos vermelhos: “ó Karanka e outros! Cinco de vocês vão com seu exército e tragam rapidamente aquela mulher, seja amarrada ou morta. Todos vocês possuem o poder mágico de Sarpini, pelo qual são verdadeiramente invencíveis por deuses e demônios.”

38-40a. Assim ordenado, Karanka e os demais curvaram-se perante o chefe do exército e partiram para a batalha, cada um seguido por vinte soldados Aksauhini. Esses demônios tinham uma aparência temível: Karanka na carruagem de um burro, Kakamukha no elefante, Vajraloma na carruagem de uma águia, Vajradanta no camelo e Vajravaktra no burro.

40b-42. Ao ouvirem o som estrondoso dos demônios prontos para a batalha, Asvarudha e Sampatkari reuniram seus exércitos. Então, ambos os exércitos se encararam e, em meio ao som de vários instrumentos e ao brilho das armas, lançaram uma chuva de flechas como se viessem de nuvens distantes.

43-46a. Então, os dois exércitos, misturando-se, atacaram-se mutuamente. Franzindo a testa e mordendo os lábios de raiva, cortavam com espadas, perfuravam com longas lanças, fendiam com saraivadas de flechas, esmagavam com virotes e destruíam-se uns aos outros com armas maciças. O batalhão de elefantes e cavalos das Saktis, extremamente enfurecido, aniquilou rapidamente o exército dos demônios.

46b-50. O poderoso Karanka e outros, vendo seu exército praticamente dizimado, entraram no exército das Saktis e, com grande energia, as aniquilaram. Vendo seu exército ser completamente derrotado pelos demônios, Asvarudha e Sampatkari lutaram contra eles. Karanka e outros poderosos demônios, observando seu exército ser conquistado, liberaram o grande poder mágico de Sarpini, uma criatura temível que usava serpentes como adorno, emitia sons estrondosos e criava uma variedade de serpentes para matar as Saktis no campo de batalha. Com o conjunto de serpentes que surgia de seu rosto, olhos e outras partes do corpo, ela destruiu as Saktis rapidamente.

51b-55. Ao verem a terrível destruição, algumas Saktis correram rapidamente para relatar a situação a Dandanatha. Ao chegarem até ela, que estava ao lado de Devi Lalita, curvaram-se também diante de Mantrini e disseram: “ai de nós! Os demônios são temíveis. Ó Dandanatha! Fomos com Sampatkari lutar contra os demônios. Uma grande guerra, que custou vidas, foi travada. Durmada foi morto por Sampatkari. Kurandaka, não fosse por sua fama, foi eliminado por Asvarudha. Destruímos o horrível exército dos demônios. Assim, os demônios foram vencidos.”

56-59a. “Um grande poder mágico chamado Sarpini foi libertado por Karanka e outros, os cinco líderes do exército, que haviam perdido suas tropas. Sarpini criava, a partir de seus olhos e outros órgãos sensoriais, feixes de serpentes. Mordidas, amarradas e atacadas pelas serpentes, as saktis eram severamente queimadas e reduzidas à morte. As duas deusas matavam repetidamente as serpentes lançando flechas. As saktis que tentavam escapar eram severamente torturadas.”

59b-63a. Ao ouvir suas palavras, a furiosa Dandanatha partiu para matar os demônios com seu bastão implacável. Sabendo que Sarpini era invencível, Mantrini deteve Dandanatha e rapidamente informou a Devi Lalita sobre o ocorrido. Então, a Grande Mãe meditou e bocejou. De sua boca aberta, semelhante a um lótus, surgiu com grande velocidade uma grande Sakti de tom dourado, na forma de um mangusto, a deusa da fala, adornada com joias de diamante e sentada sobre Garuda.

63b-64a. Sri Lalitaparamesvari disse àquela que estava de pé após se curvar diante Dela: “Minha filha! Vá e destrua rapidamente aquele Sarpini com seu poder.”

64b-65. Assim instruída, ela imediatamente chegou ao campo de batalha. Todas as serpentes foram dispersadas pelo vento que emanava das asas de Garuda. As saktis libertas das amarras das serpentes se ergueram.

66-67a. Sarpini criou serpentes novamente para destruir a saktis. Vendo as saktis novamente cercada por serpentes, Nakuli logo criou, a partir de seus cabelos, mangustos muito poderosos.

67b-68a. Esses mangustos de várias cores possuíam grande velocidade. Com pelos e caudas eriçadas, eram bem constituídos e tinham dentes fortes.

68b-70a. Esses mangustos rapidamente morderam as serpentes com seus dentes e as cortaram em dois ou três pedaços. Mordidas, cortadas e devoradas pelos mangustos, as serpentes que desejavam matar as saktis foram reduzidas a nada, mesmo enquanto estavam sendo criadas.

70b-74a. Após matar todas as serpentes, os mangustos morderam Sarpini por todo o corpo. Quando Sarpini foi morto, Karanka e os outros lutaram contra Nakuladevi com muitas armas e projéteis. Então, Nakula, destruindo todas as suas armas e veículos, cortou-lhes as cabeças com um único golpe de espada. Com as cabeças decepadas, eles caíram mortos. Os demônios restantes, apavorados, fugiram em debandada.

74b-75. Então Nakuladevi absorveu em seu corpo os mangustos que louvavam a vitória e, após se curvar diante de Dandini, Mantrini e Lalitaparamesvari, relatou-lhes, com as mãos juntas em prece, sua vitória.

Fim do sexagésimo sétimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 68

1-9a. Então, ao saber pelos demônios da morte de Karanka e de outros líderes, Kutilaksa suspirou e se preocupou imensamente: “parece-me que a grande Sakti é realmente invencível. Os poderosos Durmada e Kuranda morreram na guerra. Que assim seja, não devo me preocupar, pois a vitória não pode ser unilateral. Mas como foi possível que Karanka e outros, indomáveis e apoiados pelo inabalável Sarpini, tenham sido eliminados na guerra? A líder das Saktis, conhecida como Lalita, em seu lugar, destruiu nossa força com a ajuda de suas assistentes. Ai de nós! O que não acontecerá se o destino for desfavorável? É espantoso que

Karanka e outros tenham sido mortos por uma mulher. Nosso exército foi reduzido a um quarto. Nossos líderes mais fortes estão mortos. Mas como é possível que nenhum líder das Saktis tenha morrido? Tendo prometido ao rei que derrotaria a Sakti, como posso, como um covarde, informá-lo de minha incapacidade?" Enquanto Kutilaksa, o chefe do exército, estava assim ruminando, Visanga, instigado por Visukra, chegou lá.

9b-11. Ao ver Visanga, Kutilaksa, o chefe do exército, levantou-se e, após oferecer-lhe um assento e outras honras, sentou-se em seu próprio lugar. Vendo Kutilaksa triste, Visanga contou-lhe sobre a intenção da Devi de atender ao pedido de Bhandasura e que Bhandasura estava iludido por Sua generosidade.

12. "Ó Kutilaksa! Seu semblante parece preocupado. Diga-me logo o motivo disso. Eu resolverei tudo."

13. Ao ouvir Visanga, Kutilaksa narrou a enorme destruição causada pelos demônios, a segurança das saktis e o perigo iminente.

14-17. Ao ouvir Kutilaksa, Visanga riu, dizendo: "tudo isso é ilusão", e, iludido pela ilusão da Devi, falou como se fosse sábio: "ó chefe do exército! Apresse-se. Vim aqui sabendo do assunto. Não podemos derrotar um lado forte sem um planejamento habilidoso. A vitória depende da habilidade, que por sua vez depende da inteligência. Com minha perspicácia, elaborei um plano para derrotar as Saktis. Abandone a escuridão de sua tristeza, confiando no Sol das minhas palavras. Creio que as Saktis perecerão com o meu plano."

18-27a. "Escute. Vou lhe contar meu plano de vitória. Ela só pode ser conquistada por meio de fraude. Vou lhe dizer o que decidi. Que nosso enorme exército bem armado, junto com Visukra e os filhos do rei, avance para lutar ainda hoje. Todas as Saktis virão lutar conosco e Lalita ficará sozinha. Então, durante a noite, acompanhado por muitos demônios, subirei na parte de trás de sua carruagem pela lateral e destruirei alguns de seus guarda-costas, capturando à força a frágil e perversa Lalita, que é a mãe do grupo de Saktis. Se não puderem capturá-la viva, eu a golpearei com força com a maça e a matarei. Seja capturada ou morta, isso equivale à destruição de seu exército, que pode ser aniquilado por você. Há muito tempo sei, com minha mente afiada, que a delicada Imperatriz Lalita não será capaz de lutar comigo. Ó amigo! Espero que você não tenha nenhuma dúvida sobre meu plano."

27b-33a. Ao ouvir as palavras de Visanga, Kutilaksa, o chefe do exército, iludido pela ilusão de Devi Tripurasundari, acreditou tolamente na derrota da Devi. Em êxtase, levantou-se, abraçou Visanga rapidamente e disse: "ó louvável entre o clã dos demônios! Muito bem. Sei que és muito inteligente. É realmente raro encontrar alguém que conquiste a vitória com sua inteligência. Nem mesmo Sukracarya e Brhaspati são tão inteligentes quanto tu. Tu cumprirás a missão do rei. Que vivas por muitos anos. Vai depressa informar o rei e retorna com os ministros, os filhos do rei e Visukra, para lutar. O Sol já está se pondo no mar ocidental. Enquanto lutamos contra o exército das Saktis, tu, com tua força e inteligência, alcançarás teu plano."

33b-36a. Após Kutilaksa proferir essas palavras, Visanga entrou na cidade e informou o rei e Visukra sobre seu plano. Com a concordância dos líderes que estavam sob o efeito da ilusão, retornou em breve ao campo de batalha onde o enorme exército das saktis estava reunido. Juntaram-se a ele os filhos do rei, Visukra, os ministros e Kutilaksa.

36b-37. Sabendo por um mensageiro sobre os preparativos secretos dos demônios e a reunião de todo o seu exército, Mantrini informou os acontecimentos a Devi Lalita.

38-40a. Por ordem de Devi Lalita, Mantrini disse assim a Dandini: “ó criança! Os preparativos de Bhandasura parecem ser enormes. Com exceção do líder dos demônios, todos se juntaram à luta. Devemos também ir para lá com todo o nosso exército. Prepare o exército das Saktis de maneira extraordinária.”

40b-43a. Assim instruído, Dandanatha (Kolamukhi) curvou-se perante Devi Lalita e partiu para a guerra junto com Mantrini e todo o exército de Saktis. Repleto de elefantes, cavalos e carruagens, o exército das Saktis, à medida que avançava, assemelhava-se a um oceano que submerge os mundos durante a destruição. O som dos instrumentos musicais, dos elefantes, dos cavalos e das carruagens, misturado ao rugido dos leões, aumentava cada vez mais.

43b-45a. Ao ouvirem aquele som colossal que aniquilava o mundo, os demônios geraram um som recíproco igualmente poderoso. A mistura sonora dos exércitos permeou o céu e a terra, matando os covardes e secando lagos.

45b-50. Então, uma guerra feroz começou entre os exércitos das Saktis e dos demônios. Os demônios, usando armas maravilhosas, destruíam as Saktis. Da mesma forma, as Saktis, com suas armas, esmagavam os demônios. Algumas eram pulverizadas por flechas, outras eram cortadas ao meio por espadas, outras perfuradas por lanças, algumas perdiam o pescoço, o estômago e os braços por discos, algumas eram golpeadas por virotes, clavas com pontas e assim por diante, algumas eram rapidamente amarradas por cordas inquebráveis, algumas tinham a cabeça rachada por machados e outras eram atingidas no peito por dardos e aguilhões.

51-52. Uma guerra equilibrada entre eles se prolongou por algum tempo. Então, destruídos pelas saktis, os demônios fugiram lamentando: “estamos arruinados. Ai de nós! Estamos realmente arruinados.” Perseguidos pelas saktis, os demônios desejavam se render.

53-54a. Ali corria um rio de sangue, com ondas que carregavam cadáveres, um espetáculo para os animais carnívoros. Alguns que se afogavam nesse rio eram rapidamente arrastados para longe.

54b-58a. Ao ver os demônios fugindo, Visukra, irmão de Bhandasura, dirigiu-se a Balahaka e aos outros que estavam ao seu lado. Sabendo de sua força imensurável, chamou a atenção deles e disse: “ó Balahaka! Olhe para esses demônios, todos mortos pelas saktis e sofrendo como órfãos. Avance com seus irmãos e destrua os inimigos. Graças à sua penitência, o Sol

realmente concedeu seu poder aos seus olhos. Vá e incinere-as com o seu olhar.”

62b-63a. Então, todas as saktis que foram encaradas pelos demônios sofreram sede intensa e tortura por todo o corpo.

63b-66a. Todo o exército das saktis no campo de batalha, com exceção de Mantrini e Dandini, foi subjugado pela sede e pelo calor extremos, e seus elefantes e cavalos estavam desmaiando devido ao calor. Observando que o poder nos olhos dos demônios não afetava Mantrini e Dandini por causa de sua glória, Dandini relatou isso a Mantrini.

66b-67a. Mantrini também percebeu, após refletir, que o poder dos demônios se devia à bênção do Sol. Mantrinibpensou na sakti chamada Tiraskarini, que não havia vindo lutar na grande guerra para proteger o Sricakra de Devi Lalita.

68-72a. Apenas por essa lembrança, Tiraskarini apareceu montada em um cavalo cor de colírio. Com a tez azul-escura, vestida e adornada com uma túnica azul e joias, usando uma guirlanda azul e envolta em escuridão total, ela era acompanhada por milhões de saktis semelhantes. Ninguém na Terra pode vê-la sem sua permissão. Ao chegar, ela se curvou diante de Mantrini e disse: “por que fui lembrada?”. Mantrini, ao ser questionada, contou-lhe sobre a força dos demônios e a enviou para destruí-los. Novamente, para apaziguar as saktis, Mantrini ordenou que Amrtesi, que era como um oceano de néctar, seguisse Tiraskarini.

72b-76a. Assim ordenada, Tiraskarini, montada em um cavalo invisível e também invisível, seguida por um grupo semelhante de saktis, destruiu o exército dos demônios, lançando uma chuva de armas sobre eles. Em seguida, ela criou um projétil chamado 'Andhaka', que cegou os demônios, impedindo-os de enxergar qualquer coisa. Então, Tiraskarini, após lutar por um longo período contra eles, que estavam repletos de bravura e perseverando na luta, decapitou-os furiosamente com uma espada.

76b-80. Com a destruição de Balahaka e outros, os deuses, ao som de tambores, derramaram flores celestiais sobre Tiraskarinika e regozijaram-se com a eliminação dos algozes do mundo. Então, Amrtesi reviveu as saktis mortas com uma chuva de néctar. Conquistando assim os demônios de olhos como o Sol, Tiraskarinika curvou-se diante de Mantrini e Dandini e anunciou sua vitória. Mantrini e Dandini a abraçaram e a louvaram, dizendo: “o que você fez é uma tarefa absolutamente impossível”. Enquanto Balahaka e outros eram mortos, o Sol começou a se pôr.

Fim do sexagésimo oitavo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 69

1-5a. Embora os demônios com poder solar nos olhos tivessem sido mortos por Tiraskarini, Visukra, Kutilaksa e outros, iludidos pela visão de Devi Tripura, contentaram-se com a vitória e lutaram com grande força contra as Saktis, enviando Visanga e suas tropas para atacá-las pela retaguarda. Visukra enfrentou Mantrini, o chefe do exército enfrentou Dandini, os filhos de Bhandasura enfrentaram Bala, os ministros enfrentaram Tiraskarini e Ulukajit e outros lutaram contra Sampatkari e Asvarudha. Assim, os demônios lutaram em conjunto contra as Saktis.

5b-8. Ao pôr do sol, quando a escuridão envolvia tudo, uma luta feroz se desenrolou por algum tempo no crepúsculo entre as saktis e os demônios. Então, à medida que a escuridão se adensava, cobrindo todas as direções, a luta continuou, iluminada pelas estrelas. Eles lutaram mutuamente, usando diversas armas e emitindo sons.

9-15. Com a intensa colisão entre os dois exércitos, levantou-se poeira que cobriu o céu estrelado. Então, tomados pela escuridão, as saktis e os demônios, cegos pela fúria, lutaram em confusão. Alguns gritavam insultos, outros perseguiam os inimigos, outros ainda arremessavam armas que eram destruídas por outros. Uma guerra implacável, guiada apenas pelo som, prosseguia, onde demônios matavam demônios e saktis matavam saktis. Assim, uma guerra intoleravelmente cruel, repleta de lamentos aterrorizantes, continuava. Alguns foram mortos por armas, outros esmagados por carros de guerra, outros ainda por cavalos e outros por elefantes. Em uma guerra tão extremamente agressiva, não se podia distinguir o exército adversário, nem o início, o meio e o fim de cada um.

16-18. Ao ver a guerra irregular, Mantrini lembrou-se da deusa Jvalamukhi, que nasceu da forma de Devi Tripurasundari. Apenas com essa lembrança, Jvalamukhi apareceu no campo de batalha. Ela era como uma montanha em chamas, permeando todas as direções com labaredas. Iluminada por seu corpo, toda a escuridão desapareceu. Então, as saktis e os demônios lutaram bravamente.

19-20. “Ó Agastya! Quando a guerra foi devidamente retomada, Bala lutou com os filhos de Bhandasura de muitas maneiras maravilhosas. Os trinta filhos de Bhandasura, cada um com quatro rostos e braços e fortes como Visnu, lutaram simultaneamente com firmeza contra Bala.”

21. Montados em carros de guerra, eles cobriram Bala atirando flechas especiais em todas as direções, tal como a névoa que cobre o Sol.

22-25. Então Bala, com o poder de suas armas, rapidamente destruiu o amontoado de armas dos demônios, como se a escuridão surgisse ao amanhecer. Em seguida, com quatro flechas afiadas, matou um a um os cavalos de cada um. Com uma flecha, matou o cocheiro. Com outra, quebrou o arco. Com mais uma flecha, perfurou seus peitos sem esforço. Tendo perdido seus

cavalos, armas e feridos no peito pela flecha, eles caíram inconscientes como se estivessem mortos.

26-30a. Ulukajit e outros, filhos da irmã de Bhandasura, sessenta deles eram especialistas em guerra e possuíam uma força temível. Contra esses demônios lutaram Asvarudha e Sampatkari, demonstrando um talento extremamente surpreendente. Cada um deles lutou contra trinta demônios separadamente. Asvarudha, após uma longa batalha, os amarrou com uma corda e cortou suas cabeças individualmente com uma espada afiada. Da mesma forma, Sampatkari, perfurando os demônios no peito com lanças, os enviou rapidamente para a morada de Yama, o deus da morte.

30b-32a. Então Ugrakarma e outros ministros lutaram com Devi Tiraskaranika usando diversas armas e projéteis. Durante a luta, a enfurecida Tiraskaranika, com uma espada, rapidamente separou a cabeça dos ministros de seus corpos.

32b-34. Então Dandanatha, montada em uma carruagem, lutou com Kutilaksa. Ambos trocaram flechas poderosas e suas armas foram mutuamente destruídas. Kutilaksa, o chefe do exército de Bhandasura, que era muito bem treinado, lutou contra Dandanatha com força e fúria.

35-38. Lutando com ele, Dandanatha matou os oito cavalos de sua carruagem disparando flechas de seu arco. Com uma flecha, ela matou o cocheiro e, com outra, o atingiu no peito, fazendo-o desmaiar por um instante. Ao recobrar a consciência, ele se levantou com sua maça e, com toda a sua força, golpeou a cabeça do leão que estava amarrado à carruagem de Kiricakra, rugindo como um leão após matar um elefante.

39-40. Atingido pela maça, o leão ficou inconsciente por um breve momento e, ao recobrar a consciência, encarou com fúria o demônio que ali estava e o golpeou no peito com a pata. Com isso, seu peito ficou dilacerado e ele sangrou abundantemente. Novamente, o demônio saltou para a carruagem de Dandanatha e lutou com raiva contra seus guarda-costas.

42-45. Então Jambhini, a chefe da guarda de Dandanatha, enfrentou o grande demônio que lutava na carruagem Kiricakra. Após uma longa e árdua batalha, a poderosa Jambhini atingiu Kutilaksa, que lutava com bravura, com uma flecha, paralisando-o de dor por um instante. Em seguida, ele brandiu sua maça e golpeou Jambhini com força na cabeça, fazendo-a sentar-se perto da carruagem. Ao verem seu estado, as saktis lamentaram-se profundamente.

46-48. Naquele instante, o demônio rapidamente lhe arrancou o arco e o quebrou. Ao se levantar, Jambhini, vendo seu arco quebrado, empunhou sua enorme maça, fervendo de raiva. Então, uma feroz luta com maças teve início, como se Indra e Tvastra estivessem lutando. Os deuses e demônios que assistiam à cena ficaram maravilhados. Percebendo que a carruagem era pequena, lutaram no chão.

49-50. A longa luta de maças, com o som dos impactos, fez os covardes estremecerem. Uma chuva de fogo se formou com o choque das maças. Com golpes de subjugação, saltos e outras

manobras, a luta de maças tornou-se um espetáculo belo.

51-53a. Então, enquanto ele saltava com grande velocidade para atingi-la, ela o golpeou com força na cabeça com a maça. Com uma torrente de sangue escorrendo de seus olhos inchados, língua e rosto, ele caiu no chão com todas as articulações soltas e, abraçando a maça e rolando pelo chão, morreu rapidamente.

53b-55. Ao verem o chefe do exército morto, os demônios fugiram. Os deuses e as Saktis se alegraram com a destruição do inimigo. Após matar Kutilaksa, Jambhini curvou-se diante de Dandanatha e permaneceu ao seu lado. A feliz Dandanatha a abraçou e a olhou com carinho.

56-60a. A poderosa Mantrini lutou veementemente com Visukra. O forte Visukra, o herdeiro aparente, travou uma batalha impressionante contra Mantrini. Eles destruíram um ao outro, suas armas e projéteis. Observando a longa e inspiradora batalha travada pelo poderoso demônio, Mantrini, demonstrando sua habilidade, destruiu rapidamente sua carruagem, cavalos, cocheiro, arco, coroa e bandeira com uma saraivada de flechas.

60b-61a. Assim derrotado na guerra, Visukra, tomado pela raiva, pegou a espada e o escudo e decidiu matar Mantrini.

61b-65a. Então Mantrini, com uma flecha, partiu em duas a espada de Visukra, que se aproximava dela, e destruiu seu escudo com outra flecha. Visukra, então, aproximou-se com o punho cerrado. Mantrini o atingiu no peito com uma enorme lança afiada, que o arremessou a dois krosas de distância, como uma montanha, pelo vento aniquilador. Girando e vomitando sangue espumoso, caiu profundamente inconsciente como um herói. (Um krosa equivale a 1/4 de um yojana, aproximadamente 1 quilômetro).

65b-66. Quando Visukra foi atingido, o exército de demônios fugiu em dez direções, largando as armas e abandonando os veículos. Os demônios carregaram Visukra, inconsciente, para a cidade.

67-72a. Enquanto Visukra e outros lutavam contra todo o exército das Saktis, Visanga pensou alegremente que Devi Lalita estaria sozinha em sua carruagem Sricakra, acompanhada apenas por alguns guarda-costas próximas, e que poderia ser derrotada. Assim, partiu acompanhada por Damana e outras, líderes de um exército de quinze Aksauhini, com um pequeno exército e muitas armas. Observando o som dos passos dos elefantes, Visanga prosseguiu montado em um elefante embriagado, junto com outros que também montavam elefantes. Todos estavam vestidos e adornados de azul, e cada um em seu elefante se reuniu e seguiu o exército do demônio a cerca de duas yojanas de distância.

72b-73. Alguns cercaram as saktis pela esquerda e outros pela direita, e mantendo uma distância de dois yojanas entre si, os demônios avançaram como ladrões em diferentes grupos.

74-75a. Então todos se juntaram a uma distância de cerca de um krosa atrás da carruagem de Sricakra e, em pouco tempo, Visanga e os outros alcançaram a parte de trás da carruagem.

75b-77a. Devi Lalita, a personificação da consciência, conhecendo as intenções dos demônios, informou as Saktis sobre isso e permaneceu alegre em sua carruagem como se desconhecesse a situação. Ao ouvirem a mensagem de guerra, as Saktis, sem medo, dormiram na carruagem de Sricakra em seus respectivos lugares.

77b-79. Os demônios, ao verem as saktis dormindo na carruagem Sricakra, que tinha fileiras de luzes brilhantes e gemas cintilando à luz delas, iluminando-a por completo, aproximaram-se da carruagem querendo subir saltando em grupos.

80-82. Milhares de saktis, com espadas em punho, já circulavam secretamente a carruagem. Algumas saktis, ao avistarem o grupo de demônios montados em elefantes que cercava a carruagem, bradaram, convidando as saktis. Estas, então, entraram no exército dos demônios e os atacaram com espadas e repreensões. Uma feroz guerra teve início entre as saktis e os demônios.

Fim do sexagésimo nono capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 70

1-2. Então Anima e outras saktis no recinto de Sricakra, ouvindo o chamado das saktis externas, percebendo o ataque dos demônios, montaram seus respectivos veículos e, equipadas com armas e projéteis, lutaram vigorosamente contra o exército dos demônios.

3-6. Então, as saktis no Sricakra, uma a uma, ouviram o chamado, e Kamesvari e outras Nityas relataram o ocorrido a Devi Lalita. Ordenadas por Ela, partiram furiosas para lutar contra os demônios. Considerando que seria difícil lutar na escuridão, Jvalamalini, a décima quarta Nitya, cujo corpo montanhoso estava envolto em chamas, emanou chamas conforme ordenado por Kamesvari. Essa chama iluminou uma yojana (3 milhas) ao redor, e as saktis lutaram contra os demônios.

7-9a. As saktis, munidas de muitas armas, mataram os demônios que vieram lutar e rapidamente os enviaram para a cidade de Yama. Então, os demônios restantes, que tentavam fugir, foram cercados pelas saktis e, sem encontrar saída, foram atingidos por seus golpes, soltando lamentos estridentes.

9b-15a. Ao verem a destruição causada pelos demônios, Damana e outros demônios

poderosos lançaram inúmeras flechas, obstruindo fortemente as saktis e, com armas maciças, começaram a matá-las em grande número. As saktis, duramente atingidas pelos demônios, responderam com uma chuva de flechas, como se fossem nuvens carregadas de chuva caindo sobre o pico da montanha. Embora as saktis tenham lutado contra Damana e os outros por um breve período, o poderoso Damana, com sua saraivada de armas e projéteis, as deixou miseráveis. As saktis, perdendo braços, armas, membros e vidas, não conseguiram resistir à chuva mortal de armas dos demônios. Algumas saktis desmaiaram, outras morreram, outras foram despedaçadas e outras foram mortas a golpes mortais.

15b-17a. Ao presenciarem o colapso das Saktis, a poderosa Kamesvari e outras divindades da fase lunar enfureceram-se e, montadas em carruagens, lutaram contra os quinze demônios Damana e outros. Munidas de diversas armas e repletas de força e bravura, destruíram as armas e projéteis dos demônios com contra-ataques e flechas, atingindo com grande destreza os órgãos sensíveis das criaturas.

18b-20a. Assim atingidos pelas saktis, os demônios ficaram extremamente furiosos e lutaram de maneira assombrosa, repletos de força e violência, disparando flechas que emitiam faíscas de fogo semelhantes a fogo de submarino, capazes de incendiar os mundos e brilhar no campo de batalha.

20b-22. Então, as divindades Nitya, lutando com os demônios maravilhosamente poderosos, destruíram um a um seus cavalos, carruagem, cocheiro e bandeira, quebrando seus arcos com lanças afiadas e, com grande força, deceparam suas cabeças. Quando Damana e os outros demônios foram mortos, os demônios restantes, tomados pelo medo, fugiram em dez direções.

23-24. Então, o valente Visanga, montado em um elefante, lutou bravamente sozinho contra as numerosas Nityas Saktis. Kamesvari e outras Nityas o cercaram, enquanto ele lutava com bravura, e o atingiram com uma chuva de flechas.

25-26. Então Kamesvari disse a Visanga, que estava lutando: “ó demônio vil! Pare de lutar, pois isso acabará com a sua vida. Abandone suas armas e volte rapidamente para casa em segurança. Parece impróprio que você esteja lutando sozinho contra tantos outros.”

27-31a. Ao ouvir Kamesvari, Visanga riu alto e disse: “ó mulher perversa! Do que você está falando em vão, sem vergonha, parada à distância? Sozinho, em breve destruirei todo o exército das Saktis e certamente levarei Devi Lalita viva, amarrando-a. Primeiro destruirei suas armas. A demora em fazê-lo se deve à minha compaixão pelas mulheres.” Dizendo isso, ele as atacou individualmente com lanças afiadas. Ao ouvi-lo, Kamesvari disse: “se assim é, que haja guerra contra cada uma de nós individualmente e imediatamente contra mim”.

31b-37. Dizendo isso ao demônio, Kamesvari falou novamente: “ó Bhagamalini e outras! Escutem. Eu lutarei com ele e vocês o protejam cuidadosamente para que ele não escape.” Dito isso, ela o atingiu com uma flecha e se dirigiu a ele assim: “ó demônio tolo! Sem nenhuma compaixão por mim, lute com todas as suas forças. Deixe-me ver sua bravura. Se você é um

homem, não fugirá. Eu nunca torturarei você, que está ferido, mas permitirei que você escape. Portanto, deixe de lado sua timidez e lute como um homem." Dizendo isso, ela o atingiu com lanças afiadas.

37a. Visanga também lutou com fúria, usando todas as suas forças, contra Kamesvari.

37b-38. Então, com uma flecha de longo alcance, ela atingiu o elefante bem no meio das têmporas, fazendo com que o animal se partisse em dois e caísse morto no chão como uma montanha.

39-40. Tendo perdido seu veículo, Visanga, pegando um arco e flechas, correu para a luta, demonstrando sua raiva franzindo as sobrancelhas. Então, Kamesvari, com três flechas, rapidamente cortou seu arco, aljava e coroa.

41-45a. Então, enquanto Visanga, empunhando uma espada enorme e assustadora, se aproximava de Kamesvari, ela cortou a espada em três pedaços com uma flecha afiada e, com um sorriso, disse-lhe: "ó Demônio! Você não é muito poderoso? Por que está lutando assim? Por que suas armas não caem sobre mim? Você tem muita compaixão por mim? Por que perdeu suas armas? Como pretende nos conquistar e levar Devi Lalita aprisionada? Suas armas são inúteis para alcançar a vitória. Portanto, fuja da minha presença, se você for um homem."

45b-49a. Ao ouvir as palavras amargas e zombeteiras de Kamesvari, Visanga, erguendo o punho, aproximou-se para matá-la. Então, novamente, com três flechas, ela o atingiu com força no pé, no peito e no punho, deixando-o incapaz de se mover, enxergar ou soltar o punho. Envergonhado, ele desapareceu rapidamente. Antes disso, Kamesvari obstruiu sua passagem criando uma rede de flechas ao seu redor, o que foi surpreendente.

49b-51. Impedido de agir dessa forma, o demônio espalhou seu poder mágico. Ele criou uma variedade de chuvas temíveis de armas, pedregulhos, sangue, serpentes, poeira, carvão em brasa, montanhas, grandes demônios, diabos e fantasmas. Kamesvari, com suas armas, destruiu essa magia enquanto ela era criada.

52-53a. Então, Visanga, em um frenesi, assumiu uma enorme e terrível forma amarelo-escura com mil rostos e miríades de pés, e expelindo fogo de sua boca escancarada, e a matou.

53b-54. Ao ver as saktis assustadas com a figura de um yojana de altura, Kamesvari lançou um míssil anti-ilusão que rapidamente obliterou toda a magia.

55-58a. Então Kamesvari rapidamente amarrou o demônio, que ainda estava escondido, com uma corda consagrada e o empurrou para o chão à sua frente. O demônio, amarrado e jogado a seus pés, curvou a cabeça envergonhado e fechou os olhos como se estivesse morto. Kamesvari ordenou às saktis que levassem Visanga amarrado até a carruagem Sricakra e ela, acompanhada pelas Nityas, aproximou-se dos pés de Devi Lalita.

58b-60. Ao chegarem, subiram na carruagem, curvaram-se diante de Devi Lalita e narraram sua

vitória. Nesse mesmo instante, Mantrini e as outras chegaram e anunciaram seu triunfo após se curvarem diante da Mãe. Ao ouvirem sobre o engano e a astúcia dos demônios, Mantrini e os deuses ficaram surpresos.

61-66a. Ao verem Visanga amarrado e trazido para lá, as saktis, tomadas de grande ira, disseram: “que ele seja morto, ferido, cortado em pedaços e partido ao meio”. Ao ouvi-las, Dandanatha pensou em matá-lo. Então, como desejado por Srimata, Mantrini disse: “matar uma pessoa amarrada é impróprio, pois ela é considerada como morta. Deixe-o ir e narrar seu sofrimento a Bhandasura”. Dito isso, Mantrini ordenou sua libertação e disse-lhe: “ó demônio! Não pratique novamente tal engano, que será desprezado pelos valentes”. Ao ouvir Mantrini, o envergonhado Visanga curvou a cabeça e partiu rapidamente sem olhar para trás.

66b-67a. Então as saktis se reuniram ao redor da Mãe Lalita e narraram juntas os eventos surpreendentes da guerra.

67b-71. Refletindo sobre isso, Dandanatha disse a Mantrini: “ó Devi! Uma grande e terrível guerra foi travada contra os demônios. Resta apenas uma pequena parte da noite. Outra guerra feroz poderá ocorrer após o nascer do sol. Os demônios lutam de forma fraudulenta. Portanto, devemos ir com todo o nosso exército. Contudo, a carruagem Sricakra deve permanecer sozinha aqui. Não há perigo para a glória da Grande Devi Lalita. Mesmo assim, sinto que é impróprio. Pensando seriamente sobre minhas palavras, por favor, organize o que deve ser feito a respeito disso.”

72-77. Ao ouvir Dandini, Mantrini, após analisar cuidadosamente, concordou com ela e, curvando-se diante de Devi Lalita, disse: “ó Mãe! Por favor, ouça-me. Dandini diz que, após o nascer do sol, teremos que ir à guerra novamente, levando todo o exército. Então, sem guardas, somente esta carruagem poderá abrigar a Senhora. Isso me parece impróprio. As Saktis, após a luta, desejam descansar durante a noite. Mas, perturbadas pelo engano dos demônios, elas jamais conseguiriam descansar. Se a Senhora concordar comigo, apenas me conceda permissão. Encontrarei um plano pelo qual os inimigos não poderão nos atacar.”

78-84. Assim, a pedido de Mantrini, Devi Lalita ordenou que ela prosseguisse. Então, Mantrini ordenou à décima quarta Nitya, de nome Jvalamalini, que criasse uma fortaleza para impedir o avanço dos inimigos. Cumprindo a ordem, ela criou uma fortaleza de fogo que circundava o exército das Saktis. Essa alta e formidável fortaleza de fogo projetava suas chamas por uma yojana para fora, mas seu interior era fresco para as Saktis. Ao verem a fortaleza, as Saktis, cansadas da luta, esqueceram o medo e dormiram confortavelmente. Mantrini ordenou que mil Saktis protegessem o Sricakra. Devi Lalita, portanto, estava situada no centro da fortaleza de fogo.

Fim do septuagésimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 71

1-3. O libertado Visanga alcançou o exército dos demônios. Extremamente aflito, impotente, deprimido e apático, sentou-se sozinho, suspirando, em algum lugar isolado. Ao ouvir falar da morte de Kutilaksa, o chefe do exército, e dos ministros, afundou num oceano de tristeza.

3b-5a. Naquele momento, Visukra, acompanhado dos filhos do rei, chegou ao local e, vendo seu irmão Visanga sentado com semblante triste, questionou-o: “ó, querido! Por que seu rosto está tão sombrio hoje? Conte-me tudo o que aconteceu nesta guerra injusta.”

5b-11a. Ao ouvir as palavras de seu irmão, Visanga suspirou e disse: “ó irmão! O que posso lhe dizer? Nunca enfrentei tal situação. Suponho que chegou a hora da destruição dos demônios. É realmente surpreendente que os demônios que podiam lutar com Visnu tenham sido vencidos por um grupo de mulheres, como um leão derrotado por chacais. É impróprio para mim viver sob esta condição tão ruim. O que devo fazer? Não fui morto na guerra. Aqueles Kutilaksa e outros demônios que morreram são afortunados, pois não sofreram a derrota e sobreviveram. Ao quitarem suas dívidas com seu rei, alcançaram um lugar no céu e fama neste mundo. Que vergonha para um demônio como eu, que não está nem vivo nem morto.

11b-16. “Ó irmão! Que vantagem há em falar tanto? Vou lhe contar o essencial. Escute. Uma fase ruim se abateu sobre os demônios. Por isso, derrotado pelas mulheres, não quero viver. No início da noite, fui com meu exército e tentei conquistá-la atacando sua carruagem pela lateral. Enquanto tentávamos capturá-la subindo na carruagem, o exército de saktis que a guardava, circulando ao redor, nos enfrentou com espadas mortais. Mesmo enquanto as insultávamos, elas lutavam veementemente, embora tropeçassem naquela escuridão de pouca visibilidade.”

17-18. “Naquele momento, de sua grande carruagem emergiram dezesseis saktis que criaram uma montanha flamejante que dissipou a escuridão e, juntas, nos cercaram e lançaram uma saraivada de flechas, atingindo-me após matar instantaneamente Damana e os outros.

19-22. “A incrivelmente poderosa e proeminente sakti Kamesvari, entre elas, começou a lutar comigo e, em meio minuto, me prendeu. Nenhuma das minhas forças e poderes mágicos foi eficaz contra ela. Amarrado e arrastado, fui empurrado aos pés de Devi Lalita. Então, fui libertado por sua compassiva ministra Mantrini, cuja tez era verde-escura, cujo corpo era a

própria essência da beleza e cuja voz era melodiosa. Portanto, não há sentido em eu viver depois de perder minha fama e vigor."

23-29. Ao ouvir essa conversa, Visukra sorriu e disse: "ó, querido! Seu poder de raciocínio foi destruído por Lalitambika, que o ajudou a satisfazer os desejos de Bhandasura. Você desconhece os caminhos para a vitória na guerra. Às vezes, até mesmo os mais poderosos são derrotados por pessoas comuns, o que não é surpreendente nem aceitável para os corajosos. Uma pessoa que caminha na terra às vezes tropeça, mesmo durante o dia. Os inabaláveis jamais tropeçarão. Nada pode ser concluído com isso. É difícil prever a vitória ou a derrota na guerra. Somente o resultado final pode determinar a vitória. Vitórias intermediárias não podem ser consideradas vitórias. Ai de mim! O que posso lhe dizer sobre o impacto da ilusão em você? Posso apenas dizer que pensamentos corajosos e bem ponderados trarão sucesso. Afaste-se dos pensamentos negativos que atrapalham o progresso. Ouça meu plano, que acabará com seu sofrimento."

30-35. "Escute. Vou lhe contar o plano, pelo qual derrotamos Indra e outros deuses muitas vezes, mas que você já esqueceu. Trata-se do míssil mágico que cria obstáculos para os inimigos. Aprendi com Sukracarya e agora o construirei conforme combinado. Ao dispará-lo, o exército das Saktis será destruído. Vou gravá-lo em uma pedra e entregá-la a você. Você deve instalá-lo habilmente no meio do exército das Saktis e retornar rapidamente. Assim, os esforços das Saktis serão em vão e elas perderão suas forças. Então poderemos marchar com nosso exército e destruir as Saktis facilmente. Não duvide deste plano. Levante-se e livre-se da preocupação que nasce da tristeza, pois ela mata sua coragem."

36-37a. Ao ouvir seu irmão, Visanga, iludido pelo poder da Grande Devi, teve certeza de sua vitória, ficou extremamente feliz e elogiau a inteligência e a perspicácia do irmão.

37b-43a. Então Visukra informou seu plano a Bhandasura e obteve sua permissão. Em seguida, após se purificar, inscreveu o Vighnayantra em uma laje de pedra. Nesse diagrama, venerou a deusa demoníaca que gera obstáculos, oferecendo-lhe vinho, carne e muitos outros objetos. Untou seu corpo nu com cinzas do cemitério e bebeu vinho de um crânio, adotando práticas pervertidas. Voltado para o sul, entoou mantras usando um colar de ossos de duende e cercado por um grupo de mulheres nuas. Assim, concretizou o projétil, entregou-o a Visanga e disse: "ó, querido! Implante-o no meio do exército de Saktis, com a frente voltada para a grande carruagem de Devi Lalita, e retorne rapidamente."

43b-46. Levando consigo o infalível Vighnayantra, Visanga chegou ao acampamento inimigo ao final da noite e viu a fortaleza invencível de chamas e as saktis à sua porta. Temendo, manteve-se à distância e, após refletir, alçou voo. Incapaz de atravessar a fortaleza, arremessou o yantra com grande força para dentro e retornou. Supondo ter cumprido sua missão, relatou o ocorrido ao seu irmão mais velho.

47-50. Visukra, acreditando que as Saktis seriam rapidamente destruídas pelo infalível Vighnayantra, imbuído de grande poder, saiu da cidade acompanhado de todo o seu exército,

seu irmão e os filhos do rei, deixando para trás mulheres, idosos e crianças. Enviando um exército de Aksauhini para guardar a cidade de Sunyaka, todos os demônios, rangendo os dentes, partiram para a batalha.

51-54a. Eles alcançaram rapidamente a fortaleza de chamas. Ao verem aquela fortaleza inacessível, decidiram dividi-la. Visukra e outros líderes lançaram mísseis de vento, montanha, lua, gelo, terra, oceano, água, chuva e aguaceiros sobre a fortaleza de chamas, que os destruiu completamente, como palha, pelo fogo da dissolução.

54b-57a. Percebendo a imponência daquela fortaleza, Visukra e os outros decidiram voar alto e entrar nela. Enquanto um demônio voava para tentar entrar, a fortaleza de chamas cresceu, tornando-se maior que seu alcance de voo. Pensando que não seria possível voar e entrar, os demônios alcançaram o portão da fortaleza. As chamas queimaram o demônio que tentou entrar pelo portão.

57b-59a. Acreditando ser impossível atravessar o portão, os demônios lançaram armas e mísseis através dele. Ao saber disso, Dandanatha ordenou que as Saktis se preparassem.

59b-65. Todas as Saktis foram afetadas pelo Vighnayantra e se tornaram preguiçosas. Algumas estavam sonolentas. Elas não se importavam com as ordens de Dandanatha. Pensavam assim: “por que deveríamos lutar? Por que deveríamos matar os demônios? Os demônios não nos ofenderam. Por que deveríamos nos opor a eles? Por que deveríamos lutar contra os demônios para alcançar os objetivos dos deuses? Por que não deveríamos lutar contra os deuses para ajudar os demônios? Dandanatha e Mantrini são irascíveis por natureza e, embriagadas, tornam-se irracionais. Até mesmo Devi Lalita, que está sempre envolvida em passatempos amorosos com Kamesvara, perdeu seu discernimento e sempre considera boas as sugestões da embriagada Mantrini. O que dizer de Bala, que está sempre interessada em esportes?

66-68. “A influência da ilusão é assombrosa. Por que matamos os demônios? Ao nos envolvermos em crueldade fútil, pereceremos em breve. Vamos aos lagos sagrados e, como ordenado, alegremente expiaremos os pecados de torturar os demônios”. Algumas saktis pensaram assim: “basta desta guerra que gera sofrimento. Vamos aos lugares sagrados e alcancemos nossos desejos realizando penitência”.

69-72a. Algumas outras saktis disseram: “basta desta guerra que destrói nossos corpos. Vamos encontrar um marido adequado e desfrutar da vida para sempre.” Elas conversavam dessa forma, divergindo em suas opiniões, e disseram a Dandanatha: “nunca lutaremos nesta guerra inútil e não estamos obrigadas a obedecer às suas ordens. Se você se irritar conosco, lutaremos com você. Não se orgulhe de se unir à embriagada Mantrini. Você será humilhada ao nos enfrentar.”

72b-74a. Algumas outras saktis disseram furiosamente: “ó Cara de Porca! Por que você está sempre furiosa conosco e dirigindo seus olhos horríveis para nós? Vá embora daqui depressa,

ou arrancaremos seus olhos. Não há ninguém mais desavergonhado e com cara de porco do que você."

74b-76a. Outra sakti, empunhando uma espada, aproximou-se de Dandanatha e disse: "ó cara de porca! Se você é realmente poderosa, escute. Lute comigo com sua arrogância. Se for atingida por minhas armas, você morrerá desnecessariamente."

76b-78. Ao ver o estado das saktis, Dandanatha ficou maravilhada. Ela pensou em como as saktis haviam enlouquecido repentinamente e rapidamente relatou o fato a Mantrini. Mantrini também ficou surpresa ao ouvir sobre o delírio das saktis e foi até a Grande Imperatriz Lalita, curvou-se e se apresentou da seguinte forma:

79-83. "Ó Mãe! Um obstáculo surpreendente se apresenta diante de nós. Deve ser obra dos demônios malignos. A perda de inteligência das saktis é assustadora. Os demônios, totalmente equipados, estão fora da fortaleza. Com exceção de Dandanatha, eu e as saktis no Sricakra, as demais saktis, com comportamento alterado, estão furiosas. Ordene rapidamente o que deve ser feito. Não podemos nos dar ao luxo de demorar. Embora possas, com um simples movimento de tua sobrancelha, destruir todos os demônios, não queremos que isso aconteça. Com misericórdia, sugere uma solução rápida para este problema."

Fim do septuagésimo primeiro capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 72

1-2. A pedido de Syamala (Mantrini), a Mãe Universal Paramesvari, com um sorriso travesso, lançou Seu olhar amoroso, brilhante como os raios de miríades de luas, e derramou a ambrosia do amor sobre o rosto de Kamesvara, que era como um oceano de beleza.

3-8a. Então, com a mistura do sorriso da Devi com o rosto de Kamesvara, nasceu Ganapati, com rosto de elefante e tez vermelha. Em sua mão direita, empunhava a maça, o tridente, a concha, o lótus e a presa. Em sua mão esquerda, empunhava o cidrão, o arco, o disco, o laço e o feixe de espigas de trigo. Em sua tromba, segurava um pote cheio de joias. Vestia uma roupa vermelha e usava ornamentos resplandecentes. Tinha três olhos. Era adornado com o dedo da lua em sua coroa cravejada de joias. Abraçado por Sakti, sua consorte, gotejava icor. Inclinando

-se com as mãos postas diante de Devi Lalita, disse: “ó Devi! Conte-me sobre meu papel na guerra. Com a Sua graça, alcançarei o sucesso, mesmo que seja extremamente difícil.”

8b-9a. Ao ouvi-lo, Devi Lalita disse: “ó meu filho! Vá e destrua o feitiço dos demônios.”

9b-12a. Assim ordenado, Ganesa, brandindo sua tromba, procurou e rapidamente alcançou o Vighnayantra. Enquanto as Saktis observavam, ele quebrou furiosamente o yantra, duro como diamante, com sua presa e em um minuto o reduziu a pó. Então, saindo pelos portões da fortaleza em chamas, ele estava ansioso para lutar.

12b-18a. Ao entrar no exército de demônios, Ganesa lutou com eles. Esmagou alguns com a maça, cortou outros com o disco, partiu outros com a lança e dilacerou outros com flechas. Matou milhares de demônios com suas presas. Rapidamente destruiu os líderes dos demônios. O exército de demônios foi repelido pelo vento gerado pelo bater de suas orelhas. Pelo vento de sua respiração, grupos de demônios foram atraídos para dentro e, impotentes, entraram no duto do tronco e, com as juntas quebradas, alguns morreram ali. Alguns que desmaiaram foram arremessados para fora pela respiração e mortos. Alguns morreram atingidos pelo bater de suas orelhas. Alguns foram arremessados e mortos pelo balanço de suas orelhas.

18b-21a. Tendo destruído assim o exército dos demônios, Ganesvara alcançou os filhos de Bhandasura e os derrubou com um golpe de maça. Ele feriu Visanga gravemente, perfurando seu peito com a presa. Vendo os filhos do rei e Visanga inconscientes, os demônios lamentaram-se e fugiram da batalha, assumindo a identidade de Ganesvara como a encarnação do deus da morte.

21b-22. Ao ver os demônios em fuga, o furioso Visukra, montado em uma carruagem, aproximou-se de Ganesa, que estava lutando. Uma grande batalha começou entre Visukra e Ganesa.

23-24a. Ambos, determinados a vencer, lançaram uma chuva de armas e projéteis assustadores. Então, o furioso Ganesa esmagou com sua maça a carruagem de Visukra, juntamente com os cavalos e o cocheiro.

24b-27. Então, o furioso Visukra, erguendo sua maça com toda a sua força, golpeou a têmpora de Ganesa, fazendo-o sangrar abundantemente. Enfurecido, Ganesa perfurou com grande força o peito de Visukra com uma lança. Visukra caiu inconsciente. Derrotado Visukra, Ganesa dirigiu-se à carruagem de Bhandasura.

28-32. Ao ver Ganesa se aproximando para lutar, Bhandasura, considerando o poderoso Ganesa invencível perante todos os deuses e demônios, pensou: “meu desejo é ser morto pelas armas de Devi Lalita e assim alcançar Sua morada. Para isso, acredito que Ganesa seja um obstáculo. Mas como posso alcançar meu desejo? Há muito tempo, Ganesa realmente lutou com um poderoso demônio na forma de um elefante. Criarei um demônio semelhante para que Ganesa possa lutar com ele e então prosseguirei para lutar com Devi Lalitambika.”

33. Assim decidido, Bhandasura criou Gajasura, que era incrivelmente enorme como uma montanha, extremamente poderoso e que segurava um raio em sua tromba.

34. Instruído por Bhandasura, Gajasura correu em direção a Ganesa. Ao alcançá-lo, Ganesa lutou com ele.

35-37. Enquanto Ganesa lutava, como resultado da destruição do Vighnayantra, as Saktis recuperaram a consciência e retomaram o combate. Vendo Bhandasura bem preparado para a batalha, reunindo seu exército, a própria Devi Lalita, após deliberar, partiu para a luta acompanhada por Dandini, Mantrini e toda a força Sakti, que rangiam os dentes de raiva.

38-39. Para começar, Devi Sampatkari, montada em seu elefante chamado Ranakolahala e acompanhada por sua tropa de elefantes, prosseguiu com entusiasmo. Em seguida, Devi Asvarudha, montada em seu cavalo Aparajita e seguida por sua tropa de cavalos, iniciou a procissão com grande animação.

40-44. Enquanto isso, Bala, ansiosa para lutar, mas impedida por Devi Lalita, curvou-se diante Dela e disse docemente: “ó Mãe! Por favor, permita-me, a mim que decidi lutar e que estou sempre ansioso para lutar. A senhora me impede mesmo quando uma grande guerra se aproxima. Tocarei Seus pés com a minha cabeça. Por favor, permita-me lutar. Embora espere ansiosamente há muito tempo para lutar, não recebo permissão. No primeiro dia da guerra, não fiquei satisfeita porque fui impedida desnecessariamente por Dandanatha. Hoje, por favor, realize meu desejo antigo de lutar, para o qual estou bem preparada.”

45-49a. Ao ouvir Bala, a Suprema Devi Lalita olhou sorrindo para Mantrini. Compreendendo a intenção de Devi Lalita, Mantrini disse a Bala: “ó Bala! Se você quer lutar, ouça-me. Se deseja lutar sozinha contra alguém, faça-o levando Dandanatha e a mim consigo. Na guerra sem nós, você não deve entrar no exército dos demônios. Estaremos com você para cuidar de você. Diga -me com quem você gostaria de lutar.”

49b-51. Ao ouvir Mantrini, Bala falou novamente: “lutarei contra os filhos de Bhandasura. Ninguém mais deve disparar uma flecha contra eles. Lutando sozinha, matarei todos eles. Ninguém jamais deve destruir suas carruagens, veículos e armas.”

52-54. Ao ouvir Bala, Mantrini disse novamente: “como permitido por Devi Lalita, você lutará com uma pessoa. É impróprio lutar com os trinta filhos de Bhandasura, que são tão fortes quanto o próprio Bhandasura. Com constituição física imponente, todos eles são exímios trapaceiros na guerra. Você pode escolher um deles para lutar.”

55-56. Ao ouvir Mantrini, Balambika, com as mãos postas em prece, curvou-se e pediu permissão para lutar contra todos os filhos de Bhandasura. Vendo o pedido de Bala, a satisfeita deusa Lalita a abraçou com amor e concedeu-lhe permissão para lutar.

57-60a. Então Bala falou novamente com Devi Tripurasundari: “ó Mãe! Por favor, ouça-me uma segunda vez. Dandini não deve ficar comigo no campo de batalha, pois antes ela havia

frustrado meu ânimo para lutar. Se ela for comigo, que fique atrás de mim para que não me atrapalhe. Se ela tentar atrapalhar minha guerra novamente, você a verá ser derrotada rapidamente por mim.”

60b-63a. Ao perceber que Bala, que falava daquela maneira, estava zangada, Dandanatha curvou-se diante dela e falou-lhe com suavidade e habilidade: “ó Devi! Esqueça suas dúvidas a meu respeito. Eu a acompanharei à guerra, observarei você lutar e farei o que lhe agradar, permanecendo na linha de frente ou na retaguarda, conforme suas ordens. Não serei um obstáculo para você na guerra.”

63b-65a. Ao ouvir Dandanatha, a feliz Bala logo a abraçou e, animada para a batalha, prosseguiu rapidamente em sua carruagem. Mantrini e Dandanatha, sentadas em suas respectivas carruagens, seguiram de cada lado de Bala, seguidas pelo exército das Saktis.

65b-67. Então Devi Lalita, sentada na carruagem chamada Sricakra, partiu para a guerra com as armas necessárias. Atrás dela, Tiraskarini, montada em um cavalo de pelagem escura e veloz como o vento, avançava pelo oceano como um exército incontável de Saktis.

68-69. A frente de ambos os exércitos estava lotada e assustadora. Então, um som extremamente alto, produzido por tambores, buzinas, palmas, gritos de "hum", o bramido dos elefantes e o relincho dos cavalos, cresceu intensamente.

70-75. O estalo das armas de ferro, soltando chuvas de faíscas, era aterrador. Vozes como — “você está morto. Eu vou te matar. Pare. Não fuja. Mostre sua força. Veja minha bravura.” — e outras semelhantes ecoavam por toda parte. Alguns perderam membros por flechas, outros foram cortados por machados, outros perfurados por lanças, outros por espadas, outros esmagados por virotes, alguns tiveram a garganta cortada por discos, outros foram atingidos por clavas de ferro, alguns foram mortos por tridentes e espadas planas, outros cortados por dardos e alguns tiveram a cabeça quebrada por maças. Assim, milhares de demônios foram severamente atacados pelas saktis e um rio de sangue jorrou.

76-77. Assim, severamente atormentado pelas saktis, o exército de demônios lamentou e fugiu. Incapaz de suportar os ferimentos causados pelas armas das saktis, o exército de demônios, já bastante castigado, foi se reduzindo como a água em uma represa rompida.

78-80. Ao verem a destruição do exército dos demônios, Caturbahu e outros, os trinta filhos de Bhandasura, de valor igual ao de Bhandasura, versados no manuseio de armas e projéteis e de insuportável destreza na guerra, sentados em carros de guerra, lançaram uma chuva de flechas sobre as saktis que, capturadas por aqueles atiradores, não conseguiam suportar o fogo das armas dos demônios.

Fim do septuagésimo segundo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 73

1-2. Após ouvir falar da guerra, o sábio Agastya disse: “ó Hayagriva! A lenda que você narrou foi maravilhosa. Você disse que Ganesa lutou com Gajasura. Por favor, descreva-me essa guerra.”

3-5. Assim, indagado pelo sábio Agastya, Hayagriva começou a narrar a grande guerra de Ganesa. “ó Agastya! Escute. Contarei a você a mais maravilhosa lenda, repleta da grande proeza e elegância de Ganesa. Ganesa lutou com o demônio criado por Bhandasura por um curto período de tempo, de maneira insuportável.

6-8. “Então o demônio criou muitos outros demônios que eram iguais a ele em aparência, velocidade, força e habilidades. Vendo muitos deles lutando, o furioso Ganesa também criou milhões de outros Ganesas que eram iguais a ele em todos os aspectos. Cada Ganesa lutava de forma surpreendente com um demônio separadamente, usando várias armas e projéteis.”

9. “Todos os demônios e as saktis assistiram à grande luta, esquecendo-se de suas próprias atividades de guerra.”

10-12. Então Ganesa atacou os demônios com suas armas. Alguns demônios foram mortos por lanças, alguns despedaçados pelo disco, alguns com a maça, alguns com a presa, alguns com o peito, alguns pisoteados e alguns atingidos na têmpora. Assim, todos os demônios criados pelo demônio foram destruídos por Ganesa.

13-15. Então, o poderoso Gajasura ficou sozinho e lutou com Ganesa. Ganesa, vendo o demônio que estava sozinho como antes, imediatamente absorveu todos os Ganesas dentro de si. Então, uma grande e terrível guerra começou entre eles, usando muitas armas e projéteis.

16-18. Então, o grande demônio, por seu poder mágico, cresceu imensamente, adquirindo mil faces e o dobro de braços, empunhando inúmeras armas. A cada instante, ele disparava milhares de armas, todas destruídas por Ganesa assim que eram criadas. Ao presenciar a magia do demônio, o enfurecido Ganesa destruiu simultaneamente as mil armas que ele empunhava.

19-24a. Então Ganesa e Gajasura lutaram com maças, golpeando um ao outro. Atingido pela maça de Ganesa, a maça de Gajasura se quebrou em pedaços. Então o demônio, desarmado, avançou com o punho erguido para matar Ganesa. Ganesa arremessou sua maça contra ele,

que, sem feri-lo minimamente, caiu no chão após atingi-lo. Então, armas como disco, tridente, virote e lança, que foram lançadas contra ele, caíram inutilmente no chão após tocarem seu corpo, como uma chuva de pedras em uma montanha rochosa.

24b-27. Vendo o demônio invencível contra todas as armas, enquanto Ganesa se preocupava, o demônio o atingiu com um soco. Então, uma feroz luta de punhos começou entre eles, lançando fogo da colisão de seus punhos. Ganesa então agarrou o demônio pelos braços e o empurrou para o chão, pisoteando-o com o pé e perfurando seu peito com a presa, com a qual o demônio morreu na luta.

28. "Após matar Gajasura, Ganesa, de valor extraordinário, aproximou-se rapidamente de Bhandasura para lutar com ele."

29-30. Ao ver Ganesa se aproximando, Bhandasura, temendo por sua força, orou a Devi Lalita: "ó Mãe! Que este meu corpo seja destruído por Ti na guerra. Realiza este meu desejo, pois me rendi aos Teus pés de lótus."

31-32. Compreendendo o desejo de Bhandasura, Devi Lalita, sentada na carruagem Sricakra, lembrou-se de Ganesa para atender aos anseios de seu devoto. Ao saber da lembrança da Devi, Ganesa aproximou-se, curvou-se e disse: "ó Mãe! Por que te lembraste de mim enquanto eu lutava?"

33-34. Ao ouvir Ganesa, a Suprema Devi Lalita disse: "Meu filho! Chega de lutar. Agora fique ao Meu lado. Deixe que outras deusas, ansiosas por lutar, enfrentem o exército dos demônios." Assim ordenado, Ganesa se absteve da luta.

35-37. Ao ver o exército das saktis sendo enormemente destruído pelos filhos de Bhandasura, Bala, lançando flechas contra os demônios, entrou em combate. Os filhos de Bhandasura, acompanhados por um exército incontável, cercaram Bala com uma bravura assombrosa. Milhões de soldados demônios, rugindo arrogantemente, desferiram uma chuva de armas de todos os tipos contra Bala, que estava sentada na carruagem.

38-41a. Então Dandanatha dirigiu-se às saktis desta forma: "escutem. Transmitirei as ordens de Balambika. Nenhuma de vocês deve disparar armas contra os demônios com quem Bala luta. Se o fizerem, serão punidas por mim. Devem observá-la lutar sem interferir." Declarando isso, Dandini, juntamente com Mantrini, ficou ao lado de Bala para contemplar a glória de sua guerra.

41b-43a. Bala ficou satisfeita com a decisão de Dandanatha. Ela lutou bravamente sozinha contra inúmeros demônios. Os Siddhas e deuses do céu, observando-a lutar sozinha contra tantos, ficaram surpresos.

43b-44. Então Bala foi coberta pelo conjunto de armas lançadas pelos demônios, assim como o sol nascente é coberto por um grupo de nuvens. Ao vê-la coberta por armas, as saktis ficaram estupefatas.

45-50. Então, instantaneamente, Bala destruiu aquela chuva de armas com uma chuva de contra-ataques e atingiu os demônios novamente. Em seguida, a habilidosa Bala, de valor estonteante, destruiu simultaneamente as armas e os veículos de multidões de demônios. Ela cortou as armas dos demônios enquanto eles as seguravam. Disparando flechas afiadas, ela rapidamente matou os demônios. Nem mesmo um observador atento poderia perceber como ela escolhia, posicionava, esticava e soltava as flechas. Mas do centro de seu arco emergiam continuamente em todas as direções flechas afiadas, como mariposas saindo de buracos na terra. As cabeças dos demônios caíam em cachos, fazendo um som crepitante como o de frutos maduros caindo de um coqueiro.

51-57a. Alguns demônios perderam as mãos, pernas, coxas, peitos, outros as gargantas e estômagos. Atingidos continuamente, pareciam Indra de mil olhos (o que significa que foram cortados em milhares de pedaços). Alguns foram reduzidos a pó. Alguns, com o peito perfurado, perderam a vida e permaneceram imóveis como pinturas, segurando as armas. Alguns, arremessados pela velocidade das flechas, morreram e pareciam fugir com medo da guerra. Assim, em pouco tempo, miríades de demônios mortos por Bala caíram. Não havia um único demônio, mesmo sendo forte, que pudesse se defender. Portanto, não havia chance para ninguém lutar ou usar armas. Os demônios não acreditavam que Bala, sozinha, pudesse lutar com tanta ferocidade, mesmo tendo testemunhado a luta de milhões de Saktis.

57b-58a. O exército das Saktis e os deuses no céu ficaram maravilhados com a proeza de Bala.

58b-63a. Então, enquanto Bala massacrava os demônios, eles largaram as armas e fugiram apavorados. Gritavam: “ai de nós! Estamos perdidos. Ela não é uma jovem qualquer. É a personificação da deusa da morte que veio para nos torturar. Hoje, todo o exército de demônios será aniquilado.” Gritando e lamentando, correram em desordem, mas, obstruídos pela chuva de flechas, não encontraram saída. Atingidos pelas flechas, caíram aos montes sobre a pilha de cadáveres e se esconderam ali, temendo a morte.

63b-66a. Quando o exército dos demônios estava se dizimando e fugindo, os filhos de Bhandasura, ao ouvirem falar do pequeno exército remanescente, chegaram lá em carros puxados por leões e empunhando grandes arcos. Enfurecidos, cercaram Bala simultaneamente, como nuvens escuras que rugem como leões encobrem o Sol, e lançaram uma chuva de flechas sobre Bala.

66b-69. Bala lutou bravamente contra muitos que se igualavam a Visnu em destreza. Mantrini, Dandini e outras ficaram maravilhadas com a bravura de Bala e relataram a Devi Lalita: “ó Devi! Bala não poupará ninguém, seja Bhanda, seus irmãos, seus filhos ou os chefes do exército. Hoje, ela, como que brincando, sem dúvida exterminará os demônios.”

70-71. Lutando assim por um tempo com os valentes filhos de Bhanda, ela gradualmente destruiu de uma só vez seus carros de guerra, bandeiras e guarda-sóis. Contrariando suas chuvas de flechas, ela quebrou seus arcos com grandes flechas.

72-74a. Então, mesmo enquanto os filhos enfurecidos de Bhanda tentavam matar Bala com espadas, maças e outras armas, Bala cortou-lhes as armas. Desarmados, os demônios testemunharam a incrível destreza de Bala e ficaram apreensivos.

74b-76. Ao ver os filhos de Bhanda sob o domínio de Bala, o grande da morte, Visanga e Visukra, seguidos por um enorme exército, chegaram rapidamente ao local para salvá-los, anunciando: “não temam. Viemos para salvá-los”. Bala os viu proferir essas palavras e lançou armas como nuvens escuras.

77-80. Ao ver isso, Bala, com grande alegria, repeliu facilmente as armas que se aglomeravam. Em seguida, ela dispersou o exército de demônios com um míssil de vento, como nuvens dispersas por uma tempestade, destruindo-os. Então, vendo os dois demônios, Visanga e Visukra, aproximando-se rapidamente, empunhando maças e espadas, Bala destruiu instantaneamente suas carruagens e elefantes. Depois, ela os atingiu no peito individualmente com um golpe poderoso, fazendo-os cair ao chão como uma montanha atingida por um raio.

81-83a. Enquanto isso, os filhos de Bhandasura voltavam para buscar armas. Vendo-os partir, Bala rapidamente destruiu suas carruagens. Em seguida, golpeando-os com flechas afiadas, enquanto começavam a andar, Bala disse: “ó filhos de Bhandasura! Como ousam, bravos demônios, mostrar as costas na guerra? Fugir é algo que lhes convém? Digam-me.”

83b-88. Ao ouvirem as palavras amargas e zombeteiras, os filhos de Bhandasura, com orgulho e olhar furioso, voltaram à luta e disseram: “ó tola! Mesmo nos encontrando, que somos como deuses da morte, você permanece viva graças à nossa compaixão por você, uma jovem garota. Que vergonha! Agora, fique firme. Destruiremos sua arrogância.” Vendo-os correr em sua direção com os punhos cerrados após essas palavras, Bala decepou suas cabeças uma a uma com flechas afiadas. Suas cabeças caíram como frutos maduros de palmeira. Um lamento alto irrompeu em meio ao exército de demônios. Indra lançou flores perfumadas sobre Bala. Gritos de vitória ecoaram por toda parte entre as Saktis.

Fim do septuagésimo terceiro capítulo do Mahatmyakhandam do Sri Tripura Rahasyam.

Capítulo 74

1-5a. Quando os filhos de Bhandasura foram mortos, vendo o entusiasmo de Bala para lutar novamente, Mantrini e Dandini disseram: “ó Devi Bala! Deixe-nos ver Devi Lalita, curvar-nos e relatar-lhe o ocorrido. Com a permissão dela, retornaremos rapidamente para lutar. Enquanto isso, que os demônios enfurecidos se reúnam para a batalha. Você realizou uma tarefa difícil que jamais conseguiríamos.” Dito isso, elas chegaram a Devi Lalita com Bala, subiram na carruagem Sricakra e, após se curvarem diante dela, a Mãe Suprema, narraram a mais maravilhosa proeza de Bala na guerra.

5b-6a. Ao saber da vitória, a feliz Devi Lalita abraçou Bala com amor e ofereceu-lhe um assento ao seu lado.

6b-7a. Ao presenciarem a morte dos filhos de Bhandasura, os demônios, com seus rostos encolhidos e sem brilho, lamentaram-se ruidosamente e fugiram em todas as direções.

7b-11. Ao saber da morte de seus filhos, Bhandasura ficou profundamente triste. Mas, analisando com calma e reunindo coragem, pensou: “ai de mim! Como pude me enganar e perder a memória? Por que estou triste sem necessidade, se a Deusa atendeu ao meu desejo? Ela fez exatamente como eu pedi. Meus filhos teriam ficado tristes por mim. Por isso, mortos pela Deusa, alcançaram a salvação antes de mim. Eu havia pedido à Deusa que me permitisse chegar à Sua morada junto com meus parentes e amigos.”

12-18a. “Agora a Devi que realiza os desejos dos devotos concedeu-me as minhas necessidades. Por que em vão esta grande ilusão me domina? Basta desta confusão. Ó Devi! Eu me rendi a Ti. Ó Grande Devi! Realiza o meu desejo restante. Depois de matar meus irmãos e o exército remanescente, purifica-me e às minhas esposas na guerra com as chamas de Tuas armas e coloca-nos perto de Teus pés de lótus. Queimado pelo fogo de Sua flecha, quando verei o rosto de Srimata que usa o raio da lua, que é belo com três olhos, que tem olhos vermelhos irados e sobrancelhas franzidas, e alcançarei o lugar nectarífero e sem sofrimento, raro até mesmo para os yogis?” Orando assim e meditando na forma de Devi Lalita, bela como miríades de cupidos, Bhandasura entrou em transe por um momento.

18b-20a. Entretanto, seus irmãos chegaram lá e o viram imóvel como um tronco, pensando que ele estivesse inconsciente devido à perda dos filhos, e falaram com ele, consolando-o.

20b-24a. Ao ouvir suas palavras tranquilizadoras, Bhandasura saiu da meditação, abriu os olhos e viu seus irmãos diante dele. Para ocultar seus verdadeiros sentimentos e o riso contido em seu interior, expressou a seus irmãos profunda tristeza pela morte de seus filhos, dizendo: “ó filhos! Como vocês partiram, abandonando todos os laços; seu pai está impotente, afogado no oceano da dor. Ao saberem de suas mortes, como poderão suas mães, com tanta preocupação e amor, viver com o coração partido?”

24b-28. Ao verem o lamento de Bhanda, seus dois irmãos, iludidos pela divindade, disseram: “ó Senhor dos demônios! Basta desta tristeza que rouba nossa coragem e bravura. Vendo-te, senhor de inúmeros mundos, lamentando-te, nossos corpos ardem como esterco seco no fogo.

Ó Rei! Permanece feliz e corajoso por algum tempo. Iremos e, com um único golpe de flechas afiadas, mataremos Lalita, a assassina de teus filhos. Rapidamente a amarraremos e a traremos, viva ou morta, aquela que aflige os demônios."

29-33. Dito isso, os dois valentes irmãos Visukra e Visanga avançaram furiosos, portando flechas e arcos em suas carruagens, seguidos por dois enormes exércitos Aksauhini. Individualmente, atacaram o exército das Saktis pelas laterais. Visanga, com uma força Aksauhini, atacou a carruagem de Sricakra pelo lado esquerdo. Visukra, logo em seguida, atacou-a pelo lado direito. Ao amanhecer do terceiro dia de guerra, de repente, depararam-se com o exército das Saktis e um grande estrondo irrompeu de ambos os lados.

34-36. Então Mantrini e Dandini, ao ouvirem o som da guerra, ficaram alarmados e disseram a Devi Lalita: "ó Devi! Ouvimos o som alto e assustador do confronto entre as saktis e os demônios. Os demônios enganadores atacaram sem aviso prévio em horário impróprio. Ó Mahesvari! Permita-nos, pois iremos até lá rapidamente."

37-42a. Permitido por Devi Lalita, Mantrini e Dandini curvaram-se perante Ela e partiram para a batalha, seguidos por seus respectivos exércitos de saktis. Dandini, de feroz valor, que estava à direita de Devi Lalita, saiu pelo portão sul do Sricakra em seu Kiricakra, uma carruagem alta com cinco plataformas em cascata, puxada por dois leões de cada lado e um bisão à frente, conduzida pelo próprio Bhairava. De cada lado do Kiricakra, acompanhavam as guerreiras Svapnesvari e Kalasankarsa em carruagens puxadas por leões. Seguida por inúmeros Vatukas, Kalikas e Varahis, Dandanatha avançou para a batalha.

42b-47a. De maneira semelhante, saindo pelo portão norte do Sricakra, Mantrini prosseguia em sua altíssima carruagem Geyacakra, que possuía sete plataformas em cascata e era puxada por quatro cavalos verdes. Uma sorridente Syamala era a cocheira. Saktis com os nomes de Sukas, Sankas e Syamalas estavam à direita. Sangita Syamala e Sahitya Syamala estavam à esquerda. Laghu Syamala estava na parte de trás do Geyacakra. Miríades de Syamalas, nascidas do corpo de Mantrini, cercavam o Geyacakra. Todas partiram bem equipadas para a batalha.

47b-51a. Todas as saktis de Syamala eram belas jovens de dezesseis anos, vestindo roupas de seda vermelha e adornadas com nove pedras preciosas. Com seus sorrisos e olhares, elas encantavam o mundo inteiro. Seus olhos percorriam o ambiente, embriagadas pelo vinho. Elas conheciam a beleza da literatura e apreciavam a música. Interessavam-se por jogos amorosos e comédia. O exército de Mantrini era esplêndido como uma guirlanda de Tamala em plena floração.

51b-53. Então, os exércitos das saktis e dos demônios se encontraram como mares invadindo as margens. O som dos tambores, dos cânticos, dos golpes nas armas, o estrondo das carruagens e o relincho dos cavalos de ambos os exércitos ensurdeciam a todos.

54-55. Pela chuva de nuvens densas como saktis, a linha de frente do exército dos demônios foi

fendida em cem lugares. Dessas aberturas, o rio de saktis fluiu para os lagos do exército dos demônios.

56-59a. Ao adentrarem a floresta do exército dos demônios, as poderosas Saktis reduziram-na a cinzas pelo fogo de suas armas. Alguns foram transpassados por flechas, outros atingidos por virotes e alguns morreram com todos os membros decepados. Os membros de alguns foram cortados por discos e algumas cabeças foram decepadas por machados. Alguns foram enfiados como contas em lanças e outros foram feridos na cabeça e no estômago pelos líderes das Saktis.

59b-61. Ao ver os demônios sendo destruídos pelas Saktis, Visukra, com os olhos vermelhos de fúria, perseguiu-as lançando uma chuva de flechas de sua carruagem. Era como um aguaceiro torrencial durante a estação chuvosa. Até mesmo as Saktis revidaram contra o poderoso Visukra.

62-64. Então Jimutakaya, Devari, Karambha e Sikhibhasana, filhos de Visukra, tão poderosos quanto o pai, entraram no exército das saktis e as atacaram. Vendo as saktis atormentadas pelos filhos de Visukra, Sukasyamala e outras saktis os atacaram, lançando uma chuva de flechas.

65-68a. Sukasyamala lutou com Jimutakaya. Após uma longa batalha, em menos de meio minuto, ela destruiu com flechas a carruagem, o cocheiro e o arco do inimigo. Então, o demônio enfurecido golpeou seu cavalo com uma espada afiada, matando-o com um sangramento na cabeça. Em seguida, Sukasyamala rapidamente decepou sua cabeça com uma flecha em forma de meia-lua, fazendo-a cair do corpo como um fruto de palmeira maduro.

68b-70a. Sarika encontrou Devari. Ela voou e, com sua maça, atingiu Devari, que lutava bravamente mesmo após perder sua bandeira, carruagem e cavalo, na cabeça, fazendo-o cair morto com o crânio fraturado.

70b-71a. Sangita Syamala lutou com Karambha por um longo período e então decepou sua cabeça com uma espada.

71b-72. Sahitya Syamala, lutando com Sikhibhasana, derrotou-o com armas e projéteis e rapidamente perfurou seu peito com um tridente, fazendo-o cair morto.

73-76a. Enquanto seus filhos lutavam, Visukra, disfarçado, aproximou-se da carruagem de Syamala. Vendo-o aproximar-se como um ladrão, empunhando uma maça poderosa e tentando subir na grande carruagem de Mantrini, Laghu Syamala rapidamente o atingiu com grande força na cabeça com uma espada, quebrando sua coroa.

76b-81a. Visukra, que havia perdido sua coroa, com os olhos vermelhos de raiva e empunhando uma maça, correu em direção a ela para matá-la. Ela quebrou sua maça em sete pedaços com flechas. Então, sem arma, enquanto Visukra golpeava a cabeça de seus cavalos com o punho, ela o atingiu na cabeça com flechas, fazendo-o cair inconsciente no chão. Quando ele recobrou

um pouco a consciência, Laghu Syamala saltou de sua carruagem para agarrá-lo e o segurou pelos braços. Nesse instante, recuperando a consciência e percebendo que estava sendo capturado, ele golpeou Laghu Syamala com o punho, deixando-a parcialmente inconsciente.

81b-84. Naquele instante, as saktis, situadas na carruagem, percebendo a proximidade do inimigo, atacaram-no em miríades. Então, o eminente demônio, pensando que seria impossível resistir ao ataque, saltou para sua própria carruagem, que estava próxima ao seu exército. Ali, vendo seus filhos mortos, lamentou-se por um instante e, com os olhos vermelhos de extrema fúria, torturou as saktis com uma chuva de flechas.

85-87. Ao ver Visukra matando as saktis, Mantrini lançou uma chuva de flechas de seu arco semelhante a uma nuvem sobre ele, como se estivesse no pico de uma alta montanha azul. Visukra, gravemente ferido pela chuva de flechas afiadas, sangrou abundantemente por um tempo, como se uma montanha azul, cortada por chuvas torrenciais, estivesse expelindo torrentes minerais (vermelhas).

88-90. Gravemente ferido por Mantrini, Visukra, ardendo em fúria, cobriu-a com armas peculiares, como se fossem mariposas. Envolta pelas armas, Mantrini brilhava como um buquê de flores de tamala repleto de mel, coberto por abelhas. Instantaneamente, ela repeliu as armas do demônio com uma chuva de flechas e, com uma flecha cravada, cortou a corda de seu arco.

91-94a. Enquanto tentava amarrar outra corda em seu arco, Mantrini acertou o próprio punho com uma flecha afiada. Com o ferimento grave, o arco escorregou de sua mão. Ao tentar pegá-lo, curvando-se, Mantrini foi atingida na cabeça por outra flecha, e com a cabeça fraturada, caiu profundamente inconsciente perto de sua carruagem, como uma montanha atingida por um raio.

94b-95a. Então, muito em breve, Mantrini destruiu sua carruagem, seu cocheiro e seu guarda-chuva, cada um com uma flecha diferente.

95b-97. Enquanto isso, recuperando a consciência, Visukra viu todos os seus equipamentos de guerra destruídos e, enfurecido, ergueu uma roda quebrada de uma carruagem e correu para matá-la. Mantrini o atingiu no ombro direito com uma flecha veloz, fazendo com que a roda caísse no chão.

98-100. Então, erguendo o punho, saltou rapidamente para a carruagem de Mantrini e tentou quebrar seu arco, mas Mantrini decepou sua cabeça com uma espada afiada. Ao ver Visukra morto, o restante do exército de demônios, aterrorizado, abandonou suas armas e fugiu. As Saktis e os deuses também bradaram com gritos de triunfo.

Fim do septuagésimo quarto capítulo do Mahatmya Khanda do Sri Tripura Rahasyam.

Capítulo 75

1-3a. Quando Varahi encontrou Visanga, uma luta terrível começou entre os demônios e as saktis. Os demônios morreram com seus corpos cortados pelas espadas, discos, virotes, clavas de ferro das saktis e pelos tridentes de Vatukas.

3b-6a. Ao verem o exército dos demônios sendo destruído pelas saktis, Karalavaktra, Visikha, Vibhanda, Vikateksana, Indrasatru, Surarati, Mahakuksi e Madoddhata, os oito poderosos filhos de Visanga, que eram como montanhas de força estupenda, marcharam contra o exército das saktis e começaram a matá-las por toda parte.

6b-8a. Vendo as forças sakti sendo mortas, as oito terríveis saktis Jambhini, Stambhini, Andhini, Mohini, Bhairava, Kalakarsini, Svapnesvari e Vatuka chegaram lá para lutar contra os demônios.

8b-11a. Jambhini lutou com Karalavaktra. Após uma longa luta com armas e projéteis, Karalavaktra atingiu seu veículo, a porca, com uma maça, fazendo com que esta caísse de joelhos no chão com a cabeça quebrada. Então, enfurecida, Jambhini decepou a cabeça de Karalavaktra com uma espada.

11b-17. O poderoso Visikha confrontou Stambhini com firmeza. Montada em um antílope, ela atingiu Visikha na cabeça com três flechas que pareciam três picos, fazendo-o sangrar profusamente. Mesmo ele, enfurecido, quebrou a corda do arco dela várias vezes com flechas afiadas. Então, Stambhini, enfurecida, atingiu seu camelo com uma flecha afiada com penas de águia, enviando-o para a morada da morte. Instantaneamente, com três flechas afiadas, ela quebrou simultaneamente sua aljava, coroa e arco. O demônio furioso arremessou um tridente contra Stambhini, que ela quebrou com uma lança, derrubando-o com a cabeça.

18-20. A orgulhosa e poderosa Vibhanda lutou com Andhini, revidando com todas as suas armas e projéteis. Andhini montava um bisão e Vibhanda, uma mula. Após uma longa luta, Andhini atingiu Vibhanda no peito, fazendo-o perder a consciência profundamente e cair como uma montanha que perdeu as asas.

21-23a. Então seu veículo, a mula cinza-escura semelhante a uma montanha, zurrando terrivelmente, erguendo o rabo e eriçando os pelos, investiu contra o exército das saktis. Matou algumas saktis com coices, outras com mordidas e outras com sua velocidade.

23b-27. Ao ver a mula destruindo as saktis, a furiosa Andhini o atingiu com uma longa flecha,

fazendo-o desmaiar. Enquanto isso, Vibhanda, que recobrou a consciência, com extrema fúria, golpeou com força seu veículo, o bisão, que, tomado pela raiva, o arremessou para longe pelos chifres. Lançado pelo bisão, Vibhanda voou pelos ares e caiu inconsciente a uma distância superior a uma yojana.

28-32. Naquele momento, sua grande mula, zurrando e grunhindo, avançou em direção ao bisão, chutando-o nas patas traseiras e mordendo-o no pescoço. O bisão enfurecido empurrou a mula para o chão e perfurou seu estômago com os chifres. Com os intestinos e os olhos feridos, a mula morreu. Então, saindo do torpor, Vibhanda chutou o bisão. Andhini, com grande fúria, decepou-lhe a cabeça com uma flecha e Vibhanda perdeu a vida.

33-35. Montado em Garuda, Mohini, com armas e projéteis, lutou com Vikateksana, que estava em uma águia. Garuda e a águia lutaram no céu de forma surpreendente, como se duas montanhas aladas estivessem em batalha. Então, a águia foi atacada por Garuda e, com suas garras e bico, caiu morta no chão.

36. Tendo perdido seu veículo, o furioso Vikataksa, após lutar com Mohini por um longo período, encontrou a morte com a garganta cortada pelo disco dela.

37. O valente Indrasatru, montado em seu veículo, a terrível serpente, encontrou Bhairava.

38-42a. O Bhairava, de cor de nuvem escura, sempre acompanhado por oito Bhairavas semelhantes a ele, seguidos por miríades de outros Bhairavas, cada um empunhando um tridente e um bastão, adornados com uma lua na cabeça, escuros como nuvens, trajando serpentes e cobertos por peles de elefante, entraram no enorme exército de Indrasatru e, com seu poder, o destruíram completamente. Alguns demônios foram perfurados por lanças, outros atingidos por bastões, outros por pregos e outros por socos. Os Bhairavas usavam como guirlandas as entranhas dos demônios.

42b-48a. Vendo seu exército destruído, o furioso Indrasatru esmagou os Bhairavas com sua maça. Diante disso, Manthana, Asitanga e os outros Bhairavas se depararam com Indrasatru, uma montanha que cavalgava uma serpente. Indrasatru enfrentou todos eles sozinho. Seu corpo, semelhante a um diamante, permaneceu ileso aos tridentes e gravetos que lhe foram atirados, assim como uma montanha rochosa atingida por frutos. Vendo o temível demônio ileso, o líder dos Bhairavas lutou com ele e, quando o demônio, empunhando uma maça, saltou para o céu para matá-lo, Bhairava o perfurou com um tridente e o matou.

48b-50a. O poderoso demônio Surarati, montado em um corvo, lutou por um longo período com a sakti chamada Kalakarsani, que cavalgava um bisão, enquanto seu exército era destruído pelas saktis. Com a cabeça rachada pelo aguilhão dela, ele morreu.

50b-52a. O demônio Mahakuksi, montado em um lobo, lutou com Svapnesi, que estava sentada em uma carruagem. Seu exército foi destruído pelos saktis. Como ele lutava continuamente, Svapnesi o matou cortando seu estômago com uma espada.

52b-55a. O poderoso Madoddhata, seguido por um enorme exército de dez Aksauhini, enfrentou Vatuka Bhairava, que era acompanhado por dez crores de Vatukas idênticos, com cinco anos de idade, todos portando grandes crânios e bastões decorados com serpentes, nus, de olhos vermelhos, negros como a escuridão e com luas sobre a cabeça.

55b-58a. Os enfurecidos Vatukas entraram no exército dos demônios e rapidamente os destruíram como cães, golpeando-os com varas. Então, o líder dos Vatukas foi atingido sem esforço na cabeça por Madoddhata com a vara, fazendo-o cair inerte, vomitando sangue espumoso e morrendo.

58b-61a. Lamentando a morte de seus filhos, Visanga, com fúria extrema, seguido por um enorme exército de vinte Aksauhini, subitamente engolfou as Shaktis como um fogo consumidor. Em meio ao som de tambores, ele lançou armas sobre o Kiricakra e escureceu as direções. Suas armas pareciam um enxame de mariposas voando sobre uma grande fogueira.

61b-64. Então Jambhini e outras saktis destruíram instantaneamente o exército de Visanga, como mariposas, pelo fogo de suas armas. Alguns demônios morreram com o coração partido por tridentes; alguns perderam membros atingidos por varas; outros foram esmagados por virotes, alguns cortados por flechas, alguns socados por punhos e muitos outros perderam pernas, ombros e pescoços atingidos por espadas. Alguns demônios foram despedaçados pela avalanche de armas que caiu sobre eles.

65-66. Ao ver seu exército destruído, Visanga, tomado pela fúria, aniquilou completamente as saktis com sua maça, atingiu os bisontes e os leões da carruagem de Dandanatha e subiu naquela grande carruagem.

67-68. Ao ver Visanga subir na carruagem, as forças Shakti gritaram de desânimo. Depois de derrotar as Shaktis que estavam na carruagem, o poderoso Visanga logo alcançou o interior da quarta plataforma.

69-70. Ao ver o demônio se aproximando, Dandanatha desceu de sua plataforma e lutou bravamente usando seu arado. Uma grande batalha começou entre Dandini e o demônio, empregando armas e projéteis raros que assustaram todo o universo.

71-73. Ao perceber que Dandini era invencível contra armas e projéteis, o grande demônio Visanga criou feitiços mágicos que causaram medo universal. Ele criou escuridão e sons estupendos. Lançou uma chuva de poeira, pedregulhos, fogo, diamantes, sangue, imundície e crânios. Criou um enorme exército de demônios com milhares de pernas, braços e rostos, manifestados em centenas de formas aterrorizantes.

74-75. Com seus poderes mágicos, todas as saktis ficaram horrorizadas. Vendo o medo das saktis, Dandini destruiu toda a sua magia com uma chuva de flechas. Enquanto as saktis observavam, o demônio criou outro demônio mágico.

76-77. O demônio mágico aproximou-se rapidamente da carruagem Kiricakra, destruiu-a e

tocou depressa um fio de cabelo de Dandanatha. Ao presenciarem a magia, todas as saktis lamentaram-se em voz alta.

78-80a. Entretanto, Bhairava, o cocheiro, dirigiu-se a Dandini desta forma: “ó Devi! Pare de demonstrar medo dos demônios. Veja as saktis preocupadas e assustadas. Destrua sua magia com um míssil antimágico. A noite está chegando e então será difícil desfazer sua magia.”

80b-84. Ao ouvir o cocheiro e considerando-o sábio, Dandini destruiu, como a névoa ao sabor do vento, a magia de Visanga, lançando um míssil antimágico. Então, Visanga, empunhando uma maça, aproximou-se dela e, ao vê-lo, a enfurecida Dandini decepou-lhe a cabeça com uma espada, assim como Indra fizera com Tvastra (Vrtrasura) usando o Vajrayudha. Quando o temido Visanga foi morto, os deuses tocaram tambores e fizeram chover flores. As direções se iluminaram e o Sol brilhou intensamente.

Fim do septuagésimo quinto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 76

1. Quando Visanga morreu, ouviram-se gritos de vitória e as felizes saktis louvaram Dandanatha.

2-10a. Ao saber da morte de seus irmãos e netos, Bhandasura se entristeceu profundamente, tomado pela ilusão. Mas, refletindo melhor, riu de si mesmo e pensou: “ai de mim! O que posso dizer de mim mesmo, tão preocupado? Devi já atendeu ao meu antigo pedido. Tenho certeza. Ela atenderá aos meus pedidos restantes. Portanto, partirei com o que me resta do exército e a enfrentarei. Não devo me demorar. O sucesso é repleto de obstáculos. Que grandeza! A Suprema Devi concederá todos os desejos de um devoto que a suplica em segredo. Ela, que é a manifestação da compreensão, é verdadeiramente a Vaca Divina (Kamadhenu). Desprezando-a, que é o Ser Interior de todos, que concede mais do que nossos desejos e que confere a Suprema Bem-Aventurança, o infeliz anseia em vão pela satisfação sensorial, que é a terrível essência da tristeza que leva à morte. Sou verdadeiramente afortunado e realizado, pois abandonarei este corpo imundo, mantendo meus olhos fixos nos pés de lótus da Devi Lalita, e alcançarei, sem dúvida, a mais elevada Morada da Bem-Aventurança.”

10b-15a. Pensando assim, o Senhor dos Demônios, para ocultar seus pensamentos, agiu como

se estivesse furioso, reuniu todo o seu exército e partiu para a batalha em sua enorme carruagem puxada por mil leões, içada por um guarda-sol branco e abanada por assistentes. Ele era seguido por cinquenta poderosos líderes do exército. Em meio ao som dos tambores de guerra, amplificado por tapas nos ombros, intensificado pelo estrondo das rodas da carruagem e pelo relincho dos cavalos, combinado com o rugido dos leões que ecoava pelo universo, ele partiu para o triunfo, fazendo a terra tremer.

15b-18. Então as Saktis viram o enorme exército de Bhandasura, semelhante a um oceano, ilimitado, invencível e emitindo um som terrível e imponente. Ao ver a chegada de Bhandasura para lutar, Mantrini relatou a Devi Lalita o seguinte: “ó Grande Imperatriz! Bhandasura chegou pessoalmente com um exército bem equipado e líderes para lutar. Se assim pensa, este é o momento apropriado para a Sua vitória.”

19-21a. Assim suplicada por Mantrini, Devi Lalita concordou e as forças Sakti se prepararam imediatamente. Asvarudha estava na frente, junto com as forças equestres. Sampatkari, a líder da força de elefantes, a seguia. Em seguida, vinha Bala em sua carruagem, acompanhada por jovens Sakti.

21b-24a. Em seguida, moveu-se o grande Sricakra, com nove plataformas em cascata, rodeado por Anima e outras Saktis. Era alto, com um guarda-sol cravejado de pérolas e uma bandeira com o emblema de lótus. Enfeitado com nove tipos de gemas, era puxado por cavalos que representavam os sentidos. Devi Mahatripurasundari, a Senhora do Sricakra, brilhava enquanto o conduzia, segurando um chicote que simbolizava a sabedoria.

24b-26a. De cada lado do Sricakra, brilhavam os altos Kiricakra e Geyacakra, carregando as enfurecidas Dandini e Mantrini, acompanhadas por seus respectivos exércitos repletos de acessórios de guerra.

26b-28a. Tiraskarani, negra como a escuridão densa, montada em um cavalo e brandindo uma espada temível erguida, seguida por uma horda de saktis semelhantes a si mesmas que a cercavam, estava na retaguarda do Sricakra.

28b-29a. Assim, Devi Lalita, com seu exército bem equipado, partiu para a batalha enquanto era louvada pelos deuses.

29b-34. Os dois exércitos, frente a frente, exibiam uma elegância peculiar, como oceanos que cruzam a costa e recuam. A poeira levantada pelo impacto das carruagens, cavalos, elefantes e soldados criava uma escuridão semelhante à de uma noite de lua nova. Esmagada pelo peso do exército, a terra parecia ter emergido de seu núcleo ou, torturada pelo pisoteio, a própria terra, tomada pelo medo, erguera-se para alcançar seu senhor. A poeira ascendente assemelhava-se ao exército no céu, por falta de espaço na terra. Tais eram as conjecturas dos deuses que observavam do céu.

35-39. Em meio ao som de tambores de guerra, misturado a pancadas nos ombros e rugidos,

uma guerra terrível começou entre as saktis e os demônios. Ambos os lados brandiam armas como flechas, lanças, espadas de dois gumes, dardos, espadas planas, tridentes, clavas de ferro, maças, discos, fundas, virotes, aguilhões e varas. Os demônios gritavam: “estamos arruinados. Estamos sofrendo a morte de nossos filhos e parentes. Que sentido há em viver depois de sermos derrotados pelo inimigo? Vamos derrotar as saktis com todas as nossas forças e alcançar nosso objetivo, ou então chegar ao jardim celestial morrendo na guerra.” Decididos assim, os demônios lutaram com veemência.

40. As saktis também pensaram assim: “este é o limite dos demônios. Matando-os, alcançaremos a vitória suprema” e lutaram rapidamente com toda a sua energia.

41-50. Durante a batalha, as Saktis e os demônios se matavam mutuamente pelas armas. Alguns morreram pelos poros abertos em seus corpos pelas flechas, alguns que juraram lutar alcançaram o céu, as cabeças de alguns, cortadas pela espada, saltaram crepitando para o céu como a cabeça de um dragão tentando engolir o Sol, alguns foram esmagados por clavas, alguns cortados por discos, vários foram enfiados como contas em uma longa lança e algumas cabeças voaram para o céu como pássaros batendo asas. O campo de batalha parecia grandioso, com corpos mutilados espalhados por toda parte. Parecia uma pintura em um tecido ou uma escultura em pedra. O rio de sangue parecia tinta vermelha derramada inadvertidamente pelo pintor. Em alguns lugares, parecia que o artista havia limpado rapidamente o verniz vermelho que derramara. Em alguns pontos, os corpos mortos, perfurados por flechas, pareciam estátuas totalmente pintadas. Assim, o enorme exército de Bhandasura foi destruído muito rapidamente, como uma mariposa, pelo fogo chamado Saktis.

51. Então os líderes da força demoníaca, com olhos vermelhos de raiva, torturaram as saktis lançando uma chuva de flechas.

52-54a. Vendo as Saktis preocupadas com o ataque dos líderes do exército, Mantrini, Dandini, Asvarudha e Sampatkari, acompanhadas pelas Saktis, lutaram furiosas. Após uma longa e violenta batalha, elas destruíram todos os líderes do exército.

54b-56a. Asvarudha matou Vakraksa, Vamana, Tala, Dirghanasa, Subahu e Vidyujjihva em batalha.

56b-59. Jambhini matou Kruravadana; Stambhini matou Sucikamukha; Andhini matou Kanthakakara e Mohini matou Mrgavaktra; Bhairava matou Kalakeya; Kalakarsinini matou Vyaghrasya; Svapnesi matou Mundamurdhana; Vatuka matou Bhandabhasana; Umluka, Karabhasya, Mahakuksi, Sivarava, Sonitaksa, Kalaketu, Kalagriva, Mahahanu, Grdhravaha e Kakamukha foram mortos por Dandanatha.

60-63a. As saktis Sukasyamala, Sarika, Laghusangita e Sahityasyamala mataram Nikumbha, Kumbhamastaka, Cakraksa e Dirghadamstra, respectivamente. Mantrini matou Ulbana, Katarikata, Karanjaksa, Munda, Canda, Vrkanana, Salasira, Dvisrnga, Sunaka, Surpakarna, Vakrakuksi, Vamamukha, Kalaka, Kotara e Vita, dominando-os.

63b-65a. Quando todos os líderes do exército foram destruídos, o feliz Bhandasura, sentado em sua carruagem, disse ao seu cocheiro: “ó cocheiro! Conduza minha carruagem rapidamente até o exército das saktis e testemunhe minha proeza assombrosa e aterrorizante.”

65b-67a. Ao ouvir Bhandasura, o cocheiro, após conduzir a carruagem, curvou-se diante dele e lhe perguntou sobre uma dúvida, dizendo: “ó Senhor dos demônios! Se me ordenares, gostaria de lhe fazer uma pergunta. Por favor, permita-me.”

67b-71. Por ordem de Bhandasura, o cocheiro disse: “ó Senhor dos demônios! Creio que este exército de Saktis é invencível. Visukra e os outros foram erradicados sem esforço por eles. Agora vejo você, que perdeu seus irmãos e filhos, feliz, sem o menor sinal de tristeza, como um recluso. Mesmo antes, quando você lutou com Bala, observei sua extrema devoção a Ela. Por favor, fale-me francamente sobre isso. Mesmo após uma derrota terrível que deveria trazer agonia, não vejo um pingo de tristeza ou medo em você.”

72-76a. Ao cocheiro que o servia há muito tempo e que repetidamente lhe perguntava, Bhandasura, com um sorriso, começou a responder: “ó Demônio! Escute. Esta auspiciosa Devi Lalita é a Realidade Transcendental suprema. Ao ser morto por Ela em guerra, alcançarei Sua Morada Suprema e eternamente Bem-Aventurada, livre de tristeza e medo. Um ser iludido considera suprema esta existência terrena, repleta de medo e agonia. Além disso, esta morada dos Demônios, caracterizada pela paixão, é extremamente terrível, e aquele que a considera boa é um animal inocente.”

76b-80a. “Eu sou Manikyasekhara, o mensageiro de Devi Mahalaksmi. Como resultado de meus atos passados, alcancei este estado terrível. Mesmo assim, pela graça da Devi, não perdi a memória do meu estado anterior. Esta Devi Transcendental, a Mãe de Brahma e de todos, é a governante de tudo. Mortos por Ela em guerra, meus irmãos e filhos foram purificados pelo fogo de Suas armas e alcançaram Sua Morada Absoluta. Que você e eu, juntamente com eles, alcancemos Sua Morada e conquistemos a imortalidade.”

80b-81. Ao ouvir as palavras de Bhandasura, o cocheiro ficou estupefato. Após louvar o senhor dos demônios, dissipou suas preocupações e, vendo Devi Lalita diante de si, curvou-se a Ela com devoção.

Fim do septuagésimo sexto capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 77

1-6. Então, ao encontrar Sampatkari, Asvarudha, Dandini e Mantrini, e demonstrando suas excelentes habilidades de guerra e agradando-as uma a uma, Bhandasura disse: “ó Deusas! Estou satisfeito com suas habilidades e proezas na guerra. Estou ansioso para lutar com sua Imperatriz imediatamente. Vocês podem assistir à minha luta com Ela. Meus ombros se envergonham de lutar com suas subordinadas. Depois de conquistá-la, lutarei com vocês.” Ouvindo seu pedido, as Deusas consentiram, pensando que ele era invencível para elas e que seria apropriado que ele fosse derrotado por Devi Lalita, e permitiram que ele lutasse com Ela.

7-12. Ao chegar à carruagem de Sricakraraja, Bhandasura iniciou sua guerra extraordinária. As Saktis apenas observavam a batalha. Da mesma forma, todo o céu se encheu de deuses, siddhas e rsis que chegaram em suas carruagens aéreas para testemunhar o combate. Bhandasura, ao se encontrar com Devi Lalita, ficou extremamente feliz e, em profunda devoção, prostrou-se diante da Devi, disparando cinco flechas que realizaram prodígios. As duas primeiras flechas caíram como um buquê de flores a Seus pés. A terceira transformou-se em uma guirlanda de lótus desabrochados ao redor de Seu pescoço. A quarta fez chover flores sobre Sua cabeça. A última pousou em Sua coroa como um diamante.

13-14. Ao presenciar tal adoração, Devi Lalita ficou muito satisfeita. Todos os deuses começaram a duvidar dela. Ao ouvir de Narada sobre a suprema devoção de Bhandasura por Devi Lalita, Indra ficou extremamente surpreso.

15-16. Então começou uma grande guerra entre Devi Lalita e Bhandasura, e todo o céu se cobriu de armas e projéteis maravilhosos. Bhandasura, um mestre no uso de projéteis, lutou com bravura para agradar a Grande Devi.

17-26. Inclinando-se mentalmente diante da Devi que estava à sua frente, Bhandasura começou a insultá-la com palavras secretamente repletas de elogios. “ó Devi Lalita! Escute. Você me parece uma atriz envolvida em enganos, como um homem vestindo roupas femininas, mas desprovido de características femininas. Eu a considero nem feminina nem masculina. Com sua conduta desprezível, você não tem vergonha nem medo. Você não nasceu em um clã respeitável, pois sua aparência é contrária. Creio que apenas pessoas indiscriminadas, envolvidas em caminhos tortuosos, entrariam em contato com você. Considero como resultado de minhas ações passadas que você, com uma natureza tão abominável, esteja diante de mim. Escute. Eu direi a verdade. Deixe as coisas como estão. De alguma forma, você está em minha presença. Portanto, descartando o engano e a magia, permaneça firme diante de mim. Não fuja. Você não pode me enganar e desaparecer. Portanto, levando em consideração meu desejo secretamente determinado e vendo minha proeza, cumpra seu juramento.”

27-29. Ao ouvir suas palavras com significados ocultos, Devi Lalita ficou feliz e disse: “ó Senhor dos demônios! Escute. O que você disse está em perfeita ordem. Eu atenderei aos seus desejos

e dissiparei sua arrogância. Aquele que cair sob meu olhar não renascerá. Se você tem algum interesse em lutar, então seja firme." Dito isso, ela lançou uma chuva de flechas sobre Bhandasura.

30-31a. Bhandasura também lançou uma chuva de flechas de resposta. Apreciando a habilidade científica um do outro no manuseio das armas, travaram uma guerra tumultuosa e horripilante.

31b-33. Após uma longa luta, o demônio criou mísseis de fogo, água, lua, Kubera, montanha, chuva, Indra, vento, Brahma e Kumara. Devi Lalitaparamesvari destruiu todos esses mísseis com contra-mísseis, assim como o Sol destrói a névoa.

34-39a. Da mesma forma, Devi Lalita destruiu instantaneamente todos os novos mísseis criados por ele. Então, Bhandasura criou Madhu, Kaitabha, Somaka, Hiranyaksa, Hiranyakasipu, Bali, Kartaviryarjuna, Ravana, Kumbhakarna, Mura, Graha, Kamsa e Dvivida, entre outros demônios inimigos de Visnu, empenhados na destruição do mundo. Esses demônios possuíam as mesmas características e bravura de Bhandasura e estavam ansiosos para perturbar a criação com sua ignorância. Então, Devi Lalita criou, com cada uma das unhas de suas mãos, as dez encarnações de Narayana, que destruíram os demônios muito rapidamente.

39b-41a. Então, Bhandasura criou Andhakasura, Mrtyu, Kama e Tripurasura, que eram inimigos de Mahadeva. Ao vê-los, Devi Lalita, com seu terceiro olho, criou o Deus dos deuses, Mahadeva, por meio de quem esses demônios foram destruídos.

41b-43a. Então Bhandasura criou um exército enorme e assustador, que antes havia sido morto pelas Saktis. Ele criou Visanga, Visukra, Caturbahu, Karanka, Kutilaksa e assim por diante, tal como Brahma cria após o dilúvio.

43b-45. Então, esses demônios enfurecidos lutaram contra as Saktis. Todos ficaram surpresos com a habilidade de Bhandasura. Os deuses e as Saktis temiam as consequências. Uma grande guerra eclodiu e, à medida que os demônios eram destruídos, Bhandasura os recriava repetidamente.

46-53. Ao presenciarem isso, os deuses e as Saktis ficaram muito assustados. Então Brahma e os outros oraram a Devi Lalita pedindo proteção. Mantrini aproximou-se de Devi Lalita, curvou-se diante dela e, com as mãos postas em prece, suplicou-lhe em voz doce: "ó Devi! O poder de Bhandasura é terrível. Veja os rostos exaustos das Saktis que lutam sem descanso há seis horas. Os demônios mortos pelas Saktis estão sendo recriados instantaneamente. Caturbahu e outros filhos de Bhandasura, que foram mortos sete vezes por Bala, estão lutando novamente. Visanga, que foi morto dez vezes, e Visukra, nove vezes, estão lutando novamente, ressuscitados por Bhandasura. Karanka, Kutilaksa e outros, que foram destruídos muitas vezes, estão nos enfrentando novamente. Não podemos mais lutar. Por favor, veja as Saktis, que estão com medo, cansadas e apáticas. Portanto, peço-lhe que proteja o mundo com a devida atenção."

54-56. Assim implorada por Mantrini, Devi Lalita, com um sorriso, disse: "ó Mantrini! Não tenha medo. Observe enquanto destruo o senhor dos demônios em segundos." Dito isso, Ela carregou Seu arco com uma flecha e invocou o temido míssil Pasupata, disparando-o contra o exército de demônios. O míssil logo reduziu a cinzas o vasto exército demoníaco.

57-59a. Novamente, Devi Lalita colocou outra flecha resplandecente em seu arco, com a qual todas as direções se encheram de chamas, a terra tremeu, o oceano se agitou, toda a criação se assustou e houve uma chuva de milhares de meteoros. Muitos tigres e outras criaturas rodearam Bhandasura no sentido anti-horário.

59b-64. Ao ver a perda de seu vasto exército, Bhandasura meditou firmemente aos pés de lótus de Devi Lalita e, enquanto se absorvia na meditação, a Devi lançou a flecha invocada com o poder de Kamesvara, uma flecha terrível. Ela emitia chamas que iluminavam o universo e pareciam um fogo consumidor que queimaria toda a criação. Cegando a todos, reduziu Bhandasura, sua carruagem, sua cidade de Sunyaka, todas as mulheres, idosos, crianças, belos edifícios, animais e tudo o mais a cinzas, como palha em um incêndio devastador.

65-68. Brahma, Visnu e outros deuses que não conseguiam encontrar vestígios de Bhandasura, de seu exército, de sua cidade destruída ou de seus filhos ficaram atônitos e bradaram cânticos de triunfo. As saktis tocaram suas bandas aos milhares. Os deuses tocaram instrumentos musicais. Os líderes gandharvas cantaram. Urvasi e outras donzelas celestiais dançaram alegremente. Os sábios recitaram hinos. Os siddhas repetiram os nomes da Devi Transcendental. Os sábios meditaram sobre Sua forma e outros se prostraram diante Dela.

69-72. Os deuses fizeram desabrochar flores perfumadas, as nuvens pareciam pacíficas e trovejavam em tom baixo, o vento carregava gotículas perfumadas com o aroma de sândalo e açafrão, proporcionando uma experiência agradável, o Sol brilhava intensamente, os oceanos estavam plácidos, os rios e lagoas eram límpidos como mentes puras. Com a destruição de Bhandasura, o universo resplandeceu como se tivesse ressuscitado após um dilúvio e ficou livre de ansiedade e animosidade.

73. Quando Bhandasura, que atormentava o mundo, foi morto dessa forma, os deuses, sábios, siddhas e todos os demais se aproximaram de Devi Lalita.

Fim do septuagésimo sétimo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 78

1. Aproximando-se da Devi Transcendental Lalita, os deuses extáticos a louvaram com muitos hinos.

2. Ó Mãe Lalita! Vitória para Ti! Que desejos não serão alcançados por aqueles que Te devotam, como resultado de servirem aos Teus pés de lótus? Tu concederás os desejos mais rapidamente do que as árvores divinas que possuem qualidades semelhantes às Tuas. Ó Mãe Lalita! Vitória para Ti! Que desejos não serão alcançados por aqueles que Te devotam, como resultado de servirem aos Teus pés de lótus? Tu concederás os desejos mais rapidamente do que as árvores divinas que possuem qualidades semelhantes às Tuas.

3. Como pássaros com as asas queimadas pela densa e terrível chama do poder de Bhandasura, nós, que nos afogamos no vasto oceano do medo, fomos rapidamente elevados ao céu por Ti.

4. Teus pés de lótus, que dissipam a miséria interior dos suplicantes, que controlam a densa e ilusória rede de pecados dos rendidos, que são a veia vital de toda a criação móvel e imóvel, que controlam o universo, são sempre prósperos.

5. Ó Mãe! Teu esporte ilumina o universo. De onde te cansarás de lutar contra os demônios? Que sempre habites em nossa mente, purificada por ações puras.

6. Seus pés graciosos como os de um cisne, que infundem sabedoria até mesmo aos ignorantes mais antigos, também atraem Brahma.

7. Após esses elogios, Brahma e outros prostraram-se diante dela e a louvaram repetidamente com muitos hinos.

8-14. Ó Agastya! Enquanto isso, miríades de Brahmas responsáveis pela criação chegaram lá junto com Bharata e outras Saktis. Com as palmas das mãos unidas sobre a cabeça, eles se curvaram e louvaram Devi Lalita, digna de louvor, e disseram com as mãos unidas: “ó Devi! Com a destruição de Bhandasura hoje, cento e cinco universos, que eram governados por ele, foram protegidos. Nesses universos, Indra e outros deuses estavam aprisionados e alguns deuses haviam fugido. Em todos os lugares, apenas demônios governavam. Apenas os Vedas e os sacrifícios propostos pelos demônios eram praticados. Ó Sakhari! A adoração aos deuses e os sacrifícios não eram vistos em lugar nenhum sob sua administração, e os brâmanes tinham que apaziguar os demônios. Agora que você matou o demônio na guerra, os demônios fugiram e os senhores das direções, Indra e outros, estão estabelecidos em seus domínios e tudo está em paz.”

15-17a. Enquanto os deuses falavam isso, Visvakarma chegou e, após se curvar diante da Devi, Brahma e os outros disseram com as palmas das mãos em prece: “ó Criador! Conforme

ordenado por Ti, construí no pico do Meru o Sripura para a Devi. Por favor, veja-o junto com a Devi e os deuses."

17b-20a. Assim, a pedido de Visvakarma, Brahma relatou o ocorrido à Deusa Lalita, que, solicitada por todos os deuses, chegou ao local acompanhada das Saktis e dos próprios deuses. Ao verem a cidade construída por Visvakarma, que era como um reflexo da grande Sripura, todos os deuses e as Saktis ficaram maravilhados.

20b-22a. Os deuses se curvaram diante de Devi Lalita e pediram que Ela habitasse Sripura. Após obterem Seu consentimento, Brhaspati e outros providenciaram os itens auspiciosos necessários para a coroação.

22b-28. Após os preparativos, Brahma, no auspicioso momento zodiacal, auxiliado por sábios, realizou a aspersão sagrada sobre a Devi, de acordo com os melhores procedimentos védicos. O grupo de deuses, Maruts, Vasus, Fogos, Gandharvas, mensageiros divinos, Senhores das direções, Yaksas, Guhyakas, Demônios, Siddhas, Santos, Rsis, Manes, Raksasas e Brahma, Visnu, Rudra, Isana e Sadasiva, de miríades de universos, além de Srikantha e Adisesa, estavam todos presentes na coroação e serviram a Devi Lalita de diversas maneiras. Miríades de Brahmanis, Laksmis e Gauris, com devoção, adoraram a Devi Lalita por meio de serviços individuais.

29-32a. Após a auspiciosa aspersão e os cânticos, enquanto os instrumentos musicais produziam música fascinante, enquanto os Gandharvas cantavam melodias com modulações agradáveis, enquanto as cortesãs celestiais dançavam, enquanto os santos pronunciavam os nomes sagrados, enquanto os Rsis entoavam hinos em voz alta e enquanto muitos espectadores chegavam com esforço, Brahma ajudou Devi Lalita a subir ao grande trono sagrado.

32b-36. Então Brahma, auxiliado por Vasistha e outros, aspergiu-a com águas consagradas de vários rios e mares, contidas em potes com nove tipos especiais de diamantes. Após a coroação, os deuses adoraram a Devi, resplandecente com muitas joias e vestes especiais, com materiais dignos, no trono de Sricakra, sustentado pelas cinco divindades causais. Brahma, Visnu, Mahesa e outros oraram a ela individualmente com hinos raros e prostraram-se diante dela.

37-41a. Após ser coroada no trono de Sripura, no pico do Monte Meru, Devi Lalita, assim como na Grande Sripura, designou lugares adequados para Mantrini e outras. Ó Agastya! Assim, a Devi reside nos altos picos de Sripura, dando instruções a Brahma e outros. A Sripura, construída pela habilidade de Visvakarma com materiais preciosos, é maravilhosa. A pedido de Brahma e outros, Devi Lalita, por compaixão, aceitou o guarda-chuva e as sandálias que lhe ofereceram. Dessa forma, Devi Lalita permanece aqui, assumindo uma forma jovial, embora Ela seja nada mais que Consciência concentrada e Bem-aventurança.

41b-46. Ao ouvir de Hayagriva a lenda mais purificadora, o exultante Agastya ficou em dúvida e

questionou: “ó Compassivo Hayagriva! Estou surpreso que a cidade da Devi esteja no topo do Meru, como você descreveu. Não há lugar no universo que eu desconheça. Muito menos no Meru. O Meru é como a parede onde o quadro do mundo está pintado. Existem sete mundos acima e sete mundos abaixo, e no topo do Meru estão as moradas de Brahma, Visnu e Siva, e não há sequer um centímetro quadrado que eu desconheça. Então, como você descreveu a existência de Sripura lá? Por favor, esclareça minha dúvida.”

47-50. Assim, indagado por Agastya, o satisfeito Hayagriva disse: “ó Agastya! Escuta o profundo segredo que vou narrar. Sripura não será visível a todos. Somente aqueles que propiciarem Devi Tripurasundari da maneira prescrita verão aquele lugar, e ninguém mais. Ao ouvir Sua glória, você desenvolveu devoção por Ela, pela qual nada será inatingível. Tendo possuído o oceano (o tesouro de diamantes), não haverá desejo por um diamante.”

51-52a. 'Sua devota esposa Lopamudra é a mais alta devota da Transcendental Tripura. Seja iniciado por ela e adore estritamente a Devi Tripura, e assim você poderá ver a Sua cidade e nunca de outra forma.'

52b-57. “Ó Agastya! Esta é a glória de Devi Lalita que te narrei. Ouvindo esta glória, a pessoa será absolvida de todos os pecados. No período de Kali, para aqueles cuja mente está poluída e perversa, não há alternativa senão ouvir as glórias de Devi Tripurasundari. As pessoas desiludidas, ao praticarem os caminhos védicos, desenvolverão devoção a Visnu, Siva e outras Saktis e, por fim, como resultado da maturidade, voltarão a adorar Devi Tripura para sempre. Elas perceberão que Ela, que é a Consciência e a Bem-Aventurança únicas que governam todo o universo, é o seu próprio eu e experimentarão a Soberania Transcendental e alcançarão a imortalidade.”

58-60a. “Assim, para compreender a própria natureza, o primeiro passo é ouvir as supremas glórias da Grande Devi. Portanto, aqueles que desejam prosperidade devem começar a ouvir esta lenda que destrói os pecados, concede todas as necessidades, gera devoção e dissipa rapidamente o medo.”

60b-61. Dito isso e devidamente venerado por Agastya, o Senhor Hayagriva, pedindo permissão, partiu na direção desejada. “Ó Parasurama! Assim te narrei a auspiciosa lenda sobre Devi Lalita.”

Fim do septuagésimo oitavo capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 79

1-3. Ao ouvir a suprema glória de Devi Lalitambika, Parasurama, imerso em êxtase e afogado no oceano da devoção, tomado pela arrepio e banhado em lágrimas contínuas de alegria, ficou inconsciente por um instante, como se estivesse embriagado, e novamente, com as mãos juntas em prece, falou com voz trêmula.

4-8. Ó Senhor! Hoje fui completamente purificado por Ti, banhado pela torrente de água sagrada na forma da lenda de Sri Parasakti. Verdadeiramente, fui salvo do oceano da mundanidade por Tua compaixão. Ó Guru! Ó Sol, para a escuridão da miséria! Ó Salvador! Prostrações a Ti. Saúdo aquele sábio sereno e destemido, Samvarta, que me mostrou o caminho certo enquanto eu vagava às cegas. Até agora, desperdicei minha vida sem compreender o verdadeiro propósito, como um sapo em um poço seco. Ao buscar abrigo sob Teus pés, sou afortunado e verdadeiramente realizado, ansiando pela riqueza da imortalidade.

9-13a. "Ó Senhor! Fiquei com uma grande dúvida que peço que esclareça. Estou ciente de suas bênçãos compassivas sobre mim. Misericordioso como és, nada deve ser revelado a mim, teu discípulo. Como é possível que o erudito sábio Agastya não tenha propiciado Sri Parasakti, a Devi universal, e por isso a bela cidade da Devi não lhe fosse visível? Como é possível que ela não seja visível nem mesmo para aqueles que praticam os Vedas? E como o sábio Agastya conseguiu vê-la posteriormente? Por favor, explique-me isso."

13b-16. Assim solicitado, Guru Dattatreya dirigiu-se a Parasurama desta forma: "ó Parasurama! Escuta. Vou te revelar um grande segredo, no qual a mera erudição não será de utilidade. Os seres individuais carregam consigo centenas de impressões adquiridas por suas ações em vidas passadas. Ao receber instruções de pessoas virtuosas, essas impressões virão à tona e permanecerão enquanto essa associação durar, e não há outro meio para isso."

17-21. "Agastya só foi iniciado por sua esposa depois de encontrar Hayagriva, ouvir as glórias de Sri Tripurasundari e desenvolver devoção a Ela. Até que alguém seja iniciado, mesmo que seja um adorador de Sri Tripura, não será competente para subir os degraus do manto da libertação. Ó Parasurama! Assim como um brâmane, sem iniciação no Mantra Gayatri, não terá o direito de realizar nenhum ritual védico, também aqui, sem iniciação, não se pode progredir. Sem ser iniciado por um Guru e sem conhecer os procedimentos do Guru, mesmo que uma pessoa realize a adoração corretamente por meio do autoaprendizado, perecerá, assim como um remédio mal preparado mata quem o consome."

22-25a. "A pessoa que domina o mantra de uma divindade e sua aplicação sem a ajuda de um Guru estará ofendendo essa divindade e não terá salvação nem aqui nem na outra vida. Tal pessoa ignorante não tem chance de se livrar de tal ofensa. Os reis, ao não ignorarem a

desobediência de uma pessoa, a punem de diversas maneiras."

25b-30a. "Aqueles que defendem apenas os Vedas não têm legitimidade para o culto à Deusa Tripura, baseando-se unicamente nos rituais védicos, pois não há possibilidade de libertação nesses rituais. Se a libertação é alcançável de maneira especial para aqueles que erroneamente a presumem e têm pouco conhecimento sobre o Eu, por que tal libertação não poderia ser alcançada também pelas árvores? Os mestres védicos presumem que o resultado obtido pela inalação de vapores é permanente. Mas onde se vê que, adotando-se um meio inconstante, um resultado estável foi obtido? Sem o conceito de resultados eternos, buscam satisfação em resultados limitados e repletos de sofrimento."

30b-32. "Os Vedas, caracterizados por tendências mundanas, foram promulgados por Brahma para a perpetuação do mundo e para a satisfação dos deuses, assim como o veneno para quem deseja morrer. Como a parte espiritual dos Vedas foi ocultada pelo próprio Brahma, as pessoas iludidas não podiam conhecê-la."

33-34. "Vedavyasa, a encarnação de Narayana, por compaixão pelos seres humanos, apresentou as implicações dos Vedas de uma maneira diferente, para que possam ser compreendidas facilmente apenas por pessoas que renunciaram aos desejos mundanos.

35-37. "Até mesmo os sanyasins (renunciantes) devem propiciar cicchakti (Consciência Absoluta). Se alguém interromper a adoração de Srividya, seja por ignorância ou por insensibilidade, entrará no mundo irretornável da ignorância obscura. Um sanyasin deve sacrificar todos os apegos. Ó Parasurama! Mas a prática desta Srividya, que é caracterizada pela libertação, não deve ser descartada por ele como faz com os Vedas."

38-41. "A interrupção da prática de Srividya equivale a uma ofensa grave e temida, mesmo para um renunciante. Ele irá para infernos como Tamisra, Andhatamisra, Kumbhipaka e Avicika. Além disso, os infratores, por ordem de Dandanatha, serão punidos pelas terríveis saktis como Sankarsini, Karsini e Kalasankarsini, em um dos infernos mencionados anteriormente. A pessoa devotada a Srividya alcançará a libertação."

42-44. "A salvação alcançada por um praticante do método tântrico não pode ser obtida por aquele que pratica os métodos védicos, porque a ação védica é sempre extrovertida e depende do esforço próprio, sem um lugar apropriado para Isvara e propícia à experiência de prazeres sensoriais. No método tântrico, a ação direcionada à divindade, Isvara, é repleta de iluminação, crença e devoção, que conferem realização e libertação."

45-48. "Ao se dedicar à prática prescrita de Srividya, a pessoa se torna pura e, na mesma vida, iguala-se a Siva. Mesmo os ignorantes, ao praticarem Srividya com esforço próprio, alcançarão a libertação. Sem a devida iniciação, não se tem o direito de trilhar o caminho da iluminação. A pessoa iniciada alcançará a morada transcendental após a morte. Mesmo os não iluminados adquirem conhecimento espiritual através de Siva e se tornam Siva eles mesmos. Ó Parasurama! Portanto, praticando os métodos védicos sem seiva, não se pode alcançar a

libertação.”

49-50a. “Como pode haver o desejo de libertação sem adorar Devi Tripurasundari? Ó Parasurama! Sem a Sua graça, não se terá nem os meios nem o desejo.”

50b-52. É certo que os resultados obtidos pela adoração de Siva, Visnu e outros deuses são causados pela graça da Devi. A adoração de Parasakti é equivalente à adoração de todos os outros deuses. Sem adorar Sakti, não se pode desfrutar das bênçãos dos outros deuses. Portanto, Sakti deve ser sempre adorada por todos.

53. “As pessoas inteligentes primeiro consideram a capacidade de um deus em conceder seus desejos e, em seguida, adoram esse deus e satisfazem seus desejos.”

54-57. “Ó Parasurama! No mundo, um fraco jamais é adorado. Sem o apoio de Sakti, que é a sua consciência, Siva não existe. Se assim fosse, sem Sakti, que é a sua consciência, Siva não existiria, assim como o Sol não teria lugar sem o seu brilho. Como poderia Siva existir sem Sakti, a sua consciência? Desprovido do poder da consciência, nem mesmo um fio de grama poderia existir. A verdade é que a consciência é tudo e sem ela não há nada. Ó Parasurama! Saiba que tudo o que existe é consciência.”

58-59. “Esta é a ciência da filosofia Sakti, que propõe que nada existe além do próprio ser. Com tal estado de espírito, até mesmo uma folha de grama é a personificação de Devi Tripura. Os eruditos do mundo a chamam por muitos nomes. Portanto, abandone toda dúvida a respeito disso e considere Sakti onipresente.”

60-62a. “Os eruditos usam terminologia diferente para definir Sakti, que nada mais é do que Consciência ininterrupta. Até que alguém adquira esse conhecimento especial, não poderá se tornar Seu devoto. Os Vedas, repletos de distinções, ocultam o que não possui atributos. Portanto, Agastya, um especialista em Vedas, não pôde ver Sua cidade.”

62b-63a. “A essência e a substância dos Vedas são Devi Tripura. Portanto, diz-se que os Vedas são o meio para alcançar Devi Tripura.”

63b-64. “O sábio Vyasa elaborou o significado dos Vedas através dos Puranas. Os Vedas são compostos pelos Agamas, que são um conjunto de palavras que representam a personificação da Deusa Tripura, e, portanto, todo o conhecimento é proposto com base nessas palavras.”

65-69. “Os Vedas destinam-se às três classes de pessoas. Para a emancipação de todos, o compassivo Paramesvara revelou os Agamas, assim como os Vedas. A deliberação de Paramesvara é um Agama. Gradualmente, esses Agamas proferidos por Brahma permearam o universo como um oceano. Com o passar do tempo, tendo em vista a condição de ignorantes e desamparados, os Rsis agitaram o oceano dos Agamas com sua abundante inteligência e revelaram os Tantras, a essência nectarífera dos Agamas, que são classificados de acordo com diferentes culturas.”

70-73. “Somente os brâmanes refinados por rituais são elegíveis para o culto tântrico. Os sudras são diretamente elegíveis para praticar o Tantra. Veda é Tantra e Tantra é Veda. Não há a menor diferença entre eles. Assim, o Veda contém Tantra e, onde os mantras e yantras são explícitos, essas porções são as mais proeminentes no Veda.”

74-76. “Ó Parasurama! O Tantra, que contém alusões codificadas, é superior a tudo o mais. Mesmo nos Tantras, existem divisões como a porção védica, a porção mantra e a porção brâmane. Portanto, os métodos do Tantra são os melhores. Os Puranas contêm porções do Tantra. Da mesma forma, o Tantra que contém características como a criação e assim por diante, deve ser considerado a porção proeminente dos Puranas.”

77-81. “Portanto, compreenda que os Vedas e os Tantras se originaram do oceano dos Agamas, que são os reflexos naturais de Devi Sri Tripurasundari. O processo universal é controlado por Ela. Embora Agastya fosse um ritualista védico, ele não viu a cidade da Devi no rio Meru por falta de iniciação. Mais tarde, ao ouvir as excelentes glórias da Grande Devi, ele se tornou Seu devoto e foi metodicamente iniciado por sua esposa em Seu culto e, após venerá-la, garantiu um lugar junto com Lopamudra no círculo dos Gurus e alcançou a Bem-aventurança. Assim, Agastya viu e alcançou a morada sagrada de Devi Tripurasundari.”

Fim do septuagésimo nono capítulo do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

Capítulo 80

1-4. Após ouvir a narrativa de Dattatreya, Parasurama, com a mente pura, prosternou-se e, com as palmas das mãos unidas, disse novamente: “ó Senhor! Tua narrativa foi como néctar e dissipou todas as minhas dúvidas. Mas gostaria de perguntar-te algo mais. Após ser iniciado e realizar diariamente a adoração de Devi Tripurasundari, por meio de qual ação especial um rei ou um homem pobre alcançaria um grande resultado muito rapidamente? Ó Guru! Por favor, esclarece-me sobre isso, com compaixão, a mim que sou teu servo.”

5-7. Assim indagado por Parasurama, o Guru Dattatreya, satisfeito com sua devoção, disse: “ó Parasurama! Escuta o grande segredo que agrada a Devi Tripura. Assim como Siva se compraz com o banho ritual, o Sol com as prostrações, Ganesa com as muitas oferendas de alimentos e

Visnu com os adornos, a Grande Devi Parasakti se compraz com uma adoração metódica e especial. Escuta! Vou te ensinar o melhor método para adorá-La."

8-13a. Um Sricakra ou uma bela imagem da Devi deve ser instalado em uma plataforma elevada e ricamente ornamentada (um santuário), de acordo com as possibilidades do devoto, e adorado conforme as prescrições, seja pelo próprio devoto ou por meio de um sacerdote. O culto deve ser realizado diariamente — cinco, quatro, três, duas ou uma vez —, nos períodos da madrugada, manhã, tarde, noite e meia-noite, respectivamente. Nos dias de lua cheia e lua nova, o culto deve ser realizado duas, três ou cinco vezes ao dia. Em dias de festival, a imagem deve ser conduzida em procissão ao redor do templo e pelas ruas, em uma carruagem ou liteira, acompanhada de música e dança. Aquele que adora dessa forma desfrutará de todos os confortos na fortaleza de safira do Sricakra.

13b-15a. Aquele que não puder fazer isso pode instalar um Sricakra em um templo construído por outros. Não há nada que agrade mais à Devi Tripura do que a instalação de um Sricakra. Quem realiza esse ato não sofrerá mais renascimentos e, gradualmente, fundir-se-á com a Devi. A simples instalação de um Sricakra proporciona benefícios inumeráveis.

15b-17. Ao residir nas proximidades de um Sricakra consagrado e considerá-lo o lugar supremo, o devoto assegurará um lugar na fortaleza dourada do Sricakra. Caso não possa fazê-lo, deve, conforme a sua capacidade, adorar com devoção um Sricakra consagrado ou uma imagem de Devi.

18-22. "Ó Parasurama! A adoração do Sricakra devidamente consagrado e instalado traz benefícios cem mil vezes maiores do que a daquele que não foi instalado. O devoto deve colocar a imagem da Devi no Sricakra e adorá-la conforme prescrito. Para obter benefícios abundantes, deve-se adorar todas as divindades situadas no Sricakra. Assim como os raios do Sol — que dele emanam — beneficiam o mundo inteiro ao dissipar o frio, a escuridão e as doenças de todas as criaturas, as divindades que acompanham a Devi Tripurasundari no Sricakra — sendo elas diversos aspectos d'Ela — estão incumbidas de proteger o mundo e, portanto, devem ser adoradas conforme ordenado."

23-29. Assim como o Sol no céu é a massa concentrada de seus raios, Devi Tripurasundari personifica todas as saktis que a acompanham. Ela está entronizada no ponto central (Bindu) do Sricakra. Aquele que não puder adorá-La de forma detalhada, utilizando materiais rituais específicos, pode adorar as divindades associadas a Ela com itens facilmente acessíveis, dentro de suas possibilidades. De uma forma ou de outra, a Devi deve ser adorada em um Sricakra devidamente consagrado. Aquele que, estando diante de um Sricakra consagrado, deixa de adorá-lo, deve ser considerado alguém que causa a própria ruína e um ser desprezível. Quem tiver limitações pode realizar a adoração utilizando um, dois ou todos os itens, tais como pasta de sândalo, flores, arroz batido, água, dinheiro, folhas de bétel, lamparinas, prostrações e a circunvolução. O homem ou a mulher que adorar o Sricakra, ainda que apenas uma vez, recitando Seus mil nomes, sem dúvida se libertará de todos os pecados, conforme declarado

pelo Senhor Siva.

30-35a. “Ó Parasurama! Ouça. Agora lhe revelarei o método de adoração por meio de cem mil nomes. Deve-se iniciar o ritual em dias auspiciosos ou em uma sexta-feira. Após firmar a intenção, deve-se propiciar Ganesa e fazer com que brâmanes recitem mantras de bênção. Em seguida, deve-se adorar a Devi, juntamente com sua comitiva, conforme o procedimento estabelecido. A adoração deve incluir cinco oferendas (como pasta de sândalo, flores, incenso, lamparina e leite). No momento de oferecer as flores, deve-se recitar os mil nomes da Devi, concluindo com o incenso e os demais itens. Esse ritual deve ser repetido diariamente até que se completem cem mil oferendas. Deve-se utilizar o mesmo tipo de flor todos os dias. Os mil nomes devem ser recitados em quantidades pares — duas, quatro vezes, e assim por diante — em uma única sessão. O devoto pode realizar a adoração pessoalmente, acompanhado de seus filhos e netos, ou fazer com que ela seja conduzida por um brâmane ou sacerdote.”

35-42a. Por fim, um pote de ouro, atado com um fio sagrado e um tecido, deve ser colocado sobre o arroz disposto em um Diagrama Sarvatobhadra de nove triângulos. Enquanto se oferece incenso e se entoa o mantra da Devi, o pote deve ser preenchido com gemas, água e cinco tipos de brotos, e um coco deve ser colocado em sua abertura. Diante do pote, deve-se posicionar uma bela imagem da Devi, invocando-a e adorando-a. Inicialmente, devem ser adoradas as divindades da Mandala Sarvatobhadra. Em seguida, devem ser adorados os senhores das dez direções e as quatro shaktis. Dharma e outras divindades devem ser adorados no centro, em espaços de cor branca. Adharma e outras divindades devem ser adorados nos espaços vermelhos, situados na zona intermediária. O culto deve ser realizado no sentido horário. Os pares de divindades, como Asitanga e outros, devem ser adorados nos círculos (ou faixas) de três cores.

42b-45a. Após a adoração do vaso, deve-se adorar Devi Tripura, precedida pela adoração de Seu assento. Devem ser oferecidas flores de ouro e prata em quantidades iguais, com o peso equivalente a dezesseis sementes de jambolão cada — ou metade, um quarto ou um nono desse peso. As deusas Vasini e as demais devem ser adoradas primeiro.

45b-46. Então, à meia-noite, a Deusa Tripura deve ser adorada a oeste do pote, no Sarvatobhadra Mandala. A adoração pode ser realizada pessoalmente ou por meio de um sacerdote que conheça o procedimento.

47-48. Em seguida, conforme prescrito, deve-se prestar adoração a uma jovem, a uma Brahmachari, a uma Guru, a uma mulher casada e a brâmanes. Após concluir o puja — sem perturbar o recipiente sagrado —, deve-se permanecer acordado durante a noite, dedicando-se a ouvir as glórias d'Ela, bem como a canções e danças.

49-52. Na manhã seguinte, após as abluções, ele deve adorar novamente o Sricakra para realizar os rituais de oferenda. Após acender o fogo no altar conforme estipulado, devem ser feitas mil oferendas utilizando o mesmo tipo de flores empregado na adoração anterior. Concluído o culto, o recipiente, juntamente com a vestimenta, a imagem e uma quantia em

dinheiro, deve ser oferecido como dádiva a uma mulher casada. Em seguida, dezesseis brâmanes, oito Suvasinis, Vatukas e meninas jovens devem ser alimentados de forma farta e generosa, sem qualquer avareza por parte do ofertante.

53-54. “Ao adorar dessa maneira, a pessoa será absolvida de todos os pecados. A Devi Tripura, satisfeita, concederá tudo o que for desejado. Após desfrutar de todos os confortos na companhia de seus filhos, o devoto libertará seus ancestrais e, finalmente, alcançará a libertação.”

55-57. A adoração com flores de lótus concede um reino; com flores de Karavira (espirradeira), concede riqueza; com hibiscos, concede descendência; com jasmins, concede uma casa, e assim por diante; com flores de Girikarnika (Achyranthes), concede filhos; com flores de Bakula, concede companheirismo; com flores vermelhas de Kimsuka, concede saúde; e com Kutaja, concede a destruição dos inimigos. Da mesma forma, a adoração com variedades de flores e folhas perfumadas proporcionará imensos benefícios.

58-63. Pode-se adorar a Deusa Tripurasundari utilizando frutas e grãos ou uma lâmpada com cem mil pavios. Aquele que estiver apto pode acender dez, cem ou mil lâmpadas — cada uma com um pavio embebido em ghee — ao recitar um dos nomes da Deusa. Os mil nomes da Deusa podem ser recitados uma vez, ou os Seus cem nomes, dez vezes. Da mesma forma, quinhentos nomes podem ser repetidos durante a oferta da lâmpada. Devem-se oferecer dezoito pavios de ouro e prata a uma Suvasini, juntamente com uma lâmpada de cobre acesa com um pavio embebido em ghee. Em seguida, devem ser feitas oferendas de um doce à base de leite e cereais (payasam ou kheer).

64-67. “Ó Parasurama! Deve-se realizar o banho ritual do Sricakra recitando o Srisukta cem mil, mil ou cem vezes — seja pessoalmente ou por intermédio de um brâmane ou sacerdote —, utilizando leite, caldo de cana, ghee, mel, suco de frutas, iogurte ou água perfumada proveniente de tanques sagrados. Ao final, devem-se oferecer oblações de doce de leite (payasam) — em quantidade equivalente a um décimo do número de recitações — para cada mantra do Srisukta. O banho ritual acompanhado pela recitação dos mantras Srirudra também proporcionará muitos e grandes benefícios.”

68-70. “Ó Bhargava! Assim, expliquei-te o método pelo qual os ricos podem alcançar a bem-aventurada. Os pobres podem fazê-lo por meio de serviço físico. Se possível, podem visitar santuários sagrados e acumular mérito. Caso contrário, podem prestar serviço desinteressado nos templos. Este é o único método para os ignorantes.”

71-72. A pessoa sábia se beneficiará ao repetir os nomes Dela, ler e discorrer sobre as Suas glórias, ler literatura relacionada e ensinar esses ensinamentos. Aquele que ensina os métodos para agradá-La àqueles que são merecedores garantirá, após a morte, um lugar permanente na fortaleza de coral de Sricakra.

73. Aquele que pinta com devoção as imagens de Devi em mansões viverá para sempre no

recinto Vasanta do Sricakra, desfrutando de bem-aventurança interior.

74-75a. Aquele que limpa o templo d'Ela com água fria e banha o Seu ídolo com água fria perfumada residirá, livre de aflições, na morada lunar do Sricakra.

75b-77a. Aquele que ilumina o templo Dela com lamparinas durante a noite habitará a morada do Sol no Sricakra, desfrutando dos confortos desejados. Assim, aqueles que servem em Seu templo assegurarão, após a morte, lugares no Sricakra de acordo com o tipo de serviço que prestaram.

77b-80. Ao oferecer presentes aos devotos, assegura-se um lugar em Sricakra. Aquele que presenteia uma pessoa merecedora com um livro sobre a Devi viverá feliz entre os Siddhas em Sricakra. Aquele que oferece artigos de adoração a um devoto habitará entre os senhores das direções em Sricakra. Assim, quaisquer que sejam os presentes oferecidos aos devotos da Devi, os doadores certamente alcançarão um lugar correspondente em Sricakra.

81-88. “Ó Parasurama! Agora lhe falarei sobre a mais excelente das dádivas. Oferecer um Sricakra como presente traz benefícios imensos. Em um dia de lua cheia, após adorar o Sricakra com oferendas especiais, deve-se prestar homenagem a um brâmane austero e devoto de Devi Tripurasundari, juntamente com sua esposa, oferecendo-lhes vestes, joias, pasta de sândalo, flores, assentos e outros itens, além de lavar-lhes as mãos com a água ritual Arghya. Em seguida, deve-se encerrar a invocação da Devi e oferecer uma refeição a um número de brâmanes equivalente à quantidade de deusas presentes nos recintos do Sricakra. Deve-se alimentar dezesseis Suvasinis (mulheres casadas), invocando uma Nitya em cada uma delas. Conforme as possibilidades de cada um, deve-se alimentar brâmanes, ou dezesseis Suvasinis, ou dezesseis ou doze brâmanes. Se o Sricakra for oferecido dessa maneira, a Devi, satisfeita, concederá a libertação através da união com Ela.”

89-92a. “Aquele que presenteia um Sricakra obtém os méritos de ter se banhado em todas as águas sagradas, realizado todas as formas de adoração, oferecido todas as dádivas, cumprido todos os sacrifícios, praticado a mais elevada penitência e estudado todos os Vedas. A própria Devi Tripura, considerando tal ato incomparável, concede-lhe a libertação pela fusão n’Ela. Ó Parasurama! Visto que o Sricakra é a própria manifestação do universo, como poderia a sua doação não abarcar todas as dádivas?”

92b-93a. Se um desejo for confiado ao Sricakra, ele será rapidamente realizado e, gradualmente, a pessoa alcançará a libertação.

93b-94. Da mesma forma, quando um Sricakra consagrado é oferecido a um brâmane, juntamente com uma guirlanda e grandes dádivas, o mérito assim adquirido é tal que nem mesmo Adisesa poderia descrevê-lo.

95-96a. Aquele que, com devoção, oferecer uma imagem da Devi, um Linga encontrado no rio Narmada, um Saligrama ou um brinco, residirá em Sripura por um longo período e alcançará a

libertação.

96b-98a. Aquele que restaura um antigo templo de Sricakra danificado acumulará um mérito cem vezes maior do que o obtido ao construir um novo templo. Aquele que restabelece o culto a Sricakra, interrompido por um longo período, acumulará um mérito cem vezes maior do que o obtido ao doar terras.

98b-100. “Ó Parasurama! Ouça. Vou revelar-lhe um segredo supremo. Aquele que ensina o culto de Srividya a quem é merecedor, conferindo a iniciação adequada sem aspirar a dinheiro ou fama, acumulará um mérito indescritível. Ele habitará no Sricakra junto aos Gurus pelo tempo que desejar e, por fim, alcançará a libertação.”

101-102. Aquele que, por egoísmo, ilusão, inadvertência ou desânimo/aversão, obstrui a pessoa que deseja aprender a tradição Srividya, e aquele que, por avareza, a ensina a alguém que não a merece — ambos não terão lugar em Sripura e ambos sofrerão degradação.

103. Mesmo aquele que não ensina a tradição a um devoto, por cobiça do conhecimento ou insensatez, irá para o inferno.

104-107. “Ó Parasurama! Portanto, não se deve impedir uma pessoa que deseje ensinar a tradição ao seu discípulo ou a qualquer outro estudante dedicado. Não há benefício igual ao de ensinar Srividya. Outras formas de doação geram apego; apenas o ensino de Srividya equivale a instruir sobre o Eu ou a Consciência. Não há limite para os benefícios de tal ato; logo, ele é infinito. Aquele que não é erudito pode doar livros sobre Srividya e obter o mesmo mérito.”

108-109. “Ó Parasurama! Por amor a ti, narrei o grande segredo da adoração à Devi Tripurasundari e os grandes benefícios que dela decorrem. Narrei, neste Tripurarahasya, as grandiosas glórias da Devi Tripurasundari, as quais despertarão devoção naquele que o ouvir.”

110-113. “Ó Divino Sábio Narada! Você ouviu com atenção o Mahatmyakhanda do Sri Tripurarahasya. Aquele que o ouvir ficará livre de todos os pecados. Este é o meio supremo para alcançar a libertação, pois estabelece que a devoção conduz à libertação, e tal devoção não desperta sem que se ouçam as glórias d’Ela. Portanto, este é o primeiro passo para alcançar o topo da mansão transcendental. Ouvir as glórias d’Ela é considerado a porta de entrada para a libertação.”

114-117. “Sem ouvir sobre as Suas glórias, como se pode desenvolver devoção? E, sem devoção, não haverá prosperidade. A devoção à Devi Suprema é o meio indispensável; sem ela, todas as outras qualidades são inúteis — tal como a beleza de uma jovem sem o nariz. Sem solo, uma semente não pode germinar nem crescer. Da mesma forma, sem devoção, não pode haver sabedoria nem benefício. Para quem não é devoto, não existem ritual, adoração ou iluminação; por isso, aquele que não é devoto não conhecerá o verdadeiro júbilo.”

118-123. “Ó Narada! Visto que ouvir sobre a Sua glória é a origem da devoção, deve-se ouvir esta parte do Tripurarahasya conhecida como Mahatmyakhanda. Ela eliminará os grandes

pecados daqueles que a leem e a ouvem. Aqueles que desejam as bênçãos de Devi Tripura devem ler um capítulo, ou pelo menos uma estrofe, todos os dias. Isso aumentará a longevidade e promoverá a auspiciosidade. Os pobres enriquecerão e a mulher estéril dará à luz um filho. Qualquer desejo será realizado ao ouvir esta narrativa. Se for escrita e objeto de adoração, ela concede erudição e a satisfação de todas as necessidades. Se for objeto de contemplação, concede sabedoria, devoção e desapego. Este Tripurarahasya é a ambrosia obtida através da agitação do oceano dos Agamas (Vedas); ao beber esse néctar, Siva e outros tornaram-se imortais, e esse néctar é a Mãe Tripurasundari, a personificação da sílaba-semente Hrim!"

Fim do octogésimo capítulo do Mahatmyakhandam do Sri Tripurarahasyam.

Fim do Mahatmyakhandam de Sri Tripurarahasyam.

"Ó Devi auspiciosa! Ó Tripurasundari! Graças a uma ínfima parcela de Tua compaixão, o sagrado e belíssimo Tripurarahasya é aqui apresentado na língua inglesa. Perdoa a minha ousadia ao aceitares esta obra depositada a Teus pés e protege-me — a mim, Teu filho Laksmana."